STEPHEN
KING
OUTSIDER

STEPHEN
KING

OUTSIDER

TRADUÇÃO
Regiane Winarski

Para Rand e Judy Holston

Sumário

O pensamento só dá ao mundo uma aparência de ordem a alguém que seja fraco o bastante para se deixar convencer pelo que ele mostra.
Colin Wilson, “O país dos cegos”

A PRISÃO
14 DE JULHO

1

Era um carro sem nada de destaque, apenas um sedã americano qualquer com alguns anos de idade, mas o tipo dos pneus e os três passageiros deixavam claro o que o veículo era de verdade. Os dois na frente usavam uniformes azuis. O que estava no banco de trás vestia terno e era do tamanho de um armário. Dois garotos negros na calçada, um com um pé em um skate laranja velho, o outro com um verde-limão embaixo do braço, viram o carro entrar no estacionamento do Parque Recreativo Estelle Barga e se entreolharam.

Um disse:

— Tiras.

O outro respondeu, irônico:

— Não diga.

Eles se afastaram sem falar mais nada, dando impulso nos skates. A regra era simples: quando a polícia aparece, é hora de ir. A vida dos negros importa, seus pais tinham lhes ensinado, mas nem sempre para os policiais. No campo de beisebol, as pessoas começaram a gritar e a bater palmas ritmadas quando o Flint City Golden Dragons foi rebater na baixa da nona entrada, um ponto atrás do adversário.

Os garotos não olharam para trás.

2

Depoimento do sr. Jonathan Ritz (*10 de julho, 21h30, interrogado pelo detetive Ralph Anderson*)

Detetive Anderson: Sei que está abalado, sr. Ritz, é compreensível, mas preciso saber exatamente o que você viu esta noite.

Ritz: Nunca vou conseguir tirar da cabeça. Nunca. Acho que preciso de um remédio. Talvez um Valium. Eu nunca tomei nada assim, mas preciso de um agora. Meu coração parece que ainda está na garganta. Avise ao pessoal da perícia que, se encontrarem vômito no local, e acho que vão encontrar, é meu. E não tenho vergonha de admitir. Qualquer um teria colocado o jantar pra fora se visse uma coisa daquelas.

Detetive Anderson: Tenho certeza de que um médico vai prescrever alguma coisa para te acalmar quando terminarmos. Posso providenciar isso, mas, neste momento, preciso de você lúcido. Entende isso, não entende?

Ritz: Sim. Claro.

Detetive Anderson: Só me conte tudo que viu e vamos poder terminar essa conversa o quanto antes. Consegue fazer isso?

Ritz: Tudo bem. Saí para passear com o Dave por volta das seis da tarde. Dave é o nosso beagle. Ele janta às cinco. Minha esposa e eu jantamos às cinco e meia. Às seis, Dave está pronto para fazer as coisas dele, quer dizer, o número um e o número dois. Eu passeio com ele enquanto Sandy, minha esposa, lava a louça. É uma divisão justa de trabalho. Uma divisão justa de trabalho é muito importante no casamento, principalmente depois que os filhos cresceram, na nossa opinião. Estou fugindo do assunto, não estou?

Detetive Anderson: Tudo bem, sr. Ritz. Conte do seu jeito.

Ritz: Ah, pode me chamar de Jon. Não suporto "sr. Ritz". Fico me sentindo igual ao biscoito. Era assim que as crianças me chamavam quando eu estava na escola, Ritz Cracker.

Detetive Anderson: Aham. Então você estava passeando com o cachorro…

Ritz: Isso mesmo. E quando ele sentiu um cheiro forte, acho que o cheiro de morte, tive que segurar a coleira com as duas mãos, apesar de Dave ser pequeno. Ele queria ir até o que estava farejando. O…

Detetive Anderson: Espere, volte um pouco. Você saiu de casa, na avenida Mulberry, 249, às seis horas…

Ritz: Pode ter sido um pouco antes. Dave e eu descemos a ladeira até o Gerald's, aquele mercado na esquina que vende uns produtos gourmet, depois subimos a rua Barnum e entramos no parque Figgis. É o que os adolescentes chamam de parque Foda. Eles acham que os adultos não sabem o que eles dizem, que não escutamos, mas nós escutamos, sim. Ao menos alguns de nós.

Detetive Anderson: Era a sua caminhada noturna habitual?

Ritz: Ah, às vezes mudamos um pouco para fugir do tédio, mas quase sempre terminamos no parque antes de irmos para casa, porque sempre tem muita coisa para o Dave farejar. Tem um estacionamento, mas àquela hora da noite está quase sempre vazio, a não ser que tenha alguns adolescentes jogando tênis. Não havia nenhum nesta noite, porque as quadras são de saibro, e tinha chovido mais cedo. A única coisa estacionada lá era uma van branca.

Detetive Anderson: Uma van comercial, você diria?

Ritz: Isso. Sem janelas, só uma porta dupla atrás. O tipo de van que empresas pequenas usam para transportar coisas. Podia ser uma Econoline, mas não tenho certeza.

Detetive Anderson: Tinha um nome de companhia escrito nela? Tipo Ar-condicionado do Sam ou Janelas do Bob? Alguma coisa assim?

Ritz: Não, hã-hã. Nadinha. Estava suja, isso eu notei. Não era lavada havia um tempo. E tinha lama nos pneus, provavelmente por causa da chuva. Dave farejou as rodas, e então fomos para um dos caminhos de cascalho no meio das árvores. Depois de uns quatrocentos metros, ele começou a latir e correu para os arbustos à direita. Foi quando farejou o odor. Quase arrancou a coleira da minha mão. Tentei puxá-lo de volta, mas ele não queria vir, só se virou, cavou a terra e ficou latindo. Eu puxei ele para perto, porque tenho uma coleira retrátil, que é ótima para esse tipo de coisa, e fui atrás dele. Dave não dá muita bola para esquilos agora que não é mais filhote, mas achei que podia ter sentido cheiro de guaxinim. Eu ia fazer com que voltasse, querendo ou não, os cachorros precisam saber quem é que manda, só que nessa hora vi as primeiras gotas de sangue. Estavam em uma folha de bétula, mais ou menos na altura do meu peito, o que seria a um metro e meio do chão. Havia outra gota em uma folha mais à frente, e uma área maior de sangue em uns arbustos mais adiante. Ainda vermelho e úmido. Dave farejou os arbustos e quis ir além. E escuta, antes que eu esqueça, nessa hora ouvi um motor sendo ligado atrás de mim. Eu talvez não tivesse reparado, mas foi bem alto, como se o silenciador estivesse quebrado. Ficava meio que roncando, sabe como é?

Detetive Anderson: Aham, sei, sim.

Ritz: Não posso jurar que tenha sido a van branca, e não voltei por aquele caminho, então não sei se tinha ido embora, mas aposto que sim. E sabe o que isso significa?

Detetive Anderson: Me conte o que você acha que isso significa, Jon.

Ritz: Que ele podia ter ficado me observando. O assassino. Parado no meio das árvores me observando. Fico apavorado só de pensar. Quer dizer, agora. Na hora, eu estava concentrado no sangue. E em impedir que Dave arrancasse o meu braço fora. Eu estava ficando com medo, não me importo de

admitir. Não sou um cara grande, e apesar de tentar me manter em forma, tenho sessenta anos. Mesmo aos vinte eu não era bom de briga. Mas tinha que ir ver. Para o caso de ter alguém ferido.

Detetive Anderson: Isso é muito louvável. Que horas você diria que eram quando viu o rastro de sangue pela primeira vez?

Ritz: Não olhei no relógio, mas acho que umas 18h20. Talvez 18h25. Deixei Dave ir na frente, mantendo a coleira curta para poder puxar pelos arbustos embaixo dos quais ele passava com aquelas perninhas. Você sabe o que dizem sobre beagles: os padrões são altos, mas a estatura é baixa. Ele estava latindo feito louco. Nós chegamos a uma clareira, uma espécie de… não sei, uma espécie de refúgio onde namorados poderiam ficar de amassos por um tempo. Havia um banco de granito bem no meio, e estava coberto de sangue. Muito sangue mesmo. E tinha mais embaixo também. O corpo estava caído na grama ao lado do banco. Pobre garoto. A cabeça estava virada na minha direção, os olhos estavam abertos, a garganta não existia mais. Só havia um buraco vermelho. A calça jeans e a cueca estavam puxadas até os tornozelos, e vi uma coisa… um galho seco, acho… saindo do… do… bom, você sabe.

Detetive Anderson: Sei, mas preciso que diga para ficar registrado, sr. Ritz.

Ritz: Ele estava de bruços, e o galho estava saindo do traseiro dele. Também estava cheio de sangue. O galho. Parte da casca tinha sido arrancada, e tinha uma marca de mão. Consegui ver isso, claro como o dia. Dave não estava latindo mais, estava uivando, tadinho, e não sei quem faria uma coisa daquelas. Ele devia ser um maníaco. Você vai prender ele, detetive Anderson?

Detetive Anderson: Ah, sim. Vamos prender ele.

3

O estacionamento do Estelle Barga era quase tão grande quanto o do Kroger’s, onde Ralph Anderson e sua esposa faziam compras nas tardes de sábado, e naquela noite de julho, estava lotado. Muitos dos para-choques tinham adesivos do Golden Dragons, e algumas janelas foram pintadas com slogans exuberantes: VAMOS ARRASAR; OS DRAGÕES VÃO FRITAR OS URSOS; CAP CITY, AÍ VAMOS NÓS; ESTE ANO É A NOSSA VEZ. Do campo, onde os holofotes tinham sido acesos (apesar de a luz do dia ainda não ter acabado por completo), vinham os gritos e os aplausos.

Troy Ramage, um veterano de vinte anos da força policial, estava atrás do volante do carro comum. Enquanto ia de uma fileira lotada de automóveis à outra, disse:

— Sempre que venho aqui, fico pensando quem foi Estelle Barga.

Ralph não respondeu. Seus músculos estavam contraídos, a pele estava quente e o coração parecia estar chegando ao extremo. Ele tinha prendido muitos malfeitores ao longo dos anos, mas agora era diferente. Era horrível em um nível diferente. E pessoal. Aquilo era o pior: era pessoal. Ele não devia estar participando da prisão e sabia disso, mas, depois do último corte orçamentário, só havia três detetives em tempo integral na polícia de Flint City. Jack Hoskins estava de férias, pescando em algum lugar no meio do nada e não fazia a menor falta. Betsy Riggins, que devia estar em licença-

maternidade, estaria ajudando a Polícia Estadual com outro aspecto do trabalho daquela noite.

Ele esperava por Deus que não estivessem indo rápido demais. Expressara essa preocupação para Bill Samuels, o promotor público do condado de Flint, naquela mesma tarde, na reunião que antecederia a prisão. Samuels era um pouco jovem demais para a posição, só tinha trinta e cinco anos, mas fazia parte do partido político certo e era seguro de si. Não arrogante, mas definitivamente seguro de si.

— Ainda há umas pontas soltas que eu gostaria de aparar — falou Ralph. — Não temos todo o histórico. Além do mais, ele vai dizer que tem um álibi. A não ser que se entregue, não podemos ter certeza disso.

— Se ele disser que tem um álibi — respondeu Samuels —, vamos derrubá-lo. Você sabe que vamos.

Ralph não tinha dúvidas disso, ele sabia que estavam atrás do homem certo, mas ainda teria preferido um pouco mais de investigação antes de agir. Encontrar os buracos no álibi do filho da puta, abrir esses buracos um pouco mais, deixá-los largos o bastante para um caminhão passar, *depois* prendê-lo. Na maioria dos casos, esse teria sido o procedimento correto. Mas não nesse.

— Três coisas — disse Samuels. — Está pronto para elas?

Ralph assentiu. Ele tinha que trabalhar com aquele homem, afinal.

— Primeira coisa: as pessoas desta cidade, em especial os pais de filhos pequenos, estão apavoradas e furiosas. Querem uma prisão rápida para se sentirem seguras de novo. Segunda: as provas não deixam dúvidas. Nunca vi um caso tão amarrado. Não concorda comigo sobre isso?

— Concordo.

— Tudo bem, e agora vem a terceira coisa. A mais importante. — Samuels se inclinou para a frente. — Não podemos dizer se ele já fez isso antes, se bem que, se fez, acho que vamos acabar descobrindo quando começarmos a investigar mais fundo, mas, sem dúvida, ele fez agora. Explodiu. Passou dos limites. E quando isso acontece…

— Ele pode fazer de novo — disse Ralph.

— Exato. Não é o cenário mais provável tão pouco tempo depois de Peterson, mas é possível. Ele passa o dia inteiro com crianças, caramba. Garotos novos. Se matasse um deles, a gente perder o emprego nem seria o mais importante. Não conseguiríamos nos perdoar.

Ralph já estava tendo dificuldade de se perdoar por não ter percebido antes. Era um pensamento irracional, não dava para encontrar um sujeito em

um churrasco depois do final da temporada de jogos da Liga Infantil e saber que ele estava planejando um ato inimaginável — cortejando a ideia, alimentando-a e vendo-a crescer —, mas a irracionalidade não mudava o sentimento.

Agora, inclinado entre os dois policiais no banco da frente, Ralph disse:

— Ali. Tente as vagas de deficientes.

Do banco do passageiro, o policial Tom Yates disse:

— A multa é de duzentos dólares para isso, chefe.

— Acho que vão deixar passar dessa vez — disse Ralph.

— Eu estava brincando.

Ralph, sem humor para uma resposta atravessada, não falou nada.

— Vagas de aleijado à frente — disse Ramage. — Temos duas vagas.

Ele entrou em uma delas, e os três homens saíram. Ralph viu Yates soltar a tira que prendia o cabo da Glock e balançou a cabeça.

— Perdeu a cabeça? Deve ter umas mil e quinhentas pessoas no jogo.

— E se ele correr?

— Você pega ele.

Ralph se encostou no capô do carro e ficou olhando os dois policiais de Flint City saírem na direção do campo, dos holofotes e das arquibancadas lotadas, onde as palmas e os gritos estavam ficando mais altos e intensos. Prender o assassino de Peterson rápido foi uma decisão que ele e Samuels tomaram juntos (ainda que com relutância). Prendê-lo no jogo foi uma decisão apenas de Ralph.

Ramage olhou para trás.

— Você vem?

— Não. Façam o que têm que fazer, leiam os direitos dele certinhos e bem alto e depois tragam ele para cá. Tom, quando formos embora, você vai no banco de trás com ele. Vou na frente com Troy. Bill Samuels está esperando minha ligação, e vai estar na delegacia quando chegarmos lá. Tem que ser trabalho de primeira até o final. Mas a prisão é toda de vocês.

— O caso é seu — disse Yates. — Por que não ia querer prender o filho da puta você mesmo?

Ainda de braços cruzados, Ralph disse:

— Porque o homem que estuprou Frankie Peterson com um galho de árvore e arrancou a garganta dele treinou meu filho por quatro anos, dois na Liga Mirim e dois na Liga Infantil. Ele botou as mãos no meu filho para mostrar como segurar um bastão, e não confio em mim mesmo.

— Saquei, saquei — disse Troy Ramage. Ele e Yates foram para o campo.

— E escutem, vocês dois.

Eles se viraram.

— Algemem o cara lá mesmo. Com as algemas na frente do corpo.

— Não é o protocolo, chefe — disse Ramage.

— Eu sei e não ligo. Quero que todo mundo veja ele ser levado algemado. Entenderam?

Quando a dupla estava a caminho, Ralph tirou o celular do cinto. Betsy Riggins estava na lista de discagem rápida.

— Está em posição?

— Estou, sim. Estacionada na frente da casa dele. Eu e quatro policiais estaduais.

— Mandado de busca?

— Na minha mão.

— Ótimo. — Ele estava prestes a desligar quando outra coisa lhe ocorreu. — Betsy, qual é a data prevista do parto?

— Ontem — disse ela. — Então anda logo com essa merda — completa, desligando.

4

Depoimento da sra. Arlene Stanhope (*12 de julho, 13h, interrogada pelo detetive Ralph Anderson*)

Stanhope: Isso vai demorar, detetive?

Detetive Anderson: Nem um pouco. Só me conte o que viu na tarde de terça-feira, 10 de julho, e terminamos.

Stanhope: Tudo bem. Eu estava saindo do Gerald’s Fine Groceries. Sempre faço compras lá às terças. As coisas são mais caras no Gerald’s, mas não vou ao Kroger desde que parei de dirigir. Desisti da habilitação um ano depois que o meu marido morreu, porque não confio mais nos meus reflexos. Sofri dois acidentes. Só coisa leve, sabe, mas foi o suficiente para mim. O Gerald’s fica a dois quarteirões do prédio onde moro desde que vendi a casa, e o médico diz que caminhar faz bem para mim. É bom para o coração. Eu estava saindo com três sacolas no meu carrinho, porque só consigo comprar três sacolas agora, os preços estão terríveis, principalmente a carne, nem sei qual foi a última vez que comprei bacon, e vi o garoto Peterson.

Detetive Anderson: Tem certeza de que foi Frank Peterson que viu?

Stanhope: Ah, sim, era Frank. Pobre coitado, sinto tanto pelo que aconteceu com ele, mas o garoto está no céu agora, e a dor dele acabou. Esse é o consolo. Há dois garotos Peterson, você sabe, ambos ruivos, e daquele ruivo cenoura horroroso, mas o maior, acho que o nome dele é Oliver, é pelo menos cinco anos mais velho. Ele entregava o nosso jornal. Frank tem uma bicicleta, uma daquelas com guidão alto e selim estreito…

Detetive Anderson: O nome é banco banana.

Stanhope: Isso eu não sei, mas sei que era verde-limão, uma cor horrível, e tinha um adesivo no assento. Dizia Flint City High. Só que ele nunca vai chegar ao ensino médio, não é? Pobre, pobre garotinho.

Detetive Anderson: Sra. Stanhope, quer fazer uma pausa?

Stanhope: Não, quero terminar. Preciso ir para casa dar comida para a minha gata. Sempre dou a comida dela às três, ela deve estar com fome. E também vai querer saber por onde andei. Você tem um lenço de papel? Sei que estou péssima. Obrigada.

Detetive Anderson: Você viu o adesivo no banco da bicicleta de Frank Peterson porque…?

Stanhope: Ah, porque ele não estava sentado nela. Estava empurrando a bicicleta pelo estacionamento do Gerald's. A corrente estava arrebentada, arrastando no chão.

Detetive Anderson: Você reparou o que ele estava vestindo?

Stanhope: Uma camiseta de banda de rock. Não conheço as bandas e não sei dizer qual era. Desculpe se isso for importante. E usava um boné do Rangers. Estava virado para trás, e dava para ver o cabelo ruivo. Os ruivos costumam ficar carecas bem cedo, sabe. Mas agora ele não vai precisar se preocupar com isso, vai? Ah, é tão triste. Bom, tinha uma van branca suja parada no lado mais distante do estacionamento, e um homem saiu e foi até Frank. Ele estava…

Detetive Anderson: Já vamos chegar nesse ponto, mas antes quero saber da van. Era do tipo sem janelas?

Stanhope: Era.

Detetive Anderson: Sem nada escrito? Nenhum nome de empresa nem nada do tipo?

Stanhope: Não que eu tenha visto.

Detetive Anderson: Certo, vamos falar sobre o homem. Você o reconheceu, sra. Stanhope?

Stanhope: Ah, claro. Era Terry Maitland. Todo mundo no West Side conhece o Treinador T. Chamam ele assim até no ensino médio. Ele dá aula de inglês lá, sabe. Meu marido deu aula com ele antes de se aposentar. Chamam ele de Treinador T porque Terry treina a Liga Infantil, depois o time de beisebol da Liga da Cidade quando a Infantil acaba, e no outono treina garotinhos que gostam de jogar futebol americano. Tem um nome para essa liga também, mas não lembro.

Detetive Anderson: Se pudermos voltar para o que viu na terça à tarde…

Stanhope: Não tenho muito mais a contar. Frank falou com o Treinador T e mostrou a corrente quebrada. O Treinador T assentiu e abriu a parte de trás da van branca, que não podia ser dele…

Detetive Anderson: Por que diz isso, sra. Stanhope?

Stanhope: Porque tinha uma placa laranja. Não sei de que estado seria, a minha visão de longe não é mais o que era, mas sei que as nossas placas de Oklahoma são azuis e brancas. Não consegui ver nada na traseira da van além de uma coisa verde e comprida que parecia uma caixa de ferramentas. Era uma caixa de ferramentas, detetive?

Detetive Anderson: O que aconteceu depois?

Stanhope: Bom, o Treinador T colocou a bicicleta de Frank na parte de trás e fechou a porta. Deu um tapinha nas costas do menino. Em seguida, foi até o banco do motorista, e Frank foi para o lado do passageiro. Os dois entraram, e a van foi embora pela avenida Mulberry. Achei que o treinador ia levar o garoto para casa. Claro que achei. O que mais eu pensaria? Terry Maitland mora no West Side há vinte anos, tem uma família ótima, esposa e duas filhas… posso pegar outro lenço, por favor? Obrigada. Estamos acabando?

Detetive Anderson: Sim, e a senhora já me ajudou bastante. Acredito que, antes de eu começar a gravar, você tenha dito que isso foi por volta das três horas?

Stanhope: Às três em ponto. Ouvi o sino no relógio da prefeitura batendo a hora assim que saí com o meu carrinho.

Detetive Anderson: O garoto que você viu, o ruivo, era Frank Peterson.

Stanhope: Era. Os Peterson moram logo na esquina. Ollie entregava o meu jornal. Vejo esses garotos o tempo todo.

Detetive Anderson: E o homem, o que pôs a bicicleta na parte de trás da van branca e saiu dirigindo com Frank Peterson, era Terence Maitland, também conhecido como treinador Terry ou Treinador T.

Stanhope: Sim.

Detetive Anderson: Você tem certeza disso?

Stanhope: Ah, tenho.

Detetive Anderson: Obrigado, sra. Stanhope.
Stanhope: Quem acreditaria que Terry faria uma coisa dessas? Você acha que houve outros?
Detetive Anderson: Pode ser que isso seja descoberto ao longo da nossa investigação.

5

Como todos os jogos do torneio da Liga da Cidade aconteciam no campo Estelle Barga, o melhor campo de beisebol do condado e o único com iluminação para jogos noturnos, a vantagem do time da casa era decidida na moeda. Terry Maitland pediu coroa antes do jogo, como sempre fazia (era uma superstição passada pelo treinador dele na Liga da Cidade, no passado), e deu coroa. “Não ligo para onde vamos jogar, só gosto de escolher atacar depois”, sempre dizia para os garotos.

E naquela noite ele precisava atacar depois. Era a baixa da nona entrada, o Bears indo para a semifinal da liga por uma corrida. O Golden Dragons estava na última bola fora, mas estavam com as bases ocupadas. Uma caminhada de uma base à outra por bola fora, um arremesso errado, um erro ou uma rebatida simples deixariam as equipes empatadas, mas uma bola jogada em uma área sem jogador nenhum daria a vitória aos Dragons. Os torcedores estavam batendo palmas e os pés na arquibancada de metal e gritando quando o pequeno Trevor Michaels entrou na área esquerda do rebatedor. O capacete dele era o menor que existia, mas ainda cobria os olhos, e o menino ficava tendo que empurrar para cima. Ele balançou o bastão com nervosismo de um lado para outro.

Terry considerara substituir o garoto, mas, com dois centímetros acima de um metro e meio, ele conseguia fazer muitas bases por bolas. E apesar de não ser rebatedor de home run, ele às vezes conseguia acertar o taco na bola. Não com frequência, mas às vezes. Se o treinador o substituísse, o pobre garoto teria que viver com a humilhação pelo ano seguinte inteiro. Se, por outro lado, conseguisse um único acerto, ele relembraria do feito em churrascos com uma cerveja na mão pelo restante da vida. Terry sabia. Já tinha passado por isso uma vez, nos velhos tempos, antes de o beisebol ser jogado com bastões de alumínio.

O arremessador do Bears — um jogador típico de fim de jogo, com um arremesso poderoso — se preparou e jogou uma bola bem no coração do *home plate*. Trevor viu a bola passar com uma expressão de consternação. O juiz declarou o primeiro strike. A plateia reagiu.

Gavin Frick, o treinador assistente de Terry, estava andando de um lado para outro na frente dos garotos no banco, a tabela de pontuação do jogo

enrolada na mão (quantas vezes Terry pediu para ele não fazer isso?) e a camiseta XXG do Golden Dragons esticada em cima da sua barriga que era no mínimo XXXG.

— Espero que ter deixado Trevor rebater não tenha sido um erro, Ter — disse ele. O suor lhe escorria pelas bochechas. — Ele parece estar morrendo de medo, e não acho que conseguiria rebater a bola veloz daquele garoto nem com uma raquete de tênis.

— Vamos ver o que vai acontecer — falou Terry. — Estou com um bom pressentimento. — Na verdade, não estava.

O arremessador do Bears se preparou e soltou outra bola poderosa, mas essa caiu na terra na frente do *home plate*. A torcida ficou de pé quando Baibir Patel, o jogador do Dragons que estava na terceira base, tentou dar alguns passos no campo. Contudo, os torcedores se sentaram, grunhindo, quando a bola caiu na luva do apanhador. O apanhador do Bears se virou para a terceira base, e Terry conseguiu ler a expressão dele, mesmo através da máscara: *Pode tentar, garoto*. Baibir não tentou.

O arremesso seguinte foi lento, mas Trevor errou mesmo assim.

— Acaba com ele, Fritz! — gritou um sujeito de pulmões fortes do alto da arquibancada, quase com certeza o pai do arremessador, pelo jeito como o garoto virou a cabeça naquela direção. — Acaba com *eleeeee*!

Trevor não tentou rebater o arremesso seguinte, que passou perto, perto demais, até. O juiz considerou que a bola não estava na zona de strike, e, dessa vez, foram os torcedores do Bears que grunhiram. Alguém sugeriu que o juiz precisava de óculos. Outro torcedor falou sobre um cão-guia.

Estava dois a dois agora, e Terry tinha a forte sensação de que a temporada do Dragons dependia do próximo arremesso. Ou eles jogariam com o Panthers pelo campeonato da cidade e poderiam competir no estadual, jogos que eram até televisionados, ou voltariam para casa e se reuniriam mais uma vez no churrasco na casa dos Maitland, que costumava marcar o fim da temporada.

Ele se virou para olhar para Marcy e as garotas, sentadas onde sempre ficavam, em cadeiras dobráveis atrás da tela do *home plate*. Suas filhas estavam de ambos os lados da mãe, como lindos guardadores de livro. As três mostraram os dedos cruzados para ele. Terry deu uma piscadela e um sorriso e mostrou dois polegares para cima, apesar de ainda estar com a sensação de haver alguma coisa errada. Não era só o jogo. Ele estava com a sensação de ter alguma coisa errada havia algum tempo agora. Algo não estava certo.

O sorriso de Marcy virou uma expressão confusa. Ela olhava para a esquerda e apontou nessa direção com o polegar. Terry se virou e viu dois policiais andando juntos pela linha da terceira base, passando por Barry Houlihan, que estava orientando os seus garotos de lá.

— *Tempo, tempo* — gritou o juiz do *home plate*, parando o arremessador do Bears na hora que ele começava a se preparar. Trevor Michaels saiu da área do rebatedor com uma expressão de alívio, pensou Terry. A torcida estava em silêncio e olhava para os policiais. Um deles levava a mão às costas. O outro tocava o cabo da arma.

— *Fora do campo!* — gritou o juiz. — *Fora do campo!*

Troy Ramage e Tom Yates o ignoraram. Foram até o banco do Dragons, uma coisa improvisada com uma bancada comprida, três cestas de equipamento e um balde com bolas sujas de treino, e direto até onde Terry estava. Da parte de trás do cinto, Ramage tirou uma algema. Os torcedores viram e começaram um murmúrio que era em parte confusão e em parte empolgação: *Oooooh*.

— Ei, caras! — disse Gavin, se aproximando (e quase tropeçando na luva de Richie Gallant, esquecida no chão). — Temos que terminar o jogo!

Yates o empurrou para trás e balançou a cabeça. Os torcedores estavam em silêncio total agora. O Bears abandonou a postura tensa da defensiva e estava só assistindo, as luvas penduradas nas mãos. O apanhador correu até o arremessador, e eles ficaram parados juntos entre o montículo e o *home plate*.

Terry conhecia um pouco o homem que segurava a algema; ele, às vezes, ia com o irmão assistir aos jogos de futebol americano no outono.

— Troy? O que está acontecendo? O que houve?

Ramage não viu nada no rosto do homem além do que parecia uma perplexidade honesta, mas ele era policial desde os anos 90 e sabia que os piores aperfeiçoavam aquela expressão de *Quem, eu?* como se fosse uma ciência. E aquele cara era do pior tipo. Lembrando-se das instruções de Anderson (e não se importando nem um pouco em obedecê-las), ele ergueu a voz para poder ser ouvido por toda a plateia, que o jornal do dia seguinte anunciaria como sendo de 1588 pessoas.

— Terence Maitland, você está preso pelo assassinato de Frank Peterson.

Outro *Oooooh* das arquibancadas, dessa vez mais alto, o som de um vento crescente.

Terry franziu a testa para Ramage. Entendeu as palavras, eram palavras simples que formavam uma frase simples. Ele sabia quem Frankie Peterson

era e o que tinha acontecido com o garoto, mas o *significado* das palavras lhe fugia. Só conseguiu dizer:

— O quê? Você está de brincadeira?

E foi nessa hora que o fotógrafo esportivo do *Flint City Call* tirou a foto dele, a que apareceu na primeira página no dia seguinte. Sua boca estava aberta, seus olhos, arregalados, seu cabelo saía pelas beiradas do boné do Golden Dragons. Na foto, ele parecia ao mesmo tempo debilitado e culpado.

— *O que* você disse?

— Estique os pulsos, por favor.

Terry olhou para Marcy e as filhas, ainda sentadas nas cadeiras atrás da grade de arame, olhando para ele com expressões idênticas de surpresa congelada. O horror viria depois. Baibir Patel saiu da terceira base e começou a andar em direção ao banco, tirando o capacete e exibindo o cabelo preto suado, e Terry viu que o garoto estava começando a chorar.

— Volte pra lá! — gritou Gavin para ele. — O jogo ainda não acabou.

Porém, Baibir só ficou parado no território de falta, olhando para Terry e chorando. O homem olhou para o garoto, seguro (*quase* seguro) de que estava sonhando tudo aquilo, e então Tom Yates o segurou e puxou seus braços com força suficiente para fazer o treinador cambalear para a frente. Ramage fechou as argolas da algema. Era uma algema de verdade, não aquelas tiras plásticas, grande e pesada, brilhando no sol da tarde. Com a mesma voz alta, ele declarou:

— Você tem o direito de permanecer calado e se recusar a responder perguntas. Se abrir mão deste direito, qualquer coisa que disser poderá ser usada contra você no tribunal. Você tem direito a um advogado presente durante o interrogatório, agora ou no futuro. Entendeu?

— Troy? — Terry mal conseguia ouvir a própria voz. Parecia que estava sem ar depois de um soco. — O que está acontecendo, em nome de Deus?

Ramage não lhe deu atenção.

— Entendeu?

Marcy foi até a cerca de arame, passou os dedos pelos buracos e a sacudiu. Atrás dela, Sarah e Grace choravam. Grace estava de joelhos ao lado da cadeira da irmã; a dela tinha caído para trás na terra.

— O que estão fazendo? — gritou Marcy. — O que estão fazendo, em nome de Deus? E por que estão fazendo *aqui*?

— Entendeu?

O que Terry entendia era que tinha sido algemado e agora estava ouvindo

seus direitos na frente de mil e quinhentas pessoas, a esposa e suas duas filhas pequenas entre elas. Não era um sonho e não era apenas uma prisão. Era, por motivos que ele não conseguia compreender, uma humilhação pública. Melhor acabar com aquilo o mais rápido possível e esclarecer as coisas. Se bem que, mesmo chocado e atordoado, ele sabia que sua vida não voltaria ao normal por muito tempo.

— Entendi — disse ele. E falou: — Treinador Frick, calma.

Gavin, que estava se aproximando dos policiais com as mãos fechadas e o rosto gordo em um tom furioso de vermelho, baixou os braços e recuou. Ele olhou para Marcy pela grade, ergueu os ombros enormes e abriu as mãos gordas.

No mesmo tom alto, como um pregoeiro anunciando as notícias da semana em uma praça da Nova Inglaterra, Troy Ramage continuou. Ralph Anderson conseguia ouvi-lo de onde estava, encostado no carro. Estava fazendo um bom trabalho, o Troy. Era uma coisa feia, e Ralph achava que ele talvez fosse repreendido depois, mas não seria repreendido pelos pais de Frankie Peterson. Não, não por eles.

— Se não puder pagar um advogado, um será providenciado antes de qualquer interrogatório, se desejar. Entendeu?

— Sim — disse Terry. — Também entendi outra coisa. — Ele se virou para a plateia. — *Eu não faço ideia de por que estou sendo preso! Gavin Frick vai terminar o jogo como treinador!* — E então, como se apenas tivesse lembrado depois: — Baibir, volte para a terceira base e lembre de correr por território de falta.

Houve alguns aplausos, mas só um pouco. O homem com pulmões poderosos que devia ser o pai do arremessador do Bears gritou:

— *O que você disse que ele fez?* — E a plateia respondeu à pergunta, murmurando as duas palavras que logo repercutiriam por todo o West Side e pelo restante da cidade: o nome de Frank Peterson.

Yates segurou Terry pelo braço e começou a levá-lo na direção do trailer de lanches e do estacionamento mais além.

— Você pode pregar para a plateia depois, Maitland. Agora, vai para a cadeia. E adivinha? Aqui no estado tem pena de morte, e nós fazemos uso dela. Mas você é professor, né? Já deve saber disso.

Eles não tinham dado nem vinte passos do banco de reservas improvisado quando Marcy Maitland os alcançou e segurou o braço de Tom Yates.

— O que pensa que está fazendo?

Yates soltou o braço da mão dela, e quando a mulher tentou segurar o braço do marido, Troy Ramage a empurrou para longe, com gentileza, mas firme. Ela ficou parada por um momento, atordoada, e viu Ralph Anderson se aproximando para se encontrar com os policiais. Ela o conhecia da Liga Infantil, quando Derek Anderson jogou no time de Terry, o Gerald's Fine Groceries Lions. Ralph não conseguia ir a todos os jogos, é claro, mas ia ao máximo que podia. Na época, ele ainda usava uniforme; Terry mandou um e-mail de parabéns quando Ralph foi promovido a detetive. Agora, ela correu na direção dele, rápida na grama com seus tênis velhos, que sempre usava nos jogos de Terry, alegando que davam sorte.

— Ralph! — gritou ela. — O que está acontecendo? Isso é um engano!

— Infelizmente, não é — respondeu Ralph.

Ele não sentiu prazer naquele momento, porque gostava de Marcy. Por outro lado, sempre tinha gostado de Terry também; o sujeito tinha mudado a vida de Derek, dado um pouco de confiança ao garoto, pois, quando se tem onze anos, confiança é algo importante. E tinha outra coisa. Marcy podia saber o que o marido era, mesmo não se permitindo saber em nível consciente. Os Maitland eram casados havia muito tempo, e horrores como o assassinato do garoto Peterson não aconteciam do nada. Havia um desenvolvimento até o ato.

— Você precisa ir pra casa, Marcy. Agora mesmo. Pode ser que prefira deixar as meninas com algum amigo, porque a polícia vai estar esperando por você.

Ela só olhou para ele sem entender.

De trás do grupo, veio o barulho de um bastão de alumínio acertando alguma coisa, embora tenha havido pouca comemoração; quem assistia ao jogo ainda estava em choque e mais interessado no que acabara de testemunhar do que na partida diante deles. Era uma pena. Trevor Michaels acertou a bola com mais força que em qualquer outra ocasião na vida, com mais força do que quando o Treinador T arremessava bolas fáceis no treino. Infelizmente, foi em uma linha reta direto até o interbases do Bears, que nem precisou pular para pegar a bola.

Fim de jogo.

6

Depoimento de June Morris (*12 de julho, 17h45, interrogada pelo detetive Ralph Anderson, sra. Francine Morris presente*)

Detetive Anderson: Obrigado por trazer a sua filha até a delegacia, sra. Morris. June, como está o

refrigerante?

June Morris: Está bom. Estou encrencada?

Detetive Anderson: Nem um pouco. Só quero fazer algumas perguntas sobre o que você viu duas noites atrás.

June Morris: Quando vi o treinador Terry?

Detetive Anderson: Isso mesmo, quando viu o treinador Terry.

Francine Morris: Desde que ela fez nove anos, deixamos que desça a rua sozinha para visitar a amiga Helen. Contanto que ainda seja dia. Nós não acreditamos em ser pais superprotetores. Vou começar a acreditar depois disso, pode ter certeza.

Detetive Anderson: Você viu ele depois de jantar, June? Não foi?

June Morris: Foi. A gente comeu bolo de carne. Ontem à noite foi peixe. Não gosto de peixe, mas as coisas são assim mesmo.

Francine Morris: Ela não precisa atravessar a rua nem nada. Nós achávamos que não teria problema, já que moramos em um bairro tão bom. Pelo menos, era o que eu pensava.

Detetive Anderson: É sempre difícil saber quando começar a dar responsabilidades a eles. Agora, June, você desceu a rua e passou pelo estacionamento do parque Figgis, certo?

June Morris: É. Helen e mim…

Francine Morris: Helen e eu…

June Morris: Helen e eu estávamos indo terminar o nosso mapa da América do Sul. É para o nosso projeto de acampamento. Nós usamos uma cor para cada país, e estávamos quase terminando, mas esquecemos do Paraguai, e íamos começar tudo de novo. As coisas são assim mesmo. Depois disso, a gente ia jogar Angry Birds e Corgi Hop no iPad da Helen até o meu pai chegar para me levar para casa. Porque já estaria ficando escuro.

Detetive Anderson: Isso seria a que horas, mãe?

Francine Morris: O noticiário local estava passando quando June saiu. Norm assistia enquanto eu lavava a louça. Então foi entre seis e seis e meia. Provavelmente umas seis e quinze, porque acho que estavam falando da previsão do tempo.

Detetive Anderson: Me conte o que viu quando passou pelo estacionamento, June.

June Morris: O treinador Terry, eu já falei. Ele mora na nossa rua, e uma vez, quando o nosso cachorro se perdeu, o Treinador T trouxe ele de volta. Às vezes, eu brinco com Gracie Maitland, mas não muito. Ela é um ano mais velha e gosta de garotos. Ele estava todo sujo de sangue. Por causa do nariz.

Detetive Anderson: Aham. O que ele estava fazendo quando você o viu?

June Morris: Ele saiu do meio das árvores. Me viu olhando e deu tchau. Eu também dei tchau e disse: “Ei, treinador, o que aconteceu com você?”. E ele falou que um galho acertou a cara dele. E disse: “Não tenha medo, é só o meu nariz sangrando, acontece o tempo todo”. Eu falei: “Não estou com medo, mas você não vai mais poder usar essa camisa, porque sangue não sai, é o que a minha mãe diz”. Ele sorriu e disse: “Que bom que tenho outras camisas”. Mas também tinha sujado a calça. E as mãos.

Francine Morris: Ela estava tão perto dele. Não consigo parar de pensar nisso.

June Morris: Por quê? Só porque o nariz dele estava sangrando? Rolf Jacobs também ficou com o nariz sangrando no parquinho ano passado quando caiu, mas não fiquei com medo. Eu ia dar o meu lenço pra ele, mas a sra. Grisha levou ele pra enfermaria primeiro.

Detetive Anderson: Quão perto você estava?

June Morris: Ih, não sei. Ele estava no estacionamento e eu, na calçada. Que distância dá isso?

Detetive Anderson: Também não sei, mas com certeza vou descobrir. O refrigerante está bom?

June Morris: Você já me perguntou isso.

Detetive Anderson: Ah, é verdade.

June Morris: As pessoas velhas são esquecidas, é o que o meu avô diz.

Francine Morris: Junie, que falta de educação!

Detetive Anderson: Tudo bem. Seu avô parece ser um homem sábio, June. O que aconteceu depois?

June Morris: Nada. O treinador Terry entrou na van e foi embora.
Detetive Anderson: De que cor era a van?
June Morris: Bom, seria branca se estivesse limpa, acho, mas estava bem suja. E fazia muito barulho e soltava uma fumaça azul. Eca.
Detetive Anderson: Tinha alguma coisa escrita do lado? Como o nome de uma empresa?
June Morris: Não. Era só uma van branca.
Detetive Anderson: Você viu a placa?
June Morris: Não.
Detetive Anderson: Para que lado a van foi?
June Morris: Pela rua Barnum.
Detetive Morris: E você tem certeza de que o homem, o que disse para você que estava com o nariz sangrando, era Terry Maitland?
June Morris: Claro, o treinador Terry, o Treinador T. Eu vejo ele o tempo todo. Está tudo bem com ele? Ele fez alguma coisa errada? Minha mãe diz que não posso olhar o jornal nem ver as notícias na televisão, mas tenho quase certeza de que aconteceu alguma coisa ruim no parque. Eu saberia se não estivesse de férias, porque todo mundo fala. O treinador Terry brigou com uma pessoa má? Foi assim que ele ficou cheio de sangue…?
Francine Morris: Você está terminando, detetive? Sei que precisa de informações, mas lembre que sou eu que tenho que colocar ela na cama hoje.
June Morris: Eu vou pra cama sozinha!
Detetive Anderson: Certo, estou quase acabando. June, antes de você ir, queria fazer um joguinho com você. Você gosta de jogos?
June Morris: Gosto quando não são chatos.
Detetive Anderson: Vou colocar seis fotografias de seis pessoas diferentes na mesa… assim… e todas são um pouco parecidas com o treinador Terry. Quero que você me diga…
June Morris: Este aqui. O número quatro. É o treinador Terry.

7

Troy Ramage abriu uma das portas traseiras do carro. Terry olhou por cima do ombro e viu Marcy atrás deles, parada no limite do estacionamento, seu rosto era uma máscara de perplexidade e sofrimento. Atrás dela estava o fotógrafo do *Call*, tirando fotos enquanto corria pela grama. *Não vão valer nada*, pensou Terry, com certa satisfação. Para Marcy, ele gritou:

— Ligue pra Howie Gold! Diga que fui preso! Diga…

Yates botou a mão no alto da cabeça de Terry e o empurrou para baixo e para dentro.

— Chegue para o lado, chegue para o lado. E fique com as mãos no colo enquanto coloco o seu cinto.

Terry chegou para o lado e manteve as mãos no colo. Pela janela, conseguia ver o placar eletrônico do campo. A esposa dele liderou a campanha de arrecadação para a compra do placar, dois anos antes. Agora estava parada ali, e ele nunca esqueceria a expressão no rosto dela. Era o rosto de alguma mulher de país de terceiro mundo vendo o seu vilarejo pegar fogo.

Então, Ramage se sentou no banco do motorista, Ralph Anderson, no banco do passageiro, e antes mesmo de o detetive terminar de fechar a porta, o carro já estava saindo da vaga de deficientes cantando os pneus. Ramage virou para a direita, girando o volante com a base da mão, e seguiu para a avenida Tinsley. Eles foram sem sirene, mas uma lâmpada azul presa no painel começou a girar e piscar. Terry percebeu que o carro tinha cheiro de comida mexicana. Eram estranhas as coisas em que se reparava quando o seu dia, a sua *vida*, de repente caía de um penhasco que você nem sabia que estava lá. Ele se inclinou para a frente.

— Ralph, me escuta.

O homem estava olhando adiante. Suas mãos estavam unidas e apertadas.

— Você pode falar o quanto quiser na delegacia.

— Porra, deixa ele contar — disse Ramage. — Vai poupar o nosso tempo.

— Cala a boca, Troy — respondeu Ralph, ainda observando a rua à frente. Terry via dois tendões saltados na parte de trás do pescoço dele.

— Ralph, não sei o que te levou até mim nem por que ia querer me prender na frente de metade da cidade, mas você está enganado.

— É o que todos dizem — comentou Tom Yates ao lado dele com a voz casual. — Fique com as mãos no colo, Maitland. Nem coce o nariz.

A cabeça de Terry estava ficando mais lúcida agora (não muito, só um pouco), e ele tomou o cuidado de fazer o que o policial Yates (o nome estava preso na camisa do uniforme) mandou. Yates parecia ser o tipo de pessoa que gostava de ter uma desculpa para dar uma porrada em um prisioneiro, com ou sem algemas.

Alguém tinha comido enchiladas no carro, Terry tinha certeza. Provavelmente do Señor Joe's. Era um dos lugares favoritos de suas filhas, que sempre riam muito durante a refeição (porra, todos eles riam) e se acusavam de peidar no caminho para casa.

— Me escuta, Ralph. Por favor.

— Tudo bem, estou escutando.

— Todos estamos — disse Ramage. — Ouvidos abertos, meu amigo, ouvidos abertos.

— Frank Peterson foi morto na terça. Na tarde de terça. Apareceu nos jornais e na televisão. Eu estava em Cap City na terça, na noite de terça e na maior parte da quarta. Só voltei às nove ou nove e meia de quarta. Gavin Frick, Barry Houlihan e Lukesh Patel, o pai de Baibir, treinaram os garotos naquele dia.

Por um segundo, o carro ficou em silêncio, não interrompido nem pelo rádio, que fora desligado. Por um momento precioso, Terry acreditou — sim, com certeza — que Ralph mandaria o policial grandão atrás do volante encostar. Em seguida, se viraria para ele com os olhos arregalados e constrangidos e diria: *Ah, Deus, nós fizemos besteira, não foi?*

O que Ralph disse, ainda sem se virar, foi:

— Ah. Aí vem o famoso álibi.

— O quê? Não estou entendendo o que quer d…

— Você é um cara inteligente, Terry. Soube disso desde que te conheci quando você treinava Derek na Liga Infantil. Se não confessasse de cara, o que eu torcia para que fizesse, mas não esperava, eu tinha certeza de que ofereceria um tipo de álibi. — Ele enfim se virou, e o rosto para o qual Terry olhou era o de um estranho. — E tenho a mesma certeza de que vamos derrubá-lo. Porque pegamos você nessa. Sem dúvida nenhuma.

— O que estava fazendo em Cap City, treinador? — perguntou Yates, e na mesma hora o homem que tinha mandado Terry nem coçar o nariz pareceu simpático, interessado. O treinador quase contou o que foi fazer lá, mas decidiu que era melhor não falar nada. O choque estava começando a passar, o pensamento a ser substituído por reação, e ele percebeu que aquele carro, com o leve aroma de enchiladas, era território inimigo. Era hora de calar a boca até Howie Gold chegar na delegacia. Os dois poderiam resolver o problema juntos. Não devia demorar.

Ele percebeu outra coisa também. Estava com raiva, provavelmente com mais raiva do que já tinha ficado na vida, e quando entraram na rua principal e seguiram para a delegacia de Flint City, ele fez uma promessa a si mesmo: quando o outono chegasse, talvez até antes, o homem no banco da frente, o homem que ele considerava um amigo, estaria procurando um novo emprego. Talvez como segurança de banco em Tulsa ou Amarillo.

8

Depoimento do sr. Carlton Scowcroft (*12 de julho, 21h30, interrogado pelo detetive Ralph Anderson*)

Scowcroft: Isso vai demorar, detetive? Porque costumo ir para a cama cedo. Trabalho na manutenção da ferrovia, e se não bater o ponto às sete, estou ferrado.

Detetive Anderson: Vou ser o mais rápido que puder, sr. Scowcroft, mas é um assunto sério.

Scowcroft: Eu sei. E vou ajudar o quanto puder. Mas é que não tenho muito para contar, e quero ir para casa. Só não sei se vou dormir bem. Não venho a essa delegacia desde uma festa com bebedeira quando eu tinha dezessete anos. Charlie Borton era o delegado na época. Nossos pais tiraram a gente daqui, mas fiquei de castigo o verão inteiro.

Detetive Anderson: Bom, nós agradecemos a sua presença. Me conte onde você estava às sete horas da noite de 10 de julho.

Scowcroft: Como falei para a garota na recepção quando cheguei, estava no Shorty's Pub, e vi aquela van branca e o cara que é treinador de beisebol e de futebol americano no West Side. Não me lembro do nome dele, mas a foto do sujeito sai no jornal toda hora porque ele está com um time bom na Liga da Cidade este ano. O jornal disse que pode até ganhar o campeonato. Moreland, é esse o nome? Ele estava todo sujo de sangue.

Detetive Anderson: Como foi que você viu ele?

Scowcroft: Bom, tenho uma rotina quando saio do trabalho, porque não tenho esposa esperando em casa e não sou nenhum chefe de cozinha, sabe como é. Às segundas e quartas, vou ao Flint City Diner. Às sextas, vou ao Bonanza Steakhouse. E às terças e quintas, vou ao Shorty's para comer um prato de costela com cerveja. Naquela terça, cheguei ao Shorty's, ah, vamos dizer umas seis e quinze. O garoto já estava morto tinha tempo, não é?

Detetive Anderson: Mas por volta das sete, você estava nos fundos, certo? Atrás do Shorty's Pub.

Scowcroft: É, eu e Riley Franklin. Eu encontrei ele lá e nós comemos juntos. A parte de trás é aonde as pessoas vão para fumar. É só descer o corredor entre os banheiros e sair pela porta dos fundos. Tem um balde de cinzas e tudo. A gente comeu, eu, a costela, ele, macarrão com queijo, e pedimos sobremesa, depois saímos para os fundos para fumar um cigarro antes de a comida chegar. Enquanto estávamos lá fumando, uma van branca suja parou. Tinha placa de Nova York, me lembro disso. Estacionou ao lado de um sedã Subaru, acho que era um Subaru, pelo menos, e o cara saiu. Moreland, ou seja lá qual é o nome dele.

Detetive Anderson: O que ele estava vestindo?

Scowcroft: Bom, não tenho certeza quanto à calça. Riley talvez lembre. Talvez fosse uma calça cáqui. Mas a camiseta era branca. Eu me lembro disso porque tinha sangue por toda a parte da frente, bastante sangue. Não muito na calça, só uns respingos. Tinha sangue no rosto dele também. Embaixo do nariz, em volta da boca, no queixo. Cara, ele estava nojento. Então, Riley, que acho que tinha tomado umas cervejas antes de eu chegar, apesar de eu só ter tomado uma, disse: "Como o outro cara ficou, Treinador T?".

Detetive Anderson: Ele chamou o homem de Treinador T.

Scowcroft: Chamou. E o treinador riu e disse: "Não tinha outro cara. Alguma coisa estourou dentro do meu nariz, que jorrou como um gêiser. Tem algum atendimento médico por aqui?".

Detetive Anderson: E você achou que ele queria dizer um estabelecimento, como o MedNow ou o Quick Care?

Scowcroft: Era o que o homem queria dizer, sim, porque queria ver se precisava fazer uma cauterização no nariz. Parece doloroso, né? Ele falou que já tinha acontecido uma vez. Eu mandei ele descer a Burrfield por um quilômetro e meio, virar à esquerda no segundo sinal, que aí ele veria uma placa. Sabe aquele outdoor perto do Coney Ford? Diz quanto tempo você vai ter que esperar e tudo. Ele perguntou se podia deixar a van naquele estacionamento pequeno atrás do pub, que não é para clientes, como diz a placa nos fundos do prédio, e sim para empregados. E eu disse: "O estacionamento não é meu, mas se você não demorar muito, não deve ter problema". Ele respondeu que deixaria as chaves no porta-copos dentro do carro, caso alguém precisasse mudar a van de lugar, e nós dois achamos estranho, considerando os tempos atuais. Riley falou: "É uma boa forma de fazer com que a van seja roubada, Treinador T". Mas ele repetiu que não demoraria e que alguém podia precisar mudar o carro de lugar. Sabe o que eu acho? Acho que talvez ele quisesse que alguém roubasse a van, talvez até eu ou Riley. Você acha que pode ser, detetive?

Detetive Anderson: O que aconteceu depois?

Scowcroft: Ele entrou naquele Subaru verde e foi embora. O que também achei estranho.

Detetive Anderson: O que há de estranho nisso?

Scowcroft: Ele perguntou se podia deixar a van ali por um tempinho, como se achasse que podia ser rebocada, sei lá, mas o carro dele ficou lá o tempo todo, em segurança. É estranho, né?

Detetive Anderson: Sr. Scowcroft, vou colocar seis fotos de seis homens diferentes na sua frente e quero que escolha o homem que viu atrás do Shorty's. Todos são parecidos, então leve o tempo que

precisar. Pode fazer isso para mim?

Scowcroft: Claro, mas não preciso levar tempo nenhum. É este bem aqui. Moreland, ou seja lá qual é o nome dele. Posso ir pra casa agora?

9

Ninguém no carro disse mais nada até eles entrarem no estacionamento da delegacia e estacionarem em uma das vagas marcadas com uma placa que dizia APENAS VEÍCULOS OFICIAIS. Ralph se virou a fim de olhar para o homem que treinara o seu filho. O boné do Dragons de Terry Maitland fora virado um pouco para o lado, então o sujeito parecia um pouco gângster. A camiseta do Dragons tinha saído de dentro da calça de um dos lados, e o rosto dele estava coberto de suor. Naquele momento, ele parecia culpado como o diabo. Exceto talvez pelos olhos, que se encontraram direto com os de Ralph. Estavam bem abertos e silenciosamente acusadores.

Ralph tinha uma pergunta que não podia esperar.

— Por que ele, Terry? Por que Frankie Peterson? Ele estava no time do Lions da Liga Infantil este ano? Você estava de olho nele? Ou foi só um crime de oportunidade?

Terry abriu a boca para repetir que não tinha nada a ver com aquilo, mas de que adiantaria? Ralph não ouviria, pelo menos ainda não. Nenhum deles ouviria. Era melhor esperar. Era difícil, mas talvez poupasse tempo no fim.

— Pode falar — disse Ralph. Ele falou com a voz suave, como se fosse uma conversa casual. — Você queria falar antes, então fale. Me conte. Me faça entender. Aqui, antes mesmo de sairmos do carro.

— Acho que vou esperar pelo meu advogado — disse Terry.

— Se você for inocente — falou Yates —, não vai precisar de um. Bote um ponto-final nisso se puder. Nós até damos uma carona de volta para a sua casa.

Ainda encarando os olhos de Ralph Anderson, Terry falou quase baixo demais para ser ouvido.

— O procedimento está errado. Você nem verificou onde eu poderia estar na terça, não é? Eu não esperaria isso de você. — Ele fez uma pausa, como se estivesse pensando, e acrescentou: — Seu *filho da mãe.*

Ralph não tinha intenção de dizer para Terry que discutira brevemente aquele assunto com Samuels. A cidade era pequena. Eles não queriam começar a fazer perguntas que pudessem chegar a Maitland.

— Esse foi um dos raros casos em que não precisamos verificar. — O detetive abriu a porta. — Venha. Vamos fichar você e tirar as suas

impressões digitais e a sua foto antes que o advogado chegue a…

— Terry! *Terry!*

Em vez de seguir o conselho de Ralph, Marcy Maitland seguiu o carro da polícia desde o campo de beisebol, no seu Toyota. Jamie Mattingly, uma vizinha, tinha falado com Marcy e levado Sarah e Grace para a casa dela. As duas garotas estavam chorando. Jamie também.

— Terry, o que eles estão fazendo? O que *eu* devo fazer?

Ele se soltou por um momento de Yates, que o estava segurando pelo braço.

— Ligue para Howie!

Foi a única coisa que o treinador teve tempo de dizer. Ramage abriu a porta com os dizeres SOMENTE FUNCIONÁRIOS DA POLÍCIA, e Yates empurrou Terry para dentro, sem nenhuma gentileza, com uma das mãos na lombar dele.

Ralph ficou para trás por um segundo, segurando a porta.

— Vá para casa, Marcy — disse ele. — Vá antes que o pessoal da imprensa chegue lá. — Ele quase acrescentou “Sinto muito por tudo isso”, mas não falou nada. Porque não sentia. Betsy Riggins e a Polícia Estadual a estariam esperando, mas ainda era a melhor coisa que ela podia fazer. A única, na verdade. E talvez ele devesse a Marcy. Pelas garotas, com certeza, elas eram as verdadeiras inocentes naquela história. Mas também…

O procedimento está errado. Eu não esperaria isso de você.

Não havia motivo para Ralph sentir culpa pela reprovação de um homem que estuprara e assassinara uma criança, mas, por um momento, ele sentiu mesmo assim. Então, pensou nas fotos da cena do crime, imagens tão feias que quase dava vontade de desejar ser cego. Ele pensou no galho saindo do reto do garotinho. Pensou em uma marca de sangue na madeira lisa. Lisa porque a mão que deixou a marca tinha enfiado o galho com tanta força que a casca fora arrancada.

Bill Samuels fez dois comentários simples. Ralph concordou, e o juiz Carter também, que foi quem Samuels procurou para pedir os vários mandados. Primeiro, já estava tudo certo. Não fazia sentido esperar, se eles já tinham tudo de que precisavam. Segundo, se dessem tempo a Terry, o sujeito poderia fugir, e teriam que encontrá-lo antes que ele achasse outro Frank Peterson para estuprar e matar.

Depoimento do sr. Riley Franklin (*13 de julho, 7h45, interrogado pelo detetive Ralph Anderson*)

Detetive Anderson: Vou mostrar seis fotografias de seis homens diferentes, sr. Franklin, e gostaria que você mostrasse aquele que viu atrás do Shorty's Pub na noite de 10 de julho. Leve o tempo que precisar.

Franklin: Não preciso. É aquele ali. O número dois. É o Treinador T. Não consigo acreditar. Ele treinou o meu filho na Liga Infantil.

Detetive Anderson: Treinou o meu também. Obrigado, sr. Franklin.

Franklin: A injeção letal é boa demais para ele. Deviam pendurar o cara com uma corda no pescoço, bem devagar.

11

Marcy entrou no estacionamento do Burger King na avenida Tinsley e pegou o celular da bolsa. Suas mãos estavam tremendo, e ela o deixou cair no chão. Inclinou-se para pegar o aparelho, bateu a cabeça no volante e começou a chorar de novo. Foi procurando na lista de contatos e encontrou o número de Howie Gold, não porque os Maitland tinham um motivo para ter um advogado na discagem rápida, mas porque Howie fora treinador de futebol americano com Terry nas duas últimas temporadas. Ele atendeu no segundo toque.

— Howie? Aqui é Marcy Maitland. A esposa de Terry — falou ela, como se eles não jantassem juntos todo mês desde 2016.

— Marcy? Você está chorando? O que aconteceu?

Era uma coisa tão grande que ela não conseguiu dizer na primeira tentativa.

— Marcy? Ainda está aí? Você sofreu algum acidente ou algo assim?

— Estou aqui. Não fui eu, foi Terry. Prenderam Terry. Ralph Anderson prendeu Terry. Pelo assassinato daquele garoto. Foi o que disseram. Pelo assassinato do garoto Peterson.

— *O quê?* Você está de *sacanagem*?

— Ele nem estava na cidade! — disse Marcy, chorando. Ela se ouviu chorando, achou que parecia uma adolescente tendo um ataque de birra, mas não conseguia parar. — Prenderam ele e disseram que a polícia está esperando na minha casa!

— Onde estão Sarah e Grace?

— Deixei as duas com Jamie Mattingly, da rua ao lado. Elas vão ficar bem por enquanto. — Embora, depois de verem o pai ser preso e levado algemado, como poderiam ficar bem?

Marcy massageou a testa e se perguntou se o volante deixou uma marca, e depois se perguntou por que se importava. Porque já podia ter gente da

imprensa esperando na casa? Porque, se houvesse, podiam ver a marca e achar que Terry tinha batido nela?

— Howie, pode me ajudar? Pode nos ajudar?

— Claro que sim. Levaram Terry para a delegacia?

— Levaram! Algemado!

— Tudo bem. Estou indo para lá. Vá para casa, Marce. Veja o que a polícia quer. Se tiverem um mandado de busca, e deve ser por isso que estão lá, não consigo pensar em outro motivo, leia, veja o que querem, deixe que entrem, mas não diga nada. Entendeu? Não diga *nada*.

— Eu… sim.

— O garoto Peterson foi morto na última terça, acho. Espere… — Houve um murmúrio ao fundo, primeiro a voz de Howie, depois de uma mulher, provavelmente a esposa dele, Elaine. Howie voltou ao telefone. — Sim, foi na terça. Onde Terry estava na terça?

— Em Cap City! Ele foi…

— Não importa agora. Pode ser que a polícia pergunte sobre isso. Pode ser que perguntem todo tipo de coisa. Diga que não vai falar nada por recomendação do seu advogado. Entendeu?

— E-entendi.

— Não deixe que convençam, intimidem ou enganem você. Eles são bons nessas coisas.

— Tudo bem. Pode deixar.

— Onde você está agora?

Ela sabia, tinha visto a placa, mas teve que olhar de novo para ter certeza.

— No Burger King. Aquele da Tinsley. Parei aqui para ligar para você.

— Você está bem para dirigir?

Ela quase contou que tinha batido a cabeça, mas acabou não falando nada.

— Estou.

— Respire fundo. Três vezes. E vá para casa. Fique dentro do limite de velocidade o tempo todo, sinalize cada vez que for entrar em uma rua. Terry tem computador?

— Tem. No escritório dele. E tem também um iPad, que não usa muito. E nós dois temos laptops. As garotas têm iPads Minis. E celulares, é claro, todos temos celulares. Grace acabou de ganhar um de aniversário, três meses atrás.

— Vão dar a você uma lista de coisas que pretendem levar.

— Eles podem fazer isso? — Ela não estava mais chorando, mas estava

quase. — Pegar as nossas coisas? Não estamos na Rússia ou na Coreia do Norte!

— Eles podem pegar o que o mandado disser que podem, mas quero que você faça uma lista. Os celulares das meninas estão com elas?

— Você está brincando? Os aparelhos estão praticamente grudados nas mãos delas.

— Tudo bem. A polícia pode querer levar o seu. Não dê permissão.

— E se pegarem mesmo assim? — Aquilo importava? De verdade?

— Não vão pegar. Se você não foi acusada de nada, não podem fazer isso. Vá agora. Estarei com você assim que puder. Vamos resolver isso, prometo.

— Obrigada, Howie. — Ela começou a chorar de novo. — Muito obrigada.

— Tudo bem. E lembre, limite de velocidade, paradas totais, sinalização. Entendeu?

— Entendi.

— Estou indo para a delegacia agora. — E desligou.

Marcy engrenou o carro, mas desengrenou. Respirou fundo. Duas vezes. Três. *Isso é um pesadelo, mas pelo menos vai ser curto. Ele estava em Cap City. Vão ver isso e soltar ele.*

— Depois — disse ela para o carro (parecia tão vazio sem as meninas rindo e brigando no banco de trás) —, vamos processar todos eles.

Isso a fez empertigar a coluna e pôs o mundo em foco de novo. Ela dirigiu até a travessa Barnum, mantendo-se dentro do limite de velocidade e parando por completo sempre que havia uma placa de PARE.

12

Depoimento do sr. George Czerny (*13 de julho, 8h15, interrogado pelo policial Ronald Wilberforce*)

Policial Wilberforce: Obrigado por vir, sr. Czerny…

Czerny: A pronúncia é “Zurny”. C-Z-E-R-N-Y. O C é mudo.

Policial Wilberforce: Aham, obrigado, vou me lembrar disso. O detetive Ralph Anderson também vai querer falar com você, mas agora ele está ocupado com outro interrogatório e me pediu para pegar os fatos básicos enquanto ainda estão frescos na sua mente.

Czerny: Você vai mandar rebocar aquele carro? O Subaru? É melhor apreender ele logo para que ninguém possa contaminar as provas. Tem muitas provas lá, tenho certeza.

Policial Wilberforce: Está sendo providenciado enquanto conversamos, senhor. Soube que foi pescar hoje de manhã?

Czerny: Bom, o plano era esse, mas no fim das contas nem cheguei a molhar a linha de pesca. Saí logo depois que o sol nasceu e fui para o que chamam de Ponte de Ferro. Sabe onde é, na estrada Old Forge?

Policial Wilberforce: Sim, senhor.

Czerny: É um ótimo lugar para pescar bagre. Muitas pessoas não gostam de bagre porque é um

peixe feio, sem mencionar que mordem às vezes, quando você está tentando tirar o anzol deles, mas a minha esposa frita com sal e suco de limão, e fica uma delícia. O limão é o segredo, sabe. E a frigideira tem que ser de ferro. O que a minha mãe chamava de aranha.

Policial Wilberforce: Você estacionou no final da ponte…

Czerny: Foi, mas fora da estrada. Tem um embarcadouro velho lá. Há alguns anos, alguém comprou o terreno e instalou uma cerca de arame com placas de PROPRIEDADE PARTICULAR. Mas ainda não construíram nada lá. Aqueles poucos hectares ficam enchendo de mato, e o embarcadouro está meio submerso. Sempre paro a picape na estradinha que desce até a cerca de arame. Foi o que fiz hoje de manhã, e o que eu vi? A cerca foi derrubada e tinha um carrinho verde estacionado na beirada do embarcadouro submerso, tão perto da água que os pneus da frente estavam com lama até a metade. Fui até lá porque achei que algum cara devia ter saído do bar de strip bêbado como um gambá na noite anterior e acabou indo parar fora da estrada. Achei que ele podia estar dentro do veículo, desmaiado.

Policial Wilberforce: Quando você diz bar de strip, está falando do Gentlemen, Please, no limite da cidade?

Czerny: É. Isso. Os homens vão pra lá, enchem a cara, enfiam notas de um e de cinco na calcinha das garotas até estarem sem grana e voltam bêbados pra casa. Não entendo a atração desse tipo de lugar.

Policial Wilberforce: Aham. Então você desceu e olhou o carro.

Czerny: Era um Subaru verde. Não tinha ninguém dentro, mas tinha roupas sujas de sangue no banco do passageiro, e pensei na mesma hora no garotinho que foi assassinado, porque o jornal na TV disse que a polícia estava procurando por um Subaru verde em ligação com o crime.

Policial Wilberforce: Viu mais alguma coisa?

Czerny: Tênis. No chão em frente ao banco do passageiro. Também estavam sujos de sangue.

Policial Wilberforce: Você tocou em alguma coisa? Tentou abrir as portas?

Czerny: Caramba, não. Minha esposa e eu nunca perdíamos um episódio de *CSI* quando passava.

Policial Wilberforce: O que você fez?

Czerny: Liguei para o 911.

13

Terry Maitland estava em uma sala de interrogatório, esperando. As algemas tinham sido retiradas, para o advogado não criar caso quando chegasse, o que seria logo. Ralph Anderson estava em posição de descanso, as mãos unidas nas costas, observando o antigo treinador do seu filho pelo espelho de um lado só. Ele mandara Yates e Ramage saírem. Falara com Betsy Riggins, que disse que a sra. Maitland ainda não tinha chegado em casa. Agora que a prisão fora feita e o seu sangue esfriara um pouco, Ralph voltou a sentir uma inquietação pela velocidade com que aquilo estava progredindo. Não era surpreendente Terry estar alegando ter um álibi, e sem dúvida seria provado que era mentira, mas…

— Ei, Ralph. — Bill Samuels se aproximou rápido, amarrando o nó da gravata enquanto andava. O cabelo dele era preto como graxa e bem curto, mas tinha um redemoinho atrás, o que o fazia parecer ainda mais jovem. Ralph sabia que Samuels havia sido o promotor em uns seis casos de homicídio em primeiro grau, e fora bem-sucedido em todos, com dois

assassinos condenados (ele os chamava de “seus garotos”) agora no corredor da morte na McAlester. Isso era ótimo, não havia nada de errado em ter um menino-prodígio na equipe, mas hoje o promotor público do condado de Flint mais parecia o Alfalfa de *Os batutinhas*.

— Oi, Bill.

— Lá está ele — disse Samuels, olhando para Terry. — Mas não gosto de vê-lo com a camisa do jogo e o boné do Dragons. Vou ficar mais feliz quando ele estiver de uniforme. Mais ainda quando estiver em uma cela a seis metros da cadeira de execução.

Ralph não falou nada. Estava pensando em Marcy, na extremidade do estacionamento da delegacia, parecendo uma criança perdida, retorcendo as mãos e olhando para Ralph como se ele fosse um estranho. Ou o bicho-papão. Só que o bicho-papão ali era o marido dela.

Como se lendo seus pensamentos, Samuels perguntou:

— Não parece um monstro, parece?

— Eles quase nunca parecem.

Samuels enfiou a mão no bolso do paletó e tirou várias folhas de papel dobradas. Uma era uma cópia das impressões digitais de Terry Maitland, que vieram do arquivo da Flint City High School. Todos os novos professores precisavam registrar as digitais antes de entrar em sala de aula. As duas outras folhas de papel tinham um cabeçalho que dizia CRIMINALÍSTICA ESTADUAL. Samuels as levantou e sacudiu.

— Os melhores e mais recentes relatórios.

— Do Subaru?

— É. O pessoal da estadual tirou mais de setenta digitais, e cinquenta e sete são de Maitland. De acordo com o técnico que fez a comparação, as outras são bem menores, provavelmente da mulher de Cap City que fez o boletim de ocorrência do carro roubado duas semanas atrás. Barbara Nearing é o nome dela. As dela são bem mais antigas, o que a exclui como participante do assassinato de Peterson.

— Certo, mas ainda precisamos de DNA. Ele se recusou a permitir a coleta. — Diferentemente das digitais, a coleta de DNA na parte interna da bochecha era considerada *invasiva* naquele estado.

— Você sabe muito bem que não precisamos. Betsy Riggins e a Polícia Estadual vão pegar a lâmina de barbear dele, a escova de dentes e qualquer cabelo que encontrarem no travesseiro.

— Não é bom o bastante até o que temos bater com as amostras que

tirarmos aqui. Você sabe disso.

Samuels olhou para ele com a cabeça inclinada. Agora, não parecia o Alfalfa de *Os batutinhas*, mas um roedor bastante inteligente. Ou talvez um corvo de olho em uma coisa brilhante.

— Você está tendo dúvidas? Por favor, não me diga isso. Ainda mais porque você estava tão entusiasmado para entrar em ação quanto eu hoje de manhã.

Naquele momento, eu tinha Derek na cabeça, pensou Ralph. *Isso foi antes de Terry me olhar nos olhos, como se tivesse direito a isso. E antes de me chamar de filho da mãe, o que não devia ter me afetado, mas afetou.*

— Não estou tendo dúvidas. É só que agir tão depressa me deixa nervoso. Estou acostumado a construir um caso. Eu nem tinha mandado de prisão.

— Se você visse um adolescente tirando crack da mochila na praça da cidade, precisaria de um mandado?

— Claro que não, mas isso é diferente.

— Não muito, na verdade. No entanto, eu tenho um mandado, que foi executado pelo juiz Carter antes de você fazer a prisão. Deve estar no seu fax agora mesmo. Então… vamos entrar e discutir a questão? — Os olhos de Samuels estavam brilhando mais do que nunca.

— Acho que ele não vai falar com a gente.

— Não, é provável que não.

Samuels sorriu, e, naquele sorriso, Ralph viu o homem que tinha colocado dois assassinos no corredor da morte. E ele não tinha dúvidas de que colocaria o antigo treinador da Liga Infantil de Derek Anderson no mesmo lugar. O homem seria apenas mais um dos "garotos" de Bill.

— Mas nós podemos falar com *ele*, não? Podemos mostrar que as paredes estão se fechando e que logo ele vai virar geleia de morango no meio delas.

14

Depoimento da sra. Esbelta Rainwater (*13 de julho, 11h40, interrogada pelo detetive Ralph Anderson*)

Rainwater: Pode admitir, detetive. Eu sou a Esbelta menos esbelta que você já viu.

Detetive Anderson: Seu tamanho não está em questão aqui, sra. Rainwater. Estamos aqui para discutir…

Rainwater: Ah, está sim, você é que não sabe. O meu tamanho foi o motivo para eu estar lá. Quase sempre tem uns dez, talvez doze táxis esperando em volta daquele palácio das calcinhas perto das onze da noite, e eu sou a única mulher. Por quê? Porque nenhum dos clientes tenta dar em cima de mim, por mais bêbado que esteja. Eu poderia ter jogado futebol americano na escola se deixassem mulheres entrarem no time. Metade daqueles caras nem percebe que eu sou mulher quando entra no meu táxi, e muitos continuam sem saber quando saem. E eu nem ligo para isso. Só achei que podia querer saber o que eu estava fazendo lá.

Detetive Anderson: Tudo bem, obrigado.

Rainwater: Mas isso não foi às onze, foi por volta das oito e meia.

Detetive Anderson: Na noite de terça, 10 de julho.

Rainwater: Isso mesmo. As noites de semana são lentas em toda a cidade desde que a petroquímica meio que secou. Muitos motoristas ficam na garagem falando merda, jogando pôquer e contando histórias de putaria, mas nada disso presta para mim, então prefiro ir para o Flint Hotel, ou para o Holiday Inn, ou para o Doubletree. Ou vou ao Gentlemen, Please. Tem um ponto de táxi lá, sabe, para aqueles que não beberam o suficiente a ponto de achar que podem voltar dirigindo para casa, e se chego lá cedo, costumo ser a primeira da fila. Segunda ou terceira no máximo. Fico sentada lá, lendo no meu Kindle enquanto espero uma viagem. É difícil ler um livro normal quando escurece, mas o Kindle é ótimo. Uma invenção do caralho, com o perdão do palavreado.

Detetive Anderson: Se puder me contar…

Rainwater: Estou contando, mas tenho o meu jeito de contar, sou assim desde que usava fralda, então fique quieto. Eu sei o que você quer e vou lhe dar. Aqui e no tribunal. Quando mandarem o filho da puta assassino de crianças para o inferno, vou vestir a minha calça de couro e o meu cocar de penas e dançar até cair. Entendido?

Detetive Anderson: Entendido.

Rainwater: Naquela noite, como estava cedo, o meu táxi era o único no ponto. Eu não vi ele entrar. Tenho uma teoria sobre isso, e aposto cinco dólares de que estou certa. Acho que ele não foi ver as xoxotas dançarinas. Acho que ele apareceu antes de eu chegar, talvez só um pouco antes, e entrou para chamar um táxi.

Detetive Anderson: Você ganharia essa aposta, sra. Rainwater. Seu atendente…

Rainwater: Clint Ellenquist estava atendendo na noite de terça.

Detetive Anderson: Correto. O sr. Ellenquist falou para a pessoa que ligou dar uma olhada no ponto de táxi no estacionamento porque logo haveria um táxi lá, se já não houvesse. Essa ligação aconteceu às oito e quarenta.

Rainwater: Acho que foi por aí. Ele saiu e foi até o meu táxi…

Detetive Anderson: Pode me dizer o que ele estava vestindo?

Rainwater: Calça jeans e uma camisa bonita de botão. A calça jeans estava surrada, mas limpa. É difícil dizer com aquela iluminação do estacionamento, mas acho que a camisa era amarela. Ah, e o cinto dele tinha uma fivela bonita, de cabeça de cavalo. Coisa de rodeio. Até ele se inclinar, achei que era só mais um funcionário da petroquímica que conseguiu manter o emprego quando o preço do óleo cru disparou, ou talvez um operário de construção. Mas aí vi que era Terry Maitland.

Detetive Anderson: Você tem certeza disso?

Rainwater: Juro por Deus. As luzes do estacionamento são fortes como a luz do dia. Fazem isso para desencorajar furtos, brigas e tráfico de drogas. Porque a clientela é formada exclusivamente por cavalheiros, você sabe. Além disso, treino basquete da Liga Prairie na ACM. Os times são mistos, mas a maioria dos jogadores são garotos. Maitland ia até lá, não todos os sábados, mas muitos, e ficava sentado na arquibancada com os pais vendo a molecada jogar. Ele me falou que ia procurar talentos para o beisebol da Liga da Cidade, dizia que dava para perceber um garoto com talento defensivo natural só de ver ele fazendo cestas, e, como uma idiota, eu acreditei nele. Ele devia estar sentado ali tentando decidir qual queria encurralar. Avaliando os meninos como os homens avaliam as mulheres em um bar. Filho da puta pervertido do caralho. Procurando talentos meu cu indígena!

Detetive Anderson: Quando ele foi até o seu táxi, você disse que o reconheceu?

Rainwater: Ah, sim. Discrição pode ser o sobrenome de outra pessoa, mas não é o meu. Eu disse: “Oi, Terry, sua esposa sabe onde você esteve hoje?”. E ele respondeu: “Precisei resolver uma coisa”. E eu falei: “Essa coisa envolvia uma garota rebolando no seu colo?”. E ele disse: “Você devia ligar para a central e avisar ao atendente que o meu problema foi resolvido”. E eu falei: “Vou fazer isso. Nós vamos para casa, Treinador T?”. E ele respondeu: “Não, senhora. Me leve até Dubrow. Para a estação de trem”. Eu disse: “Vai ser uma viagem de quarenta dólares”. E ele falou: “Se chegarmos lá a tempo de

pegar o trem para Dallas, dou vinte de gorjeta”. E eu disse: “Pode entrar e botar o cinto, treinador, que já estamos indo”.

Detetive Anderson: E você levou ele até a estação Amtrak de Dubrow?

Rainwater: Levei. Chegamos lá a tempo de ele pegar o trem noturno para Dallas-Fort Worth.

Detetive Anderson: Você conversou com ele no caminho? Pergunto porque você parece do tipo que gosta de conversar.

Rainwater: Ah, eu gosto! Minha língua não para, é que nem uma esteira de um caixa de supermercado em dia de pagamento. Pode perguntar a qualquer um. Eu comecei falando do torneio da Liga da Cidade, se eles iam ganhar do Bears, e ele respondeu: “Espero boas coisas”. É como a resposta de uma daquelas bolas 8 mágicas, né? Aposto que ele estava pensando no que tinha feito e estava preparando uma fuga rápida. Esse tipo de coisa deve prejudicar a capacidade de ter conversas triviais. Minha pergunta pra você, detetive, é: Por que ele voltou para FC? Por que não fugiu por todo o Texas até o México?

Detetive Anderson: O que mais ele disse?

Rainwater: Não muito. Falou que ia tentar tirar um cochilo. Fechou os olhos, mas acho que estava fingindo. Acho que devia estar me espiando, talvez pensando em tentar alguma coisa. Eu bem que queria que ele tivesse tentado. E queria saber na hora o que sei agora, sobre o que ele fez. Teria arrancado ele do meu táxi e cortado fora o material dele. Não estou mentindo.

Detetive Anderson: E quando chegaram à estação Amtrak?

Rainwater: Parei no embarque e ele jogou três notas de vinte no banco da frente. Comecei a dizer que era para ele mandar lembranças para a esposa, mas o homem já estava longe. Ele foi ao Gentlemen para trocar de roupa no banheiro masculino? Porque tinha sangue nela?

Detetive Anderson: Vou colocar seis fotografias de seis homens diferentes na sua frente, sra. Rainwater. Todos são parecidos, e leve o tempo que pre…

Rainwater: Nem precisa. É este aqui. É Maitland. Vá prender ele, e espero que ele resista. Vai economizar uma graninha dos impostos.

15

Quando Marcy Gibson estava no ginásio (esse era o nome na época em que estudava), ela às vezes tinha um pesadelo em que chegava na sala de aula nua e todo mundo ria. *A burra da Marcy Gibson se esqueceu de se vestir hoje de manhã! Olhem, dá para ver tudo!* Quando chegou ao ensino médio, esse sonho gerado pela ansiedade foi substituído por um mais sofisticado, em que ela ia para a aula vestida, mas percebia que faria a prova mais importante da vida e se esquecera de estudar.

Quando saiu da rua Barnum e entrou na travessa Barnum, o horror e a impotência daqueles sonhos voltaram, e dessa vez não haveria o alívio doce e um murmúrio de *Graças a Deus* quando acordasse. Na entrada da casa, havia um carro da polícia que podia ser gêmeo do que levou Terry à delegacia. Estacionado atrás dele estava uma picape sem janelas com UNIDADE CRIMINAL MÓVEL DA POLÍCIA ESTADUAL escrito na lateral em grandes letras azuis. Nas extremidades havia duas viaturas pretas com as luzes piscando na escuridão crescente do dia. Quatro policiais enormes, com chapéus marrons estilo polícia montada, que faziam com que parecessem ter mais de dois metros de

altura, estavam parados na calçada, as pernas abertas (*como se as bolas fossem grandes demais para conseguirem fechar as pernas*, pensou Marcy). Essas coisas eram bem ruins, mas não eram as piores. As piores eram os vizinhos nos gramados olhando. Eles sabiam por que a presença policial tinha se materializado de repente na frente da linda casa dos Maitland? A mulher achava que a maioria já sabia — era a maldição dos celulares —, e que esses contariam aos que não sabiam.

Um dos policiais foi para o meio da rua e levantou a mão. Ela parou e abriu a janela.

— Você é Marcy Maitland, senhora?

— Sou. Não consigo entrar na garagem com esses veículos na frente.

— Estacione ali, no meio-fio — disse ele, apontando para trás de uma das viaturas.

Marcy sentiu vontade de se jogar para fora da janela aberta, chegar perto da cara dele e gritar: *É a MINHA entrada! A MINHA garagem! Tirem as suas coisas do meu caminho!*

Em vez disso, ela estacionou o carro e saiu. Precisava fazer xixi com urgência. Devia estar precisando desde que Terry foi algemado, mas só percebeu agora.

Um dos outros policiais estava falando no rádio do ombro, e do canto da casa, com um walkie-talkie na mão, veio o toque final do surrealismo daquele dia maligno: uma mulher grávida enorme com vestido florido sem mangas. Ela atravessou o gramado dos Maitland com aquela caminhada peculiar de pato, quase sacolejante, que todas as mulheres parecem ter quando chegam no final do terceiro trimestre. A mulher não sorriu ao se aproximar de Marcy. Uma identificação plastificada estava pendurada no pescoço dela. Preso no vestido, em cima de um seio enorme e tão deslocado quanto um biscoito de cachorro em um prato de comunhão, estava um distintivo da polícia de Flint City.

— Sra. Maitland? Sou a detetive Betsy Riggins.

Ela esticou a mão. Marcy não a apertou. E apesar de Howie já ter lhe avisado, ela perguntou:

— O que vocês querem?

Betsy Riggins olhou por cima do ombro de Marcy. Um dos policiais estaduais estava ali. Aparentemente, era o chefe do quarteto, porque tinha listras na manga da camisa. Ele segurava uma folha de papel.

— Sra. Maitland, sou o tenente Yunel Sablo. Temos um mandado para

revistar a casa e levar qualquer objeto que pertença ao seu marido, Terence John Maitland.

Ela pegou o papel. MANDADO DE BUSCA estava impresso no alto em letras góticas. Em seguida, vinha um monte de blá-blá-blá jurídico, assinado embaixo com um nome que ela leu errado, de primeira, como juiz Crater. *Ele não desapareceu muito tempo atrás?*, pensou ela, e piscou para afastar a água dos olhos, talvez suor, talvez lágrimas, e viu que o nome era Carter, e não Crater, como o do famoso caso do juiz desaparecido em 1939. O documento tinha a data de hoje e fora assinado menos de seis horas antes.

Ela virou a folha de papel e franziu a testa.

— Não tem nada listado aqui. Isso quer dizer que podem levar até as cuecas dele se quiserem?

Betsy Riggins, que sabia que os policiais *levariam* qualquer roupa de baixo, fosse masculina ou feminina, que estivesse no cesto de roupas sujas da família, disse:

— Isso fica a nosso critério, sra. Maitland.

— A seu critério? A *seu* critério? Onde estamos, na Alemanha nazista?

Betsy Riggins disse:

— Essa é a investigação do assassinato mais hediondo que aconteceu neste estado durante os meus vinte anos na polícia, e vamos levar o que precisarmos levar. Tivemos a cortesia de esperar até você chegar em casa.

— Ao inferno com a sua cortesia. Se eu tivesse demorado mais, o que teriam feito? Arrombado a porta?

Betsy Riggins parecia pouco à vontade, e não era por causa da pergunta, pensou Marcy, mas por causa do passageiro que a mulher estava carregando naquela noite quente de julho. Ela devia estar sentada em casa, com o ar-condicionado ligado e os pés para o alto. Marcy não se importava. O coração dela estava disparado, a bexiga latejava e os olhos se enchiam de lágrimas.

— Esse teria sido o último recurso — disse o policial com as merdas das listras na manga —, mas estaríamos no nosso direito legal, conforme definido pelo mandado que acabei de lhe mostrar.

— Deixe a gente entrar, sra. Maitland — disse Betsy Riggins. — Quanto mais cedo começarmos, mais cedo vamos sair.

— Ei, Loot — disse um dos outros policiais. — Lá vêm os abutres.

Marcy se virou. Na esquina, uma van de televisão apareceu, com a antena ainda dobrada no teto. Atrás havia um utilitário com KYO no capô com grandes letras brancas. Atrás dele, quase beijando o para-choque do veículo

da KYO, vinha um terceiro veículo de outro canal.

— Entre conosco — disse Betsy Riggins, quase persuasiva. — Você não vai querer estar na calçada quando eles chegarem.

Marcy cedeu, achando que seria a primeira rendição de muitas. A privacidade. A dignidade. A sensação de segurança das filhas. E o marido? Ela seria obrigada a entregar Terry? Claro que não. A acusação contra ele era insana. Seria como acusá-lo de ter sequestrado o bebê Lindbergh.

— Tudo bem. Mas não vou falar nada, então nem tente. E não tenho que entregar o meu celular. Meu advogado falou.

— O.k. — Betsy Riggins a segurou pelo braço quando, considerando o tamanho dela, Marcy era quem devia estar segurando o dela, para cuidar para que a detetive não tropeçasse e caísse sobre a barriga enorme.

O Chevy Tacoma da KYO, "Ki-Yo", como chamavam a si mesmos, parou no meio da rua, e uma das correspondentes, a loura bonita, saiu tão rápido que a saia dela quase subiu até a cintura. Os policiais não deixaram de reparar naquilo.

— Sra. Maitland! Sra. Maitland, só umas perguntas!

Marcy não conseguia se lembrar de ter pegado a bolsa ao sair do carro, mas estava pendurada no seu ombro, e ela tirou a chave de casa de um bolso lateral sem dificuldade. O problema veio quando tentou enfiá-la na fechadura. A mão dela tremia demais. Betsy Riggins não pegou a chave, mas fechou a mão sobre a de Marcy para firmá-la, e a chave enfim entrou.

De trás dela, ouviu:

— É verdade que o seu marido foi preso pelo assassinato de Frank Peterson, sra. Maitland?

— Afaste-se — avisou um dos policiais. — Nem um passo além da calçada.

— *Sra. Maitland!*

Eles entraram. Isso foi bom, mesmo com a detetive grávida ao seu lado, mas a casa estava diferente, e Marcy sabia que nunca mais seria igual. Pensou na mulher que tinha saído dali com as filhas, todas rindo e empolgadas, e era como pensar em uma mulher que você já tinha amado, mas que havia morrido.

As pernas dela cederam, e Marcy caiu no banco do hall, onde as garotas se sentavam para calçar as botas no inverno. Onde Terry às vezes se sentava (como fizera naquele dia mesmo) para repassar a escalação antes de ir para o campo. Betsy Riggins se acomodou ao lado dela com um grunhido de alívio,

o quadril direito volumoso batendo na bunda menos acolchoada de Marcy. O policial com as listras na manga, Sablo, e mais dois outros passaram sem nem olhar para elas, calçando luvas azuis grossas de plástico. Eles já estavam com sapatilhas também azuis sobre os sapatos. Marcy supôs que o quarto agente estava controlando a multidão lá fora. Controlando a multidão na frente da casa deles, na pacata travessa Barnum.

— Preciso fazer xixi — disse ela para Betsy Riggins.

— Eu também — respondeu Betsy Riggins. — Tenente Sablo! Uma palavrinha.

O cara com a merda das listras na manga voltou até o banco. Os outros dois continuaram na cozinha, onde a coisa mais horrível que encontrariam era metade de um bolo de chocolate na geladeira.

Para Marcy, Riggins perguntou:

— Vocês têm banheiro aqui embaixo?

— Sim, depois da despensa. Terry mesmo construiu o banheiro ano passado.

— Aham. Tenente, as moças precisam fazer xixi, então é lá que você vai começar, e seja o mais rápido que puder. — E, para Marcy: — Seu marido tem um escritório?

— Não exatamente. Ele usa um canto da sala de jantar.

— Obrigada. Essa vai ser a sua segunda parada, tenente. — A detetive se virou para Marcy. — Se importa de eu fazer uma perguntinha enquanto esperamos?

— Sim.

Riggins não deu atenção a isso.

— Você reparou em algo estranho no comportamento do seu marido nas últimas semanas?

Marcy deu uma gargalhada sem humor.

— Você quer saber se ele estava se preparando para cometer um assassinato? Andando por aí esfregando as mãos, talvez babando e resmungando sozinho? A gravidez afetou o seu cérebro, detetive?

— Vou tomar isso como um não.

— É. Agora, por favor, pare de me *encher o saco*!

Betsy Riggins se encostou e cruzou as mãos sobre a barriga, deixando Marcy com a bexiga latejante e a lembrança de algo que Gavin Frick dissera na semana anterior, após o treino: *Por onde anda a cabeça de Terry ultimamente? Durante parte do tempo, o treinador parece estar em outro*

lugar. Ele está gripado ou algo assim?

— Sra. Maitland?

— O quê?

— Você está com cara de quem pensou em alguma coisa.

— Pensei, sim. Estava pensando que ficar sentada com você nesse banco é muito desconfortável. É como sentar ao lado de um forno que sabe respirar.

As bochechas já vermelhas de Betsy Riggins ficaram ainda mais vermelhas. Por um lado, Marcy ficou horrorizada com o que tinha acabado de dizer, com a crueldade das palavras. Por outro, estava feliz da vida de ter dado um golpe que parecia ter sido certeiro.

De qualquer forma, Betsy Riggins não fez mais pergunta alguma.

No que pareceu um tempo infinito depois, Sablo voltou, segurando um saco plástico transparente com todos os comprimidos do armário de remédios do banheiro de baixo (remédios sem controle; os poucos controlados estavam nos dois banheiros do andar de cima) e o tubo de creme para hemorroidas de Terry.

— Está liberado — disse ele.

— Você primeiro — disse Betsy Riggins.

Em outra circunstância, Marcy teria deixado a moça grávida ir primeiro e se segurado mais um pouco, mas não naquela. Ela entrou, fechou a porta e viu que a tampa do tanque atrás do vaso estava torta. Eles xeretaram ali procurando só Deus sabe o quê. Drogas, talvez. Ela urinou com a cabeça abaixada e o rosto nas mãos, para não ter que encarar o resto da bagunça. Ela levaria Sarah e Grace de volta para casa naquela noite? Teria que escoltá-las pelo brilho dos holofotes de televisão que sem dúvida já estariam montados àquela altura? E se a resposta fosse não, para onde as levaria? Para um hotel? E eles (*os abutres*, o policial tinha dito) ainda as encontrariam? Claro que sim.

Quando terminou de esvaziar a bexiga, Betsy Riggins entrou. Marcy foi para a sala de jantar, pois não queria compartilhar o banco da entrada com a policial Shamu. A polícia estava remexendo na mesa de Terry, *violando* a mesa, na verdade, puxando todas as gavetas, empilhando a maior parte do conteúdo no chão. O computador já tinha sido desmontado, os vários componentes receberam adesivos amarelos, como se em preparação para uma liquidação.

Marcy pensou: *Uma hora atrás, a coisa mais importante da minha vida era uma vitória do Golden Dragons e a ida para a final.*

Betsy Riggins voltou.

— Ah, agora estou muito melhor — disse ela, se sentando à mesa de jantar. — E vou ficar assim por mais uns quinze minutos.

Marcy abriu a boca, e o que quase saiu foi: *Espero que o seu bebê morra.*

Em vez disso, ela falou:

— Que bom que alguém está se sentindo melhor. Mesmo que seja por quinze minutos.

16

Depoimento do sr. Claude Bolton (*13 de julho, 16h30, interrogado pelo detetive Ralph Anderson*)

Detetive Anderson: Caramba, Claude, deve ser bom para você estar aqui sem ser o sujeito que está encrencado. Uma novidade.

Bolton: Sabe, até que é mesmo. Pegar carona no banco da frente da viatura em vez de ir no banco traseiro. Cento e quarenta e cinco quilômetros por hora na maior parte do caminho de Cap City. Luzes, sirenes, o circo todo. Você está certo. Foi legal.

Detetive Anderson: O que estava fazendo em Cap?

Bolton: Admirando as paisagens. Tirei duas noites de folga, por que não? Não tem lei contra isso, tem?

Detetive Anderson: Soube que você estava admirando as paisagens com Carla Jeppeson, conhecida como Pixie Dreamboat quando está trabalhando.

Bolton: Você tinha mesmo que saber, já que ela veio na viatura comigo. Carla também gostou do passeio, aliás. Disse que foi bem melhor que andar de ônibus.

Detetive Anderson: E as paisagens que admirou foram quase todas do quarto 509 do Western Vista Motel, na rodovia 40?

Bolton: Ah, não passamos o tempo todo lá. Fomos ao Bonanza jantar duas vezes. A comida lá é boa pra caramba, e é barata. Além disso, Carla quis ir ao shopping, então passamos um tempo lá. Tem parede de escalada, e eu arrasei.

Detetive Anderson: Aposto que sim. Você sabia que um garoto tinha sido assassinado aqui em Flint City?

Bolton: Posso ter visto alguma coisa na TV. Escuta, você não acha que eu tive alguma coisa a ver com isso, acha?

Detetive Anderson: Não, mas pode ter informações sobre a pessoa que cometeu o assassinato.

Bolton: Como eu…?

Detetive Anderson: Você trabalha como leão de chácara no Gentlemen, Please, não é verdade?

Bolton: Sou parte da equipe de segurança. Não usamos o termo leão de chácara. O Gentlemen, Please é um estabelecimento de classe.

Detetive Anderson: Não vamos discutir sobre isso. Você estava trabalhando na noite de terça, pelo que eu soube. Só saiu de Flint City na tarde de quarta.

Bolton: Foi Tony Ross quem contou que fui com Carla para Cap City?

Detetive Anderson: Foi.

Bolton: Tivemos desconto no motel porque o tio de Tony é o dono. Tony também estava trabalhando na terça, foi quando pedi pra ele ligar para o tio. Somos amigos, Tony e eu. Ficamos na porta das quatro até as oito, depois no poço das oito até meia-noite. O poço fica na frente do palco, onde os cavalheiros se sentam.

Detetive Anderson: O sr. Ross também me disse que, por volta das oito e meia, você viu uma pessoa que reconheceu.

Bolton: Ah, o Treinador T. Ei, você não acha que foi ele quem matou o garoto, acha? Porque o

Treinador T é certinho. Ele treinou os sobrinhos do Tony no futebol americano e na Liga Infantil. Fiquei surpreso de ver o cara lá no nosso estabelecimento, mas não chocado. Você nunca imaginaria algumas das pessoas que vemos no poço: banqueiros, advogados, até alguns homens de uniforme. Mas é como dizem sobre Vegas: o que acontece no Gent's fica no…

Detetive Anderson: Aham, tenho certeza de que vocês são discretos como padres no confessionário.

Bolton: Pode fazer piada se quiser, mas somos. Se quisermos que os clientes voltem, temos que ser.

Detetive Anderson: Além do mais, apenas para deixar registrado, Claude, quando você diz Treinador T, está falando de Terry Maitland.

Bolton: Claro.

Detetive Anderson: Me diga como foi que viu ele.

Bolton: Nós não passamos o tempo todo no poço, sabe? Tem mais coisas a fazer do que isso. Na maior parte do tempo, a gente fica ali, circulando, cuidando para nenhum dos caras botarem as mãos nas garotas e apartando brigas antes que elas comecem; quando os homens ficam com tesão, eles também podem ficar agressivos; visto o seu ramo de serviço, você também deve saber disso. Mas o poço não é o único lugar onde a confusão pode começar, é só o lugar mais provável, então um de nós fica lá o tempo todo. O outro circula: olha o bar, a pequena alcova onde tem alguns video games e uma mesa de bilhar que funciona com moedas, os cubículos de danças particulares, e o banheiro masculino, claro. É onde o tráfico de drogas acontece, e se nós vemos, colocamos um fim naquilo e expulsamos os caras.

Detetive Anderson: Diz o homem que foi preso por posse e posse com intenção de revenda.

Bolton: Com todo respeito, senhor, isso é crueldade. Estou limpo há seis anos. Vou ao Narcóticos Anônimos e tudo. Quer uma amostra de urina? Fico feliz em colaborar.

Detetive Anderson: Não será necessário, e dou os parabéns pela sua sobriedade. Então, você estava circulando por volta das oito e meia…

Bolton: Isso. Eu olhei o bar e segui pelo corredor para dar uma olhada no banheiro masculino, e foi lá que vi o Treinador T desligando o telefone. Tem dois telefones públicos lá, mas só um funciona. Ele estava…

Detetive Anderson: Claude? Você ainda está aí?

Bolton: Só estou pensando. Lembrando. Ele parecia meio estranho. Atordoado. Você acha mesmo que ele matou o garoto? Pensei que fosse só por ser a primeira visita dele a um lugar onde as moças tiram a roupa. Alguns caras ficam assim, com cara de idiota. Ou talvez ele estivesse doidão. Falei: "Ei, treinador, como anda o time?". E ele me olhou com uma cara de quem nunca tinha me visto antes, apesar de eu ter ido a praticamente todos os jogos de futebol americano infantil em que Stevie e Stanley jogaram, e expliquei para ele como fazer uma reversão dupla, que o treinador nunca fazia porque dizia que era complexo demais para crianças pequenas. Se bem que, se eles conseguem aprender divisão por números grandes, podem aprender uma coisa assim, não acha?

Detetive Anderson: Tem certeza de que era Terence Maitland?

Bolton: Ah, Deus, tenho. Ele disse que o time estava ótimo e que só tinha dado uma paradinha ali para pedir um táxi. Que nem quando a gente fala que só lê a *Playboy* por causa dos artigos quando as nossas esposas encontram a revista no banheiro do lado da privada. Mas não discordei, o cliente tem sempre razão no Gentlemen desde que não tente meter a mão no peito de ninguém. Falei que podia já ter um ou dois táxis lá fora. Ele disse que o atendente falou a mesma coisa, me agradeceu e saiu andando.

Detetive Anderson: O que ele estava vestindo?

Bolton: Camisa amarela, calça jeans. A fivela do cinto tinha uma cabeça de cavalo. Tênis bacana. Eu me lembro porque parecia caro.

Detetive Anderson: Você foi o único que viu ele lá?

Bolton: Não, vi uns caras acenando quando ele saiu. Não sei quem eram, e você talvez tenha dificuldade de encontrá-los, porque muitos homens não querem admitir que gostam de frequentar lugares como o Gent's. É só um fato da vida. Não fiquei surpreso por ele ter sido reconhecido, porque

Terry é quase famoso por aqui. Até ganhou um tipo de prêmio alguns anos atrás, vi no jornal. Pode chamar Flint City do que você quiser, mas isso aqui não passa de uma cidadezinha onde todo mundo conhece todo mundo, nem que seja de vista. E os filhos de qualquer pessoa que possam ter alguma inclinação atlética conhecem o Treinador T do beisebol ou do futebol americano.

Detetive Anderson: Obrigado, Claude. Ajudou muito.

Bolton: Me lembrei de outra coisa, não é nada de mais, mas é meio sinistro se foi ele mesmo que matou o garoto.

Detetive Anderson: Continue.

Bolton: Foi só uma daquelas coisas que acontecem, não foi culpa de ninguém. Ele estava saindo para ver se tinha táxi no ponto, certo? Levantei a mão e disse: "Quero agradecer por tudo que você fez pelos sobrinhos do Tony, treinador. Eles são bons meninos, mas são meio indisciplinados, talvez porque os pais se separaram e tal. Você deu a eles uma coisa para fazer além de ficarem tocando o terror pela cidade". Acho que eu o peguei de surpresa, porque ele chegou um pouco para trás de repente antes de apertar a minha mão. O sujeito tinha o aperto forte, e… está vendo esse cortezinho nas costas da minha mão? Foi ele quem fez com o mindinho quando apertamos as mãos. Já está cicatrizado, não passou de um arranhãozinho, mas me levou de volta aos meus dias de drogas por um segundo ou dois.

Detetive Anderson: Por quê?

Bolton: Alguns caras, principalmente os Hell's Angels e os Devil's Disciples, deixavam a unha do mindinho ficar comprida. Já vi algumas do tamanho das unhas daqueles imperadores chineses. Alguns motoqueiros chegam até a decorar as unhas com adesivos, como as mulheres fazem. Eles chamam de unha da coca.

17

Depois da prisão no campo de beisebol, não havia chance de Ralph bancar o policial bom em uma tentativa de policial bom/policial mau, então só ficou encostado na parede da sala de interrogatório, observando. Ele estava preparado para outro olhar acusador de Terry, mas o treinador só deu uma olhadela nele, e sem expressão nenhuma, antes de voltar sua atenção para Bill Samuels, que tinha se sentado em uma das três cadeiras do lado oposto da mesa.

Vendo Samuels agora, Ralph começou a ter uma ideia de como ele subiu tão rápido no emprego. Enquanto os dois estavam do outro lado do espelho, o promotor só pareceu um pouco jovem para o serviço. Agora, de frente para o estuprador e assassino de Frankie Peterson, ele parecia ainda mais jovem, como um estagiário de escritório de advocacia que (por causa de alguma confusão) ficou encarregado de interrogar um criminoso dos grandes. Até o cabelinho de Alfalfa de pé na parte de trás da cabeça se somava ao papel no qual o sujeito caiu: jovem inexperiente felicíssimo de estar ali. Pode me contar tudo, diziam aqueles olhos arregalados e interessados, porque vou acreditar. É a minha primeira vez brincando com os garotos maiores e não sei o que fazer.

— Oi, sr. Maitland — disse Samuels. — Trabalho na promotoria do condado.

Bom começo, pensou Ralph. *Você* é *a promotoria do condado.*

— Está desperdiçando o seu tempo — disse Terry. — Não vou falar enquanto o meu advogado não chegar. Mas posso dizer que vejo um processo de bom tamanho por prisão por engano no seu futuro.

— Entendo que está aborrecido, qualquer um ficaria assim no seu lugar. Talvez a gente possa resolver rápido. Pode me dizer onde estava quando o garoto Peterson foi morto? Foi na tarde da última terça. Se estava em outro lugar, então…

— Eu estava — disse Terry —, mas pretendo discutir isso com o meu advogado antes de discutir com você. O nome dele é Howard Gold. Quando ele chegar, quero falar com ele em particular. Acho que é um direito meu, não? Já que sou inocente até que provem o contrário?

Boa recuperação, pensou Ralph. *Um criminoso de carreira não poderia ter feito melhor*.

— É, sim — disse Samuels. — Mas se você não fez nada…

— Nem tente, sr. Samuels. Você não me trouxe aqui por ser um cara legal.

— Na verdade, eu sou — falou ele, sincero. — Se foi engano, estou tão interessado em consertar toda a situação quanto você.

— Tem cabelo em pé na parte de trás da sua cabeça — disse Terry. — É melhor fazer alguma coisa quanto a isso. Deixa você parecendo o Alfalfa naquelas comédias antigas que eu via quando era criança.

Ralph nem chegou perto de rir, mas o canto da boca tremeu. Não conseguiu evitar.

Abalado por um momento, Samuels levantou a mão para ajeitar o cabelo, que ficou um segundo para baixo e voltou a levantar.

— Tem certeza de que não quer esclarecer isso? — O promotor se inclinou para a frente, a expressão honesta sugerindo que Terry estava cometendo um grande erro.

— Tenho — disse Terry. — E tenho certeza sobre o processo também. Acho que não há acordo alto o suficiente para pagar pelo que vocês, seus filhos da puta, fizeram hoje. E não só a mim, mas à minha esposa e às minhas filhas. Mas pretendo descobrir.

Samuels ficou onde estava por mais um momento, inclinado para a frente, os olhos inocentes e esperançosos grudados nos de Terry. E então se levantou. O olhar inocente desapareceu.

— Tudo bem. Certo. Pode conversar em particular com o seu advogado, sr. Maitland, é um direito seu. Nada de áudio, nada de vídeo. Nós até

fecharemos a cortina. Se os dois forem rápidos, talvez a gente possa resolver tudo ainda hoje. Tenho um jogo de golfe amanhã cedo.

Terry fez cara de quem ouviu errado.

— *Golfe?*

— Golfe. É um jogo no qual você tenta bater em uma bolinha para que caia dentro de um buraco. Não sou muito bom em golfe, mas sou *muito* bom neste jogo, sr. Maitland. E como o estimado sr. Gold vai dizer, podemos segurar você aqui por quarenta e oito horas sem acusação. Não vamos precisar de tanto tempo. Se conseguirmos esclarecer isso, levaremos o senhor para a denúncia logo cedo na segunda. Sua prisão já vai estar no noticiário da cidade até lá, e haverá ampla cobertura. Com certeza os fotógrafos vão pegar o seu melhor lado.

Depois de enunciar o que supunha ser a última palavra, Samuels andou de forma quase empertigada até a porta (Ralph achava que o comentário de Terry sobre o cabelo dele ainda o incomodava). Antes que pudesse abri-la, Terry disse:

— Ei, Ralph.

O detetive se virou. Terry parecia calmo, o que era extraordinário naquelas circunstâncias. Ou talvez não. Às vezes, os que eram frios de verdade, os sociopatas, encontravam aquela calma depois do choque inicial e se preparavam para o que estava por vir. Ralph já tinha visto isso acontecer.

— Prometi a Howie que ficaria de boca calada até ele chegar aqui, mas quero dizer uma coisa para você.

— Pode falar — disse Samuels, tentando não parecer ansioso. Porém, a expressão dele mudou quando ouviu o que Terry disse em seguida.

— Derek foi o melhor *drag bunter* que eu já tive.

— Não — disse Ralph. Ele ouviu a raiva tremendo na voz, uma espécie de vibrato. — Nem comece. Não quero ouvir o nome do meu filho saindo da sua boca. Nem hoje, nem nunca.

Terry assentiu.

— Consigo entender, porque eu nunca quis ser preso na frente da minha esposa, das minhas filhas e de mil outras pessoas, muitas delas minhas vizinhas. Por isso, não ligo para o que não quer ouvir. Só escute um minuto. Acho que me deve isso por ter escolhido o pior caminho.

Ralph abriu a porta, mas Samuels colocou a mão no braço dele, balançou a cabeça e ergueu os olhos de leve para a câmera do canto com a luzinha vermelha. Ralph fechou a porta e se virou para Terry, cruzando os braços

sobre o peito. Ele achava que a ideia de Terry de vingança pela prisão pública ia doer, mas sabia que Samuels estava certo. Um suspeito falando era sempre melhor que um suspeito calado até o advogado chegar. Porque uma coisa acabava levando à outra.

Terry disse:

— Derek não podia ter mais de um metro e meio na época da Liga Infantil. Eu o vi depois disso, tentei fazer com que jogasse na Liga da Cidade ano passado, na verdade, e ele já cresceu quinze centímetros. Vai estar mais alto que você quando se formar no ensino médio, aposto.

Ralph esperou.

— Ele era mirrado, mas nunca teve medo na posição de rebatedor. Muitos deles ficam com medo, mas Derek encarava de frente os garotos que arremessavam a bola sem ter ideia de onde ela ia acabar parando. Levou bolada algumas vezes, mas nunca desistiu.

Era verdade. Ralph tinha visto os hematomas depois de alguns jogos, quando D tirava o uniforme: na bunda, na coxa, no braço, no ombro. Uma vez, tinha um círculo azul e preto perfeito na base do pescoço dele. Essas boladas deixavam Jeanette louca, e o capacete que Derek usava não a tranquilizava; cada vez que D ia rebater, ela segurava o braço de Ralph com força quase suficiente para tirar sangue, com medo de o garoto levar uma bolada entre os olhos e acabar em coma. Ralph garantiu a ela que aquilo não aconteceria, mas ficou quase tão feliz quanto Jeannie quando Derek decidiu que gostava mais de tênis. As bolas eram mais macias.

Terry se inclinou para a frente, chegando a sorrir um pouco.

— Um garoto baixo assim costuma conseguir muitas caminhadas entre as bases. Na verdade, era o que eu estava esperando que acontecesse hoje quando deixei Trevor Michaels rebater. Derek, porém, não se fazia de rogado. Ele rebatia qualquer coisa: bola dentro, bola fora, bola acima da cabeça, perto da terra. Alguns garotos começaram a chamar ele de Peidão Anderson, e o apelido pegou. Pelo menos por um tempo.

— Muito interessante — disse Samuels —, mas por que não falamos sobre Frank Peterson, então?

O olhar de Terry permaneceu grudado em Ralph.

— Para resumir, quando vi que ele não ia seguir de uma base à outra, eu ensinei ele a fazer o *bunt*. Muitos garotos da idade dele, de dez, onze anos, não aceitam fazer isso. Entendem a ideia, mas não gostam de largar o bastão na base, principalmente contra um garoto que não joga bem. Eles ficam

pensando no quanto os dedos vão doer se levarem uma bolada na mão. Mas não Derek. Ele era corajoso, o seu garoto. Além do mais, conseguia seguir pela linha, e muitas vezes, quando eu o mandava para o sacrifício, ele acabava conseguindo rebater na base.

Ralph não assentiu nem deu sinal de se importar com aquilo, mas sabia do que Terry estava falando. Tinha comemorado várias jogadas daquele tipo e vira o seu filho correr pela linha como se a bunda e o cabelo estivessem pegando fogo.

— Foi só questão de ensinar a ele os ângulos certos do bastão — disse Terry, e levantou as mãos para demonstrar. Ainda estavam sujas de terra, provavelmente de arremessar bolas no treino de rebatida antes do jogo. — Um ângulo para a esquerda e a bola vai na direção da linha da terceira base. Um ângulo para a direita, linha da primeira base. Não empurrar o bastão, na maioria das vezes isso só manda uma bola fácil para o arremessador, então é só dar um impulso na última fração de segundo. Ele aprendeu rápido. Os garotos pararam de chamar ele de Peidão e lhe deram um novo apelido. Se tínhamos um corredor na primeira ou na terceira no final do jogo, o outro time sabia que ele ia acertar uma; não era fingimento, ele colocava o bastão no *home plate* assim que o arremessador começava o movimento, e os garotos no banco gritavam: “Vai, Derek, vai!”. Eu e Gavin também. E foi assim que chamaram ele o ano todo, quando ganhamos o torneio do distrito. Vai Anderson. Você sabia?

Ralph não sabia, talvez por ser uma coisa de time. O que ele sabia era que Derek cresceu muito naquele verão. Ele ria mais, queria ficar com o time depois do jogo em vez de ir logo para o carro com a cabeça baixa e a luva frouxa na mão.

— Ele fez quase tudo sozinho, treinava como um louco até acertar, mas fui eu que o convenci a tentar aquilo. — Ele fez uma pausa e disse com voz muito baixa. — E você faz isso comigo. Na frente de todo mundo, você faz isso comigo.

Ralph sentiu as bochechas ficarem quentes. Abriu a boca para responder, mas Samuels já o estava levando pela porta, quase o empurrando. Ele parou a tempo de dizer uma coisa por cima do ombro.

— Ralph não fez nada, Maitland. Nem eu. Foi você que fez.

Então, os dois estavam olhando de novo pelo espelho, e Samuels perguntava se o detetive estava bem.

— Estou — respondeu. As bochechas ainda estavam vermelhas.

— Alguns deles são mestres em nos afetar. Você sabe disso, não sabe?

— Sei.

— E sabe que ele é o culpado, não sabe? Nunca tive um caso tão amarrado.

E isso me incomoda, pensou Ralph. *Não incomodava antes, mas incomoda agora. Não devia, porque Samuels está certo, mas incomoda.*

— Você reparou nas mãos dele? — perguntou Ralph. — Quando Terry estava mostrando como ensinou Derek a jogar, você viu as mãos dele?

— Vi. O que tem?

— Não tinha unha comprida no dedo mindinho — disse Ralph. — Em nenhuma das duas mãos.

Samuels deu de ombros.

— Ele cortou. Tem certeza de que está bem?

— Estou — disse Ralph. — É que…

A porta entre a área administrativa e a ala da detenção zumbiu e se abriu. O homem que andou apressado pelo corredor estava usando as roupas confortáveis de ficar em casa no sábado à noite, uma calça jeans surrada e um moletom da TCU com o SuperFrog pulando na frente, mas a pasta grande que ele carregava era de advogado.

— Oi, Bill — disse ele. — E oi para você também, detetive Anderson. Algum de vocês pode me dizer por que prenderam o Homem do Ano de 2015 de Flint City? É só um engano que vamos poder resolver ou vocês perderam a porra da cabeça?

Howard Gold tinha chegado.

18

Para: Promotor Público do Condado William Samuels
Chefe de Polícia de Flint City Rodney Geller
Xerife do Condado de Flint Richard Doolin
Capitão Avery Rudolph, Polícia Estadual Posto 7
Detetive Ralph Anderson, DP de Flint City
De: Tenente Detetive Yunel Sablo, Polícia Estadual Posto 7
Data: 13 de julho
Assunto: Centro de Transportes Vogel, Dubrow

A pedido do promotor Samuels e do detetive Anderson, cheguei ao Centro de Transportes Vogel às 14h30 na referida data. O Vogel é o centro principal de transportes terrestres na parte sul do estado, abrigando três grandes empresas de ônibus (Greyhound, Trailways, Mid-State), assim como uma Amtrak. Há também as agências de aluguel de carro de sempre (Hertz, Avis, Enterprise, Alamo). Como todas as áreas do Centro de Transportes são monitoradas por câmeras, fui direto ao escritório de segurança, onde fui recebido por Michael Camp, diretor de segurança do Vogel. Ele estava me esperando. As filmagens de segurança são mantidas por trinta dias, e a operação toda é computadorizada, então pude repassar tudo da noite de 10 de julho, visto de um total de dezesseis câmeras.

De acordo com o sr. Clinton Ellenquist, o atendente da Companhia de Táxis de Flint City, que estava de serviço na noite de 10 de julho, a motorista Esbelta Rainwater ligou às 21h30 para relatar que tinha encerrado a viagem. O Southern Limited, que a sra. Rainwater declarou ser o trem que o suspeito sob investigação pretendia pegar, parou no Vogel às 21h50. Os passageiros desembarcaram na plataforma 3. Sete minutos depois, os passageiros a caminho de Dallas-Fort Worth foram autorizados a embarcar na Plataforma 3, às 21h57. O Southern Limited partiu às 22h12. Os horários são precisos, pois todas as chegadas e partidas são monitoradas e registradas por computador.

O diretor de segurança Camp e eu assistimos às imagens de segurança de todas as dezesseis câmeras, começando às 21h00 do dia 10 de julho (só por garantia) e terminando às 23h00, aproximadamente cinquenta minutos depois de o Southern Limited partir da estação. Estou com todas as referências de câmera no meu iPad, mas devido à declarada urgência da situação (de acordo com o promotor Samuels), farei um resumo neste relatório preliminar.

21h33: O suspeito entra na estação pelo portão norte, que é o ponto onde os táxis param e por onde a maioria dos viajantes entra. Ele atravessa o saguão principal. Camisa amarela, calça jeans. Não carrega bagagem. Visão clara do rosto dele de dois a quatro segundos, quando o suspeito olha para o relógio grande acima (imagem enviada por e-mail para o promotor Samuels e para o detetive Anderson).

21h35: Suspeito para na banca de jornal no centro do saguão. Compra um livro e paga em dinheiro. O título não está visível, e o funcionário não lembra, mas é provável que possamos conseguir isso, se for necessário. Nessa filmagem, a fivela de cabeça de cavalo do cinto pode ser vista (imagem enviada por e-mail para o promotor Samuels e para o detetive Anderson).

21h39: O suspeito sai da estação pela porta da avenida Montrose (portão sul). Apesar deste ponto de entrada e saída ser aberto ao público, é mais usado pelos funcionários do Vogel, pois o estacionamento fica daquele lado do prédio. Tem duas câmeras posicionadas monitorando o estacionamento. O suspeito não aparece em nenhuma delas, mas Camp e eu detectamos uma sombra momentânea, que acreditamos que podia ser dele, indo para a direita, na direção de um beco de serviço.

O suspeito não comprou passagem do Southern Limited, nem com dinheiro vivo ou com cartão de crédito na estação. Depois de examinar as imagens da plataforma 3 várias vezes, de forma clara e completa, na minha opinião, posso declarar com razoável certeza que o suspeito não voltou para a estação e não entrou no trem.

Minha conclusão é de que a ida do suspeito a Dubrow pode ter sido uma tentativa de deixar um rastro falso e, assim, confundir a investigação. Especulo que o suspeito deve ter voltado a Flint City, com a ajuda de um cúmplice ou pegando carona. Também é possível que tenha roubado um carro. O Departamento de Polícia de Dubrow não tem relatos de veículos roubados nos arredores do Centro de Transportes Vogel na noite em questão, mas, como o diretor de segurança Camp observou, um carro pode ser retirado do estacionamento mensal sem que haja registro de roubo por uma semana ou até mais.

As imagens de segurança do estacionamento mensal estão disponíveis e vão ser examinadas conforme exigência, mas a cobertura lá está longe de ser completa. Além disso, o diretor de segurança Camp me informou que aquelas câmeras estão para serem substituídas e costumam ter defeitos de funcionamento. Acho que, no momento, ao menos, é melhor seguir outras linhas de investigação.

ATENCIOSAMENTE,
Tenente Detetive Y. Sablo
Ver anexos

19

Howie Gold apertou a mão de Samuels e de Ralph Anderson. Em seguida, olhou pelo espelho de um lado só para Terry Maitland, com sua camiseta do Golden Dragons e seu boné da sorte. As costas de Terry estavam eretas, a

cabeça, erguida, e as mãos, cruzadas sobre a mesa. Não havia tremor, agitação nem olhar nervoso para o lado. Ralph admitiu para si mesmo que o homem não era a imagem da culpa.

Por fim, Gold se virou para Samuels.

— Fale — disse ele, como se convidasse um cachorro a fazer um truque.

— Não tenho muito a dizer a essa altura, Howard. — A mão de Samuels foi para a nuca. Ajeitou o cabelo espetado, que ficou abaixado por um momento e pulou mais uma vez. Ralph se lembrou de uma citação de Alfalfa que fazia com que ele e o irmão rissem quando crianças: *Só se conhecem os amigos únicos na vida uma única vez na vida.* — Só que não é um engano, e não, nós não perdemos a porra da cabeça.

— O que Terry diz?

— Até agora, nada — falou Ralph.

Gold se virou para ele, os olhos azuis brilhantes cintilando e um pouco ampliados pelas lentes redondas dos óculos.

— Você não me entendeu, Anderson. Não hoje, sei que ele não disse nada para você hoje, eu mesmo mandei que não falasse. Estou me referindo ao interrogatório inicial. É melhor me contar, porque ele vai.

— Não houve interrogatório inicial — respondeu Ralph. E não havia necessidade de ficar incomodado com isso, não com o caso que montaram em apenas quatro dias, mas, ainda assim, Ralph ficou. Em parte, tinha a ver com Howie Gold o chamando pelo sobrenome, como se eles nunca tivessem pagado bebidas um para o outro no Wagon Wheel, em frente ao fórum do condado. Ele sentiu uma vontade ridícula de dizer ao advogado: *Não olhe para mim, olhe para o cara ao meu lado. É ele que está indo com tudo.*

— O quê? Espere. Espere só um minutinho.

Gold enfiou as mãos nos bolsos da calça e começou a se balançar para a frente e para trás sobre os calcanhares. Ralph já tinha visto aquilo muitas vezes, no fórum do condado e do distrito, e se preparou. Ser interrogado no banco de testemunhas por Howie Gold nunca era uma experiência agradável. Ralph, porém, nunca se ressentiu dele por isso. Era parte do processo.

— Está me dizendo que prendeu ele na frente de duas mil pessoas sem nem dar ao homem uma chance de *se explicar*?

Ralph respondeu:

— Você é um ótimo advogado de defesa, mas nem Deus poderia tirar Maitland dessa. E, a propósito, talvez tivesse mil e duzentas pessoas lá, mil e quinhentas, no máximo. O campo Estelle Barga não tem espaço para duas

mil. A arquibancada desabaria.

Gold ignorou essa tentativa pífia de deixar o clima mais leve. Ele estava olhando para o detetive como se ele fosse um tipo novo de inseto.

— Mas você prendeu ele em um lugar público, no que poderia ser visto como o seu momento de apoteose…

— Apote o quê? — perguntou Samuels, sorrindo.

Gold também ignorou isso. Ele ainda estava observando Ralph.

— Você fez isso apesar de poder ter colocado presença policial silenciosa em volta do campo e prendido ele em casa, depois do fim do jogo. Fez isso na frente da esposa e das filhas dele, o que só pode ter sido uma ação deliberada. O que deu em você? O que foi que *deu* em você?

Ralph sentiu o rosto ficar quente de novo.

— Quer mesmo saber, advogado?

— Ralph — disse Samuels em tom de advertência. Ele colocou a mão no braço do homem.

O detetive soltou o braço da mão dele.

— Não fui eu que prendi ele. Mandei dois policiais fazerem isso, porque tive medo de acabar botando as mãos no pescoço dele e enforcando o sujeito ali mesmo. O que daria material de sobra para um advogado inteligente como você. — Ele deu um passo à frente, entrando no espaço pessoal de Gold para fazer com que ele parasse de se balançar. — Ele pegou Frank Peterson e levou para o parque Figgis. Então estuprou o garoto com um galho de árvore e o matou. Quer saber *como* ele matou?

— Ralph, isso é sigiloso! — gritou Samuels.

O detetive não deu atenção ao promotor.

— A perícia preliminar sugere que Terry abriu a garganta do garoto com os *dentes*. Talvez até tenha engolido um pouco da carne, entendeu? E isso deixou ele tão excitado que ele baixou a calça e gozou na parte de trás das coxas da criança. Foi o assassinato mais horrível, mais cruel, mais *indescritível* que qualquer um de nós já viu e vai ver. Ele devia estar se preparando para isso há muito tempo. Nenhum de nós que foi à cena do crime vai conseguir tirar as imagens da cabeça. E Terry Maitland é o culpado. O *Treinador T* fez aquilo tudo, e não muito tempo atrás, ele estava segurando as mãos do meu filho, ensinando ele a rebater. Ele acabou de me contar isso, como se o exonerasse, sei lá.

Gold não estava mais olhando para o detetive como se ele fosse um inseto. Agora, havia uma espécie de assombro no rosto dele, como se o homem

tivesse dado de cara com um artefato esquecido por uma raça extraterrestre desconhecida. Ralph não se importava. Já tinha passado do ponto de se importar.

— Você também tem um filho. Tommy, não é? Não foi por isso que começou a ser treinador de futebol americano infantil com Terry, porque Tommy estava jogando? Ele botou as mãos no seu filho também. E agora você vai defender ele?

Samuels disse:

— Pelo amor de Deus, cala essa boca.

Gold tinha parado de se balançar, mas não recuou nem um pouco, e ainda estava olhando para Ralph com aquela expressão de assombro quase antropológico.

— Nem interrogaram ele — sussurrou. — Nem interrogaram. Eu nunca… *Nunca*…

— Ah, deixa disso — disse Samuels com alegria forçada. — Você já viu de tudo, Howie. A maioria das coisas duas vezes.

— Quero uma reunião com ele agora — disse Gold, brusco. — Então desliguem o áudio e fechem a cortina.

— Tudo bem — disse Samuels. — Você tem quinze minutos, e vamos nos juntar a vocês. Veremos se o treinador tem alguma coisa a dizer.

Gold disse:

— Uma hora, sr. Samuels.

— Trinta minutos. Depois, vamos ouvir a confissão dele, o que pode fazer a diferença entre a prisão perpétua na McAlester e a injeção letal, ou ele vai para uma cela até a denúncia dele na segunda. Depende de você. Mas, se acha que fizemos isso de maneira leviana, nunca se enganou tanto na vida.

Gold foi até a porta. Ralph passou o cartão pelo mecanismo, ouviu o estalo quando a tranca dupla foi liberada e voltou para a janela para ver o advogado entrar. Samuels ficou tenso quando Maitland se levantou da cadeira e foi na direção de Gold com os braços esticados, mas a expressão no rosto dele era de alívio, não de agressão. Terry abraçou Gold, que largou a pasta e o abraçou também.

— Abraço de irmãos — disse Samuels. — Que fofo.

Gold se virou como se tivesse ouvido e apontou para a câmera com a luzinha acesa.

— Desliguem. — A voz soou dele pelo alto-falante. — O som também. E fechem a cortina.

Os botões ficavam em um console na parede que também tinha um gravador de áudio e um de vídeo. Ralph os desligou. A luz vermelha na câmera no canto da sala de interrogatório se apagou. O detetive assentiu para Samuels, que fechou a cortina. O som que fez ao cobrir o vidro trouxe uma lembrança desagradável a Ralph. Em três ocasiões, todas anteriores a Bill Samuels, ele assistiu a execuções na McAlester. Havia uma cortina similar (talvez feita pela mesma empresa!) junto à longa janela de vidro entre a câmara de execução e a sala de observação. Era aberta quando as testemunhas entravam na sala de observação, e fechada assim que o prisioneiro era declarado morto. Fazia o mesmo som rascante desagradável.

— Vou ao Zoney's, do outro lado da rua, comprar um refrigerante e um hambúrguer — falou Samuels. — Eu estava nervoso demais para comer no jantar. Quer alguma coisa?

— Um café me faria bem. Sem leite, um pacotinho de açúcar.

— Tem certeza? Já tomei o café do Zoney's, e não chamam aquilo de Morte Sombria à toa.

— Vou correr o risco — disse Ralph.

— Tudo bem. Volto em quinze minutos. Se eles terminarem antes, não comece sem mim.

Não havia a menor chance de isso acontecer. No que dizia respeito a Ralph, o show era de Bill Samuels agora. Ele que levasse toda a glória, se é que haveria alguma em um horror daquele. Havia cadeiras encostadas no lado oposto do corredor. Ralph se sentou ao lado da fotocopiadora, que estava zumbindo baixinho em stand-by. Ele olhou para a cortina fechada e se perguntou o que Terry Maitland estava falando lá dentro, que álibi absurdo estaria oferecendo ao seu cotreinador de futebol americano.

Ralph se viu pensando na grande mulher nativo-americana que pegou Maitland no Gentlemen, Please e o levou até a estação de trem em Dubrow. *Treino basquete da Liga Prairie na ACM*, dissera. *Maitland ia até lá e ficava sentado na arquibancada com os pais vendo a molecada jogar. Ele me falou que ia procurar talentos para o beisebol da Liga da Cidade…*

Ela o conhecia e ele devia tê-la reconhecido; considerando o tamanho e a etnia dela, ela era uma mulher difícil de esquecer. Mas ele a chamou de senhora. Por que fez isso? Porque, mesmo que ele conhecesse o rosto dela da ACM, não lembrava o nome da taxista? Era possível, mas o detetive não gostou muito da ideia. No que dizia respeito a nomes, Esbelta Rainwater também não era tão fácil de esquecer.

— Bom, ele estava estressado — murmurou Ralph, para si mesmo ou para a fotocopiadora. — Além disso…

Outra lembrança ocorreu a ele, e com ela um motivo melhor para Maitland usar a palavra *senhora*. Seu irmão menor, Johnny, três anos mais novo, não era muito bom em esconde-esconde. Muitas vezes, ele corria para o quarto e jogava o cobertor em cima da cabeça, aparentemente pensando que, se não conseguia ver Ralphie, Ralphie não conseguia vê-lo. Não era possível que um homem que acabara de cometer um assassinato terrível também tivesse a tendência de ter o mesmo tipo de pensamento mágico? *Se eu não conheço você, você não me conhece*. Uma lógica maluca, claro, mas o crime foi cometido por um maluco, e poderia explicar mais do que apenas a reação de Terry a Rainwater; podia explicar por que ele achou que poderia escapar, apesar de ser conhecido de um monte de gente em Flint City e até ser uma celebridade entre os fãs de esportes.

No entanto, tinha Carlton Scowcroft. Se fechasse os olhos, Ralph quase conseguia ver Gold sublinhando uma passagem fundamental no depoimento de Scowcroft e se preparando para o seu resumo para o júri, talvez roubando a ideia do advogado de O. J. *Se a luva não coube, vocês devem absolvê-lo,* Johnnie Cochran dissera. A versão de Gold, quase tão memorável, poderia ser: *Ele não sabia de nada, então libertem-no.*

Não funcionaria, não chegava nem perto de ser igual, mas…

De acordo com Scowcroft, Maitland explicou o sangue no rosto e nas roupas dizendo que uma veia no nariz dele tinha arrebentado. *Jorrou como um gêiser*, disse Terry para Scowcroft. *Tem algum atendimento médico por aqui?*

Só que Terry Maitland morou em Flint City a vida toda, com exceção dos quatro anos da faculdade. Ele não precisaria que o outdoor do Quick Care perto de Coney Ford o orientasse; na verdade, nem precisaria perguntar. Então, por que fez isso?

Samuels voltou com uma coca, um hambúrguer embrulhado em papel-alumínio e um café em um copo para viagem, que entregou a Ralph.

— Tudo tranquilo lá dentro?

— Tudo. Eles têm mais vinte minutos pelo meu relógio. Quando terminarem, vou tentar fazer com que ele nos permita colher DNA.

Samuels desembrulhou o hambúrguer e levantou o pão com cuidado para espiar.

— Meu Deus — disse ele. — Parece uma coisa que foi raspada da pele de

uma vítima de queimadura. — Mesmo assim, o homem começou a comer.

Ralph pensou em mencionar a conversa de Terry com Rainwater e a estranha pergunta dele sobre o atendimento médico, mas não falou nada. Pensou em tocar no assunto do fracasso de Terry em se disfarçar ou mesmo tentar esconder o rosto com óculos escuros, mas também não mencionou isso. Ele tinha levantado essas questões antes, e Samuels as descartou, sustentando (de maneira correta) que não eram importantes quando comparadas com os depoimentos das testemunhas oculares e as porras das provas periciais.

O café estava horrível, como Samuels previra, mas Ralph tomou mesmo assim. O copo estava quase vazio quando Gold pediu para sair da sala de interrogatório. A expressão dele fez o estômago de Ralph Anderson se contrair. Não era preocupação, raiva ou a indignação teatral que alguns advogados conseguiam exibir quando percebiam que um cliente estava na merda. Não, era solidariedade, e parecia genuína.

— *Oy vey* — disse ele. — Vocês dois estão com um problemão.

20

HOSPITAL GERAL DE FLINT CITY
DEPARTAMENTO DE PATOLOGIA E SOROLOGIA

Para: Detetive Ralph Anderson
Tenente Yunel Sablo
Promotor público William Samuels

De: Dr. Edward Bogan
Data: 14 de julho
Assunto: Tipo sanguíneo e DNA

Sangue:

Vários itens foram testados para a verificação de tipo sanguíneo.

O primeiro foi o galho usado para sodomizar a vítima, Frank Peterson, uma criança branca do sexo masculino, onze anos de idade. O galho tinha aproximadamente 56 centímetros de comprimento e oito de diâmetro. Uma seção mais ou menos na metade ficou com a casca arrancada, provavelmente por causa do manuseio brutal pelo criminoso (ver fotografia anexada). Impressões digitais foram encontradas na parte lisa do galho; foram fotografadas e colhidas pela Criminalística Estadual antes de a prova ser entregue a mim pelo detetive Ralph Anderson (DP de Flint City) e pelo policial Yunel Sablo (Polícia Estadual Posto 7). Portanto, declaro que a cadeia de provas permanece intacta.

O sangue nos últimos doze centímetros do pedaço de galho é O+, que é o tipo da vítima, confirmado pelo médico da família de Frank Peterson, Horace Connolly. Havia vários outros traços de O+ no galho, provocado por um fenômeno chamado "respingo". É provável que gotas tenham jorrado quando a vítima foi sexualmente violentada, e é aceitável supor que o criminoso também recebeu respingos na pele e na roupa.

Traços de um segundo tipo sanguíneo também foram encontrados na amostra. Era AB+, um tipo bem mais raro (3% da população). Acredito que seja o sangue do criminoso e especulo que ele pode ter

arranhado a mão usada para manipular o galho, coisa que deve ter feito com muita força.

Muito sangue O+ foi encontrado no banco do motorista, no volante e no painel de uma van Econoline 2007 encontrada abandonada no estacionamento de funcionários atrás do Shorty’s Pub (rua Principal, 1124). Respingos de sangue AB+ também foram encontrados no volante da van. Essas amostras foram entregues a mim pelos sargentos Elmer Stanton e Richard Spencer da Divisão de Criminalística do Estado, e declaro aqui que a cadeia de provas permanece intacta.

Uma grande quantidade de sangue O+ também foi encontrada nas roupas (camisa, calça, meias, tênis Adidas, cueca Jockey) retiradas de um Subaru 2011 descoberto em um embarcadouro abandonado perto da rodovia 72 (também conhecida como estrada Old Forge). Há também um pouco de sangue AB+ no punho esquerdo da camisa. Essas amostras foram entregues a mim pelo policial John Koryta (Posto 7) e pelo sargento Spencer, da Divisão de Criminalística do Estado, e declaro aqui que a cadeia de provas permanece intacta. Nenhum sangue AB+ foi encontrado no Subaru Outback até a composição deste relatório. Esse tipo de sangue pode ser encontrado, mas é possível que qualquer arranhão que o criminoso tenha sofrido durante o crime já tivesse coagulado até o momento em que abandonou o veículo. Também é possível que ele tenha colocado um curativo, embora as amostras sejam tão pequenas que acho improvável. Seriam cortes muito pequenos.

Recomendo que o tipo sanguíneo de qualquer suspeito seja verificado logo, devido à relativa raridade do sangue AB+.

DNA:

A fila de amostras aguardando o teste de DNA em Cap City é sempre longa, e, em circunstâncias normais, os resultados podem demorar semanas ou meses. No entanto, devido à extrema brutalidade desse crime e à idade da vítima, as amostras obtidas na cena do crime foram colocadas “na frente da fila”.

A principal dentre elas é o sêmen encontrado nas coxas e nádegas da vítima, mas amostras de pele também foram retiradas do galho usado para sodomizar o garoto Peterson, e, claro, há o sangue que já mencionei. Um relatório de DNA do sêmen encontrado na cena deve estar disponível para comparação na semana que vem. O sargento Stanton me disse que o relatório pode estar disponível ainda antes, mas já lidei com questões de DNA muitas vezes e sugeriria que sexta-feira que vem é mais provável, mesmo em um caso prioritário como esse.

Embora não seja o protocolo, sinto-me compelido a acrescentar um comentário pessoal aqui. Já lidei com provas de muitas vítimas de assassinato, mas esse é de longe o pior crime que precisei avaliar, e a pessoa que fez isso precisa ser capturada o mais rápido possível.

Memorando ditado às 11 horas pelo dr. Edward Bogan

21

Howie Gold terminou sua conversa particular com Terry às 20h40, dez minutos antes da meia hora concedida para ele acabar. Àquela altura, Troy Ramage e Stephanie Gould, uma patrulheira que começava seu turno às oito, já tinham se juntado a Ralph e Bill Samuels. Ela estava com um kit de DNA ainda no saco plástico. Ignorando o comentário de Howie sobre o *problemão,* o detetive perguntou ao advogado se ele e o seu cliente concordariam com uma coleta de DNA.

Howie estava segurando a porta da sala de interrogatório com o pé, para que não voltasse a se trancar.

— Querem coletar amostras de DNA da sua bochecha, Terry. Tudo bem por você? Eles vão pegar de qualquer jeito, e preciso dar uns telefonemas

rápidos.

— Tudo bem — respondeu Terry. Círculos escuros haviam começado a se formar embaixo dos olhos dele, mas o treinador parecia calmo. — Vamos fazer tudo que temos que fazer para eu poder sair daqui antes da meia-noite.

O homem parecia ter certeza absoluta de que isso aconteceria. Ralph e Samuels trocaram um olhar. O promotor ergueu as sobrancelhas, o que o fez ficar mais parecido com Alfalfa do que nunca.

— Ligue para a minha esposa — disse Terry. — Diga para ela que estou bem.

Howie sorriu.

— É a primeira coisa da lista.

— Vá até o final do corredor — falou Ralph. — O sinal é melhor.

— Eu sei — respondeu Howie. — Já estive aqui antes. É meio como uma reencarnação. — E para Terry: — Não diga nada até eu voltar.

O policial Ramage colheu as amostras, na parte interna de cada bochecha, e as mostrou para a câmera antes de botar cada uma no seu frasquinho. A policial Gould colocou os frascos de volta no saco e mostrou para a câmera ao lacrá-lo com um adesivo vermelho de prova. Em seguida, ela assinou a folha de cadeia de custódia. Os dois policiais levariam as amostras para a salinha do tamanho de um armário que servia como o arquivo de provas do DP de Flint City. Lá, seriam mostradas mais uma vez a uma câmera no teto antes de serem arquivadas. Dois outros policiais, provavelmente da Polícia Estadual, levariam para Cap City no dia seguinte. Dessa forma, a cadeia de provas permanece intacta, como o dr. Bogan teria dito. Podia parecer um exagero, mas não era piada. Ralph não queria que houvesse um elo fraco naquela corrente. Nenhum escorregão. Nenhum jeito de errar. Não naquele caso.

O promotor Samuels começou a voltar para a sala de interrogatório enquanto Howie estava fazendo as suas ligações perto da porta da sala principal, mas Ralph o segurou por querer ouvir o que o advogado dizia. Howie conversou por um curto tempo com a esposa de Terry (o detetive o ouviu dizer: *Vai ficar tudo bem, Marcy*) e fez uma segunda ligação, ainda mais curta, dizendo para alguém onde as filhas de Terry estavam e lembrando a essa pessoa que a imprensa estaria lotando a travessa Barnum, e para que agisse de acordo. Em seguida, voltou para a sala de interrogatório.

— Tudo bem, vamos ver se conseguimos resolver essa confusão.

Ralph e Samuels se sentaram em frente a Terry. A cadeira entre eles

permaneceu vazia. Howie escolheu ficar de pé ao lado do cliente, a mão em seu ombro.

Sorrindo, Samuels começou.

— Você gosta de garotinhos, não é, treinador?

Não houve nenhuma hesitação da parte de Terry.

— Muito. Também gosto de garotinhas. Inclusive tenho duas.

— E com certeza as suas filhas praticam esportes. Com o Treinador T como pai, como não praticariam? Mas você não treina times femininos, não é? Nem futebol, nem softball, nem lacrosse. Você fica com os meninos. Beisebol no verão, futebol americano no outono e basquete no inverno, se bem que acho que você só assiste a este último. Todas aquelas idas de sábado à tarde à ACM eram o que você poderia chamar de procura de novos talentos, certo? Estava procurando garotos com velocidade e agilidade. E talvez verificando como eles ficavam de short, já que estava por lá.

Ralph esperou que Howie mandasse que eles parassem com aquilo, mas o advogado ficou em silêncio, pelo menos por enquanto. O rosto dele estava totalmente vazio, sem nada se movendo além dos olhos, indo de um interlocutor ao outro. Ele devia ser um jogador de pôquer e tanto, pensou Ralph.

Terry, porém, sorriu.

— Você deve ter ouvido isso de Esbelta Rainwater. Só pode ter sido. Ela é uma figura, não é? Você devia ouvir quando ela grita nas tardes de sábado. “*Bloqueia, bloqueia, mexe esses pés, agora VAI ATÉ A CESTA!*” Como ela está?

— Me diz você — disse Samuels. — Afinal, você a viu na noite de terça.

— Eu não…

Howie segurou o ombro de Terry e o apertou antes que ele pudesse dizer qualquer coisa.

— Por que não paramos com esse interrogatório básico, hein? Digam para a gente por que Terry está aqui. Falem logo.

— Diga para a gente onde você estava na terça — respondeu Samuels. — Já que começou, pode terminar.

— Eu estava…

No entanto, Howie Gold apertou o ombro de Terry de novo, dessa vez com mais força, antes que ele pudesse continuar.

— Não, Bill, não é assim que vai ser. Primeiro, vocês falam para nós o que têm, senão vou direto para a imprensa dizer que prenderam um dos cidadãos

de ouro de Flint City pelo assassinato de Frank Peterson, jogaram a reputação dele na lama, apavoraram a esposa e as filhas dele e não querem dizer por quê.

Samuels olhou para Ralph, que deu de ombros. Se a promotoria não estivesse presente, Ralph já estaria mostrando as provas na esperança de uma confissão rápida.

— Vá em frente, Bill — disse Howie. — Esse homem precisa voltar para casa e ficar com a família.

Samuels sorriu, mas não havia humor no olhar dele; era apenas uma exibição de dentes.

— Ele vai vê-las no tribunal, Howard. Durante a denúncia, na segunda.

Ralph sentiu o tecido da civilidade se desfiando e pôs a maior parte da culpa disso em Bill, que estava genuinamente enfurecido com o crime e com o homem que o cometeu. Como qualquer um ficaria… mas isso não puxava o arado, como o avô de Ralph teria dito.

— Ei, antes de começarmos, tenho uma pergunta — disse Ralph, esforçando-se para falar com animação. — Só uma. Tudo bem, advogado? Não é nada que a gente não vá descobrir mesmo.

Howie pareceu agradecido de desviar a atenção de Samuels.

— Vamos ouvir.

— Qual é o seu tipo sanguíneo, Terry? Você sabe?

Terry olhou para Howie, que deu de ombros, e para Ralph.

— Eu tenho que saber. Doo seis vezes por ano na Cruz Vermelha porque é bem raro.

— AB positivo?

Terry piscou.

— Como sabia? — E então, ao se dar conta de qual devia ser a resposta: — Mas não é *tão* raro. Se quer sangue raro de verdade, é o AB negativo. Um por cento da população. A Cruz Vermelha tem gente desse tipo na discagem rápida, pode acreditar.

— Quando falamos de coisas raras, sempre penso nas digitais — comentou Samuels, como se estivesse passando o tempo. — Acho que é porque elas aparecem com tanta frequência no tribunal.

— Onde quase nunca fazem parte da decisão do júri — disse Howie.

Samuels o ignorou.

— Não existem duas digitais iguais. Há até pequenas variações nas digitais de gêmeos idênticos. Você não tem um gêmeo idêntico, tem, Terry?

— Não vai dizer que encontraram as minhas digitais na cena em que o garoto Peterson foi morto, vai? — A expressão de Terry era de pura incredulidade. Ralph tinha que dar o braço a torcer; o homem era um excelente ator, e, pelo que parecia, pretendia levar aquilo até o fim.

— Temos tantas digitais que mal conseguimos contar — disse Ralph. — Estão em toda a van branca que você usou para sequestrar o garoto Peterson. Estão na bicicleta dele, que encontramos na parte de trás da van. Estão na caixa de ferramentas que estava na van. Estão em todo o Subaru que você pegou nos fundos do Shorty's Pub. — Ele fez uma pausa. — E estão no galho usado para sodomizar o menino, um ataque tão cruel que os ferimentos internos por si só provavelmente o teriam matado.

— Não foi preciso usar pó de digital nem luz ultravioleta nessas — disse Samuels. — As digitais estão claras com o sangue da criança.

Era nessa hora que a maioria dos criminosos, uns 95%, desmoronaria, com ou sem advogado ao lado. Não esse. Ralph viu choque e surpresa no rosto do homem, mas não culpa.

Howie se recuperou.

— Vocês têm digitais. Tudo bem. Não seria a primeira vez que digitais são plantadas.

— Algumas, talvez — disse Ralph. — Mas setenta? Oitenta? E com sangue, na própria arma do crime?

— Também temos uma cadeia de testemunhas — disse Samuels. Ele começou a contá-las nos dedos. — Você foi visto abordando Peterson no estacionamento do Gerald's Fine Groceries. Foi visto colocando a bicicleta dele na parte de trás da van. Ele foi visto entrando na van com você. Você foi visto saindo do bosque onde o assassinato aconteceu, coberto de sangue. Eu poderia continuar, mas minha mãe sempre diz para guardar um pouco para depois.

— Testemunhas oculares raramente são confiáveis — disse Howie. — As digitais são questionáveis, mas testemunhas oculares… — Ele balançou a cabeça.

Ralph se intrometeu.

— Na maioria dos casos, eu concordaria. Não nesse. Entrevistei uma pessoa há pouco que disse que Flint City é, na verdade, uma cidade bem pequena. Não sei se concordo, mas o West Side é bastante unido, e o sr. Maitland aqui é muito conhecido por lá. Terry, a mulher que te identificou no Gerald's é uma vizinha sua, e a garota que te viu sair do bosque do parque

Figgis conhece você muito bem, não só porque mora perto da sua casa, na rua Barnum, mas também porque você já trouxe de volta o cachorro perdido dela.

— June Morris? — Terry estava olhando para Ralph com descrença sincera. — *Junie?*

— Temos outras — disse Samuels. — Muitas outras.

— Esbelta? — Terry parecia sem fôlego, como se tivesse levado um soco. — Ela também?

— Muitas outras — repetiu Samuels.

— Todos escolheram você dentre um grupo de seis fotos — disse Ralph. — Sem hesitar.

— E a foto do meu cliente por acaso era dele usando um boné do Golden Dragons e uma camisa com um C grande nela? — perguntou Howie. — Por acaso o dedo do policial que colheu o depoimento não pousou nela?

— Você sabe que não — falou Ralph. — Pelo menos, espero que saiba.

Terry disse:

— Isso é um pesadelo.

Samuels deu um sorriso solidário.

— Eu entendo. E tudo que você precisa fazer para acabar com ele é nos contar por que fez isso.

Como se pudesse haver um motivo na terra que levasse uma pessoa sã a entender aquilo, pensou Ralph.

— Pode fazer diferença. — Samuels estava sendo quase bajulador agora. — Mas você precisa fazer isso antes que o resultado do DNA volte. Nós temos muitas amostras, e quando baterem com as amostras da sua boca… — Ele deu de ombros.

— Conte para a gente — ordenou Ralph. — Não sei se foi insanidade temporária, ou uma coisa que você fez em um estado de fuga, ou uma compulsão sexual, ou o quê. Mas conte para a gente. — Ele ouviu sua voz subindo, pensou em fechar a boca, mas mandou tudo à merda. — *Seja homem e conte para a gente!*

Falando mais consigo mesmo do que com os homens do outro lado da mesa, Terry disse:

— Não sei como nada disso é possível. Eu nem estava na cidade na terça.

— Então onde estava? — perguntou Samuels. — Vá em frente, desembucha. Adoro uma boa história. Li quase todos os livros de Agatha Christie no ensino médio.

Terry virou o rosto, olhando para Gold, que assentiu. Ralph, no entanto,

achou que Howie parecia preocupado agora. As coisas sobre o tipo sanguíneo e as digitais o deixaram bem abalado, as testemunhas oculares ainda mais. O que mais mexeu com ele, talvez, foi a pequena Junie Morris, cujo cachorrinho perdido foi devolvido pelo confiável Treinador T.

— Eu estava em Cap City. Saí às dez da manhã de terça, voltei tarde na noite de quarta. Bom, nove e meia é tarde para mim.

— E imagino que não tivesse ninguém com você — disse Samuels. — Estava sozinho, refletindo, não é? Se preparando para o grande jogo?

— Eu…

— Você foi de carro ou na van branca? A propósito, onde guardava a van? E como conseguiu roubar uma com a placa de Nova York? Tenho uma teoria sobre isso, mas adoraria ouvir você confirmar ou negar…

— Você quer me ouvir ou não? — perguntou Terry. Por incrível que pareça, ele tinha começado a sorrir de novo. — Talvez esteja com medo de ouvir. E talvez devesse ter medo. Você está com merda até a cintura, sr. Samuels, e só está se afundando mais.

— É mesmo? Então por que sou eu quem pode sair daqui e voltar pra casa quando essa conversa acabar?

— Acalme-se — disse Ralph baixinho.

Samuels se virou para ele, o cabelo espetado balançando de um lado para outro. Ralph não viu nada de cômico naquele cabelo agora.

— Não me mande ficar calmo, detetive. Estamos sentados aqui com um homem que estuprou um garoto com um galho de árvore e arrancou a garganta dele como… como a porra de um canibal!

Gold olhou diretamente para a câmera no canto, agora falando para algum juiz e júri futuros.

— Pare de agir como uma criança nervosa, sr. promotor público, ou vou encerrar esse interrogatório agora.

— Eu não estava sozinho — disse Terry —, e não sei nada sobre van branca alguma. Fui com Everett Roundhill, Billy Quade e Debbie Grant. Todo o departamento de inglês da Flint High School, em outras palavras. Meu Expedition estava na oficina porque o ar-condicionado tinha quebrado, e fomos no carro de Ev. Ele é o chefe do departamento e tem uma BMW bem espaçosa. Nós saímos da escola às dez.

Com aquelas palavras, Samuels pareceu perplexo demais por um tempo para fazer a pergunta óbvia, então Ralph fez.

— O que havia em Cap City que faria quatro professores de inglês irem

para lá no meio das férias de verão?

— Harlan Coben — respondeu Terry.

— Quem é Harlan Coben? — perguntou Bill Samuels. Pelo visto, o interesse dele em histórias de mistérios não tinha passado de Agatha Christie.

Ralph sabia. Ele não era um grande leitor de ficção, mas sua esposa era.

— O escritor de mistério?

— O escritor de mistério — concordou Terry. — Olha, tem um grupo chamado Professores de Inglês dos Três Estados, e todo ano eles organizam uma conferência de três dias no meio do verão. É o único momento em que todo mundo consegue se reunir. Tem seminários e painéis de discussão, esse tipo de coisa. Acontece em uma cidade diferente a cada edição. Este ano foi a vez de Cap City. Só que professores de inglês são como todo mundo, é difícil reuni-los mesmo durante o verão, porque tem muitas outras coisas acontecendo: todas as pinturas e consertos que não foram feitos durante o ano letivo, férias de família, além de várias atividades de verão. Para mim são a Liga Infantil e a Liga da Cidade. Então, o PITE sempre tenta arrumar um palestrante famoso para atrair as pessoas no segundo dia, que é quando a maioria aparece.

— E, no caso, foi na terça passada? — perguntou Ralph.

— Isso mesmo. A conferência deste ano foi no Sheraton, de 9 de julho, segunda, até 11 de julho, quarta. Eu não ia a uma dessas conferências tinha cinco anos, mas quando Ev me disse que Coben seria o palestrante principal e que os outros professores de inglês iam, pedi a Gavin Frick e ao pai de Baibir Patel para assumirem os treinos de terça e quarta. Fiquei arrasado de ter que pedir isso, com o jogo da semifinal chegando, mas sabia que estaria de volta para os treinos de quinta e sexta, e não queria perder Coben. Já li todos os livros dele. Ele é ótimo com o enredo e tem senso de humor. Além disso, o tema da conferência deste ano foi usar ficção adulta popular nas aulas do sétimo ano do fundamental II ao terceiro ano do ensino médio, e essa questão é polêmica há anos, sobretudo nesta parte do país.

— Pode pular os detalhes irrelevantes — disse Samuels. — Vá direto ao ponto.

— Tudo bem. Nós fomos. Ficamos lá para o almoço, ficamos durante a palestra de Coben, ficamos no painel das oito da noite e passamos a noite lá. Ev e Debbie pegaram quartos individuais, mas eu dividi o custo de um quarto duplo com Billy Quade. Essa ideia foi dele. Disse que estava com obra em casa e que precisava economizar. Eles podem confirmar tudo isso. — Ele

olhou para Ralph e levantou as mãos, as palmas viradas para cima. — *Eu estava lá*. Esse é o ponto.

Silêncio na sala. Por fim, Samuels disse:

— Que horas foi a palestra de Coben?

— Às três — disse Terry. — Três horas da tarde de terça.

— Muito conveniente — disse Samuels com acidez.

Howie Gold deu um sorriso largo.

— Não para você.

Três horas, pensou Ralph. Quase a mesma hora em que Arlene Stanhope alegou ter visto Terry colocando a bicicleta de Frank Peterson na parte de trás da van branca roubada e indo embora com o garoto no banco do passageiro. Não, não era quase. A sra. Stanhope disse que ouviu o sino da prefeitura anunciar a hora.

— A palestra foi no auditório principal do Sheraton? — perguntou Ralph.

— Foi. Em frente ao salão de banquetes.

— E você tem certeza de que começou às três?

— Bom, foi quando a presidente do PITE começou a apresentação, que se arrastou por pelo menos uns dez minutos.

— Aham, e por quanto tempo Coben falou?

— Acho que uns quarenta e cinco minutos. Depois disso, respondeu a perguntas. Deviam ser umas quatro e meia quando terminou.

Os pensamentos de Ralph estavam girando como papel em uma ventania. Ele não conseguia se lembrar de já ter levado um golpe tão inesperado. Eles deviam ter verificado a movimentação de Terry antes, mas isso significaria esperar até segunda de manhã. Ele, Samuels e Yune Sablo, da Polícia Estadual, concordaram que se fizessem perguntas sobre Maitland antes de sua prisão correriam o risco de alertar um homem muito perigoso. E pareceu desnecessário, considerando o peso das evidências. Mas agora…

Ele olhou para Samuels, mas não viu ajuda imediata lá; a expressão do homem era uma mistura de desconfiança e perplexidade.

— Vocês cometeram um erro grave aqui — disse Gold. — Não é possível que não vejam isso.

— Não tem erro — disse Ralph. — Temos digitais, temos testemunhas oculares que o reconheceram, e em breve teremos o primeiro resultado dos testes de DNA. Um resultado positivo acaba com a questão.

— Ah, mas talvez tenhamos outra coisa em breve — disse Gold. — Meu investigador está cuidando disso agora mesmo, e nossa confiança é alta.

— O quê? — perguntou Samuels com rispidez.

Gold sorriu.

— Por que estragar a surpresa antes de vermos o que Alec vai descobrir? Se o que o meu cliente me disse estiver correto, acho que vai abrir um novo buraco no seu barco, Bill, e ele já está se enchendo de água.

O Alec em questão era Alec Pelley, um detetive aposentado da Polícia Estadual que agora trabalhava com exclusividade para advogados criminalistas. Ele era caro e bom no trabalho. Uma vez, tomando uns drinques, Ralph perguntara a Pelley por que ele foi para o Lado Sombrio da Força. Pelley respondeu que tinha prendido pelo menos quatro homens que mais tarde passou a acreditar que fossem inocentes, e sentia que tinha muito pelo que expiar. "Além do mais", dissera ele, então, "a aposentadoria é um saco quando você não joga golfe."

Não adiantava especular o que Pelley estava investigando dessa vez… sempre supondo que não era uma quimera qualquer ou um blefe de advogado de defesa. Ralph olhou para Terry, mais uma vez procurando culpa e vendo apenas preocupação, raiva e surpresa — a expressão de um homem que foi preso por uma coisa que não fez.

Só que ele *fez*, todas as provas diziam isso, e o DNA colocaria o último prego no caixão dele. O álibi era uma enganação artisticamente construída, saído direto de um livro de Agatha Christie (ou de Harlan Coben). Ralph começaria o trabalho de desmontar o truque de mágica na manhã seguinte, a partir de interrogatórios com colegas de Terry e indo até uma verificação da conferência, concentrando-se no horário do começo e do final da aparição de Coben.

Mesmo antes de dar início a esse trabalho, seu pão com manteiga, ele viu um possível buraco no álibi de Terry. Arlene Stanhope viu Frank Peterson entrar na van branca com Terry às três. June Morris viu Terry no parque Figgis, coberto de sangue, por volta das seis e meia; a mãe da garota disse que estava passando a previsão do tempo no noticiário quando June saiu, e isso marcava o horário. Isso deixava um buraco de três horas e meia, que era tempo mais que suficiente para dirigir os cento e dez quilômetros de Cap City para Flint City.

E se *não* tivesse sido Terry Maitland que a sra. Stanhope viu no estacionamento do Gerald's Fine Groceries? E se fosse um cúmplice que era parecido com Terry? Ou talvez só *vestido* como Terry, de boné e camiseta do Golden Dragons? Parecia improvável, até pôr a idade da sra. Stanhope em

jogo… e também os óculos grossos que ela usava…

— Acabamos aqui, cavalheiros? — perguntou Gold. — Porque, se pretendem manter o sr. Maitland preso, tenho um monte de tarefas a resolver. A primeira delas é falar com a imprensa. Não é a coisa que mais gosto de fazer, mas…

— Você está mentindo — disse Samuels com amargura.

— Mas isso pode afastá-los da casa de Terry e dar às filhas dele a chance de entrarem sem serem perseguidas e fotografadas. Acima de tudo, vai dar à família um pouco da paz que vocês roubaram com tanto descuido.

— Guarde isso para as câmeras — disse Samuels. Ele apontou para Terry, também agindo para algum futuro juiz e júri. — Seu cliente torturou e assassinou uma criança, e se a família dele é um dano colateral, o responsável é só ele.

— Você é inacreditável — disse Terry. — Você nem me interrogou antes de me prender. Não fez nem mesmo uma pergunta.

Ralph disse:

— O que fez depois da palestra, Terry?

O treinador balançou a cabeça, não em negação, mas como se para espairecer.

— Depois? Entrei na fila com todo mundo. Mas ficamos bem atrás, graças a Debbie. Ela precisou ir ao banheiro e queria que esperássemos para entrarmos na fila juntos. Ela ficou muito tempo lá. Várias pessoas também foram ao banheiro assim que as perguntas terminaram, mas as mulheres sempre demoram mais porque… bom, você sabe, o número de cabines é menor. Eu fui até a banca de revistas com Ev e Billy, e ficamos por lá. Quando ela se encontrou com a gente, a fila estava quase no saguão.

— Que fila? — perguntou Samuels.

— Você mora embaixo de uma pedra, sr. Samuels? A fila de *autógrafos*. Todo mundo estava com um exemplar do livro novo dele, *Eu falei que faria*. Estava incluído no preço do ingresso da conferência. Tenho o meu assinado e datado, e ficarei feliz em mostrar a vocês. Supondo que a polícia não tenha tirado da minha casa junto com o restante das minhas coisas, claro. Quando chegamos à mesa de autógrafos, já passava das cinco e meia.

Se era verdade, pensou Ralph, o buraco que ele imaginou no álibi de Terry tinha ficado do tamanho da cabeça de um alfinete. Em teoria, era possível ir de Cap City para Flint City em uma hora, o limite de velocidade da rodovia era de cento e dez, e a polícia só olharia duas vezes se você estivesse a mais

de cento e trinta ou cento e quarenta, mas como Terry teria tido tempo de cometer o assassinato? A não ser que tivesse sido o cúmplice sósia, mas como isso batia com as digitais dele em tudo, até no galho? Resposta: não batia. Além do mais, por que Terry ia querer um cúmplice parecido com ele, vestido como ele ou as duas coisas? Resposta: ele não ia querer.

— Os outros professores de inglês estavam com você o tempo todo em que ficou na fila? — perguntou Samuels.

— Sim.

— Os autógrafos também foram dados no salão principal?

— Foram. Acho que chamam de salão de baile.

— E quando vocês todos pegaram os seus autógrafos, o que fizeram?

— Fomos jantar com alguns professores de inglês da Broken Arrow que conhecemos quando estávamos na fila.

— Jantar onde? — perguntou Ralph.

— Em um lugar chamado Firepit. É uma churrascaria a uns três quarteirões do hotel. Chegamos lá por volta das seis, tomamos umas bebidas antes, comemos sobremesa depois. Foi bom. — Ele disse aquilo quase melancolicamente. — Nós éramos nove, acho. Voltamos andando até o hotel e assistimos ao painel da noite, que tinha a ver com como lidar com livros complicados como *O sol é para todos* e *Matadouro 5*. Ev e Debbie saíram antes do final, mas Billy e eu ficamos até acabar.

— Que horas foi isso? — perguntou Ralph.

— Umas nove e meia.

— E depois?

— Billy e eu tomamos uma cerveja no bar, fomos para o quarto e dormimos.

Ele estava ouvindo uma palestra de um famoso escritor de mistério quando o garoto Peterson foi sequestrado, pensou Ralph. Jantando com pelo menos outras oito pessoas quando o garoto Peterson foi morto. Estava assistindo a um painel sobre livros banidos quando Esbelta Rainwater alegou tê-lo levado de táxi do Gentlemen, Please até a estação de trem em Dubrow. Ele deve saber que vamos recorrer aos colegas dele, que vamos procurar os professores de Broken Arrow, que vamos falar com o barman do Sheraton. Deve saber que vamos verificar as filmagens de câmeras de segurança do hotel e até o autógrafo no exemplar dele do mais novo livro de Harlan Coben. Ele *tem* que saber essas coisas, ele não é burro.

A conclusão, que a história dele se confirmaria, era ao mesmo tempo

inevitável e inacreditável.

Samuels se inclinou para a frente sobre a mesa, projetando o queixo.

— Você espera que a gente acredite que você esteve com outras pessoas o tempo todo entre três da tarde e oito da noite na terça? O tempo *todo*?

Terry olhou para ele de um jeito que só professores de ensino médio conseguiam: *Nós dois sabemos que você é um idiota, mas não vou constrangê-lo na frente dos seus colegas dizendo isso.*

— Claro que não. Usei o banheiro antes da palestra de Coben começar. E fui uma vez no restaurante. Talvez você consiga convencer um júri que vim para Flint, matei o pobre Frankie Peterson e voltei para Cap City no minuto e meio que levei para esvaziar a bexiga. Acha que vão acreditar?

Samuels olhou para Ralph, que deu de ombros.

— Não temos mais nenhuma pergunta no momento — disse Samuels. — O sr. Maitland será levado até a cadeia do condado e mantido sob custódia até a denúncia, na segunda.

Os ombros de Terry murcharam.

— Você pretende ir em frente com isso — disse Gold. — Pretende mesmo.

Ralph esperava outra explosão de Samuels, mas, dessa vez, o promotor público o surpreendeu. Ele parecia quase tão cansado quanto Maitland.

— Pare com isso, Howie. Considerando as provas, você sabe que não tenho escolha. E quando o DNA voltar como positivo, vai ser vitória certa.

Ele se inclinou para a frente de novo, mais uma vez invadindo o espaço de Terry.

— Você ainda tem uma chance de evitar a injeção letal, Terry. Não é muito boa, mas existe. Sugiro que aproveite. Pare de baboseira e confesse. Faça isso por Fred e Arlene Peterson, que perderam o filho da pior maneira possível. Você vai se sentir melhor.

Terry não recuou, como Samuels devia ter esperado. Na verdade, ele se inclinou para a frente, e foi o promotor que recuou, como se com medo de o homem do outro lado da mesa ter alguma coisa contagiosa que ele pudesse acabar pegando.

— Não tenho nada a confessar, senhor. Não matei Frank Peterson. Jamais faria mal a uma criança. Você pegou o homem errado.

Samuels suspirou e se levantou.

— Tudo bem, você teve a sua chance. Agora… que Deus te ajude.

HOSPITAL GERAL DE FLINT CITY
DEPARTAMENTO DE PATOLOGIA E SOROLOGIA

Para: Detetive Ralph Anderson
Tenente Yunel Sablo
Promotor Público William Samuels

De: Dra. F. Ackerman, Chefe de Patologia
Data: 12 de julho
Assunto: Adendo à autópsia/ PESSOAL E CONFIDENCIAL

Como requisitado, segue a minha opinião.

Apesar de Frank Peterson poder ou não ter sobrevivido ao ato de sodomia observado no relatório de autópsia (executado no dia 11 de julho por mim mesma, com o dr. Alvin Barkland como assistente), não pode haver dúvida de que a causa imediata da morte foi exsanguinação (ou seja, enorme perda de sangue).

Marcas de dentes foram encontradas nos restos do rosto, pescoço, ombro, peito, lado direito e tronco de Peterson. Os ferimentos, somados às fotografias da cena do crime, sugerem a seguinte sequência: Peterson foi jogado no chão com violência, de costas, e mordido pelo menos seis vezes, podendo chegar a doze mordidas. Foi um comportamento frenético. Em seguida, ele foi virado e sodomizado. Àquela altura, é quase certo de que Peterson estivesse inconsciente. Durante a sodomia ou logo depois, o criminoso ejaculou.

Marquei este adendo como pessoal e confidencial porque certos aspectos do caso, se revelados, serão divulgados com sensacionalismo pela imprensa não apenas local, mas nacional. Partes do corpo de Peterson, mais especificamente o lóbulo direito da orelha, o mamilo direito e pedaços da traqueia e do esôfago, estão faltando. O criminoso pode ter levado essas partes do corpo, junto com um monte considerável de carne da base do pescoço, como troféus. Na verdade, essa é a melhor possibilidade. A hipótese alternativa é que o criminoso as comeu.

Por estarem encarregados do caso, vocês vão fazer como acharem melhor, mas minha recomendação é que esses fatos, e minha conclusão subsequente, sejam escondidos não apenas da imprensa, mas de qualquer julgamento, a não ser que sejam necessários para garantir a condenação. A reação dos pais a uma informação dessas pode ser calculada, mas quem gostaria de passar por isso? Peço desculpas se ultrapassei os limites, mas neste caso achei necessário. Sou médica, a médica-legista do condado, mas também sou mãe.

Aposto que vão conseguir pegar o homem que maculou e assassinou essa criança, e rápido. Se não pegarem, é quase certo que ele faça de novo.

Dra. Felicity Ackerman
Hospital Geral de Flint City
Chefe de Patologia
Médica-Legista — Chefe do Condado de Flint

23

A sala principal do DP de Flint City era grande, mas os quatro homens esperando Terry Maitland pareciam ocupá-la toda; eram dois policiais estaduais e dois agentes penitenciários grandalhões da cadeia do condado. Apesar de continuar atordoado com o que lhe tinha acontecido (o que *ainda*

estava acontecendo), Terry não conseguiu deixar de achar certa graça. A cadeia do condado ficava a quatro quarteirões. Muita força bruta foi reunida para levá-lo por pouco mais de oitocentos metros.

— Mãos para a frente — disse um dos agentes penitenciários.

Terry esticou as mãos e viu uma nova algema ser colocada nos seus pulsos. Procurou Howie, de repente ansioso, como quando, aos cinco anos, sua mãe soltou a mão dele no primeiro dia do jardim de infância. Howie estava sentado no canto de uma mesa vazia, falando no celular, mas quando viu a expressão de Terry, encerrou a ligação e se aproximou rápido.

— Não toque no prisioneiro, senhor — avisou o agente que tinha algemado Terry.

Gold o ignorou. Passou o braço nos ombros do amigo e murmurou:

— Vai ficar tudo bem. — Em seguida, para a surpresa do próprio Gold tanto quanto do seu cliente, beijou Terry na bochecha.

O treinador guardou aquele beijo quando os quatro homens o carregaram pelos degraus de entrada, até uma van do condado, que esperava atrás de uma viatura da Polícia Estadual, com as luzes pulsando. E as palavras. Elas especialmente, quando as câmeras foram ligadas e as luzes da TV se acenderam e as perguntas vieram como balas. *Você foi acusado, foi você, você é inocente, você confessou, o que quer dizer para os pais de Frank Peterson.*

Vai ficar tudo bem, Gold dissera, e foi a isso que Terry se agarrou.

Mas claro que não ia.

LAMENTO
14-15 DE JULHO

1

A lâmpada de sirene à pilha que Alec Pelley mantinha no console central do Explorer estava em uma área meio indefinida da legalidade. Podia não estar perfeitamente na lei, pois ele tinha se aposentado da Polícia Estadual, mas, por outro lado, como era um membro com boa reputação da Reserva Policial de Cap City, talvez estivesse. De qualquer modo, parecia necessário prendê-la no painel e acendê-la naquela ocasião. Com a ajuda da luz, ele foi de Cap City a Flint em tempo recorde, e estava batendo na porta do número 17 da travessa Barnum às 21h15. Não havia gente da imprensa ali, porém, mais à frente, Alec viu o brilho dos holofotes da TV na frente do que supôs ser a casa dos Maitland. Ao que parecia, nem todas as moscas-varejeiras foram atraídas pela carne fresca da coletiva de imprensa improvisada de Howie. Não que ele esperasse isso.

A porta foi aberta por um homem baixo e corpulento de cabelos cor de areia, a testa franzida, os lábios tão apertados que a boca quase não existia, pronta para começar o discurso de "vai pro inferno". A mulher atrás dele era uma loura de olhos verdes, oito centímetros mais alta do que o marido e bem mais bonita, mesmo sem maquiagem e com os olhos inchados. Ela não estava chorando, mas alguém dentro da casa estava. Uma criança. Uma das filhas de Maitland, supunha Alec.

— Sr. e sra. Mattingly? Sou Alec Pelley. Howie Gold ligou para vocês?

— Ligou — disse a mulher. — Pode entrar, sr. Pelley.

Alec começou a entrar. Mattingly, vinte centímetros mais baixo, mas não se importando com isso, entrou na frente dele.

— Podemos ver a sua identificação primeiro, por favor?

— Claro. — Alec poderia ter mostrado a carteira de motorista, mas preferiu mostrar a identificação da Reserva da Polícia. O casal não precisava saber que a maioria dos trabalhos dele hoje em dia era uma espécie de caridade, em geral como segurança ilustre em shows de rock, rodeios, eventos de luta livre profissional e o Monster Truck Jam que acontecia três vezes por ano no Coliseum. O detetive também trabalhava na área comercial

de Cap City com um bloco de multas na mão sempre que um dos policiais fiscais de parquímetro ficava doente. Era uma experiência modesta para um homem que já tinha comandado um esquadrão de quatro detetives da Polícia Estadual, mas Alec não se importava; ele gostava de ficar a céu aberto, no sol. Além disso, era um estudioso da Bíblia, e Tiago 4, versículo 6 proclamava: “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes”.

— Obrigado — disse o sr. Mattingly, ao mesmo tempo dando um passo para o lado e esticando a mão. — Tom Mattingly.

Alec apertou a mão dele e se preparou para um aperto forte. Não se decepcionou.

— Não costumo ser desconfiado, esse bairro é tranquilo, mas falei para Jamie que tínhamos que ser muito cuidadosos enquanto estivermos com Sarah e Grace debaixo do nosso teto. Já tem muita gente com raiva do Treinador T, e acredite, é só o começo. Quando o que ele fez se espalhar, vai ser bem pior. Estou feliz de você estar aqui para tirar as duas das nossas mãos.

Jamie Mattingly olhou para ele com reprovação.

— O que quer que o pai delas possa ter feito, se ele fez alguma coisa mesmo, não é culpa delas. — E para o detetive: — Elas estão arrasadas, principalmente Gracie. Viram o pai ser levado algemado.

— Ah, Jesus, espere só até elas descobrirem por quê — falou Mattingly. — E elas vão saber. As crianças sempre descobrem hoje em dia. Maldita internet, maldito Facebook, malditos passarinhos do Twitter. — Ele balançou a cabeça. — Jamie está certa, inocente até que provem o contrário, é o jeito americano, mas quando fazem uma prisão pública assim… — O homem suspirou. — Quer beber alguma coisa, sr. Pelley? Jamie fez chá gelado antes do jogo.

— Obrigado, mas é melhor eu levar as garotas para casa. A mãe delas está esperando. — E entregar as crianças era apenas a primeira tarefa da noite. Howie tinha elaborado uma lista com a velocidade de uma metralhadora pouco antes de entrar no brilho dos holofotes da televisão, e o item número dois envolvia correr de volta a Cap City, fazendo ligações (e pedindo favores) no caminho. De volta à ativa, o que era bom (e bem melhor do que multar carros na rua Midland), mas essa parte seria difícil.

As garotas estavam em um aposento que, a julgar pelos peixes empalhados nas paredes de pinheiro, só podia ser a caverna particular de Tom Mattingly. Na tela plana enorme, Bob Esponja estava aprontando na fenda do Biquíni,

mas com o som mudo. As garotas que Alec fora buscar estavam encolhidas no sofá, ainda usando as camisetas do Golden Dragons e os bonés de beisebol. Também estavam com tinta preta e dourada no rosto, que devia ter sido aplicada pela mãe havia algumas horas, antes do mundo anteriormente agradável ter se empinado sobre as patas traseiras e aberto um buraco na família dela a mordidas. Parte da maquiagem da mais nova, no entanto, saíra por causa do choro.

A garota mais velha viu um homem estranho parado na porta e apertou a irmã chorosa. Apesar de Alec não ter filhos, ele gostava de crianças, e o gesto instintivo de Sarah Maitland fez seu coração doer: uma criança protegendo outra.

Ele parou no meio da sala, as mãos unidas na frente do corpo.

— Sarah? Sou amigo de Howie Gold. Você conhece ele, não conhece?

— Sim. Meu pai está bem? — A voz era pouco mais que um sussurro, rouca das lágrimas dela. Grace nem olhou para Alec; o rosto estava enterrado no ombro da irmã mais velha.

— Está. Ele me pediu para levar vocês para casa. — Não era uma verdade completa, mas não era hora de entrar em detalhes.

— Ele está lá?

— Não, mas a sua mãe está.

— Dá para ir andando — disse Sarah, baixinho. — Fica aqui na rua. Posso ir de mãos dadas com Gracie.

Com o rosto encostado no ombro da garota mais velha, a cabeça de Grace Maitland se moveu de um lado para outro em um gesto de negação.

— Não depois que escurece, querida — disse Jamie Mattingly.

E não hoje, pensou Alec. *Não por muitas noites no futuro. Nem dias.*

— Vamos lá, meninas! — disse Tom com uma alegria falsa (e um tanto apavorante). — Eu levo vocês lá para fora.

Na varanda, debaixo da lâmpada, Jamie Mattingly parecia mais pálida do que nunca; ela tinha passado de mãe saudável a paciente de câncer em três curtas horas.

— Isso é horrível — disse ela. — Parece que o mundo todo virou de cabeça para baixo. Graças a Deus a nossa filha está fora, no acampamento. Nós só estávamos no jogo hoje porque Sarah e Maureen são melhores amigas.

Ao ouvir o nome da amiga, Sarah Maitland começou a chorar, e isso fez a irmã se debulhar em lágrimas de novo. Alec agradeceu aos Mattingly e levou

as garotas até o seu Explorer. Elas andaram devagar, as cabeças baixas e de mãos dadas como crianças em um conto de fadas. O detetive tinha tirado o lixo costumeiro do banco de passageiro, e elas se sentaram juntas, espremidas. Grace mais uma vez estava com o rosto enfiado no espaço acima do ombro da irmã.

Alec nem tentou colocar o cinto de segurança nelas; a distância até o círculo de holofotes que iluminava a calçada era de no máximo trezentos metros. Só havia uma equipe na casa agora. Eram da afiliada da ABC de Cap City, quatro ou cinco caras de pé, tomando café em copos de isopor na sombra da antena de satélite da van. Quando viram o Explorer virar para a entrada da garagem dos Maitland, deram um pulo e começaram a se mexer.

Alec abriu a janela e falou com eles na sua melhor voz de “parem e coloquem as mãos para cima”.

— *Nada de câmera! Não quero nenhuma câmera apontada para essas crianças!*

Isso os fez parar por alguns segundos, mas só alguns. Mandar moscas da imprensa não filmarem era como mandar mosquitos não picarem. Alec se lembrava de quando as coisas eram diferentes (em outros tempos, quando um cavalheiro ainda abria a porta para uma dama), mas essa época já tinha passado. O repórter solitário que decidira ficar ali na travessa Barnum, um hispânico que Alec reconhecia um pouco, o que gostava de gravatas-borboleta e fazia a previsão do tempo nos fins de semana, já estava pegando o microfone e verificando a bateria no cinto.

A porta da frente da casa dos Maitland se abriu. Sarah viu a mãe lá e começou a sair.

— Espere um minuto, Sarah — disse Alec, e esticou a mão para trás. Ele tinha pegado duas toalhas no banheiro antes de sair de casa, e agora entregou uma para cada garota.

— Coloquem isso em cima do rosto, menos nos olhos. — Ele sorriu. — Que nem bandidos de filme, tá?

Grace só olhou para ele, mas Sarah entendeu e colocou uma das toalhas na cabeça da irmã. Alec a puxou por cima da boca e do nariz de Grace enquanto Sarah colocava a dela. Elas saíram e correram pela luz forte da van de televisão, segurando as toalhas fechadas embaixo do queixo. As meninas não pareciam bandidas; pareciam beduínas anãs em uma tempestade de areia. Também pareciam as crianças mais tristes e desesperadas que Alec já tinha visto.

Marcy Maitland não tinha toalha para esconder o rosto, e foi no dela que a câmera focou.

— Sra. Maitland! — gritou o Gravata-Borboleta. — Tem algum comentário sobre a prisão do seu marido? Já falou com ele?

Alec apontou para o repórter ao entrar na frente da câmera (e se movendo junto com habilidade quando o câmera tentou pegar um ângulo direto).

— Nem mais um passo no gramado, *hermano*, ou vai poder fazer as suas merdas de perguntas para Maitland da cela vizinha.

O Gravata-Borboleta lançou um olhar insultado para ele.

— Quem está chamando de *hermano*? Tenho um trabalho para fazer aqui.

— Incomodar uma mulher e duas criancinhas abaladas — disse Alec. — Que belo trabalho.

Contudo, a obrigação de Alec ali tinha acabado. A sra. Maitland pegou as filhas e as levou para dentro. Elas estavam em segurança, tanto quanto podiam estar, pelo menos, embora ele tivesse a sensação de que aquelas meninas não se sentiriam seguras por muito tempo ainda.

O Gravata-Borboleta deu uma corridinha pela calçada quando Alec voltou para o carro, fazendo sinal para o câmera ir atrás.

— Quem é você, senhor? Qual é o seu nome?

— Ivair. Pergunte de novo e eu vou repetir. Sua história não está aqui, então deixe essas pessoas em paz, o.k.? Elas não tiveram nada a ver com isso.

Ele sabia que era como falar grego. Os vizinhos já estavam nos jardins, ansiosos para ver o próximo episódio do drama do momento da travessa Barnum.

Alec deu ré pela entrada da garagem e seguiu para oeste, sabendo que o câmera estaria gravando a placa dele e que em pouco tempo saberiam quem ele era e para quem trabalhava. Não era uma grande notícia, mas a cereja no topo do sorvete que eles serviriam aos telespectadores que fossem assistir ao noticiário das onze. Ele pensou um pouco no que estava acontecendo naquela casa: a mãe atordoada e apavorada tentando consolar duas garotinhas atordoadas e apavoradas ainda com a tinta no rosto do jogo do dia.

— Foi ele? — Alec tinha perguntado quando Howie ligou e deu uma versão rápida e resumida da situação. Não importava, trabalho era trabalho, mas ele sempre gostava de saber. — O que você acha?

— Não sei *o que* achar — respondera Howie —, mas sei qual vai ser a sua próxima tarefa assim que levar Sarah e Gracie para casa.

Agora, quando viu a primeira placa indicando a rodovia, Alec ligou para o

Sheraton de Cap City e pediu para falar com o concierge, com quem já tinha feito alguns trabalhos no passado.

Que inferno, ele já tinha feito alguns trabalhos com a maioria deles.

2

Ralph e Bill Samuels estavam na sala do detetive com as gravatas frouxas e os colarinhos abertos. Os holofotes de televisão lá fora tinham se apagado dez minutos antes. Os quatro botões do telefone de mesa de Ralph estavam acesos, mas Sandy McGill atendia às ligações e continuaria fazendo isso até Gerry Malden chegar às onze. No momento, o trabalho dela era simples, ainda que repetitivo: *O Departamento de Polícia de Flint City não tem nenhum comentário no momento. A investigação está em andamento.*

Enquanto isso, Ralph mexia no celular. Agora, voltou a guardá-lo no bolso.

— Yune Sablo e a esposa viajaram para visitar os sogros dele. Ele disse que já havia adiado a viagem duas vezes e que não tinha escolha agora, a não ser que quisesse passar uma semana no sofá, que é muito desconfortável, segundo Sablo. Ele volta amanhã, e claro que estará na denúncia.

— Vamos mandar outra pessoa ao Sheraton, então — disse Samuels. — Pena que Jack Holt está de férias.

— Que pena nada — respondeu Ralph, e isso fez Samuels rir.

— Tudo bem, você me pegou. Nosso Jackie-boy pode não ser o pior detetive do estado, mas admito que chega bem perto. Você conhece todos os detetives na força policial de Cap City. Comece a ligar até encontrar um que esteja vivo.

Ralph balançou a cabeça.

— Tinha que ser Sablo. Ele conhece o caso e é a nossa ligação com a Polícia Estadual. Agora não é hora de arriscar irritar eles, considerando como as coisas foram hoje. Não foi bem como a gente esperava.

Esse era o eufemismo do ano, talvez até do século. A surpresa total e a aparente falta de culpa de Terry abalaram Ralph ainda mais do que o álibi impossível. Será que o monstro dentro dele não só tinha matado o garoto como também apagado todas as lembranças do ato? E depois… o quê? Preenchido as lacunas com uma história detalhada e falsa de uma conferência de professores em Cap City?

— Se você não mandar ninguém agora mesmo, e Gold usar…

— Alec Pelley.

— É, ele mesmo. O sujeito vai chegar às filmagens de segurança do hotel

antes de nós. Isso se ainda tiverem.

— Vão ter. Eles guardam tudo por trinta dias.

— Tem certeza disso?

— Sim. Mas Pelley não tem um mandado.

— Para com isso. Você acha que ele vai precisar de um?

Na verdade, Ralph achava que não. Alec Pelley foi detetive da Polícia Estadual por mais de vinte anos. Devia ter feito diversos contatos nessa época, e trabalhando para um advogado criminal de sucesso como Howard Gold, ele tomaria o cuidado de manter os contatos atualizados.

— A sua ideia de prender ele em público agora está parecendo uma decisão ruim — disse Samuels.

Ralph olhou para ele com a expressão dura.

— Foi uma ideia com a qual você concordou.

— Sem muito entusiasmo — respondeu Samuels. — Vamos falar a verdade, já que todo mundo foi para casa e só ficamos nós. Esse crime te afetou bastante.

— É verdade — confessou Ralph. — Ainda afeta. E como só estamos nós dois, quero lembrar de que você fez um pouco mais do que concordar. A próxima eleição acontece no outono, e uma prisão dramática e importante não faria mal às suas chances.

— Isso nunca passou pela minha cabeça — disse Samuels de forma não muito convincente.

— Tudo bem. Nunca passou pela sua cabeça, você só seguiu o fluxo, mas se pensa que a decisão de prender ele no campo foi só por causa do meu filho, precisa dar uma segunda olhada nas fotos da cena do crime e pensar no adendo da autópsia de Felicity Ackerman. Homens assim nunca param com um só.

As bochechas de Samuels começaram a ficar coradas.

— Você acha que não fiz isso? Meu Deus, Ralph, fui eu que chamei ele de canibal *no registro oficial*.

Ralph passou a palma da mão na bochecha, que estava áspera.

— Discutir sobre quem disse o que e quem fez o que é inútil. A questão a ser lembrada é que não importa quem vai conseguir as imagens das filmagens primeiro. Se for Pelley, ele não pode botar debaixo do braço e levar para casa, pode? E também não pode apagar.

— É verdade — disse Samuels. — E não deve ser conclusivo, de qualquer modo. Nós podemos ver um homem em alguma parte das imagens que *se*

pareça com Maitland…

— Certo. Mas provar que é ele, com base em alguns vislumbres, seria bem diferente. Principalmente em confronto com as nossas testemunhas e as digitais. — Ralph se levantou e abriu a porta. — Talvez a filmagem não seja o mais importante. Preciso fazer uma ligação. Que já devia ter feito, aliás.

Samuels o seguiu até a recepção. Sandy McGill estava no telefone. Ralph se aproximou e fez o gesto de cortar o pescoço. Ela desligou e olhou para ele com expectativa.

— Everett Roundhill — disse Ralph. — Presidente do departamento de inglês da escola de ensino médio. Procure e ligue para ele.

— Procurar não vai ser problema, porque tenho o telefone dele aqui — falou Sandy. — Ele já me ligou duas vezes pedindo para falar com o responsável pela investigação, e eu falei para ele entrar na fila. — Ela pegou uma pilha de bilhetes com o cabeçalho NA SUA AUSÊNCIA e balançou para o detetive. — Eu ia colocar isso na sua mesa para amanhã. Sei que é domingo, mas andei dizendo para as pessoas que tenho quase certeza de que você vai estar aqui.

Falando muito devagar e olhando para o chão em vez de para o homem ao seu lado, Bill Samuels disse:

— Roundhill ligou. Duas vezes. Não gosto disso. Não gosto nem um pouco disso.

3

Ralph chegou em casa às quinze para as onze naquela noite de sábado. Apertou o botão do controle remoto da garagem, entrou com o carro e o apertou de novo. A porta desceu, obediente, para o lugar. Pelo menos uma coisa no mundo permanecia sã e normal. Era só apertar o botão A, supondo que o compartimento de pilhas B estivesse carregado com Duracells relativamente novas, e a porta da garagem C se abria e se fechava.

Ele desligou o motor e ficou sentado no escuro, batendo no volante com a aliança de casamento, lembrando uma rima dos seus agitados anos adolescentes: *Barba e bigode… certeiro! Pelo quarteto… do puteiro!*

A porta se abriu e Jeanette saiu, enrolada no roupão. Na luz da cozinha, ele viu que a esposa estava usando as pantufas de coelhinho que ele lhe dera no último aniversário como um presente de brincadeira. O verdadeiro presente foi uma viagem a Key West, só os dois, e eles se divertiram muito, mas agora a viagem era só uma lembrança confusa na mente dele, assim como todas as

férias ficavam depois de um tempo: coisas tão sem substância quanto o gosto que fica na boca depois de usar fio dental com sabor. As pantufas bobas foram o que ficou, sapatinhos cor-de-rosa da loja de um dólar, com olhinhos ridículos e as orelhas compridas e cômicas. Vê-la usando aquilo fez seus olhos arderem. Ralph sentia como se tivesse envelhecido vinte anos desde que pisou naquela clareira no parque Figgis e viu a ruína sangrenta que tinha sido um garotinho que devia idolatrar o Batman e o Super-Homem.

Ele saiu do carro e deu um abraço forte na esposa, pressionando o rosto com barba por fazer na bochecha lisa dela, sem dizer nada, apenas se concentrando em segurar as lágrimas que queriam sair.

— Querido — disse ela. — Querido, você pegou ele. Você pegou ele, qual é o problema?

— Talvez nada — respondeu o detetive. — Talvez tudo. Eu devia ter levado ele primeiro para o interrogatório. Mas, Jesus Cristo, eu tinha tanta certeza!

— Entre — disse ela. — Vou fazer chá, e você pode me contar tudo.

— Chá vai me deixar desperto.

Ela recuou e olhou para ele com olhos tão adoráveis e escuros aos cinquenta anos como tinham sido aos vinte e cinco.

— E por acaso você vai dormir? — Como o marido não respondeu, ela disse: — Caso encerrado.

Derek estava em um acampamento em Michigan, então eles tinham a casa só para si. Ela perguntou se Ralph queria ver o noticiário das onze na televisão da cozinha, e ele balançou a cabeça. A última coisa que queria eram dez minutos de cobertura sobre a captura do Monstro de Flint City. Jeannie fez torrada de pão de passas para acompanhar o chá. Ralph se sentou à mesa da cozinha, olhou para as mãos e contou tudo. Deixou Everett Roundhill para o final.

— Ele estava furioso com todos nós — disse o detetive —, mas como fui eu que liguei para ele, levei a pior.

— Está dizendo que ele confirmou a história de Terry?

— Cada palavra. Roundhill pegou Terry e os outros dois professores, Quade e Grant, na escola. Às dez da manhã de terça, conforme tinham combinado. Eles chegaram ao Sheraton de Cap City mais ou menos às 11h45, a tempo de pegar as credenciais da conferência e almoçarem. Roundhill diz que perdeu Terry de vista por uma hora mais ou menos depois do almoço, mas acha que Quade estava com ele. De qualquer modo, todos se reuniram às

três, que foi quando a sra. Stanhope viu ele colocando a bicicleta de Frank Peterson e o próprio Frank em uma van branca suja cento e dez quilômetros ao sul.

— Você falou com Quade?

— Falei. A caminho de casa. Ele não estava com raiva como Roundhill, que está tão puto que ameaçou pedir uma investigação completa da procuradoria-geral, mas ficou descrente. Perplexo. Falou que ele e Terry foram a um sebo chamado Second Edition depois do almoço, olharam livros e voltaram para ver Coben.

— E Grant? O que ele diz?

— É ela, Debbie Grant. Não falei ainda com a professora, o marido disse que ela saiu com amigas e que sempre desliga o celular quando faz isso. Vou conversar com ela amanhã de manhã, mas não tenho dúvida de que vai confirmar o que Roundhill e Quade contaram. — Ele deu uma pequena mordida na torrada e a colocou de volta no prato. — É culpa minha. Se eu tivesse levado Terry para interrogatório na noite de quinta, depois que Stanhope e a garota Morris identificaram ele, eu saberia que tínhamos um problema e isso não estaria na televisão e na internet agora.

— Mas àquela altura você já tinha encontrado digitais correspondentes com as de Terry Maitland, não é verdade?

— É.

— Digitais na van, uma digital na chave de ignição, digitais no carro que ele abandonou perto do rio, no galho que usou para…

— É.

— E mais testemunhas. O homem atrás do Shorty's Pub e o amigo dele. A motorista de táxi. E o leão de chácara da casa de strip. Todos reconheceram ele.

— Aham, e agora que ele foi preso, não tenho dúvida de que vamos conseguir mais algumas testemunhas no Gentlemen, Please. A maioria solteirões, que não vão ter que explicar para as esposas o que estavam fazendo lá. Eu devia ter esperado mesmo assim. Talvez devesse ter ligado para a escola para verificar as atividades dele no dia do assassinato, só que não fazia sentido, por estarmos no meio das férias de verão. O que eles poderiam ter dito além de "Ele não está aqui"?

— E você tinha medo de que, se começasse a fazer perguntas, a notícia acabasse chegando a ele.

Isso parecera óbvio na hora, mas agora parecia besteira. Pior, descuido.

— Já cometi alguns erros na minha carreira, mas nada desse tipo. Parece que fiquei cego.

Ela balançou a cabeça com veemência.

— Você se lembra do que eu disse quando você me falou como pretendia fazer as coisas?

— Lembro.

Vá em frente. Afaste ele daqueles garotos o mais rápido que puder.

Foi isso que ela disse.

Eles ficaram sentados, olhando um para o outro por cima da mesa.

— Isso é impossível — disse Jeannie por fim.

Ele apontou para ela.

— Acho que você chegou ao cerne da questão.

Ela tomou o chá, pensativa, e olhou para ele por cima da beirada da xícara.

— Tem um dito antigo de que todo mundo tem um duplo. Acho que Edgar Allan Poe até escreveu uma história sobre isso. "William Wilson" é o nome.

— Poe escreveu suas histórias antes das digitais e do DNA. Nós ainda não temos o DNA, isso está pendente, mas, se voltar como sendo o dele, então é ele, e acho que vou ficar bem. Se voltar como o de outra pessoa, vão me mandar para o hospício. Depois de eu ser demitido e processado por prisão falsa, claro.

Ela ergueu a torrada, mas colocou-a de volta no prato.

— Você tem as digitais dele *aqui*. E vai ter o DNA dele *aqui*, tenho certeza. Mas, Ralph… você não tem as digitais e o DNA de *lá*. De quem foi à conferência em Cap City. E se Terry Maitland matou o garoto e era o *duplo* na conferência?

— Se você está dizendo que Terry Maitland tem um gêmeo idêntico perdido com as mesmas digitais e o mesmo DNA, isso não é possível.

— *Não* estou dizendo isso. Estou dizendo que você não tem prova pericial nenhuma de que era Terry em Cap City. Se Terry estava *aqui* e a perícia diz que estava, então o *duplo* devia estar lá. É a única coisa que faz sentido.

Ralph entendia a lógica, e nos livros de detetive que Jeannie gostava de ler, de Agatha Christie, Rex Stout, Harlan Coben, aquela seria a peça principal do último capítulo, quando Miss Marple, Nero Wolfe ou Myron Bolitar revelavam tudo. Havia um fato sólido, tão inalterável quanto a gravidade: um homem não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Porém, se Ralph confiava nas testemunhas oculares *daqui*, tinha que ter a mesma confiança nas testemunhas oculares que disseram que estavam em

Cap City com Maitland. Como poderia duvidar? Roundhill, Quade e Debbie Grant davam aulas no mesmo departamento. Viam Maitland todos os dias. Ele, Ralph, devia acreditar que aqueles três professores foram cúmplices no estupro e assassinato de uma criança? Ou que passaram dois dias com um duplo tão perfeito que nem desconfiaram? E mesmo que ele pudesse *se* fazer acreditar, Bill Samuels conseguiria convencer um júri, sobretudo com Terry tendo um advogado experiente e ardiloso como Howie Gold ao lado?

— Vamos para a cama — disse Jeanette. — Vou te dar um dos meus Ambiens e fazer uma massagem nas suas costas. Isso tudo vai parecer melhor de manhã.

— Você acha? — perguntou ele.

4

Enquanto Jeanette Anderson massageava as costas do marido, Fred Peterson e o seu filho mais velho (agora, com Frankie morto, seu único filho) estavam pegando pratos e arrumando a sala de estar e a da televisão. Apesar de o termo correto para o evento do dia ser *velório*, as sobras na casa eram iguais às de qualquer outra festa grande e longa.

Ollie surpreendeu Fred. O garoto era o típico adolescente egoísta que em geral não pegaria as meias debaixo da mesa de centro se não ouvisse a mesma ordem duas ou três vezes, mas hoje ele foi um ajudante eficiente que não reclamou de nada desde que Arlene se despediu às dez horas do último grupo de convidados sem fim. A movimentação no velório começou a diminuir às sete, e Fred esperava que terminasse às oito (Deus, ele estava tão cansado de assentir quando as pessoas diziam que Frankie estava no céu agora), mas logo chegou a notícia de que Terence Maitland fora preso pelo assassinato de Frankie, e a maldita coisa ganhou um novo vigor. O segundo ciclo quase *foi* uma festa, ainda que sinistra. Repetidas vezes Fred ouviu que a) era inacreditável, que b) o Treinador T sempre pareceu tão *normal*, e c), a injeção letal na McAlester era pouco para ele.

Ollie foi da sala para a cozinha carregando copos e pilhas de pratos, colocando tudo no lava-louça com uma eficiência que Fred jamais esperaria. Quando a máquina estava cheia, Ollie a ligou e passou água em outros pratos e os empilhou na pia para a próxima leva. Fred levou os pratos que tinham ficado na sala de televisão e encontrou mais na mesa de piquenique no quintal, onde alguns convidados tinham ido fumar. Cinquenta ou sessenta pessoas deviam ter passado pela casa antes de terminar, todos os vizinhos do

bairro e mais alguns indivíduos de outras partes da cidade, sem mencionar o padre Brixton e seus vários acompanhantes (os groupies dele, pensou Fred) da St. Anthony's. Eles chegaram sem parar, um fluxo contínuo de lamentosos e curiosos.

Fred e Ollie fizeram a arrumação em silêncio, cada um absorto nos próprios pensamentos e na dor. Após receberem condolências durante horas (e, para falar a verdade, até as dos estranhos foram sinceras), eles não conseguiam compadecer-se um do outro. Talvez isso fosse estranho. Talvez fosse triste. Talvez fosse o que os tipos literários chamavam de ironia. Fred estava cansado demais e sofrendo demais para pensar naquilo.

Durante todo esse tempo, a mãe do garoto morto ficou sentada no sofá com seu melhor vestido de seda de receber visitas, os joelhos unidos, as mãos apertando os braços gordos como se ela estivesse com frio. A mulher não dissera nada desde que a última convidada da noite, a velha sra. Gibson da casa ao lado, que previsivelmente ficou até o amargo final, enfim foi embora.

Ela pode ir agora, já arquivou tudo na cabeça, Arlene Peterson falara para o marido quando trancou a porta da frente e apoiou o peso nela.

Arlene Kelly era uma visão magra de renda branca quando o predecessor do padre Brixton os casou. Ela ainda era magra e linda depois de dar à luz Ollie, mas isso acontecera dezessete anos antes. Ela começou a ganhar peso depois de dar à luz Frank, e agora estava à beira da obesidade… embora ainda fosse linda para Fred, que não teve coragem de seguir o conselho do dr. Carhart no último exame: *Você está preparado para mais cinquenta anos, Fred, desde que não caia de um prédio e não entre na frente de um caminhão, mas a sua esposa tem diabetes tipo dois e precisa perder vinte e cinco quilos para ficar saudável. Você precisa ajudá-la. Afinal os dois ainda têm muito pelo que viver.*

Só que com Frankie não só morto, mas assassinado, a maioria das coisas pelas quais eles viviam parecia idiota e insignificante. Só Ollie mantinha a importância preciosa anterior na mente de Fred, e mesmo em meio à dor, o pai sabia que ele e Arlene tinham que tomar cuidado com a forma como o tratariam nas semanas e meses à frente. Ollie também estava sofrendo. Ele aguentava a sua cota (mais do que isso, na verdade) de limpar os restos do último ato nos ritos tribais mortuários de Franklin Victor Peterson, mas, amanhã, eles teriam que deixá-lo voltar a ser um garoto. Levaria tempo, mas Ollie chegaria lá alguma hora.

Na próxima vez em que eu vir as meias de Ollie embaixo da mesa de

centro, vou ficar feliz, prometeu Fred a si mesmo. *E vou romper esse silêncio horrível e nada natural assim que conseguir pensar em alguma coisa para dizer*.

No entanto, ele não conseguiu pensar em nada, e enquanto Ollie passava por ele como um sonâmbulo até a sala de televisão, puxando o aspirador pelo cano, Fred pensou — sem ter ideia do quanto estava errado — que pelo menos as coisas não podiam piorar.

Ele foi até a porta da sala e viu Ollie começar a aspirar a pilha cinzenta com aquela mesma eficiência estranha e inimaginável, fazendo movimentos longos e regulares, primeiro puxando os fios do tapete para um lado e depois para o outro. Os farelos de Nabs, Oreos e biscoitos Ritz desapareceram como se nunca tivessem estado lá, e Fred encontrou uma coisa para dizer.

— Vou limpar a sala.

— Eu não me importo de limpar — falou Ollie. Seus olhos estavam vermelhos e inchados. Considerando a diferença de idade entre os dois irmãos, sete anos, eles eram incrivelmente próximos. Ou talvez não fosse tão incrível assim, talvez fosse apenas espaço suficiente para manter a rivalidade entre irmãos ao mínimo. Para tornar Ollie algo como um segundo pai para Frank.

— Eu sei — disse Fred —, mas a divisão tem que ser justa.

— Tudo bem. Só não diga: “É o que Frankie ia querer”. Eu teria que estrangular você com a mangueira do aspirador.

Fred sorriu ao ouvir isso. Não devia ser o primeiro sorriso que dava desde que o policial apareceu na porta dele na terça-feira, mas talvez tenha sido o primeiro sorriso honesto.

— Combinado.

Ollie terminou o tapete e levou o aspirador para o pai. Quando Fred o puxou para a sala e começou a usá-lo, Arlene se levantou e foi na direção da cozinha sem olhar para trás. Fred e Ollie trocaram um olhar. O filho deu de ombros. Fred fez o mesmo e voltou a aspirar. As pessoas foram até eles para compartilhar a dor, e ele achava que isso era um gesto bom, mas caramba, como fizeram sujeira. Ele se consolou pensando que teria sido bem pior se o velório fosse irlandês, mas Fred parara de beber depois que Ollie nasceu, e os Peterson não tinham álcool em casa.

Da cozinha veio um som inesperado: gargalhadas.

Fred e Ollie se olharam de novo. O adolescente correu para a cozinha, onde as gargalhadas da mãe, que pareceram naturais e tranquilas, agora

estavam chegando a um tom histérico. O pai pisou no botão para desligar o aspirador e foi atrás.

Arlene Peterson estava de costas para a pia, segurando a barriga considerável e quase gritando de tanto rir. O rosto estava bem vermelho, como se ela estivesse com febre alta. Lágrimas escorriam pelas bochechas.

— Mãe? — perguntou Ollie. — O que aconteceu?

Apesar de os pratos terem sido retirados das salas de estar e da televisão, ainda havia um monte de trabalho a ser feito ali. Havia uma bancada de cada lado da pia, e uma mesa em um canto da cozinha, onde a família fazia a maior parte das refeições noturnas. Todas as superfícies estavam lotadas de travessas consumidas em parte, tupperwares e restos embrulhados em papel-alumínio. Em cima do fogão havia a carcaça de um frango meio comido e uma tigela de molho cheia de gosma marrom dura.

— Temos comida para um mês! — Arlene conseguiu dizer. Ela se inclinou para a frente, rindo, e se empertigou. As bochechas estavam roxas. O cabelo ruivo, que ela passara tanto para o filho diante dela quanto para o que estava agora enterrado, tinha se soltado dos grampos que ela usara para segurá-lo, e agora caía em volta do rosto vermelho como uma coroa ondulada. — Má notícia, Frankie está morto! Boa notícia, não vou ter que fazer compras por *muito… muito… tempo*!

Ela começou a uivar. Era um som digno de um hospício, não da cozinha deles. Fred mandou seu corpo se mover, ir até ela para abraçá-la, mas, a princípio, ele não obedeceu. Foi Ollie quem se moveu, mas antes que o filho pudesse chegar à mãe, Arlene pegou o frango e jogou nele. O garoto desviou. A ave voou girando no ar, espalhando recheio, e bateu na parede com um ruído horrível. Deixou uma marca de gordura no papel de parede, embaixo do relógio.

— Mãe, para. Para.

Ollie tentou segurá-la pelos ombros e puxá-la em um abraço, mas Arlene se soltou das mãos dele e pulou na direção de uma das bancadas, ainda gargalhando e uivando. Pegou uma travessa de lasanha com as duas mãos, levada por um dos puxa-sacos do padre Brixton, e virou na própria cabeça. Massa fria caiu no cabelo e nos ombros dela. Depois, a mulher jogou a travessa na sala.

— *Frankie morreu e nós temos a porra de um bufê italiano!*

Fred se mexeu nessa hora, mas Arlene também desviou dele. Ela estava rindo como uma garota empolgada brincando de pique. Pegou um tupperware

cheio de pavê de marshmallow. Começou a erguê-lo, mas acabou largando entre os pés. As gargalhadas pararam. Uma das mãos aninhou o volumoso seio esquerdo. A outra se apoiou aberta no peito acima. Ela olhou para o marido com olhos arregalados ainda cheios de lágrimas.

Esses olhos, pensou Fred. *Foi por esses olhos que eu me apaixonei.*

— Mãe? Mãe, o que foi?

— Nada — disse ela, e então: — Acho que meu coração. — Ela se inclinou para olhar o frango e a sobremesa de marshmallow. Caiu lasanha do cabelo dela. — Olha só o que eu fiz.

Arlene soltou um arquejo longo, rouco e engasgado. Fred a segurou, mas ela era pesada demais, e escorregou entre os braços dele. Antes de sua esposa cair de lado, ele viu que a cor já estava sumindo da bochecha dela.

Ollie gritou e caiu de joelhos ao lado dela.

— Mãe! Mãe! *Mãe!* — Ele olhou para o pai. — Acho que ela não está respirando!

Fred empurrou o filho para o lado.

— Ligue para a emergência.

Sem olhar para ver se Ollie tinha obedecido, Fred colocou a mão em volta do pescoço grande da esposa, em busca de pulsação. Encontrou, mas estava descompassada, caótica: *tum-tum, tumtumtum, tum-tum-tum.* Ele montou nela, envolveu o pulso esquerdo com a mão direita, e começou a apertar em ritmo regular. Ele estava fazendo certo? Era mesmo RCP? Ele não sabia, mas quando os olhos de Arlene se abriram, o coração de Fred pareceu dar um salto no peito. Ali estava a sua esposa, ela tinha voltado.

Não foi um ataque cardíaco de verdade. Ela se extenuou, só isso. Desmaiou. Acho que chamam de síncope. Mas vamos pôr você em uma dieta, minha querida, e seu presente de aniversário vai ser uma daquelas pulseiras que medem seu…

— Fiz sujeira — sussurrou Arlene. — Desculpe.

— Não tente falar.

Ollie estava no telefone pendurado na parede da cozinha, falando rápido e alto, quase gritando. Dando o endereço deles. Mandando que viessem logo.

— Vocês vão ter que limpar a sala de novo — disse ela. — Me desculpe. Fred, peço mil desculpas.

Antes que Fred pudesse mandar mais uma vez que ela não falasse, que ficasse parada até se sentir melhor, Arlene inspirou fundo, rouca. Quando expirou, os olhos se reviraram para dentro da cabeça. A parte branca cheia de

vasinhos estourados saltou, transformando-a em uma máscara de morte de filme de terror que Fred depois tentaria apagar da mente. Mas nunca conseguiria.

— Pai? Eles estão vindo. Ela está bem?

Ele não respondeu. Estava ocupado demais aplicando RCP meia-boca e desejando ter feito uma aula. Por que nunca tinha arrumado tempo para isso? Havia tantas coisas que ele desejava. Teria trocado sua alma imortal para poder voltar uma semana só no calendário.

Apertar e soltar. Apertar e soltar.

Você vai ficar bem, ele pensou. *Você tem que ficar bem.* Desculpa *não pode ser a sua última palavra. Não vou permitir.*

Apertar e soltar. Apertar e soltar.

5

Marcy Maitland ficou feliz de levar Grace para sua cama quando a filha pediu, mas quando perguntou se Sarah queria se juntar a elas, a menina fez que não.

— Tudo bem — disse Marcy —, mas, se mudar de ideia, vou estar aqui.

Uma hora se passou, depois outra. O pior sábado da vida dela se tornou o pior domingo. Ela pensou em Terry, que devia estar ao seu lado, dormindo profundamente (e talvez sonhando com o campeonato da Liga da Cidade que estava chegando agora que o Bears tinha ficado para trás), mas estava em uma cela de prisão. Ele também estaria acordado? Claro que sim.

Ela sabia que haveria dias difíceis pela frente, mas Howie consertaria as coisas. Terry certa vez disse que seu cotreinador de futebol americano era o melhor advogado de defesa do sudoeste e que podia um dia ir para a Suprema Corte. Considerando o álibi perfeito de Terry, não havia como Howie fracassar. Contudo, cada vez que ela tirava consolo quase suficiente dessa ideia para adormecer, pensava em Ralph Anderson, o Judas filho da puta que ela achava ser amigo deles, e despertava de novo. Assim que aquilo acabasse, eles processariam o DP de Flint City por falsa prisão, difamação e qualquer outra coisa em que Howie Gold conseguisse pensar, e quando o advogado começasse a soltar suas bombas legais, ela cuidaria para que Ralph Anderson estivesse no meio da explosão. Eles poderiam processá-lo pessoalmente? Arrancar do homem tudo que ele tinha? Ela esperava que sim. Esperava que pudessem mandar ele, a esposa e o filho, a quem Terry ajudou tanto, para a rua, descalços e vestidos com trapos, com tigelinhas de pedintes nas mãos.

Ela achava que essas coisas não eram prováveis de acontecer naquela época avançada e supostamente desenvolvida, mas conseguia ver os três assim com perfeita clareza, mendigando nas ruas de Flint City, e cada vez que pensava naquilo, a visão a despertava de novo, vibrando com fúria e satisfação.

Eram 2h15 no relógio da mesa de cabeceira quando a filha mais velha apareceu na porta, só as pernas visíveis embaixo da camiseta do Okie City Thunder que ela usava como camisola.

— Mãe? Está acordada?

— Estou.

— Posso deitar aí com você e Gracie?

Marcy puxou o lençol e chegou para o lado. Sarah subiu na cama, e quando Marcy a abraçou e beijou a nuca da filha, a garota começou a chorar.

— Shh, você vai acordar a sua irmã.

— Não consigo controlar. Fico pensando na algema. Desculpa.

— Baixinho, então. Baixinho, querida.

Marcy a abraçou até Sarah ter botado tudo para fora. Quando ficou quieta por uns cinco minutos, a mãe achou que a garota tinha adormecido, e sentia que agora, com as duas filhas, uma de cada lado, conseguiria dormir. Mas Sarah rolou e olhou para ela. Os olhos úmidos brilhavam na escuridão.

— Ele não vai para a prisão, vai, mãe?

— Não — disse ela. — Ele não fez nada.

— Mas pessoas inocentes *vão* para a prisão. Às vezes, durante anos, até alguém descobrir que elas eram inocentes. Aí elas saem, mas estão *velhas*.

— Isso não vai acontecer com o seu pai. Ele estava em Cap City quando aconteceu a coisa pela qual prenderam ele…

— Eu sei por que prenderam ele — disse Sarah. Ela secou os olhos. — Não sou *burra*.

— Eu sei que você não é burra, querida.

Sarah se mexeu com agitação.

— Devem ter tido um motivo.

— Eles devem pensar que sim, mas os motivos deles estão errados. O sr. Gold vai explicar onde ele estava, e vão ter que soltar o seu pai.

— Tudo bem. — Uma longa pausa. — Mas não quero voltar ao acampamento enquanto isso não acabar, e acho que Gracie também não devia voltar.

— Não precisa voltar. E quando chegar o outono, tudo isso vai ser só uma lembrança.

— Uma lembrança ruim — disse Sarah, e fungou.

— É verdade. Agora, durma.

Sarah dormiu. E com as garotas a aquecendo, Marcy também, embora seus sonhos tenham sido ruins, nos quais Terry era levado por dois policiais enquanto a torcida assistia àquilo, Baibir Patel chorava e Gavin Frick olhava sem acreditar.

6

Até meia-noite, a cadeia do condado parecia um zoológico na hora do almoço, com bêbados cantando, bêbados chorando, bêbados de pé junto às barras das celas conversando aos berros. Houve até o que pareceu ser uma briga, embora Terry não soubesse como aquilo era possível, considerando que todas as celas eram para apenas um ocupante, a não ser que houvesse dois caras se socando entre as barras. Em algum lugar no final do corredor, um homem gritava o primeiro verso de João 3, versículo 16 sem parar, a plenos pulmões:

— *Assim amou Deus o mundo! Assim amou Deus o mundo! Assim amou Deus A PORRA DO MUNDO TODO!*

O fedor era de mijo, de merda, de desinfetante e do macarrão encharcado de molho que fora servido no jantar.

Minha primeira vez na cadeia, pensou Terry, impressionado. *Depois de quarenta anos de vida, vim parar atrás das grades, na gaiola, no xadrez, no xilindró. Imagina só.*

Ele queria sentir raiva, uma raiva *justa*, e achava que esse sentimento podia chegar com a luz do dia, quando o mundo entrasse em foco de novo, mas agora, às três da madrugada de domingo, enquanto os gritos e a cantoria iam se tornando roncos, peidos e um gemido ocasional, ele só sentia vergonha. Como se *tivesse* mesmo feito alguma coisa. Só que ele não teria sentido nada assim se tivesse feito o que fora acusado de fazer. Se fosse doente e mau o suficiente para cometer um ato tão obsceno com uma criança, não teria sentido nada além da artimanha desesperada de um animal preso em uma armadilha, disposto a dizer ou fazer qualquer coisa para sair. Mas seria verdade? Como ele poderia saber o que um homem assim pensaria ou sentiria? Era como tentar adivinhar o que podia estar passando pela cabeça de um alienígena.

Ele não tinha dúvida de que Howie Gold o tiraria dali; mesmo agora, na hora mais escura da noite, com a mente ainda tentando entender a forma

como a sua vida toda tinha mudado em questão de minutos, ele não duvidava. Mas também sabia que nem toda a merda sumiria. Ele seria solto com um pedido de desculpas, se não amanhã, no dia da denúncia, e se não na denúncia, no passo seguinte, que provavelmente seria a audiência com um grande júri em Cap City. Porém, ele sabia o que veria nos olhos dos alunos na próxima vez em que entrasse em uma sala de aula, e sua carreira como treinador esportivo de crianças estava acabada. Os vários órgãos governamentais responsáveis encontrariam alguma desculpa se Terry não fizesse o que eles veriam como sendo a coisa honrada e pedisse demissão. Porque ele nunca seria cem por cento inocente de novo, não aos olhos dos vizinhos do West Side, nem aos de Flint City como um todo. Ele sempre seria o homem que foi preso pelo assassinato de Frank Peterson. Sempre seria o homem que as pessoas veriam e diriam: *Onde há fumaça, há fogo.*

Se fosse apenas ele, Terry achava que conseguiria encarar. O que ele dizia para os seus garotos quando eles resmungavam que uma decisão do juiz foi injusta? *Engole o choro e volta para o campo. Joga o jogo.* Mas não era só ele que teria que engolir o choro, não era só ele que teria que jogar o jogo. Marcy ficaria marcada. Os sussurros e olhares de lado no trabalho e no mercado. Os amigos que parariam de ligar. Jamie Mattingly podia ser uma exceção, mas ele tinha dúvidas até sobre ela.

E havia as meninas. Sarah e Gracie seriam sujeitadas ao tipo de fofoca cruel e à rejeição indiscriminada que só as crianças da idade delas são capazes de fazer. Ele achava que Marcy teria bom senso para mantê-las por perto até que tudo fosse resolvido, ou ao menos mantê-las longe dos repórteres que estariam dispostos a caçá-las, mas mesmo no outono, mesmo depois de ele ter sido inocentado, elas ficariam marcadas. *Estão vendo aquela garota ali? O pai dela foi preso por matar um menino e enfiar uma vareta no cu dele.*

Deitado no catre. Olhando para o teto escuro. Sentindo o fedor da cadeia. Pensando: *Vamos ter que nos mudar. Talvez para Tulsa, talvez para Cap City, talvez até para o Texas. Alguém vai me dar um emprego, mesmo que não me permitam chegar a um quilômetro de um time infantil de beisebol, de futebol americano ou de basquete. Minhas referências são boas, e vão ter medo de um processo por discriminação se disserem que não.*

Porém, a prisão (e o motivo da prisão) os seguiria como o fedor dessa cadeia. Principalmente as garotas. Só o Facebook bastaria para que elas fossem caçadas e identificadas. *Essas são as garotas cujo pai se safou de*

assassinato.

Ele tinha que parar de pensar assim e dormir um pouco, e tinha que parar de sentir vergonha porque outra pessoa, Ralph Anderson, para ser específico, cometeu um erro horrível. Essas coisas sempre pareciam piores de madrugada, era isso que precisava lembrar. E considerando sua posição atual, em uma cela usando um uniforme marrom largo com DOC na parte de trás da camisa, era inevitável que seus medos ficassem do tamanho de balões em uma parada comemorativa. As coisas pareceriam melhores de manhã. Ele tinha certeza.

Sim.

Mas, mesmo assim, a vergonha.

Terry cobriu os olhos.

7

Howie Gold saiu da cama às seis e meia da manhã de domingo, não por ter alguma coisa que pudesse fazer àquela hora ou por preferência pessoal. Como muitos homens com sessenta e poucos anos, sua próstata tinha crescido junto com seu desconto de imposto de renda, e a bexiga pareceu ter encolhido junto com as aspirações sexuais. Depois que acordava, o cérebro entrava em ritmo incontrolável, e voltar a dormir era impossível.

Ele deixou Ellen sonhando o que esperava ser bons sonhos, e andou descalço até a cozinha para ligar a cafeteira e olhar o celular, que ele tinha silenciado e deixado na bancada antes de ir para a cama. Tinha uma mensagem de Alec Pelley, recebida à 1h12.

Howie tomou café e estava comendo uma tigela de cereal com passas quando Ellen entrou na cozinha, amarrando a faixa do roupão e bocejando.

— Como estão as coisas, campeão?

— O tempo dirá. Enquanto isso, quer ovos mexidos?

— Café da manhã, ele me oferece. — A mulher estava se servindo de uma xícara de café. — Como não é dia dos namorados nem meu aniversário, devo ficar desconfiada?

— Estou matando tempo. Recebi uma mensagem de Alec, mas só posso ligar para ele às sete.

— Boas ou más notícias?

— Não faço ideia. E então, quer os ovos?

— Quero. Dois. Fritos, não mexidos.

— Você sabe que eu sempre quebro as gemas.

— Como só vou ficar sentada assistindo, controlarei minhas críticas. Com torrada integral, por favor.

Para a surpresa dele, apenas uma das gemas se partiu. Quando Howie colocou o prato na frente dela, a esposa disse:

— Se Terry Maitland matou aquela criança, o mundo ficou louco.

— O mundo *é* louco — respondeu Howie —, mas ele não matou o garoto. Ele tem um álibi tão forte quanto o S no peito do Super-Homem.

— Por que prenderam ele, então?

— Porque a polícia acredita que tem provas tão fortes quanto o S no peito do Super-Homem de que foi ele.

Ela pensou a respeito.

— Força imparável encontra objeto inamovível?

— Não existe esse tipo de coisa, querida.

Ele olhou para o relógio. Cinco para as sete. Já estava quase na hora. Ele ligou para o celular de Alec.

O investigador atendeu no terceiro toque.

— Você ligou antes do horário e eu estou fazendo a barba. Pode ligar de novo em cinco minutos? Ou seja, às sete, como sugeri?

— Não — disse Howie —, mas espero você limpar o creme de barbear do lado do rosto onde encosta o telefone, que tal?

— Você é um chefe difícil — disse Alec, mas parecia bem-humorado apesar da hora e de ter sido interrompido em uma tarefa que a maioria dos homens prefere fazer ocupado apenas com os próprios pensamentos. Aquilo deu esperança a Howie. Ele já tinha muito com que trabalhar, mas sempre poderia usar mais.

— A notícia é boa ou ruim?

— Me dá um segundo, o.k.? Meu celular está ficando todo sujo dessa merda.

Na verdade, foram uns cinco segundos, mas Alec voltou.

— A notícia é boa, chefe. Boa para nós e ruim para a promotoria. Muito ruim.

— Você viu as imagens de segurança? Quanto tem lá e de quantas câmeras?

— Eu vi as imagens, e são muitas. — Alec fez uma pausa, e quando falou de novo, Howie soube que o homem estava sorrindo; dava para ouvir na voz dele. — Mas tem uma coisa melhor. *Bem* melhor.

8

Jeanette Anderson acordou às quinze para as sete e viu o lado da cama em que seu marido dormia vazio. A cozinha estava com cheiro de café fresco, mas Ralph também não estava lá. Ela olhou pela janela e o viu sentado à mesa de piquenique no quintal, ainda com o pijama listrado e bebendo na caneca engraçadinha que Derek deu para ele no último Dia dos Pais. Na lateral, em letras grandes e azuis, havia a mensagem VOCÊ TEM O DIREITO DE FICAR CALADO ATÉ EU TOMAR O MEU CAFÉ. Ela pegou uma caneca, foi até ele e beijou sua bochecha. Aquele dia seria quente, mas o começo da manhã estava fresco, silencioso e agradável.

— Não consegue parar de pensar no assunto, não é? — perguntou ela.

— Nenhum de nós vai conseguir — disse ele. — Ao menos por um tempo.

— É domingo — falou ela. — O dia de descanso. E você precisa descansar. Não gosto de como sua cara está. De acordo com um artigo que li na seção de saúde do *New York Times* na semana passada, você entrou no território do ataque cardíaco.

— Animador.

Ela suspirou.

— Qual é a primeira coisa da sua lista?

— Falar com a outra professora, Deborah Grant. Só mais um pingo nos is. Não tenho dúvida de que vai confirmar que Terry estava na viagem a Cap City, embora sempre haja uma chance de ela ter reparado em algo estranho nele que Roundhill e Quade deixaram passar. As mulheres podem ser mais observadoras.

Jeannie achava a ideia duvidosa, talvez até sexista, mas não era hora de discutir isso. Então, voltou à discussão da noite anterior.

— Terry *estava* aqui. Ele *cometeu* o crime. O que você precisa é de mais provas periciais de lá. Acho que DNA está fora de questão, mas e as digitais?

— Podemos examinar o cômodo onde ele e Quade se hospedaram, mas os dois saíram do hotel na quarta de manhã, e o quarto já foi limpo e ocupado depois disso. Muito provavelmente mais de uma vez.

— Mas ainda é possível, não? Algumas camareiras de hotel são cuidadosas, mas muitas só arrumam as camas e limpam as marcas de copo e de xícaras das mesas e acham que está bom. E se encontrassem as digitais do sr. Quade, mas não as de Terry Maitland?

Ele apreciou o rubor de empolgação de detetive iniciante no rosto da esposa e gostaria de não ter que decepcioná-la.

— Não provaria nada, querida. Howie Gold diria para o júri que eles não podem condenar alguém por *falta* de digitais, e ele estaria certo.
Ela pensou a respeito.
— Tudo bem, mas ainda acho que devia coletar digitais de lá e identificar o máximo delas possível. Pode fazer isso?
— Posso. E é uma boa ideia. — Era mais um i no qual ele tinha que botar um pingo. — Vou descobrir em que quarto ele ficou e tentar fazer o Sheraton tirar quem estiver lá agora. Acho que vão cooperar, considerando o espaço que isso vai ter na imprensa. Vamos procurar digitais do teto ao chão do quarto. Mas o que quero ver de verdade são as filmagens de segurança dos dias da convenção, e como o detetive Sablo, o representante da Polícia Estadual nisso, só volta no final do dia, vou dar um pulo até lá eu mesmo. Estarei horas atrás da investigação de Gold, mas não dá para fazer nada quanto a isso.
Ela colocou a mão sobre a dele.
— Só me prometa que vai parar de vez em quando para apreciar o dia, querido. É o único que vai ter até amanhã.
O marido sorriu para a esposa, apertou a mão dela e a soltou.
— Eu fico pensando nos veículos que ele usou, tanto o usado para sequestrar o garoto Peterson quanto o que usou para sair da cidade.
— A van Econoline e o Subaru.
— Aham. O Subaru não me incomoda muito. Foi roubado de um estacionamento municipal, e vimos vários roubos similares desde 2012, mais ou menos. As novas ignições sem chave são as melhores amigas dos ladrões de carros, porque quando você para em algum lugar pensando nas coisas que tem para fazer ou no que precisa comprar para o jantar, não vê a chave pendurada na ignição. É fácil deixar o chaveiro eletrônico no carro, principalmente se estiver com fones no ouvido ou falando no celular e não ouvir o apito do carro te lembrando de pegar. A dona do Subaru, Barbara Nearing, deixou o chaveiro no porta-copos e o ticket de estacionamento no painel quando saiu para trabalhar às oito. O carro tinha sumido quando ela voltou às cinco.
— O funcionário do estacionamento não lembra quem saiu dirigindo?
— Não, mas isso não é surpreendente. É um estacionamento grande, cinco andares, com gente entrando e saindo o tempo todo. Tem uma câmera na saída, mas as filmagens são apagadas a cada quarenta e oito horas. Só que a van…

— O que tem?

— Pertencia a um carpinteiro e faz-tudo de meio período chamado Carl Jellison, que mora em Spuytenkill, Nova York, uma cidadezinha entre Poughkeepsie e New Paltz. Ele pegou as chaves, mas havia uma extra em uma caixinha magnética embaixo do para-choque traseiro. Alguém encontrou a caixa e saiu dirigindo a van. A teoria de Bill Samuels é de que o ladrão dirigiu do meio do estado de Nova York até Cap City… ou Dubrow… ou talvez até aqui… e abandonou com a chave extra na ignição. Terry encontrou, roubou a van do ladrão e escondeu em algum lugar. Talvez em um celeiro ou abrigo fora da cidade. Deus sabe que tem muitas fazendas abandonadas desde que tudo veio abaixo em 2008. Ele largou a van atrás do Shorty's Pub com a chave dentro, torcendo, e de forma bastante sensata, para que alguém a roubasse uma terceira vez.

— Só que ninguém roubou — disse Jeannie. — Então você tem a van e a chave. Com a digital do polegar de Terry Maitland.

Ralph assentiu.

— Temos um monte de digitais, na verdade. Aquela coisa tem dez anos e não é limpa há uns cinco, isso se já foi limpa algum dia. Algumas digitais nós já eliminamos: de Jellison, do filho dele, da esposa, dos dois caras que trabalhavam para ele. Já tínhamos todas essas na tarde de quinta, cortesia da Polícia Estadual de Nova York, Deus os abençoe. Alguns estados, a *maioria* deles, nos deixariam esperando. Nós também temos as digitais de Terry Maitland e de Frank Peterson, claro. Quatro das digitais de Peterson estavam do lado de dentro da porta do passageiro. É uma área gordurosa, e estão brilhantes como moedas novas. Imagino que tenham sido feitas no estacionamento do parque Figgis, quando Terry estava tentando tirar ele do banco do passageiro e o garoto tentava resistir.

Jeannie fez uma careta.

— Tem outras pelas quais ainda estamos esperando; estão sendo analisadas desde quarta-feira. Pode ser que a gente consiga descobrir de quem são, pode ser que não. Supomos que algumas pertencem ao ladrão original do carro, lá de Spuytenkill. As outras podem ser de qualquer um, desde amigos de Jellison a qualquer caroneiro que o ladrão possa ter pegado na estrada. Só que as mais novas, além das do garoto, são de Maitland. O ladrão original não importa, mas eu *gostaria* de saber onde ele largou a van. — Ralph fez uma pausa e acrescentou: — Não faz sentido, sabe.

— Não limpar as digitais?

— Não só isso. Roubar a van e o Subaru. Por que roubar veículos para usar na hora de fazer o trabalho sujo se você vai mostrar a cara para qualquer pessoa que se der ao trabalho de olhar?

Jeannie ouviu isso com consternação crescente. Como sua esposa, ela não podia fazer as perguntas que isso gerava: se estava com essas dúvidas, por que agiu daquela forma? E por que tão rápido? Sim, ela o encorajou, então talvez fosse um pouco responsável por aquela confusão, mas ela não tinha todas as informações. *Uma decisão ruim*, *mas minha*, pensou a mulher… e fez outra careta.

Como se lendo a mente dela (e, depois de quase vinte e cinco anos de casamento, Ralph provavelmente era capaz de fazer isso), ele falou:

— Não é só remorso, sabe. Não fique com essa ideia. Bill Samuels e eu conversamos sobre o assunto. Ele diz que não *precisa* fazer sentido. Diz que Terry fez as coisas como fez porque ficou maluco. Que o impulso para agir, a *necessidade* de agir, até onde sei, embora eu jamais fosse dizer isso no tribunal, foi crescendo e crescendo. Já houve casos similares, segundo Bill: "Ah, sim, ele planejava fazer alguma coisa e botou tudo em posição, mas quando viu Frank Peterson na noite de terça, empurrando a bicicleta com a corrente quebrada, todo o planejamento desceu pelo ralo. O disfarce sumiu e o dr. Jekyll virou o sr. Hyde".

— Um sádico sexual em frenesi total — murmurou ela. — Terry Maitland. O Treinador T.

— Fez sentido na hora e faz sentido agora — disse ele de forma quase beligerante.

Talvez, ela poderia ter respondido, *mas e depois, querido? E quando tudo acabou e ele estava saciado?* Você *e* Bill *consideraram isso? Como é possível que Terry* não *tenha* limpado *as digitais e ainda por cima continuou mostrando o rosto?*

— Havia uma coisa embaixo do banco do motorista da van — revelou Ralph.

— Ah, é? O quê?

— Um pedaço de papel. Parte de um cardápio de restaurante de entregas, ao que parece. Não deve significar nada, mas quero dar uma boa olhada nele. Tenho quase certeza de que foi incluído entre as provas. — Ele jogou o resto do café na grama e se levantou. — No entanto, o que quero mais é olhar as imagens de segurança do Sheraton de terça e quarta. E também qualquer filmagem do restaurante onde ele diz que o grupo de professores foi jantar.

— Se conseguir ver bem o rosto dele em alguma das imagens, me mande uma captura de tela. — Quando ele ergueu as sobrancelhas, ela explicou: — Eu conheço Terry pelo mesmo tempo que você, e se não for ele em Cap City, vou saber. — Jeannie sorriu. — Afinal, as mulheres são mais observadoras do que os homens. Você mesmo disse.

9

Sarah e Grace Maitland quase não comeram nada no café da manhã, o que não incomodou tanto Marcy quanto a ausência de celulares e tablets por perto. A polícia deixou que elas ficassem com os eletrônicos, mas, depois de umas olhadas rápidas, Sarah e Grace deixaram os aparelhos no quarto. As notícias ou conversas em redes sociais que viram não eram nada que quisessem acompanhar. E depois de uma olhada rápida pela janela da sala, onde viu duas vans de televisão e uma viatura do DP de Flint City estacionada, Marcy fechou as cortinas. Quanto tempo aquele dia demoraria a passar? E, por Deus, o que ela ia fazer com ele?

Howie Gold respondeu a questão para ela. Ligou às oito e quinze parecendo bastante animado.

— Vamos ver Terry hoje à tarde. Juntos. Em geral, visitantes têm que ser requisitados pelo detento vinte e quatro horas antes e pré-aprovados, mas consegui dar um jeito nisso. A única coisa que não consegui eliminar foi a política de não haver contato. Ele está em segurança máxima. Isso quer dizer que vamos ter que falar com ele através de um vidro, mas é melhor do que parece no cinema. Você vai ver.

— Tudo bem. — Sentindo-se sem fôlego. — Que horas?

— Vou te buscar à uma e meia. Pegue o melhor terno dele e uma gravata escura bonita. Para a denúncia. E pode levar alguma coisa boa para ele comer. Nozes, frutas, doces. Coloque em um saco transparente, tá bem?

— Tudo bem. E as garotas? Devo…

— Não, elas ficam em casa. Lá não é lugar para crianças. Encontre alguém que possa ficar com as duas para o caso de o pessoal da imprensa forçar a barra. E diga para elas que está tudo bem.

Ela não sabia se conseguiria encontrar alguém. Odiava ter que pedir a Jamie de novo, depois da noite anterior. Se falasse com o policial na viatura lá fora, ele impediria a imprensa de invadir o jardim. Não impediria?

— Está tudo bem? *Mesmo?*

— Acho que sim. Alec Pelley quebrou uma piñata gigante em Cap City, e

todos os brindes caíram no nosso colo. Vou mandar um link para você. É você que vai decidir se vai mostrar para as garotas, mas, se elas fossem minhas filhas, sei que eu mostraria.

Cinco minutos depois, Marcy estava sentada no sofá, com Sarah de um lado e Grace do outro. Elas estavam olhando o minitablet de Sarah. O computador ou um dos laptops de Terry teria sido melhor, mas a polícia levara todos. O tablet acabou servindo. Em pouco tempo, as três estavam rindo e gritando de alegria e batendo nas mãos umas das outras.

Não é só uma luz no fim do túnel, pensou Marcy, *é um arco-íris inteiro.*

10

Tum-tum-tum.

Primeiro Merl Cassidy achou que estava ouvindo aquele barulho no sonho, um dos ruins em que o padrasto estava se preparando para enfiar a porrada nele. Aquele filho da mãe careca tinha um jeito de bater na mesa da cozinha, primeiro com os dedos, depois com o punho todo, enquanto fazia as perguntas preliminares que levavam à surra da noite: *Onde você estava? Por que usa esse relógio se sempre se atrasa para o jantar? Por que nunca ajuda a sua mãe? Por que traz esses livros pra casa se nunca faz porra nenhuma de dever de casa?* A mãe dele podia tentar protestar, mas era ignorada. Se tentasse intervir, levava um empurrão. Em seguida, o punho que estava batendo na mesa com cada vez mais força começava a bater nele.

Tum-tum-tum.

Merl abriu os olhos para fugir do pesadelo, e teve apenas um momento para saborear a ironia: ele estava a dois mil e quinhentos quilômetros daquele filho da puta violento, dois mil e quinhentos pelo menos… e ainda tão próximo quanto o sono de qualquer noite. Não que ele tivesse dormido a noite toda; ele quase nunca dormia desde que fugira de casa.

Tum-tum-tum.

Era um policial batendo com o cassetete. Paciente. Agora o homem fazia um gesto com a mão livre para ele abrir a janela.

Por um momento, Merl não fazia ideia de onde estava, mas quando olhou pela janela para a loja grande do outro lado do que parecia ser um quilômetro de estacionamento vazio, lembrou. El Paso. Estava em El Paso. O Buick que ele dirigia estava quase sem gasolina e ele, quase sem dinheiro. Tinha entrado no estacionamento do Walmart Supercenter para dormir algumas horas. Talvez de manhã tivesse alguma ideia do que fazer depois. Só que agora

provavelmente não haveria depois.

Tum-tum-tum.

Ele abriu a janela.

— Bom dia, policial. Dirigi até tarde e parei para dormir um pouco. Achei que não haveria problema em ficar um tempinho aqui. Se cometi um erro, peço desculpas.

— Ah, isso é admirável — respondeu o policial, e quando ele sorriu, Merl teve um momento de esperança. Era um sorriso simpático. — Muitas pessoas fazem isso. Só que a maioria delas não parece ter catorze anos.

— Tenho dezoito. Sou pequeno para a minha idade. — Mas ele sentiu um cansaço imenso que não tinha nada a ver com as poucas horas de sono que teve nas últimas semanas.

— É claro, e as pessoas sempre me confundem com Tom Hanks. Algumas até pedem o meu autógrafo. Mostre a habilitação e os documentos do carro.

Mais um esforço, tão fraco quanto o último tremor do pé de um moribundo.

— Estavam no meu casaco, que foi roubado quando fui ao banheiro. Isso aconteceu no McDonald’s.

— Certo, certo, certo. E de onde você é?

— Phoenix — disse Merl sem convicção.

— Aham, e como essa belezinha tem placa de Oklahoma?

Merl ficou em silêncio, sem resposta.

— Saia do carro, filho, e apesar de você parecer tão perigoso quanto um cachorrinho cagando na chuva, deixe as mãos onde eu possa ver.

Ele saiu do carro sem muito a lamentar. Foi uma boa fuga. Mais do que isso, na verdade; foi uma fuga milagrosa. Ele devia ter sido pego mais de dez vezes desde que fugiu de casa no final de abril, mas não foi. Agora que tinha sido, e daí? Para onde estava indo mesmo? Para lugar nenhum. Para qualquer lugar. Para longe do filho da mãe careca.

— Qual é o seu nome, garoto?

— Merl Cassidy. Merl é apelido de Merlin.

Alguns clientes chegando ao mercado olharam para ele e seguiram caminho até as maravilhas vinte e quatro horas do Walmart.

— Igual ao feiticeiro, aham, certo. Tem algum documento, Merl?

Ele enfiou a mão no bolso de trás e pegou uma carteira vagabunda com a costura se desfazendo, presente de aniversário dado pela mãe quando ele fez oito anos. Na época, eram só os dois, e o mundo fazia algum sentido. No

compartimento para notas havia uma de cinco e duas de um. Do compartimento onde ele guardava algumas fotos da mãe, tirou um cartão plastificado com a sua foto nele.

— Grupo Jovem de Poughkeepsie — disse o policial. — Você é de Nova York?

— Sim, senhor. — O *senhor* foi uma coisa que o padrasto ensinara para ele cedo à base de porrada.

— Você é de lá?

— Não, senhor, mas de perto. De uma cidadezinha chamada Spuytenkill. Isso significa "lago que jorra". Pelo menos foi o que minha mãe disse.

— Aham, certo, interessante, a gente aprende uma coisa nova todos os dias. Há quanto tempo está fugindo, Merl?

— Quase três meses, acho.

— E quem te ensinou a dirigir?

— Meu tio Dave. Nos campos. Eu dirijo bem. Não faz diferença se é mecânico ou automático. Meu tio Dave teve um ataque cardíaco e morreu.

O policial pensou a respeito, batendo com o cartão plastificado na unha do polegar, não o *tum-tum-tum* agora, mas *tick-tick-tick*. De um modo geral, Merl gostava dele. Ao menos até o momento.

— Dirige bem, aham, deve dirigir bem mesmo para vir de Nova York até esse buraco. Quantos carros roubou, Merl?

— Três. Não, quatro. Este é o quarto. Só que o primeiro foi uma van. Do meu vizinho de rua.

— Quatro — disse o policial, avaliando o garoto sujo de pé na frente dele. — E como financiou o seu safári para o sul, Merl?

— Hã?

— Como comeu? Onde dormiu?

— Quase sempre dormi no carro que estivesse dirigindo. E roubei. — Ele deixou a cabeça pender. — Quase sempre de bolsas de mulheres. Às vezes elas não me viam, mas quando isso acontecia… Eu consigo correr bem rápido. — As lágrimas surgiram. Ele chorou bastante no que o policial chamou de seu safári para o sul, quase sempre à noite, mas aquelas lágrimas não ofereceram alívio verdadeiro. As de agora, sim. Merl não sabia por que e não se importava.

— Três meses, quatro carros — disse o policial, e o *tick-tick-tick* continuou com o cartão do grupo jovem de Merl. — Do que estava fugindo, garoto?

— Do meu padrasto. E se me mandar de volta para aquele filho da puta,

vou fugir de novo na primeira oportunidade que tiver.

— Aham, aham, entendi. E quantos anos você tem de verdade, Merl?

— Doze, mas faço treze mês que vem.

— Doze. Puta que pariu. Você vem comigo, Merl. Vamos ver o que podemos fazer com você.

Na delegacia da avenida Harrison, enquanto esperava que alguém do serviço social aparecesse, Merl Cassidy foi fotografado, tomou banho e as suas digitais foram colhidas. As digitais entraram no sistema. Era só questão de rotina.

11

Quando Ralph chegou à delegacia bem menor de Flint City, pretendendo ligar para Deborah Grant antes de pegar uma viatura para ir até Cap City, Bill Samuels o estava esperando. Parecia doente. Até o cabelo do Alfalfa estava para baixo.

— O que foi? — perguntou Ralph, querendo dizer: "O que mais *deu errado*?".

— Alec Pelley me mandou uma mensagem. E um link.

Ele abriu a pasta, tirou o iPad (dos grandes, claro, o Pro) e ligou. Digitou algumas coisas e passou para Ralph. A mensagem de Pelley dizia: "Tem certeza de que quer ir em frente contra T. Maitland? Dê uma olhada nisso primeiro". O link estava embaixo. Ralph clicou.

O que apareceu foi um site do Canal 81: FONTE DE ACESSOS PÚBLICOS DE CAP CITY! Embaixo, havia vários vídeos mostrando reuniões da Câmara Municipal, uma reinauguração de uma ponte, um tutorial chamado SUA BIBLIOTECA E COMO USÁ-LA e um chamado NOVAS AQUISIÇÕES DO ZOOLÓGICO DE CAP CITY. Ralph encarou Samuels com um olhar interrogativo.

— Desça um pouco.

Ralph obedeceu e encontrou um vídeo chamado HARLAN COBEN FALA PARA PROFESSORES DE INGLÊS DOS TRÊS ESTADOS. O ícone de PLAY estava em cima de uma mulher de óculos com cabelo tão armado de spray que parecia que dava para jogar uma bola de beisebol nela sem que o crânio embaixo saísse machucado. A mulher estava no púlpito. Atrás dela, havia a logo do Sheraton. Ralph abriu o vídeo em tela cheia.

— Oi, pessoal! Sejam bem-vindos! Sou Josephine McDermott, presidente deste ano dos Professores de Inglês dos Três Estados. Estou *tão* feliz de estar aqui e de recebê-los no nosso encontro anual de grandes mentes. Além, claro,

de termos a oportunidade de consumir algumas bebidas para adultos juntos. — Isso gerou um murmúrio de risadas educadas. — A frequência deste ano está bastante alta, e embora eu fosse gostar de acreditar que minha presença encantadora tem alguma coisa a ver com isso — mais risos educados —, acho que está mais ligada ao nosso incrível convidado de hoje…

— Maitland estava certo sobre uma coisa — disse Samuels. — A porra da apresentação não acaba. Ela fala sobre todos os livros que o sujeito escreveu. Pule para nove minutos e trinta segundos. É quando a mulher para de falar.

Ralph deslizou o dedo pelo contador na parte de baixo do vídeo, agora seguro do que ia ver. Não *queria* ver, mas queria. A fascinação era inegável.

— Senhoras e senhores, por favor, deem uma salva de palmas para o convidado de hoje, o sr. *Harlan Coben*!

Da coxia surgiu um cavalheiro careca tão alto que quando se inclinou para apertar a mão da sra. McDermott, pareceu um homem cumprimentando uma criança com roupa de adulto. O Canal 81 considerou esse evento interessante o suficiente para necessitar de duas câmeras, e a imagem agora passou a ser da plateia, que aplaudia o autor de pé. E ali, em uma mesa perto da frente, estavam três homens e uma mulher. Ralph sentiu o estômago pegar o elevador expresso até os pés. Ele clicou no vídeo e o pausou.

— Cristo — disse ele. — É ele. Terry Maitland, com Roundhill, Quade e Deborah Grant.

— Com base nas provas que temos, não vejo como é possível, mas parece mesmo ser ele.

— Bill… — Por um momento, Ralph não conseguiu continuar. Estava totalmente perplexo. — Bill, o sujeito treinou o meu filho. Não só parece ele, *é* ele.

— Coben fala por uns quarenta minutos. Quase todo o tempo é ele no palco, mas de vez em quando aparecem imagens da plateia, rindo de alguma coisa engraçada que disse, e ele é engraçado, tenho que admitir, ou só ouvindo com atenção. Maitland, se for mesmo Maitland, está na maioria dessas imagens. Mas o prego final do caixão está por volta do minuto cinquenta e seis. Vá até lá.

Ralph foi até o minuto cinquenta e quatro só por garantia. Àquela altura, Coben estava respondendo perguntas da plateia.

— Nunca uso palavrões nos meus livros apenas por usar — dizia ele —, mas, em certas circunstâncias, parece apropriado. Um homem que martela o polegar não diz: “Ah, porcaria”. — Gargalhadas da plateia. — Tenho tempo

para mais uma ou duas. Que tal você?

A imagem mudou de Coben para a próxima pessoa a fazer uma pergunta. Era Terry Maitland em um close enorme, e a última esperança de Ralph de que eles estivessem lidando com um duplo, como Jeannie sugerira, evaporou.

— Você sempre sabe quem cometeu o crime quando se senta para escrever, sr. Coben, ou às vezes é surpresa até para você?

A imagem voltou para o escritor, que sorriu e disse:

— É uma excelente pergunta.

Antes que Coben pudesse dar uma excelente resposta, Ralph voltou o vídeo para Terry, levantando-se para fazer a pergunta. Ele olhou para a imagem por vinte segundos e passou o iPad de volta ao promotor público.

— Puf — disse Samuels. — Lá se vai o nosso caso.

— Ainda falta o DNA — disse Ralph… ou melhor, ele se ouviu dizer. O homem se sentia separado do próprio corpo. Achava que era assim que boxeadores deviam ficar logo antes de o juiz interromper uma luta. — E ainda preciso falar com Deborah Grant. Depois disso, vou a Cap City fazer trabalho de detetive das antigas. Levantar a bunda da cadeira e bater em algumas portas, como diziam. Falar com gente do hotel e no Firepit, onde os professores foram jantar. — Em seguida, pensando em Jeannie: — Quero avaliar também a possibilidade de evidências periciais.

— Você sabe como isso é improvável em um hotel de cidade grande, vários dias depois do dia em questão?

— Sei.

— Quanto ao restaurante, nem deve estar aberto. — Samuels parecia um garoto que tinha acabado de ser empurrado na calçada por um garoto maior e ralado o joelho. Ralph estava começando a perceber que não gostava muito do sujeito. Ele parecia cada vez mais do tipo que desistia fácil.

— Se for perto do hotel, tem uma boa chance de estar aberto para o brunch.

Samuels balançou a cabeça, ainda olhando para a imagem congelada de Terry Maitland.

— Mesmo que o DNA bata… o que estou começando a duvidar… você está no serviço há tempo suficiente para saber que júris quase nunca condenam com base em DNA e digitais. O julgamento de O. J. é um excelente exemplo disso.

— As testemunhas…

— Gold vai acabar com elas no interrogatório. Stanhope? Velha e quase

cega. “Não é verdade que você abriu mão da habilitação três anos atrás, sra. Stanhope?” June Morris? Uma criança que viu um homem cheio de sangue do outro lado da rua. Scowcroft estava bebendo, assim como o amigo dele. Claude Bolton teve problemas com drogas. O melhor que você tem é Esbelta Rainwater, e tenho notícias para você, meu amigo, neste estado as pessoas não gostam muito de índios. Não confiam neles.

— Mas estamos metidos nisso demais para recuar — falou Ralph.

— Essa é a verdade suja.

Eles ficaram em silêncio por um tempo. A porta da sala de Ralph estava aberta, e o salão principal da delegacia estava quase vazio, como costumava acontecer nas manhãs de domingo naquela cidadezinha do sudoeste. Ralph pensou em dizer para Samuels que o vídeo os afastou do principal problema: uma criança foi assassinada, e de acordo com todas as provas que conseguiram obter, eles tinham o homem que cometeu o crime. O fato de que Maitland parecia estar a cento e dez quilômetros de distância no momento do crime era uma coisa que precisava ser discutida e esclarecida. Não poderia haver descanso para nenhum dos dois até que isso acontecesse.

— Venha a Cap City comigo se quiser.

— Não vai rolar — disse Samuels. — Vou levar minha ex-esposa e os meus filhos ao lago Ocoma. Ela preparou um piquenique. Estamos enfim nos entendendo, e não quero estragar isso.

— Tudo bem. — A proposta não tinha sido de todo sincera, de qualquer modo. Ralph queria ficar sozinho. Queria tentar entender o que antes parecera tão simples e agora parecia uma merda colossal.

Ele se levantou. Bill Samuels colocou o iPad de volta na pasta e se levantou ao lado dele.

— Acho que podemos perder o emprego por causa disso, Ralph. E se Maitland se safar dessa, ele vai nos processar. Você sabe que sim.

— Vá ao seu piquenique. Coma uns sanduíches. Ainda não acabou.

Samuels saiu da sala na frente, e alguma coisa no andar dele, os ombros murchos, a pasta batendo no joelho, irritou o detetive.

— Bill?

Samuels se virou.

— Uma criança desta cidade foi cruelmente estuprada. Antes ou depois disso, pode ter sido morta a *dentadas*. Ainda estou tentando entender isso. Você acha que os pais dele ligam se vamos perder o emprego ou se a cidade vai ser processada?

Samuels não respondeu, só atravessou a sala vazia e saiu no sol da manhã. Seria um dia lindo para um piquenique, mas Ralph achava que o promotor não o apreciaria muito.

12

Fred e Ollie chegaram na sala de espera da emergência do Mercy Hospital pouco antes da noite de sábado virar madrugada de domingo, três minutos atrás da ambulância que transportava Arlene Peterson. Naquela hora, a grande sala de espera estava lotada de pessoas machucadas e ensanguentadas, de bêbados mal-humorados, de gente chorando e tossindo. Como a maioria das emergências, a do Mercy ficava muito movimentada nas noites de sábado, mas às nove da manhã de domingo, estava quase deserta. Um homem segurava um curativo improvisado em cima da mão que sangrava. Uma mulher tinha uma criança febril no colo, os dois vendo Elmo saltitar na televisão pendurada em um canto na parede. Uma adolescente de cabelo ondulado estava sentada com a cabeça para trás, os olhos fechados e as mãos unidas sobre a barriga.

E havia os dois. O que restava da família Peterson. Fred tinha fechado os olhos por volta das seis e adormecido, mas Ollie estava sentado, olhando para o elevador no qual a mãe desaparecera, seguro de que, se dormisse, ela morreria. “Então nem uma hora pudeste velar comigo?”, Jesus perguntara a Pedro, e era mesmo uma pergunta muito boa, que não dava para responder.

Às nove e dez, a porta do elevador se abriu e o médico com quem eles falaram logo depois de chegarem apareceu. Ele estava com uniforme azul e um gorro cirúrgico azul manchado de suor, decorado com coraçõezinhos vermelhos dançantes. Parecia bem cansado, e quando os viu, virou de lado, como se quisesse ter a opção de recuar. Ollie só precisou ver aquele movimento involuntário para saber. Queria poder deixar o pai dormir durante o golpe inicial da notícia ruim, mas isso seria errado. Ele conhecia e amava a sua mãe havia mais tempo do que Ollie tinha de vida, afinal.

— Ah! — disse Fred enquanto despertava e se aprumava na hora que o filho sacudiu o ombro dele. — O quê?

Ele viu o médico, que estava removendo o gorro para expor uma cabeça de cabelo castanho suado.

— Cavalheiros, lamento informar que a sra. Peterson faleceu. Nós nos esforçamos bastante para salvá-la, e no começo achávamos que conseguiríamos, mas o dano foi grande demais. Mais uma vez, lamento muito

mesmo.

Fred encarou o médico sem acreditar e soltou um grito. A garota com cabelo ondulado abriu os olhos e olhou para ele. A criança febril se encolheu.

Lamento, pensou Ollie. *É a palavra do dia. Na semana passada éramos uma família, agora só restamos papai e eu. Lamento é a palavra para isso mesmo. A palavra perfeita, não tem outra.*

Fred estava chorando com as mãos no rosto. Ollie o tomou nos braços e o abraçou.

13

Depois do almoço, que Marcy e as filhas mal comeram, a mulher foi para o quarto explorar a parte do armário de Terry. O marido era metade do casal, mas suas roupas só ocupavam um quarto do espaço. Terry era professor de inglês, treinador de beisebol e de futebol americano e angariador de fundos quando fundos eram necessários — ou seja, sempre —, marido e pai. Era bom em todas essas tarefas, mas só recebia pela de professor, e ele não tinha muitas roupas boas. O terno azul era o melhor, realçava a cor dos olhos dele, mas estava com sinais de uso, e ninguém com olho bom para moda masculina confundiria com um Brioni. Era da Men's Wearhouse, e fora comprado havia quatro anos. Ela suspirou, pegou o terno, acrescentou uma camisa branca e uma gravata azul-clara. Estava arrumando tudo em uma bolsa para terno quando a campainha tocou.

Era Howie, usando um terno bem melhor do que aquele que Marcy acabara de guardar. Ele deu um abraço rápido nas meninas e beijou a bochecha da mulher.

— Você vai trazer o papai para casa? — perguntou Gracie.

— Não hoje, mas logo — disse ele, pegando a bolsa. — E um par de sapatos, Marcy?

— Ah, Deus — disse ela. — Sou tão idiota.

Os pretos estavam bons, mas precisavam ser engraxados. No entanto, não havia tempo para aquilo agora. Ela os enfiou em um saco e foi para a sala.

— Tudo bem, estou pronta.

— Certo. Ande rápido e não dê atenção aos abutres. Garotas, deixem as portas trancadas até a sua mãe voltar, e não atendam ao telefone se não reconhecerem o número. Entenderam?

— A gente vai ficar bem — disse Sarah. Ela não parecia bem. Nenhuma das duas. Marcy se perguntou se era possível garotas pré-adolescentes

perderem peso da noite para o dia. Claro que não.

— Lá vamos nós — falou o advogado. Ele estava vibrante, alegre.

Eles saíram da casa com Howie carregando o terno e Marcy carregando os sapatos. Os repórteres mais uma vez foram até o limite do gramado. *Sra. Maitland, já falou com o seu marido? O que a polícia lhe contou? Sr. Gold, Terry Maitland respondeu às acusações? Você vai pedir fiança?*

— Nós não temos nenhum comentário a fazer neste momento — disse Howie com expressão pétrea, escoltando Marcy até o seu Escalade por um caminho de holofotes de televisão (sem dúvida nem um pouco necessários naquele dia claro de julho, ela pensou). No final da entrada para carros, Howie abriu a janela e se inclinou para fora para falar com um dos dois policiais de serviço.

— As duas garotas Maitland estão lá dentro. Vocês são responsáveis por cuidar para que elas não sejam incomodadas, certo?

Nenhum dos dois respondeu, apenas olharam para Howie com expressões que podiam ser tanto vazias quanto hostis. Marcy não conseguiu ter certeza sobre qual das duas coisas eles mostravam, mas tendia para a segunda opção.

A alegria e o alívio que sentiu depois de ver aquele vídeo (Deus abençoe o Canal 81) não a abandonaram, mas ainda havia vans de televisão e repórteres com microfones na frente de sua casa. Terry ainda estava preso, "no condado", como Howie dissera, e que expressão terrível era aquela, como algo saído de uma canção country sobre solidão. Estranhos revistaram a casa deles e levaram o que quiseram. Porém, os rostos duros dos policiais e a falta de resposta deles foram o pior, bem mais perturbadores do que os holofotes de televisão e as perguntas gritadas. Uma máquina tinha engolido a família dela. Howie disse que eles sairiam ilesos, mas isso ainda não tinha acontecido.

Não, ainda não.

14

Marcy foi revistada rapidamente por uma policial sonolenta, que mandou que ela colocasse a bolsa na cesta de plástico e passasse pelo detector de metais. A policial também pegou as carteiras de motorista deles, pôs em um saco transparente e prendeu em um quadro de avisos junto com muitas outras.

— O terno e os sapatos também, moça.

Marcy entregou tudo.

— Quero ver ele usando este terno e todo arrumado quando eu vier buscá-

lo amanhã de manhã — disse Howie, e passou pelo detector de metais, que disparou.

— Pode deixar que vamos avisar ao mordomo dele — disse a policial do outro lado do detector. — Agora tire o que ainda houver nos bolsos e tente de novo.

O problema acabou sendo o chaveiro. Howie o entregou para a mulher e passou pelo detector uma segunda vez.

— Já estive aqui pelo menos cinco mil vezes e sempre esqueço as chaves — disse para Marcy. — Deve ser alguma coisa freudiana.

Ela deu um sorriso nervoso e não respondeu. Sua garganta estava seca, e ela pensou que qualquer coisa que dissesse sairia em um grunhido.

Outro policial os guiou por uma porta e depois por outra. Marcy ouviu crianças rindo e um zumbido de conversa de adultos. Eles passaram por uma área de visitação com carpete marrom industrial. Havia crianças brincando. Prisioneiros de macacão marrom estavam conversando com esposas, namoradas, mães. Um homem grande com uma marca de nascença roxa em um lado do rosto e um corte cicatrizando no outro ajudava a filha pequena a rearrumar os móveis em uma casinha de boneca.

Isso é um sonho, pensou Marcy. *Um sonho muito vívido. Vou acordar com Terry ao meu lado e contar para ele que tive um pesadelo em que ele foi preso por assassinato. E vamos rir disso.*

Um dos detentos apontou para ela, sem nenhuma tentativa de disfarçar o gesto. A mulher ao lado dele ficou olhando e cochichou com outra. O policial que os guiava pareceu ter algum problema com o cartão magnético que abria a porta do outro lado da área de visitas, e Marcy não descartou a ideia de ele estar enrolando de propósito. Antes de a tranca estalar e ele levar os dois, parecia que todos olhavam para eles. Até as crianças.

Do outro lado da porta havia um corredor cheio de pequenas salas separadas pelo que parecia ser vidro embaçado. Terry estava em uma dessas. Ao vê-lo perdido em um macacão marrom que era grande demais, Marcy começou a chorar. Ela entrou em um lado da cabine e olhou para o marido pelo que não era vidro, mas uma folha grossa de acrílico. Apoiou a mão na superfície com os dedos abertos, e ele apoiou a dele do outro lado. Havia um círculo com buraquinhos, como os de um fone de telefone antigo, por onde falar.

— Pare de chorar, querida. Se não parar, vou chorar também. E sente.

Ela se sentou, e Howie se acomodou no banco ao lado dela.

— Como estão as meninas?

— Bem. Preocupadas com você, mas melhores hoje. Nós temos notícias muito boas. Querido, você sabia que o discurso do sr. Coben foi gravado pelo canal de acesso público?

Por um momento, Terry só ficou boquiaberto. Em seguida, começou a rir.

— Quer saber, acho que a mulher que apresentou ele falou alguma coisa sobre isso, mas ela tagarelou por tanto tempo que apaguei essa informação. Puta merda.

— É um autêntico puta merda — disse Howie, sorrindo.

Terry se inclinou para a frente até a testa estar quase tocando a barreira. Os olhos dele estavam brilhantes, atentos.

— Marcy… Howie… Eu fiz uma pergunta a Coben durante a parte de perguntas. Sei que as chances são pequenas, mas pode ser que tenha sido captado no áudio. Se foi, podem fazer um reconhecimento de voz e confirmarem que sou eu!

Marcy e Howie se olharam e começaram a rir. Era um som incomum na Visita de Segurança Máxima, e o guarda no final do curto corredor olhou para eles e franziu a testa.

— O quê? O que foi que eu falei?

— Terry, você aparece no *vídeo* fazendo a pergunta — disse Marcy. — Entendeu? *Você aparece no vídeo*.

Por um momento, ele não pareceu compreender o que a esposa estava dizendo. Em seguida, levantou os punhos e os balançou ao lado das têmporas, um gesto de triunfo que ela com frequência via quando um dos times dele pontuava ou fazia uma defesa impressionante. Sem pensar, a mulher levantou as mãos, imitando-o.

— Vocês têm certeza? Tipo cem por cento? Parece bom demais para ser verdade.

— É verdade — disse Howie, sorrindo. — De fato, você aparece no filme umas seis vezes, quando cortam a imagem de Coben para mostrar a plateia rindo ou aplaudindo. A pergunta que você fez é a cobertura do bolo, a cereja no topo da banana split.

— Então o caso está encerrado, não é? Vou ser libertado amanhã?

— Não vamos nos precipitar. — O sorriso de Howie se tornou melancólico. — Amanhã é só a denúncia, e eles têm um monte de provas periciais das quais se orgulham bastante…

— Como é possível? — disse Marcy, de repente. — Como é *possível*, se

era óbvio que Terry estava *lá*? A filmagem *prova*!

Howie levantou a mão em um gesto de pare.

— Vamos nos preocupar com o conflito depois, apesar de que posso contar agora que o que temos supera o que eles têm. *Com facilidade*. Mas a roda foi posta em movimento.

— A roda — disse Marcy. — Sim. Nós sabemos sobre a roda, não sabemos, Ter?

Ele assentiu.

— Parece que caí em um livro de Kafka. Ou em *1984*. E puxei você e as meninas junto.

— Opa, opa — disse Howie. — Você não puxou ninguém, foram eles. Vai dar tudo certo, pessoal. O tio Howie promete, e o tio Howie sempre cumpre as suas promessas. Você vai ser acusado amanhã às nove da manhã, Terry, perante o juiz Horton. Vai estar todo arrumadinho com o lindo terno que a sua esposa trouxe, que está agora no armário dos prisioneiros. Pretendo me encontrar com Bill Samuels para discutir a questão da fiança do habeas corpus hoje mesmo, se ele aceitar o encontro, amanhã de manhã se não aceitar. Ele não vai gostar e vai insistir na prisão domiciliar, mas nós vamos conseguir, porque até lá alguém da imprensa vai ter descoberto a filmagem do Canal 81, e os problemas do caso da denúncia serão de conhecimento público. Imagino que você vai ter que incluir a casa como garantia, mas isso não deve ser risco nenhum, a não ser que pretenda quebrar a tornozeleira eletrônica e fugir.

— Não vou a lugar algum — disse Terry com expressão séria. Suas bochechas estavam vermelhas. — O que foi que aquele general da Guerra de Secessão disse? “Pretendo lutar até o fim, nem que leve o verão todo.”

— Certo, e qual é a próxima batalha? — perguntou Marcy.

— O grande júri — disse Howie. — Onde vou pedir que o caso não vá a júri popular, e o meu argumento vai vencer. Depois disso, você estará livre.

Será mesmo?, questionou-se Marcy. *Nós estaremos livres? Quando alegarem que têm as digitais dele e que pessoas viram ele sequestrando o garotinho e saindo do parque Figgis coberto de sangue? Ele vai ser livre enquanto o verdadeiro assassino não for pego?*

— Marcy. — Terry sorria para ela. — Vá com calma. Você sabe o que eu digo para os garotos: uma base de cada vez.

— Quero fazer uma pergunta — disse Howie. — É um tiro no escuro.

— Pode falar.

— Eles alegam que têm vários tipos de provas periciais, embora o DNA ainda esteja pendente…

— Não é *possível* que o resultado seja positivo como sendo o meu — disse Terry. — Não é possível.

— Eu teria dito o mesmo sobre as digitais — falou Howie.

— Talvez alguém tenha armado para ele — disse Marcy. — Sei que parece paranoia, mas… — Ela deu de ombros.

— Mas por quê? — perguntou Howie delicadamente. — Essa é a questão. Algum de vocês consegue pensar em alguém que teria todo esse trabalho?

Os Maitland pensaram, um de cada lado do acrílico arranhado, e balançaram a cabeça.

— Eu também não — disse Howie. — A vida quase nunca imita os livros de Robert Ludlum. Ainda assim, eles têm provas suficientes para terem corrido para efetuar uma prisão da qual com certeza se arrependem agora. Meu medo é que, mesmo que eu consiga tirar você da roda, a *sombra* da roda permaneça.

— Fiquei pensando nisso durante boa parte da noite — falou Terry.

— Eu ainda estou pensando — comentou Marcy.

Howie se inclinou para a frente, as mãos unidas.

— Ajudaria se tivéssemos provas físicas no mesmo nível das deles. A filmagem do Canal 81 é boa, e somando isso ao depoimento dos seus colegas, devemos ter tudo de que precisamos, mas sou ambicioso. Quero mais.

— Provas físicas de um dos hotéis mais movimentados de Cap City quatro dias depois? — perguntou Marcy, sem saber que estava dizendo o mesmo que Bill Samuels cinco horas antes. — Parece improvável.

Terry estava olhando para o nada, as sobrancelhas unidas.

— Não *totalmente* improvável.

— Terry? — disse Howie. — No que está pensando?

Ele olhou para eles, sorrindo.

— Pode haver uma coisa. É possível.

15

O Firepit estava mesmo aberto para o brunch, então Ralph foi lá primeiro. Duas pessoas da equipe que estavam trabalhando na noite do assassinato também estavam trabalhando naquele momento: a recepcionista e um garçom com corte de cabelo militar que mal parecia ter idade para comprar uma cerveja. A recepcionista não ajudou em nada (“Estávamos lotados naquela

noite, detetive”), e embora o garçom se lembrasse vagamente de ter servido um grupo grande de professores, ficou em dúvida quando Ralph mostrou a ele a foto de Terry do anuário da FCHS do ano anterior. O rapaz disse que sim, “meio que” se lembrava de um cara parecido com aquele, mas não podia jurar que era o mesmo da foto. Disse que nem tinha certeza se o sujeito estava com o mesmo grupo de professores.

— Pode ser que eu só tenha servido um prato de asinhas de frango apimentadas no balcão do bar.

E foi só.

A princípio, a sorte de Ralph no Sheraton não foi melhor. Ele conseguiu confirmar que Maitland e William Quade ficaram no quarto 644 na noite de terça, e o gerente do hotel mostrou a conta a ele, mas a assinatura era de Quade. Ele usou um cartão Amex. O gerente também disse que o quarto 644 ficou ocupado todas as noites desde que Maitland e Quade fizeram check-out, e que foi limpo todas as manhãs.

— E nós oferecemos um segundo serviço — disse o gerente, só para piorar as coisas. — Isso significa que o quarto foi limpo duas vezes na maioria dos dias.

Sim, o detetive Anderson podia rever as imagens de segurança, e Ralph fez isso sem reclamar de Alec Pelley já ter tido permissão de fazer o mesmo. (Ralph não era da polícia de Cap City, o que queria dizer que diplomacia era um fator importante.) As imagens eram em cores e tinham boa definição, nada de câmera velha do Zoney’s Go-Mart no Sheraton de Cap City. Ele viu um homem que parecia Terry no saguão, na loja de suvenires, fazendo exercícios na sala de ginástica do hotel na manhã de quarta e do lado de fora do salão, esperando na fila de autógrafos. As cenas do saguão e da loja de suvenires eram questionáveis, mas não havia muita dúvida, ao menos na mente dele, que o homem assinando o termo para usar o equipamento de exercício e o homem esperando na fila de autógrafos era o treinador do seu filho. O que ensinou Derek sua melhor jogada, mudando o apelido de Peidão para Vai.

Na sua mente, Ralph ouvia a esposa dizendo que as provas periciais de Cap City eram a peça que faltava, o seu bilhete dourado. *Se Terry estava aqui*, dissera ela, falando de Flint City, *cometendo o assassinato*, *então o* duplo *devia estar* lá. *É a única coisa que faz sentido.*

— Nada disso faz sentido — murmurou ele, olhando para o monitor. Havia ali a imagem congelada de um homem que era parecido com Terry Maitland,

pego rindo de alguma coisa enquanto estava na fila de autógrafos com o chefe do departamento dele, Roundhill.

— Perdão? — perguntou o funcionário do hotel que mostrou as imagens.

— Nada.

— Posso mostrar mais alguma coisa?

— Não, mas obrigado. — Foi um tempo desperdiçado. A filmagem do Canal 81 da palestra confirmava a dúvida das imagens de segurança, de qualquer modo, porque foi Terry quem fez aquela pergunta. Ninguém podia duvidar.

Só que, em um canto da mente, o detetive ainda duvidava. O jeito como Terry se levantou para fazer a pergunta, como se soubesse que uma câmera estaria apontada para ele… era *perfeito* demais. Era possível que a coisa toda fosse uma armação? Um ato incrível, mas totalmente explicável de ilusionismo? Ralph não via como era possível, mas também não sabia como David Copperfield atravessara a Grande Muralha da China, e tinha visto aquilo na televisão. Se *era* verdade, Terry Maitland não apenas era um assassino, mas um assassino que estava brincando com eles.

— Detetive, só um aviso — disse o funcionário do hotel. — Recebi um bilhete de Harley Bright, o chefe, dizendo que todas as coisas que viu precisam ser guardadas para um advogado chamado Howard Gold.

— Não me importa o que vão fazer com isso — disse Ralph. — Por mim, pode enviar para Sarah Palin em Whistledick, Alasca. Vou para casa. — Sim. Boa ideia. Ir para casa, se sentar no quintal com Jeannie, tomar uma caixa de cerveja com a esposa, quatro para ele, duas para ela. E tentar não ficar maluco pensando naquele maldito paradoxo.

O funcionário o levou até a porta da sala de segurança.

— A televisão disse que vocês pegaram o cara que matou o garoto.

— A televisão diz um monte de coisas. Obrigado pelo seu tempo, senhor.

— É sempre um prazer ajudar a polícia.

Se ao menos você tivesse ajudado, pensou Ralph.

Ele parou do outro lado do saguão, a mão esticada para empurrar a porta giratória, e foi pego por um pensamento. Havia outro lugar que ele devia verificar, considerando que já estava lá. De acordo com Terry, Debbie Grant foi ao banheiro feminino assim que a palestra de Coben terminou, e ficou lá por um bom tempo. *Eu fui até a banca de jornal com Ev e Billy*, dissera Terry. *Ela encontrou com a gente.*

No fim das contas, a banca de jornal era uma espécie de loja de suvenires

auxiliar. Uma mulher muito maquiada com cabelo grisalho estava atendendo atrás do balcão, rearrumando peças de bijuteria barata. Ralph mostrou a sua identificação e perguntou se ela estava trabalhando na tarde da terça-feira anterior.

— Querido — disse ela —, eu trabalho aqui *todos* os dias, a não ser que esteja doente. Não ganho nada a mais pelos livros e revistas, mas se alguém compra essas bijuterias e as canecas de café, recebo comissão.

— Você se lembra deste homem? Ele veio aqui na terça-feira com um grupo de professores de inglês, para uma palestra. — Ele mostrou à mulher a foto de Terry.

— Claro, eu me lembro dele. Ele me perguntou sobre o livro do condado de Flint. Foi o primeiro a fazer isso em só Deus sabe quanto tempo. Eu não tenho em estoque, a maldita coisa já estava aqui quando eu comecei a cuidar desta loja em 2010. Eu devia tirar, acho, mas ia botar o que no lugar? Qualquer coisa bem acima ou bem abaixo do nível dos olhos não vende, a gente descobre isso rápido quando cuida de um lugar assim. Pelo menos as coisas para baixo são baratas. A prateleira do alto é a que tem coisas caras, com fotografias e páginas brilhosas.

— De que livro estamos falando, sra… — Ele olhou para a plaquinha com o nome dela. — Sra. Levelle?

— Daquele ali — disse ela, apontando. — *Uma história ilustrada do condado de Flint, do condado de Douree e do município de Canning*. Título terrível, não?

Ele se virou e viu duas estantes de material de leitura ao lado de uma prateleira de canecas e pratos de suvenir. Uma estante tinha revistas; a outra tinha uma mistura de livros em formato brochura e ficção do momento em capa dura. Na prateleira de cima dessa última havia alguns poucos livros maiores, o que Jeannie chamaria de livros de mesas de centro. Estavam embrulhados em plástico para que ninguém pudesse folheá-los e manchar ou dobrar as pontas das páginas. Ralph andou até lá e olhou os livros. Terry, que tinha uns oito centímetros a mais que ele, não teria que olhar para cima nem que ficar na ponta dos pés para pegar um.

Ele fez que ia pegar o livro que a vendedora mencionou, mas mudou de ideia. Ele se virou para a sra. Levelle.

— Me conte o que você lembra.

— O quê, sobre o sujeito? Não muito. A loja ficou movimentada depois que a palestra acabou, eu me lembro disso, mas só tive alguns poucos

clientes. Você sabe por quê, não sabe?

Ralph balançou a cabeça, tentando ser paciente. Havia alguma coisa ali, sim, e ele achou, *torceu* para saber o que era.

— Eles não queriam perder o lugar na fila, claro, e todos tinham o livro novo do sr. Coben para ler enquanto esperavam. Mas esses três cavalheiros entraram, e um deles, o gordo, comprou o livro novo de Lisa Gardner. Os outros dois só olharam. Um tempo depois, uma moça botou a cabeça na porta e disse que estava pronta, e eles saíram. Para pegar os autógrafos, acho.

— Mas um deles, o alto, expressou interesse no livro do condado de Flint.

— Sim, mas acho que foi a parte do município de Canning que chamou a atenção dele. O homem não falou que a família dele morava lá havia muito tempo?

— Não sei — falou Ralph. — Me diz isso você.

— Tenho quase certeza de que ele mencionou isso. Ele pegou o livro, mas quando viu o preço, 79,99 dólares, colocou de volta na prateleira.

E pronto, lá estava.

— Alguém mexeu nesse livro desde esse dia? Pegou o livro e mexeu nele?

— Nesse aí? Você está brincando.

Ralph foi até a estante, ficou na ponta dos pés e pegou o livro embrulhado em plástico. Segurou pelas laterais, usando a palma das mãos. Na frente havia uma fotografia em sépia de uma procissão funerária de muito tempo antes. Seis caubóis, todos usando chapéus surrados e pistolas na cintura, estavam carregando um caixão para um cemitério poeirento. Um pastor (também com uma arma na cintura) os esperava na frente de um túmulo aberto com uma Bíblia nas mãos.

A sra. Levelle se animou bastante.

— Você quer mesmo comprar isso?

— Quero.

— Bom, passe para cá para eu registrar no caixa.

— Não mesmo. — Ele segurou o livro com o código de barras colado no plástico virado para ela, e ela passou o leitor ali.

— São 84,14 dólares com os impostos, mas posso fazer por oitenta e quatro redondo.

Ralph apoiou o livro com cuidado no balcão para poder entregar o cartão de crédito. Ele guardou a nota fiscal no bolso do peito e mais uma vez pegou o livro com a palma das mãos, segurando-o como um cálice.

— Ele mexeu no livro — disse, menos para ter certeza e mais para

confirmar sua sorte absurda. — Você tem certeza de que o homem na foto que eu mostrei mexeu neste livro?

— Pegou e disse que a foto da capa tinha sido tirada no município de Canning. Depois olhou o preço e pôs no lugar. Como eu falei. É uma evidência ou algo do tipo?

— Não sei — disse Ralph, olhando para as pessoas de luto dos tempos antigos que enfeitavam a capa. — Mas vou descobrir.

16

O corpo de Frank Peterson foi liberado para a Funerária Donelli Brothers na tarde de quinta-feira. Arlene Peterson tinha providenciado isso e todo o resto, inclusive o obituário, as flores, o memorial de sexta de manhã, o enterro em si, o serviço ao lado do túmulo e o velório da noite de sábado. Tinha que ser ela. Fred era inútil para tomar qualquer tipo de providência social mesmo nos seus melhores momentos.

Mas desta vez tem que ser eu, Fred disse para si mesmo quando ele e Ollie chegaram em casa do hospital. *Tem que ser, porque não tem mais ninguém. E aquele cara da Donelli vai me ajudar. Eles são especialistas nisso.* Só que como ele poderia pagar um *segundo* funeral, tão perto do primeiro? O seguro cobriria? Ele não sabia. Arlene cuidava de todas aquelas coisas também. Eles tinham um acordo: ele ganhava o dinheiro e ela pagava as contas. Ele teria que procurar na mesa dela a papelada do seguro. Só o pensamento o deixava cansado.

Eles se sentaram na sala. Ollie ligou a televisão. Havia um jogo de futebol passando. Eles assistiram por um tempo, embora nenhum dos dois gostasse do esporte; eles eram torcedores de futebol americano profissional. Por fim, Fred se levantou, andou até o corredor e pegou o antigo caderninho de telefones vermelho de Arlene. Ele abriu na letra D e, sim, lá estava, Donelli Brothers, mas a costumeira letra caprichada dela estava trêmula, e por que não? Ela não teria anotado o número de uma funerária *antes* de Frank morrer, não é? Os Peterson supostamente tinham anos antes de precisar se preocupar com ritos funerários. Anos.

Ao olhar para o caderninho, o couro vermelho desbotado e puído, Fred pensou em todas as vezes que o viu nas mãos dela, desde a esposa anotando endereços de envelopes como antigamente até a época mais recente, com a internet. Começou a chorar.

— Não consigo — disse ele. — Não consigo. Não tão pouco tempo depois

de Frankie.

Na televisão, o narrador gritou *"GOL!"* e os jogadores de camisa vermelha começaram a pular uns nos outros. Ollie desligou a televisão e estendeu a mão.

— Eu ligo.

Fred olhou para ele, os olhos vermelhos e lacrimejando.

Ollie assentiu.

— Tudo bem, pai. De verdade. Eu cuido de tudo. Por que você não sobe e deita um pouco?

E apesar de Fred saber que devia ser errado deixar o filho de dezessete anos com todo o peso, foi isso que ele fez. Prometeu a si mesmo que carregaria a sua parte do fardo com o tempo, mas naquele momento precisava tirar um cochilo. Ele estava mesmo muito cansado.

17

Alec Pelley só conseguiu se libertar dos compromissos familiares naquele domingo às três e meia. Já passava das cinco quando ele chegou ao Sheraton de Cap City, mas o sol da tarde ainda estava alto no céu. Ele estacionou na entrada do hotel, deu uma nota de dez para o manobrista e pediu para ele deixar o carro por perto. Na banca de jornal, Lorette Levelle estava rearrumando as bijuterias. A visita de Alec foi breve. Ele saiu, se encostou no Explorer e ligou para Howie Gold.

— Cheguei antes de Anderson para ver as imagens de segurança e filmagem da televisão, mas ele chegou primeiro ao livro. E comprou. Vamos ter que considerar um empate.

— Merda — disse Howie. — Como ele soube disso?

— Acho que não sabia. Acho que foi só trabalho policial tradicional. A mulher que trabalha na banca diz que um cara pegou o livro no dia da palestra de Coben, viu o preço, quase oitenta pratas, e colocou de volta no lugar. Não pareceu saber que o cara era Maitland, imagino que ela não assista aos noticiários. Ela falou para Anderson, e o detetive comprou o livro. E diz que ele saiu segurando o livro pelas laterais, com a palma das mãos.

— Torcendo para encontrar digitais que não batem com as de Terry — disse Howie —, indicando, assim, que quem mexeu no livro *não* era Terry. Não vai dar certo. Só Deus sabe quantas pessoas podem ter pegado o livro e mexido nele.

— A mulher da banca discordaria. Segundo ela, o livro ficou sem ser

tocado mês após mês.

— Não faz diferença. — Howie não pareceu preocupado, o que deixou Alec livre para se preocupar pelos dois. Não era muito, mas era alguma coisa. Uma pequena falha em um caso que estava tomando uma forma tão definida quanto um quadro de museu. Uma *possível* falha, ele lembrou a si mesmo, e Howie podia contorná-la com facilidade; júris não ligavam muito para o que *não estava* presente.

— Só queria manter você informado, chefe. É para isso que me paga.

— Tudo bem, agora eu sei. Você vai estar na denúncia amanhã, não vai?

— Não perderia por nada — respondeu Alec. — Conversou com Samuels sobre a fiança?

— Conversei. A conversa foi curta. Ele disse que lutaria com todas as fibras do seu ser. Foram as exatas palavras dele.

— Jesus, o sujeito não tem botão de desligar, não?

— Uma boa pergunta.

— Você vai conseguir mesmo assim?

— Tenho uma boa chance. Se pudesse apresentar provas, teria certeza.

— Se conseguir, diga para Maitland não fazer caminhadas pelo bairro. Tem muita gente que guarda armas em casa, à mão, e ele é o cara menos popular de Flint City agora.

— Ele vai ficar restrito à casa dele, e pode ter certeza de que a polícia vai manter a casa sob vigilância. — Howie suspirou. — Uma pena sobre o livro.

Alec terminou a ligação e voltou para o carro. Ele queria estar em casa a tempo de fazer pipoca antes de *Game of Thrones*.

18

Ralph Anderson e o detetive da Polícia Estadual Yunel Sablo se encontraram com o promotor do condado de Flint naquela noite, na varanda da casa de Samuels no lado norte da cidade, um bairro quase chique com casas grandes que aspiravam ao status das casas enormes e pré-fabricadas dos ricos de verdade e não conseguiam. Do lado de fora, as duas filhas de Samuels brincavam de correr uma atrás da outra no meio da água do sprinkler do quintal enquanto começava a anoitecer. A ex-esposa de Samuels tinha ficado para fazer o jantar. Samuels passou a refeição toda de bom humor, dando tapinhas na mão da ex e até a segurando por curtos períodos, coisa que não pareceu incomodá-la. *Bem carinhosos para um casal separado,* pensou Ralph, *e que bom para eles.* Mas agora, o jantar tinha terminado, a ex estava

arrumando as coisas das garotas, e Ralph achava que o bom humor do promotor Samuels logo acabaria também.

Uma história ilustrada do condado de Flint, do condado de Douree e do município de Canning estava na mesa de centro da varanda. Estava em um saco plástico transparente, tirado de uma das gavetas da cozinha de Ralph e colocado com cuidado em volta do livro. O cortejo funerário agora estava embaçado, porque o plástico do livro tinha recebido uma camada de pó de coleta de digitais. Uma única digital, do polegar, se destacava na capa do livro, perto da lombada. Estava clara como a data em uma moeda nova.

— Tem mais quatro boas na parte de trás — disse Ralph. — É assim que se pega um livro pesado, o polegar na frente, os dedos atrás, um pouco abertos, para sustentar o peso. Eu teria tirado as digitais lá mesmo em Cap City, mas não tinha as digitais de Terry para comparar. Assim, peguei o que precisava na delegacia e fiz em casa.

Samuels ergueu as sobrancelhas.

— Você tirou o cartão de digitais dele das provas?

— Não, fiz uma cópia.

— Diga logo o que encontrou — disse Sablo.

— Tudo bem — disse ele. — Elas batem. As digitais no livro são de Terry Maitland.

O sr. Alegria que estava ao lado da ex à mesa de jantar desapareceu. O sr. Tempestade surgiu no lugar dele.

— Você não pode ter certeza disso sem uma comparação por computador.

— Bill, eu já fazia isso antes de existir essa tecnologia. — *Quando você ainda estava tentando olhar embaixo das saias das meninas na escola.* — São as digitais de Maitland, e a comparação por computador vai confirmar. Olha só.

Ele pegou uma pilha de cartões no bolso interno do paletó esporte e as alinhou em duas fileiras na mesa de centro.

— Aqui estão as digitais de Terry, do fichamento de ontem à noite. E aqui estão as digitais de Terry no plástico do livro. Agora me digam se elas não batem.

Samuels e Sablo se inclinaram para a frente e olharam da fileira de cartões à esquerda para os da direita. Sablo voltou a se recostar primeiro.

— Eu concordo.

— Enquanto não houver uma comparação por computador, não posso concordar — disse Samuels. As palavras saíram estranhas porque o maxilar

dele estava projetado. Em outras circunstâncias, teria sido engraçado.

Ralph não deu uma resposta imediata. Estava curioso em relação a Bill Samuels, e esperançoso (ele era esperançoso por natureza) de que sua avaliação anterior do homem, de que ele poderia amarelar e dar no pé se houvesse um contra-ataque de peso, estivesse errada. A ex-esposa de Samuels ainda tinha certo apreço por ele, isso ficou óbvio, e as filhas o amavam muito, mas essas provas só falavam sobre uma faceta da personalidade de um homem. Um sujeito em casa não era necessariamente a mesma pessoa no trabalho, sobretudo quando o sujeito em questão era ambicioso e estava enfrentando um obstáculo tão repentino que poderia destruir seus grandes planos. Essas coisas importavam para Ralph. Importavam muito, porque, vencendo ou perdendo, ele e Samuels estavam unidos por aquele caso.

— É impossível — disse o promotor, uma das mãos ajeitando o cabelo espetado, que naquela noite não estava lá. Naquela noite, seu cabelo estava comportado. — Ele não pode ter estado em dois lugares ao mesmo tempo.

— Mas é o que parece — disse Sablo. — Até então, não havia nenhuma prova em Cap City. Agora, tem.

Samuels se animou por um momento.

— Talvez ele tenha mexido no livro em alguma outra data. Para preparar seu álibi. Tudo parte da armação. — Pelo que parecia, ele tinha se esquecido de sua avaliação anterior de que o assassinato de Frank Peterson foi um ato impulsivo de um homem que não conseguia mais controlar seus ímpetos.

— A ideia não pode ser descartada — disse Ralph —, mas já vi muitas digitais, e essas parecem novas. A qualidade dos detalhes dos sulcos é muito boa. Não seria o caso se as digitais tivessem sido feitas semanas ou meses atrás.

Falando quase baixo demais para ser ouvido, Sablo disse:

— *Hermano*, parece quando você tem doze pontos, troca uma carta e tira uma carta de figura.

— O quê? — disse Samuels, virando a cabeça.

— Vinte e um — disse Ralph. — Ele está dizendo que teria sido melhor se não tivéssemos encontrado isso. Se tivéssemos ficado na nossa.

Eles pensaram a respeito. Quando Samuels falou, pareceu quase agradável, um homem só passando o tempo.

— Eis uma hipótese: e se você tivesse examinado esse plástico e não tivesse encontrado nada? Ou apenas manchas não identificáveis?

— Não estaríamos melhores — disse Sablo —, mas também não estaríamos piores.

Samuels assentiu.

— Nesse caso, hipoteticamente falando, Ralph seria um homem que comprou um livro um tanto caro. Ele não jogaria fora, acharia bom não ter dado em nada e guardaria na prateleira. Depois de arrancar o plástico e jogar fora, claro.

Sablo olhou de Samuels para Ralph, o rosto sem revelar nada.

— E os cartões de digitais? — perguntou Ralph. — Como ficam?

— Que cartões? — perguntou Samuels. — Não estou vendo nenhum cartão. Você está, Yune?

— Não sei se estou vendo ou não — respondeu Sablo.

— Você está falando sobre destruir provas — disse Ralph.

— De jeito nenhum. Isso tudo é cem por cento hipotético. — Mais uma vez, Samuels levantou a mão para ajeitar o cabelo que não estava em pé. — Porém, temos coisas a considerar, Ralph. Você foi até a delegacia primeiro, mas fez a comparação em casa. Sua esposa estava lá?

— Jeannie estava no clube do livro.

— Ah, e olha só. O livro está em um saco da marca Glad, não em um saco oficial. Não foi registrado como prova.

— Ainda não — disse Ralph, mas em vez de pensar nas diferentes facetas da personalidade de Bill Samuels, o detetive foi obrigado a pensar nas diferentes facetas da própria personalidade.

— Só estou dizendo que a mesma possibilidade hipotética poderia estar no fundo da sua mente.

Estava? Ralph não podia dizer com sinceridade. E, se estivesse, *por que* estava? Para salvar uma mancha feia na carreira dele, agora que essa coisa não estava só adernando, mas correndo o risco sério de virar de vez?

— Não — disse ele. — Isso vai ser registrado como prova e vai se tornar parte das descobertas. Porque aquele garoto está morto, Bill. O que quer que aconteça conosco não é nada em comparação com aquilo.

— Concordo — falou Sablo.

— Claro que sim — disse Samuels. Ele parecia cansado. — O tenente Yune Sablo vai sobreviver, não importa o que aconteça.

— Falando em sobrevivência — disse Ralph —, e a de Terry Maitland? E se estivermos mesmo com o homem errado?

— Não estamos — respondeu Samuels. — As provas dizem que não.

E, com isso, a reunião acabou. Ralph voltou para a delegacia. Lá, registrou *Uma história ilustrada do condado de Flint, do condado de Douree e do município de Canning* e guardou no arquivo de provas cada vez maior. Ficou feliz de se livrar do livro.

Quando estava contornando o prédio em direção ao seu carro, o celular tocou. Era a foto da esposa na tela, e quando atendeu, ficou alarmado pelo som da voz dela.

— Querida? Você andou chorando?

— Derek ligou. Do acampamento.

O coração de Ralph acelerou um pouco.

— Ele está bem?

— Está, sim. *Fisicamente* bem. Mas alguns amigos mandaram e-mails falando sobre Terry, e ele está chateado. Disse que deve ser engano, que o Treinador T jamais faria uma coisa dessas.

— Ah. É só isso. — Ele começou a andar de novo, procurando as chaves com a mão livre.

— Não, não é *só* isso — disse a mulher com a voz feroz. — Onde você está?

— Na delegacia. Indo para casa.

— Pode ir até a cadeia do condado primeiro? Para falar com ele?

— Com Terry? Acho que posso, se ele aceitar me ver, mas por quê?

— Deixe todas as provas de lado por um minuto. Todas as suas provas e as deles, e me responda uma pergunta, com sinceridade, de coração. Você pode fazer isso?

— Tudo bem… — Ele ouvia o barulho distante dos caminhões na interestadual. Mais perto, os sons pacíficos do verão, de grilos na grama, aumentando perto do prédio de tijolos onde ele trabalhou por tantos anos. Ralph sabia o que ela ia perguntar.

— *Você* acha que Terry Maitland matou aquele garotinho?

Ralph pensou que o homem que pegou o táxi de Esbelta Rainwater até Dubrow a chamou de senhora, e não pelo nome, que ele deveria saber. Pensou que o homem que estacionou a van branca atrás do Shorty’s Pub pediu instruções de como chegar ao atendimento emergencial mais próximo, apesar de Terry Maitland ter morado em Flint City a vida toda. Pensou nos professores que jurariam que Terry estava com eles, tanto na hora do sequestro quanto na hora do assassinato. E pensou em como era conveniente que Terry tivesse não só feito uma pergunta na palestra do sr. Harlan Coben,

mas que tivesse *se levantado*, como se para garantir que fosse visto e gravado. Até as digitais no livro… não era perfeito?

— Ralph? Ainda está aí?

— Não sei — disse. — Talvez, se eu tivesse sido treinador com ele, como Howie… mas só o vi treinar Derek. Então, a resposta à sua pergunta, de verdade, de coração, é que não sei.

— Então vá lá — disse ela. — Olhe nos olhos dele e *pergunte*.

— Samuels vai acabar comigo se descobrir — falou Ralph.

— Não ligo para Bill Samuels, mas ligo para o nosso filho. E sei que você também. Faça isso por ele, Ralph. Por Derek.

19

No fim das contas, Arlene Peterson tinha plano funerário, então tudo estava resolvido. Ollie encontrou os papéis na gaveta de baixo da escrivaninha dela, em uma pasta entre ACORDO HIPOTECÁRIO (a tal hipoteca estava quase toda paga agora) e GARANTIAS DE ELETRODOMÉSTICOS. Ele ligou para a funerária, onde um homem com a voz suave de um profissional da indústria funerária (talvez um irmão Donelli, talvez não) agradeceu e lhe informou que "a sua mãe chegou". Como se ela tivesse ido sozinha, talvez de táxi. O profissional perguntou se Ollie precisava de um formulário de obituário do jornal. O garoto respondeu que não. Estava olhando para dois formulários vazios em cima da escrivaninha. A mãe dele, cuidadosa até na dor, devia ter feito fotocópias do que recebeu para Frank, para o caso de cometer um erro. Então aquilo também estava resolvido. Ele queria ir amanhã tomar as providências do funeral e do enterro? Ollie falou que achava que não. Achava que seu pai era quem devia fazer isso.

Quando a questão de pagar pelos ritos finais de sua mãe foi resolvida, Ollie baixou a cabeça na escrivaninha dela e chorou por um tempo. Fez isso baixinho para não acordar o pai. Quando as lágrimas secaram, ele preencheu um dos formulários de obituário, usando letra de fôrma, porque sua caligrafia era horrível. Quando essa tarefa foi resolvida, foi até a cozinha e olhou a bagunça por lá: massa no linóleo, uma carcaça de frango embaixo do relógio, um monte de tupperwares e pratos cobertos nas bancadas. Fez com que ele se lembrasse de uma coisa que a mãe costumava dizer depois de grandes refeições familiares: *os porcos comeram aqui*. Ele pegou um saco de lixo embaixo da pia e jogou tudo dentro, começando pela carcaça de frango, que estava particularmente nojenta. Em seguida, lavou o chão. Quando tudo

estava brilhando (outra coisa que a sua mãe dizia), Ollie descobriu que estava com fome. Parecia errado, mas continuava sendo verdade. As pessoas eram basicamente animais, ele percebeu. Mesmo com a mãe e o irmãozinho mortos, era preciso comer e cagar o que se comia. O corpo pedia isso. Ele abriu a geladeira e descobriu que estava lotada de mais comida, mais tupperwares, mais congelados. Escolheu um bolo de carne, a superfície uma planície clara de purê de batata, e pôs no forno quente. Enquanto estava encostado na bancada esperando que esquentasse, sentindo-se um visitante na própria cabeça, seu pai entrou. O cabelo de Fred estava desgrenhado. *Você está todo em pé,* Arlene Peterson teria dito. Ele precisava fazer a barba. Os olhos estavam inchados e vidrados.

— Tomei um dos comprimidos da sua mãe e dormi demais — disse ele.

— Não se preocupe com isso, pai.

— Você arrumou a cozinha. Eu devia ter ajudado.

— Não tem problema.

— Sua mãe… o funeral… — Fred parecia não saber como continuar, e Ollie reparou que o zíper dele estava aberto. Isso o encheu de pena. Mas não sentiu vontade de chorar de novo. Ele parecia ter chorado tudo, ao menos por enquanto. Outra coisa que estava resolvida. *Preciso contar minhas bênçãos*, pensou Ollie.

— Nós estamos bem — disse ele para o pai. — Ela tinha seguro para isso, vocês dois têm, e ela está… lá. Naquele lugar. Você sabe. — Ele estava com medo de dizer *funerária* porque isso podia fazer o pai chorar de novo. O que poderia fazer com que *ele* chorasse de novo.

— Ah. Que bom. — Fred se sentou e apoiou a cabeça nas mãos. — Eu devia ter feito isso. Era trabalho meu. Responsabilidade minha. Não pretendia dormir tanto.

— Você pode ir lá amanhã. Escolher o caixão, essas coisas.

— Onde?

— Na Donelli Brothers. A mesma do Frank.

— Ela está morta — disse Fred, impressionado. — Não sei nem como processar isso.

— É — disse Ollie, embora não tivesse conseguido pensar em mais nada. Que ela ficou tentando pedir desculpas até o final. Como se fosse tudo culpa dela, quando nada era. — O cara da funerária disse que tem coisas que você vai ter que decidir. Acha que consegue fazer isso?

— Claro. Vou estar melhor amanhã. Tem alguma coisa aqui cheirando

bem.

— Bolo de carne.

— Foi sua mãe que fez ou outra pessoa que trouxe?

— Não sei.

— Ah, mas o cheiro está bom.

Eles comeram à mesa da cozinha. Ollie largou os pratos na pia porque a lavadora estava cheia. Eles foram para a sala. Agora era beisebol na ESPN, o Phillies contra o Mets. Assistiram sem falar nada, cada um explorando à sua maneira as beiradas do buraco que aparecera na vida deles, para não cair dentro. Depois de um tempo, Ollie foi até os degraus dos fundos da casa e ficou olhando as estrelas. Havia muitas. Ele também viu um meteoro, um satélite e vários aviões. Pensou que sua mãe estava morta e não veria nada disso de novo. Era um absurdo que as coisas fossem assim. Quando voltou para dentro, o jogo de beisebol estava empatado no último tempo, e seu pai dormia na poltrona. Ollie beijou a testa dele. Fred nem se mexeu.

20

Ralph recebeu uma mensagem de texto a caminho da cadeia do condado. Era de Kinderman, da perícia da Polícia Estadual. Ralph parou na mesma hora e ligou para ele. Kinderman atendeu no primeiro toque.

— Vocês não tiram folga na noite de domingo? — perguntou Ralph.

— O que posso dizer, somos viciados em trabalho. — Ao fundo, o detetive ouviu o som de uma banda de heavy metal. — Além do mais, sempre acho que boas notícias podem esperar, mas más notícias devem ser passadas na mesma hora. Não acabamos de explorar os discos rígidos de Maitland em busca de arquivos escondidos, e alguns desses pedófilos sabem esconder as coisas muito bem, mas, aparentemente, não tem nada. Não tem pornografia infantil, aliás, não tem pornografia de nenhum tipo. Nem no desktop, nem no laptop, nem no iPad, nem no celular. Ele parece todo certinho.

— E o histórico?

— Tem muita coisa, mas só o que se esperaria: sites de compras como Amazon, blogs de notícias como o *Huffington Post*, alguns sites de esportes. Ele acompanha a Liga Principal e parece torcer pelo Tampa Bay Rays. Isso por si só sugere que tem algo de errado na cabeça dele. Ele assiste a *House of Cards* na Netflix e a *The Americans* no iTunes. Eu gosto deste último.

— Continue procurando.

— É para isso que me pagam.

Ralph estacionou em uma vaga destinada a VEÍCULOS OFICIAIS atrás da cadeia do condado, pegou o cartão que o identificava como estando em serviço no porta-luvas e colocou no painel. Um agente penitenciário, L. KEENE, de acordo com a plaquinha na camisa dele, estava esperando e o acompanhou até uma das salas de interrogatório.

— Isso é irregular, detetive. São quase dez horas.

— Estou ciente do horário, e não estou aqui por motivos recreativos.

— O promotor sabe que está aqui?

— Isso está acima da sua função, policial Keene.

Ralph se sentou de um lado da mesa e esperou para ver se Terry apareceria. Não havia pornografia nos computadores dele e nenhuma pornografia guardada na casa, nada que tivessem encontrado, pelo menos. Porém, como Kinderman observou, pedófilos podiam ser espertos.

Mas o quanto ele foi esperto ao mostrar a cara? E deixar digitais?

Ele sabia o que Samuels diria: Terry estava em estado de frenesi. Houve um momento (parecia muito tempo atrás) em que isso fez sentido para Ralph.

Keene levou Terry até a salinha. Ele estava usando o uniforme marrom do condado e chinelos vagabundos de plástico. As mãos estavam algemadas na frente do corpo.

— Tire a algema, policial.

Keene balançou a cabeça.

— Protocolo.

— Eu assumo a responsabilidade.

Keene sorriu sem humor.

— Não, detetive, não assume. Aqui é minha casa, e se ele decidir pular por cima da mesa e enforcar você, a culpa é minha. Mas não vou prendê-lo na mesa. Que tal?

Terry sorriu ao ouvir isso, como se dissesse: *Está vendo o que tenho que aguentar?*

Ralph suspirou.

— Pode nos deixar, policial Keene. E obrigado.

Ele saiu, mas ficaria observando pelo espelho de um lado só. Provavelmente ouvindo também. Isso ia chegar a Samuels; não havia como escapar.

Ralph olhou para Terry.

— Não fique aí parado. Senta, pelo amor de Deus.

Terry se sentou e cruzou as mãos sobre a mesa. A corrente da algema fez

barulho.

— Howie Gold não aprovaria que eu me encontrasse com você. — Ele continuou a sorrir enquanto falava.

— Samuels também não, então estamos empatados.

— O que você quer?

— Respostas. Se você é inocente, por que tenho várias testemunhas que te identificaram? Por que as suas digitais estão no galho usado para sodomizar o garoto e em toda a van que foi usada para sequestrar ele?

Terry balançou a cabeça. O sorriso tinha sumido.

— Estou tão intrigado quanto você. Só agradeço a Deus, ao seu único filho e a todos os santos por poder provar que estava em Cap City. E se eu não pudesse, Ralph? Acho que nós dois sabemos: eu estaria no corredor da morte na McAlester antes do final do verão, e em dois anos estaria levando a injeção. Talvez antes, porque os tribunais são todos cheios de camaradagem, e o seu amigo Samuels destruiria minha apelação como uma escavadeira em um castelo de areia.

A primeira coisa que surgiu na mente de Ralph foi *ele não é meu amigo*. O que disse foi:

— A van me interessa. Com a placa de Nova York.

— Não posso ajudar nisso. A última vez que estive em Nova York foi na minha lua de mel, dezesseis anos atrás.

Foi a vez de Ralph sorrir.

— Eu não sabia disso, mas sabia que você não tinha ido recentemente. Verificamos sua movimentação nos últimos seis meses. Só tinha uma viagem a Ohio em abril.

— Sim, para Dayton. Nas férias de primavera das meninas. Eu queria ver o meu pai, e elas queriam ir. Marcy também.

— Seu pai vive em Dayton?

— Se é que se pode chamar aquilo de viver. É uma longa história e não tem nada a ver com isso. Não tem nenhuma van branca sinistra envolvida, nem mesmo o carro da família. Fomos de avião pela Southwest. Não me importa quantas digitais minhas encontraram na van que o cara usou para sequestrar Frank Peterson, eu não a roubei. Nunca nem vi essa van. Não espero que acredite, mas é a verdade.

— Ninguém acha que você roubou a van em Nova York — disse Ralph. — A teoria de Bill Samuels é de que a pessoa que roubou a van a abandonou em algum lugar aqui perto, com a chave na ignição. Você roubou de novo e

escondeu a van até estar pronto para… fazer o que fez.

— Bem cuidadoso para um homem que saiu por aí para fazer aquela coisa mostrando o rosto.

— Samuels vai dizer para o júri que você estava em um frenesi de matar. E vão acreditar.

— Ainda vão acreditar depois que Ev, Billy e Debbie testemunharem? E depois que Howie mostrar ao júri a filmagem da palestra de Coben?

Ralph não queria falar disso. Ao menos, ainda não.

— Você conhecia Frank Peterson?

Terry deu uma gargalhada.

— É uma daquelas perguntas que Howie não ia querer que eu respondesse.

— Isso significa que não vai responder?

— Na verdade, vou. Eu conhecia ele apenas de vista, já que conheço a maioria das crianças do West Side, mas não *conhecia* de verdade, se é que me entende. Ele ainda estava no fundamental e não praticava esportes. Mas não dava para não reconhecer aquele cabelo ruivo. Parecia uma placa de PARE. Ele e o irmão. Eu treinei Ollie na Liga Infantil, mas ele não seguiu para a Liga da Cidade quando fez treze anos. Não era ruim no campo e até sabia rebater, mas perdeu o interesse. Acontece.

— Então você não estava de olho em Frankie?

— Não, Ralph. Não tenho interesse sexual em crianças.

— Não viu ele por acaso passando, empurrando a bicicleta pelo estacionamento do Gerald’s Fine Groceries, e disse: “Ah, essa é minha chance”?

Terry olhou para ele com um desprezo silencioso que o detetive achou difícil de suportar. Mas não baixou o olhar. Depois de um momento, Terry suspirou, ergueu as mãos algemadas para o lado espelhado da janela de vidro e disse:

— Acabamos por aqui.

— Ainda não — disse Ralph. — Preciso que responda mais uma pergunta, e quero que faça isso olhando nos meus olhos. Você matou Frank Peterson?

O olhar de Terry nem hesitou.

— Não matei.

O policial Keene levou Terry. Ralph ficou sentado onde estava, esperando que Keene voltasse para levá-lo pelas três portas trancadas entre a sala de interrogatório e o ar livre. Agora, tinha resposta para a pergunta que Jeannie mandou que ele fizesse, e a resposta, dada com contato visual firme, era *não*

matei.

Ralph queria acreditar nele.

E não *conseguia*.

A DENÚNCIA
16 DE JULHO

1

— Não — disse Howie Gold. — Não, não, não.

— É para a proteção dele — falou Ralph. — Você deve ver…

— O que vejo é uma fotografia na primeira página do jornal. O que vejo são manchetes em todos os canais mostrando o meu cliente entrando no fórum usando um colete à prova de balas por cima do terno. Já parecendo condenado, em outras palavras. A algema já é bem ruim.

Havia sete homens na sala de visitas da cadeia do condado, onde os brinquedos tinham sido arrumados nas caixas coloridas de plástico e as cadeiras viradas para cima das mesas. Terry Maitland estava com Howie ao lado. De frente para eles estavam o xerife do condado, Dick Doolin, Ralph Anderson e Vernon Gilstrap, o assistente do promotor público. Samuels já devia estar no fórum do condado, esperando a chegada deles. O xerife Doolin continuou segurando o colete à prova de balas, sem dizer nada. Nele, com amarelo vibrante e acusador, havia as letras DCFC, de Departamento Correcional de Flint City. As três tiras de velcro, uma em cada braço, uma em volta da cintura, estavam penduradas.

Dois agentes de cadeia (se alguém os chamasse de guardas, eles corrigiriam na hora) estavam junto à porta que dava para o corredor, os braços grossos cruzados. Um supervisionou Terry fazer a barba com um barbeador descartável; o outro revirou os bolsos do terno e da camisa que Marcy levara, sem deixar de verificar a costura na parte de trás da gravata azul.

O promotor assistente Gilstrap olhou para Terry.

— O que diz, camarada? Quer correr o risco de levar um tiro? Por mim, tudo bem. Vai poupar ao estado a grana de algumas apelações antes de levar a injeção.

— Isso foi desnecessário — disse Howie.

Gilstrap, um sujeito experiente que quase com certeza escolheria a aposentadoria (recebendo um valor bem alto) se Bill Samuels perdesse a eleição futura, apenas sorriu.

— Ei, Mitchell — falou Terry. Este era o guarda que o monitorou quando ele se barbeou, tomando cuidado para que o prisioneiro não cortasse a própria garganta com um barbeador Bic de lâmina única. Ele ergueu as sobrancelhas, mas não descruzou os braços. — Está muito quente lá fora?

— Estava vinte e nove graus quando cheguei — respondeu Mitchell. — Com previsão de chegar a trinta e sete ao meio-dia, pelo que disseram no rádio.

— Não quero o colete — disse o presidiário para o xerife, e abriu um sorriso que o fez parecer muito jovem. — Não pretendo ficar de camisa suada na frente do juiz Carter. Treinei o neto dele na Liga Infantil.

Gilstrap, que pareceu alarmado com isso, pegou um caderno no bolso interno do paletó xadrez e anotou alguma coisa.

— Vamos andando — disse Howie. Ele pegou Terry pelo braço.

O celular de Ralph tocou. Ele o tirou da lateral esquerda do cinto (a arma de serviço ficava do lado direito) e olhou para a tela.

— Esperem, esperem, preciso atender.

— Ah, pare com *isso* — disse Howie. — Isso é uma denúncia ou um show de animais adestrados?

Ralph o ignorou e foi até o outro lado da sala, onde havia máquinas de lanches e de refrigerantes. Ele parou embaixo de uma placa que dizia APENAS PARA O USO DE VISITANTES, falou rápido e ouviu. Encerrou a ligação e voltou até os outros.

— Tudo bem, vamos em frente.

O policial Mitchell ficou entre Howie e Terry por tempo suficiente para algemar os pulsos de Terry.

— Apertado demais? — perguntou ele.

Terry balançou a cabeça.

— Então vamos.

Howie tirou o paletó e colocou por cima da algema. Os dois policiais levaram Terry para fora da sala com Gilstrap na frente, saltitando como uma condutora de banda.

Howie começou a andar ao lado de Ralph. Ele falou em voz baixa:

— Isso é uma cagada de proporções épicas. — Como o detetive não respondeu, ele falou: — Tudo bem, pode ficar calado o quanto quiser, mas entre agora e o grande júri, nós vamos ter que nos reunir, você, eu e Samuels. Pelley também, se quiserem. Os fatos do caso não vão aparecer hoje, mas *vão* aparecer, e aí você não vai ter que se preocupar só com a cobertura

jornalística estadual ou regional. A CNN, a FOX, a MSNBC, os blogs de internet, todos vão estar aqui, saboreando as bizarrices. Vai ser uma mistura de O. J. com *O exorcista*.

Sim, e Ralph achava que Howie faria de tudo para que isso acontecesse. Se conseguisse fazer os repórteres se concentrarem na questão de um homem que parecia ter estado em dois lugares ao mesmo tempo, não teria que se preocupar com o foco no garoto que foi estuprado e assassinado, talvez até comido em parte.

— Sei o que está pensando, mas não sou o inimigo aqui, Ralph. A não ser que esteja cagando para tudo que não seja ver Terry condenado, e não acredito nisso. Samuels é assim, mas você não. Você não quer saber o que aconteceu?

Ralph continuou sem responder.

Marcy Maitland estava esperando no saguão, parecendo bem pequena entre a gravidez enorme de Betsy Riggins e Yune Sablo, da Polícia Estadual. Quando ela viu o marido e fez menção de se aproximar, Betsy Riggins tentou segurá-la, mas Marcy se soltou com facilidade. Sablo só ficou parado, olhando. Marcy teve tempo suficiente de olhar no rosto do marido e beijar a bochecha dele antes de o policial Mitchell a segurar pelos ombros e a empurrar com delicadeza e firmeza para trás, para perto do xerife, que ainda segurava o colete à prova de balas, como se não soubesse o que fazer com ele agora que fora recusado.

— Pare com isso, sra. Maitland — disse Mitchell. — Não é permitido.

— Eu te amo, Terry — gritou Marcy quando os policiais o levaram na direção da porta. — E as garotas te amam também.

— O mesmo para vocês, em dobro — respondeu Terry. — Fala pra elas que vai ficar tudo bem.

Logo ele estava do lado de fora, no sol quente da manhã e no fogo agressivo de mais de vinte perguntas, todas lançadas de uma vez. Para Ralph, ainda no saguão, as vozes misturadas pareciam mais uma agressão do que um interrogatório.

O detetive tinha que dar crédito a Howie pela persistência. O advogado ainda não desistira.

— Você é um dos bons. Nunca aceitou suborno, nunca alterou provas, sempre seguiu o caminho certo.

Acho que cheguei perto de alterar provas ontem à noite, pensou ele. *Foi por pouco. Se Sablo não estivesse lá, se fôssemos só eu e Samuels…*

A expressão de Howie era quase de súplica.

— Você nunca teve um caso assim. Nenhum de nós teve. E não é mais só por causa do garotinho. A mãe dele também está morta.

Ralph, que não tinha ligado a televisão naquela manhã, parou e olhou para Howie.

— Como é que *é*?

Howie assentiu.

— Ontem. Ataque cardíaco. Isso torna ela a vítima número dois. Então me diga: Não quer saber? Não quer acertar nisso?

O detetive não conseguiu mais se segurar.

— Eu *sei*. E como sei, vou dar uma dica de graça pra você, Howie. A ligação que acabei de atender foi do dr. Bogan, do Departamento de Patologia e Sorologia do General. Ele ainda não recebeu todo o teste de DNA e isso não vai acontecer nas próximas duas semanas, mas avaliaram a amostra de sêmen que foi tirada da parte de trás das pernas do garoto. Bate com a amostra de DNA que tiramos da boca dele na noite de sábado. Seu cliente matou Frank Peterson, sodomizou ele e arrancou pedaços da carne dele. E tudo isso o deixou tão excitado que ele gozou no cadáver.

Ele saiu andando rápido, deixando Howie Gold incapaz de se mexer e de falar por um segundo. O que era bom, porque o paradoxo central ainda existia. O DNA não mentia. No entanto, os colegas de Terry também não estavam mentindo, Ralph sabia. Ainda havia as digitais do livro da banca de jornal e o vídeo do Canal 81.

Ralph Anderson era um homem dividido, e a visão dupla o estava deixando louco.

2

Até 2015, o fórum do condado de Flint City ficava ao lado da cadeia do condado de Flint, o que era conveniente. Os prisioneiros que tinham que ir a uma denúncia só eram levados de uma pilha de pedras góticas para a outra, como crianças crescidas saindo em uma excursão escolar (só que, claro, crianças em uma excursão escolar quase nunca eram algemadas). Agora, havia um Centro Cívico em construção ao lado, e os prisioneiros tinham que ser transportados por seis quarteirões até o novo fórum, uma caixa de vidro de nove andares que os engraçadinhos batizaram de Galinheiro.

No meio-fio em frente à cadeia, esperando para fazer o trajeto, havia duas viaturas da polícia com as luzes piscando, um micro-ônibus azul e o SUV

brilhante de Howie. De pé na calçada ao lado deste último veículo e parecendo um motorista com o terno escuro e os óculos ainda mais escuros, estava Alec Pelley. Do outro lado da rua, atrás de cavaletes do departamento de polícia, estavam os repórteres, os câmeras, o pequeno aglomerado de curiosos. Vários carregavam cartazes. Um dizia EXECUTEM O ASSASSINO DE CRIANÇA. Outro dizia MAITLAND VOCÊ VAI ARDER NO INFERNO. Marcy parou no degrau do alto e olhou para aquilo com consternação.

Os agentes da cadeia do condado pararam no pé da escada, o trabalho concluído. O xerife Doolin e o promotor assistente Gilstrap, os homens tecnicamente encarregados do ritual legal daquela manhã, acompanharam Terry até a viatura da polícia da frente. Ralph e Yunel Sablo seguiram para a de trás. Howie segurou a mão de Marcy e a levou na direção do Escalade.

— Não olhe para cima. Não dê aos fotógrafos nada além do alto da sua cabeça.

— Os cartazes… Howie, os *cartazes*…

— Não dê bola para eles, só siga em frente.

Por causa do calor, as janelas do micro-ônibus azul estavam abertas. Os prisioneiros dentro, a maioria guerreiros de fim de semana seguindo para as próprias denúncias por uma variedade de crimes menores, viram Terry. Eles encostaram o rosto na rede de arame e assobiaram.

— Ei, veado!

— Você dobrou o pau pra botar lá dentro?

— Vai direto pra a injeção, Maitland!

— Você chupou o pau dele antes de arrancar com os dentes?

Alec começou a contornar o Escalade para abrir a porta do passageiro, mas Howie balançou a cabeça, fez sinal para ele voltar e apontou para a porta traseira do lado do meio-fio. Ele queria manter Marcy o mais distante possível das pessoas do outro lado da rua. A cabeça da mulher estava abaixada, e o cabelo escondia o rosto, mas quando Howie a levou até a porta que Alec segurava aberta, ele ouviu o choro dela mesmo em meio à barulheira.

— *Sra. Maitland!* — gritou um repórter de trás da barricada de cavaletes. — *Ele contou que ia fazer aquilo? Você tentou impedir?*

— Não olhe para cima, não responda — avisou Howie. Ele queria poder dizer para ela não ouvir. — Isso tudo está sob controle. Só entre no carro e vamos embora.

Quando ele a ajudou a entrar, Alec murmurou no ouvido dele:

— Que lindo, né? Metade da força policial da cidade está de férias, e o destemido xerife de FC mal consegue controlar a multidão no Elks Barbecue.

— Só nos leve até lá — disse Howie. — Vou atrás com Marcy.

Quando Alec se acomodou no banco do motorista e todas as portas estavam fechadas, os gritos da multidão e do ônibus foram abafados. Na frente do Escalade, as viaturas da polícia e o micro-ônibus estavam saindo, seguindo tão devagar quanto um cortejo funerário. Alec entrou na fila. Howie viu os repórteres correndo pela calçada, alheios ao calor, querendo estar no Galinheiro quando Terry chegasse. As vans de televisão já estariam lá, estacionadas uma atrás da outra como um bando de mastodontes pastando.

— Eles odeiam Terry — disse Marcy. A pouca maquiagem que ela passara nos olhos, mais para esconder as olheiras, tinha borrado, deixando-a com aspecto de guaxinim. — Ele só fez coisas boas por esta cidade, e todo mundo odeia ele.

— Isso vai mudar quando o grande júri se recusar a fazer a acusação — falou Howie. — E é o que vão fazer. Eu sei, e Samuels também sabe.

— Tem certeza?

— Sim. Em alguns casos, Marcy, é difícil encontrar sequer um motivo para dúvida. Esse caso é *cheio* deles. Não tem como o grande júri ir em frente com a acusação.

— Não foi isso que quis dizer. Tem certeza de que as pessoas vão mudar de ideia?

— Claro que vão.

Pelo retrovisor, ele viu Alec fazer uma careta ao ouvir isso, mas às vezes uma mentira era necessária, e essa era uma daquelas vezes. Até o verdadeiro assassino de Frank Peterson ser encontrado, isso se fosse mesmo encontrado, as pessoas de Flint City acreditariam que Terry Maitland tinha vencido o sistema e se safado de um assassinato. Elas o tratariam levando isso em consideração. Mas, agora, Howie só podia se concentrar na denúncia.

3

Enquanto Ralph estava resolvendo problemas corriqueiros do dia a dia, coisas como o que haveria para o jantar, uma ida ao mercado com Jeannie, uma ligação de Derek do acampamento à noite (que ficavam cada vez menos frequentes agora que a saudade que o filho sentia de casa diminuía), ele ficava mais ou menos bem. Porém, quando sua atenção se voltava para Terry, como agora, uma espécie de *uber* consciência entrava em ação, como se a

mente dele estivesse tentando garantir para si mesma que tudo estava como sempre fora: o lado de cima ainda ficava para cima, o lado de baixo ainda ficava para baixo, e que era só o calor de verão naquele carro com ar-condicionado fraco que produzia gotículas de suor embaixo do seu nariz. Cada dia era para ser apreciado, porque a vida era curta, ele entendia isso, mas havia um limite. Quando o filtro da mente desaparecia, o cenário geral desaparecia junto. Não havia floresta, só árvores. No pior cenário, também não havia árvores. Apenas casca.

Quando a pequena procissão chegou ao fórum do condado de Flint, Ralph entrou atrás do xerife, reparando em todos os pontos quentes de sol no para-choque traseiro da viatura de Doolin: quatro pontos no total. Os repórteres que estiveram na cadeia do condado já estavam chegando, se juntando a uma multidão com o dobro do tamanho da que tinha esperado no local anterior. As pessoas estavam espremidas no gramado dos dois lados da escada. Ele viu vários logos de canais de televisão nas camisas polo dos repórteres, e os círculos escuros de suor embaixo dos braços. A âncora loura bonita do Canal 7 de Cap City chegou descabelada e com suor abrindo trincheiras na maquiagem de televisão.

Também havia cavaletes ali, mas o fluxo da multidão já tinha derrubado e entortado alguns. Doze policiais, metade da força da cidade e metade do departamento do xerife, se esforçavam para deixar a calçada e a escada livres. Não era suficiente, na estimativa de Ralph, nem de longe, mas durante o verão sempre tinha menos gente.

Os repórteres lutavam pelos melhores lugares no gramado, dando cotoveladas nos espectadores sem remorso nenhum. A âncora loura do Canal 7 tentou abrir espaço na frente, usando o seu sorriso famoso na região, e foi atingida por um cartaz feito às pressas. O cartaz mostrava uma seringa mal desenhada embaixo da mensagem MAITLAND TOMA SEU REMÉDIO. O câmera empurrou o cara com o cartaz para trás, e acabou derrubando uma mulher idosa. Outra mulher a segurou e bateu com a bolsa na cabeça do câmera. Ralph reparou (no momento, não tinha como não reparar) que a bolsa era feita de imitação de couro de crocodilo e era vermelha.

— Como os abutres chegaram tão rápido? — disse Sablo, impressionado. — Cara, eles correm mais rápido do que baratas quando alguém acende a luz.

Ralph só balançou a cabeça e olhou para a multidão com uma consternação crescente, tentando ver como um todo e, no seu estado atual de hipervigilância, incapaz de fazer isso. Quando o xerife Doolin saiu do carro

(a camisa marrom do uniforme para fora da calça em um lado, acima do cinto Sam Browne; parte de gordura rosada aparecendo ali) e abriu a porta de trás para Terry sair, alguém começou a gritar:

— *Injeção, injeção!*

A multidão se juntou ao grito, cantando como torcedores em um jogo de futebol americano:

— *INJEÇÃO! INJEÇÃO! INJEÇÃO!*

Terry olhou para a multidão, uma mecha do cabelo bem penteado se soltando e caindo em cima da sobrancelha esquerda. (Ralph achava que dava para contar cada fio.) Havia uma expressão de perplexidade sofrida no rosto dele. *Ele está vendo gente que conhece,* pensou o detetive. *Pessoas cujos filhos foram alunos dele, pessoas cujos filhos foram treinados por ele, pessoas que recebeu em casa para os churrascos de fim de temporada. Todas torcendo para ele morrer.*

Um dos cavaletes caiu e a barra de contenção deslizou. As pessoas subiram na calçada, algumas delas repórteres com microfones e cadernos, o resto cidadãos locais que pareciam prontos para enforcar Terry Maitland no poste mais próximo. Dois policiais que faziam o controle de espectadores correram e os empurraram para trás, não com muita delicadeza. Outro rearrumou a barricada, o que deixou a multidão livre para ultrapassar a barreira em outra parte. Ralph viu o que pareciam ser mais de vinte celulares tirando fotos e filmando.

— Vamos — disse ele para Sablo. — Temos que levar ele para dentro antes que cheguem na escada.

Eles saíram do carro e correram para a escada do fórum, Sablo fazendo sinal para Doolin e Gilstrap se adiantarem. Agora, Ralph via Bill Samuels atrás de uma das portas do fórum, parecendo estupefato… mas por quê? Como era possível que ele não esperasse aquilo? Como o xerife Doolin podia não esperar aquilo? Ele mesmo não era isento de culpa; por que não insistira para levar Terry pela porta dos fundos, por onde entrava a maioria dos funcionários do fórum?

— *Para trás, pessoal!* — gritou Ralph. — *Esse é o procedimento, deixem o procedimento acontecer!*

Gilstrap e o xerife levaram Terry na direção da escada, cada um segurando um braço do homem. Ralph teve tempo de registrar (mais uma vez) o paletó xadrez horrível de Gilstrap e de se perguntar se a esposa do sujeito o tinha escolhido. Se sim, ela devia odiá-lo em segredo. Agora, os prisioneiros no

micro-ônibus, que ficariam esperando no calor cada vez mais forte do verão, cozinhando no próprio suor até a denúncia do prisioneiro estrela acabar, juntaram suas vozes à gritaria, alguns apenas cantarolando *injeção, injeção*, outros latindo como cachorros e uivando como coiotes, batendo com os punhos na rede de arame que cobria as janelas abertas.

Ralph se virou para o Escalade e levantou a mão aberta para o carro, em um gesto de *pare*, querendo que Howie e Alec Pelley deixassem Marcy onde estava até Terry estar dentro e a multidão ter se acalmado. Mas não adiantou. A porta traseira virada para a rua se abriu e a mulher saiu, inclinando um ombro e escapando da mão de Howie Gold com a mesma facilidade com que escapou de Betsy Riggins no saguão da cadeia do condado. Quando correu para alcançar o marido, Ralph reparou nos saltos baixos e em um corte de depilação na panturrilha. *A mão dela devia estar tremendo*, pensou. Quando Marcy chamou o nome de Terry, as câmeras se viraram para ela. Havia cinco no total, as lentes parecendo olhos vidrados. Alguém jogou um livro nela. Ralph não conseguiu ler o título, mas conhecia a capa verde. *Vá, coloque um vigia*, de Harper Lee. A esposa dele leu aquela obra para o clube do livro. A capa se soltou e uma das abas balançou. O livro bateu no ombro dela e quicou. A mulher nem pareceu reparar.

— Marcy! — gritou Ralph, deixando seu lugar na escada. — Marcy, aqui!

Ela olhou ao redor, talvez o procurando, talvez não. Parecia que ela estava em um sonho. Terry parou e se virou ao ouvir o nome da esposa, e resistiu quando o xerife Doolin tentou continuar a puxá-lo na direção da escada.

Howie chegou a Marcy antes de Ralph. Quando a segurou pelo braço, um homem corpulento de macacão de mecânico virou um dos cavaletes e correu na direção dela.

— Você ajudou ele, sua puta maldita? Ajudou?

Howie tinha sessenta anos, mas ainda estava em boa forma física. E não era tímido. Enquanto Ralph olhava, ele flexionou os joelhos e enfiou o ombro na lateral direita do tronco do homem corpulento, derrubando-o de lado.

— Me deixe ajudar — disse Ralph.

— Eu posso cuidar dela — falou Howie. O rosto dele estava vermelho até o cabelo ralo. Ele estava com um braço na cintura de Marcy. — Nós não queremos a sua ajuda. Só leve ele para dentro. Agora mesmo! Jesus, no que você estava pensando, homem? Isso aqui é um circo!

Ralph pensou em dizer *é o circo do xerife, não meu*, só que *era* ao menos um pouco dele. E Samuels? Ele previra aquilo? Até torceu para que

acontecesse, por causa da ampla cobertura da mídia que receberia?

O detetive se virou a tempo de ver um homem de camisa de caubói desviar de um dos policiais de controle, correr pela calçada e dar uma cusparada na cara de Terry. Antes que o sujeito pudesse sair correndo, Ralph esticou o pé e o derrubou no chão. O detetive conseguia ler a etiqueta da calça jeans dele: LEVI'S BOOT CUT. Viu um círculo mais claro de uma lata de tabaco Skoal no bolso direito traseiro. Apontou para um dos policiais de controle.

— Algeme esse homem e enfie na viatura.

— Nossos c-carros estão lá a-atrás — disse o policial. Ele era do condado e parecia apenas um pouco mais velho que o filho de Ralph.

— Então coloque no micro-ônibus!

— E deixar essas pessoas…

Ralph perdeu o resto da fala, porque estava vendo uma coisa incrível. Enquanto Doolin e Gilstrap olhavam para os espectadores, Terry ajudava o homem de camisa de caubói a se levantar. Ele disse alguma coisa para o sujeito que Ralph não ouviu, mesmo quando os ouvidos pareciam sintonizados com o universo inteiro. O sujeito da camisa de caubói assentiu e desviou os olhos, encolhendo um ombro para secar um arranhão na bochecha. Mais tarde, o detetive se lembraria daquele pequeno momento no âmbito mais geral das coisas. Pensaria bastante nele nas longas noites em que o sono não viria: Terry ajudando o homem a se levantar com as mãos algemadas enquanto o cuspe escorria pela bochecha. Como uma coisa saída da porra da Bíblia.

Os espectadores tinham virado mesmo uma multidão, e essa multidão beirava o comportamento de uma turba. Alguns tinham chegado aos vinte e poucos degraus de granito que levavam às portas do fórum, apesar dos esforços da polícia para empurrá-los para trás. Dois meirinhos — um homem corpulento e uma mulher magricela —, saíram e tentaram afastar as pessoas. Algumas recuavam, mas outras entravam no lugar.

Agora, Deus salve a rainha, Gilstrap e Doolin estavam discutindo. Gilstrap queria Terry de volta ao carro até que a autoridade pudesse ser restabelecida. Doolin queria que ele entrasse no fórum naquele instante, e Ralph sabia que o xerife tinha razão.

— Venham — disse ele para os dois. — Yune e eu assumimos daqui.

— Saquem as armas — disse Gilstrap, ofegante. — Isso vai fazer com que eles se afastem.

Claro que isso não era apenas contra o protocolo, mas também uma

loucura, e tanto Doolin quanto Ralph sabiam. O xerife e o promotor assistente começaram a se deslocar de novo, mais uma vez segurando os braços de Terry. Pelo menos a calçada estava livre na base da escada. Ralph conseguia ver pontinhos de mica brilhando no cimento. *Vão deixar imagens nos meus olhos quando entrarmos*, pensou ele. *Vão ficar pairando na frente dos meus olhos como uma pequena constelação.*

O micro-ônibus azul começou a balançar enquanto os detentos eufóricos se jogavam de um lado para outro, ainda cantarolando *injeção, injeção* junto com a multidão do lado de fora. Um alarme de carro disparou quando dois jovens começaram a dançar em cima do Camaro antes imaculado de alguém, um no capô e outro no teto. Ralph viu as câmeras filmando a multidão e soube exatamente como as pessoas daquela cidade pareceriam para o restante do estado quando as filmagens fossem exibidas no noticiário das seis: hienas. Todos estavam visíveis e todos eram grotescos. Viu a âncora loura do Canal 7 de novo caída de joelhos, derrubada pelo cartaz da seringa, e a observou se levantar, uma expressão de desprezo incrédulo retorcendo o seu rosto bonito ao tocar na cabeça e ver sangue nos dedos. Ele viu um homem com tatuagens nas mãos, um lenço amarelo na cabeça e a maior parte das feições destruída por velhas cicatrizes de queimadura que cirurgias não conseguiram corrigir. *Incêndio de cozinha*, pensou Ralph, *talvez quando o homem estava bêbado e tentou cozinhar costelas de porco.* Ele viu um homem balançando um chapéu de caubói como se aquilo fosse um rodeio de Cap City. Viu Howie levando Marcy na direção da escada, a cabeça abaixada como se eles estivessem se deslocando contra uma ventania, e percebeu uma mulher se inclinar para a frente para mostrar o dedo do meio para ela. Viu um homem com uma bolsa-carteiro de lona no ombro e um gorro enfiado na cabeça apesar do calor. Viu o meirinho corpulento ser empurrado por trás e só ser salvo de uma queda horrível quando uma mulher negra de ombros largos o segurou pelo cinto. Viu um adolescente com a namorada sentada nos ombros. A garota estava balançando os punhos e rindo, uma das alças do sutiã caída pelo braço até o cotovelo. A tira era amarela. Viu um garoto com lábio leporino usando uma camiseta com o rosto sorridente de Frank Peterson. LEMBREM-SE DA VÍTIMA, dizia a roupa. Ele viu cartazes. Viu bocas abertas, gritando, dentes brancos e bocas vermelhas. Ouviu alguém tocando uma buzina de bicicleta: *trim-trim-trim*. Olhou para Sablo, que estava agora de pé com os braços esticados para segurar as pessoas, e leu a expressão no rosto do detetive da Polícia Estadual: *Fodeu.*

Doolin e Gilstrap enfim chegaram ao pé da escada com Terry entre os dois. Howie e Marcy se juntaram a eles. O advogado gritou alguma coisa para o promotor assistente e outra coisa para o xerife. Ralph não conseguiu entender o que era em meio à gritaria, mas fez com que os dois se colocassem em movimento. Marcy esticou a mão para o marido. Doolin a empurrou para trás. Então alguém começou a gritar: “Morra, Maitland, morra!”, e a multidão se juntou ao coro enquanto Terry e seus acompanhantes subiam o lance íngreme de escada.

O olhar de Ralph foi atraído para o homem com a bolsa-carteiro de lona. LEIA O CALL DE FLINT CITY estava impresso na lateral, com letras vermelhas desbotadas, como se a bolsa tivesse ficado na chuva. Um homem que usava um gorro de tricô em uma manhã de verão com a temperatura já quase em trinta graus. Um homem que estava agora enfiando a mão na bolsa. Ralph se lembrou de repente do depoimento da sra. Stanhope, a idosa que testemunhou quando Frank Peterson entrou na van branca com Terry. *Tem certeza de que foi Frank Peterson que viu?*, ele tinha perguntado. *Ah, sim*, respondera ela, *era Frank. Há dois garotos Peterson, ambos ruivos.* E não era cabelo ruivo que Ralph via aparecendo embaixo do gorro?

Ele entregava o nosso jornal, dissera a sra. Stanhope.

Ele viu a mão do homem de gorro sair da bolsa, e não estava segurando um jornal.

Ralph usou todo o fôlego que tinha para gritar enquanto puxava a sua Glock.

— *Arma! ARMA!*

As pessoas em volta de Ollie gritaram e saíram correndo. O promotor assistente Gilstrap segurava o braço de Terry, mas quando viu o Colt antiquado de cano comprido, ele soltou, caiu em uma posição de sapo e deu um pulo com as pernas. O xerife também soltou Terry, mas para puxar a arma… ou tentar. A tira de segurança ainda estava presa, e a pistola não saiu do lugar.

Ralph não tinha linha de tiro livre. A âncora loura do Canal 7, ainda atordoada pelo golpe na cabeça, estava parada quase na frente de Ollie Peterson. Escorria sangue pela bochecha esquerda dela.

— *Pra baixo, moça, pra baixo!* — gritou Sablo. Ele estava apoiado em um joelho, segurando a Glock na mão direita e apoiando com a esquerda.

Terry pegou a esposa pelos antebraços, a corrente das algemas tinha comprimento suficiente só para isso, e a empurrou para longe enquanto Ollie

atirava por cima do ombro da âncora loura. Ela gritou e levou a mão ao ouvido, sem dúvida agora surdo. A bala passou de raspão na lateral da cabeça de Terry, fazendo o cabelo dele voar e uma cascata de sangue jorrar no ombro do terno que Marcy teve tanto trabalho de passar.

— *Meu irmão não foi suficiente, você tinha que matar minha mãe também!* — gritou Ollie, e disparou de novo, dessa vez acertando o Camaro do outro lado da rua. Os jovens que estavam dançando em cima pularam e se esconderam, gritando.

Sablo subiu os degraus aos pulos, pegou a repórter loura, puxou-a para baixo e caiu em cima dela.

— *Ralph, Ralph, atira!* — gritou ele.

Agora o detetive tinha a linha de tiro livre, mas, quando disparou, um dos espectadores em fuga esbarrou nele. Em vez de acertar Ollie, a bala acertou uma câmera de TV apoiada no ombro de um homem, que se estilhaçou toda. Ele largou o aparelho e cambaleou para trás com as mãos no rosto. Sangue escorria por entre os dedos.

— *Filho da puta!* — gritou Ollie. — *Assassino!*

O garoto atirou uma terceira vez. Terry grunhiu e desceu para a calçada. Levou as mãos algemadas ao queixo, como se tivesse pensado em algo que exigia uma reflexão séria. Marcy cambaleou até ele e passou os braços pela cintura do marido. Doolin ainda estava puxando o cabo preso da arma automática. Gilstrap corria pela rua com a parte de trás do paletó xadrez horroroso balançando. Ralph mirou com cuidado e atirou. Dessa vez, ninguém o empurrou, e a testa do garoto desabou para dentro como se tivesse sido acertada por um martelo. Os olhos saltaram das órbitas em uma expressão de surpresa de desenho animado quando a bala de nove milímetros explodiu o cérebro do adolescente. Seus joelhos se dobraram. Ele caiu em cima da bolsa de entregador de jornal, o revólver escorregando dos dedos e caindo dois ou três degraus antes de parar.

Podemos subir a escada agora, pensou Ralph, ainda na postura de atirador. *Não tem mais problema, está tudo bem.* Só que o grito de Marcy — *“Alguém ajuda! Ah, Deus, alguém ajuda o meu marido!”* — disse para Ralph que não havia mais motivo para subir os degraus. Nem hoje e talvez nunca mais.

4

A primeira bala de Ollie Peterson só raspou na lateral da cabeça de Terry

Maitland, um ferimento que sangrou muito, mas que era superficial, uma coisa que deixaria Terry com uma cicatriz e uma história para contar. Porém, o terceiro tiro abriu um buraco pelo paletó do terno do lado esquerdo do peito, e a camisa embaixo estava ficando roxa enquanto o sangue do ferimento se espalhava.

Teria acertado o colete se o homem não tivesse recusado, pensou Ralph.

Terry estava caído na calçada, os olhos abertos. Seus lábios estavam se movendo. Howie tentou se agachar ao lado dele. Ralph moveu um braço com força e empurrou o advogado para longe. Howie caiu de costas. Marcy estava agarrada ao marido, balbuciando:

— Não está tão ruim, Ter, você está bem, fique comigo.

Ralph colocou a base da mão sobre a elasticidade macia do seio dela e também a empurrou. Terry Maitland ainda estava consciente, mas não tinha muito tempo.

Uma sombra caiu sobre ele, um dos malditos câmeras de um dos malditos canais de televisão. Yune Sablo o segurou pela cintura e o puxou para longe. Os pés do repórter oscilaram, se cruzaram e ele caiu, segurando a câmera no alto para que não quebrasse.

— Terry — falou Ralph. Ele viu gotas de suor da própria testa caindo no rosto do treinador, onde se misturaram com o sangue do ferimento na cabeça. — Terry, você vai morrer. Entendeu? Ele acertou você, e acertou em cheio. *Você vai morrer*.

— *Não!* — berrou Marcy. — *Não, ele não pode morrer! As meninas precisam do pai! Ele não pode morrer!*

Ela estava tentando chegar a ele, e dessa vez foi Alec Pelley, pálido e sério, quem a segurou. Howie estava de joelhos, mas também não tentou interferir de novo.

— Onde… acertou?

— No peito, Terry. Ele pegou no coração ou logo acima. Você precisa fazer uma declaração final. Precisa me dizer que matou Frank Peterson. É a sua chance de ficar com a consciência limpa.

Terry sorriu, e um filete de sangue escorreu dos cantos da boca.

— Mas eu não matei — disse ele. A voz estava baixa, pouco mais que um sussurro, mas ainda audível. — Não matei. Então me diga, Ralph… como você vai limpar a sua consciência?

Ele fechou os olhos e lutou para abri-los mais uma vez. Por um momento ou dois, havia alguma coisa neles. Depois, não havia mais nada. Ralph

colocou os dedos na frente da boca de Terry. Nada.

Ele se virou para olhar para Marcy Maitland. Foi difícil, porque a cabeça dele parecia pesar mil quilos.

— Sinto muito — disse. — Seu marido faleceu.

O xerife Doolin falou com pesar:

— Se estivesse usando o colete… — Ele balançou a cabeça.

A nova viúva olhou para Doolin sem acreditar, mas foi para cima de Ralph Anderson que ela pulou, deixando Alec Pelley sem nada além de um pedaço rasgado da blusa dela na mão esquerda.

— *A culpa é sua! Se não tivesse prendido ele em público, essas pessoas não estariam aqui! Daria no mesmo se tivesse atirado nele!*

Ralph deixou que ela enfiasse as unhas na lateral do rosto dele antes de segurar os pulsos da mulher. Deixou que ela o fizesse sangrar, porque talvez ele merecesse… e talvez não houvesse dúvida quanto a isso.

— Marcy — disse ele. — Foi o irmão de Frank Peterson que atirou, e *ele* estaria aqui independente de onde tivéssemos prendido Terry.

Alec Pelley e Howie Gold ajudaram Marcy a se levantar, tomando o cuidado de não pisar no corpo do marido dela. Howie falou:

— Isso pode ser verdade, detetive Anderson, mas não haveria um monte de outras pessoas em volta. O atirador teria se destacado como um dedo podre.

Alec apenas encarava Ralph com uma espécie de desprezo pétreo. Ralph se virou para Yunel, mas ele desviou o olhar e se inclinou para ajudar a chorosa âncora loura do Canal 7 a se levantar.

— Bom, você conseguiu a sua última declaração, pelo menos — disse Marcy. Ela mostrou a palma das mãos para Ralph. Estavam vermelhas com o sangue do marido. — Não conseguiu? — Como o detetive não respondeu, ela se virou de costas e viu Bill Samuels. Ele enfim tinha saído do fórum e estava de pé entre os meirinhos no alto da escada. — *Ele disse que não foi ele!* — gritou para o promotor. — *Ele disse que era inocente! Nós todos ouvimos, seu filho da puta! Enquanto o meu marido morria, ELE DISSE QUE ERA INOCENTE!*

Samuels não disse nada, só deu meia-volta e entrou.

Sirenes. O alarme do Camaro. A falação excitada das pessoas que estavam voltando agora que o tiroteio tinha acabado. Querendo ver o corpo. Querendo fotografá-lo e botar no Facebook. O casaco de Howie, que fora colocado por cima das mãos de Terry para esconder a algema da imprensa, estava agora caído na rua, manchado de sujeira e respingado de sangue. Ralph o pegou e o

usou para cobrir o rosto de Terry, gerando um uivo terrível de dor da esposa dele. Em seguida, foi até a escada do fórum, se sentou e baixou a cabeça entre os joelhos.

PEGADAS E MELÕES
18-20 DE JULHO

1

Como Ralph não tinha contado a Jeannie sua pior desconfiança sobre o promotor do condado de Flint (de que ele talvez quisesse uma multidão de cidadãos moralistas e furiosos no fórum), ela deixou Bill Samuels entrar quando o homem apareceu na porta da casa dos Anderson na noite de quarta, mas deixou claro que não ficava muito satisfeita com a presença dele.

— Ele está lá atrás — disse ela, se virando e voltando para a sala, onde Alex Trebek explicava os procedimentos para os competidores do *Jeopardy* naquela noite. — Você sabe o caminho.

Samuels, naquela noite usando calça jeans, tênis e uma camiseta cinza lisa, ficou parado no saguão de entrada por um momento, pensando, e foi atrás dela. Havia duas poltronas na frente da televisão, a maior e mais gasta vazia. Ele pegou o controle remoto na mesa entre as duas e tirou o som do aparelho. Jeannie continuou olhando para a televisão, onde os competidores estavam respondendo perguntas em uma categoria chamada Vilões Literários. A resposta na tela era: *Ela pediu a cabeça de Alice.*

— Essa é fácil — disse Samuels. — A Rainha de Copas. Como ele está, Jeannie?

— Como acha que ele está?

— Lamento pelo rumo que as coisas tomaram.

— Nosso filho descobriu que o pai dele foi suspenso — disse ela, ainda olhando para a televisão. — Saiu na internet. Ele ficou muito chateado com isso, é claro, mas também está chateado porque o treinador favorito dele foi assassinado na frente do fórum. Ele quer voltar para casa. Falei para ele esperar alguns dias e ver se não muda de ideia. Não quis dizer a verdade, que o pai dele ainda não está pronto para vê-lo.

— Ralph não foi suspenso. Só está de licença administrativa. E está recebendo. É obrigatório depois de um incidente com tiros.

— Pode chamar do que quiser. — Agora a resposta na tela era: *Essa enfermeira era do mal*. — Ele diz que pode ficar parado por até seis meses, e isso se aceitar a avaliação psicológica obrigatória.

— E por que não aceitaria?

— Ele está pensando em sair fora.

Samuels levantou a mão até o alto da cabeça, mas hoje o cabelo estava comportado, ao menos até o momento, e ele a baixou de novo.

— Nesse caso, talvez a gente possa abrir um negócio juntos. Esta cidade precisa de um bom lava-jato.

Ela então o encarou.

— Do que você está falando?

— Decidi não concorrer à reeleição.

Ela abriu um sorriso fino como uma lâmina que sua própria mãe talvez não reconhecesse.

— Vai desistir antes que o cidadão comum possa despedir você?

— Se quiser colocar dessa forma — disse ele.

— Quero — respondeu Jeannie. — Vá até o quintal, sr. Promotor Por Enquanto, e fique à vontade para propor uma sociedade. Mas esteja pronto para desviar do que vem por aí.

2

Ralph estava sentado em uma cadeira de jardim com uma cerveja na mão e um cooler de isopor ao lado. Ele olhou quando a porta da cozinha bateu, viu Samuels e voltou a atenção para uma árvore logo atrás da cerca dos fundos.

— Tem um arapaçu ali atrás — disse ele, apontando. — Não vejo um há séculos.

Não havia uma segunda cadeira, então Samuels se sentou no banco da longa mesa de piquenique. Ele já tinha se sentado lá várias vezes antes, em circunstâncias melhores. Olhou para a árvore.

— Não estou vendo.

— Lá vai ele — disse Ralph quando um pequeno pássaro levantou voo.

— Acho que é um pardal.

— Você devia fazer um exame de vista. — Ralph enfiou a mão no cooler e passou uma Shiner para Samuels.

— Jeannie disse que você está pensando em se aposentar.

Ralph deu de ombros.

— Se é a avaliação psicológica que te preocupa, você vai passar com louvor. Fez o que tinha que fazer.

— Não é isso. Não é nem o sujeito da câmera. Sabe dele? Quando a bala acertou a câmera, a primeira que disparei, os pedaços voaram para todo lado.

E um atingiu o olho dele.

Samuels não sabia disso, mas ficou quieto e bebeu a cerveja, apesar de detestar Shiner.

— É provável que ele perca o olho — disse Ralph. — Os médicos de Dan McGee lá em Okie City estão tentando salvar, mas, enfim, é provável que ele perca o olho. Você acha que um câmera de um olho só ainda pode trabalhar? Provavelmente, talvez ou de jeito nenhum?

— Ralph, esbarraram em você na hora do disparo. E escute, se o cara não estivesse com a câmera na cara, é bem capaz de que ele estivesse morto agora. Esse é o lado bom.

— É, mas que se fodam todos os lados bons. Liguei para a esposa dele para pedir desculpas. Ela falou: "Nós vamos processar o DP de Flint City pedindo dez milhões de dólares, e depois que a gente conseguir, a gente vai atrás de você". E desligou.

— Isso não vai adiante. Peterson tinha uma arma, e você estava fazendo o seu trabalho.

— Assim como o câmera estava fazendo o dele.

— Não é a mesma coisa. Ele tinha escolha.

— Não, Bill. — Ralph se virou na cadeira. — Ele tinha um *trabalho*. E era um arapaçu, caramba.

— Ralph, você precisa me escutar. Maitland matou Frank Peterson. O irmão de Peterson matou Maitland. A maioria das pessoas vê isso como justiça de terra de ninguém, e por que não? Este estado *era* terra de ninguém até não muito tempo atrás.

— Terry disse que não matou o menino. Essa foi a declaração de morte dele.

Samuels se levantou e começou a andar.

— O que mais o homem ia dizer com a esposa ajoelhada ao lado dele chorando até não poder mais? Ia dizer: "Ah, sim, fui eu mesmo. Sodomizei o garoto e arranquei pedaços dele a dentadas, não necessariamente nessa ordem, depois ejaculei nele só pra garantir"?

— Tem um monte de provas que sustentam o que Terry falou no final.

Samuels virou até Ralph e parou, olhando para ele.

— Era o DNA dele na porra da amostra de sêmen, e DNA supera *tudo*. Terry matou ele. Não sei como armou o resto, mas foi ele.

— Você veio aqui para me convencer ou convencer a si mesmo?

— Eu não preciso ser convencido. Só vim dizer que agora sabemos quem

roubou a van Econoline primeiro.
— A essa altura, faz alguma diferença? — questionou Ralph, mas Samuels detectou um brilho de interesse nos olhos dele.
— Se está me perguntando se esclarece alguma coisa nessa confusão, não. Mas é fascinante. Quer saber ou não?
— Claro.
— Foi roubada por um garoto de doze anos.
— *Doze?* Você está de brincadeira?
— Não, e ele passou meses na estrada. Chegou a El Paso, até que um policial pegou ele em um estacionamento do Walmart, dormindo em um Buick roubado. Ele roubou quatro veículos no total, mas a van foi o primeiro. Ele foi até Ohio antes de largar e trocar por outro carro. Deixou a chave na ignição, como imaginamos. — Ele disse aquilo com certo orgulho, e Ralph achava que Samuels tinha direito a isso; era bom que pelo menos uma das suas teorias se provara correta.
— Mas nós ainda não sabemos como a van chegou aqui, sabemos? — perguntou Ralph. Alguma coisa ali o incomodava. Um pequeno detalhe.
— Não — disse Samuels. — É só uma ponta solta que não está mais solta. Achei que ia gostar de saber.
— E agora eu sei.
Samuels tomou um gole de cerveja e pôs a lata na mesa.
— Não vou concorrer à reeleição.
— Não?
— Não. Aquele babaca preguiçoso do Richmond que fique com o emprego, e vamos ver o quanto as pessoas vão gostar dele quando o homem se recusar a processar oitenta por cento dos casos que caírem na mesa dele. Disse isso à sua esposa, e ela não foi exatamente solidária.
— Se acha que falei para ela que foi tudo culpa sua, Bill, está enganado. Eu não disse uma palavra contra você. Por que faria isso? Prender o cara naquela porra de jogo foi ideia minha, e quando eu falar com os caras da corregedoria da polícia na sexta, vou deixar isso bem claro.
— Eu não esperaria menos de você.
— Mas, como posso já ter mencionado, você não tentou me convencer a não fazer daquele jeito.
— Nós acreditávamos que ele era culpado. *Ainda* acredito que ele era culpado, com ou sem declaração de morte. Nós não verificamos álibi algum porque ele conhece todo mundo na maldita cidade, e tínhamos medo de

alertá-lo…

— E também não vimos motivo, e, cara, como erramos quanto a iss…

— Sim, tudo bem, entendi o que quer dizer, caralho. Nós também acreditávamos que ele era bastante perigoso, sobretudo para garotinhos, e na noite do sábado passado, ele estava cercado de garotinhos.

— Quando chegamos ao fórum, devíamos ter entrado pelos fundos — disse Ralph. — Eu devia ter insistido nisso.

Samuels balançou a cabeça com veemência suficiente para soltar a mecha de cabelo que sempre ficava em pé.

— Não bote esse peso em você. A transferência da cadeia para o fórum é responsabilidade do xerife. *Não* da cidade.

— Doolin teria me escutado. — Ralph largou a lata vazia no cooler e encarou Samuels. — E teria escutado você. Acho que sabe disso.

— São águas passadas. Ou águas corridas, sei lá como se diz. Nossa parte acabou. Acho que o caso pode ficar em aberto, mas…

— O termo técnico é aberto e inativo. Vai ficar assim, mesmo que Marcy Maitland abra um processo civil contra o departamento, alegando que o marido foi morto como resultado de negligência. E esse processo ela pode vencer.

— Ela está falando em fazer isso?

— Não sei. Não tive coragem de conversar com ela ainda. Howie pode dar a você uma ideia do que a mulher anda pensando.

— Talvez eu fale com ele. Ver se consigo dar um pouco de paz à tormenta.

— Você está uma fonte de ditos sábios hoje, procurador.

Samuels pegou a lata de cerveja e a colocou de volta com uma pequena careta. Viu Jeannie Anderson na janela da cozinha, olhando para eles. Só parada ali, o rosto indecifrável.

— Minha mãe fazia a assinatura de *Destino*.

— Eu também acreditava nisso — disse Ralph com mau humor —, mas depois do que aconteceu com Terry, não tenho tanta certeza. Aquele garoto Peterson apareceu do nada. Do *nada*.

Samuels sorriu um pouco.

— Não estou falando sobre predestinação, mas de uma revista cheia de histórias de fantasmas, círculos em plantações, óvnis e Deus sabe mais o quê. Minha mãe lia algumas histórias para mim quando eu era criança. Teve uma que me fascinou. “Passos na areia”, era o nome. Era sobre um casal que viajava na lua de mel para o deserto do Mojave. Foram acampar, sabe. Bom,

uma noite, eles armaram a barraca em um pequeno bosque de choupos-brancos, e quando a jovem esposa acordou na manhã seguinte, o marido tinha sumido. Ela saiu do bosque e foi até onde a areia começava e viu as pegadas dele. Ela chamou por ele, mas não teve resposta.

Ralph fez um som de filme de terror: *Ooooo-oooo.*

— Ela seguiu as pegadas até a primeira duna, depois até a segunda. As pegadas iam ficando mais recentes. Ela seguiu até a terceira…

— E até a quarta e a quinta! — disse Ralph com a voz impressionada. — *E está andando até hoje!* Bill, odeio interromper sua história de fogueira de acampamento, mas acho que vou comer um pedaço de torta, tomar um banho e ir para a cama.

— Não, me escuta. Ela só chegou até a terceira duna. As pegadas dele iam até a metade da lateral e sumiam. Sumiam assim, do nada, com hectares e hectares de areia ao redor. Ela nunca mais o viu.

— E você acredita nisso?

— Não, tenho certeza de que é mentira, mas crença não é a questão. É uma metáfora. — Samuels tentou ajeitar o cabelo. A mecha ficou de pé. — Nós seguimos as pegadas de *Terry* porque é o nosso trabalho. Nosso dever, se você gosta mais dessa palavra. Nós seguimos até elas pararem, na manhã de segunda. Tem um mistério aí? Tem. Vai sempre haver perguntas não respondidas? A não ser que alguma informação nova e impressionante caia no nosso colo, vai. Às vezes, isso acontece. É por isso que as pessoas ainda se perguntam o que aconteceu com Jimmy Hoffa. É por isso que ainda tentam descobrir o que aconteceu com a tripulação do *Mary Celeste*. É por isso que discutem se Oswald agiu mesmo sozinho quando disparou em JFK. Às vezes, as pegadas somem, e temos que viver com isso.

— Com uma grande diferença — respondeu Ralph. — A mulher da sua história sobre as pegadas podia acreditar que o marido ainda estava vivo em algum lugar. Ela podia continuar acreditando nisso até ser uma velha em vez de uma jovem recém-casada. Porém, quando Marcy chegou ao final das pegadas do marido, Terry estava lá, morto na calçada. O enterro vai ser amanhã, de acordo com o obituário no jornal. Imagino que vão ser só ela e as meninas. Junto com cinquenta abutres da imprensa do outro lado da cerca, claro, gritando perguntas e tirando fotos.

Samuels suspirou e se levantou.

— Chega. Vou para casa. Já contei sobre o garoto, o nome dele é Merlin Cassidy, aliás, e estou vendo que você não quer ouvir mais nada.

— Não, espere, sente-se um minuto — falou Ralph. — Você me contou uma história, agora deixa eu contar outra. Mas não saída de uma revista sobrenatural. Isso é experiência pessoal. Cada palavra é verdadeira.

Samuels se sentou no banco.

— Quando *eu* era criança — disse Ralph —, com dez ou onze anos, mais ou menos a mesma idade de Frank Peterson, minha mãe às vezes levava para casa melões do mercado de produtores locais, se fosse a época. Eu amava melão. Tem um sabor doce e denso do qual a melancia não chega nem perto. Um dia, ela levou para casa três ou quatro em uma bolsa de rede, e perguntei se podia comer um pedaço. "Claro", ela respondeu. "Mas lembra de tirar as sementes e jogar na pia." Ela não precisava me dizer isso, eu já tinha aberto melões suficientes na vida. Está me acompanhando?

— Aham. Imagino que tenha se cortado, certo?

— Não, mas minha mãe achou que sim, porque soltei um berro que o vizinho deve ter ouvido. Ela veio correndo, e apontei para o melão na bancada, partido ao meio. Estava cheio de larvas e moscas. Um monte de insetos, se contorcendo e subindo uns nos outros. Minha mãe pegou o inseticida e jogou nos que estavam na bancada. Em seguida, pegou um pano de prato, enrolou os pedaços com ele e os pôs na lixeira que ficava nos fundos. Desde aquele dia, não suporto olhar para uma fatia de melão, menos ainda comer. Essa é a *minha* metáfora de Terry Maitland, Bill. O melão parecia ótimo. Não estava esponjoso. A casca estava inteira. Não tinha como aqueles insetos terem entrado, mas eles conseguiram.

— Foda-se o melão — disse Samuels —, e foda-se a sua metáfora. Vou para casa. Pense bem antes de pedir demissão, Ralph. Sua esposa disse que eu estava pulando fora antes do cidadão comum poder me demitir, e acho que ela está certa, mas você não precisa encarar os eleitores. Só três policiais aposentados que são a versão ridícula dessa cidade da corregedoria da polícia e um psicólogo ganhando uma grana do município para suplementar a renda de atendimento particular. E tem outra coisa. Se você se demitir, as pessoas vão ter ainda mais certeza de que fizemos merda.

Ralph olhou para ele e começou a rir. Foi uma série pesada de gargalhadas que vinham da barriga.

— Mas nós fizemos! Você ainda não sabe, Bill? Nós fizemos. Uma merda federal. Compramos um melão porque parecia estar *bom*, mas quando abrimos na frente da cidade inteira, estava cheio de larvas. Não tinha como elas entrarem, mas elas estavam lá.

Samuels andou na direção da porta da cozinha. Ele abriu a porta de tela e se virou, o cabelo espetado balançando para a frente e para trás. Apontou para a árvore.

— E era um *pardal,* caramba!

3

Pouco depois da meia-noite (por volta do horário em que o último membro da família Peterson aprendia a fazer um nó de forca, cortesia da Wikipédia), Marcy Maitland acordou com o som de gritos no quarto da filha mais velha. Foi Grace que começou, uma mãe sempre sabe, mas Sarah se juntou a ela, criando uma harmonia terrível de duas partes. Era a primeira noite das meninas fora do quarto que Marcy dividira com Terry, mas claro que as meninas ainda estavam dormindo juntas, e ela achava que continuaria assim por um bom tempo. E não havia problema.

No entanto, os gritos eram um problema.

Marcy não se lembrava de correr pelo corredor até o quarto de Sarah. Só se lembrava de sair da cama e estar na porta aberta do quarto, olhando para as filhas, sentadas na cama abraçadas uma à outra na luz da lua cheia de julho que entrava pela janela.

— O quê? — perguntou Marcy, procurando um invasor. Primeiro, ela achou que ele (claro que era um homem) estava agachado no canto, mas era só uma pilha de macacões, camisetas e tênis.

— Foi ela! — gritou Sarah. — Foi a Grace! Ela disse que tinha um homem! Meu Deus, mãe, ela me deu um susto tão grande!

Marcy se sentou na cama, soltou a filha mais nova dos braços de Sarah e tomou Gracie em um abraço. Ela ainda estava olhando ao redor. O homem estava no armário? Podia estar, as portas estavam fechadas. Ele poderia ter se escondido quando a ouviu chegando. Ou embaixo da cama? Todos os seus medos de infância voltaram enquanto ela esperava que uma mão se fechasse no seu tornozelo. Na outra haveria uma faca.

— Gracie? Gracie? Quem você viu? Onde ele estava?

A menina estava chorando demais para poder responder, mas apontou para a janela.

Marcy foi até lá, os joelhos ameaçando ceder a cada passo. A polícia ainda estava vigiando a casa? Howie disse que fariam rondas regulares por um tempo, mas isso não queria dizer que estariam lá o tempo todo, e além do mais, a janela do quarto de Sarah, *todas* as janelas dos quartos, davam para o

quintal ou para a lateral da casa, entre a delas e a dos Gunderson. E os Gunderson estavam viajando de férias.

A janela estava trancada. O quintal, cada gramínea parecendo criar uma sombra no luar, estava vazio.

Ela voltou para a cama, se sentou e acariciou a cabeça de Grace, que estava descabelada e suada.

— Sarah? Você viu alguma coisa?

— Eu… — Sarah pensou. Ela ainda estava abraçando Grace, que estava chorando no ombro da irmã mais velha. — Não. Posso ter achado que vi por um segundo, mas foi porque ela estava gritando: “O homem, o homem”. Não tinha ninguém lá. — E para Gracie: — Ninguém, G. De verdade.

— Você teve um pesadelo, querida — disse Marcy. Pensando: *Com certeza o primeiro de muitos.*

— Ele estava *lá* — sussurrou Gracie.

— Devia estar flutuando, então — disse Sarah, falando com lógica admirável para alguém que fora acordada no susto minutos antes. — Porque estamos no segundo andar, você sabe.

— Não quero saber, eu vi. O cabelo era curto, preto e espetado. O rosto era caroçudo, como se fosse de massinha. Ele tinha canudos no lugar dos olhos.

— Um pesadelo — disse Sarah com segurança, como se isso encerrasse o assunto.

— Venham, vocês duas — disse Marcy, lutando para usar o mesmo tom seguro. — Vão ficar comigo o restante da noite.

Elas foram sem protestar, e cinco minutos depois de ter acomodado as duas, uma de cada lado, Gracie, de dez anos, já tinha adormecido.

— Mãe? — sussurrou Sarah.

— O que foi, querida?

— Estou com medo do funeral do papai.

— Também estou.

— Eu não quero ir, e Gracie também não.

— Então somos três, querida. Mas nós precisamos ir. Temos que ser corajosas. É o que seu pai ia querer.

— Sinto tanta saudade dele que não consigo pensar em mais nada.

Marcy beijou a têmpora de Sarah com delicadeza.

— Durma, querida.

Sarah acabou dormindo. Marcy ficou acordada entre as filhas, olhando para o teto e pensando em Grace se virando para a janela em um sonho tão

real que achava que estava acordada.

Ele tinha canudos no lugar dos olhos.

4

Pouco depois das três da madrugada (por volta do horário em que Fred Peterson estava indo para o quintal com um banquinho da sala na mão esquerda e a corda da forca no ombro direito), Jeanette Anderson acordou, precisando fazer xixi. O outro lado da cama estava vazio. Depois de cuidar do problema, ela desceu e encontrou Ralph sentado na poltrona grande, encarando a televisão desligada. Ela o observou com olhar de esposa e reparou que ele tinha perdido peso desde a descoberta do corpo de Frank Peterson.

A mulher pousou a mão delicada no ombro dele.

O marido não olhou para ela.

— Bill Samuels disse uma coisa que não sai da minha cabeça.

— O quê?

— O problema é esse, eu não sei. É como estar com uma palavra na ponta da língua.

— Foi sobre o garoto que roubou a van?

Ralph contou para ela a conversa que teve com Samuels enquanto os dois estavam deitados na cama antes de apagar a luz, passando a história adiante não por ser substancial, mas porque um garoto de doze anos ter ido do meio do estado de Nova York até El Paso em uma série de veículos roubados era um tanto impressionante. Não impressionante no nível da revista *Destino*, mas ainda bem louco. *Ele devia odiar muito o padrasto*, disse Jeannie antes de apagar a luz.

— Acho que *foi* alguma coisa sobre o garoto — disse Ralph. — E tinha um pedaço de papel na van. Eu pretendia dar uma olhada nisso, mas acabou se perdendo na confusão. Acho que não mencionei pra você.

Ela sorriu e bagunçou o cabelo dele, que, como o corpo embaixo do pijama, parecia mais fino do que na primavera.

— Você mencionou, sim. Disse que podia ser parte de um cardápio de restaurante de entregas.

— Tenho quase certeza de que está no arquivo das provas.

— Você também disse isso, querido.

— Acho que vou à delegacia amanhã dar uma olhada. Pode ser que me ajude a identificar o que foi que Bill disse.

— Acho uma boa ideia. Está na hora de fazer alguma coisa além de ficar ruminando. Sabe, reli aquela história de Poe. O narrador diz que, quando estava na escola, era o mandachuva. Mas aí chegou outro garoto com o mesmo nome.

Ralph segurou a mão dela e deu um beijo distraído.

— Até o momento, é crível o suficiente. William Wilson não é um nome tão comum quanto Joe Smith, mas também não é exatamente Zbigniew Brzezinski.

— É, mas então o narrador descobre que eles têm a mesma data de nascimento, e usam roupas parecidas. Pior de tudo, eles são parecidos. As pessoas confundem os dois. Parece familiar?

— Parece.

— Bom, o William Wilson número um fica encontrando o William Wilson número dois mais tarde na vida, e esses encontros sempre terminam mal para o número um, que se volta para uma vida de crimes e culpa o número dois. Está acompanhando?

— Considerando que são 3h15, acho que estou me saindo muito bem.

— Bom, no final, o William Wilson número um mata o William Wilson número dois com uma espada, só que aí, quando se olha no espelho, vê que feriu a si mesmo.

— Porque nunca existiu nenhum outro William Wilson, imagino.

— Mas existiu. Muitas outras pessoas *viram* o segundo. Porém, no final, o William Wilson número um teve uma alucinação e se matou. Porque não conseguia suportar a duplicidade, acho.

Ela esperava que o marido fizesse um ruído de deboche, mas ele assentiu.

— Certo, isso até que faz sentido. É uma psicologia bem boa, na verdade. Principalmente para… o quê? Metade do século XIX?

— Mais ou menos isso, sim. Fiz uma aula na faculdade sobre o Gótico Americano, e nós lemos muitas histórias de Poe, inclusive essa. O professor disse que as pessoas tinham a ideia errônea de que Poe escrevia histórias fantásticas sobre o sobrenatural, quando, na verdade, escrevia histórias realistas sobre psicologia anormal.

— Mas antes das digitais e do DNA — disse Ralph, sorrindo. — Vamos para a cama. Acho que vou conseguir dormir agora.

Contudo, ela o segurou mais um pouco.

— Vou fazer uma pergunta agora. Provavelmente porque está tarde e só estamos nós dois aqui. Não tem ninguém para ouvir se você rir de mim, mas,

por favor, não ria, porque isso me deixaria triste.
— Não vou rir.
— Pode ser que ria.
— Não vou.
— Você me contou a história de Bill sobre as pegadas que pararam do nada, e me contou a história sobre as larvas que de alguma forma entraram no melão, mas vocês estavam falando em metáforas. Assim como a história de Poe é uma metáfora sobre o eu dividido… ou pelo menos foi o que o meu professor da faculdade disse. Mas, se você tirar as metáforas, o que sobra?
— Não sei.
— O inexplicável — disse ela. — Então, minha pergunta para você é bem simples. E se a única resposta ao enigma dos dois Terrys for sobrenatural?
Ele não riu. Não teve vontade. Era tarde demais para gargalhadas. Ou cedo demais. O momento errado, de qualquer modo.
— Não acredito no sobrenatural. Nem em fantasmas, nem em anjos, nem na divindade de Jesus Cristo. Eu vou à igreja, claro, mas só porque é um lugar tranquilo onde às vezes consigo ouvir a mim mesmo. Também porque é o esperado. Eu achava que era por isso que você ia também. Ou por causa de Derek.
— Eu gostaria de acreditar em Deus — disse ela —, porque não quero acreditar que apenas sumimos, embora isso equilibre a equação; como viemos do nada, parece lógico supor que é para o nada que voltamos. Mas acredito nas estrelas, na infinidade do universo. Esse é o grande Lá Fora. Aqui, acredito que há mais universos em cada punho cheio de areia, porque a infinidade é uma via de mão dupla. Acredito que haja mais uns dez pensamentos na minha cabeça alinhados atrás de cada um do qual estou ciente. Acredito na minha consciência e no meu inconsciente, apesar de não saber o que são essas coisas. E acredito em Arthur Conan Doyle, que fez Sherlock Holmes dizer: “Quando eliminamos o impossível, o que resta, por mais improvável que pareça, deve ser a verdade”.
— Ele não era o sujeito que acreditava em fadas? — perguntou Ralph.
Ela suspirou.
— Vamos lá pra cima nos divertir um pouco. Depois pode ser que dê pra dormir.
Ralph foi com boa vontade, mas mesmo enquanto estavam fazendo amor (exceto no momento do clímax, quando todos os pensamentos foram obliterados), ele se viu lembrando a frase de Doyle. Era inteligente. Lógica.

Mas dava para alterá-la para: “Quando eliminamos o natural, o que resta deve ser o sobrenatural”? Não. Ele não conseguia acreditar em nenhuma explicação que transgredisse as regras do mundo natural, não só como detetive de polícia, mas como homem. Uma pessoa de verdade tinha matado Frank Peterson, não um fantasma de gibi. E o que restava, por mais improvável que fosse? Só uma coisa. O assassino de Frank Peterson foi Terry Maitland, agora falecido.

5

Naquela noite de quarta, a lua de julho subiu ao céu tão inchada e laranja quanto uma fruta tropical gigante. Na madrugada de quinta, quando Fred Peterson estava no quintal, de pé no banquinho onde tinha apoiado os pés durante muitos jogos de futebol americano nas tardes de domingo, ela tinha encolhido até uma moeda fria de prata bem alta no céu.

Ele passou a corda pelo pescoço e apertou até o nó encostar no ângulo do maxilar, como a página da Wikipédia tinha especificado (até com uma ilustração bem útil). A outra ponta estava presa no galho de uma árvore bem parecida com a que havia atrás da cerca de Ralph Anderson, embora aquela fosse uma representante mais antiga da flora de Flint City, tendo nascido na época em que um bombardeiro americano largava a sua carga em Hiroshima (sem dúvida um evento sobrenatural para os japoneses que o testemunharam de uma distância grande o suficiente para que não fossem vaporizados).

O banquinho balançou para a frente e para trás embaixo dos pés dele. Fred ouviu os grilos e sentiu nas bochechas suadas a brisa da noite, fria e refrescante depois de um dia quente, e antes de outro que ele não esperava ver. Parte da decisão de encerrar a linhagem dos Peterson de Flint City e acabar com a equação vinha de uma esperança de que Frank, Arlene e Ollie não tivessem ido muito longe, ao menos ainda não. Talvez fosse possível alcançá-los. Porém, a maior parte era a perspectiva insuportável de ir a um funeral duplo de manhã, na mesma funerária, a Donelli Brothers, que enterraria o homem responsável pela morte deles à tarde. Ele não conseguiria.

Fred olhou ao redor uma última vez, perguntando a si mesmo se queria mesmo fazer *aquilo*. A resposta era sim, e, dessa forma, ele chutou o banquinho, esperando ouvir o estalo do pescoço quebrando dentro da cabeça antes do túnel de luz se abrir à sua frente, o túnel com a sua família reunida do outro lado, chamando-o para uma segunda e melhor vida, onde garotos inofensivos não eram estuprados e assassinados.

Não houve estalo. Ele não leu ou ignorou a parte da página da Wikipédia que falava que uma certa queda era necessária para quebrar o pescoço de um homem que pesava noventa e três quilos. Em vez de morrer na hora, ele começou a ser estrangulado. Quando sua traqueia se fechou e seus olhos saltaram das órbitas, seu instinto de sobrevivência antes dormente despertou em um disparo de alarmes e em um brilho de luzes de segurança interiores. Em um espaço de três segundos, o corpo superou o cérebro, e o desejo de morrer virou uma vontade brutal de sobreviver.

Fred levantou as mãos, tateou e encontrou a corda. Puxou com toda a sua força. A corda afrouxou, e ele conseguiu inspirar, uma inspiração necessariamente curta, porque a corda ainda estava apertada, o nó afundando na lateral da garganta dele como uma glândula inchada. Segurando com uma das mãos, tateou até o galho em que tinha amarrado a corda. Os dedos roçaram na parte de baixo e soltaram alguns flocos de casca, que caíram no seu cabelo, mas só isso.

Ele não era um homem em boa forma para sua meia-idade, a maior parte de seus exercícios consistia em idas à geladeira para pegar outra cerveja durante um dos jogos de futebol americano do seu amado Dallas Cowboys. Entretanto, mesmo quando era aluno do ensino médio na aula de educação física, cinco flexões de braço era o máximo que conseguia fazer. Sentiu a firmeza da mão diminuindo e pegou a corda com a outra, segurando-a o suficiente para conseguir respirar mais uma vez, mas sem conseguir se erguer ainda mais. Os pés balançavam para a frente e para trás vinte centímetros acima do gramado. Um dos chinelos dele caiu, depois o outro. Ele tentou pedir ajuda, mas só conseguiu produzir um sussurro rouco… e quem poderia estar acordado para ouvi-lo àquela hora da madrugada? A velha fofoqueira da sra. Gibson da casa ao lado? Ela estaria dormindo na cama com o terço na mão, sonhando com o padre Brixton.

As mãos de Fred escorregaram. O galho estalou. A respiração foi interrompida. Ele sentiu o sangue preso na cabeça, latejando, se preparando para explodir o cérebro. Ouviu um som áspero e pensou: *Não era para ser assim.*

Ele se debateu para tentar pegar a corda, um afogado tentando chegar à superfície do lago no qual tinha caído. Esporos pretos e grandes apareceram diante dos olhos, que explodiram em girinos pretos extravagantes. Porém, antes de tomarem conta da sua visão, Fred viu um homem no jardim ao luar, uma das mãos apoiada de forma possessiva na churrasqueira onde ele nunca

mais prepararia uma carne. Ou talvez não fosse um homem. As feições eram rudimentares, como se criadas por um escultor. E os olhos eram canudos.

6

Por acaso, June Gibson foi a mulher que fez a lasanha que Arlene Peterson jogou na cabeça antes de sofrer o ataque cardíaco, e ela não estava dormindo. Nem estava pensando no padre Brixton. Ela estava sofrendo, e muito. Seu último ataque do ciático tinha sido três anos antes, e ela ousou pensar que aquilo tivesse passado de vez, mas ali estava de novo, um visitante horrível que invadia e fixava residência sem ter sido convidado. Só houve uma rigidez indicativa atrás do joelho esquerdo depois do velório nos Peterson, na casa vizinha, mas ela conhecia os sinais e implorou ao dr. Richland por uma receita médica de oxicodona, que ele deu com relutância. Os comprimidos só ajudavam um pouco. A dor descia pela lateral esquerda, da lombar até o tornozelo, onde a apertava como um grilhão espinhento. Um dos atributos mais cruéis da dor ciática, ao menos da dela, era que se deitar a intensificava em vez de aliviar. Assim, a idosa estava sentada na sala, vestindo pijama e roupão, assistindo a comerciais sobre abdomes sarados na televisão e jogando paciência no iPhone que o filho lhe deu no Dia das Mães.

Suas costas doíam, e seus olhos estavam ruins, mas ela tirou o som da televisão, e não havia nada de errado com os seus ouvidos. Ela ouviu um tiro na casa ao lado e deu um pulo sem pensar na pontada de dor que desceu pelo lado esquerdo inteiro do corpo dela.

Meu bom Deus, Fred Peterson atirou em si mesmo.

Ela pegou a bengala e andou, inclinada como uma bruxa, até a porta dos fundos. Na varanda e sob a luz daquela lua prateada sem coração, viu Peterson encolhido no gramado. Não tinha sido um tiro, afinal. Havia uma corda no pescoço dele, que seguia sinuosa por uma distância curta até o galho quebrado em volta do qual fora amarrada.

Largando a bengala — ela só a deixaria mais lenta —, a sra. Gibson desceu pelos degraus da varanda dos fundos e percorreu os quase trinta metros entre os dois quintais em uma corridinha arrastada, sem perceber os próprios gritos de dor com o nervo ciático enlouquecendo, torturando-a da bunda magrela até o calcanhar do pé esquerdo.

Ela se ajoelhou ao lado do sr. Peterson, observando o rosto inchado e roxo, a língua para fora e a corda meio enterrada na carne volumosa do pescoço. Ela enfiou os dedos embaixo da corda e puxou com toda a força, soltando

outro grito de sofrimento. Aquele grito ela *percebeu*: um berro alto, longo e ululante. Luzes se acenderam na rua, mas a sra. Gibson não as viu. A corda estava se soltando, graças a Deus, Jesus, Maria e todos os santos. Ela esperou o sr. Peterson ofegar e inspirar.

Ele não fez isso.

Durante a primeira fase de sua vida profissional, a sra. Gibson foi caixa no banco Flint City First National. Quando se aposentou dessa função na idade obrigatória de sessenta e dois anos, ela fez as aulas necessárias para se tornar cuidadora, uma função que executou para complementar a aposentadoria até os setenta e quatro anos. Uma dessas aulas foi de ressuscitação. Ela agora se ajoelhou ao lado do volume considerável do sr. Peterson, inclinou a cabeça dele para cima, fechou as narinas do homem, abriu a boca e encostou os lábios nos dele.

Ela estava na décima respiração e sentindo-se tonta quando o sr. Jagger do outro lado da rua se juntou a ela e lhe cutucou o ombro ossudo.

— Ele está morto?

— Não se eu puder evitar — disse a sra. Gibson. Ela segurou o bolso do roupão e sentiu o retângulo do celular. Tirou do bolso e o jogou para trás. — Ligue para a emergência. E, se eu desmaiar, você vai ter que assumir.

Mas ela não desmaiou. Na décima quinta respiração, quando estava prestes a desmaiar, Fred Peterson respirou fundo, sozinho. E de novo. A sra. Gibson esperou os olhos dele se abrirem, e como não se abriram, puxou uma pálpebra. Embaixo só havia esclera, não branca, mas vermelha, cheia de vasinhos estourados.

Fred Peterson respirou uma terceira vez e parou de novo. A sra. Gibson começou a melhor compressão peitoral que conseguiu, sem saber se isso ajudaria, mas com a sensação de que não faria mal. Ela estava ciente de que a dor nas costas e na perna tinha diminuído. Era possível que a dor ciática pudesse ser arrancada do corpo de alguém na base do choque? Claro que não. A ideia era ridícula. Era adrenalina, e quando o suprimento acabasse, ela sofreria mais do que nunca.

Uma sirene soou na escuridão da madrugada, se aproximando.

A sra. Gibson voltou a respirar pela garganta de Fred Peterson (seu contato mais íntimo com um homem desde a morte do marido em 2004), parando cada vez que se sentia à beira do desmaio. O sr. Jagger não se ofereceu para assumir seu lugar, e ela não pediu. Até a ambulância chegar, aquilo era entre ela e Peterson.

Às vezes, quando ela parava, o sr. Peterson dava uma daquelas respiradas grandes e trêmulas. Às vezes, não. Ela mal percebeu as luzes vermelhas pulsantes da ambulância quando começaram a iluminar os dois jardins adjacentes, piscando pelo cotoco de galho na árvore onde o sr. Peterson tentara se enforcar. Um dos paramédicos a puxou para que se levantasse, e ela conseguiu ficar de pé quase sem dor. Foi incrível. Por mais temporário que o milagre fosse, ela o aceitaria com gratidão.

— Nós assumimos agora, senhora — disse o paramédico. — Você fez um trabalho incrível.

— Fez mesmo — disse o sr. Jagger. — Você salvou ele, June! Salvou a vida desse pobre infeliz!

Limpando baba quente do queixo, uma mistura da dela e da de Peterson, a sra. Gibson disse:

— Pode ser. E talvez fosse melhor se eu não tivesse salvado.

7

Às oito horas da manhã de quinta-feira, Ralph estava cortando a grama do quintal. Com um dia desprovido de tarefas e responsabilidades à frente, cortar a grama foi a única coisa em que conseguiu pensar para fazer com o seu tempo… embora não com a mente, que corria sem parar como uma rodinha de hamster: o corpo mutilado de Frank Peterson, as testemunhas, as imagens filmadas, o DNA, a multidão no fórum. Principalmente, este último item. Por algum motivo, ele ficava pensando na alça do sutiã da garota, uma fita amarela que subia e descia enquanto ela estava sentada nos ombros do namorado, balançando os punhos.

Ele mal ouviu o toque de xilofone do celular. Desligou o cortador e atendeu a ligação, parado com os tênis e os tornozelos sujos de grama.

— Anderson.

— É Troy Ramage, chefe.

Um dos dois policiais que prenderam Terry. Parecia tanto tempo antes. Em outra vida, como diziam.

— O que houve, Troy?

— Estou no hospital com Betsy Riggins.

Ralph sorriu, uma expressão tão pouco usada nos últimos tempos que pareceu estranha no rosto dele.

— Ela está tendo o bebê?

— Não, ainda não. O chefe pediu que ela viesse aqui porque você está de

licença e Jack Hoskins ainda está pescando no lago Ocoma. Me mandou junto para fazer companhia a ela.

— O que houve?

— Os paramédicos trouxeram Fred Peterson algumas horas atrás. Ele tentou se enforcar no quintal, mas o galho em que amarrou a corda quebrou. A vizinha dele, a sra. Gibson, fez respiração boca a boca e trouxe ele de volta. Ela veio ver como ele estava, e o chefe quer um depoimento dela, que acho que é protocolo, mas isso me parece besteira. Deus sabe que o pobre sujeito tinha motivos de sobra para acabar com a vida.

— Qual é a condição dele?

— Os médicos dizem que Peterson está com funcionamento cerebral mínimo. As chances de ele voltar são de uma em cem. Betsy falou que você ia querer saber disso.

Por um momento, Ralph pensou que a tigela de cereal que tinha comido no café da manhã voltaria com tudo e se virou para longe do cortador de grama para que nada respingasse nele.

— Chefe? Ainda está aí?

Ralph engoliu um gosto azedo de leite e Rice Chex.

— Sim. Onde Betsy está?

— No quarto de Peterson com a sra. Gibson. Ela me mandou ligar aqui de fora porque a UTI proíbe o uso de celulares. Os médicos ofereceram uma sala onde elas poderiam conversar, mas Gibson disse que queria responder às perguntas da detetive Betsy com Peterson. Quase como se achasse que ele pode ouvir. É uma boa senhora, mas as costas estão acabando com ela, dá para ver pelo jeito como anda. Então por que ela está aqui? Isso não é um programa de médicos da televisão, e não vai ter nenhuma recuperação milagrosa.

Ralph conseguia adivinhar o motivo. Essa sra. Gibson devia ter trocado receitas com Arlene Peterson e visto Ollie e Frankie crescerem. Talvez Fred Peterson tivesse tirado neve da entrada da casa dela depois de uma das tempestades, que não eram muito frequentes em Flint City. Ela estava lá por pena e respeito, talvez até por culpa por não ter deixado o homem morrer em vez de condená-lo a uma permanência indefinida em um quarto de hospital, onde máquinas respirariam por ele.

O horror total dos últimos oito dias atingiu Ralph como uma onda. O assassino não ficou satisfeito de levar só o garoto; ele levou a família Peterson inteira. Limpeza completa, como diziam.

Não “o assassino”, não precisa falar de forma anônima. O assassino foi Terry. *Não tem mais ninguém no radar.*

— Achei que você ia querer saber — repetiu Ramage. — E, ei, veja o lado bom. Pode ser que Betsy entre em trabalho de parto enquanto está aqui. Pouparia o marido dela de fazer o trajeto especial.

— Diz para ela voltar para casa — mandou Ralph.

— Entendido. E… Ralph? Sinto muito sobre a forma como as coisas aconteceram no fórum. Aquilo foi um show de horrores.

— É um bom resumo — respondeu Ralph. — Obrigado por ligar.

Ele voltou para o gramado, andando devagar atrás do cortador bambo (ele precisava ir ao Home Depot comprar um novo; era uma tarefa que não tinha mais desculpa para evitar, com todo aquele tempo nas mãos), e estava terminando a última parte quando o celular começou a tocar a melodia de xilofone de novo. Ele achou que seria Betsy. Não era, apesar de ser uma ligação também gerada no Flint City General.

— Ainda não recebemos todo o DNA — disse o dr. Edward Bogan —, mas recebemos resultados do galho usado para sodomizar o garoto. O sangue e os fragmentos de pele que a mão do criminoso deixou quando ele… você sabe, pegou o galho e…

— Eu sei — falou Ralph. — Não prolongue o suspense.

— Não tem suspense aqui, detetive. As amostras do galho batem com o que foi colhido na boca de Maitland.

— Certo, dr. Bogan, obrigado. Você precisa passar o resultado para o chefe Geller e para o tenente Sablo da Polícia Estadual. Estou de licença administrativa e devo continuar assim pelo restante do verão.

— Ridículo.

— São as regras. Não sei quem Geller vai designar para trabalhar com Yune. Jack Hoskins está de férias e Betsy Riggins pode parir o primeiro filho a qualquer minuto, mas ele vai encontrar alguém. E, pensando bem, com Maitland morto, não há caso em que trabalhar. Estamos só preenchendo as lacunas.

— As lacunas são importantes — disse Bogan. — A esposa de Maitland pode decidir abrir um processo civil. Essas provas de DNA podem fazer com que o advogado dela mude de ideia. Um processo desses seria uma obscenidade, na minha opinião. O marido dela assassinou o garoto da forma mais cruel imaginável, e se ela não sabia sobre isso… sobre as tendências dele… ela não estava prestando atenção. Sempre há sinais nos sádicos

sexuais. Sempre. Acho que você devia ter recebido uma medalha em vez de ser posto de licença.

— Obrigado por dizer isso.

— Só estou falando o que penso. Tem mais amostras pendentes. Muitas. Gostaria que eu te mantivesse informado conforme elas forem chegando?

— Sim. — O chefe Geller podia trazer Hoskins de volta mais cedo, mas o homem era desperdício de espaço mesmo quando estava sóbrio, o que não acontecia muito naqueles dias.

Ralph encerrou a ligação e cortou o último pedacinho do gramado. Em seguida, levou o cortador para a garagem. Ele estava pensando em outra história de Poe enquanto limpava o aparelho, uma história sobre um homem emparedado vivo em uma adega. Não a lera, mas tinha visto o filme.

Pelo amor de Deus, Montresor!, gritou o homem sendo emparedado, e o sujeito que executava o ato concordou: *Pelo amor de Deus.*

Nesse caso, era Terry Maitland quem estava sendo emparedado, só que os tijolos eram o DNA, e ele já estava morto. Havia provas conflitantes, sim, e isso era perturbador, mas eles agora tinham DNA em Flint City e nenhum em Cap City. Havia as digitais no livro da banca, sim, mas digitais podiam ser plantadas. Não era tão fácil quanto os programas de detetive faziam parecer, mas podia ser feito.

E as testemunhas, Ralph? Três professores que conheciam ele havia anos.

Eles não importam. Pense no DNA. Evidência sólida. A mais sólida que existe.

Na história de Poe, a ruína de Montresor foi um gato preto que ele emparedou sem querer com a vítima. Os miados alertaram os visitantes sobre a adega. O gato, na opinião de Ralph, era apenas mais uma metáfora: a voz da consciência do assassino. Só que às vezes um charuto era só fumo, e um gato era só um gato. Não havia motivo para ficar se lembrando dos olhos de Terry morrendo, nem da declaração dele enquanto morria. Como Samuels dissera, a esposa do homem estava ajoelhada ao lado dele, segurando a sua mão.

Ralph se sentou na bancada de trabalho, sentindo-se muito cansado para um homem que não fez nada além de cortar um espaço modesto do gramado do quintal. As imagens daqueles minutos finais que levaram ao tiroteio não o deixavam em paz. O alarme do carro. A careta desagradável da âncora loura quando viu que estava sangrando; era provável que fosse só um corte pequeno, mas era bom para a audiência. O homem queimado com as

tatuagens nas mãos. O garoto com lábio leporino. O sol destacando constelações complicadas de mica na calçada. A alça amarela do sutiã da garota, subindo e descendo. Isso mais do que tudo. Parecia querer levar a outra coisa, mas às vezes uma alça de sutiã era só uma alça de sutiã.

— E um homem não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo — murmurou ele.

— Ralph? Está falando sozinho?

Ele teve um sobressalto e ergueu o rosto. Era Jeannie, parada na porta.

— Devo estar, porque não tem mais ninguém aqui.

— Tem *eu* — respondeu ela. — Você está bem?

— Na verdade, não — disse ele, e contou a ela sobre Fred Peterson. A mulher ficou abalada.

— Meu Deus. Acabou a família. A não ser que ele se recupere.

— A família já acabou, quer ele se recupere ou não. — Ralph se levantou. — Vou até a delegacia um pouco mais tarde para dar uma olhada naquele pedaço de papel. Cardápio ou seja o que for.

— Tome um banho primeiro. Você está com cheiro de graxa e grama.

Ele deu um sorriso e bateu continência para ela.

— Sim, senhor.

Ela ficou na ponta dos pés e beijou a bochecha dele.

— Ralph? Você vai superar isso. Vai, sim. Acredite em mim.

8

Havia muitas coisas que Ralph não sabia sobre a licença administrativa, por nunca ter tirado uma antes. Uma era se ele podia entrar na delegacia. Com isso em mente, o detetive esperou o meio da tarde para ir até lá, porque a movimentação diária da delegacia era mais lenta nesse horário. Quando chegou, as únicas pessoas no salão principal eram Stephanie Gould, ainda de roupa civil, preenchendo relatórios em um dos PCs velhos que a câmara municipal vivia prometendo trocar, e Sandy McGill na mesa de atendimento, lendo a revista *People*. A sala do chefe Geller estava vazia.

— Oi, detetive — disse Stephanie, erguendo o rosto. — O que está fazendo aqui? Soube que estava de férias remuneradas.

— Estou tentando me manter ocupado.

— Posso ajudar com isso — disse ela, e bateu na pilha de arquivos ao lado do computador.

— Talvez outra hora.

— Sinto muito pela forma como as coisas aconteceram. Todos nós sentimos.

— Obrigado.

Ele foi até a mesa de atendimento e pediu a Sandy a chave da sala de provas. Ela lhe entregou sem hesitar, mal tirando os olhos da revista. Penduradas em um gancho ao lado da porta da sala havia uma prancheta e uma esferográfica. Ralph pensou em não assinar, mas decidiu ir em frente e colocou nome, data e hora: 15h30. Não havia escolha, na verdade, considerando que tanto Stephanie Gould quanto McGill sabiam que ele estava ali e por que tinha ido. Se alguém perguntasse o que queria olhar, ele responderia abertamente. Estava de licença administrativa, afinal, não suspenso.

A sala, não muito maior do que um armário, estava quente e abafada. As luzes fluorescentes piscaram. Como os PCs antigos, elas precisavam ser trocadas. Flint City, ajudada por dólares federais, cuidava para que o DP tivesse todas as armas de que precisasse, e mais. E daí se a infraestrutura estivesse desmoronando?

Se o assassinato de Frank Peterson tivesse sido cometido quando Ralph entrou para a polícia, talvez houvesse quatro caixas de provas de Maitland, pode ser que até seis, mas a era dos computadores fez maravilhas pela compressão, e agora só havia duas além da caixa de ferramentas que estava na van. Esta continha a variedade padrão de chaves inglesas, martelos e chaves de fenda. As digitais de Terry não estavam em nenhuma das ferramentas e nem na caixa. A Ralph, isso sugeria que a caixa de ferramentas estava na van quando ela foi roubada, e Terry nunca examinou o conteúdo depois de roubar o veículo para os seus propósitos.

Uma das caixas de provas estava com o rótulo CASA DE MAITLAND. A segunda caixa estava marcada como VAN/SUBARU. Era essa que Ralph queria.

Depois de uma breve procura, ele pegou um saco plástico de provas com o pedaço de papel do qual se lembrava. Era azul e mais ou menos triangular. No alto, em letras pretas em negrito, estava escrito TOMMY E TUP. O que tinha depois de TUP não estava lá. No canto superior havia o desenho de uma torta, com vapor subindo da cobertura de massa. Apesar de Ralph não se lembrar daquele detalhe, devia ser o motivo de ele achar que esse pedaço de papel era parte de um cardápio de restaurante. O que Jeannie disse quando eles estavam conversando de manhã cedo? *Acredito que haja mais uns dez pensamentos na minha cabeça alinhados atrás de cada um do qual estou ciente.* Se fosse

verdade, Ralph daria uma boa quantia para pegar o que estava escondido atrás da alça amarela de sutiã. Porque havia um, ele tinha quase certeza.

Outra coisa da qual ele sabia com certeza era que o pedaço do papel estava no chão da van por acaso. Alguém tinha colocado cardápios embaixo dos limpadores de para-brisa de todos os veículos no local onde a van estava estacionada. O motorista, talvez o garoto que roubou a van em Nova York, talvez a pessoa que a roubou depois que o veículo foi abandonado, tinha arrancado e rasgado o papel em vez de levantar o limpador, deixando o canto triangular. Quem quer que estivesse no volante não reparou naquele momento, mas deve ter reparado depois de sair dirigindo. Talvez tivesse esticado a mão e soltado do limpador, largando no chão em vez de deixar sair voando. Talvez por não ser do tipo que joga lixo na rua, apenas um ladrão. Talvez por haver um carro da polícia atrás e ele não quisesse fazer nada, nadinha mesmo, que pudesse chamar a atenção. Era até possível que ele tivesse *tentado* jogar o papel pela janela e uma rajada de vento tivesse jogado de volta na van. Ralph já tinha investigado acidentes de estrada, um deles bem horrível, onde isso aconteceu com guimbas de cigarro.

Ele tirou o caderninho do bolso de trás (carregá-lo era da natureza dele, estando de licença administrativa ou não) e escreveu TOMMY E TUP em uma folha em branco. Colocou a caixa VAN/SUBARU de volta na prateleira, saiu do arquivo de provas (sem se esquecer de anotar a hora da saída) e trancou a porta. Quando devolveu a chave para Sandy, ele abriu o caderno na frente dela. A mulher ergueu o olhar das mais recentes aventuras de Jennifer Aniston para olhar.

— Significa alguma coisa para você?

— Não.

Ela voltou a ler a revista. Ralph foi até a policial Stephanie Gould, que ainda estava copiando informações do papel para a base de dados e xingando baixinho quando apertava a tecla errada, o que parecia acontecer com frequência. Ela olhou para o caderno.

— Tup é uma gíria britânica antiga para transar, acho, mas não consigo pensar em mais nada. É importante?

— Não sei. Talvez não.

— Por que não procura no Google?

Enquanto esperava o seu antiquado computador ligar, ele decidiu experimentar a base de dados com a qual era casado. Jeannie atendeu no primeiro toque e nem precisou pensar quando ele perguntou.

— Pode ser Tommy e Tuppence. Eram detetives apaixonadinhos sobre quem Agatha Christie escrevia quando não estava escrevendo sobre Hercule Poirot ou Miss Marple. Se for o caso, é capaz de encontrar um restaurante de um casal de expatriados britânicos especializado em coisas como *bubble and squeak*.

— *Bubble* e o quê?

— Deixa pra lá.

— Não deve significar nada — falou ele. Mas pode ser que signifique. De qualquer modo, você foi atrás dessa merda para ter certeza; ir atrás de merda era a base da maior parte do trabalho de um detetive, com desculpas a Sherlock Holmes.

— Mas estou curiosa. Me conte quando chegar em casa. Ah, e o suco de laranja acabou.

— Eu passo no Gerald's — disse ele, e desligou.

Ele abriu o Google, digitou TOMMY E TUPPENCE e acrescentou RESTAURANTE. Os computadores do DP eram velhos, mas o wi-fi era novo e rápido. Encontrou o que procurava em segundos. O Tommy e Tuppence Pub e Café ficava no bulevar Northwoods, em Dayton, Ohio.

Dayton. O que havia sobre Dayton? Esse nome já não tinha aparecido uma vez naquela história lamentável? Se sim, onde? Ele se encostou na cadeira e fechou os olhos. A conexão que estava tentando fazer, cortesia da alça amarela do sutiã, continuava escapando, mas ele pescou essa nova. Dayton apareceu durante a sua última conversa com Terry Maitland. Eles estavam falando sobre a van, e Terry disse que não ia a Nova York desde a lua de mel com a esposa. A única viagem que tinha feito nos últimos tempos foi para Ohio. Para Dayton, na verdade.

Nas férias de primavera das meninas. Eu queria ver o meu pai. E quando Ralph perguntou se o pai dele vivia lá, Terry dissera: *Se é que se pode chamar aquilo de viver*.

Ele ligou para Sablo.

— Oi, Yune, sou eu.

— Oi, Ralph, como está a aposentadoria?

— Bem. Você devia ver o meu gramado. Soube que você vai receber uma menção honrosa por ter coberto o corpo deleitável daquela repórter de merda.

— É o que estão dizendo. Confesso que a vida tem sido boa para esse filho de uma família fazendeira mexicana pobre.

— Achei que tivesse dito que o seu pai era dono da maior loja de carros

usados de Amarillo.

— Posso ter dito algo assim. Mas quando tiver que decidir entre a verdade e a lenda, *yo* escolho a lenda. Sabedoria de John Ford em *O homem que matou o facínora*. O que posso fazer por você?

— Samuels contou sobre o garoto que roubou a van primeiro?

— Contou. Uma história e tanto. O nome do moleque é Merlin, sabia? E ele só pode ser um feiticeiro mesmo para conseguir descer até o sul do Texas.

— Você consegue contato com El Paso? É onde a fuga dele terminou, mas sei por Samuels que o garoto largou a van em Ohio. O que quero saber é se foi perto de um pub e café chamado Tommy e Tuppence, no bulevar Northwoods, em Dayton.

— Posso tentar, acho.

— Samuels me disse que esse mago Merlin ficou muito tempo na estrada. Você também pode descobrir *quando* ele abandonou a van? Se foi em abril?

— Posso tentar também. Quer me contar por quê?

— Terry Maitland esteve em Dayton em abril. Visitando o pai.

— É mesmo? — Yune parecia interessado agora. — Sozinho?

— Com a família — admitiu Ralph —, ida e volta de avião.

— Então já era.

— Provavelmente, mas ainda exerce certa fascinação na minha consciência.

— Você vai ter que explicar isso melhor, detetive, porque sou apenas o filho de um pobre fazendeiro mexicano.

Ralph suspirou.

— Vou ver o que consigo descobrir.

— Obrigado, Yune.

Na hora que o detetive desligou, o chefe Geller entrou, carregando uma bolsa de academia e parecendo ter acabado de tomar banho. Ralph acenou para ele e recebeu uma cara feia em troca.

— Você não devia estar aqui.

Ah, isso respondia *àquela* pergunta.

— Vá para casa. Corte a grama ou algo assim.

— Já fiz isso — disse Ralph, se levantando. — A próxima atividade é limpar o porão.

— Tudo bem, melhor colocar a mão na massa então. — Geller parou na porta da sala dele. — E Ralph… lamento por tudo. Lamento demais.

As pessoas ficam falando isso, pensou ele enquanto saía para o calor da

tarde.

9

Yune ligou às 21h15 daquela noite, quando Jeannie estava tomando banho. Ralph anotou tudo. Não era muita coisa, mas o suficiente para ser interessante. Foi para a cama uma hora depois e caiu em um sono verdadeiro pela primeira vez desde que Terry levou o tiro na escada do fórum. Acordou às quatro da madrugada de sexta de um sonho com a garota adolescente nos ombros do namorado, balançando os punhos para o céu. Ele se sentou de repente na cama, ainda mais adormecido do que acordado e sem perceber que estava gritando, até a esposa assustada se sentar ao seu lado e o segurar pelos ombros.

— O quê? Ralph, *o quê*?

— Não a alça! A *cor* da alça!

— Do que está falando? — Ela o sacudiu. — Foi um sonho, querido? Um pesadelo?

Acredito que haja mais uns dez pensamentos na minha cabeça alinhados atrás de cada um do qual estou ciente. Foi isso que a sua esposa dissera. E o sonho (já se dissolvendo, como em geral acontece) foi isso. Um desses pensamentos.

— Eu entendi — disse ele. — No sonho, entendi.

— Entendeu o quê, querido? Alguma coisa sobre Terry?

— Sobre a garota. A alça do sutiã era amarela. Só que outra coisa também era. Eu sabia o que era no sonho, mas agora… — Ele tirou os pés da cama e se sentou com as mãos segurando os joelhos embaixo da cueca boxer frouxa que usava para dormir. — Sumiu.

— Vai voltar. Deite-se. Você me deixou apavorada.

— Desculpe. — Ralph se deitou de novo.

— Consegue voltar a dormir?

— Não sei.

— O que o tenente Sablo disse quando ligou?

— Eu não contei? — Ele sabia que não tinha contado.

— Não, e não quis forçar nada. Você estava com aquela cara pensativa.

— Conto de manhã.

— Depois desse susto acabei acordando de vez, então acho que pode me contar agora.

— Não tem muito para contar. Yune rastreou o garoto por meio do policial

que o prendeu. Ele gostou do garoto, se interessou pelo moleque, e tem acompanhado o caso. No momento, o jovem sr. Cassidy está no sistema de orfanatos de El Paso. Vai passar por uma audiência no tribunal juvenil pelo roubo do carro, mas ninguém sabe direito onde isso vai acontecer. O condado de Dutchess em Nova York parece o local mais provável, mas eles não estão muito ansiosos pra pegá-lo, e o garoto não está muito ansioso pra voltar. Então, no momento, Merlin está em uma espécie de limbo legal, e de acordo com Yune, para ele está ótimo. O padrasto batia nele com frequência, segundo o garoto. Enquanto a mãe fingia que nada estava acontecendo. Um ciclo de abuso padrão.

— Pobrezinho, não é surpresa ele ter fugido. O que vai acontecer com ele?

— Ah, ele vai ser mandado de volta em algum momento. As rodas da justiça são lentas, mas funcionam. Vai ter uma sentença suspensa ou talvez pensem em alguma coisa sobre ter cumprido tempo de sentença no sistema de orfanatos. A polícia da cidade dele será alertada sobre a situação da casa dos Cassidy, mas a coisa vai acabar recomeçando em algum momento. Homens que batem em crianças às vezes fazem pausas, mas quase nunca param.

Ele colocou as mãos atrás da cabeça e pensou em Terry, que não exibiu sinais anteriores de violência, nem mesmo um esbarrão em um juiz.

— O garoto esteve em Dayton — disse Ralph —, e já estava ficando nervoso por causa da van. Parou em um estacionamento público porque era de graça, porque não havia atendente e porque viu os arcos do McDonald’s a alguns quarteirões. Ele não se lembra de ter passado pelo Tommy e Tuppence café, mas se lembra de um cara jovem com uma camiseta que dizia Tommy alguma coisa nas costas. O sujeito tinha uma pilha de papéis azuis que estava colocando embaixo de limpadores de para-brisa dos carros parados no meio-fio. Ele reparou no garoto, e ofereceu dois dólares para ele colocar cardápios nos carros do estacionamento. Merlin disse não, obrigado, e seguiu até o McDonald’s para almoçar. Quando voltou, o cara dos folhetos tinha ido embora, mas havia cardápios em todos os carros do estacionamento. O garoto ficou irrequieto, encarou aquilo como mau presságio por algum motivo, só Deus sabe por quê. Decidiu que era hora de trocar de carro.

— Se não fosse irrequieto, ele provavelmente teria sido pego bem antes — observou Jeannie.

— Tem razão. O garoto contornou o estacionamento procurando carros destrancados. Contou para Yune que ficou surpreso com a quantidade que havia.

— Aposto que você não ficou surpreso.

Ralph sorriu.

— As pessoas são descuidadas. O quinto ou sexto veículo que ele encontrou destrancado tinha uma chave extra atrás do quebra-sol. Era perfeito: um Toyota preto simples, com dezenas de milhares iguais na estrada todos os dias. Mas antes que o nosso menino Merlin saísse naquele carro, ele colocou a chave da van na ignição. Disse para Yune que esperava que outra pessoa a roubasse. Nas palavras dele: "Poderia tirar a polícia do meu rastro". Como se fosse procurado por assassinato em seis estados em vez de ser só um garoto fujão que não se esquecia de usar a seta.

— Ele falou isso? — Jeannie pareceu achar graça.

— Sim. E, aliás, ele teve que voltar até a van para pegar outra coisa. Uma pilha de caixas amassadas na qual estava se sentando para parecer mais alto atrás do volante.

— Acho que gostei desse garoto. Isso jamais teria passado pela cabeça de Derek.

Nunca demos motivo a ele para isso, pensou Ralph.

— Você sabe se ele deixou o cardápio embaixo do limpador de para-brisa?

— Yune perguntou, e o garoto disse que claro que sim, por que teria tirado?

— Então a pessoa que o arrancou e deixou o pedaço que acabou indo parar dentro da van foi a mesma que roubou a van do estacionamento de Dayton.

— Tem que ser. Agora foi isso que me fez refletir. O garoto falou que achava que tinha sido em abril. Mas não tenho certeza, porque duvido que ficar controlando datas fosse muito importante para ele, mas Merlin disse para Yune que era primavera, com todas as folhas nas árvores sem ainda estar muito quente. Então, *provavelmente* era. E abril foi quando Terry foi a Dayton para visitar o pai.

— Só que ele estava com a família, e foram e voltaram de avião.

— Sei disso. Pode ser coincidência. Só que o veículo aparece aqui em Flint City, e acho difícil acreditar em duas coincidências envolvendo a mesma van Ford Econoline. Yune pensou que talvez Terry pudesse ter um cúmplice.

— Um cúmplice idêntico a ele? — Jeannie ergueu uma sobrancelha. — Um irmão gêmeo chamado William Wilson, talvez?

— Eu sei, a ideia é ridícula. Mas você vê como é estranho, não vê? Terry está em Dayton, a van está em Dayton. Terry volta para casa em Flint City, a van aparece em Flint City. Tem uma palavra para isso, mas não consigo

lembrar qual é.

— A palavra que está procurando pode ser convergência.

— Quero falar com Marcy — disse ele. — Quero perguntar sobre a viagem que os Maitland fizeram a Dayton. Tudo que ela conseguir lembrar. Só que Marcy não vai querer falar comigo, e não tenho nenhuma forma de convencê-la.

— Vai tentar?

— Ah, sim. Vou tentar.

— Você vai conseguir dormir agora?

— Acho que sim. Te amo.

— Também te amo.

Ele estava adormecendo quando ela falou no ouvido dele, com firmeza e de forma quase dura, tentando arrancar dele no choque.

— Se não foi a alça do sutiã, o que foi?

Por um momento, com clareza, Ralph viu a palavra CANT. Só que as letras estavam em verde-azulado, não amarelo. Tinha alguma coisa ali. Ele tentou agarrar, mas escapou.

— Não consigo — disse ele.

— Ainda não — respondeu Jeannie —, mas vai conseguir. Conheço você.

Eles foram dormir. Quando Ralph acordou, eram oito horas e todos os pássaros cantavam.

10

Às dez horas da manhã daquela sexta, Sarah e Grace tinham chegado ao disco *A Hard Day's Night*, e Marcy achava que ia acabar mesmo enlouquecendo.

As garotas tinham encontrado a vitrola de Terry (uma pechincha no eBay, ele garantira à esposa) na garagem, junto com a coleção cuidadosamente arrumada de discos dos Beatles. Elas levaram o aparelho e os discos para o quarto de Grace e começaram com *Meet the Beatles*.

— Vamos tocar todos eles — disse Sarah para a mãe. — Para lembrar o papai. Se você achar que tudo bem.

Marcy falou que não tinha problema algum. O que mais podia dizer ao olhar para aqueles rostos pálidos e solenes e olhos vermelhos? Só que ela não tinha se dado conta de como seria difícil escutar as músicas. As garotas conheciam todas, claro; quando Terry estava na garagem, a vitrola estava sempre girando, enchendo a oficina dos grupos da invasão britânica que

chegaram um pouco cedo demais em relação à data de nascimento dele, mas que ele amava ainda assim: The Searchers, The Zombies, The Dave Clark Five, The Kinks, T. Rex e, claro, Beatles. Principalmente este último.

As garotas amavam as bandas e as músicas porque o pai amava, mas havia todo um espectro emocional do qual não estavam cientes. Elas não tinham ouvido “I Call Your Name” dando amassos no banco de trás do carro do pai de Terry, os lábios dele no pescoço dela, a mão dele embaixo do suéter dela. Não ouviram “Can’t Buy Me Love”, a canção que estava tocando agora no andar de cima, sentados no sofá do primeiro apartamento onde moraram juntos, de mãos dadas, vendo *Os reis do iê, iê, iê* no videocassete velho que compraram em um bazar por vinte dólares, os integrantes do Fab Four jovens e correndo de um lado para outro em preto e branco, Marcy sabendo que ia se casar com o jovem sentado ao seu lado, mesmo que ele não soubesse daquilo ainda. John Lennon já estava morto quando eles assistiram àquela fita antiga? Com um tiro na rua, da mesma forma que o marido?

Marcy não sabia, não conseguia lembrar. Só sabia que ela, Sarah e Grace passaram pelo funeral com a dignidade intacta, mas agora o enterro ficara para trás, sua vida como mãe solteira (ah, que expressão horrível) se projetava à frente, e a música alegre a estava deixando louca de tristeza. Cada vocal harmonizado, cada riff inteligente de George Harrison abria uma nova ferida. Duas vezes ela se levantou de onde estava à mesa da cozinha, com uma xícara de café fria diante dela. Duas vezes foi até o pé da escada e inspirou fundo para gritar: *Chega! Desliguem isso!* E duas vezes voltou para a cozinha. As meninas também estavam sofrendo.

Dessa vez, quando levantou, Marcy foi até a gaveta de utensílios e a abriu por completo. Achava que não haveria nada lá, mas sua mão encontrou um maço de cigarros Winston. Havia três dentro. Não, quatro, um estava bem escondido no fundo. Ela não fumava desde o quinto aniversário da filha mais nova, quando teve um ataque de tosse enquanto misturava a massa do bolo de Gracie, e naquele momento prometeu parar de vez. Porém, em vez de jogar aqueles últimos soldados do câncer no lixo, enfiou-os no fundo da gaveta de utensílios, como se uma parte sombria e presciente dela soubesse que precisaria deles de novo.

Têm cinco anos. Vão estar velhos. Você provavelmente vai tossir até desmaiar.

Que bom. Melhor assim.

Ela pegou um dentro do maço, já ansiosa. *Fumantes nunca param, só*

fazem pausas, pensou. Foi até a escada e inclinou a cabeça. “And I Love Her” tinha acabado, e “Tell Me Why” (a eterna pergunta) começou. Ela conseguia imaginar as garotas sentadas na cama de Gracie, sem falar nada, só ouvindo. De mãos dadas, talvez. Fazendo o sacramento do pai. Os discos do pai, alguns comprados na Turn Back the Hands of Time, a loja de discos em Cap City, outros comprados on-line, todos segurados pelas mãos que já tinham segurado as filhas.

Ela atravessou a sala até o forno a lenha gorducho que só era aceso em noites muito frias de inverno e procurou cegamente a caixa de fósforos Diamond na prateleira próxima, cegamente porque naquela prateleira também havia uma série de fotos que não suportava olhar. Talvez em um mês conseguisse. Talvez em um ano. Quanto tempo demorava para se recuperar do primeiro e mais bruto estágio da dor? Ela provavelmente podia encontrar uma resposta um tanto definitiva na internet, mas tinha medo de olhar.

Pelo menos os repórteres sumiram depois do enterro, foram correndo de volta para Cap City para cobrir algum escândalo político novo, e ela não teria que correr o risco de ir para a varanda dos fundos, onde uma das meninas podia olhar pela janela e vê-la renovando o antigo vício, ou para a garagem, onde elas poderiam sentir o cheiro de fumaça se fossem buscar mais LPS.

Ela abriu a porta da frente, e lá estava Ralph Anderson, com o punho erguido para bater.

11

O horror com que ela olhou para ele, como se o detetive fosse algum tipo de monstro, talvez um zumbi daquele programa de TV, acertou Ralph como um golpe no peito. Ele teve tempo de ver o cabelo desgrenhado, uma mancha de alguma coisa na gola do roupão (que era grande demais para ela, talvez fosse de Terry), o cigarro meio torto entre os dedos. E outra coisa. Marcy sempre foi uma mulher bonita, mas estava perdendo a beleza. Ralph acharia isso impossível.

— Marcy…

— Não. Não, você não deveria estar aqui. Precisa ir embora. — A voz dela soou baixa, sem fôlego, como se alguém lhe tivesse dado um soco.

— Tenho que falar com você. Por favor, me deixe falar com você.

— Você matou o meu marido. Não há mais nada a dizer.

Ela começou a fechar a porta. Ralph a impediu com a mão.

— Eu não o matei, mas, sim, tive a minha responsabilidade naquilo. Pode

me chamar de cúmplice, se quiser. Eu não devia ter prendido Terry daquele jeito. Foi errado em mil aspectos diferentes. Tive meus motivos, mas não eram bons motivos. Eu…

— Tire a mão da porta. Tire agora ou mando prender você.

— Marcy…

— *Não me chame assim.* Você não tem o *direito* de me chamar assim, não depois do que fez. O único motivo para eu não estar gritando como louca é porque minhas filhas estão lá em cima, ouvindo os discos do pai morto.

— Por favor. — Ele pensou em dizer *Não me faça implorar*, mas aquilo era errado, porque não era suficiente. — Estou implorando. Por favor, fale comigo.

Ela levantou o cigarro e deu uma gargalhada terrível e inexpressiva.

— Agora que as pragas foram embora, achei que podia fumar um cigarro na porta da minha casa. E olha quem está aqui: a praga maior, a praga das pragas. Último aviso, sr. Praga que matou meu marido. *Sai… da porra… da minha porta.*

— E se não foi ele?

Os olhos dela se arregalaram, e a pressão da mão da mulher na porta diminuiu, pelo menos por um momento.

— E se não…? Jesus Cristo, ele *disse* para você que não foi ele! Disse isso quando estava lá caído morrendo! O que mais você quer, um telegrama entregue em mãos pelo anjo Gabriel?

— Se não foi ele, a pessoa que fez aquilo ainda está por aí, e é responsável pela destruição da família Peterson, assim como da sua.

Ela pensou nisso por um momento e disse:

— Oliver Peterson está morto porque você e o filho da puta do Samuels tiveram que armar aquele circo. E *você* o matou, não foi, detetive Anderson? Atirou na cabeça dele. Pegou o seu homem. Desculpe, seu *garoto*.

Ela bateu a porta na cara dele. Ralph levantou a mão mais uma vez para bater, pensou melhor e deu meia-volta.

12

Marcy ficou tremendo do outro lado da porta. Sentiu os joelhos fraquejarem e conseguiu chegar ao banco que ficava perto da porta para as pessoas se sentarem e tirarem as botas ou sapatos sujos de lama. No andar de cima, o beatle assassinado cantava sobre todas as coisas que faria quando chegasse em casa. Marcy olhou para o cigarro entre os dedos como se não soubesse

como ele tinha parado ali, depois o partiu em dois e enfiou os pedaços no bolso do roupão que estava usando (era mesmo de Terry). *Pelo menos Ralph me salvou de começar essa merda de novo,* pensou. *Talvez eu devesse escrever um bilhete agradecendo a ele.*

A cara de pau do homem de aparecer na porta dela depois de destruir a sua família até que tudo estivesse em ruínas. A *cara de pau* pura e cruel. Só que…

Se não foi ele, a pessoa que fez aquilo ainda está por aí.

E como ela devia lidar com isso quando não conseguia nem encontrar forças para entrar na internet e descobrir quanto tempo durava o primeiro estágio de luto? E por que devia se *importar*? Como aquilo era responsabilidade dela? A polícia pegou o homem errado e persistiu com teimosia, mesmo após verificar o álibi de Terry e de descobrir que era sólido como uma rocha. Eles que encontrassem o cara certo se tivessem coragem para tanto. O trabalho dela era sobreviver ao dia sem enlouquecer, e depois, em um futuro que era difícil de contemplar, descobrir o que vinha depois na vida. Ela devia continuar morando ali, quando metade da cidade acreditava que o homem que assassinou o seu marido estava fazendo o trabalho de Deus? Devia condenar as filhas àquelas sociedades canibais conhecidas como fundamental II e ensino médio, quando até mesmo usar os tênis errados podia fazer alguém ser ridicularizado e excluído?

Mandar Anderson embora foi a coisa certa a fazer. Não posso recebê-lo na minha casa. Sim, ouvi sinceridade na voz dele, ou pelo menos acho que ouvi, mas como eu poderia recebê-lo depois do que ele fez?

Se não foi ele, a pessoa que fez aquilo…

— Cala a boca — sussurrou ela para si mesma. — Cala a boca, por favor, cala a boca.

… ainda está por aí.

E se a pessoa fizesse de novo?

13

A maior parte dos cidadãos de classe alta de Flint City achava que Howard Gold nascera rico, ou ao menos bem de vida. Apesar de não ter vergonha alguma da infância difícil, ele não se dava ao trabalho de corrigir as pessoas. Acontece que ele era filho de um arador itinerante, às vezes peão e ocasional caubói de rodeio que viajava pelo sudoeste em um trailer Airstream com a esposa e os dois filhos, Howard e Edward. Howard conseguiu cursar a

faculdade e ajudou Eddie a fazer o mesmo. Ele cuidou dos pais na aposentadoria (Andrew Gold não tinha poupado um centavo) e ainda sobrou muita coisa.

Ele era membro do Rotary e do Rolling Hill Country Club. Levava clientes importantes para jantar nos melhores restaurantes de Flint City (eram dois) e apoiava umas dez entidades beneficentes, inclusive os campos de atletismo do parque Estelle Barga. Podia pedir vinhos bons e mandar para os seus maiores clientes elaboradas caixas de presente Harry & David no Natal. Porém, quando estava sozinho no escritório, como naquele começo de tarde de sexta, preferia comer como quando era garoto na estrada entre Hoot, Oklahoma e Holler, Nevada, e depois de volta, ouvindo Clint Black no rádio e estudando ao lado da mãe quando não estava em alguma escola. Ele achava que sua vesícula poria fim às suas refeições solitárias banhadas de gordura em algum momento, mas tinha chegado aos sessenta e poucos anos sem que ela reclamasse hora nenhuma, então que Deus abençoasse a hereditariedade. Quando o telefone tocou, o homem estava no meio de um sanduíche de ovo frito com muita maionese e batatas fritas do jeito que ele gostava, fritas até formarem uma casca escura e cobertas de ketchup. Uma fatia de torta de maçã com sorvete derretendo em cima o aguardava sobre a mesa.

— Howard Gold.

— É Marcy, Howie. Ralph Anderson esteve aqui hoje de manhã.

O advogado franziu a testa.

— Ele foi até a sua casa? Ele não pode fazer isso! Anderson está de licença administrativa. Não vai voltar para a polícia ativa por um tempo, isso se decidir voltar. Quer que eu ligue para o chefe Geller e encha o saco dele?

— Não. Bati a porta na cara dele.

— Que bom!

— A sensação não é boa. Ele falou uma coisa que não consigo tirar da cabeça. Howard, diga a verdade. Você acha que Terry matou aquele garoto?

— Jesus, não. Já disse. Tem provas de que foi ele, nós dois sabemos, mas tem muitas provas de que não foi também. Ele teria se livrado. Mas nada disso importa, esse tipo de coisa não é estilo dele. Além do mais, houve a declaração de morte.

— As pessoas vão falar que foi porque ele não quis admitir na minha frente. Já devem estar dizendo isso.

Querida, pensou ele, *não tenho nem certeza de que ele sabia que você estava lá.*

— Mas acho que ele estava dizendo a verdade.

— Eu também, e se estava, a pessoa que cometeu o crime ainda está livre, e se matou uma criança, mais cedo ou mais tarde, vai matar outra.

— Então foi isso que Anderson pôs na sua cabeça — disse Howie. Ele afastou o que restava do sanduíche. Não queria mais comer. — Não me surpreende, a culpa é um velho truque policial, mas ele errou ao usá-lo com você. Ralph precisa ser punido por isso. Uma reprimenda forte que afete a carreira dele, pelo menos. Você acabou de enterrar seu marido, pelo amor de Deus.

— Mas o que ele disse é verdade.

Talvez, pensou Howie, *mas isso leva à pergunta: por que ele falou isso para você?*

— E tem outra coisa — disse ela. — Se o verdadeiro assassino não for encontrado, as garotas e eu vamos ter que sair da cidade. Talvez eu conseguisse aguentar os sussurros e as fofocas se estivesse sozinha, mas não é justo pedir a elas que aguentem. O único lugar em que consigo pensar em ir é para a casa da minha irmã em Michigan, e isso não seria justo com Debra e Sam. Eles têm dois filhos e a casa é pequena. Teria que recomeçar tudo, e estou cansada demais para isso. Eu me sinto… Howie, eu me sinto quebrada.

— Eu entendo. O que quer que eu faça?

— Ligue para Anderson. Diga que aceito me encontrar com ele aqui em casa esta noite, e ele vai poder fazer as perguntas que quiser. Mas quero que você venha também. Você e aquele seu investigador, se ele estiver livre e disposto a vir. Pode fazer isso?

— Claro, se é o que quer. E tenho certeza de que Alec vai aceitar. Mas preciso… não avisar você, exatamente, mas preveni-la. Tenho certeza de que Ralph se sente péssimo pelo que aconteceu, e imagino que tenha pedido desculpas…

— Ele disse que estava implorando.

Era meio incrível, mas não de todo inesperado.

— Ele não é um homem ruim — falou Howie. — É um bom homem que cometeu um erro terrível. Mas, Marcy, ele ainda tem interesse em provar que foi Terry quem matou o garoto Peterson. Se conseguir fazer isso, a carreira dele se reerguerá. Se nunca for provado de forma conclusiva, a carreira dele ainda pode se reerguer. Contudo, se o verdadeiro assassino aparecer, é o fim de Ralph como membro da polícia desta cidade. O próximo trabalho dele vai ser de segurança em Cap City, recebendo metade do salário. E isso sem levar

em conta os processos que pode ter que enfrentar.

— Eu entendo, mas…

— Ainda não terminei. Qualquer pergunta que ele tenha para você só pode ser sobre Terry. Talvez Anderson só esteja tateando no escuro, mas é possível que ache que tem alguma coisa que ligue Terry ao assassinato de uma forma diferente. Ainda quer que eu marque um encontro?

Houve silêncio por um momento, e Marcy disse:

— Jamie Mattingly é minha melhor amiga na travessa Barnum. Ela levou as garotas depois que Terry foi preso no campo, mas agora não atende ao telefone quando ligo, e desfez amizade comigo no Facebook. A minha melhor amiga desfez a amizade comigo de forma oficial.

— Ela vai mudar de ideia.

— Só se o verdadeiro assassino for pego. Aí, ela vai voltar de joelhos. Talvez eu a perdoe por se sujeitar ao marido, porque foi isso que aconteceu, pode ter certeza, ou talvez não. Mas essa é uma decisão que só posso tomar quando as coisas mudarem para melhor. Se mudarem. E essa é minha forma de dizer que pode marcar o encontro. Você vai estar aqui para me proteger. O sr. Pelley também. Quero saber por que Anderson teve colhões de mostrar a cara na minha porta.

14

Às quatro horas daquela tarde, uma picape Dodge velha seguiu sacudindo por uma pequena estrada vinte e cinco quilômetros ao sul de Flint City, levantando poeira. Passou por um moinho abandonado com pás quebradas, por um rancho deserto com buracos onde antes ficavam as janelas, por um cemitério abandonado conhecido localmente como Cemitério Caubói, por uma rocha com TRUMP FAÇA A AMÉRICA GRANDE DE NOVO TRUMP pintado na lateral com letras meio apagadas. Latas de leite enferrujadas rolavam na caçamba da picape e batiam nas laterais. Atrás do volante estava um garoto de dezessete anos chamado Dougie Elfman. Ele ficava olhando o celular enquanto dirigia. Quando chegou à rodovia 79, encontrou um sinal fraco e achou que seria suficiente. Parou em um cruzamento, desceu do carro e olhou para trás. Nada. Claro que não havia nada. Mas, ainda assim, ficou aliviado. Ligou para o pai. Clark Elfman atendeu no segundo toque.

— As latas estavam naquele celeiro?

— Estavam — disse Dougie. — Peguei vinte e quatro, mas vão ter que ser lavadas. Ainda estão com cheiro de leite azedo.

— E as rédeas?

— Não sobrou nenhuma, pai.

— Bom, não é a melhor notícia da semana, mas era o que eu esperava. Por que ligou, filho? E onde está? Parece que está ligando do lado escuro da lua.

— Estou na 79. Escuta, pai, alguém andou dormindo por lá.

— Como assim? Está falando de vagabundos ou hippies?

— Não. Não tem bagunça, não tem latas de cerveja, nem lixo, nem garrafas de bebida, e não tem sinal de ninguém ter cagado por ali, a não ser que tenha andado uns quatrocentos metros até a vegetação mais próxima. Também não tem sinal de fogueira.

— Graças a Deus — disse Elfman —, o tempo continua seco. O que você *encontrou*? Não que eu ache que importa, não sobrou nada para roubar naquelas construções velhas meio desmoronadas que não valem um centavo.

Dougie ficava olhando para trás. A estrada parecia vazia, sim, mas ele queria que a poeira baixasse mais rápido.

— Encontrei uma calça jeans que parecia nova e uma cueca que parecia nova e tênis caros, daqueles com gel dentro, que também pareciam novos. Só que todos estavam manchados com alguma coisa, assim como o feno onde tudo isso estava.

— Sangue?

— Não, não era sangue. Deixou o feno preto, o que quer que seja.

— Óleo? Graxa? Alguma coisa assim?

— Não, a *coisa* não era preta, só o feno que ficou preto. Não sei o que era.

Porém, ele sabia o que aquelas manchas rígidas na calça jeans e na cueca pareciam. Dougie se masturbava três ou quatro vezes por dia desde que tinha feito catorze anos, e usava uma toalha velha para gozar; depois, quando seus pais saíam, lavava a toalha na torneira do quintal. Mas às vezes ele esquecia, e a parte suja da toalha ficava bem dura.

Só que tinha muito daquela coisa, *muito*, e quem gozaria em um par novinho de Adipowers, tênis de primeira que custavam no mínimo uns cento e quarenta dólares, mesmo no Wally World? Em outras circunstâncias, Dougie podia ter pensado em pegar o tênis para si, mas não com tanta porra neles, e não com a outra coisa em que ele reparou.

— Bom, deixe pra lá e volte pra casa — disse Elfman. — Você pegou as latas, pelo menos.

— Não, pai, você precisa mandar a polícia lá. Tinha um cinto na calça jeans, com uma fivela de prata cintilante com o formato de uma cabeça de

cavalo.

— Isso não quer dizer nada pra mim, filho, mas acho que significa algo pra você.

— Na televisão, disseram que Terry Maitland estava usando uma fivela assim quando foi visto na estação de trem de Dubrow. Depois que ele matou o garotinho.

— Disseram isso?

— Disseram, pai.

— Puta merda. Espere no cruzamento até eu ligar de volta, mas acho que a polícia vai querer ir aí. Também estou indo.

— Diz para a polícia que encontro com eles na loja do Biddle.

— Do Biddle… Dougie, são oito quilômetros daí na direção de Flint!

— Eu sei. Mas não quero ficar aqui. — A poeira tinha baixado agora, e não havia nada a ser visto, mas o garoto ainda não se sentia bem. Nenhum carro passou pela estrada desde que começou a falar com o pai, e ele queria estar onde tivesse gente.

— O que aconteceu, filho?

— Quando eu estava no celeiro onde encontrei as roupas… eu já tinha pegado as latas e estava procurando as rédeas que você disse que podiam estar lá… comecei a ter uma sensação ruim. Como se alguém estivesse me observando.

— Você só ficou assustado. O homem que matou aquele garoto está morto.

— Eu sei, mas diz para a polícia que encontro com eles no Biddle, e levo eles até lá, mas não vou ficar aqui sozinho. — Ele desligou antes que o pai pudesse discutir.

15

O encontro com Marcy foi marcado para as oito horas daquela noite, na casa dos Maitland. Ralph recebeu a ligação de Howie Gold, que disse que Alec Pelley também estaria lá. O detetive perguntou se poderia levar Yune Sablo, caso ele estivesse disponível.

— De jeito nenhum — respondeu Howie. — Se levar o tenente Sablo ou qualquer outra pessoa, mesmo a sua linda esposa, o encontro está cancelado.

Ralph concordou. Não havia mais nada que pudesse fazer. Ele remexeu no porão por um tempo, mudando caixas de um lado para outro e depois levando de volta para onde estavam. Depois, comeu pouco no jantar. Com duas horas ainda à frente, ele se levantou da mesa.

— Vou ao hospital visitar Fred Peterson.
— Por quê?
— Sinto que devo fazer isso.
— Posso acompanhá-lo, se quiser.
Ralph balançou a cabeça.
— Vou direto para a travessa Barnum depois.
— Você está se exaurindo. Minha avó diria que está trabalhando feito um mouro.
— Estou bem.
Ela deu um sorriso que dizia que sabia muito bem que não, depois ficou na ponta dos pés e deu um beijo nele.
— Me liga. Aconteça o que acontecer, me liga.
Ele sorriu.
— De jeito nenhum. Vou voltar e contar pessoalmente.

16

Quando entrava no saguão do hospital, Ralph encontrou o detetive desaparecido do departamento saindo. Jack Hoskins era um homem franzino, prematuramente grisalho, com bolsas embaixo dos olhos e o nariz cheio de vasinhos vermelhos de quem bebe. Ele ainda usava sua roupa de pesca (camisa e calça cáqui, ambas com muitos bolsos), mas o distintivo estava preso no cinto.
— O que está fazendo aqui, Jack? Achei que estivesse de férias.
— Fui chamado três dias antes do fim — disse ele. — Cheguei na cidade não tem nem uma hora. Minha rede, minhas galochas, minhas varas e minha caixa de pesca ainda estão na picape. O chefe achou que gostaria de ter ao menos um detetive ativo trabalhando na cidade. Betsy Riggins está lá em cima tendo o bebê. O trabalho de parto começou no final da tarde. Falei com o marido de Betsy, que disse que ela ainda tem muito pela frente. Como se ele fizesse ideia. Quanto a você… — Ele parou para dar efeito. — Você está metido em uma confusão das grandes, Ralph.
Jack Hoskins não fez esforço nenhum para esconder sua satisfação. Um ano antes, Ralph e Betsy Riggins tiveram que preencher formulários de avaliação de rotina sobre ele, quando o homem se tornou candidato a um aumento de salário. Betsy, a detetive com menos tempo de casa, disse todas as coisas certas. Ralph entregou o seu relatório para o chefe Geller com duas palavras escritas no espaço oferecido: *Sem opinião*. Não impediu Hoskins de

receber o aumento, mas era uma opinião mesmo assim. Hoskins não devia ver as folhas de avaliação, e talvez não tivesse visto, mas alguém disse para ele o que havia no formulário de Ralph.

— Você foi ver Fred Peterson?

— Na verdade, fui. — Jack repuxou o lábio inferior e soprou o pouco cabelo que tinha da testa. — Tem muitos monitores no quarto dele, e linhas baixas em todos. Acho que ele não vai sobreviver.

— Bom, seja bem-vindo de volta.

— Que se foda, Ralph, eu tinha mais três dias, com robalos aos montes, e não vou nem ter a oportunidade de trocar de camisa, que está fedendo a entranha de peixe. Recebi ligações tanto de Geller quanto do xerife Doolin. Tenho que ir até aquele buraco inútil conhecido como município de Canning. Pelo que soube, seu amigo Sablo já está lá. Acho que só chego em casa às dez ou onze da noite.

Ralph poderia ter dito: *Não é culpa minha*, mas quem mais aquele servidor inútil culparia? Betsy, por ficar grávida em novembro?

— O que houve em Canning?

— Uma calça jeans, uma cueca e um par de tênis. Um garoto encontrou em um abrigo ou celeiro enquanto roubava latas de leite para o pai. E um cinto com fivela de cabeça de cavalo. Claro que o Laboratório Criminal Móvel já deve estar lá. Vou ser tão útil quanto tetas em um touro, mas o chefe…

— Vai ter digitais na fivela — interrompeu Ralph. — E pode haver marcas de pneu da van, ou do Subaru, ou dos dois.

— Não tente ensinar o padre a rezar missa — respondeu Jack. — Eu já carregava distintivo de detetive quando você usava uniforme. — O subtexto que Ralph leu foi: *E ainda vou estar carregando quando estiver trabalhando como segurança de shopping em Southgate.*

Ele foi embora. Ralph ficou feliz de vê-lo longe. Só queria poder ir ele mesmo até lá. Àquela altura, provas novas podiam ser preciosas. O lado bom era que Sablo já estava no local e supervisionaria a Unidade Pericial. Eles terminariam a maior parte do trabalho antes de Jack chegar e talvez fazer alguma besteira, como tinha feito em duas ocasiões anteriores, como Ralph sabia.

Ele foi até a sala de espera da maternidade primeiro, mas todas as cadeiras estavam vazias, então talvez o parto estivesse indo mais rápido do que Billy Riggins, um novato nervoso no assunto, tinha imaginado. Ralph abordou uma enfermeira e pediu que dissesse a Betsy que ele desejava felicidades.

— Farei isso assim que puder — disse a enfermeira —, mas agora ela está bem ocupada. O garotinho está com pressa para sair.

Ralph teve uma breve imagem do corpo ensanguentado e violado de Frank Peterson e pensou: *Se o garotinho soubesse como este mundo é, estaria lutando para ficar lá dentro.*

Ele pegou o elevador e desceu dois andares até a UTI. O membro remanescente da família Peterson estava no quarto 304. O pescoço dele estava com curativos pesados e com um colar cervical. Um respirador zumbia, o pequeno dispositivo de acordeão lá dentro subindo e descendo. As linhas nos monitores em volta da cama estavam, como Jack Hoskins dissera, bem baixas. Não havia flores (Ralph achava que não eram permitidas em quartos da UTI), mas alguns balões foram amarrados no pé da cama e flutuavam até perto do teto. Tinham mensagens alegres para as quais o detetive não queria olhar. Ele ouviu o zumbido da máquina que respirava por Fred. Olhou para as linhas baixas e pensou em Jack dizendo: *Acho que ele não vai sobreviver*.

Quando se sentou ao lado da cama, uma lembrança dos dias de ensino médio voltou a ele, quando o que é chamado agora de estudos ambientais era simplesmente ciência da Terra. Estavam estudando poluição, e o sr. Greer pegou uma garrafa de água mineral Poland e virou em um copo. Ele chamou um dos alunos, Misty Trenton, a que usava saias deliciosamente curtas, para a frente da sala e pediu que ela tomasse um gole. A garota fez isso. O sr. Greer então pegou um conta-gotas e mergulhou em um pote de tinta Carter's. Espremeu o conta-gotas no copo. Os alunos olharam, fascinados, a gota descer, deixando um tentáculo azul para trás. O sr. Greer balançou o copo com delicadeza de um lado para outro, e em pouco tempo a água toda estava tingida de um azul fraco. *Você beberia agora?*, perguntou o sr. Greer para Misty. Ela balançou a cabeça de forma tão enfática que uma das fivelas de cabelo dela se soltou, e todo mundo, incluindo Ralph, riu. Ele não estava rindo agora.

Menos de duas semanas atrás, a família Peterson estava perfeitamente bem. Mas então chegou a gota de tinta poluente. Pode-se dizer que foi a corrente da bicicleta de Frankie Peterson, que ele teria chegado em casa ileso se não tivesse quebrado, mas ele *também* teria chegado em casa ileso, só que empurrando a bicicleta e não montado nela, se Terry Maitland não estivesse esperando no estacionamento do mercado. *Terry* era a gota de tinta, não a corrente da bicicleta. Foi ele quem poluiu e destruiu a família Peterson. Terry

ou quem quer que estivesse exibindo o rosto de Terry.

Se você tirar as metáforas, o que sobra?, dissera Jeannie. *O inexplicável.*

Mas isso é impossível. O sobrenatural pode existir em livros e filmes, não no mundo real.

Não, não no mundo real, em que incompetentes bêbados como Jack Hoskins recebiam aumentos de salário. Tudo que Ralph vivenciou nos seus quase cinquenta anos de vida negava a ideia. Negava até que havia a possibilidade de uma coisa assim. Porém, enquanto estava sentado olhando para Fred (ou o que sobrara dele), Ralph precisava admitir que havia algo de demoníaco na forma como a morte do garoto se espalhou, levando não só um ou dois membros da família, mas todos. E o dano não parou nos Peterson. Ninguém duvidaria de que Marcy e as filhas dela carregariam cicatrizes pelo resto da vida. Talvez até deficiências permanentes.

O detetive podia dizer a si mesmo que danos colaterais similares acompanhavam todas as atrocidades; ele já não tinha visto isso vezes sem fim? Sim. Tinha. Mas, de alguma forma, esse parecia pessoal. Quase como se aquelas pessoas tivessem sido escolhidas como alvo. E quanto ao próprio Ralph? Ele não era parte dos danos colaterais? E Jeannie? Até Derek, que voltaria para casa do acampamento e descobriria que muitas coisas que ele via como certas, como o trabalho do pai, por exemplo, agora estavam em risco.

O respirador zumbiu. O peito de Fred Peterson subiu e desceu. De vez em quando, ele fazia um ruído rouco que, de uma maneira um tanto bizarra, parecia uma risadinha. Como se tudo fosse uma piada cósmica, mas era preciso estar em coma para entender.

Ralph não conseguiu mais suportar. Saiu do quarto, e quando chegou ao elevador, já estava quase correndo.

17

Quando chegou do lado de fora, ele se sentou em um banco na sombra e ligou para a delegacia. Sandy McGill atendeu, e quando Ralph perguntou se ela sabia de alguma coisa sobre o município de Canning, houve uma pausa. Quando enfim falou, a mulher parecia constrangida.

— Não posso conversar sobre isso com você, Ralph. O chefe Geller deixou instruções específicas. Desculpe.

— Tudo bem — respondeu ele, se levantando. Sua sombra estava comprida, a sombra de um enforcado, e claro que isso o fez pensar em Fred

Peterson de novo. — Ordens são ordens.

— Obrigada por entender. Jack Hoskins voltou e está indo para lá.

— Sem problema. — Ele desligou e saiu andando na direção do estacionamento de curto período, dizendo a si mesmo que não importava; Yune o manteria informado.

Provavelmente.

Destrancou o carro, entrou e ligou o ar-condicionado. 19h15. Tarde demais para ir para casa, cedo demais para ir ver a família Maitland. O que deixava como única opção rodar pela cidade sem destino como um adolescente. Pensando. Sobre Terry ter chamado Esbelta Rainwater de senhora. Sobre Terry ter pedido instruções de como chegar ao atendimento emergencial mais próximo, sendo que morou naquela cidade a vida toda. Sobre Terry ter dividido o quarto com Billy Quade e o quanto isso era conveniente. Sobre Terry ter ficado de pé para fazer a pergunta ao sr. Coben, o que era ainda mais conveniente. Pensar na gota de tinta no copo d'água, deixando-a azul-clara, em pegadas que acabavam do nada, em larvas se contorcendo dentro de um melão que parecia bom por fora. Pensar que, se uma pessoa *começasse* a considerar possibilidades sobrenaturais, ela não conseguiria mais pensar em si mesma como uma pessoa completamente *sã*, e refletir sobre a sanidade talvez não fosse uma coisa boa. Era como pensar nos batimentos cardíacos: se isso fosse necessário, talvez você já estivesse com problemas.

Ele ligou o rádio e procurou uma música barulhenta. Acabou encontrando The Animals cantando "Boom Boom". Ele rodou, esperando chegar a hora de ir para a casa dos Maitland na travessa Barnum. Finalmente chegou.

18

Foi Alec Pelley quem atendeu quando ele bateu na porta e o levou pela sala até a cozinha. No andar de cima, ele ouviu The Animals de novo. Dessa vez, foi o maior sucesso deles. *It's been the ruin of many a poor boy*, cantou Eric Burdon, *and oh God, I know I'm one.*

Convergência, pensou ele. A palavra de Jeannie.

Marcy e Howie Gold estavam sentados à mesa da cozinha, tomando café. Também havia uma xícara onde Alec estivera sentado, mas ninguém ofereceu café para Ralph. *Vim para o campo dos meus inimigos*, pensou e se sentou.

— Obrigado por me receberem.

Marcy não respondeu, só pegou a xícara com a mão não muito firme.

— Isso é doloroso para a minha cliente — disse Howie —, então vamos

ser breves. Você disse para Marcy que queria falar com ela…

— *Tinha que* — interrompeu ela. — Tinha que falar comigo, foi o que ele disse.

— Certo. Sobre o que você precisava falar com ela, detetive Anderson? Se for para pedir desculpas, fique à vontade, mas entenda que preservamos as nossas opções legais.

Apesar de tudo, Ralph não estava pronto para pedir desculpas. Nenhum dos três tinha visto o galho ensanguentado saindo do traseiro de Frank Peterson, mas Ralph, sim.

— Novas informações surgiram. Pode não ser corroborante, mas é sugestivo de alguma coisa, embora eu não saiba exatamente o quê. Minha esposa chamou de convergência.

— Pode ser um pouco mais específico? — pediu Howie.

— Acontece que a van usada para sequestrar o garoto Peterson foi roubada por um menino apenas um pouco mais velho do que o próprio Frank. O nome dele é Merlin Cassidy. Estava fugindo do padrasto abusivo. Ao longo da fuga entre Nova York e o sul do Texas, onde enfim foi preso, ele roubou diversos veículos. Largou a van em Dayton, Ohio, em abril. Marcy, sra. Maitland, você e sua família estavam em Dayton em abril.

Marcy tinha começado a levantar a xícara para tomar outro gole, mas agora a colocou na mesa com um estrondo.

— Ah, não. Você não vai jogar isso nas costas de Terry. Nós fomos e voltamos de avião, e exceto quando ele foi visitar o pai, ficamos juntos o tempo todo. Fim da história, e acho que já está na hora de você ir.

— Espera aí — disse Ralph. — Nós sabíamos que a viagem tinha sido em família e que vocês foram de avião, quase desde a época em que Terry se tornou um suspeito. É só que… você não vê como é estranho? A van está lá quando sua família está lá, depois aparece aqui. Terry me disse que nunca a viu e muito menos a roubou. Quero acreditar nisso. Temos as digitais dele pelo veículo todo, mas, mesmo assim, quero acreditar. E quase consigo.

— Duvido — disse Howie. — Pare de tentar puxar o nosso saco.

— Vocês acreditariam em mim, talvez até confiassem um pouco, se eu dissesse que agora temos provas físicas de que Terry estava em Cap City? As digitais dele em um livro da banca de jornal do hotel? E um testemunho de que foi ele que deixou aquelas digitais mais ou menos na mesma hora que o garoto Peterson foi sequestrado?

— Você está de brincadeira? — perguntou Alec Pelley. Ele pareceu quase

chocado.
— Não. — Mesmo com o caso tão morto quanto o próprio Terry, Bill Samuels ficaria furioso se soubesse que Ralph contou para Marcy e o advogado dela sobre *Uma história ilustrada do condado de Flint, do condado de Douree e do município de Canning*, mas ele estava determinado a não deixar a reunião terminar sem conseguir algumas respostas.
Alec assobiou.
— Puta merda.
— Então você *sabe* que ele estava lá! — gritou Marcy. Pontos vermelhos tinham surgido nas bochechas dela. — Você *tem* que saber!
Mas Ralph não queria falar disso; já tinha passado tempo demais naquela questão.
— Terry mencionou a viagem a Dayton na última vez em que falei com ele. Disse que queria visitar o pai, mas o *queria* saiu com uma careta engraçada. E quando perguntei se o pai dele vivia lá, ele respondeu: “Se é que se pode chamar aquilo de viver”. Por quê?
— Porque Peter Maitland está sofrendo de mal de Alzheimer avançado — disse Marcy. — Ele está no Heisman Memory Unit. É parte do complexo do Kindred Hospital.
— Ah. Então era difícil para Terry vê-lo, imagino.
— Muito difícil — concordou Marcy. Ela estava relaxando um pouco. Ralph ficou feliz de descobrir que não tinha perdido todas as suas habilidades, mas isso não era como estar com um suspeito na sala de interrogatório. Tanto Howie quando Alec Pelley estavam em estado de alerta, prontos para fazer com que Marcy parasse caso sentissem o pé dela se aproximando de uma mina escondida. — Mas não apenas porque Peter não reconhecia mais Terry. O relacionamento deles já era ruim havia muito tempo.
— Por quê?
— Isso é relevante, detetive? — perguntou Howie.
— Não sei. Talvez não. Mas como não estamos em um tribunal, advogado, que tal deixar que ela responda a porcaria da pergunta?
Howie olhou para Marcy e deu de ombros. *Você que sabe.*
— Terry era o único filho de Peter e Melinda — disse Marcy. — Ele cresceu aqui em Flint City, como você bem sabe, e morou aqui a vida toda, exceto pelos quatro anos na OSU.
— E foi lá que você o conheceu? — perguntou Ralph.

— Isso mesmo. Peter Maitland trabalhou para a Cheery Petroleum Company na época em que esta área ainda produzia um bom volume de petróleo. Ele se apaixonou pela secretária e se divorciou da esposa. Houve muito rancor, e Terry ficou do lado da mãe. Terry… ele era muito leal, mesmo quando pequeno. Via o pai como um traidor, coisa que ele era mesmo, e todas as justificativas de Peter só pioravam as coisas. Para resumir, Peter se casou com a secretária, o nome dela era Dolores, e pediu transferência para a sede da empresa.

— Que era em Dayton?

— Correto. Peter não tentou guarda compartilhada nem nada. Ele entendeu que o filho tinha feito a escolha dele. Mas Melinda insistia para que Terry fosse vê-lo de tempos em tempos, alegando que um garoto precisava conhecer o pai. Terry ia, mas só para agradar a mãe. Ele nunca parou de ver o pai como um rato que fugiu.

— Isso bate com o Terry que conheci — comentou Howie.

— Melinda morreu em 2006. Ataque cardíaco. A segunda esposa de Peter morreu dois anos depois de câncer no pulmão. Terry continuou indo para Dayton uma ou duas vezes por ano, para honrar o pedido da mãe e se manter em termos civilizados com o pai. Penso que pelo mesmo motivo. Em 2011, acho, Peter começou a ficar esquecido. Sapatos no chuveiro em vez de embaixo da cama, chaves do carro na geladeira, coisas assim. Como Terry é, *era* o único parente próximo vivo, foi ele que o internou no Heisman Memory Unit. Isso aconteceu em 2014.

— Lugares assim são caros — disse Alec. — Quem paga?

— O plano de saúde. Peter Maitland tinha um plano de saúde excelente. Dolores insistia. Peter fumou muito a vida toda, e ela achava que herdaria uma grana quando ele se fosse. Mas ela acabou indo primeiro. Deve ter sido de tanto fumo passivo.

— Você fala como se Peter Maitland estivesse morto — disse Ralph. — É esse o caso?

— Não, ainda está vivo. — E em um eco deliberado do marido: — Se é que se pode chamar aquilo de viver. Ele até parou de fumar. Não é permitido no HMU.

— Quanto tempo vocês ficaram em Dayton?

— Cinco dias. Terry visitou o pai três vezes enquanto estávamos lá.

— Você e as garotas não foram com ele?

— Não. Terry não queria, e nem eu. Peter não tinha condição de ser um

avô para Sarah e Grace, e Grace não entenderia.

— O que fizeram quando ele estava visitando o pai?

Marcy sorriu.

— Você fala como se Terry tivesse passado períodos enormes com o pai, mas não foi o caso. As visitas eram curtas, não mais de uma ou duas horas. Na maior parte do tempo, nós quatro ficamos juntos. Quando Terry estava no Heisman, ficávamos no hotel e as garotas iam para a piscina coberta. Um dia, nós três fomos ao Art Institute, e certa tarde levei as garotas a uma matinê da Disney. Havia um complexo de cinemas perto do hotel. Vimos mais dois ou três filmes, mas isso com Terry. Fomos ao museu da força aérea juntos, e ao Boonshoft, que é um museu de ciências. As garotas adoraram. Foram férias normais em família, detetive Anderson, com Terry tirando algumas horas para cumprir seu dever de filho.

E talvez roubar uma van, pensou Ralph.

Era possível, Merlin Cassidy e a família Maitland com certeza poderiam estar em Dayton na mesma época, mas parecia absurdo. Mesmo que isso tivesse acontecido, havia a questão de como Terry levou a van para Flint City. E por que ele se daria ao trabalho. Havia veículos suficientes para serem roubados na área metropolitana da cidade; o Subaru de Barbara Nearing era prova disso.

— Devem ter comido fora algumas vezes, não? — perguntou Ralph.

Howie se inclinou para a frente ao ouvir isso, mas não disse nada.

— Pedimos serviço de quarto várias vezes, Sarah e Grace adoravam, mas sim, comemos fora. Supondo que o restaurante do hotel conte como *fora*.

— Por acaso comeram em um lugar chamado Tommy e Tuppence?

— Não. Eu me lembraria de um restaurante com um nome assim. Nós comemos no IHOP uma noite, e acho que duas vezes no Cracker Barrel. Por quê?

— Nenhum motivo — disse Ralph.

Howie abriu um sorriso que dizia que ele sabia que não era bem assim, mas se encostou na cadeira. Alec estava sentado com os braços cruzados sobre o peito, o rosto sem expressão.

— É tudo que queria saber? — perguntou Marcy. — Porque já estou cansada disso. E estou cansada de você.

— Aconteceu *alguma coisa* fora do comum enquanto estavam em Dayton? Qualquer coisa. Uma das suas filhas se perdeu por um tempo, Terry disse que tinha encontrado um velho amigo, *você* encontrou um velho amigo, talvez

uma entrega de pacote…

— Um disco voador? — perguntou Howie. — Que tal um homem de sobretudo com uma mensagem codificada? Ou as Rockettes dançando no estacionamento?

— Não está ajudando, advogado. Acredite ou não, estou tentando ser parte da solução aqui.

— Não houve nada. — Marcy se levantou e começou a recolher as xícaras de café. — Terry visitou o pai, tivemos boas férias, voltamos de avião para casa. Nós não comemos no Tommy sei lá o quê nem roubamos uma van. Agora, eu gostaria que você…

— Papai se cortou.

Todos se voltaram para a porta. Sarah Maitland estava parada lá, com o rosto pálido e abatido, e magra demais na calça jeans e camiseta do Rangers.

— Sarah, o que está fazendo aqui embaixo? — Marcy largou as xícaras na bancada e foi até a garota. — Mandei você e a sua irmã ficarem lá em cima até terminarmos a nossa conversa.

— Grace já foi dormir — disse Sarah. — Acordou ontem à noite com mais pesadelos idiotas com o homem com canudos nos olhos. Espero que ela não tenha nenhum hoje. Se acordar, você devia dar uma dose de Benadryl pra ela.

— Tenho certeza que ela vai dormir a noite toda. Agora suba.

Sarah, no entanto, se manteve firme. Ela estava olhando para Ralph, não com o desprezo e a desconfiança da mãe, mas com uma espécie de curiosidade concentrada que deixou o homem desconfortável. Ele sustentou o olhar dela, mas foi difícil.

— Minha mãe diz que você fez o meu pai morrer — disse Sarah. — É verdade?

— Não. — E enfim veio o pedido de desculpas, e, para a surpresa dele, quase sem esforço. — Mas tive minha responsabilidade, e por isso lamento muito. Cometi um erro que vou carregar comigo pelo resto da vida.

— Acho que isso é bom — disse Sarah. — Acho que você merece isso. — E para a mãe: — Vou subir agora, mas se Grace começar a gritar no meio da noite, vou dormir no quarto dela.

— Antes de ir, Sarah, pode me contar sobre o corte? — perguntou Ralph.

— Aconteceu quando ele foi visitar o pai dele — respondeu Sarah. — Uma enfermeira fez curativo logo em seguida. Ela colocou aquele Betadine e um Band-Aid. Ficou tudo bem. Ele disse que não doeu.

— Para cima, agora — disse Marcy.

— Tudo bem. — Eles a viram subir a escada com os pés descalços. Quando chegou lá, ela se virou. — O restaurante Tommy e Tuppence ficava na mesma rua do nosso hotel. Quando fomos ao museu de arte no carro alugado, vi o letreiro.

19

— Me conte sobre esse corte — pediu Ralph.

Marcy pôs as mãos nos quadris.

— Por quê? Para você poder inventar algum tipo de importância pra isso? Não foi nada.

— Ele está perguntando porque é a única coisa que tem — disse Alec. — Mas também estou interessado.

— Se você estiver cansada demais… — falou Howie.

— Não, tudo bem. *Não foi* nada, só um arranhão, na verdade. Aconteceu na segunda vez que ele visitou o pai? — Ela baixou a cabeça com a testa franzida. — Não, na última, porque pegamos o avião de volta na manhã seguinte. Quando Terry saiu do quarto de hospital, esbarrou em um funcionário. Disse que nenhum dos dois estava olhando para onde ia. Teria sido só um esbarrão e um pedido de desculpas, mas o zelador tinha acabado de passar o esfregão no chão, e ainda estava molhado. O funcionário escorregou e se segurou no braço de Terry, mas caiu mesmo assim. Terry o ajudou a se levantar, perguntou se estava bem, e o homem disse que sim. Ter estava na metade do corredor quando viu que seu pulso estava sangrando. Uma das unhas do funcionário deve ter arranhado quando ele se segurou em Terry tentando se manter de pé. Uma enfermeira desinfetou o ferimento e colocou um Band-Aid, como Sarah disse. Essa é a história toda. Resolve o caso pra você?

— Não — falou Ralph. Mas não era como a alça amarela do sutiã. Era uma ligação, uma convergência, como teria dito Jeannie, que ele achava que conseguia entender, mas precisaria da ajuda de Yune Sablo. Ele se levantou. — Obrigado pelo seu tempo, Marcy.

A mulher abriu um sorriso frio.

— É sra. Maitland para você.

— Entendido. E Howard, obrigado por organizar esse encontro. — Ele esticou a mão para o advogado. Por um momento, ficou no ar, mas, no final, Howie a apertou.

— Eu acompanho você até a porta — disse Alec.

— Acho que sei o caminho.
— Tenho certeza que sim, mas como o recebi, faço questão.
Eles atravessaram a sala e o curto hall. Alec abriu a porta. Ralph saiu e ficou surpreso quando Alec foi atrás dele.
— Por que a pergunta sobre o corte?
Ralph olhou para ele.
— Não sei do que está falando.
— Acho que sabe sim. Seu rosto mudou.
— Um pouco de acidez no estômago. Tenho tendência a sofrer disso, e foi uma reunião difícil. Embora não tão difícil quanto o jeito como a garota olhou para mim. Me senti pequeno como um inseto.
Alec fechou a porta. Ralph desceu dois degraus da escada, mas por causa da sua altura, os dois homens estavam quase do mesmo tamanho.
— Vou contar uma coisa — falou Alec.
— Tudo bem. — Ralph se preparou.
— Aquela prisão foi uma merda. Uma merda homérica. Tenho certeza de que sabe disso agora.
— Acho que não preciso de mais repreensão hoje. — Ralph começou a dar meia-volta.
— Ainda não acabei.
Ralph se virou de novo, a cabeça baixa, os pés meio separados. Era postura de luta.
— Não tenho filhos. Marie não podia ter. Mas se tivesse um filho da idade do seu garoto, e se tivesse provas sólidas de que um pervertido sexual homicida era importante para ele, alguém que ele admirava, eu talvez teria feito a mesma coisa que você, ou até pior. O que estou dizendo é que entendo por que você perdeu a perspectiva.
— Certo — disse Ralph. — Não melhora as coisas, mas obrigado.
— Se mudar de ideia sobre me contar por que a história do corte é importante, me ligue. Pode ser que a gente esteja do mesmo lado.
— Boa noite, Alec.
— Boa noite, detetive. Fique bem.

20

Ele estava contando para Jeannie como as coisas se saíram quando o seu celular tocou. Era Yune.
— A gente pode conversar amanhã, Ralph? Tinha uma coisa estranha

naquele celeiro onde o garoto encontrou as roupas que Maitland usou na estação de trem. Mais de uma coisa, na verdade.

— Me fala agora.

— Não. Estou indo para casa. Estou cansado. E preciso pensar sobre isso.

— Tudo bem, amanhã. Onde?

— Um lugar tranquilo e escondido. Não posso ser visto conversando com você. Você está de licença administrativa, e eu estou fora do caso. Na verdade, não *há* caso. Não com Maitland morto.

— O que vai acontecer com as roupas?

— Vão para Cap City, para o exame da perícia. Depois disso, serão entregues ao departamento do xerife de Flint City.

— Você está brincando? Deviam ficar com o resto das provas de Maitland. Além do mais, Dick Doolin não consegue assoar o próprio nariz sem um manual de instrução.

— Pode ser verdade, mas o município de Canning é do condado, não uma cidade, o que o torna jurisdição do xerife. Soube que o chefe Geller ia mandar um detetive, mas apenas como cortesia.

— Hoskins.

— É, o nome era esse. Ele não chegou ainda, e quando chegar, todo mundo já vai ter ido embora. Talvez tenha se perdido.

É mais provável que tenha parado em algum lugar para tomar umas, pensou Ralph.

— As roupas vão acabar indo parar em uma caixa de provas no departamento do xerife, e ainda vão estar lá quando o século XXII chegar. Ninguém se importa. O sentimento é de que foi Maitland, ele está morto, bola pra frente — disse Yune.

— Não estou pronto para fazer isso — disse Ralph, e sorriu quando Jeannie, sentada no sofá, fechou as mãos e mostrou os dois polegares para cima. — Você está?

— Estaria falando com você se me sentisse de outra forma? Onde vamos nos encontrar amanhã?

— Tem um café perto da estação de trem em Dubrow. O'Malley's Irish Spoon é o nome. Consegue encontrar?

— Sem dúvida.

— Dez horas?

— Está ótimo. Se eu tiver algum compromisso, ligo para remarcarmos.

— Você está com os depoimentos das testemunhas, não está?

— No meu laptop.

— Não deixe de levar. Todas as minhas coisas estão na delegacia, e não posso ir lá. Tenho muito para contar.

— Eu também — disse Yune. — A gente ainda pode resolver isso, Ralph, mas não sei se gostaremos do que vamos descobrir. É uma floresta bem profunda.

Na verdade, pensou Ralph enquanto desligava, *é um melão. E a porcaria está cheia de larvas.*

21

Jack Hoskins parou no Gentlemen, Please a caminho da propriedade Elfman. Ele pediu uma vodca com tônica, que achava que merecia depois de ser chamado mais cedo das férias. Tomou de uma vez e pediu outra, que foi bebendo aos poucos. Havia duas strippers no palco, as duas ainda vestidas (o que no Gentlemen significava que estavam de sutiã e calcinha), mas se esfregando uma na outra de um jeito preguiçoso que provocou uma ereção moderada em Jack.

Quando tirou a carteira para pagar, o barman balançou a mão.

— Por conta da casa.

— Obrigado. — Ele deixou uma gorjeta no bar e foi embora, se sentindo um pouco mais bem-humorado. Quando entrou no carro, pegou um pacote de pastilhas de menta no porta-luvas e mastigou algumas. As pessoas diziam que vodca não tem cheiro, mas isso era besteira.

A estrada estava cheia de fita de isolamento da polícia, do condado, não da cidade. Hoskins saiu, levantou uma das estacas em que a fita estava amarrada, passou de carro e a recolocou no lugar. *Que saco*, pensou, e o aporrinhamento só aumentou quando ele chegou a um monte de construções em ruínas, um celeiro e três barracões, e descobriu que não havia mais ninguém lá. Tentou ligar para a delegacia e compartilhar a frustração com alguém, mesmo que fosse só Sandy McGill, que ele via como uma imbecil arrogante de primeira. Só obteve estática no rádio, e claro que o celular não tinha serviço ali naquele cu de mundo.

Pegou a lanterna de cabo comprido e saiu, mais para esticar as pernas do que por outro motivo; não havia nada a ser feito ali. Era a tarefa de um tolo, e o tolo era ele. Um vento forte soprava, um bafo quente que seria o melhor amigo de um incêndio na floresta. Havia um bosque de choupos em volta de uma bomba de água velha. As folhas dançavam e se agitavam, as sombras se

espalhando pelo chão no luar.

Havia mais fita amarela na entrada do celeiro onde as roupas foram encontradas. Em sacos e a caminho de Cap City a essa altura, sem dúvida, mas ainda era sinistro pensar que Maitland tinha ido ali em algum momento depois de matar o garoto.

De certa forma, pensou Jack, *estou refazendo o caminho dele. Passei pelo ancoradouro onde ele tirou as roupas ensanguentadas, depois para o Gentlemen, Please. Ele foi do bar de strip para Dubrow, mas deve ter dado a volta e vindo para… cá.*

A porta aberta do celeiro era como uma boca escancarada. Hoskins não queria chegar perto, não ali no meio do nada e sozinho. Maitland estava morto e fantasmas não existiam, mas ele não queria chegar perto mesmo assim. Dessa forma, ele se obrigou a fazer exatamente isso, um passo após o outro, até conseguir apontar a lanterna para dentro.

Tinha alguém de pé nos fundos do celeiro.

Jack soltou um grito, esticou a mão para pegar a arma e percebeu que não estava com ela. A Glock estava no cofre Gardall que ele tinha na picape. Ele largou a lanterna. Inclinou-se e a pegou, sentindo a vodca na cabeça, não suficiente para deixá-lo bêbado, mas para deixá-lo tonto e com os pés bambos.

— Não se mova, eu sou policial! E estou armado!

Ele apontou a luz para os fundos do celeiro e deu uma gargalhada. Não havia homem nenhum, só a coalheira de um arreio antigo, quase arrebentada em dois pedaços.

Hora de sair daqui. Talvez parar no Gentlemen para mais uma bebida e depois para casa, direto para a c…

Havia alguém atrás dele, e não era ilusão. Ele via a sombra, comprida e fina. E… era uma respiração?

Em um segundo, ele vai me pegar. Preciso cair e rolar.

Só que Hoskins não conseguia. Estava paralisado. Por que não tinha dado meia-volta quando viu que o local estava vazio? Por que não tirou a arma do cofre? Por que saiu da picape, para início de conversa? Jack de repente entendeu que ia morrer no final de uma estrada de terra no município de Canning.

Foi nesse momento que ele foi tocado. Acariciado na nuca por uma mão tão quente quanto uma compressa. Tentou gritar e não conseguiu. Seu peito estava fechado como a Glock no cofre. Agora, outra mão se juntaria à

primeira, e o sufocamento começaria.

Só que a mão se afastou. Mas não os dedos. Eles se moviam para a frente e para trás, de leve, só as pontas, brincando na pele dele e deixando rastros de calor.

Jack não sabia quanto tempo ficou parado ali, sem conseguir se mexer. Podiam ter sido vinte segundos, podiam ter sido dois minutos. O vento soprou, desgrenhando seu cabelo e lhe acariciando o pescoço como os dedos. As sombras dos choupos tremiam na terra e no mato como peixes fugidios. A pessoa (ou a coisa) estava atrás dele, a sombra comprida e fina. Tocando e acariciando.

De repente, tanto a ponta dos dedos quanto a sombra sumiram.

Jack se virou, e dessa vez o grito saiu, longo e alto, quando a parte de trás do casaco dele voou no vento e estalou. Ele olhou para…

Nada.

Apenas algumas construções abandonadas e menos de meio hectare de terra.

Não tinha ninguém lá. Ninguém tinha estado lá. Ninguém no celeiro; só uma coalheira arrebentada. Não houve dedos na nuca suada dele; apenas o vento. Ele voltou para a picape a passos largos, olhando para trás uma, duas, três vezes. Entrou e se encolheu quando uma sombra gerada pelo vento apareceu no retrovisor, depois ligou o motor. Dirigiu pela estrada de terra a oitenta quilômetros por hora, passando pelo antigo cemitério e pelo rancho abandonado, sem parar na fita amarela dessa vez, mas simplesmente dirigindo por cima. Entrou na rodovia 79 cantando pneus e seguiu na direção de Flint City. Quando passou pelo limite da cidade, já tinha se convencido de que nada acontecera no celeiro abandonado. O latejamento na base da nuca dele também não queria dizer nada.

Nada mesmo.

AMARELO
21-22 DE JULHO

1

Às dez horas da manhã de domingo, o O'Malley's Irish Spoon estava o mais perto de deserto que poderia ficar. Havia dois velhos esquisitos sentados na parte da frente com canecas de café e um tabuleiro de xadrez entre eles. A única garçonete estava olhando hipnotizada para uma pequena televisão acima da bancada, que exibia um comercial. O item à venda parecia ser um tipo de taco de golfe.

Yunel Sablo estava sentado a uma mesa perto dos fundos, usando uma calça jeans surrada e uma camiseta apertada o bastante para exibir sua musculatura admirável (Ralph não tinha uma musculatura admirável desde 2007, mais ou menos). Ele também olhava para a televisão, mas quando viu Ralph, levantou a mão e o chamou.

Quando ele se sentou, Yune disse:

— Não sei por que a garçonete está tão interessada naquele taco.

— Mulheres não jogam golfe? Em que tipo de mundo masculino chauvinista você vive, meu amigo?

— Sei que mulheres jogam golfe, mas aquele taco em particular é oco. A ideia é que, se você ficar com vontade de ir ao banheiro no décimo quarto buraco, pode mijar dentro dele. Vem até com um aventalzinho para você cobrir as partes. Uma coisa assim não funcionaria para uma mulher.

A garçonete chegou para anotar o pedido. Ralph pediu ovos mexidos e torrada de centeio, olhando para o cardápio e não para ela; do contrário, ele ia cair na gargalhada. Foi uma vontade com a qual não esperava lutar naquela manhã, e uma risadinha espremida escapou da sua boca de qualquer forma. Pensar no avental o fez perder o controle.

A garçonete não precisou ler mentes.

— É, pode ter um lado engraçado — disse ela. — A não ser que o seu marido seja louco por golfe e tenha a próstata do tamanho de uma laranja e você não sabe o que dar para ele de aniversário.

Ralph encarou Yune, e isso fez os dois caírem na gargalhada. Ambos começaram a dar risadas altas, que fez os jogadores de xadrez olharem para

eles com reprovação.

— Você vai pedir alguma coisa, querido — perguntou a garçonete a Yune — ou só vai beber café e rir do Comfort Nine Iron?

Yune pediu *huevos rancheros*. Quando ela foi embora, ele falou:

— Que mundo estranho este, cheio de coisas estranhas. Não acha?

— Considerando o que viemos conversar, tenho que concordar. O que houve de estranho lá em Canning?

— Muita coisa.

Yune estava com uma bolsa de couro, o tipo de coisa que Ralph ouvira Jack Hoskins chamar (de forma depreciativa) de bolsa masculina. De dentro, tirou um iPad Mini com uma capa surrada que já tinha andado muito por aí. Ralph via mais e mais agentes com dispositivos assim, e achava que até 2020, 2025 no máximo, poderiam acabar substituindo o tradicional caderninho. Bom, o mundo seguia em frente. Ou você ia junto, ou ficava para trás. De modo geral, ele preferiria ganhar um aparelhinho daqueles de aniversário a um Comfort Nine Iron.

Yune clicou em alguns botões e abriu as suas anotações.

— Um garoto chamado Douglas Elfman encontrou roupas abandonadas no fim da tarde de ontem. Reconheceu a fivela de cinto de cabeça de cavalo de uma notícia de televisão. Ligou para o pai, que fez contato com a Polícia Estadual na mesma hora. Cheguei lá com a van pericial por volta das 17h45. A calça jeans, quem vai saber, calças jeans praticamente crescem em árvores, mas reconheci a fivela do cinto na mesma hora. Veja você mesmo.

Ele clicou na tela de novo, e um close da fivela apareceu. Ralph não tinha dúvida de que era a mesma que Terry estava usando nas imagens de segurança do centro de transportes Vogel, em Dubrow.

Falando consigo mesmo tanto quanto com Yune, Ralph disse:

— Certo, mais um elo na corrente. Ele larga a van atrás do Shorty’s Pub. Pega o Subaru. Deixa esse veículo perto da Ponte de Ferro, veste roupas limpas…

— Uma calça jeans 501, uma cueca Jockey, meias brancas esportivas e um par de tênis bem caro. Além do cinto com a fivela espalhafatosa.

— Aham. Depois de vestir roupas sem sangue, pega um táxi do Gentlemen, Please até Dubrow. Mas quando chegou à estação, não pegou o trem. Por quê?

— Talvez estivesse tentando deixar um rastro falso, e, nesse caso, voltar foi parte do plano o tempo todo. Ou… tenho uma ideia maluca. Quer ouvir?

— Claro — disse Ralph.

— Acho que Maitland *pretendia* fugir. Pretendia pegar o trem Dallas-Fort Worth e depois seguir em frente. Talvez para o México, talvez para a Califórnia. Por que ia querer ficar em Flint City depois de matar o garoto Peterson se sabia que pessoas o viram? Só que…

— Só que o quê?

— Só que ele não conseguia ir embora com o jogo importante chegando. Queria preparar o time para mais uma vitória. Levá-los até a final.

— Essa é mesmo uma ideia maluca.

— Loucura maior do que matar o garoto?

Yune o pegou naquela, mas Ralph foi poupado da necessidade de responder com a chegada da comida. Assim que a garçonete se afastou, ele perguntou:

— Digitais na fivela do cinto?

Yune mexeu no iPad e mostrou a Ralph outro close da cabeça do cavalo. Nessa imagem, o brilho prateado da fivela estava ofuscado por pó branco de digitais. Ele conseguia ver várias digitais sobrepostas, como pegadas em um daqueles diagramas antigos para aprender a dançar.

— A unidade pericial tinha as amostras de Maitland no computador — disse Yune —, e o programa verificou na mesma hora que elas correspondiam. Mas a primeira coisa estranha é a seguinte, Ralph. As linhas e espirais nas digitais da fivela são fracas e foram interrompidas em alguns pontos. O suficiente para uma correspondência aceitável em um tribunal, mas o técnico que fez o trabalho, que já fez a mesma coisa milhares de vezes, disse que pareciam ser as digitais de uma pessoa velha. De oitenta ou até noventa anos. Perguntei se podia ser porque Maitland estava agindo rápido, querendo trocar logo de roupa e sair de lá. O técnico disse que era possível, mas percebi pelo rosto dele que não achava que fosse isso.

— Hum — disse Ralph, e começou a comer os ovos. O apetite dele, como a explosão repentina de gargalhadas por conta do taco de golfe com dupla utilidade, foi uma boa surpresa. — Isso *é* estranho, mas não substancial.

E ele se questionou por quanto tempo continuaria ignorando as anormalidades que ficavam aparecendo naquele caso, classificando-as como não substanciais?

— Havia outro conjunto de digitais — disse Yune. — Também estavam borradas, borradas demais para o técnico se dar ao trabalho de enviar para a base de dados nacional do FBI, mas ele tinha todas as digitais espalhadas pela

van, e essas outras na fivela… veja o que acha.

Ele passou o iPad para Ralph. Havia dois conjuntos de digitais, um intitulado SUJEITO DESCONHECIDO VAN e o outro SUJEITO DESCONHECIDO FIVELA. Eram parecidas, mas nem tanto. Nunca se sustentariam em um tribunal como prova de nada, principalmente se um advogado de defesa buldogue como Howie Gold as questionasse. Ralph, porém, não estava no tribunal, e achava que o mesmo sujeito desconhecido era dono das duas, porque batia com o que ele ouvira de Marcy Maitland na noite anterior. Não era uma correspondência perfeita, mas chegava perto o suficiente para um detetive de licença administrativa que não precisava apresentar tudo para os seus superiores… nem para um promotor público determinado a ser reeleito.

Enquanto Yune comia seus *huevos rancheros*, Ralph contou sobre a reunião que teve com Marcy, guardando uma coisa para depois.

— A questão está toda na van — concluiu ele. — A perícia pode achar algumas digitais do garoto que a roubou…

— Já achou. Pegamos as digitais de Merlin Cassidy com a polícia de El Paso. O técnico do computador achou a correspondência com algumas das digitais na van, principalmente na caixa de ferramentas, que Cassidy deve ter aberto para ver se havia alguma coisa valiosa dentro. São claras e não são essas. — Ele voltou para as digitais borradas do SUJEITO DESCONHECIDO, tanto as com a legenda VAN quanto as com a legenda FIVELA.

Ralph se inclinou para a frente e empurrou o prato para o lado.

— Você vê como encaixa, não? Nós sabemos que não foi Terry que roubou a van em Dayton porque os Maitland voltaram para casa de avião. Mas, se as digitais borradas da van e as da fivela forem *mesmo* iguais…

— Você acha que ele teve um cúmplice, no fim das contas. Que trouxe a van de Dayton para Flint City.

— Só pode ser — disse Ralph. — Não tem outra forma de explicar.

— Um que era idêntico a ele?

— Isso de novo — disse Ralph, e suspirou.

— E os dois conjuntos de digitais estavam na fivela — falou Yune. — O que quer dizer que Maitland e o sósia dele usaram o mesmo cinto, talvez as mesmas roupas. Bom, elas caberiam, não é? Irmãos gêmeos separados no nascimento. Só que os registros dizem que Terry Maitland era filho único.

— O que mais você tem? Alguma coisa?

— Sim. Agora chegamos na porra realmente esquisita. — Ele puxou a cadeira e se sentou ao lado de Ralph. A imagem na tela do iPad mostrava um

close da calça jeans, das meias, da cueca e dos tênis, todos em uma pilha desorganizada, ao lado de um marcador de provas com o número 1. — Está vendo as manchas?

— Estou. Que *merda* é essa?

— Não sei — disse Yune. — E o pessoal da perícia também não sabe, mas um deles disse que parecia porra, e acho que concordo. Não dá para ver direito na foto, mas…

— *Sêmen?* Você está de brincadeira?

A garçonete voltou. Ralph virou a tela do iPad para baixo.

— Algum dos cavalheiros quer mais café?

Os dois aceitaram. Quando ela se afastou, Ralph voltou para a foto das roupas, abrindo os dedos sobre a tela para alargar a imagem.

— Yune, tem na virilha da calça jeans, nas duas pernas, na barra…

— Na cueca e nas meias também — disse Yune. — Isso sem mencionar nos tênis, em cima dos dois e dentro, seco a ponto de rachar, como cerâmica. Deve haver quantidade suficiente, seja lá do que for, para encher um Comfort Nine Iron.

Ralph não riu.

— Não pode ser sêmen. Nem John Holmes no seu melhor momento…

— Eu sei. E sêmen não faz isso.

Ele mexeu na tela. A nova imagem era uma visão ampla do piso do celeiro. Outro marcador de provas, este com o número 2, fora colocado ao lado de uma pilha de feno solto. Pelo menos Ralph achava que era feno. Do outro lado da foto, o marcador de provas número 3 repousava em cima de um fardo meio desmoronado que parecia estar ali havia muito, muito tempo. A maior parte estava preta. A lateral do fardo também estava preta, como se uma gosma corrosiva tivesse escorrido por ela até o chão.

— É a mesma coisa? — perguntou Ralph. — Tem certeza?

— Noventa por cento. E tem mais na parte de cima do celeiro. Se for sêmen, seria uma emissão noturna digna do *Guinness Book of Records.*

— Não pode ser — disse Ralph em voz baixa. — É outra coisa. Primeiro que sêmen não deixaria o feno preto. Não faz sentido.

— Nem para mim, mas claro que sou apenas o filho de uma família fazendeira mexicana pobre.

— Mas a perícia está analisando.

Yune assentiu.

— Agora mesmo.

— E você vai me contar.

— Vou. Entende o que quis dizer quando falei que as coisas só estão ficando mais estranhas?

— Jeannie chamou de inexplicável. — Ralph limpou a garganta. — Na verdade, chegou a usar a palavra *sobrenatural*.

— Minha Gabriela sugeriu a mesma coisa — falou Yune. — Talvez seja uma coisa de mulher. Ou uma coisa mexicana.

Ralph ergueu as sobrancelhas.

— *Sí*, *señor* — disse Yune, e riu. — A mãe da minha esposa morreu jovem, e ela foi criada pela *abuela*. A velha encheu a cabeça dela de lendas. Quando estava conversando sobre essa confusão com ela, Gaby me contou uma coisa sobre o bicho-papão mexicano. Em teoria, ele era um sujeito morrendo de tuberculose, sabe, e um velho sábio que morava no deserto, um *ermitaño*, disse que ele encontraria a cura bebendo o sangue de crianças e esfregando a gordura delas no peito e nas partes íntimas. Foi isso que esse bicho-papão fez, e agora ele vive para sempre. Mas ele só devia pegar crianças que se comportam mal. Ele as enfia em uma bolsa preta grande que carrega. Gaby me contou que, quando era pequena, com uns sete anos, teve um ataque de gritos quando o médico foi na casa dela ver seu irmão, que estava com escarlatina.

— Porque o médico tinha uma bolsa preta.

O rapaz assentiu.

— Qual era mesmo o nome do bicho-papão? Está na ponta da língua, mas não consigo lembrar. Você não odeia quando isso acontece?

— Então é isso que acha que temos aqui? O bicho-papão?

— Não. Posso ser filho de uma família fazendeira mexicana pobre, ou até mesmo o filho de um vendedor de carros de Amarillo, mas, seja como for, não sou *atontado*. Um homem matou Frank Peterson, tão mortal quanto você e eu, e é quase certo que esse homem tenha sido Terry Maitland. Se pudéssemos descobrir o que aconteceu, tudo se encaixaria, e eu poderia voltar a dormir a noite toda. Porque isso está me deixando louco. — Ele olhou para o relógio. — Tenho que ir. Prometi à minha esposa que a levaria a uma feira de artesanato em Cap City. Mais alguma pergunta? Você deve ter pelo menos uma, porque tem mais uma coisa estranha na sua cara.

— Havia marcas de pneus no celeiro?

— Não era nisso que eu estava pensando, mas na verdade sim. Não muito úteis, no entanto. Dá para ver as marcas e tem um pouco de óleo, mas

nenhuma clara o suficiente para fazer uma comparação. Meu palpite é que foram feitas pela van que Maitland usou para sequestrar o garoto. Não eram próximas o bastante para terem sido feitas pelo Subaru.

— Aham. Escuta, você tem todos os depoimentos das testemunhas no seu aparelhinho mágico aí, não tem? Antes de ir, procure o depoimento de Claude Bolton. Ele é leão de chácara no Gentlemen, Please. Apesar de não ter gostado dessa palavra, pelo que lembro.

Yune abriu um arquivo, balançou a cabeça, abriu outro e entregou o iPad para Ralph.

— Desça um pouco.

Ralph fez isso, passou do que queria ver e enfim centralizou na parte certa.

— Aqui está. Bolton disse: "Me lembrei de outra coisa, não é nada de mais, mas é meio sinistro se foi ele mesmo que matou o garoto". Ele falou que o cara o cortou. Quando perguntei o que queria dizer com aquilo, Bolton disse que agradeceu a Maitland por trabalhar com os sobrinhos do seu amigo e apertou a mão dele. Quando fez isso, a unha do mindinho de Maitland roçou nas costas da mão do segurança do bar. Fez um cortezinho. Ele disse que lembrou sua época de drogas, porque alguns motoqueiros com quem andava deixavam a unha do mindinho crescer para alinhar a cocaína. Pelo visto, era coisa de moda.

— E por que isso é importante? — Yune olhou para o relógio de novo, de forma um tanto exagerada.

— Não deve ser. Deve ser…

Ele não ia repetir *não substancial*. Estava gostando menos da palavra cada vez que saía da sua boca.

— Não deve ser nada de importante, mas é o que a minha esposa chama de convergência. Terry sofreu um corte parecido quando foi visitar o pai na ala para idosos dementes em Dayton. — Ralph contou de maneira resumida a história sobre o escorregão do funcionário e que ele tentou se segurar em Terry, cortando-o no processo.

Yune pensou na questão e deu de ombros.

— Acho que é pura coincidência. E tenho mesmo que ir se não quero despertar a Fúria de Gabriela, mas ainda tem uma coisa que você deixou passar, e não estou falando das marcas de pneus. Seu amigo Bolton até menciona. Desça um pouco que vai encontrar.

Mas Ralph não precisava. Estava bem na sua frente.

— Calça, cueca, meias e tênis… mas nenhuma camisa.

— Isso — disse Yune. — Ou era a favorita dele, ou ele não tinha outra para trocar quando saiu do celeiro.

2

Na volta para Flint City, Ralph finalmente descobriu o que o estava incomodando na alça do sutiã.

Ele parou no estacionamento de uma Byron’s Liquor Warehouse e apertou a discagem automática. A ligação foi direto para a caixa postal de Yune. Ralph desligou sem deixar mensagem. Yune já estava longe; ele que tivesse seu fim de semana. E agora que tinha tempo para pensar, Ralph decidiu que era uma convergência que não queria compartilhar com ninguém, exceto talvez com a esposa.

A alça do sutiã não foi a única coisa amarela que ele viu durante os momentos de atenção elevada antes de Terry levar o tiro; era só o dublê oferecido pelo seu cérebro para algo que era parte de uma galeria maior de coisas grotescas e que foi ofuscada por Ollie Peterson, que tinha tirado o revólver antigo da bolsa apenas segundos depois. Não era surpreendente aquilo ter se perdido.

O homem com as queimaduras horríveis no rosto e as tatuagens nas mãos estava usando uma bandana amarela, talvez para cobrir mais cicatrizes. Mas era *mesmo* uma bandana? Não podia ser outra coisa? A camisa desaparecida, por exemplo? A que Terry tinha usado na estação de trem?

Estou chegando, ele pensou, e talvez estivesse… exceto que o seu subconsciente (os pensamentos por trás dos pensamentos) estava gritando isso o tempo todo.

Ele fechou os olhos e tentou evocar com exatidão o que viu naqueles últimos segundos de vida de Terry. A cara feia da âncora loura quando olhou para os dedos ensanguentados. O cartaz com a seringa que dizia MAITLAND TOMA SEU REMÉDIO. O garoto com lábio leporino. A mulher inclinada para a frente mostrando o dedo do meio para Marcy. E o homem queimado que parecia que Deus tinha usado uma borracha gigante em boa parte das suas feições, deixando só caroços, pele rosada e buracos onde havia um nariz antes de o fogo ter feito tatuagens no rosto dele bem piores do que as que ele tinha nas mãos. E o que Ralph viu naquele momento de lembrança não foi uma bandana na cabeça do homem, mas uma coisa bem maior, uma coisa que caía até os ombros, como um lenço grande.

Sim, essa coisa podia ser uma camisa… mas, mesmo que fosse, significava

que era *a* camisa? A que Terry estava usando na filmagem de segurança? Havia alguma forma de descobrir?

Ele achava que sim, mas precisava convocar Jeannie, que entendia bem mais de computadores do que ele. Além disso, talvez tivesse chegado a hora de parar de ver Howard Gold e Alec Pelley como inimigos. *Pode ser que a gente esteja do mesmo lado*, dissera Pelley na noite anterior, parado na frente da casa dos Maitland, e talvez fosse verdade. Ou pudesse ser.

Ralph engrenou o carro e seguiu para casa, chegando ao limite de velocidade durante todo o caminho.

3

Ralph e a esposa estavam sentados à mesa da cozinha com o laptop de Jeannie na frente. Havia quatro estações de TV em Cap City, uma para cada uma das grandes redes, e o Canal 81, o canal público que transmitia notícias locais, reuniões da câmara dos deputados e vários assuntos comunitários (como o discurso de Harlan Coben em que Terry apareceu como um convidado improvável). Todas as cinco estações estavam no fórum no dia da denúncia de Terry, todas as cinco filmaram o tiroteio, e todas tinham ao menos algumas imagens das pessoas. Quando os tiros começaram, as câmeras se viraram para Terry, claro; Terry sangrando pela lateral do rosto e empurrando a esposa para longe da linha de fogo, depois caindo na rua quando a bala o acertava. As imagens da CBS sumiam antes disso acontecer, porque foi essa câmera que a bala de Ralph acertou, destruindo-a e cegando um olho do operador.

Após terem assistido a cada filmagem duas vezes, Jeannie se virou para ele, os lábios bem apertados. Ela não disse nada. Não precisava.

— Coloque a do Canal 81 de novo — pediu Ralph. — A câmera ficou meio perdida depois que os tiros começaram, mas eles tiveram as melhores imagens das pessoas na rua antes.

— Ralph. — Ela tocou no braço dele. — Você está b…

— Estou. Estou ótimo. — Ele não estava. Sentia como se o mundo estivesse fora do prumo e que ele talvez acabasse escorregando pela beirada. — Passe de novo, por favor. Sem som. Os comentários do repórter me distraem.

Ela fez como ele pediu, e os dois assistiram. Cartazes sendo balançados. Pessoas gritando sem som, as bocas se abrindo e fechando como peixes fora da água. Em determinado ponto, a câmera virou rápido pela rua, não a tempo

de pegar o homem que cuspiu no rosto de Terry, mas a tempo de mostrar Ralph derrubando o arruaceiro, fazendo parecer um ataque não provocado. Ele viu Terry ajudar o cuspidor a se levantar (*como uma coisa saída da porra da Bíblia*, Ralph se lembrava de ter pensado), e então a câmera voltou para a multidão. Ele viu os meirinhos, o rapaz gorducho, a moça magrela, se esforçando para deixar a escada livre. Viu a âncora loura do Canal 7 se levantando, ainda olhando sem acreditar para os dedos ensanguentados. Viu Ollie Peterson com a bolsa-carteiro e algumas mechas de cabelo ruivo aparecendo embaixo do gorro, a poucos segundos de se tornar o astro do show. Viu o garoto com o lábio leporino, o câmera do Canal 81 parando com a imagem por tempo suficiente para registrar o rosto de Frank Peterson na camiseta do garoto antes de se mover mais…

— Pare — disse ele. — Pare, pare bem aí.

Jeannie parou, e eles olharam para a imagem, um pouco borrada por causa do movimento rápido do câmera tentando pegar um pouco de tudo.

Ralph bateu na tela.

— Está vendo esse cara balançando o chapéu de caubói?

— Sim.

— O homem queimado estava ao lado dele.

— Certo — disse ela… mas com um tom estranho e nervoso na voz que Ralph não se lembrava de jamais ter ouvido sair dela.

— Eu juro que vi. Eu o vi, parecia que eu estava em uma viagem de LSD ou mescalina, sei lá, e eu vi *tudo*. Passe as outras de novo. Essa é a melhor da multidão, mas a da afiliada da FOX não estava ruim, e…

— Não. — Ela apertou o botão de desligar e fechou o laptop. — O homem que você viu não está em nenhuma filmagem, Ralph. Sabe disso tão bem quanto eu.

— Você acha que estou maluco? É isso? Acha que estou tendo um… você sabe…

— Um colapso? — A mão dela estava em seu braço de novo, agora apertando com delicadeza. — Claro que não. Se você diz que o viu, você viu. Se acha que ele estava usando aquela camisa como uma espécie de proteção contra o sol, ou lenço de cabeça, sei lá, ele devia estar. Você teve um mês ruim, talvez o pior da sua vida, mas confio nos seus poderes de observação. É só que… você deve perceber agora…

Ela parou de falar. Ele esperou. Enfim, ela seguiu em frente.

— Tem algo muito errado nisso tudo, e quanto mais você descobre, mais

errado fica. Me assusta. A história que Yune contou me assusta. É basicamente uma história de vampiros, não é? Li *Drácula* no ensino médio, e uma coisa de que me lembro é que vampiros não geram reflexo em espelhos. E é provável que uma coisa que não gera reflexo também não apareceria em filmagens de televisão.

— Isso é loucura. Não existem fantasmas, bruxas ou vamp…

Ela bateu com a mão aberta na mesa, um som seco de tiro que o fez pular. Os olhos dela estavam furiosos, faiscando.

— Acorda, Ralph! Acorda para o que está bem na sua frente! *Terry Maitland estava em dois lugares ao mesmo tempo!* Se parar de tentar achar uma forma de explicar isso e aceitar…

— Não posso fazer isso, querida. Vai contra tudo em que acreditei a vida toda. Se permitir que uma coisa dessas entre na minha vida, aí eu ficaria maluco de verdade.

— Ficaria nada. Você é forte demais para isso. Mas você nem precisa considerar a ideia, é isso que estou tentando dizer. Terry está morto. Você pode deixar pra lá.

— E se eu fizer isso e não for Terry quem matou Frank Peterson? Como Marcy fica? Como as filhas dela ficam?

Jeannie se levantou, andou até a janela acima da pia e olhou para o quintal. Suas mãos estavam apertadas.

— Derek ligou de novo. Ele continua querendo voltar para casa.

— O que disse para ele?

— Para ficar até o final da temporada, no meio do mês que vem. Apesar de eu adorar a ideia de ter ele em casa. Eu consegui convencê-lo, e sabe por quê? — Ela se virou. — Porque não quero o meu filho nesta cidade enquanto você ainda estiver revirando essa confusão. Porque, quando escurecer hoje, vou ficar com medo. E se *for* mesmo alguma criatura sobrenatural, Ralph? E se essa coisa descobrir que você está atrás dela?

Ralph a tomou nos braços. Sentia que ela estava tremendo. Pensou: *Uma parte dela acredita mesmo nisso.*

— Yune me contou a história, mas ele acha que o assassino é um homem comum. E eu também.

Com o rosto no peito dele, a mulher disse:

— Então por que o homem com o rosto queimado não aparece em nenhuma filmagem?

— Não sei.

— Eu me importo com Marcy, claro que sim. — Ela levantou o rosto, e ele viu que a esposa estava chorando. — E me importo com as meninas. E me importo com *Terry*, para falar a verdade… e com os Peterson… mas me importo mais com você e Derek. Vocês são tudo que tenho. Não dá para deixar isso para lá? Terminar sua licença, ir ao psicólogo e virar essa página?

— Não sei — respondeu ele, mas na verdade sabia. Só não queria dizer para Jeannie enquanto tudo estava tão estranho. Ele não podia virar a página.

Ainda não.

4

Naquela noite, ele estava sentado à mesa de piquenique no quintal, fumando um Tiparillo e olhando para o céu. Não havia estrelas, mas ainda dava para ver a lua por trás das nuvens que estavam chegando. A verdade costumava ser assim, ele pensou: um círculo de luz indistinto atrás de nuvens. Às vezes, aparecia; às vezes, as nuvens se adensavam, e a luz sumia por completo.

Uma coisa era certa: quando a noite caía, o homem magrelo e tuberculoso do conto de fadas de Yune Sablo se tornava mais plausível. Não *crível*, Ralph não conseguia acreditar em uma criatura assim tanto quanto não acreditava no Papai Noel, mas conseguia visualizá-la: uma versão de pele mais escura do Slender Man, a assombração das garotas pré-adolescentes americanas. Ele seria alto e sério, usando um terno preto, o rosto como uma lâmpada, carregando uma bolsa grande o suficiente para caber uma criança pequena com os joelhos puxados para perto do peito. De acordo com Yune, o bicho-papão mexicano prolongava a própria vida bebendo sangue de crianças e esfregando a gordura delas no corpo… e embora isso não fosse exatamente o que aconteceu com o garoto Peterson, chegava bem perto. Seria possível que o assassino, talvez Maitland, talvez o sujeito desconhecido das digitais borradas, achasse mesmo que *era* um vampiro ou outro ser sobrenatural? Jeffrey Dahmer não acreditava que estava criando zumbis quando matou todos aqueles homens sem-teto?

Nada disso aborda a questão de por que o homem queimado não está nas filmagens.

Jeannie o chamou.

— Venha para dentro, Ralph. Vai chover. Você pode fumar essa coisa fedida na cozinha se for mesmo necessário.

Não é por isso que você quer que eu entre, pensou Ralph. *Quer que eu entre porque em parte não consegue deixar de pensar que o monstro do Yune*

está se esgueirando por aqui, fora do alcance das luzes do nosso quintal.

Ridículo, claro, mas ele era capaz de entender a inquietação dela. Também a sentia. O que Jeannie dissera? *Quanto mais você descobre, mais errado fica.*

Ralph entrou, apagou o Tiparillo na água da torneira da cozinha e pegou o celular no carregador. Quando Howie atendeu, ele disse:

— Você e o sr. Pelley podem vir aqui amanhã? Tenho várias coisas para contar, e algumas são inacreditáveis. Venham almoçar. Vou ao Rudy’s comprar uns sanduíches.

Howie concordou na hora. Ele desligou e viu Jeannie na porta, olhando para o marido com os braços cruzados sobre o peito.

— Não consegue deixar pra lá?

— Não, querida. Não consigo. Desculpe.

Ela suspirou.

— Vai tomar cuidado?

— Vou prosseguir com o máximo de cautela.

— É melhor mesmo, ou eu vou prosseguir com você *sem* cautela nenhuma. E não precisa comprar sanduíches no Rudy’s. Eu preparo alguma coisa.

5

O domingo estava chuvoso, então eles se reuniram em volta da pouco usada mesa de jantar dos Anderson: Ralph, Jeannie, Howie e Alec. Yune Sablo, em casa em Cap City, se juntou a eles pelo laptop de Howie Gold, via Skype.

Ralph começou recapitulando as coisas que todos sabiam e se virou para Yune, que contou a Howie e Alec sobre o que foi encontrado no celeiro. Quando terminou, o advogado disse:

— Nada disso faz sentido. Na verdade, está a uns quatro fusos horários de fazer sentido.

— Essa pessoa estava dormindo lá, em um celeiro abandonado? — Alec perguntou a Yune. — Se escondendo? É isso que você acha?

— É a suposição do momento — respondeu Yune.

— Se for isso mesmo, não pode ter sido Terry — falou Howie. — Ele passou o sábado todo na cidade. Levou as filhas à piscina municipal naquela manhã e passou a tarde no parque Estelle Barga, preparando o campo. Como treinador do time da casa, era responsabilidade dele. Havia muitas testemunhas nos dois lugares.

— E do sábado até a segunda — disse Alec —, ele estava trancado na

cadeia do condado. Como você bem sabe, Ralph.

— Há todo tipo de testemunha do paradeiro de Terry durante quase todos os momentos — concordou Ralph. — Essa sempre foi a raiz do problema, mas deixem a questão de lado por um minuto. Quero mostrar uma coisa. Yune já viu; ele repassou as imagens hoje de manhã. Mas eu perguntei uma coisa ao detetive *antes* de ele assistir, e agora quero perguntar a vocês. Algum de vocês reparou em um homem bastante desfigurado lá no fórum? Ele estava com alguma coisa na cabeça, mas não vou dizer agora o que era. Algum de vocês viu?

Howie respondeu que não. Sua atenção estava voltada para o seu cliente e a esposa dele. Mas com Alec Pelley foi diferente.

— Eu vi, sim. Parecia que tinha se queimado em um incêndio. E o que ele estava usando na cabeça… — Ele parou e arregalou os olhos.

— Continue — disse Yune da sala da casa dele em Cap City. — Bota pra fora, cara. Vai se sentir melhor.

Alec estava massageando as têmporas, como se estivesse com dor de cabeça.

— Na hora achei que era uma bandana ou um lenço. Sabe como é, porque o cabelo dele tinha pegado fogo no incêndio e não crescia mais por causa das cicatrizes, e ele não queria que o sol lhe queimasse o crânio. Só que podia ser uma camisa. A que não estava no celeiro, é nisso que está pensando? A que Terry estava usando nas imagens de segurança da estação de trem?

— Você acabou de ganhar um prêmio — falou Yune.

Howie estava olhando para Ralph com a testa franzida.

— Ainda está tentando jogar a culpa disso em Terry?

Jeannie falou pela primeira vez.

— Ele só está tentando descobrir a verdade… o que não tenho certeza se é a melhor ideia, na verdade.

— Assista a isso, Alec — disse Ralph. — E aponte onde está o homem queimado.

Ralph passou a filmagem do Canal 81, a da FOX, e depois, a pedido de Alec (o homem agora estava inclinado tão perto do laptop de Jeannie que o nariz estava quase tocando a tela), a filmagem do Canal 81 mais uma vez. Por fim, ele se encostou.

— Ele não está lá. O que é impossível.

Yune disse:

— Ele estava ao lado do homem balançando o chapéu de caubói, certo?

— Acho que sim — disse Alec. — Ao lado dele e acima da repórter loura que levou uma porrada de um cartaz no nariz. Vejo tanto a repórter quanto o cara com o cartaz… mas não o vejo. Como é possível?

Ninguém respondeu.

Howie disse:

— Vamos voltar para as digitais por um minuto. Quantas diferentes têm na van, Yune?

— A perícia acha que umas seis.

O advogado grunhiu.

— Calma. Eliminamos pelo menos quatro: do fazendeiro de Nova York que era dono da van, do filho mais velho do fazendeiro, que às vezes a dirigia, do garoto que a roubou e de Terry Maitland. Resta um conjunto claro de digitais que não identificamos, que pode ser de um amigo do fazendeiro ou de algum dos seus filhos menores, brincando lá dentro, e o conjunto borrado.

— As mesmas que vocês encontraram na fivela do cinto.

— Provavelmente, mas não dá para ter certeza. Há algumas linhas e espirais visíveis nela, mas nenhum ponto claro de identificação que é necessário para que seja aceita como prova quando um caso vai a tribunal.

— Certo, entendi. Então vou fazer uma pergunta a vocês, cavalheiros. Não é possível que um homem que tenha se queimado muito, as mãos também, além do rosto, pudesse deixar digitais assim? Borradas a ponto de serem irreconhecíveis?

— É — disseram Yune e Alec ao mesmo tempo, as vozes quase se sobrepondo por causa do breve atraso na transmissão.

— O problema disso — disse Ralph — é que o homem queimado no fórum tinha tatuagens nas mãos. Se as pontas dos dedos foram queimadas, as tatuagens também não teriam sido queimadas?

Howie balançou a cabeça.

— Não necessariamente. Se eu estiver pegando fogo, posso usar as mãos para tentar apagar, mas não faço isso com as costas delas, não é? — O homem começou a bater no peito para demonstrar. — Faço isso com a palma das mãos.

Houve um momento de silêncio. E então, com voz baixa e quase inaudível, Alec Pelley disse:

— O cara queimado estava lá. Eu juraria com a mão em cima de uma pilha de Bíblias.

Ralph disse:

— É de presumir que a Unidade Pericial da Polícia Estadual vai analisar a substância do celeiro que deixou o feno preto, mas tem alguma coisa que a gente possa fazer enquanto isso? Estou aberto a sugestões.

— Voltemos a Dayton — disse Alec. — Nós sabemos que Maitland estava lá, e sabemos que a van também estava. Pelo menos algumas das respostas podem estar lá também. Eu não posso ir, tenho muitos compromissos no momento, mas conheço um cara bom. Vou fazer uma ligação para ver se ele está disponível.

Eles pararam por aí.

6

Grace Maitland, de dez anos, dormia mal desde o assassinato do pai, e o pouco de sono que conseguia ter era assombrado por pesadelos. Naquela tarde de domingo, todo o cansaço se abateu sobre ela. Enquanto a mãe e a irmã faziam um bolo na cozinha, Grace subiu para o andar de cima e se deitou na cama. Apesar de o dia estar chuvoso, havia bastante luz, o que era bom. A escuridão a assustava agora. No andar de baixo, ela ouvia a mãe e Sarah conversando. Isso também era bom. Grace fechou os olhos, e apesar de parecer ter se passado só um momento até ela os abrir de novo, deviam ter sido horas, porque a chuva estava caindo com mais força agora e a luz estava cinzenta. O quarto dela estava cheio de sombras.

Tinha um homem sentado na cama olhando para ela. Ele usava calça jeans e camiseta verde. Havia tatuagens nas mãos dele, subindo pelos braços. Havia cobras, uma cruz, uma adaga e também um crânio. O rosto não parecia mais feito de massinha por uma criança desajeitada, mas ela o reconheceu mesmo assim. Era o homem que estava na janela do quarto de Sarah. Pelo menos, não tinha mais canudos nos olhos. Agora, tinha os olhos do pai dela. Grace os reconheceria em qualquer lugar. Ela se perguntou se aquilo estava acontecendo ou se era um sonho. Se era sonho, era melhor do que os pesadelos. Um pouco, pelo menos.

— Papai?

— Claro — disse o homem. A camiseta verde mudou para a camisa de jogo do Golden Dragons, e ela soube que era um sonho, afinal. Em seguida, a camisa virou uma coisa branca tipo um avental, e voltou a ser a camiseta verde. — Eu te amo, Grace.

— Ele não fala assim — falou Grace. — Você está imitando ele errado.

O homem se inclinou para perto dela. A menina se encolheu, os olhos grudados nos do pai. Eram melhores do que a voz que disse eu te amo, mas ainda não eram os dele.

— Quero que você vá embora — disse ela.

— Sei que quer, e as pessoas no inferno querem água gelada. Você está triste, Grace? Sente saudade do papai?

— *Sim!* — Ela começou a chorar. — Quero que vá *embora*! Esses não são os verdadeiros olhos do meu pai, você está só *fingindo*!

— Não espere solidariedade da minha parte — disse o homem. — Acho bom você estar triste. Espero que fique triste por muito tempo e chore. Wah-wah-*wah*, igual um bebê.

— Vá embora!

— O bebê quer mamadeira? O bebê fez xixi na fraldinha, ficou *molhada*? O bebê vai *cholar*?

— *Para!*

Ele recuou.

— Vou embora se você fizer uma coisa para mim. Você vai fazer uma coisa para mim, Grace?

— O que é?

Ele contou, e logo Sarah a estava sacudindo e dizendo para ela descer e comer bolo, ela tivera um sonho ruim, um pesadelo, e não precisava fazer *nada*, mas, se fizesse, talvez o sonho nunca mais voltasse.

Ela se obrigou a comer bolo, apesar de não estar com vontade, e quando mamãe e Sarah estavam sentadas no sofá vendo um filme meloso, Grace disse que não gostava de filmes de amor e que ia subir para jogar Angry Birds. Só que ela não fez isso. Foi até o quarto dos pais (só da mãe agora, e como aquilo era triste) e pegou o celular da mãe na cômoda. O policial não estava na lista de contatos, mas o sr. Gold estava. Ela ligou para ele, segurando o aparelho com as duas mãos para não tremer. Rezou para que ele atendesse, e ele atendeu.

— Marcy, o que foi?

— Não, é Grace. Estou usando o celular da minha mãe.

— Ah, oi, Grace. Que bom falar com você. Por que está ligando?

— Porque eu não sabia como ligar para o detetive. O que prendeu o meu pai.

— Por que você…

— Tenho um recado para ele. Um homem falou para mim. Sei que deve ter

sido sonho, mas estou ligando por garantia. Vou dizer para você, e você pode dizer para o detetive.

— Que homem, Grace? Quem deu o recado?

— A primeira vez que o vi, ele tinha canudos nos olhos. Ele diz que não vai voltar mais se eu passar o recado para o detetive Anderson. Ele tentou me fazer acreditar que tinha os olhos do meu pai, mas não conseguiu. O rosto dele está melhor, mas ele ainda é assustador. Não quero que ele volte, mesmo que seja só no sonho, então você pode dar o recado ao detetive Anderson?

Sua mãe estava na porta agora, observando-a em silêncio, e Grace achou que poderia acabar encrencada, mas não se importava.

— O que tenho que dizer para ele, Grace?

— Para parar. Se não quer que uma coisa ruim aconteça, diz para o detetive que ele tem que parar.

7

Grace e Sarah estavam na sala, no sofá. Marcy estava entre elas, um braço em volta de cada uma. Howie Gold estava na poltrona que foi de Terry até o mundo virar de cabeça para baixo. Um banquinho de pé a acompanhava. Ralph Anderson o puxou para a frente do sofá e se sentou nele, as pernas tão compridas que os joelhos quase ladeavam o rosto. Ele achava que devia parecer cômico, e se aquilo deixasse Grace Maitland mais à vontade, tanto melhor.

— Deve ter sido um sonho assustador, Grace. Tem certeza de que *foi* um sonho?

— Claro que sim — disse Marcy. O rosto dela estava tenso e pálido. — Não entrou homem algum nesta casa. Não tem como ele ter subido sem que a gente tivesse visto.

— Ou tivesse ouvido, pelo menos — disse Sarah, mas ela parecia tímida. Com medo. — Nossa escada faz muito barulho.

— Você está aqui por um motivo, para tranquilizar a minha filha — disse Marcy. — Será que pode fazer isso?

— O que quer que tenha sido, você sabe que não tem nenhum homem aqui agora, não sabe, Grace? — perguntou Ralph.

— Sei. — Ela pareceu segura. — Ele foi embora. Disse que iria se eu passasse o recado. Acho que não vai voltar mais, quer tenha sido sonho ou não.

Sarah deu um suspiro dramático e disse:

— Que *alívio*!
— Shh, florzinha — disse Marcy.
Ralph pegou o caderno.
— Me diga como ele era. Esse homem do sonho. Porque sou detetive, e agora tenho certeza de que era isso mesmo.
Apesar de Marcy Maitland não gostar dele agora (e talvez nunca mais), seus olhos agradeceram por isso, ao menos.
— Melhor — disse Grace. — Ele parecia melhor. A cara de massinha tinha sumido.
— Era a aparência dele antes — falou Sarah para Ralph. — *Ela* disse.
— Sarah, vá até a cozinha com o sr. Gold e pegue um pedaço de bolo para todo mundo, pode fazer isso? — pediu Marcy.
Sarah olhou para Ralph.
— Bolo até pra ele? A gente gosta dele agora?
— Bolo para todo mundo — disse Marcy, desviando da pergunta com habilidade. — Isso se chama hospitalidade. Vá agora.
Sarah se levantou do sofá e atravessou a sala até Howie.
— Estou sendo expulsa.
— Não podia ter acontecido com uma pessoa melhor — disse Howie. — Vou me juntar a você no *purdah*.
— Em quê?
— Deixa pra lá. — Eles foram juntos até a cozinha.
— Seja rápido, por favor — disse Marcy para Ralph. — Você só está aqui porque Howie disse que era importante. Que pode ter alguma coisa a ver com… você sabe.
Ele assentiu sem tirar os olhos de Gracie.
— Esse homem que tinha cara de massinha na primeira vez em que apareceu…
— E canudos nos olhos — disse Gracie. — Pulavam pra fora que nem nos desenhos, e os círculos pretos que as pessoas têm nos olhos eram buracos.
— Aham. — No caderno, Ralph escreveu *Canudos nos olhos?* — Quando você diz que a cara dele parecia de massinha, pode ser porque ele era queimado?
Ela pensou na pergunta.
— Não. Parecia mais que ele não tinha sido *feito*. Não tinha… sabe…
— Não tinha sido terminado? — perguntou Marcy.
Grace assentiu e colocou o polegar na boca. Ralph pensou: *Essa menina de*

dez anos que chupa o dedo e com o rosto triste… é culpa minha. Era verdade, e a clareza aparente das provas sobre a qual ele agiu nunca mudaria isso.

— Como ele estava hoje, Grace? O homem do seu sonho?

— Ele tinha cabelo preto curto que estava em pé que nem um porco-espinho e uma barbinha em volta da boca. Estava com os olhos do meu pai, mas não eram os olhos dele de verdade. Tinha tatuagens nas mãos e nos braços. Algumas eram de cobras. Primeiro, a camiseta dele era verde, depois virou a camiseta de beisebol do meu pai, com o dragão dourado na frente, depois ficou branca, como aquilo que a sra. Gerson usa quando faz o cabelo da minha mãe.

Ralph olhou para Marcy, que disse:

— Acho que ela quer dizer avental.

— Isso — respondeu a filha. — Isso mesmo. Mas depois voltou a ser a camiseta verde, e por isso sei que foi sonho. Só que… — A boca de Grace tremeu, e os olhos se encheram de lágrimas, que lhe escorreram pelas bochechas rosadas. — Só que ele disse coisas ruins. Disse que estava feliz de eu estar triste. Me chamou de bebê.

Ela virou a cabeça para os seios da mãe e chorou. Marcy olhou para Ralph por cima da cabeça dela, por um momento não com raiva dele, mas só assustada. *Ela sabe que foi mais do que um sonho*, pensou Ralph. *Está vendo que significa alguma coisa para mim.*

Quando o choro da garota diminuiu, Ralph disse:

— Está tudo bem, Grace. Obrigado por me contar sobre o seu sonho. Tudo isso passou agora, tá?

— Tá — disse ela, com voz rouca de lágrimas. — Ele foi embora. Fiz o que ele pediu, e ele foi embora.

— Vamos comer o bolo aqui — disse Marcy. — Vá ajudar a sua irmã com os pratos.

Grace foi correndo ajudar. Quando estavam sozinhos, Marcy disse:

— Está sendo difícil para as duas, principalmente para Grace. Eu diria que não passa disso, mas Howie não acha, e acho que você também não. Acha?

— Sra. Maitland… Marcy… Não sei o que pensar. Você já olhou o quarto de Grace?

— Claro. Assim que ela me explicou por que ligou para Howie.

— Não há sinal de um intruso?

— Não. A janela estava fechada, a tela estava no lugar, e o que Sarah disse sobre a escada é verdade. A casa é velha, e todo degrau geme.

— E a cama dela? Grace disse que o homem estava sentado lá.

Marcy deu uma gargalhada aflita.

— Quem poderia saber, do jeito que ela se mexe dormindo desde… — Ela levou as mãos ao rosto. — Isso tudo é tão horrível.

Ele se levantou e foi até o sofá, querendo reconfortá-la, mas ela enrijeceu e se afastou.

— Por favor, não se sente. E não toque em mim. Você está aqui por tolerância, detetive. Para que talvez a minha filha mais nova durma esta noite sem acordar a casa toda com gritos.

Ralph foi poupado de dar uma resposta quando Howie e as meninas Maitland voltaram, Grace carregando com cuidado um prato em cada mão. Marcy secou os olhos, o gesto quase rápido demais para ser visto, e abriu um sorriso amplo para Howie e para as filhas.

— Viva o bolo! — disse ela.

Ralph pegou a sua fatia e agradeceu. Estava pensando que tinha contado tudo sobre aquele caso de merda para Jeannie, mas que não ia contar sobre o sonho daquela garotinha. Não, aquilo não.

8

Alec Pelley achava que tinha o telefone que queria nos seus contatos, mas quando fez a ligação, ouviu uma mensagem dizendo que aquele número tinha sido desligado. Ele encontrou a velha agenda de telefones preta (uma antiga e fiel companheira que outrora ia com ele para toda parte, agora, nessa era de computadores, relegada a uma gaveta de escrivaninha, e uma das mais baixas, na verdade) e tentou outro número.

— Achados e Perdidos — disse a voz do outro lado. Acreditando que tinha sido atendido por uma secretária eletrônica, uma suposição razoável, considerando que era noite de domingo, esperou para ouvir o horário de funcionamento, seguido do menu de escolhas que poderiam ser acessadas digitando vários números, e por fim o convite para deixar uma mensagem após o bipe. Mas a voz, parecendo um pouco irritada, só disse: — E então? Tem alguém aí?

Alec percebeu que conhecia a voz, apesar de não conseguir se lembrar do nome da dona dela. Quanto tempo havia que ele não falava com aquela mulher? Dois anos? Três?

— Vou desligar a…

— Não desligue. Estou aqui. Meu nome é Alec Pelley, e estou tentando

falar com Bill Hodges. Trabalhei com ele em um caso alguns anos atrás, logo depois que me aposentei da Polícia Estadual. Havia um ator ruim chamado Oliver Madden, que roubou um avião de um executivo de petróleo do Texas chamado…

— Dwight Cramm. Eu lembro. E me lembro de você, sr. Pelley, apesar de nunca termos nos encontrado. O sr. Cramm não nos pagou logo, lamento dizer. Tive que mandar a fatura pelo menos seis vezes e ameaçar entrar com uma medida legal. Espero que tenha sido melhor para você.

— Deu um pouco de trabalho — disse Alec, sorrindo com a lembrança. — O primeiro cheque que ele me mandou não tinha fundos, mas o segundo bateu direitinho. Você é Holly, não é? Não consigo me lembrar do sobrenome, mas Bill falava muito bem de você.

— Holly Gibney — disse ela.

— Bem, é um prazer falar com você de novo, sra. Gibney. Eu tentei o número de Bill, mas ele deve ter mudado.

Silêncio.

— Sra. Gibney? A ligação caiu?

— Não — disse ela. — Estou aqui. Bill faleceu dois anos atrás.

— Ah, Jesus, sinto muito saber disso. Foi o coração? — Apesar de Alec só ter se encontrado com Hodges uma vez, pois a maior parte do trabalho dos dois foi feita por telefone e e-mail, ele estava um pouco acima do peso.

— Câncer. De pâncreas. Agora eu cuido da empresa com Peter Huntley. Ele era o parceiro de Bill quando os dois estavam na polícia.

— Ah, que bom.

— Não — disse ela. — Não para mim. Os negócios estão indo muito bem, mas eu abriria mão de tudo em um minuto para ter Bill vivo e saudável de volta. Câncer é um cocô.

Alec quase desligou após repetir as condolências. Mais tarde, ele se perguntaria o quanto as coisas teriam sido diferentes se tivesse feito isso. Mas lembrou-se de uma coisa que Bill dissera sobre aquela mulher durante o trabalho de recuperar o King Air de Dwight Cramm: *Ela é excêntrica, um pouco obsessiva-compulsiva e não é muito boa em contato pessoal, mas nunca deixa passar nada. Holly teria sido uma detetive incrível.*

— Eu estava querendo contratar Bill para fazer algumas investigações pra mim — disse ele —, mas acho que você poderia pegar. Ele falava mesmo muito bem de você.

— Fico feliz de ouvir isso, sr. Pelley, mas duvido que eu seja a pessoa

certa. O que fazemos aqui na Achados e Perdidos é ir atrás de réus que fogem depois de pagarem a fiança e rastrear pessoas desaparecidas. — Ela fez uma pausa e acrescentou: — Também tem o fato de estarmos meio longe de você, a não ser que esteja ligando de algum lugar no nordeste.

— Não estou, mas meu interesse é em Ohio, e seria inconveniente eu ter que ir até lá agora. Tem coisas acontecendo aqui que preciso acompanhar. A qual distância você está de Dayton?

— Um momento — disse ela, e quase na mesma hora respondeu: — Trezentos e setenta e três quilômetros de acordo com o MapQuest. Que é um programa muito bom. O que precisa que seja investigado, sr. Pelley? E antes de responder, devo avisar que se envolver qualquer possibilidade de violência, terei que rejeitar o caso. Eu abomino violência.

— Nenhuma violência — disse ele. — *Houve* violência, o assassinato de uma criança, mas aconteceu aqui, e o homem que foi preso pelo crime está morto. A questão é se foi ele ou não o assassino, e responder isso envolve verificar uma viagem que ele fez a Dayton com a família em abril.

— Entendo, e quem pagaria pelos serviços da empresa? Você?

— Não, um advogado chamado Howard Gold.

— É do seu conhecimento se o advogado Gold paga mais rápido do que Dwight Cramm?

Alec sorriu ao ouvir isso.

— Sem dúvida.

E apesar de o pagamento *ser feito* por Howie, toda a cobrança da Achados e Perdidos, supondo que a sra. Holly Gibney aceitasse fazer a investigação em Dayton, seria paga no final por Marcy Maitland, que teria fundos suficientes. A empresa de seguro não gostaria de pagar por um acusado de assassinato, mas como Terry não foi condenado a nada, não haveria recurso. Também havia o processo contra Flint City por morte injusta que Howie faria em nome de Marcy; ele dissera para Alec que a cidade provavelmente aceitaria um acordo em um valor de sete algarismos. Uma conta bancária gorda não traria o marido dela de volta, mas *poderia* pagar por uma investigação e uma mudança se Marcy decidisse que era melhor, e a faculdade das duas garotas quando chegasse a hora. Dinheiro não era cura para dor, refletiu Alec, mas permitia que a pessoa sofresse em relativo conforto.

— Me conte sobre o caso, sr. Pelley, e vou dizer se posso pegá-lo.

— Fazer isso vai levar um tempo. Posso ligar amanhã em horário

comercial se for melhor para você.

— Agora está ótimo. Só me dê um minuto para desligar o filme que eu estava assistindo.

— Estou interrompendo a sua noite.

— Na verdade, não. Já vi *Glória feita de sangue* pelo menos doze vezes. É um dos melhores do sr. Kubrick. Bem melhor do que *O iluminado* e *Barry Lyndon*, na minha opinião, mas é claro que ele era muito mais novo quando fez *Glória*. Acho que artistas jovens ficam mais à vontade de correr riscos.

— Não sou muito fã de cinema — respondeu Alec, lembrando o que Hodges dissera: excêntrica e um pouco obsessiva-compulsiva.

— Os filmes animam o mundo, é o que eu acho. Só um segundo… — Ao fundo, o som de música de filme parou. E ela voltou. — Me diga o que precisa que seja feito em Dayton, sr. Pelley.

— Não é só uma história longa, é estranha. Tenho que avisá-la logo disso.

Ela riu, um som bem mais intenso do que a sua fala cuidadosa. Fez com que parecesse mais jovem.

— A sua não vai ser a primeira história estranha que escuto, pode acreditar. Quando eu estava com Bill… bom, não importa. Mas, se vamos conversar por um tempo, pode me chamar de Holly. Vou colocar você no viva-voz para ficar com as mãos livres. Espere… certo, agora me conte tudo.

Encorajado, Alec começou a falar. Em vez de música de filme ao fundo, ele ouviu o clique-clique-clique regular do teclado enquanto ela tomava notas. E antes de a conversa terminar, ele ficou feliz de não ter desligado. Ela fez perguntas boas, inteligentes. A estranheza do caso não pareceu incomodá-la nem um pouco. Era uma pena Bill Hodges estar morto, mas Alec achava que talvez tivesse encontrado uma substituta perfeita.

Quando terminou, ele perguntou:

— Você está intrigada?

— Sim. Sr. Pelley…

— Alec. Você é Holly e eu sou Alec.

— Certo, Alec. A Achados e Perdidos vai pegar o caso. Vou enviar relatórios regulares por telefone, e-mail ou FaceTime, que acho muito superior ao Skype. Quando tiver todas as informações possíveis, vou enviar um resumo completo.

— Obrigado. Parece muito…

— Certo. Agora vou dar o número da nossa conta, para que possa transferir o valor da entrada para o nosso banco, na quantia que discutimos.

HOLLY
22-24 DE JULHO

1

Ela colocou o telefone do escritório (que sempre levava para casa, apesar de Peter pegar no pé dela por causa disso) na base ao lado do telefone fixo de casa e ficou parada em silêncio na frente do computador por talvez uns trinta segundos. Em seguida, apertou o botão do Fitbit para verificar a pulsação. Setenta e cinco — oito a dez batimentos acima do normal. Não ficou surpresa. A história de Pelley sobre Maitland a empolgou e a envolveu de um jeito que nenhum caso tinha conseguido fazer desde o fim dos acontecimentos com o falecido (e perverso) Brady Hartsfield.

Só que não era bem isso. A verdade era que Holly não ficava realmente empolgada desde que Bill morrera. Pete Huntley era legal, mas (no silêncio do seu belo apartamento, ela podia admitir) meio maçante. Ele ficava feliz em ir atrás dos caloteiros, dos fugitivos pós-fiança, dos carros roubados, dos animais de estimação perdidos e dos pais que não pagavam a pensão. E embora Holly não tivesse mentido para Alec Pelley — ela abominava de verdade a violência; se não fosse em filmes, fazia com que sentisse dor de barriga —, perseguir Hartsfield a fez se sentir viva de uma maneira que nada mais fizera depois. Isso também era verdadeiro em relação a Morris Bellamy, um maluco fanático por literatura que matou o seu escritor favorito.

Não haveria Brady Hartsfield nem Morris Bellamy esperando-a em Dayton, o que era bom, porque Pete estava de férias em Minnesota, e o jovem amigo de Holly, Jerome, estava com a família na Irlanda, também de férias.

— Vou dar um beijo na Pedra da Eloquência por você — dissera ele no aeroporto, usando um sotaque irlandês tão horrível quanto sua imitação daquele programa de rádio humorístico, *Amos ‘n’ Andy*, que ele ainda usava de vez em quando, mais para ofendê-la.

— Melhor não — respondera ela. — Pense nos germes que aquela coisa tem. Eca.

Alec Pelley achou que eu ficaria perturbada com a estranheza, pensou ela, sorrindo um pouco. *Ele achou que eu ia dizer: “Isso é impossível, as pessoas não podem estar em dois lugares ao mesmo tempo e não podem desaparecer*

de filmagens de televisão arquivadas. Ou é uma pegadinha, ou um embuste". Só que Alec Pelley não sabe, e eu não vou contar, que as pessoas podem *estar em dois lugares ao mesmo tempo. Brady Hartsfield fez isso, e quando enfim morreu, ele estava no corpo de outro homem.*

— Tudo é possível — disse Holly para a sala vazia. — Tudo. O mundo é cheio de cantinhos e frestas estranhos.

Ela abriu o Firefox e encontrou o endereço do pub Tommy e Tuppence. A hospedagem mais próxima era o Fairview Hotel, no bulevar Northwoods. Seria o mesmo hotel onde a família Maitland ficara hospedada? Ela perguntaria a Alec Pelley por e-mail, mas parecia provável, levando em conta o que a filha mais velha de Maitland dissera. Holly verificou no Trivago e viu que podia reservar um quarto aceitável por noventa e dois dólares a noite. Pensou em fazer um upgrade para uma pequena suíte, mas desistiu depois de um momento. Isso seria abusar da cobertura de custos, uma prática desonesta e um caminho perigoso.

Ela ligou para o Fairview (pelo telefone do escritório, pois era um custo legítimo), fez uma reserva de três noites a partir do dia seguinte e abriu o Math Cruncher no computador. Na opinião dela, aquele era o melhor programa para resolver problemas diários. O horário de check-in no Fairview era três horas, e a velocidade de estrada na qual o seu Prius consumia menos combustível era de cento e um quilômetros por hora. Ela calculou uma parada para encher o tanque e fazer uma refeição sem dúvida abaixo da média em um restaurante de estrada… acrescentou quarenta e cinco minutos para o inevitável trânsito lento devido a alguma obra na estrada…

— Vou sair às dez — disse para si mesma. — Não, melhor, às 9h50, só por precaução. — E, para ter mais precaução ainda, ela usou o Waze para escolher uma rota alternativa, caso fosse necessário.

Holly tomou um banho (para não precisar fazer aquilo de manhã), vestiu a camisola, escovou os dentes, passou fio dental (os estudos mais recentes diziam que passar fio dental não impedia a deterioração dos dentes, mas era parte da rotina de Holly, e ela ficaria satisfeita em passar fio dental até morrer), tirou as fivelas do cabelo e as enfileirou, depois entrou no segundo quarto, andando descalça.

O quarto era a sua filmoteca. As prateleiras estavam cheias de DVDs, alguns em caixas coloridas de lojas, mas a maioria feita em casa, graças ao seu gravador de ponta. Havia milhares (4375 no momento), mas o que ela queria era fácil de achar, pois os discos ficavam arrumados em ordem alfabética. Ela

o pegou e o deixou na mesa de cabeceira, onde com certeza o veria quando fosse arrumar a mala de manhã.

Com isso resolvido, ficou de joelhos, fechou os olhos e uniu as mãos. As orações que fazia de manhã e de noite foram ideia do seu analista. Quando Holly protestou dizendo que não acreditava exatamente em Deus, o analista respondeu que vocalizar as preocupações e os planos para uma força maior hipotética a ajudaria, mesmo que não acreditasse nessa força. E de fato parecia ajudar.

— É Holly Gibney de novo, e eu ainda estou me esforçando para fazer o melhor. Se você estiver aí, abençoe Pete na pescaria, porque só um idiota sairia de barco sem saber nadar. Abençoe os Robinson na Irlanda, e se Jerome estiver mesmo pensando em beijar a Pedra da Eloquência, gostaria que o fizesse pensar duas vezes. Estou bebendo Boost para tentar ganhar um pouco de peso, porque o dr. Stonefield falou que estou magra demais. Não gosto, mas cada lata tem duzentas e quarenta calorias, de acordo com o rótulo. Estou tomando escitalopram e não estou fumando. Amanhã, vou para Dayton. Me ajude a viajar de carro em segurança, a obedecer a todas as leis de trânsito e a fazer o melhor com os fatos que tenho. Que são bem interessantes. — Ela pensou. — Ainda sinto saudades de Bill. Acho que por hoje é só.

Ela deitou na cama e adormeceu cinco minutos depois.

2

Holly chegou ao Fairview Hotel às 15h17. Não era o melhor horário de chegada, mas também não era o pior. Ela achava que teria chegado às 15h12 se todos os sinais de trânsito não tivessem ficado vermelhos desde que saíra da estrada. O quarto era bom. As toalhas de banho na porta do chuveiro estavam meio tortas, mas ela consertou isso depois de usar o vaso sanitário e lavar as mãos e o rosto. Não havia aparelho de DVD ligado à televisão, mas por noventa e dois dólares a noite, ela não esperava que houvesse. Se sentisse necessidade de assistir ao filme que tinha levado, o laptop seria mais que adequado. Feito com orçamento baixo e filmado em no máximo dez dias, não era o tipo de filme que exigisse alta resolução e som Dolby.

O Tommy e Tuppence ficava a menos de um quarteirão do Fairview. Holly viu o letreiro assim que saiu de debaixo do toldo do hotel. Andou até lá e observou o cardápio preso à janela. No canto superior esquerdo, havia uma torta com vapor subindo da massa. Impresso embaixo havia: TORTA DE

CARNE E RINS SÃO A NOSSA ESPECIALIDADE.

Ela andou por mais um quarteirão e chegou a um estacionamento que estava com cerca de setenta e cinco por cento de ocupação. ESTACIONAMENTO PÚBLICO, dizia a placa na frente. LIMITE DE SEIS HORAS. Ela entrou e procurou por multas nos para-brisas feitas por um agente de trânsito. Não viu nada, o que queria dizer que ninguém estava controlando o limite de seis horas. Era puramente uma questão de honestidade. Não daria certo em Nova York, mas devia funcionar bem em Ohio. Sem monitoração, não dava para saber por quanto tempo a van ficou ali depois que Merlin Cassidy a abandonou, mas ela achava que, com as portas destrancadas e as chaves penduradas de forma convidativa na ignição, não devia ter se demorado ali por muito tempo.

Ela voltou até o Tommy e Tuppence, se apresentou para a recepcionista e disse que era uma investigadora trabalhando em um caso que tinha a ver com um homem que ficara hospedado no Fairview durante a primavera. A recepcionista também era sócia do restaurante, e como ainda faltava uma hora para a movimentação da noite, estava mais do que disposta a falar. Holly perguntou se ela por acaso se lembrava de quando o restaurante espalhara folhetos com o cardápio pela região.

— O que o sujeito fez? — perguntou a recepcionista. O nome dela era Mary, não Tuppence, e o sotaque era de Nova Jersey, não de Newcastle.

— Não tenho permissão para revelar — disse Holly. — É uma questão legal. Você com certeza compreende.

— Bom, eu lembro — falou Mary. — Seria estranho se não lembrasse.

— Por quê?

— Quando abrimos o restaurante há dois anos, aqui era o Fredo's Place. Sabe, como no *O poderoso chefão*?

— Sim — disse Holly —, se bem que Fredo é mais lembrado por causa de *O poderoso chefão II*, principalmente por causa da sequência em que o irmão Michael o beija e diz: "Sei que foi você, Fredo, você partiu meu coração".

— Não sei nada sobre isso, mas sei que tem uns duzentos restaurantes italianos em Dayton, e estávamos passando por dificuldades. Então, decidimos tentar comida britânica. Não dá para chamar isso de culinária: peixe empanado com batata frita, bacalhau com batatas, até mesmo feijão na torrada. E mudamos o nome para Tommy e Tuppence, como nos livros de Agatha Christie. Concluímos que não tínhamos nada a perder àquela altura. E, para falar a verdade, deu certo. Fiquei chocada, mas de um modo bom, pode acreditar. A casa fica lotada no almoço, e quase sempre no jantar. —

Ela se inclinou para a frente, e Holly sentiu cheiro de gim no hálito dela, de forma clara e evidente. — Quer saber um segredo?

— Adoro segredos — disse Holly com sinceridade.

— A torta de carne e rins é comprada congelada de uma empresa em Paramus. Nós só esquentamos no forno. E quer saber? O crítico culinário do *Dayton Daily News* adorou. Deu cinco estrelas pra gente! Dá pra acreditar? — Ela se inclinou mais um pouco e sussurrou: — Se contar isso pra alguém, terei que matar você.

Holly passou o polegar e o indicador pelos lábios finos e girou uma chave invisível, um gesto que viu Bill Hodges fazer em muitas ocasiões.

— Então, quando reabriram com o novo nome e o novo cardápio… ou talvez um pouco antes…

— Johnny, meu marido, queria panfletar pelo bairro uma semana antes, mas eu falei que não adiantava, que as pessoas esqueceriam, então fizemos na véspera. Contratamos um garoto e imprimimos cardápios suficientes para ele cobrir uma área de nove quarteirões.

— Incluindo o estacionamento aqui na rua?

— Sim. Isso é importante?

— Você pode olhar no seu calendário e me dizer em que dia foi isso?

— Nem preciso. Está gravado na minha memória. — Ela bateu com o dedo na testa. — Vinte de abril. Uma quinta-feira. Nós abrimos, ou melhor, *re*abrimos na sexta.

Holly segurou a vontade de corrigir Mary, agradeceu e se preparou para ir embora.

— Não pode mesmo me contar o que o cara fez?

— Lamento muito, mas eu perderia o meu emprego.

— Bom, pelo menos venha jantar já que está na cidade.

— Venho, sim — disse Holly, mas não iria. Só Deus sabia o que mais no cardápio era trazido congelado de Paramus.

3

O passo seguinte seria uma visita ao Heisman Memory Unit e uma conversa com o pai de Terry Maitland, se ele estivesse em um dia bom (supondo que ele ainda *tivesse* dias bons). Porém, mesmo que a cabeça do homem estivesse nas nuvens, ela talvez conseguisse falar com algumas das pessoas que trabalhavam lá. Enquanto isso, lá estava ela, no seu ótimo quarto de hotel. Ligou o laptop e enviou um e-mail para Alec Pelley com o título RELATÓRIO

DE GIBNEY #1.

Os cardápios do Tommy e Tuppence foram distribuídos em uma área de nove quarteirões na quinta-feira, dia 20 de abril. Com base na conversa que tive com a sócia MARY HOLLISTER, tenho certeza de que a data está correta. Sendo esse o caso, podemos saber que esse também foi o dia em que MERLIN CASSIDY abandonou a van no estacionamento próximo. Repare que a FAMÍLIA MAITLAND chegou em Dayton por volta do meio-dia de sábado, 22 de abril. Acho difícil que a van ainda estivesse lá nessa data. Vou verificar com a polícia local amanhã, torcendo para excluir mais uma possibilidade. Depois, vou visitar o Heisman Memory Unit. Se tiver perguntas, mande um e-mail ou ligue para o meu celular.

Holly Gibney

Achados e Perdidos

Com isso resolvido, Holly foi até o restaurante do hotel e pediu uma refeição leve (ela nunca considerava o serviço de quarto, que era sempre absurdamente caro). Encontrou um filme de Mel Gibson que não tinha visto na lista de filmes do quarto e o alugou; custou 9,99 dólares, valor que ela não incluiria nas despesas quando prestasse contas. O filme não era ótimo, mas Gibson fez o melhor que pôde com o que tinha. Anotou o título e a duração de filme no seu caderninho atual de filmes (Holly já tinha preenchido mais de duas dúzias desses) e deu três estrelas como avaliação. Com isso resolvido, verificou que as duas trancas do quarto estavam acionadas, fez suas orações (terminando como sempre fazia, dizendo para Deus que sentia saudades de Bill) e foi para cama. Lá, ela dormiu por oito horas, sem sonhar. Pelo menos, não teve nenhum sonho que lembrasse.

4

Na manhã seguinte, depois de tomar uma xícara de café, de fazer uma caminhada rápida de cinco quilômetros, de tomar um café da manhã completo em um estabelecimento próximo e de tomar um banho quente, Holly ligou para o Departamento de Polícia de Dayton e pediu para falar com a Divisão de Trânsito. Depois de um intervalo agradavelmente curto de espera, um policial chamado Linden surgiu na linha e perguntou como podia ajudá-la. Holly achou aquilo ótimo. Um policial educado sempre melhorava o seu dia. Se bem que, para ser justa, a maioria das pessoas era assim no Meio-Oeste.

Ela se identificou, disse que estava interessada em uma van branca Econoline que tinha sido deixada em um estacionamento público no bulevar Northwoods em abril passado e perguntou se o DPD verificava os estacionamentos gratuitos da cidade com regularidade.

— Claro — disse o policial Linden —, mas não para verificar os limites de

seis horas. Eles são policiais, não parquímetros ambulantes.

— Entendo — falou Holly —, mas eles devem ficar de olho em possíveis carros abandonados, não?

Linden riu.

— A sua empresa deve fazer muita recuperação e devolução.

— Além dos fugitivos, é o nosso maior ganha-pão.

— Então você sabe como funciona. Nós estamos especialmente interessados em automóveis caros que ficam parados nesses lugares por um tempo, tanto nos estacionamentos da cidade quanto nos de longos períodos no aeroporto. Os Denali, os Escalade, os Jaguar e as BMW. Você disse que essa van na qual está interessada tinha placa de Nova York?

— Correto.

— Uma van assim não deve ter chamado muita a atenção no primeiro dia. Gente de Nova York vem para Dayton, por mais estranho que isso possa parecer. Mas se ainda estivesse lá no segundo dia? Aí sim seria suspeito.

O que ainda seria um dia inteiro antes da chegada dos Maitland.

— Obrigada, policial.

— Eu posso verificar no pátio de veículos rebocados se você quiser.

— Não vai ser necessário. A van apareceu mais de mil e quinhentos quilômetros ao sul daqui.

— Qual é o seu interesse nela, se é que posso perguntar?

— Claro que pode — disse Holly. Ele era policial, afinal. — A van foi usada para raptar uma criança que, em seguida, foi assassinada.

5

Agora com noventa e nove por cento de certeza de que a van tinha sumido bem antes de Terry Maitland chegar em Dayton com a esposa e as filhas no dia 22 de abril, Holly foi com o seu Prius até o Heisman Memory Unit. O local consistia em um prédio comprido e baixo de arenito no meio de pelo menos um hectare e meio de terreno bem cuidado. Um pequeno bosque o separava do Kindred Hospital, que devia ser dono da instituição menor, gerenciando-a e tirando certo lucro dela, pois não parecia barato ficar ali. *Ou Peter Maitland tinha um excelente pé-de-meia ou um bom plano de saúde, ou talvez os dois*, pensou Holly com aprovação. Havia muitas vagas vazias para visitantes àquela hora da manhã, mas Holly escolheu uma no final do estacionamento. O objetivo dela no Fitbit eram doze mil passos por dia, e cada pouquinho ajudava.

Ela parou um minuto para ver três auxiliares passeando com três residentes (um deles parecia até mesmo saber onde estava) e depois entrou. O saguão tinha o pé-direito alto e era agradável, mas, por baixo dos odores de cera de piso e de lustra-móveis, Holly conseguia detectar um leve cheiro de urina vindo de dentro do prédio. E uma outra coisa, algo mais pesado. Seria tolice e melodramático chamar de fedor de esperanças perdidas, mas era isso que lhe parecia, de qualquer forma. *Provavelmente porque passei tanto tempo do início da minha vida vendo sempre o copo meio vazio*, pensou ela.

A plaquinha na recepção dizia TODOS OS VISITANTES PRECISAM SE REGISTRAR. A mulher atrás do balcão (sra. Kelly, de acordo com outra plaquinha na bancada) abriu um sorriso receptivo para Holly.

— Bom dia. Como posso ajudar?

Até aquele ponto, tudo estava normal e rotineiro. As coisas só começaram a dar errado quando Holly perguntou se podia visitar Peter Maitland. O sorriso da sra. Kelly permaneceu nos lábios, mas desapareceu dos olhos.

— Você é da família?

— Não — respondeu Holly. — Sou *amiga* da família.

Ela disse a si mesma que aquilo não era exatamente mentira. Ela trabalhava para o advogado da sra. Maitland, afinal, e o advogado estava trabalhando para a própria sra. Maitland, e isso se qualificava como uma espécie de amizade, não é mesmo? Holly não fora contratada para limpar o nome do falecido marido da viúva?

— Infelizmente, não é o bastante — disse a sra. Kelly. O que restava do sorriso era agora apenas superficial. — Se você não é da família, vou ter que pedir que vá embora. O sr. Maitland não reconheceria você, de qualquer jeito. A condição dele piorou durante o verão.

— Só durante o verão ou desde que Terry veio visitá-lo na primavera?

Agora o sorriso sumiu por completo.

— Você é repórter? Se for, tem a obrigação legal de me dizer, e tenho que pedir que saia do local agora mesmo. Se você se recusar, vou chamar os seguranças e pedir que seja escoltada. Nós já recebemos muita gente da sua laia.

Aquilo era interessante. Podia não ter nada a ver com o assunto que ela foi investigar, mas talvez tivesse. A mulher só surtou depois que o nome de Peter Maitland foi mencionado, afinal.

— Eu não sou repórter.

— Vou acreditar na senhora, mas, se não é parente, tenho que pedir que vá

embora mesmo assim.

— Tudo bem — falou Holly. Ela deu um passo ou dois para longe da recepção, mas teve uma ideia e se virou. — E se eu pedisse para o filho do sr. Maitland, Terry, ligar e dizer que me conhece? Isso ajudaria?

— Acho que sim — disse a sra. Kelly. Ela parecia estar de má vontade. — Mas ele teria que responder algumas perguntas, para eu ter certeza de que não é um dos seus *colegas* fingindo ser o sr. Maitland. Pode parecer meio paranoico, sra. Gibney, mas passamos por muita coisa aqui, *muita*, e levo as minhas responsabilidades a sério.

— Eu entendo.

— Talvez entenda ou talvez não, mas não ajudaria em nada falar com Peter, de qualquer maneira. A polícia já descobriu isso. Ele está no estágio final do Alzheimer. Se falar com o filho do sr. Maitland, ele vai lhe dizer isso.

O filho do sr. Maitland não vai dizer nada, sra. Kelly, porque está morto há uma semana. Mas você não sabe disso, não é?

— Quando foi a última vez que a polícia tentou falar com Peter Maitland? Pergunto como amiga da família.

A sra. Kelly considerou aquilo e disse:

— Não acredito em você e não vou responder às suas perguntas.

Naquele momento, Bill ficaria todo simpático e cheio de confidências. Ele e a sra. Kelly podiam até acabar trocando endereços de e-mail e prometendo manter contato pelo Facebook, mas, embora Holly fosse excelente em raciocínio dedutivo, ela ainda estava trabalhando no que o seu analista chamava de “habilidades pessoais”. Então, foi embora, um pouco desanimada, mas não desencorajada.

A história toda só ia ficando mais interessante.

6

Às onze horas daquela manhã clara e ensolarada de terça-feira, Holly se sentou em um banco na sombra no parque Andrew Dean enquanto bebericava um latte de uma Starbucks próxima e pensava na estranha conversa que tivera com a sra. Kelly.

A mulher não sabia que Terry estava morto, provavelmente ninguém que trabalhava no Heisman sabia, e isso não surpreendia Holly. Os assassinatos de Frank Peterson e Terry Maitland aconteceram em uma cidade pequena a mais de mil e quinhentos quilômetros ao sul dali; se tivesse chegado a um

jornal de âmbito nacional durante uma semana em que um simpatizante do Estado Islâmico atirou em oito pessoas em um shopping no Tennessee e um tornado destruiu uma pequena cidade em Indiana, não passaria de uma notinha no final de uma página do *Huffington Post*. E Marcy Maitland não mantinha contato com o sogro para lhe contar que tinha notícias. Por que ela faria isso, considerando a condição do homem?

Você é repórter?, perguntou a sra. Kelly. *Nós já recebemos muita gente da sua laia.*

Certo, então repórteres e a polícia foram visitar a instituição, e a sra. Kelly, como recepcionista do Heisman Memory Unit, teve que aguentá-los. Mas as perguntas deles não foram sobre Terry Maitland, senão a mulher saberia que ele está morto. Então, qual era o problema?

Holly deixou o café de lado, pegou o iPad na bolsa, ligou o aparelho e verificou se tinha cinco tracinhos, o que a pouparia de ter que voltar à Starbucks. Ela pagou uma pequena taxa para acessar os arquivos do jornal local (sem deixar de anotar isso no seu relatório de despesas) e começou a busca no dia 20 de abril, dia em que Merlin Cassidy abandonou a van e também o dia em que, provavelmente, ela foi roubada pela segunda vez. A investigadora verificou as notícias locais com atenção e não descobriu nada em relação ao Memory Unit. Os cinco dias seguintes apresentaram o mesmo resultado, embora houvesse muitas outras notícias: acidentes de carro, duas invasões de residências, um incêndio em uma casa noturna, uma explosão em um posto de gasolina, um escândalo de desvio de dinheiro envolvendo um funcionário de escola, uma caçada por duas irmãs desaparecidas (brancas) na cidade próxima de Trotwood, um policial acusado de atirar em um adolescente desarmado (negro), uma sinagoga pichada com uma suástica.

No dia 26 de abril, a manchete da primeira página clamava que Amber e Jolene Howard, as meninas desaparecidas de Trotwood, foram encontradas mortas e mutiladas em uma ravina não muito longe de casa. Uma fonte anônima da polícia disse que “aquelas garotinhas foram sujeitadas a atos de selvageria inacreditável”. E, sim, as duas tinham sido estupradas.

Terry Maitland estava em Dayton no dia 26 de abril. Tudo bem que estava com a família, mas…

Não havia nenhuma novidade no dia 27 de abril, data em que Terry Maitland visitou o pai pela última vez, e nada no dia 28, quando a família Maitland voltou de avião para Flint City. Porém, no dia 29, sábado, a polícia anunciou que estava interrogando um suspeito. Dois dias depois, o suspeito

foi preso. O nome dele era Heath Holmes. O homem tinha trinta e quatro anos de idade, era residente de Dayton e estava empregado como auxiliar no Heisman Memory Unit.

Holly pegou o café, tomou metade em goles grandes e ficou olhando para as sombras do parque com os olhos arregalados. Verificou o seu Fitbit. Sua pulsação estava galopando em cento e dez batimentos por minuto, e não era só por causa do efeito da cafeína.

Ela voltou para os arquivos do *Daily News* e percorreu os meses de maio e junho, seguindo a linha da notícia. Ao contrário de Terry Maitland, Heath Holmes sobreviveu à denúncia, mas, assim como Terry (Jeannie Anderson teria chamado isso de *convergência*), ele jamais seria julgado pelos assassinatos de Amber e Jolene Howard. Holmes cometeu suicídio na prisão do Condado de Montgomery no dia 7 de junho.

Ela verificou o Fitbit de novo e viu que a pulsação estava agora em cento e vinte. Tomou o restante do café mesmo assim. Vivendo perigosamente.

Bill, queria que você estivesse aqui comigo. Queria tanto. E Jerome, ele também. Nós três teríamos segurado as rédeas e montado esse pônei até que parasse de correr.

Mas Bill estava morto, Jerome estava na Irlanda, e ela não chegaria mais perto de desvendar esse mistério. Pelo menos não sozinha. No entanto, isso não queria dizer que Holly tinha terminado em Dayton. Não, não mesmo.

Ela voltou ao quarto de hotel, pediu um sanduíche pelo serviço de quarto (que se dane o custo) e abriu o laptop. Acrescentou o que agora sabia às anotações que tinha feito durante a conversa telefônica com Alec Pelley. Olhou para a tela, e enquanto percorria o documento, uma velha frase da sua mãe lhe surgiu na cabeça: *A Macy's não conta nada para a Gimbels.* A polícia de Dayton não sabia sobre o assassinato de Frank Peterson, e a polícia de Flint City não sabia sobre os assassinatos das irmãs Howard. E por que saberiam? Os atos aconteceram em regiões diferentes do país e com meses de diferença. Ninguém sabia que Terry Maitland tinha estado nos dois lugares, e ninguém sabia sobre a ligação com o Heisman Memory Unit. Cada caso tinha uma estrada de informações passando pelo meio, e esse estava desbotado em pelo menos dois lugares.

— Mas *eu* sei — disse Holly. — Pelo menos algumas coisas. Eu sei. Só que…

A batida na porta fez com que ela levasse um susto. Ela deixou o garçom do serviço de quarto entrar, assinou a conta, acrescentou uma gorjeta de dez

por cento (depois de ter certeza que já não estava incluída) e o fez sair. Em seguida, andou pelo quarto, mastigando um sanduíche cujo gosto mal sentiu.

O que ela ainda não sabia que *podia* ser sabido? Holly estava incomodada, quase assombrada, pela ideia de que o quebra-cabeça que estava tentando montar tinha peças faltando. Não porque Alec Pelley escondera alguma coisa de propósito, ela não achava que fosse o caso, mas possivelmente porque havia informações, informações *vitais*, que ele não considerou importantes.

Ela achava que podia ligar para a sra. Maitland, só que a mulher choraria e ficaria triste, e Holly não saberia como consolá-la, nunca soube. Não muito tempo antes, ela ajudou a irmã de Jerome Robinson a passar por um momento ruim, mas, de modo geral, era péssima nessas coisas. Além do mais, a mente da pobre mulher estaria confusa por causa da dor, e ela também poderia negligenciar fatos importantes, aquelas pequenas coisas capazes de transformar fragmentos em uma imagem completa, como as três ou quatro peças do quebra-cabeça que sempre pareciam cair da mesa para o chão, e você não conseguia ver a imagem completa enquanto não as procurasse e as encontrasse.

A pessoa mais apta a saber de todos os detalhes, tanto os pequenos quanto os grandes, era o detetive que fez a maioria dos depoimentos com as testemunhas e prendeu Maitland. Depois de trabalhar com Bill Hodges, Holly acreditava em detetives da polícia. Nem todos eram bons, claro; ela não tinha respeito algum por Isabelle Jaynes, a parceira de Pete Huntley depois que Bill se aposentou da polícia, e esse cara, Ralph Anderson, cometeu um grande erro ao prender Maitland em um lugar público. No entanto, uma escolha ruim não necessariamente o tornava um detetive ruim, e Pelley explicara a circunstância atenuante crucial: Terry Maitland tinha tido contato próximo com o filho de Anderson. Sem dúvida os depoimentos que Anderson fez pareciam detalhados. Ela achava que ele era a pessoa mais provável a ter qualquer peça que pudesse estar faltando.

Era algo a se pensar. Enquanto isso, era necessário fazer uma nova visita ao Heisman Memory Unit.

7

Ela chegou às duas e meia, dessa vez indo para o lado esquerdo do prédio, onde placas anunciavam ESTACIONAMENTO DE FUNCIONÁRIOS e MANTER A VAGA DA AMBULÂNCIA VAZIA. Escolheu um lugar no final do estacionamento e entrou de ré para poder observar o prédio. Às 14h45, começaram a chegar

carros, quando os que trabalhariam no turno que ia das três da tarde às onze da noite chegaram. Por volta das três, os funcionários do turno do dia, a maioria pessoas comuns, alguns enfermeiros e alguns homens de terno que deviam ser médicos, começaram a ir embora. Um dos homens de terno foi embora em um Cadillac, o outro em um Porsche. Eram médicos, com certeza. Ela avaliou os outros com atenção e escolheu um alvo. Era uma enfermeira de meia-idade usando uma túnica coberta de ursinhos dançarinos. O carro dela era um Honda Civic velho com ferrugem nas laterais, farol traseiro rachado consertado com Silver Tape e um adesivo desbotado dizendo ESTOU COM HILLARY no para-choque. Antes de entrar, ela parou para acender um cigarro. O carro era velho e cigarros eram caros. Cada vez melhor.

Holly a seguiu para fora do estacionamento por cinco quilômetros para o oeste, a cidade dando lugar primeiro a um subúrbio agradável, depois a outro não tão agradável. Aqui a mulher embicou na garagem de uma casa em uma rua em que outras casas idênticas quase se tocavam, muitas com brinquedos vagabundos de plástico espalhados nos pequenos gramados na frente. Holly parou junto ao meio-fio, fez uma pequena oração pedindo força, paciência e sabedoria, e saiu.

— Senhora? Enfermeira? Com licença.

A mulher se virou. Tinha o rosto enrugado e o cabelo grisalho prematuro de uma fumante inveterada, então era difícil avaliar a sua idade. Talvez quarenta e cinco, talvez cinquenta. Sem aliança.

— Posso ajudar?

— Pode, e vou pagar pela sua ajuda — falou Holly. — Cem dólares em dinheiro se falar comigo sobre Heath Holmes e a ligação dele com Peter Maitland.

— Você me seguiu do trabalho até aqui?

— Na verdade, sim.

A mulher contraiu as sobrancelhas.

— Você é repórter? A sra. Kelly disse que uma repórter foi lá no Heisman hoje. E ela prometeu demitir qualquer um que falasse com a imprensa.

— Eu sou a mulher que ela mencionou, mas não sou repórter. Sou investigadora, e a sra. Kelly nunca vai saber que você falou comigo.

— Quero ver a sua identidade.

Holly entregou a ela a carteira de motorista e um cartão da Achados e Perdidos. A mulher examinou os dois com atenção e devolveu ambos.

— Meu nome é Candy Wilson.

— É um prazer conhecer você.

— Aham, legal, mas se vou pôr meu emprego em risco por você, vai ter que desembolsar duzentos. — Ela fez uma pausa e acrescentou: — E cinquenta.

— Tudo bem — disse Holly. Ela achava que podia convencer a mulher a aceitar duzentos, talvez até cento e cinquenta, mas não era boa em negociação (coisa que sua mãe sempre chamava de *regatear*). Além disso, a mulher parecia precisar do dinheiro.

— É melhor entrar — disse Candy. — Os vizinhos nesta rua são xeretas demais.

8

A casa tinha um cheiro forte de cigarro, o que fez Holly desejar um pela primeira vez em séculos. Candy se sentou em uma poltrona, que, como o farol traseiro, estava remendada com Silver Tape. Ao lado, havia um cinzeiro de um tipo que Holly não via desde que o avô morrera (de enfisema). Candy pegou um maço de cigarros no bolso da calça de náilon e acendeu o isqueiro Bic. Não ofereceu um cigarro a Holly, o que não foi surpresa, considerando o preço dos cigarros hoje em dia, mas Holly ficou agradecida por isso, de qualquer modo. Talvez tivesse aceitado um.

— O dinheiro primeiro — disse Candy Wilson.

Holly, que tinha tomado o cuidado de parar em um caixa eletrônico na segunda ida ao Memory Unit, pegou a carteira na bolsa e contou a quantia correta. Candy recontou as notas e as guardou no bolso junto com os cigarros.

— Espero que esteja falando a verdade sobre ficar de boca calada, Holly. Deus sabe que preciso desse dinheiro, o babaca do meu marido limpou a conta bancária quando foi embora, mas a sra. Kelly não brinca em serviço. Ela parece um daqueles dragões do programa *Game of Thrones*.

Holly mais uma vez passou o polegar e o indicador pelos lábios e girou a chave invisível. Candy Wilson sorriu e pareceu relaxar. Ela olhou ao redor da sala, que era pequena, escura e mobiliada com itens de segunda mão.

— É um lugar feio pra caralho, não é? A gente tinha uma casa bonita no lado oeste. Não era uma mansão, mas era melhor do que este buraco. O babaca do meu marido a vendeu debaixo do meu nariz antes de partir em direção ao pôr do sol. Você sabe o que dizem, o pior cego é aquele que não quer ver. Quase desejo que a gente tivesse tido filhos só pra poder jogá-los contra ele.

Bill teria sabido o que responder a isso, mas Holly não sabia, então pegou o caderno e foi tratar da questão da vez.

— Heath Holmes trabalhava como auxiliar no Heisman.

— Trabalhava, sim. Heath Gatinho era como a gente o chamava. Era um pouco piada e um pouco não. Ele não era nenhum Chris Pine ou Tom Hiddleston, mas também não era nenhum sofrimento olhar pra ele. E era um cara legal. Todo mundo achava. O que só prova que não se conhece o que habita o coração de um homem. Descobri isso com o babaca do meu marido, mas pelo menos ele nunca estuprou nem mutilou nenhuma garotinha. Você viu as fotos delas no jornal?

Holly assentiu. Duas louras bonitas, com sorrisos bonitos idênticos. Doze e dez anos, as idades exatas das filhas de Terry Maitland. Mais uma daquelas coisas que pareciam uma conexão. Talvez não fosse, mas o sussurro de que os dois casos eram um só tinha começado a ficar mais alto na mente de Holly. Mais alguns fatos do tipo certo e viraria um grito.

— Quem faz uma coisa dessas? — perguntou Candy, mas a pergunta era retórica. — Um monstro, isso sim.

— Por quanto tempo você trabalhou com ele, sra. Wilson?

— Me chame de Candy, que tal? Eu deixo as pessoas me chamarem pelo primeiro nome quando elas pagam pelas minhas contas do mês seguinte. Trabalhei com ele por sete anos e nunca tive ideia.

— O jornal dizia que ele estava de férias quando as garotas foram mortas.

— É, ele foi para Regis, uns cinquenta quilômetros ao norte daqui. Pra casa da mãe. Que disse à polícia que ele ficou lá o tempo todo. — Candy revirou os olhos.

— O jornal também dizia que ele tinha ficha.

— Bom, sim, mas nada de mais, só um passeio em um carro roubado quando tinha dezessete anos. — Ela franziu a testa para o cigarro. — O jornal não devia ter acesso a essa informação, sabe, ele era menor, e esse tipo de coisa é para ser secreto. Se não fosse, ele provavelmente não teria conseguido o emprego no Heisman, mesmo com todo o treinamento no Exército e os cinco anos trabalhando no Walter Reed. Talvez conseguisse, mas era bem provável que não.

— Você fala como se o tivesse conhecido bem.

— Não estou defendendo Heath, não fique com essa ideia. Saímos para beber algumas vezes, claro, mas não foi um encontro nem nada do tipo. Alguns de nós iam ao Shamrock às vezes depois do trabalho, isso quando eu

ainda tinha grana para pagar uma rodada quando chegava a minha vez. Esses dias ficaram pra trás, querida. De qualquer maneira, nós chamávamos o nosso grupo de Cinco Esquecidos, por causa…

— Acho que sei por quê — disse Holly.

— É, aposto que sim, e nós conhecíamos todas as piadas de Alzheimer. A maioria é meio cruel, e muitos dos nossos pacientes são bem legais, mas nós as contávamos meio que para… sei lá…

— Não deixar o clima tão ruim ? — sugeriu Holly.

— Sim, é isso. Quer uma cerveja, Holly?

— Quero, sim. Obrigada. — Ela não gostava muito de cerveja e não era recomendado que bebesse enquanto tomava escitalopram, mas queria manter a conversa rolando.

Candy pegou duas Bud Lights. Não ofereceu copo, da mesma forma que não tinha oferecido cigarro.

— Pois é, eu sabia do passeio no carro roubado — disse ela, mais uma vez se sentando na poltrona remendada, que fez um ruído cansado. — Todo mundo sabia. Você sabe como as pessoas falam demais depois de tomar umas. Mas não era nada parecido com o que ele fez em abril. Eu ainda não consigo acreditar. Eu beijei o cara embaixo de um ramo de visgo na festa de Natal do ano passado. — A mulher tremeu ou fingiu ter tremido.

— Então ele estava de férias na semana de 24 de abril…

— Se você diz. Só sei que foi durante a primavera, por causa das minhas alergias. — Ao dizer isso, ela acendeu um novo cigarro. — Heath falou que ia pra Regis, que ele e a mãe fariam uma missa para o pai, que tinha morrido um ano antes. “Um memorial”, ele chamou. E talvez até tenha ido, mas voltou para matar aquelas garotas de Trotwood. Não há dúvida, porque as pessoas o viram e havia câmeras de segurança de um posto de gasolina que o mostravam enchendo o tanque.

— Enchendo o tanque do quê? — perguntou Holly. — Era uma van? — Isso era chamado de guiar a testemunha, e Bill não teria aprovado, mas ela não pôde evitar.

— Não sei. Não tenho certeza se os jornais disseram. Provavelmente era a picape dele. Ele tinha uma Tahoe, toda cheia de coisa. Pneus customizados, muito cromado. E cobertura na caçamba. Ele pode ter colocado elas lá. Drogado, talvez até estar pronto para… você sabe… usar elas.

— Ai — disse Holly. Ela não conseguiu evitar.

Candy Wilson assentiu.

— É. É o tipo de coisa que você não quer imaginar, mas não consegue evitar. Pelo menos eu não consigo. Também encontraram o DNA dele, como tenho certeza de que sabe, porque isso também saiu no jornal.

— Sim.

— E *eu* vi ele naquela semana, porque Heath foi trabalhar um dia. "Não consegue ficar longe daqui, não é?", perguntei. Ele não disse nada, só deu um sorriso sinistro e seguiu andando pela Ala B. Eu nunca tinha visto ele sorrir daquele jeito, nunca. Aposto que ainda tinha o sangue das meninas embaixo das unhas. Talvez até no pau e nas bolas. Cristo, fico apavorada só de pensar.

Holly também ficava, mas não revelou isso, só tomou um gole de cerveja e perguntou que dia tinha sido.

— Não sei assim de cabeça, mas foi depois que as garotas desapareceram. Quer saber? Acho que consigo dizer a data exata, porque eu tinha um horário marcado no cabeleireiro naquele mesmo dia depois do trabalho. Pra pintar. Não vou ao salão desde esse dia, como pode perceber. Só um minuto.

Ela foi até uma mesinha no canto da sala, voltou com uma agenda e virou as páginas.

— Aqui está, Debbie's Hairport. Dia 27 de abril.

Holly anotou a data e acrescentou um ponto de exclamação ao lado. Aquele foi o dia da última visita de Terry para ver o pai. Ele e a família voltaram para casa no dia seguinte.

— Peter Maitland conhecia o sr. Holmes?

Candy riu.

— Peter Maitland não *conhece* ninguém, querida. Ele teve alguns dias lúcidos no ano passado, e no começo deste ano se lembrou do suficiente para ir até o refeitório sozinho e pedir um chocolate quente; as coisas de que eles realmente gostam são as que a maioria lembra por mais tempo. Mas agora, ele só fica parado, olhando para o nada. Se eu tiver essa merda, vou tomar um monte de comprimidos e morrer enquanto ainda tenho neurônios suficientes funcionando para saber para que os comprimidos servem. Mas se está me perguntando se Heath conhecia Maitland, a resposta é claro que sim. Alguns auxiliares mudam, mas Heath quase sempre ficava com as suítes ímpares da Ala B. Ele costumava dizer que alguns pacientes o reconheciam, mesmo quando boa parte do cérebro deles já não funcionava mais. E Maitland fica na suíte B-5.

— Ele visitou o quarto de Maitland no dia que você o viu?

— Deve ter visitado. Sei de uma coisa que não saiu no jornal, mas você

pode apostar que teria sido uma bomba no julgamento de Heath, se ele tivesse tido um.

— O quê, Candy? O quê?

— Quando os tiras descobriram que ele tinha ido ao Memory Unit depois dos assassinatos, revistaram todas as suítes da Ala B, dando atenção especial à de Maitland, porque Cam Melinsky disse que viu Heath saindo de lá. Cam é o zelador. Ele reparou em Heath porque ele, e estou falando de Cam, estava lavando o piso do corredor, e Heath escorregou e caiu de bunda.

— Tem certeza disso, Candy?

— Tenho, e a bomba é a seguinte: minha melhor amiga na equipe de enfermeiros é uma mulher chamada Penny Prudhomme, e ela ouviu um dos policiais falando no celular depois da revista na B-5. Ele disse que encontraram cabelo no quarto e que era *louro*. O que acha disso?

— Acho que devem ter feito um exame de DNA no cabelo para ver se pertencia a alguma das garotas Howard.

— Pode apostar que sim. Tipo coisa de *CSI*.

— Os resultados não foram divulgados — disse Holly. — Foram?

— Não. Mas você sabe o que a polícia encontrou no porão da sra. Holmes, não sabe?

Holly assentiu. Aquele detalhe *foi* divulgado, e lê-lo deve ter sido como enfiar uma flecha no coração dos pais. Alguém falou e o jornal imprimiu. Deve ter saído na televisão também.

— *Muitos* assassinos sexuais pegam troféus — disse Candy com tom autoritário. — Já vi isso no *Forensic Files* e no *Dateline*. É comportamento comum entre esses malucos.

— Embora Heath Holmes nunca tenha parecido maluco pra você.

— Eles escondem — disse Candy Wilson, de forma sinistra.

— Mas ele não se esforçou muito para esconder esse crime, não foi? Pessoas o viram, e tinha até o vídeo da câmera de segurança.

— E daí? Ele ficou maluco, e pessoas malucas estão cagando pra essas coisas.

Tenho certeza de que o detetive Anderson e o promotor do condado de Flint disseram o mesmo sobre Terry Maitland, pensou Holly. *Apesar de alguns serial killers, ou* assassinos sexuais, *para usar o termo de Candy Wilson, continuarem escapando durante anos. Ted Bundy é um exemplo, John Wayne Gacy é outro.*

Holly se levantou.

— Muito obrigada pelo seu tempo.

— Me agradeça garantindo que a sra. Kelly não descubra que conversei com você.

— Vou fazer isso — respondeu Holly.

Quando estava saindo pela porta, Candy disse:

— Você sabe sobre a mãe dele, não sabe? O que ela fez depois que Heath acabou com a própria vida na cadeia?

Holly parou com a chave do carro na mão.

— Não.

— Foi um mês depois. Acho que não deve ter ido tão longe na sua pesquisa. Ela se enforcou. Que nem ele, só que no porão, em vez de na cela do presídio.

— Caramba! Ela deixou bilhete?

— Isso eu não sei — disse Candy —, mas foi no porão que a polícia encontrou as calcinhas sujas de sangue. As que tinham o ursinho Pooh, o Tigrão e o Guru. Se o seu único filho faz uma coisa dessas, quem precisa deixar bilhete?

9

Quando Holly não sabia muito bem o que fazer a seguir, ela quase sempre procurava um International House of Pancakes ou um Denny's. Os dois restaurantes serviam café da manhã o dia inteiro, comida reconfortante que dava para comer devagar sem ser incomodada por coisas como cartas de vinho e garçons insistentes. Ela encontrou um IHOP perto do hotel.

Depois que foi levada a uma mesa de dois lugares em um canto, pediu panquecas (uma pilha pequena), um único ovo mexido e *hash browns* (esse tipo de batatas no IHOP era sempre uma delícia). Enquanto esperava que a comida chegasse, ligou o laptop e procurou o número de telefone de Ralph Anderson. Não encontrou, o que não foi nenhuma surpresa; policiais quase sempre tiravam os seus números da lista telefônica. Mesmo assim, era quase certo que conseguisse, Bill lhe ensinara todos os truques, e ela *queria* falar com ele, pois sabia com certeza que os dois tinham peças do quebra-cabeça que faltavam ao outro.

— Ele é Macy's, eu sou Gimbels — disse ela.

— O que foi, querida? — Era a garçonete, com a refeição vespertina.

— Só estava dizendo como estou com fome — falou Holly.

— É bom que esteja, porque é comida à beça. — Ela colocou os pratos na

mesa. — Mas você precisa se alimentar, se é que posso dar a minha opinião. Está tão magrinha.

— Eu tinha um amigo que costumava dizer isso o tempo todo — respondeu Holly, e de repente sentiu vontade de chorar. Foi a frase: *Eu tinha um amigo*. O tempo havia passado, e talvez ele curasse todas as feridas, mas, Deus, algumas cicatrizavam tão devagar. E a diferença entre *eu tenho* e *eu tinha* era enorme.

Ela comeu devagar, caprichando no xarope na panqueca. Não era o autêntico, não era de bordo, mas era gostoso mesmo assim, e era bom comer uma refeição sentada, sem pressa.

Quando terminou, Holly tinha chegado a uma decisão relutante. Ligar para o detetive Anderson sem informar a Pelley talvez a fizesse ser despedida quando ela queria (em uma expressão típica de Bill) correr atrás do caso. Mais importante, não seria ético.

A garçonete voltou para oferecer mais café, e Holly aceitou. A Starbucks não oferecia refil grátis. E o café do IHOP, apesar de não ser gourmet, era bom o bastante. Como o xarope. *E como eu*, pensou Holly. Seu terapeuta dizia que esses momentos de autovalidação ao longo do dia eram muito importantes. *Eu posso não ser Sherlock Holmes — nem mesmo Tommy e Tuppence, para ser honesta —, mas sou boa o bastante e sei o que tenho que fazer. O sr. Pelley pode brigar comigo, e odeio brigas, mas vou argumentar, se necessário. Vou canalizar o meu Bill Hodges interno.*

Ela sustentou o pensamento enquanto fazia a ligação. Quando Pelley atendeu, ela disse:

— Terry Maitland não matou o garoto Peterson.

— O quê? Você acabou de dizer o que acho que…

— Disse. Descobri umas coisas bem interessantes aqui em Dayton, sr. Pelley, mas antes de eu fazer o meu relatório, preciso falar com o detetive Anderson. Você tem alguma objeção?

Pelley não discutiu como ela temia.

— Eu teria que falar com Howie Gold sobre isso, e ele teria que falar com Marcy. Mas acho que os dois vão topar.

A mulher relaxou e tomou um gole de café.

— Que bom. Fale com o sr. Gold o mais rápido possível, por favor, e consiga o número de telefone do sr. Anderson. Gostaria de falar com o detetive ainda hoje.

— Mas por quê? O que descobriu?

— Tenho uma dúvida. Você sabe se alguma coisa incomum aconteceu no Heisman Memorial Unit no dia em que Terry Maitland visitou o pai pela última vez?

— Incomum como?

Dessa vez, Holly não guiou a testemunha.

— Qualquer coisa. Você pode não saber, mas talvez saiba. Se Terry disse algo para a esposa quando voltou para o hotel, por exemplo. Qualquer coisa?

— Não… a não ser que queira dizer quando Terry esbarrou em um auxiliar quando saiu. O rapaz caiu porque o piso estava molhado, mas foi só um acidente. Nenhum dos dois se machucou nem nada.

Ela segurou o celular com tanta força que os nós dos dedos estalaram.

— Você nunca mencionou nada sobre isso.

— Não achei que fosse importante.

— É por isso que preciso falar com o detetive Anderson. Tem peças faltando. Você acabou de me dar uma. Talvez ele tenha outras. Além do mais, ele pode descobrir coisas que eu não posso.

— Você está me falando que um esbarrão quando Maitland estava saindo do quarto do pai tem relevância? Se tem, qual é?

— Me deixe falar com o detetive Anderson primeiro. *Por favor.*

Houve uma longa pausa, e Pelley disse:

— Vou ver o que posso fazer.

A garçonete pôs a conta na mesa na hora em que Holly guardou o celular.

— Isso pareceu intenso.

Holly abriu um sorriso.

— Muito obrigada pelo ótimo atendimento.

A garçonete se afastou. A conta era de dezoito dólares e vinte centavos. Holly deixou uma nota de cinco dólares de gorjeta embaixo do prato. Era bem mais do que a quantia recomendada, mas ela estava animada.

10

Ela mal tinha voltado ao quarto de hotel quando o seu celular tocou. NÚMERO DESCONHECIDO, dizia a tela.

— Alô? Aqui é Holly Gibney, quem fala?

— Aqui é Ralph Anderson. Alec Pelley me deu o seu número, sra. Gibney, e me contou o que está fazendo. Minha primeira pergunta é: Você *sabe* o que está fazendo?

— Sei. — Holly tinha muitas preocupações e era uma pessoa cheia de

dúvidas, mesmo depois de anos de terapia, mas daquilo, ela tinha certeza.

— Aham, aham, bom, talvez saiba ou talvez não. Não tenho como saber, tenho?

— Não — falou Holly. — Ao menos não neste momento.

— Alec disse que você falou pra ele que Terry Maitland não matou Frank Peterson. Ele disse que você parecia ter certeza absoluta disso. Estou curioso pra saber como pode fazer uma declaração dessas estando em Dayton, sendo que o assassinato de Peterson aconteceu aqui em Flint City.

— Porque aconteceu um crime similar em Dayton, na época em que Maitland estava aqui. Não um garoto morto, mas duas menininhas. O mesmo modo de agir: mutilação e estupro. O homem que a polícia prendeu alegava estar com a mãe em uma cidade a cinquenta quilômetros de distância, e ela corroborou a informação, mas ele também foi visto em Trotwood, no subúrbio onde as garotinhas desapareceram. Tem imagens de câmera de segurança dele. Parece familiar?

— Familiar, mas não surpreendente. Quase todos os assassinos surgem com algum álibi quando são presos. Você pode não saber disso pelo seu trabalho de pegar fugitivos pós-fiança, sra. Gibney, Alec me contou o que a sua empresa faz, mas sem dúvida sabe disso pela televisão.

— Esse homem era auxiliar no Heisman Memory Unit, e apesar de estar de férias, ele apareceu lá pelo menos uma vez durante a mesma semana em que o sr. Maitland estava visitando o pai. Na ocasião da última visita do sr. Maitland, no dia 27 de abril, os dois supostos assassinos chegaram a se esbarrar. E estou falando literalmente.

— Você está de sacanagem comigo? — Anderson quase gritou.

— Não estou. Isso era o que o meu antigo sócio da Achados e Perdidos chamaria de uma situação de zero sacanagem. Está interessado agora?

— Pelley contou pra você que o auxiliar arranhou Maitland quando caiu? Que esticou a mão para se segurar e arranhou o braço dele?

Holly ficou em silêncio. Ela estava pensando no filme que colocara na mala. Ela não tinha o hábito de parabenizar a si mesma, estava mais para o contrário, mas agora parecia um ato de genialidade intuitiva. Ela por um momento chegou a duvidar de que havia algo fora do comum no caso Maitland? Não. Sobretudo por causa do contato dela com o monstruoso Brady Wilson Hartsfield. Uma coisa assim costumava ampliar as suas perspectivas um pouquinho.

— E esse não foi o único corte. — Ele parecia estar falando sozinho agora.

— Houve outro. Mas aqui. Depois que Frank Peterson foi morto.

Essa era a outra peça que faltava.

— Me conte, detetive. Me conte, me conte, me conte!

— Eu acho… que não por telefone. Você pode vir até aqui de avião? A gente devia sentar e conversar. Você, eu, Alec Pelley, Howie Gold e um detetive da Polícia Estadual que também está trabalhando no caso. E talvez Marcy. Ela também.

— Acho que é uma boa ideia, mas vou ter que discutir com o meu cliente. O sr. Pelley.

— Fale com Howie Gold. Eu dou o número dele pra você.

— O protocolo…

— Howie é quem emprega Alec, então não há problema de protocolo aqui.

Holly pensou no assunto.

— Você pode fazer contato com o Departamento de Polícia de Dayton e com o promotor do condado de Montgomery? Não consigo descobrir tudo que quero saber sobre os assassinatos das garotas Howard e sobre Heath Holmes, o auxiliar, mas acho que você conseguiria.

— O julgamento do cara ainda está pendente? Se estiver, eles provavelmente não vão querer dar muitas inform…

— O sr. Holmes está morto. — Ela fez uma pausa. — Assim como Terry Maitland.

— Jesus — murmurou ele. — Dá pra isso tudo ficar ainda mais esquisito?

— Dá — disse ela. Era outra coisa da qual ela não tinha dúvida.

— Dá — repetiu ele. — Larvas no melão.

— Como é?

— Nada. Ligue para o sr. Gold, tá bom?

— Ainda acho que é melhor ligar para o sr. Pelley primeiro. Só para ter certeza.

— Se você insiste. E, sra. Gibney… Acho que talvez saiba mesmo o que está fazendo.

Isso a fez sorrir.

11

Holly recebeu sinal verde do sr. Pelley e ligou para Howie Gold na mesma hora. Agora andava de um lado para outro no carpete barato do hotel e apertava obsessivamente o botão do Fitbit para verificar a pulsação. Sim, o sr. Gold achava que seria uma boa ideia se ela fosse até lá, e não, ela não

precisava ir de econômica.

— Reserve uma passagem de classe executiva — disse ele. — Tem mais espaço pras pernas.

— Tudo bem. — Ela se sentia eufórica. — Pode deixar.

— Você acha mesmo que Terry não matou o garoto Peterson?

— Da mesma forma que acho que Heath Holmes não matou aquelas duas garotas — disse ela. — Acho que foi outra pessoa. Acho que foi um forasteiro.

VISITAS
25 DE JULHO

1

O detetive Jack Hoskins do Departamento de Polícia de Flint City acordou às duas da madrugada daquela quarta-feira em infelicidade tripla: estava de ressaca, tinha queimaduras solares no corpo e precisava cagar. *É o que eu ganho por comer no Los Tres Molinos*, pensou… mas ele *comera* lá mesmo? Ele tinha quase certeza que sim, enchiladas com carne de porco e aquele queijo temperado, mas não estava certo disso. Talvez tivesse sido no Hacienda. A noite passada estava confusa.

Tenho que parar com a vodca. As férias acabaram.

Sim, e cedo demais. Porque o departamentinho de merda deles só tinha um detetive trabalhando. Às vezes, a vida era uma bosta. Vezes demais, até.

Ele saiu da cama, fez uma careta por causa do latejar na cabeça quando os pés tocaram no chão e massageou a nuca queimada pelo sol. Tirou o short, pegou o jornal na mesa de cabeceira e foi para o banheiro para resolver o seu problema. Sentado na privada, esperando o jorro semilíquido que sempre vinha mais ou menos seis horas depois que ele comia comida mexicana (ele nunca ia aprender?), Hoskins abriu o *Call* e procurou os quadrinhos, a única parte do jornal local que valia alguma coisa.

Ele apertava os olhos para ler os balõezinhos de diálogos em *Get Fuzzy* quando ouviu a cortina do chuveiro balançar. Ergueu o rosto e viu uma sombra atrás das margaridas. Seu coração pulou na garganta e disparou. Tinha alguém de pé na sua banheira. Um invasor, e não apenas um ladrão drogado que entrou pela janela do banheiro e se refugiou no único lugar disponível quando viu a luz acender. Não. Era a mesma pessoa que ficou parada atrás dele naquela porra de celeiro abandonado no município de Canning. Ele sabia com a mesma certeza com que sabia o próprio nome. Aquele encontro (se *foi* um encontro) se recusava a sair da sua mente, e era quase como se ele estivesse esperando o… *retorno*.

Você sabe que isso é besteira. Você achou que tinha visto um homem no celeiro, mas, quando apontou a lanterna para o sujeito, não passava de uma peça de equipamento de fazenda. Agora acha que tem um homem na sua

banheira, mas o que parece a cabeça dele é só o chuveiro, e o que parece o braço é só a esponja de lavar as costas pendurada na parede. O som que você ouviu foi o vento ou coisa da sua cabeça.

Ele fechou os olhos. Abriu-os de novo e olhou para a cortina do chuveiro com as flores idiotas de plástico, o tipo de cortina de boxe que só uma ex-esposa poderia gostar. Agora que estava completamente desperto, a realidade se realinhou. Só o chuveiro, só o suporte com a esponja de lavar as costas. Ele era um idiota. Um idiota de *ressaca*, o pior tipo. Ele…

A cortina do chuveiro balançou mais uma vez. Balançou porque o que o detetive queria acreditar que era a esponja de lavar as costas agora ficou com dedos escuros e se esticou para tocar o plástico. O chuveiro se virou e pareceu olhar para ele pela cortina semitransparente. O jornal caiu dos dedos frouxos de Hoskins e foi parar no piso com um barulho suave. Sua cabeça não parava de latejar. Sua nuca não parava de arder. Seu intestino relaxou, e o pequeno banheiro foi tomado pelo cheiro do que Jack teve certeza de que fora a sua última refeição. A mão estava chegando perto da beirada da cortina. Em um segundo, dois no máximo, seria puxada, e ele estaria olhando para algo tão horrível que faria seu pior pesadelo parecer uma doce fantasia.

— Não — sussurrou ele. — Não. — Ele tentou se levantar da privada, mas as pernas não o sustentaram, e seu traseiro de tamanho considerável bateu de volta na tábua. — Por favor, não. Não.

A mão de alguém surgiu na beirada da cortina, mas em vez de puxá-la, os dedos só a seguraram. Tinha uma palavra tatuada naqueles dedos: CANT.

— Jack.

Ele não conseguiu responder. Estava sentado nu na privada, com o finalzinho da merda ainda pingando na água, o coração como um motor disparado no peito. Sentiu que logo pularia de dentro dele, e sua última visão seria dele caído no chão, respingando sangue nos tornozelos e na seção de quadrinhos do *Flint City Call* com os seus batimentos finais.

— Isso não é uma queimadura de sol, Jack.

Ele queria desmaiar. Desabar de cima da privada. Se tivesse uma concussão ao bater com a cabeça no chão, até mesmo uma fratura no crânio, e daí? Pelo menos estaria fora daquela situação. Mas a sua consciência teimosa permaneceu. A figura escura na banheira ficou no lugar. Os dedos na cortina ficaram no lugar: CANT — *Não posso*, em letras azuis desbotadas.

— Toque na sua nuca, Jack. Se não quer que eu puxe essa cortina e me revele, faça isso agora.

Hoskins levantou a mão e a encostou na base do pescoço. A reação do seu corpo foi imediata: pontadas apavorantes de dor que foram até as têmporas e desceram até os ombros. Ele olhou para a mão e viu que ela estava suja de sangue.

— Você tem câncer — disse a figura atrás da cortina. — Nas glândulas linfáticas, na garganta e nos seios da face. Nos *olhos*, Jack. Está consumindo os seus *olhos*. Em pouco tempo, você vai poder ver pontinhos cinzentos de células cancerosas malignas dançando na sua visão. Sabe quando isso começou?

Claro que ele sabia. Quando aquela criatura tocou nele no município de Canning. Quando o *acariciou*.

— Eu coloquei em você, mas posso tirar. Quer que eu tire?

— Quero — sussurrou Jack. Ele começou a chorar. — Tire. *Por favor*, tire.

— Você vai fazer uma coisa se eu pedir?

— Vou.

— Não vai hesitar?

— Não!

— Acredito em você. E não vai me dar motivo para *não* acreditar em você, vai?

— Não! *Não!*

— Que bom. Agora vá se limpar. Você está fedendo.

A mão com o CANT foi puxada, mas a forma atrás da cortina do chuveiro ainda olhava para ele. Não era um homem, afinal. Uma coisa bem pior do que o pior homem que já tinha vivido. Hoskins esticou a mão para o papel higiênico, ciente de que, ao fazer isso, estava inclinado de lado para fora do assento e de que o mundo estava ao mesmo tempo escurecendo e sumindo. E isso era bom. Ele caiu, mas não houve dor. Já estava inconsciente antes de bater no chão.

2

Jeannie Anderson acordou às quatro daquela madrugada, com a bexiga cheia de sempre do meio da noite. Em geral, ela teria usado o banheiro da suíte deles, mas Ralph estava dormindo mal desde que Terry Maitland levou o tiro, e naquela noite ele estava particularmente agitado. Ela saiu da cama e foi até o banheiro no final do corredor, depois da porta do quarto de Derek. Pensou em dar descarga após se aliviar, mas concluiu que até isso poderia acordar o marido. Aquilo poderia esperar até de manhã.

Mais duas horas, Senhor, pensou ela ao sair do banheiro. *Mais duas horas de bom sono, é só o que q…*

Ela parou na metade do corredor. O andar de baixo estava escuro quando ela saiu do quarto, não estava? Ela estava mais adormecida do que acordada, mas teria percebido se houvesse alguma luz acesa.

Você tem certeza disso?

Não, não completamente, mas sem dúvida havia uma luz acesa lá embaixo agora. Uma luz branca. Seca. A que ficava acima do fogão.

Ela foi até a escada e parou no alto, olhando para a luz com a testa franzida, pensando profundamente. O alarme tinha sido armado antes de eles irem dormir? Sim. Armá-lo antes de ir para a cama era regra da casa. Ela o armou, e Ralph verificou antes de eles subirem. Um dos dois sempre armava o alarme, mas as verificações, assim como o sono ruim de Ralph, só começaram depois da morte de Terry Maitland.

Ela pensou em acordar Ralph, mas decidiu não fazer isso. Ele precisava dormir. Pensou em voltar para pegar a arma de trabalho do marido na caixa na prateleira alta do armário, mas a porta do móvel fazia barulho, e isso sem dúvida o acordaria. E não estava sendo paranoica demais? A luz provavelmente *estava* acesa quando foi para o banheiro, só que ela não reparou. Ou talvez tivesse ligado sozinha, por algum defeito. Jeannie desceu a escada em silêncio, indo para a esquerda no terceiro degrau e para a direita no nono para evitar os estalos, sem nem pensar no que estava fazendo.

Foi até a porta da cozinha e espiou junto ao batente, sentindo-se ao mesmo tempo muito idiota e nem um pouco idiota. Suspirou e soprou a franja. A cozinha estava vazia. Ela começou a atravessar o aposento para apagar a luz acima do fogão, mas parou. Devia haver quatro cadeiras à mesa da cozinha, três para a família e uma que eles chamavam de cadeira do convidado. Mas, naquele momento, só havia três.

— Não se mexa — disse alguém. — Se você se mexer, mato você. Se gritar, mato você.

Ela parou, a pulsação disparada, os cabelos da nuca se eriçando. Se ela não tivesse ido ao banheiro antes de descer, haveria urina agora escorrendo pelas suas pernas, formando uma poça no chão. O homem, o invasor, estava sentado na cadeira do convidado na sala de estar, longe o suficiente do batente em forma de arco para ela só conseguir vê-lo dos joelhos para baixo. Ele estava usando uma calça jeans surrada e mocassins sem meias. Os tornozelos estavam cheios de bolhas vermelhas que podiam ser de psoríase.

O tronco era uma vaga silhueta. Ela só conseguia ver que os ombros eram largos e meio caídos, não como se ele estivesse cansado, mas como se estivessem tão cheios de músculos exercitados que o homem não conseguia empertigá-los. Era engraçado o que dava para ver em um momento assim. O pavor tinha congelado a capacidade de seleção habitual do seu cérebro, e tudo fluía sem preconceito. Aquele era o homem que tinha matado Frank Peterson. O homem que o mordeu como um animal selvagem e o estuprou com um galho de árvore. Aquele homem estava na sua casa, e ali estava ela com o pijama curto, os mamilos sem dúvida se projetando como faróis.

— Me escute — falou ele. — Está escutando?

— Estou — sussurrou Jeannie, mas tinha começado a oscilar, prestes a desmaiar, e estava com medo de apagar antes de ele dizer o que tinha ido falar ali. Se aquilo acontecesse, ele a mataria. Depois disso, talvez fosse embora, ou talvez subisse e matasse Ralph. Ele agiria antes de a mente de Ralph estar lúcida o suficiente para entender o que estava acontecendo.

E Derek voltaria para casa como um órfão.

Não. Não. *Não.*

— O q-que você quer?

— Diga para o seu marido que acabou aqui em Flint City. Diga que ele tem que parar. Diga que, se ele fizer isso, as coisas voltam ao normal. Diga que, se não fizer, eu mato ele. Vou matar todos eles.

A mão do homem surgiu das sombras da sala de jantar e apareceu na luz fraca da única lâmpada fluorescente. Era uma mão grande. Ele a fechou em punho.

— O que está escrito nos meus dedos? Leia pra mim.

Ela olhou para as letras azuis apagadas. Tentou falar, mas não conseguiu. Sua língua não passava de um caroço grudado no céu da boca.

Ele se inclinou para a frente. Ela viu olhos embaixo de uma testa que parecia uma prateleira grande. Cabelo preto, curto o suficiente para ficar espetado. Olhos também pretos, não só nela, mas *dentro* dela, revirando o seu coração e a sua mente.

— Está escrito MUST — disse para ela. — *Deve*. Você vê, não vê?

— S-s-s…

— E o que você deve fazer é mandar ele parar. — Lábios vermelhos se movendo dentro de um cavanhaque preto. — Diga que, se ele ou algum deles tentar me encontrar, vou matá-los e deixar as suas entranhas no deserto para os abutres. Entendeu?

Sim, ela tentou dizer, mas a sua língua não se mexia, e os seus joelhos estavam destravando, e ela projetou os braços para se proteger da queda, e ela não sabia se conseguiu ou não, porque já tinha mergulhado na escuridão antes mesmo de cair no chão.

3

Jack acordou às sete da manhã com o sol forte de verão brilhando pela janela em cima da cama. Pássaros cantavam lá fora. Ele se sentou de repente, olhando como louco ao redor, só um pouco ciente de que a sua cabeça estava latejando da vodca da noite anterior.

Ele saiu da cama rápido, abriu a gaveta do criado-mudo e pegou o Pathfinder.38 que guardava ali para a própria proteção. Atravessou o quarto a passos largos com a arma erguida ao lado da bochecha direita e o cano curto apontado para o teto. Chutou a cueca para longe e, quando chegou à porta, que estava aberta, parou ao lado dela com as costas para a parede. O cheiro que vinha por ela estava fraco, mas era familiar: os restos das aventuras da noite anterior com as enchiladas. Ele *tinha* se levantado para descarregar. Isso, pelo menos, não foi sonho.

— Tem alguém aí? Se sim, responda. Estou armado e vou atirar.

Nada. Jack respirou fundo e virou junto ao batente da porta, meio abaixado, percorrendo o aposento de um lado a outro com o cano da arma. Ele viu a privada com a tampa erguida e a tábua abaixada. Viu o jornal no chão, aberto nos quadrinhos. Viu a banheira, com a cortina florida semitransparente fechada. Viu as formas atrás, mas eram o chuveiro, a barra de apoio e a esponja.

Tem certeza?

Antes que perdesse a coragem, ele deu um passo à frente, escorregou no tapete e se segurou na cortina para não cair de bunda. A cortina se soltou dos aros de plástico e cobriu o rosto do detetive. Ele gritou, empurrou-a para o lado e apontou o revólver para a banheira, para o nada. Não tinha ninguém lá dentro. Nenhum bicho-papão. Ele olhou para o fundo da banheira. Não era muito dedicado a mantê-la limpa, e se alguém tivesse ficado de pé lá dentro, teria deixado pegadas. Porém, a espuma seca de sabonete e xampu não tinha marca nenhuma. Foi tudo um sonho. Um pesadelo particularmente vívido.

Ainda assim, ele verificou a janela do banheiro e as três portas que levavam para fora. Tudo estava trancado.

Tudo bem, então. Hora de relaxar. Ou quase. Ele voltou para o banheiro a

fim de dar outra olhada, dessa vez verificando o armário de toalhas (nada) e empurrando a cortina caída com o pé, cheio de nojo. Era hora de substituir aquela porcaria. Ele passaria no Home Depot ainda hoje.

Ergueu a mão distraído para massagear o pescoço e chiou de dor assim que os dedos fizeram contato. Foi até a pia e se virou, mas tentar ver a nuca olhando por cima do ombro era inútil. Ele abriu a gaveta mais alta embaixo da pia e só achou produtos de barbear, pentes, uma atadura desenrolada e um tubo de miconazol mais velho do mundo, outro pequeno suvenir da Era de Greta. Como a porcaria da cortina do chuveiro.

Na gaveta de baixo, encontrou o que estava procurando, um espelho com cabo quebrado. Tirou a poeira da superfície reflexiva, recuou até a bunda encostar na pia e ergueu o espelho. A nuca estava vermelha, e ele conseguia ver pequenas bolhas como pérolas se formando. Como aquilo era possível se ele sempre passava protetor solar e não tinha nenhuma outra queimadura de sol?

Isso não é uma queimadura de sol, Jack.

Hoskins fez um ruído lamurioso. Claro que ninguém tinha entrado naquela banheira durante a madrugada, nenhum sujeito sinistro com um CANT tatuado nos dedos, *com certeza* não, mas uma coisa era certa: câncer de pele era comum na sua família. A mãe dele e um dos seus tios tinham morrido disso. *É por causa do cabelo ruivo*, o pai dissera depois de ter passado pela remoção de partes da pele no braço esquerdo, assim como sinais pré-cancerígenos nas panturrilhas e um carcinoma basocelular na nuca.

Jack se lembrava de um sinal preto enorme (crescendo, sempre crescendo) na bochecha do tio Jim; se lembrava das feridas abertas no esterno da mãe e consumindo o braço esquerdo dela. A pele era o maior órgão do corpo, e quando algo dava errado nela, os resultados não eram nada bonitos.

Quer que eu tire? O homem atrás da cortina tinha perguntado.

— Foi um sonho — disse Hoskins. — Eu me assustei em Canning, e ontem à noite comi um monte de comida mexicana ruim, e tive um pesadelo. Isso é tudo, fim da história.

Isso não o impediu de procurar gânglios nas axilas, embaixo do maxilar, dentro do nariz. Nada. Só um pouco de sol em excesso no pescoço. Só que ele não tinha queimadura de sol em nenhuma outra parte do corpo. Apenas aquela única parte latejante. Não estava exatamente sangrando, o que meio que provava que o seu encontro da madrugada fora um sonho, mas já estava ficando com um monte de bolhas. Ele devia procurar um médico, e faria

isso… depois que esperasse alguns dias para melhorar sozinho.

Você vai fazer uma coisa se eu pedir? Não vai hesitar?

Ninguém hesitaria, pensou Jack, olhando para a parte de trás do pescoço pelo espelho. Se a alternativa era ser consumido de dentro para fora — ser comido vivo —, ninguém hesitaria.

4

Jeannie acordou olhando para o teto do quarto, primeiro sem entender por que a sua boca estava cheia do gosto acobreado de pânico, como se ela tivesse evitado por pouco uma queda ruim. Também não entendia por que as mãos estavam erguidas, as palmas abertas em um gesto como se tentasse afastar algo. Em seguida, viu a metade vazia da cama à esquerda, ouviu o som de Ralph no chuveiro e pensou: *Foi um sonho. O pesadelo mais vívido de todos os tempos, sem dúvida, mas não passou disso.*

Só que não houve sensação de alívio, porque ela não acreditava nisso. Não estava desaparecendo como costumava acontecer com os sonhos quando se acordava, mesmo os piores. Ela se lembrava de tudo, desde ver a luz lá embaixo ao homem sentado na cadeira do convidado logo atrás do batente em arco que levava à sala. Lembrava-se da mão surgindo na luz fraca e se fechando em um punho, para ela poder ler as letras desbotadas tatuadas nos dedos: MUST.

O que você deve fazer é mandar ele parar.

Jeannie afastou a coberta e saiu do quarto, sem chegar a correr. Na cozinha, a luz acima do fogão estava desligada, e todas as quatro cadeiras estavam no lugar de sempre à mesa onde a família fazia a maioria das refeições. Devia ter feito diferença.

Mas não fez.

5

Quando Ralph desceu, enfiando a camisa dentro da calça jeans com uma das mãos e segurando os tênis com a outra, encontrou a esposa sentada à mesa da cozinha. Não havia xícara de café na frente dela, nem suco, nem cereal. O marido perguntou se ela estava bem.

— Não. Um homem esteve aqui ontem à noite.

Ele parou onde estava, um lado da camisa para dentro da calça, o outro para fora. Os tênis foram largados no chão.

— Como é que *é*?

— Um homem. O que matou Frank Peterson.

Ele olhou em volta, de repente completamente desperto.

— Quando? Do que você está falando?

— Ontem à noite. Ele já foi embora, mas deixou um recado pra você. Senta, Ralph.

Ele se sentou, e ela contou o que tinha acontecido. Ralph ouviu sem dizer nada, encarando os olhos da esposa. Não viu nada neles além de convicção absoluta. Quando ela terminou, ele se levantou para olhar o console do alarme junto à porta dos fundos.

— Está armado, Jeannie. E a porta está trancada. Pelo menos esta aqui está.

— Eu sei que está armado. E todas as portas estão trancadas. Eu verifiquei. As janelas também.

— Então como…

— Não sei, mas ele esteve aqui.

— Sentado bem ali. — Ele apontou para o arco.

— Sim. Como se não quisesse ficar muito na luz.

— E ele era grande, você diz?

— Era. Talvez não tão grande quanto você, não deu para reparar na altura dele porque estava sentado, mas o homem tinha ombros largos e muitos músculos. Como um cara que passa três horas por dia na academia. Ou levantando peso em um pátio de prisão.

Ele saiu da mesa e se ajoelhou onde o piso de madeira da cozinha se encontrava com o carpete da sala. Ela sabia o que o marido estava procurando e também sabia que ele não encontraria. Já tinha verificado, mas isso não a fez mudar de ideia. Quem não era maluco sabia a diferença entre sonhos e realidade, mesmo quando a realidade fugia aos limites de uma vida normal. Houve uma época em que ela talvez tivesse duvidado disso (como sabia que Ralph estava duvidando agora), mas não mais. Agora, ela sabia.

Ele se levantou.

— O carpete é novo, querida. Se um homem tivesse se sentado ali, mesmo que por um espaço curto de tempo, os pés da cadeira teriam deixado marcas. Não tem nenhuma.

Ela assentiu.

— Eu sei. Mas ele estava aí.

— O que está dizendo? Que era um fantasma?

— Não sei o que era, mas sei que estava certo. Você tem que parar. Se não

parar, algo ruim vai acontecer. — Ela foi até Ralph e inclinou a cabeça para cima para olhar nos olhos dele. — Algo terrível.

Ele segurou as mãos dela.

— Esses dias têm sido bem estressantes, Jeannie. Tanto pra você quanto pra m…

Ela se afastou.

— Não começa, Ralph. Não. Ele estava *aqui*.

— Vamos dizer que estava. Eu já fui ameaçado. Qualquer policial eficiente já foi ameaçado.

— Você não é o único sendo ameaçado! — Ela precisou lutar para não gritar. Era como ficar presa em um daqueles filmes ridículos de terror em que ninguém acredita na mocinha quando ela diz que Jason, ou Freddy, ou Michael Myers voltou à vida. — Ele estava na nossa *casa*!

Ralph pensou em falar tudo de novo: portas trancadas, janelas trancadas, alarme ligado que não disparou. Pensou em lembrar à esposa que ela tinha acordado de manhã na própria cama, sã e salva. Conseguia ver no rosto de Jeannie que nada disso adiantaria. E uma discussão com a esposa no estado atual era a última coisa que queria.

— Ele era queimado, Jeannie? Como o sujeito que vi no tribunal?

Ela balançou a cabeça.

— Tem certeza? Você disse que ele estava nas sombras.

— Ele se inclinou para a frente em um momento, e consegui ver um pouco. Foi o suficiente. — Ela tremeu. — Testa larga, projetada acima dos olhos. Os olhos eram escuros, talvez pretos, talvez castanhos, talvez azul-escuros, não deu pra perceber. O cabelo era curto e espetado. Um pouco grisalho, mas ainda escuro. Ele tinha cavanhaque. Os lábios eram muito vermelhos.

A descrição fez soar uma sirene na cabeça dele, mas Ralph não confiou na sensação; devia ser um falso positivo provocado pela intensidade dela. Deus sabia que ele queria acreditar nela. Se houvesse um único sinal de prova empírica…

— Espere um minuto, os pés! Ele estava usando mocassins sem meias, e havia bolhas vermelhas em toda parte. Pensei que fosse psoríase, mas acho que podiam ser queimaduras.

Ele ligou a cafeteira.

— Não sei o que dizer, Jeannie. Você acordou na cama, e não há sinal de ninguém ter…

— Uma vez, você abriu um melão que estava cheio de larvas — disse ela. — Isso aconteceu, você sabe que sim. Por que não consegue acreditar que *o que estou dizendo* aconteceu?

— Mesmo que acreditasse, não posso parar. Você não vê isso?

— O que vejo é que o homem sentado na nossa sala estava certo sobre uma coisa: *acabou*. Frank Peterson está morto. Terry está morto. Você vai voltar à ativa, e nós… nós podemos… poderíamos…

Ela parou de falar porque o que viu no rosto dele deixava claro que prosseguir seria inútil. Não era descrença. Era decepção de ela acreditar que parar com aquilo era uma opção para ele. Prender Terry Maitland no Estelle Barga foi a primeira peça do dominó, a que iniciou uma reação em cadeia de violência e infelicidade. E agora, ele e a esposa estavam tendo uma discussão sobre um homem que não estava ali. Era tudo culpa dele, era nisso que Ralph acreditava.

— Se você não vai parar — disse ela —, precisa começar a andar armado de novo. Eu sei que vou andar com a pequena arma .22 que você me deu três anos atrás. Achei um presente bem idiota na época, mas acho que tinha razão. Ei, talvez você seja clarividente.

— Jeannie…

— Quer ovos?

— Acho que sim, quero. — Não estava com fome, mas se tudo que pudesse fazer por ela naquela manhã era comer o que a esposa preparasse, era isso que faria.

A mulher tirou os ovos da geladeira e falou com ele sem se virar.

— Quero proteção policial para nós à noite. Não precisa ser o tempo todo, mas quero alguém fazendo visitas regulares. Você consegue arranjar isso?

Proteção policial contra um fantasma não vai adiantar muito, ele pensou… mas estava casado havia tempo suficiente para responder.

— Acho que sim.

— Você devia contar para Howie Gold e para os outros. Mesmo parecendo maluquice.

— Querida…

Mas ela continuou falando.

— Ele disse você ou qualquer um deles. Falou que deixaria as suas entranhas espalhadas no deserto para os abutres.

Ralph pensou em lembrar a ela que, embora de vez em quando vissem abutres voando no céu (sobretudo nos dias de coleta de lixo), não havia

nenhuma região desértica ao redor de Flint City. Isso por si só sugeria que o encontro tinha sido um sonho, mas também resolveu ficar calado sobre aquilo. Não tinha intenção de atiçar a discussão quando tudo parecia estar se acalmando.

— Pode deixar — falou, e era uma promessa que pretendia cumprir. Eles precisavam pôr tudo na mesa. Todas as maluquices. — Você sabe que vamos fazer uma reunião no escritório de Howie Gold, não sabe? Com a mulher que Alec Pelley contratou para investigar a viagem de Terry a Dayton.

— A que declarou de forma categórica que Terry era inocente.

Dessa vez, o que Ralph pensou e não falou (havia oceanos de conversas não verbalizadas em casamentos longos, ao que parecia) foi: *Uri Geller declarou de forma categórica que era capaz de dobrar colheres só com o poder da mente.*

— É. Ela está vindo de avião. Pode ser que seja uma enganação, mas trabalhou com um ex-policial condecorado naquela empresa dela, e o procedimento de investigação pareceu fazer sentido, então talvez ela tenha descoberto alguma coisa em Dayton. Deus sabe que ela parecia ter certeza absoluta.

Jeannie começou a quebrar os ovos.

— Você iria em frente mesmo se eu tivesse descido e encontrado o alarme quebrado, a porta dos fundos escancarada e as pegadas dele no chão. Você iria em frente mesmo assim.

— Sim. — Ela merecia a verdade, sem floreios.

Jeannie se virou para ele naquele momento, a espátula erguida como uma arma.

— Posso dizer que acho que está sendo meio idiota?

— Pode dizer o que quiser, mas precisa se lembrar de duas coisas, amor. Quer Terry fosse inocente ou culpado, tive parte na morte dele.

— Você…

— Shhh — disse ele, apontando para ela. — Eu estou falando, e você precisa entender.

Ela fez silêncio.

— E se ele *era* inocente, tem um assassino de crianças livre.

— Eu entendo, mas você pode estar abrindo a porta para coisas muito além da sua capacidade de entender. Ou da minha.

— Elementos sobrenaturais? É disso que está falando? Porque não consigo acreditar nessas coisas. Nunca vou acreditar.

— Acredite no que quiser — disse ela, se virando para o fogão —, mas aquele homem esteve aqui. Eu vi o rosto dele e vi a palavra nos dedos dele. MUST. Ele era… repugnante. É a única palavra em que consigo pensar. Fico com vontade de chorar só porque você não acredita, ou de jogar essa frigideira com ovos na sua cabeça, ou… sei lá.

Ele foi até ela e a envolveu pela cintura.

— Eu acredito que *você* acredita. Isso é verdade. E prometo: se a reunião de hoje não der em nada, você vai me encontrar bem mais aberto à ideia de deixar o caso de lado. Entendo que há limites. Pode ser assim?

— Acho que tem que ser, ao menos por enquanto. Sei que cometeu um erro no campo de beisebol. E sei que está tentando pagar por isso. Mas, e se estiver cometendo um erro ainda maior ao seguir em frente?

— E se fosse Derek no parque Figgis? — retrucou ele. — Você ia querer que eu deixasse tudo pra lá?

Ela se ressentiu da pergunta, considerou-a um golpe baixo, mas não tinha resposta. Porque, se tivesse sido Derek, ela ia querer que Ralph fosse atrás do homem que cometeu o crime, ou da *coisa*, até o fim do mundo. E ela estaria bem ao seu lado.

— Tudo bem. Você venceu. Mas tenho mais uma exigência, e não é negociável.

— O quê?

— Quando você for para a reunião esta noite, vou com você. E não me venha com essa merda de que é assunto da polícia, porque nós dois sabemos que não é. Agora, coma os seus ovos.

6

Jeannie mandou Ralph ao Kroger com uma lista de compras, porque independente do que tinha estado na casa na noite anterior — humano, fantasma ou só um sonho muito vívido —, o sr. e a sra. Anderson ainda precisavam comer. E na metade do caminho para o supermercado, as peças se encaixaram para Ralph. Não houve nada de dramático no momento porque os fatos importantes estavam lá o tempo todo, bem na cara dele, em uma sala de interrogatórios da delegacia. Será que tinha interrogado o verdadeiro assassino de Frank Peterson como se fosse testemunha, agradecido e deixado que ele fosse embora livre? Parecia impossível, considerando a quantidade de provas que ligavam Terry ao assassinato, mas…

Ele encostou o carro e ligou para Yune Sablo.

— Vou estar lá hoje à noite, não se preocupe — disse Yune. — Não perderia as novidades vindas de Ohio de toda essa confusão. E já estou investigando Heath Holmes. Ainda não tenho muita coisa, mas quando nos reunirmos, já devo ter outras informações.

— Que bom, mas não foi por isso que liguei. Você consegue a ficha criminal de Claude Bolton? O leão de chácara do Gentlemen, Please? O que você vai encontrar, de modo geral, é posse de drogas, talvez uma ou duas prisões por posse com intenção de venda, que foram negadas.

— Ele não é o cara que prefere ser chamado de segurança?

— Sim, senhor, esse é o nosso Claude.

— O que tem ele?

— Conto esta noite se der em alguma coisa. No momento, só posso dizer que parece ter uma cadeia de eventos que leva de Holmes a Maitland e a Bolton. Posso estar errado, mas não acho que esteja.

— Você está acabando comigo, Ralph. Conta logo!

— Ainda não. Não enquanto eu não tiver certeza. E preciso de mais uma coisa. Bolton é todo tatuado, e tenho quase certeza de que ele tinha algo tatuado nos dedos. Eu devia ter reparado, mas você sabe como é quando estamos colhendo depoimentos, principalmente se o cara do outro lado da mesa tem ficha.

— Você fica olhando para o rosto.

— Isso mesmo. Sempre para o rosto. Porque quando caras como Bolton começam a mentir, é como se estivessem segurando uma plaquinha dizendo: *Estou falando um monte de merda*.

— Você acha que Bolton mentiu quando disse que Maitland entrou para usar o telefone? Porque a motorista de táxi meio que corroborou essa história.

— Na hora, não achei, mas agora tenho mais informações. Veja se consegue descobrir o que está tatuado nos dedos dele. Isso se tiver alguma coisa.

— O que *acha* que pode haver neles?

— Não quero dizer, mas, se eu estiver certo, vai estar na ficha de Bolton. Mais uma coisa. Pode me mandar uma foto por e-mail?

— Com prazer. Me dê alguns minutos.

— Obrigado, Yune.

— Algum plano de fazer contato com o sr. Bolton?

— Ainda não. Não quero que ele saiba que estou interessado nele.

— E vai mesmo explicar tudo isso de noite?

— Na medida do possível, sim.

— Vai ajudar?

— Pra falar a verdade, não sei. Você teve alguma resposta sobre a substância que encontrou nas roupas e no feno no celeiro?

— Ainda não. Vou ver o que consigo descobrir sobre Bolton.

— Obrigado.

— O que está indo fazer agora?

— Compras no mercado.

— Espero que tenha se lembrado de levar os cupons de desconto da sua esposa.

Ralph sorriu e olhou para a pilha presa com elástico no assento ao lado.

— Como se ela fosse me deixar esquecer — respondeu.

7

Ele saiu do Kroger com três sacolas de compras, colocou-as no porta-malas e olhou para o celular. Duas mensagens de Yune Sablo. Ele abriu a que tinha uma imagem anexada primeiro. Na foto da polícia, Claude Bolton parecia bem mais jovem do que o homem que Ralph interrogou antes da prisão de Maitland. Ele também parecia doidão da cabeça aos pés: olhar distante, bochecha ralada e uma coisa no queixo que podia ser tanto ovo quanto vômito. Ralph se lembrava de Bolton dizendo que frequentava o Narcóticos Anônimos hoje em dia e que estava limpo havia cinco ou seis anos. Talvez sim, talvez não.

O anexo do segundo e-mail de Yune era a ficha de prisão. Havia diversos flagrantes, em geral coisas pequenas, e muitas marcas de identificação. Estas incluíam uma cicatriz nas costas, uma na lateral esquerda do corpo, abaixo da caixa torácica, uma na têmpora direita e mais de vinte tatuagens. Havia uma águia, uma faca com a ponta ensanguentada, uma sereia, um crânio com velas nos globos oculares, e muitas outras que não interessavam a Ralph. O que interessava eram as palavras nos dedos: CANT na mão direita, MUST na esquerda.

O homem queimado no tribunal tinha tatuagens nos dedos, mas eram CANT e MUST? Ralph fechou os olhos e tentou ver, mas não encontrou nada. Ele sabia, por experiência própria, que tatuagens nos dedos não eram incomuns entre homens que passaram um tempo na prisão; eles provavelmente viam aquelas coisas nos filmes. AMOR e ÓDIO eram populares, assim como DEUS e DEMO. Ele se lembrava de Jack Hoskins ter contado sobre um ladrãozinho

com cara de rato que exibia FODE e "XUPA" nos dedos, e Jack dizendo que não devia ser o tipo de coisa que fazia o cara arrumar uma namorada.

A única coisa que Ralph tinha certeza era de que não havia tatuagens nos braços do homem queimado. Havia muitas nos braços de Claude Bolton, mas é claro que o fogo que tinha destruído o rosto do cara queimado podia tê-las apagado. Só que…

— Só que não tinha como aquele homem no tribunal ser Bolton — disse ele, abrindo os olhos e observando as pessoas entrando e saindo do supermercado. — Impossível. Bolton não estava queimado.

Dá pra isso tudo ficar ainda mais esquisito?, ele perguntara a Gibney ao telefone na noite anterior. *Dá*, respondera ela, e como estava certa.

8

Ele e Jeannie guardaram as compras juntos. Quando a tarefa terminou, o marido disse que queria que ela olhasse uma coisa no celular dele.

— Por quê?

— Só dá uma olhada, tá bem? E lembre que a pessoa na foto está um tanto mais velha agora.

Ralph lhe entregou o celular. Ela olhou para a fotografia por uns dez segundos e devolveu o aparelho. As bochechas de Jeannie tinham perdido a cor.

— É ele. O cabelo está mais curto agora, e ele está com um cavanhaque em vez desse bigodinho aí, mas é o homem que esteve na nossa casa ontem à noite. O que disse que mataria você se não parasse. Qual é o nome dele?

— Claude Bolton.

— Vai prender ele?

— Ainda não. Nem sei se posso fazer isso, mesmo que quisesse, por estar de licença e tal.

— Então o que vai fazer?

— Agora? Descobrir onde ele está.

O primeiro pensamento de Ralph foi ligar para Yune, mas o homem estava investigando o assassino de Dayton, Holmes. A segunda ideia, logo rejeitada, foi Jack Hoskins. O homem era um bêbado e um fofoqueiro. Mas havia uma terceira opção.

Ele telefonou para o hospital, foi informado que Betsy Riggins já tinha voltado para casa e ligou para ela lá. Depois de perguntar como estava o bebê (o que provocou uma falação de dez minutos que foi desde a amamentação ao

alto custo das fraldas Pampers), Ralph perguntou se Betsy se importaria de ajudar um amigo fazendo uma ou duas ligações da sua posição oficial. Contou a ela o que queria.

— Isso é sobre Maitland? — indagou a policial.

— Bom, Betsy, considerando a minha situação, esse é o tipo de coisa que é melhor não perguntar.

— Se for, você pode se meter em confusão. E *eu* posso ficar encrencada por ajudar você.

— Se é com o chefe Geller que está preocupada, ele não vai saber por mim.

Houve uma longa pausa. Ele esperou. Por fim, a mulher disse:

— Eu me senti mal pela esposa de Maitland, sabe? Bem mal. Ela me fez pensar naquelas matérias de televisão sobre o que acontece depois de ataques de homens-bomba, com os sobreviventes andando de um lado para outro com sangue no cabelo sem ter ideia do que acabou de acontecer. Isso pode ajudá-la, talvez?

— É possível — respondeu ele. — Não quero ir mais longe do que isso.

— Vou ver o que posso fazer. John Zellman não é um babaca completo, e aquele barzinho de mulher pelada dele precisa de uma nova licença para operar todos os anos. Isso pode ser um empurrão para ele querer ajudar. Ligo pra você se não der em nada. Se tudo correr como espero, ele liga pra você.

— Obrigado, Betsy.

— Isso fica entre nós, Ralph. Estou contando com o meu emprego quando a licença-maternidade acabar. Entendeu?

— Claramente.

9

John Zellman, dono e gerente do Gentlemen, Please, ligou para Ralph quinze minutos depois. Ele parecia mais curioso do que irritado, e estava disposto a ajudar. Sim, o dono da boate de strip tinha certeza de que Claude Bolton estava no clube quando o pobre garoto foi capturado e morto.

— Como pode ter tanta certeza, sr. Zellman? Eu achava que ele só pegava no serviço às quatro da tarde.

— É, mas naquele dia ele chegou mais cedo, por volta das duas. Ele queria uma folga pra ir na cidade grande com uma das strippers. Disse que ela tinha um problema pessoal. — Zellman riu com deboche. — Era ele quem tinha um problema pessoal. Embaixo do zíper.

— Uma garota chamada Carla Jeppeson? — perguntou Ralph, olhando a transcrição do depoimento de Bolton no iPad. — Também conhecida como Pixie Dreamboat?

— Ela mesma — disse Zellman, e riu. — Se alguém gosta de mulher sem peito, aquela mulher vai continuar trabalhando por um bom tempo. Alguns homens gostam disso, não me pergunte por quê. Ela e Claude têm uma coisa, mas não vai durar. O marido dela está na McAlester agora, acho que por causa de cheques sem fundo, mas vai ser solto no Natal. Ela só está passando o tempo com Claude. Falei isso pra ele, mas você sabe o que dizem: a gente só pensa *naquilo*.

— Você tem certeza de que foi naquele dia que ele chegou cedo? Dez de julho?

— Absoluta. Eu anotei porque Claude não ia ser pago por dois dias em Cap City com as férias dele chegando. Férias *pagas*, veja bem, menos de duas semanas depois.

— É um pouco absurdo mesmo. Você pensou em demiti-lo?

— Não. Pelo menos, Claude foi sincero, sabe? E, escute, ele é dos bons, e isso é raro pra cacete. A maioria dos seguranças são frouxos com cara de durões, mas que não querem apartar uma briga mesmo se ela começa na frente do palco, como costuma acontecer, ou são caras que querem bancar o Incrível Hulk toda vez que um cliente dá uma resposta atravessada. Claude é capaz de jogar um sujeito na rua quando precisa, mas, na maior parte das vezes, não faz isso. Ele é bom em acalmá-los. Tem um dom. Acho que é por causa das reuniões que frequenta.

— Narcóticos Anônimos. Ele me contou.

— É, ele fala abertamente sobre isso. Tem orgulho, na verdade, e acho que tem esse direito. Muitos homens nunca se livram dessa praga quando ela os contagia. É uma praga difícil. Pega que nem desgraça.

— Ele está limpo mesmo?

— Se não estivesse, eu saberia. Conheço drogados, detetive Anderson, pode acreditar. O Gentlemen é um lugar sem drogas.

Ralph tinha as suas dúvidas, mas deixou passar.

— Sem recaídas?

Zellman riu.

— Todos têm recaídas, ao menos no começo, mas não depois que Claude começou a trabalhar para mim. Ele também não bebe. Uma vez perguntei a ele por que era abstêmio, já que o problema dele eram as drogas. Ele disse

que drogas e bebidas eram a mesma coisa. Falou que, se tomasse um gole, mesmo que uma cerveja sem álcool, acabaria procurando algo pra cheirar ou até coisa pior. — Zellman fez uma pausa e disse: — Talvez ele fosse um babaca quando usava drogas, mas não é agora. É um cara decente. Em um ambiente em que a grana vem de tomar margaritas e olhar xoxotas depiladas, isso é meio raro.

— Entendi. Bolton está de férias agora?

— É. Desde domingo. Dez dias.

— Sabe se ele viajou?

— Você quer saber se ele está aqui em FC? Não. Está no Texas, em algum lugar perto de Austin. Ele é de lá. Espere um minuto, peguei o arquivo dele antes de ligar pra você. — Houve o barulho de papéis, e Zellman voltou ao telefone. — Marysville, esse é o nome da cidade. Pelo jeito como ele fala, o lugar não passa de um buraco na estrada. Só tenho o endereço porque mando parte do salário dele para lá a cada duas semanas. Vai para a mãe dele. Ela é velha e bem frágil. Tem enfisema. Claude foi até Marysville para ver se consegue interná-la em um daqueles asilos assistidos, mas não adiantou muito. Ele diz que a mãe é muito teimosa. Não sei como ele poderia pagar, de qualquer modo, com o que ganha aqui. Quando o assunto é cuidar dos idosos, o governo devia ajudar gente comum como Claude, mas ajuda? Porra nenhuma.

Diz o cara que provavelmente votou no Trump, pensou Ralph.

— Bom, obrigado, sr. Zellman.

— Posso perguntar por que quer falar com ele?

— Apenas pra fazer algumas novas perguntas — respondeu Ralph. — Coisa boba.

— Pra colocar os pingos nos is e os traços nos ts, né?

— Isso aí. Você tem o endereço?

— Claro, pra mandar o dinheiro. Tem um lápis?

O que ele tinha era o seu iPad de confiança, aberto no aplicativo de notas.

— Pode falar.

— Lote 397, Rural Star Route 2, Marysville, Texas.

— E qual é o nome da mãe?

Zellman riu com alegria.

— Lovie. Não é um ótimo nome? Lovie Ann Bolton.

Ralph agradeceu e desligou.

— E então? — perguntou Jeannie.

— Espere um minuto — falou Ralph. — Repare que estou com cara de quem está pensando.

— Ah, está mesmo. Gostaria de um chá gelado enquanto pensa? — Ela sorria. Ficava bem nela, aquele sorriso. Parecia um passo na direção certa.

— Sem dúvida.

Ele voltou a olhar para o iPad (se perguntando como conseguira se virar até hoje sem aquela maldita coisa) e viu que Marysville ficava uns cento e dez quilômetros a oeste de Austin. Era pouco mais que um ponto no mapa, sua única alegação de fama uma coisa chamada o Buraco de Marysville.

Ralph pensou no próximo passo enquanto tomava chá gelado e ligou para Horace Kinney da Patrulha Rodoviária do Texas. Kinney era capitão agora, passava a maior parte do tempo atrás de uma escrivaninha, mas Ralph tinha trabalhado com ele várias vezes em casos interestaduais quando o sujeito era patrulheiro rodoviário e percorria cento e cinquenta mil quilômetros no norte e no oeste do Texas.

— Horace — disse ele depois que terminaram as amabilidades —, preciso de um favor.

— Grande ou pequeno?

— Médio, e exige certa delicadeza.

Kinney riu.

— Ah, você precisa ir a Nova York ou Connecticut se quer delicadeza, meu amigo. Aqui é o Texas. O que quer?

Ralph lhe explicou. Kinney disse que tinha o homem certo para o trabalho e que, por acaso, ele estava na região.

10

Por volta das três horas daquela tarde, Sandy McGill, a atendente da delegacia de polícia de Flint City, ergueu o rosto e viu Jack Hoskins parado na frente da mesa de costas para ela.

— Jack? Precisa de alguma coisa?

— Dá uma olhada na minha nuca e diz o que você vê.

Intrigada, mas com boa vontade, ela se levantou e olhou.

— Vire um pouco mais pra luz. — E quando ele fez isso: — Ah, que queimadura horrível. Você devia ir ao Walgreens comprar creme de aloe vera.

— Vai adiantar?

— Só o tempo vai poder resolver isso, mas vai amenizar um pouco a dor.

— Mas é queimadura de sol mesmo, né?

Ela franziu a testa.

— Claro, mas uma bem ruim para ter formado bolhas em alguns lugares. Você não sabe que tem que passar protetor solar quando vai pescar? Quer pegar câncer de pele?

Só de ouvi-la falar aquelas palavras em voz alta a nuca dele pareceu mais quente.

— Acho que esqueci.

— Como estão os seus braços?

— Não tão ruins. — Na verdade, não havia queimadura nenhuma neles. Era só na nuca mesmo. O lugar onde uma pessoa tinha tocado nele naquele celeiro abandonado. Acariciado-o com a ponta dos dedos. — Obrigado, Sandy.

— Louros e ruivos sofrem mais. Se não melhorar, você precisa ir ao médico.

Ele saiu sem responder, pensando no homem do sonho. O que ficou escondido atrás da cortina do chuveiro.

Eu coloquei em você, mas posso tirar. Quer que eu tire?

Ele pensou: *Vai sumir sozinha, que nem qualquer outra queimadura de sol.*

Talvez sim, mas talvez não, e estava doendo mais agora. Ele mal conseguia suportar tocar no local, e ficava pensando nas feridas abertas consumindo a pele da sua mãe. No início, o câncer rastejava, mas depois que tomou conta, cresceu galopando. No final, estava consumindo a garganta e as cordas vocais dela, transformando os seus gritos em grunhidos. Ainda assim, ao ouvir pela porta fechada do quarto dela, o Jack Hoskins de onze anos conseguia ouvir o que a mãe estava pedindo ao pai: para tirá-la daquele sofrimento. *Você faria isso por um cachorro,* gemeu ela. *Por que não faz por mim?*

— É só uma queimadura — disse ele, ligando o carro. — Só isso. Uma porra de uma *queimadura de sol*.

Ele precisava de uma bebida.

11

Eram cinco da tarde quando uma viatura da Patrulha Rodoviária do Texas seguiu pela Rural Star Route 2 e virou para a entrada do lote 397. Lovie Bolton estava na varanda da frente com um cigarro na mão e o tanque de oxigênio no apoio com rodinhas de borracha ao lado da cadeira de balanço.

— Claude! — disse ela com voz rouca. — Temos visita! É a Patrulha Estadual! É melhor vir ver o que o homem quer!

Claude estava no quintal cheio de mato da casinha, tirando a roupa limpa do varal e dobrando tudo em uma cesta de vime. A máquina de lavar da mãe era boa, mas a secadora tinha queimado pouco antes de ele chegar, e, hoje em dia, ela ficava sem fôlego se pendurasse as roupas sozinha. Ele pretendia comprar uma secadora nova antes de ir embora, mas ficava adiando porque aquilo significaria ir até o vizinho mais próximo da mãe, Jorge Hernandez, para pedir a picape dele emprestada. Jorge emprestaria, era um bom sujeito, mas Claude não gostava de pedir favores que não podia devolver. E agora a Patrulha Rodoviária, a não ser que sua mãe estivesse errada, e ela não devia estar. Ela era cheia de problemas, mas os olhos estavam ótimos.

Ele contornou a casa e viu um policial alto saindo de um carro preto e branco. Ao ver o logotipo dourado do Texas na porta do motorista, Claude sentiu o estômago se contrair. Não fazia nada pelo que pudesse ser preso havia muito, muito tempo, mas a contração era reflexo. Enfiou a mão no bolso e pegou o medalhão de seis anos sóbrio do NA, como costumava fazer em momentos de estresse, mal percebendo que fazia isso.

O policial guardou os óculos de sol no bolso da camisa enquanto a mãe de Claude tentava se levantar.

— Não, senhora, não se levante — disse ele. — Eu não mereço isso.

Ela riu com a voz rouca e se sentou.

— Como você é grande. Qual é o seu nome, policial?

— Sipe, senhora. Cabo Owen Sipe. É um prazer conhecê-la. — Ele apertou a mão que não estava segurando o cigarro, tomando cuidado com as juntas inchadas da idosa.

— Idem, senhor. Este é o meu filho, Claude. Ele veio de Flint City e está me ajudando.

Sipe se virou para Claude, que soltou o medalhão e esticou a mão.

— É um prazer conhecer você, sr. Bolton. — Ele segurou a mão de Claude por um momento, observando-a. — Você tem tatuagens nos dedos, pelo que estou vendo.

— Tem que ver as duas pra entender a mensagem — respondeu Claude. Ele esticou a outra mão. — Eu mesmo fiz, na cadeia. Mas, se você veio até aqui para me ver, já deve saber disso.

— CANT e MUST — falou o policial Sipe, ignorando a pergunta. — Já vi tatuagens nos dedos antes, mas nunca essas.

— Bom, elas contam uma história — disse Claude —, e eu a passo adiante sempre que posso. É como tento consertar as coisas. Estou limpo agora, mas a luta foi difícil. Fui a muitas reuniões do AA e do NA enquanto estava preso. No começo, era só porque davam donuts do Krispy Kreme, mas o que estavam dizendo acabou fazendo efeito. Aprendi que todos os viciados sabem de duas coisas. Ele *não* pode usar e ele *deve* usar. Esse é o nó na cabeça, sabe? Não dá pra cortar nem desamarrar o nó, então você tem que aprender a ficar acima dele. É possível, mas, para isso, precisa se lembrar da situação básica. Você *deve*, mas *não pode*.

— Nossa — disse Sipe. — É uma espécie de parábola, não é?

— Hoje em dia, ele não bebe nem usa drogas — disse Lovie da cadeira de balanço. — Ele nem fuma esta merda. — Ela jogou a guimba do cigarro na terra. — É um bom menino.

— Não vim aqui porque alguém acha que ele fez algo errado — disse Sipe com calma, e Claude relaxou. Um pouco, pelo menos. Nunca era bom relaxar demais quando a Patrulha Estadual aparecia para fazer uma visita inesperada. — Recebi uma ligação de Flint City e meu palpite é que se trata do fechamento de um caso. Precisam que você verifique alguma coisa sobre um homem chamado Terry Maitland.

Sipe pegou o celular, mexeu nele e mostrou uma foto a Claude.

— Esta é a fivela de cinto que o tal Maitland usava na noite que você o viu? E não me pergunte o que isso quer dizer, porque não faço a mínima ideia. Só me mandaram aqui pra confirmar com você.

Na verdade, não tinha sido por aquele motivo que Sipe foi enviado, mas a mensagem de Ralph Anderson, passada para Sipe pelo capitão Horace Kinney, foi de cuidar para que tudo permanecesse tranquilo, sem desconfianças.

Claude examinou o celular e o devolveu.

— Não posso ter certeza absoluta, tem um tempo já, mas parece.

— Bom, obrigado. Obrigado aos dois. — Sipe guardou o celular e se virou para ir embora.

— Só isso? — indagou Claude. — Veio até aqui para fazer uma pergunta?

— É só isso e é tudo isso. Acho que alguém quer muito saber essa informação. Obrigado pelo seu tempo. Vou passar a mensagem no meu caminho de volta até Austin.

— É uma viagem longa, policial — disse Lovie. — Por que não entra primeiro e toma um copo de chá gelado? É de pozinho, mas não é ruim.

— Bom, não posso entrar e me sentar, quero chegar em casa antes de escurecer, mas gostaria de tomar um gole aqui fora mesmo, se não se importarem.

— Não nos importamos nem um pouco. Claude, entre e pegue um copo de chá para o homem simpático.

— Um copo *pequeno* — disse Sipe, segurando o polegar e o indicador a uma pequena distância um do outro. — Dois goles e eu pego a estrada.

Claude entrou. Sipe encostou o ombro na lateral da varanda, olhando para Lovie Bolton, cujo rosto simpático era um rio de rugas.

— Seu filho cuida bem da senhora, hein?

— Eu estaria perdida sem ele — declarou Lovie. — Ele me manda dinheiro a cada duas semanas e vem sempre que pode. Quer me colocar em um lar pra velhos em Austin, e eu talvez vá qualquer dia desses se ele puder pagar, coisa que agora não pode. Ele é o melhor filho do mundo, policial Sipes; deu um trabalhão no começo, mas é de confiança agora.

— Entendi — disse Sipe. — Ele já levou você ao Big 7, aqui na estrada? O café da manhã de lá é ótimo.

— Não confio em restaurantes de beira de estrada — disse ela, tirando os cigarros do bolso do vestido e colocando um na boca. — Tive uma intoxicação alimentar em um, em Abilene, em 1974 e quase morri. Meu garoto cuida da cozinha quando está aqui. Ele não é nenhum Emeril, mas não é ruim. Sabe usar uma frigideira. Não queima o bacon. — Ela deu uma piscadela enquanto acendia o cigarro, e Sipe sorriu e torceu para o tanque de oxigênio dela estar bem selado e ela não acabar explodindo a casa com os dois moradores dentro.

— Aposto que ele fez seu café da manhã hoje — disse Sipe.

— Pode apostar que sim. Café, torrada com passas e ovos mexidos com muita manteiga, do jeito que eu gosto.

— Você acorda cedo, senhora? Só pergunto porque, com o oxigênio e tudo…

— Ele e eu — disse ela. — Levantamos com o sol.

Claude voltou com três copos de chá gelado em uma bandeja, dois grandes e um pequeno. Owen Sipe tomou o dele em dois goles, estalou os lábios e disse que precisava ir. Os Bolton o viram ir embora, Lovie na cadeira de balanço, Claude sentado nos degraus, franzindo a testa para a nuvem de poeira que marcava a volta do policial para a estrada.

— Está vendo como os policiais são bem mais gentis quando você não faz

nada de ruim? — perguntou Lovie.

— É — disse Claude.

— Veio até aqui só pra perguntar sobre uma fivela de cinto. Imagina só!

— Não foi por isso que ele veio, mãe.

— Não? Então por que foi?

— Não sei, mas não foi por isso. — Claude largou o copo no degrau e olhou para os dedos. Para o CANT e o MUST, o nó acima do qual ele enfim tinha se erguido. Ele se levantou. — É melhor eu tirar o resto das roupas do varal. Depois, quero ir até a casa do Jorge perguntar se posso pegar a picape dele emprestada amanhã, quando ele estiver fazendo a sesta.

— Você é um bom menino, Claude. — Ele viu lágrimas nos olhos dela e ficou tocado. — Venha dar um abraço na sua mãe.

— Sim, senhora — disse Claude, e fez exatamente isso.

12

Ralph e Jeannie Anderson estavam se aprontando para ir à reunião no escritório de Howie Gold quando o celular de Ralph tocou. Era Horace Kinney. Ralph falou com ele enquanto Jeannie colocava os brincos e os sapatos.

— Obrigado, Horace. Fico te devendo uma. — E desligou.

Jeannie olhava para o marido com expectativa.

— E então?

— Horace mandou um patrulheiro até a casa dos Bolton em Marysville. Ele tinha uma história, mas o que realmente foi fazer…

— Eu sei o que ele foi fazer lá.

— Certo. De acordo com a sra. Bolton, Claude fez o café da manhã às seis horas de hoje. Se você viu Bolton lá embaixo às quatro…

— Eu olhei para o relógio quando levantei pra fazer xixi — disse Jeannie. — Eram 4h06.

— O MapQuest diz que a distância entre Flint City e Marysville é de seiscentos e noventa quilômetros. Ele nunca conseguiria ir daqui até lá a tempo de fazer o café da manhã às seis, querida.

— A mãe pode ter mentido. — Ela falou sem muita convicção.

— Sipe, o policial que Horace mandou, disse que não captou isso no radar dele, e acha que teria captado.

— Então é Terry tudo de novo — disse ela. — Um homem em dois lugares ao mesmo tempo. Porque ele estava aqui, Ralph. *Estava*.

Antes que pudesse responder, a campainha tocou. Ralph vestiu um paletó esporte para esconder a Glock no cinto e desceu. O promotor público Bill Samuels estava na porta, parecendo outra pessoa de calça jeans e uma camiseta azul lisa.

— Howard me ligou. Disse que haveria uma reunião; “um encontro informal sobre a questão Maitland”, conforme ele disse; no escritório dele, e sugeriu que eu talvez gostasse de ir. Achei que poderíamos ir juntos, se não houver problema.

— Tudo bem — disse Ralph —, mas escuta, Bill… pra quem mais você contou? Para o chefe Geller? Para o xerife Doolin?

— Pra ninguém. Não sou nenhum gênio, mas também não bati a cabeça ao cair da árvore dos burros.

Jeannie se juntou a Ralph na porta e olhou na bolsa.

— Oi, Bill. Estou surpresa de ver você aqui.

O sorriso de Samuels não exibiu humor.

— Pra falar a verdade, estou surpreso de estar aqui. Esse caso é como um zumbi que se recusa a morrer.

— O que a sua ex acha disso tudo? — perguntou Ralph, e quando Jeannie olhou para ele de testa franzida: — Se eu estiver me intrometendo é só falar.

— Ah, nós discutimos o assunto — respondeu Samuels. — Só que não foi bem isso. *Ela* discutiu e eu ouvi. Ela acha que tive minha parte na morte de Maitland, e não está totalmente errada. — Ele tentou sorrir, mas não conseguiu. — Mas como poderíamos saber, Ralph? Diga. Era um gol certo, não era? Reavaliando tudo… sabendo o que fizemos… você pode dizer com sinceridade que teria feito algo diferente?

— Posso — disse Ralph. — Eu não o teria prendido na frente da porra da cidade inteira, e teria cuidado para que ele entrasse no tribunal pela porta dos fundos. Vamos logo. Ou iremos nos atrasar.

A MACY’S CONTA TUDO PARA A GIMBELS
25 DE JULHO

1

No fim das contas, Holly não foi de classe executiva, embora pudesse ter ido se tivesse escolhido o voo das 10h15 da Southwest, que a deixaria em Cap City ao meio-dia e meia. No entanto, como queria um pouco mais de tempo em Ohio, ela reservou uma árdua viagem em três etapas em aviões pequenos que provavelmente sacolejariam com ela dentro por todo o inquieto ar de julho. Aqueles aviões eram apertados e nem sempre agradáveis, mas eram suportáveis. O que ela achou menos suportável foi saber que só chegaria em Flint City às seis da tarde, e isso se o seu planejamento corresse com perfeição. A reunião no escritório do advogado Gold estava marcada para as sete, e se havia uma coisa que Holly odiava acima de todas as coisas era se atrasar para um compromisso. Estar atrasada era o jeito errado de começar com o pé direito.

Ela enfiou as suas poucas coisas na mala, fez check-out do hotel e dirigiu os cinquenta quilômetros até Regis. Foi primeiro até a casa em que Heath Holmes passou as férias com a mãe. Estava fechada, com tábuas nas janelas, provavelmente porque vândalos a usavam como alvo. No gramado, que precisava ser aparado, havia uma placa que dizia À VENDA — CONTATO COM O FIRST NATIONAL BANK DE DAYTON.

Holly olhou para a casa, sabendo que as crianças do bairro logo estariam dizendo que era assombrada (se já não estivessem fazendo isso) e refletiu sobre a natureza de uma tragédia. Como sarampo, caxumba ou rubéola, a tragédia era contagiosa. Porém, ao contrário dessas doenças, não havia vacina. A morte de Frank Peterson em Flint City infectara a pobre família dele e se espalhara pela cidade toda. Ela duvidava que fosse esse o caso naquela comunidade suburbana, onde menos pessoas tinham laços tão profundos, mas a família Holmes não existia mais; não havia sobrado nada deles além da casa vazia.

Ela pensou em tirar uma foto da casa fechada com a placa de À VENDA na frente, uma foto de dor e perda mais do que qualquer outra, mas decidiu não fazer isso. Algumas das pessoas com quem ela ia se encontrar talvez

entendessem, talvez sentissem essas coisas, mas a maioria provavelmente não sentiria. Para elas, seria só uma foto.

Ela dirigiu da residência dos Holmes até o Cemitério Descanso Pacífico, nos arredores da cidade. Lá, encontrou a família reunida: pai, mãe e o único filho. Não havia flores, e a pedra que marcava o local de descanso de Heath Holmes tinha sido empurrada. Ela imaginava que a mesma coisa podia ter acontecido com a lápide de Terry Maitland. A dor era contagiosa, a raiva também. A lápide dele era pequena, não havia nada além de nome, datas e um pouco de gosma seca que podia ser o resíduo de um ovo jogado. Com algum esforço, ela ajeitou a pedra. Não tinha ilusões de que permaneceria assim, mas uma pessoa fazia o que podia.

— Você não matou ninguém, sr. Holmes, não é? Só estava no lugar errado na hora errada. — Ela encontrou flores em um túmulo próximo e pegou algumas para espalhar no de Heath. Flores colhidas não eram uma lembrança boa, pois morriam, mas eram melhores do que nada. — Mas você não teve como escapar. Ninguém aqui acreditaria na verdade. Acho que as pessoas com quem vou me encontrar hoje também não vão acreditar.

Ela tentaria convencê-las mesmo assim. Uma pessoa fazia o que podia, fosse ajeitar lápides ou tentar convencer homens e mulheres do século XXI de que havia monstros no mundo e que a grande vantagem deles era a indisposição das pessoas racionais para acreditar.

Holly olhou ao redor e viu um mausoléu em uma colina baixa (naquela parte de Ohio, todas as colinas eram baixas). Ela andou até lá, olhou o nome entalhado no granito acima da porta — GRAVE, túmulo em inglês, que apropriado — e desceu os três degraus de pedra. Espiou os bancos de pedra dentro, onde era possível se sentar e meditar sobre os membros da família Grave ali enterrados. O forasteiro se escondeu ali depois que o seu trabalho sujo estava feito? Ela não acreditava naquilo, porque qualquer pessoa, talvez até um dos vândalos que tinham empurrado a lápide de Heath Holmes, podia ter se aproximado para espiar lá dentro. Além disso, o sol brilhava na área de meditação durante uma ou duas horas à tarde, dando ao local certo calor fugitivo. Se o forasteiro fosse mesmo o que ela acreditava que era, ele preferiria a escuridão. Nem sempre, não, mas por certos períodos. Certos períodos cruciais. Ela ainda não havia terminado a sua pesquisa, mas tinha quase certeza disso. E de outra coisa: assassinato podia ser o trabalho da vida dele, mas dor era o seu alimento. Dor e raiva.

Não, o forasteiro não tinha descansado naquele mausoléu, mas Holly

acreditava que ele estivera naquele cemitério, talvez até antes das mortes de Mavis Holmes e do filho. Holly achava (sabia que podia ser só imaginação) que conseguia sentir o cheiro da presença dele. Brady Hartsfield tinha o mesmo cheiro, um fedor do que não é natural. Bill conhecia, as enfermeiras que cuidaram de Hartsfield também conheciam, apesar de ele supostamente estar em um estado de semicatatonia.

Ela andou devagar até o estacionamento do lado de fora do cemitério com a bolsa batendo no quadril. O Prius a esperava sozinho no calor escaldante do verão. Holly passou direto pelo carro e deu um giro lento de trezentos e sessenta graus, observando cada aspecto da região ao redor. Estava perto de terras de cultivo, dava para sentir cheiro de fertilizante, mas aquele lugar era um cinturão transicional de abandono industrial, feio e estéril. Não haveria fotos do local nas brochuras promocionais da Câmara do Comércio (supondo que Regis tivesse uma Câmara do Comércio). Não havia pontos de interesse. Não havia nada que atraísse o olhar; na verdade, apenas coisas que o repelia, como se a própria terra estivesse dizendo: *Vá embora, não tem nada para você aqui, tchau, não volte mais.* Bom, havia o cemitério, mas poucas pessoas visitariam o Descanso Pacífico quando o inverno chegasse, e o vento do norte congelaria e expulsaria os poucos que fossem depois das breves visitas para prestar as suas homenagens aos mortos.

Ao norte havia uma ferrovia, mas os trilhos estavam enferrujados e havia mato crescendo nos cruzamentos com a madeira. Havia uma estação de trem abandonada, as janelas cobertas com tábuas como as da casa de Holmes. Atrás, havia dois vagões, as rodas escondidas pelo mato. Pareciam estar lá desde a Guerra do Vietnã. Perto da estação abandonada havia depósitos também abandonados e o que ela supôs ser um par de oficinas obsoletas. Atrás, uma fábrica em ruínas tinha arbustos e girassóis crescendo em volta. Uma suástica fora pichada em tijolos cor-de-rosa que um dia tinham sido vermelhos. De um lado da rodovia que a levaria de volta para a cidade, um outdoor inclinado declarava que O ABORTO FAZ UM CORAÇÃO PARAR DE BATER! ESCOLHA A VIDA! Do outro lado, havia um prédio baixo comprido com uma placa no teto dizendo LAVA-JATO ROBÔ R PIDO. No estacionamento vazio, havia outra placa, uma que ela já tinha visto hoje: À VENDA — CONTATO COM O FIRST NATIONAL BANK DE DAYTON.

Acho que você esteve aqui. Não no mausoléu, mas perto. Onde conseguia sentir o cheiro das lágrimas quando o vento estava na direção certa. Onde conseguia ouvir as gargalhadas dos homens ou garotos que empurraram a

lápide de Heath Holmes e depois provavelmente urinaram no túmulo dele.

Apesar do calor do dia, Holly sentiu frio. Se tivesse mais algumas horas, talvez tivesse investigado aqueles lugares vazios. Não havia perigo; o forasteiro tinha ido embora de Ohio havia tempo. Quase com certeza para Flint City.

Ela tirou quatro fotos: da estação de trem, dos vagões, da fábrica e do lava-jato deserto. Examinou-as e decidiu que serviam. Teriam que servir. Ela tinha um avião para pegar.

Sim, e pessoas para convencer.

Se pudesse, claro. Ela se sentiu muito pequena e solitária no momento. Era fácil imaginar gargalhadas e ridicularização; pensar nessas coisas era natural para ela. Mas ela tentaria convencê-las. Tinha que tentar. Pelas crianças assassinadas, sim, Frank Peterson e as garotas Howard e todas as outras que vieram antes deles, mas também por Terry Maitland e Heath Holmes. Uma pessoa fazia o que podia.

Ela tinha mais uma parada a fazer. Por sorte, era no caminho.

2

Um velho sentado em um banco do Parque Comunitário de Trotwood ficou feliz de lhe dar instruções sobre como chegar ao local onde os corpos das “pobres garotinhas” foram encontrados. Não era longe, disse ele, e ela saberia quando chegasse lá.

Ela soube mesmo.

Holly parou o carro, saiu e olhou para uma ravina que pessoas entristecidas (e caçadores de emoção se passando por pessoas entristecidas) tinham tentado transformar em santuário. Havia cartões cheios de purpurina nos quais palavras como DOR e PARAÍSO predominavam. Havia balões, alguns um pouco murchos, outros recentes, apesar de Amber e Jolene Howard terem sido encontradas ali três meses antes. Havia uma estátua da Virgem Maria, que algum vândalo decorou com um bigode. Havia um urso de pelúcia que fez Holly estremecer. Seu corpo marrom gorducho estava coberto de mofo.

Ela ergueu o iPad e tirou uma foto.

Não havia rastro daquele cheiro que ela sentiu (ou imaginou ter sentido) no cemitério, mas a investigadora não tinha dúvida de que o forasteiro teria visitado aquele local em algum momento depois que os corpos de Amber e Jolene foram descobertos, saboreando a dor dos peregrinos naquele templo improvisado como um conhaque refinado. Saboreou também a empolgação

dos que iam meditar (não muitos, mas alguns, sempre havia alguns) sobre como devia ser fazer uma coisa como a que foi feita às garotas Howard e ouvir os gritos delas.

Sim, você veio, mas não muito cedo. Só quando conseguiu fazer isso sem atrair atenção indesejada, como aconteceu no dia em que o irmão de Frank Peterson atirou em Terry Maitland.

— Mas daquela vez você não conseguiu resistir, não foi? — murmurou Holly. — Seria como um homem esfomeado tentar resistir a um banquete de Ação de Graças completo.

Uma minivan parou na frente do Prius de Holly. Na lateral do para-choque, havia um adesivo dizendo TÁXI DA MAMÃE. O adesivo do outro lado dizia EU ACREDITO NA 2a EMENDA E VOTO. A mulher que saiu estava bem-vestida, era gordinha, bonita, na casa dos trinta. Estava segurando um buquê de flores. Ela se ajoelhou, colocou-as ao lado de uma cruz de madeira com GAROTINHAS escrita de um lado e COM JESUS do outro. E se levantou.

— Tão triste, não é? — disse ela para Holly.

— É.

— Sou cristã, mas fico feliz de o homem que fez isso estar morto. *Feliz*. E estou feliz de ele estar no inferno. É muito horrível da minha parte?

— Ele não está no inferno — disse Holly.

A mulher se encolheu como se tivesse levado um tapa.

— Ele *carrega* o inferno.

Holly dirigiu até o aeroporto de Dayton. Estava um pouco atrasada, mas resistiu à vontade de ultrapassar o limite de velocidade. As leis eram leis por um motivo.

3

Ter que voar em aviões pequenos (“Linhas Aéreas Lata de Sardinha”, era como Bill chamava) tinha as suas vantagens. Uma foi que a última perna do voo a deixou no Campo de Pouso Kiowa, no condado de Flint, poupando-a de um trajeto de cento e dez quilômetros de Cap City. Viagens assim também davam a Holly a chance de continuar pesquisando. Durante as breves conexões, ela usava o wi-fi do aeroporto para baixar o máximo de informações possível, o mais rápido possível. Durante os voos, ela lia o que tinha baixado, descendo a tela rápido e se concentrando muito, sem nem ouvir direito os gritinhos assustados quando, durante o segundo voo, o turbo-hélice de trinta assentos passou por uma área de turbulência e despencou

como um elevador.

Ela desembarcou do último avião apenas cinco minutos atrasada e, com uma explosão de velocidade, foi a primeira a chegar à Hertz, ganhando um olhar de cara feia do sujeito com pinta de vendedor sobrecarregado de quem passou na frente com uma corridinha final. A caminho da cidade, ao ver como estava em cima da hora, Holly cedeu à tentação e ultrapassou o limite de velocidade. Mas só em oito quilômetros por hora.

4

— É ela. Só pode ser.

Howie Gold e Alec Pelley estavam na frente do prédio onde ficava o escritório do advogado. Howie apontava para uma mulher magra de terno cinza e blusa branca andando pela calçada, uma bolsa grande batendo no quadril magro. O cabelo estava cortado rente ao pequeno rosto, com uma franja grisalha que ia até quase a sobrancelha. Havia um resto de batom nos lábios, mas ela não usava nenhuma outra maquiagem. O sol estava se pondo, mas o que restava do dia ainda estava quente, e uma gota de suor escorria por uma das suas bochechas.

— Sra. Gibney? — perguntou Howie, dando um passo à frente.

— Sim — ofegou ela. — Estou atrasada?

— Dois minutos adiantada, na verdade — disse Alec. — Posso pegar a sua bolsa? Parece pesada.

— Estou bem — respondeu ela, olhando do advogado corpulento e careca para o investigador que a tinha contratado. Pelley era pelo menos quinze centímetros mais alto do que o chefe, com cabelo grisalho penteado para trás, vestindo uma calça castanha e uma camisa branca aberta no pescoço. — Os outros já chegaram?

— A maioria — disse Alec. — O detetive Anderson… ah, falando no diabo.

Holly se virou e viu três pessoas se aproximando. Uma era uma mulher, conservando bem os traços da boa aparência da juventude na meia-idade, embora as olheiras embaixo dos olhos, um pouco disfarçadas por base e um tiquinho de pó, sugerissem que ela não devia estar dormindo bem nos últimos tempos. À esquerda dela, havia um homem magrelo com expressão nervosa, uma mecha de cabelo espetado atrás da cabeça, no meio do cabelo rigidamente domado. E, à direita…

O detetive Anderson era um homem alto com ombros murchos e o

princípio do que seria uma barriguinha se o homem não começasse a se exercitar mais e fizesse uma dieta. A cabeça era um pouco projetada para a frente, os olhos eram bem azuis, e eles a avaliaram da cabeça aos pés e de um lado a outro. Não era Bill, claro que não, Bill estava morto havia dois anos e nunca voltaria. Além disso, aquele homem era muito mais jovem do que Bill era quando Holly o conheceu. Mas a curiosidade ansiosa no rosto era a mesma. Ele estava de mãos dadas com a mulher, o que sugeria que ela era a sra. Anderson. Interessante a esposa ter acompanhado o marido.

As apresentações foram feitas. O magricela de cabelo espetado, no fim das contas, era o promotor público do condado de Flint, William ("Por favor, me chame de Bill") Samuels.

— Vamos subir e sair desse calor — disse Howie.

A sra. Anderson, Jeanette, perguntou a Holly como fora o seu voo, e a investigadora deu a resposta adequada. Em seguida, ela se virou para Howie e perguntou se por acaso havia equipamento audiovisual na sala que usariam. Ele respondeu que sim, e que ela podia usar como quisesse se tivesse material para apresentar. Quando saíram do elevador, Holly perguntou sobre o banheiro feminino.

— Preciso de um ou dois minutos. Vim direto do aeroporto.

— Claro. No final do corredor, vire à esquerda. Deve estar destrancado.

Holly ficou com medo de a sra. Anderson se oferecer para ir com ela, mas Jeanette não fez isso. O que foi bom. Holly de fato precisava tirar água do joelho (como a sua mãe dizia), mas tinha outra coisa mais importante em mente, uma questão que só podia ser resolvida em particular.

Na cabine, com a saia levantada e a bolsa entre os sapatos confortáveis, ela fechou os olhos. Ciente de que aposentos azulejados como aquele eram amplificadores naturais, ela fez uma oração silenciosa.

Aqui é Holly Gibney de novo, e preciso de ajuda. Você sabe que não sou boa com estranhos, nem mesmo um de cada vez, e hoje tenho seis para encarar. Sete se a viúva do sr. Maitland estiver presente. Não estou apavorada, mas estaria mentindo se dissesse que não estou com medo. Bill era capaz de fazer coisas assim, mas eu não sou ele. Só me ajude a fazer da forma que ele faria. Me ajude a entender a descrença natural dessas pessoas e de não ter medo dela.

Ela terminou em voz alta, mas sussurrando:

— Por favor, Deus, me ajude a não fazer bosta. — Ela parou por um momento e acrescentou: — Eu não vou fumar.

5

A reunião aconteceu na sala de conferências de Howie Gold e, embora fosse menor do que a que aparecia em *The Good Wife* (Holly já tinha visto as sete temporadas e agora estava assistindo ao spin-off), era muito agradável. Tinha quadros de bom gosto, uma mesa encerada de mogno, cadeiras de couro. A sra. Maitland tinha mesmo ido. Ela estava sentada à direita do sr. Gold na hora em que Howie assumiu seu lugar na cabeceira da mesa e perguntou quem estava cuidando das meninas.

Marcy deu um sorriso fraco.

— Lukesh e Chandra Patel se ofereceram. O filho deles era do time de Terry. Na verdade, Baibir estava na terceira base quando… — Ela olhou para o detetive Anderson. — Quando os seus homens o prenderam. Baibir ficou arrasado. Ele não entendeu.

Anderson cruzou os braços e não disse nada. A esposa colocou a mão no ombro dele e murmurou alguma coisa para ninguém mais ouvir. Anderson assentiu.

— Vou dar início a essa reunião — disse o sr. Gold. — Não tenho pauta, mas talvez a nossa visitante queira começar. Essa é Holly Gibney, uma detetive particular que Alec contratou para investigar as questões de Dayton da história, supondo que os dois casos estejam mesmo conectados. Essa é uma das coisas que estamos aqui para determinar, se possível.

— Eu não sou detetive particular — falou Holly. — Meu parceiro, Peter Huntley, é quem tem licença de investigador particular. Em geral, o que a nossa empresa faz é reintegração de bens roubados e rastreio de pessoas. De vez em quando, pegamos investigações criminais eventuais que não incomodam a polícia. Nós tivemos boa sorte com bichinhos desaparecidos, por exemplo.

A declaração pareceu boba, e ela sentiu o rosto ficando quente.

— A sra. Gibney está sendo modesta — disse Alec. — Soube que esteve envolvida com um fugitivo violento em fuga chamado Morris Bellamy.

— Esse caso foi do meu parceiro — disse Holly. — Do meu *primeiro* parceiro. Bill Hodges. Ele já faleceu, sr. Pelley, Alec, como você sabe.

— Sei — disse Alec. — Lamento pela sua perda.

O latino que o detetive Anderson apresentou como Yunel Sablo da Polícia Estadual limpou a garganta.

— Pelo que sei — disse ele —, você e o sr. Hodges também estiveram envolvidos em um caso de homicídio veicular em massa e terrorismo

intencional. Cometido por um jovem chamado Hartsfield. E que você, sra. Gibney, foi a pessoa responsável por impedi-lo antes que ele pudesse provocar uma explosão em um auditório lotado. Uma explosão que teria matado milhares de jovens.

Um murmúrio percorreu a mesa. Holly sentiu o rosto ficar ainda mais quente. Ela gostaria de dizer que tinha falhado, que só adiou as ambições homicidas de Brady por um tempo, que ele depois voltou para provocar mais mortes antes de ser impedido de vez, mas não era a hora nem o local.

O tenente Sablo não tinha terminado.

— Você recebeu uma homenagem da cidade, não?

— Na verdade, fomos três a receber a homenagem, mas não passou de uma chave dourada e um passe de ônibus válido por dez anos. — Ela olhou ao redor, lamentavelmente ciente de que ainda estava corando como uma garota de dezesseis anos. — Isso faz muito tempo. Quanto a este caso, prefiro deixar o meu relatório para o final. Assim como as minhas conclusões.

— Como o capítulo final de um daqueles mistérios britânicos — disse o sr. Gold, sorrindo. — Nós todos vamos contar o que sabemos, e você vai se levantar e nos surpreender com uma explicação de quem é o assassino e como.

— Boa sorte com isso — falou Bill Samuels. — Só de pensar no caso Peterson, fico com dor de cabeça.

— Acredito que temos a maioria das peças — disse Holly —, mas não acho que estejam todas na mesa, mesmo agora. O que fico lembrando, e claro que vocês vão achar que é besteira, é aquele velho ditado de que a Macy's não conta nada para a Gimbels. Mas agora, tanto a Macy's quanto a Gimbels estão aqui…

— Sem mencionar a Saks, a Nordstrom's e a Needless Markup — falou Howie. Mas, ao ver a expressão de Holly, completou: — Não estou provocando você, sra. Gibney. Estou concordando. Tudo na mesa. Quem começa?

— Yune devia começar — disse Anderson. — Considerando que estou de licença.

Yune colocou uma pasta na mesa e pegou o laptop.

— Sr. Gold, pode me mostrar como usar o projetor?

Howie mostrou, e Holly observou com atenção para poder fazer o mesmo quando chegasse a sua vez. Assim que os fios certos foram conectados, Howie diminuiu um pouco as luzes.

— Muito bem — disse Yune. — Peço desculpas a você, sra. Gibney, se estou repetindo algumas das coisas que descobriu em Dayton.

— Não tem problema nenhum — falou Holly.

— Eu conversei com o capitão Bill Darwin, do Departamento de Polícia de Dayton, e com o sargento George Highsmith, do DP de Trotwood. Quando falei que tínhamos um caso parecido, talvez conectado por uma van roubada que esteve perto das cenas dos dois crimes, eles ficaram dispostos a ajudar, e graças à magia da telecomunicação, devo ter tudo aqui. Se esse aparelho funcionar, claro.

A área de trabalho de Yune apareceu na tela. Ele clicou em uma pasta chamada HOLMES. A primeira imagem era a de um homem de macacão laranja de prisão. Ele tinha cabelo castanho-avermelhado curto e barba por fazer. Os olhos eram meio apertados, dando-lhe uma aparência que podia ser sinistra ou apenas atordoada pelo caminho repentino que a sua vida tinha tomado. Holly vira aquela foto na primeira página do *Dayton Daily News* de 30 de abril.

— Esse é Heath James Holmes — disse Yune. — Trinta e quatro anos. Preso pelos assassinatos de Amber e Jolene Howard. Tenho fotos das garotas na cena do crime, mas não vou mostrar elas aqui. Vocês não conseguiriam dormir. As mutilações são as piores que já vi.

Silêncio das sete pessoas assistindo. Jeannie apertava o braço do marido. Marcy olhava para a foto de Holmes como se hipnotizada, com a mão sobre a boca.

— Além de uma prisão juvenil por dar um passeio em um carro roubado e de duas multas por excesso de velocidade, a ficha de Holmes é limpa. As avaliações de trabalho, que eram feitas duas vezes por ano, primeiro no Kindred Hospital e depois no Heisman Memory Unit, são excelentes. Colegas e pacientes falaram muito bem dele. Há comentários como *sempre simpático*, *genuinamente preocupado* e *se esforça para ajudar*.

— As pessoas falavam todas essas coisas sobre Terry — murmurou Marcy.

— Não significa nada — protestou Samuels. — As pessoas falaram as mesmas coisas sobre Ted Bundy.

Yune continuou.

— Holmes contou aos colegas que planejava passar a sua semana de férias com a mãe em Regis, uma cidadezinha cinquenta quilômetros ao norte de Dayton e Trotwood. Na metade da semana em questão, os corpos das garotas

Howard foram encontrados por um carteiro na sua rota de entregas. O cara viu um bando enorme de corvos reunidos em uma ravina a um quilômetro e meio da casa dos Howard e parou para investigar. Considerando o que encontrou, ele desejaria não ter feito isso.

Yune clicou no computador, e duas garotinhas louras substituíram a foto de olhos apertados e barba por fazer de Heath Holmes. A foto tinha sido tirada em uma feira ou em um parque de diversões; Holly conseguia ver um brinquedo de xícaras giratórias ao fundo. Amber e Jolene estavam sorrindo e mostrando algodões-doces como se fossem um prêmio.

— Não quero culpar as vítimas aqui, mas as garotas Howard eram complicadas. A mãe era alcoólatra, o pai ausente, a família era de baixa renda e morava em um bairro horrível. A escola as rotulara como “alunas de risco”, e elas mataram aula em várias ocasiões. Foi isso que fizeram na segunda-feira, dia 24 de abril, por volta das dez da manhã. Era o tempo livre de Amber na escola, e Jolene disse que precisava ir ao banheiro, então elas provavelmente planejaram antes.

— Fuga de Alcatraz — disse Bill Samuels.

Ninguém riu.

Yune continuou.

— Elas foram vistas brevemente antes do meio-dia em um bar e mercadinho a uns cinco quarteirões da escola. Essa é uma imagem retirada da câmera de segurança do mercado.

A imagem em preto e branco estava nítida e clara, como algo saído de um velho filme noir, pensou Holly. Ela olhou para as duas lourinhas, uma com dois refrigerantes na mão, a outra com duas barras de chocolate. As duas estavam de jeans e camiseta. Nenhuma delas parecia satisfeita; a garota com as barras de chocolate estava apontando, a boca bem aberta e a testa franzida.

— O funcionário sabia que elas deveriam estar na escola naquele momento e não quis vender para elas — falou Yune.

— Não brinca — disse Howie. — Quase dá pra ouvir a mais velha xingando o sujeito.

— Verdade — disse Yune —, mas essa não é a parte interessante. Observem o canto superior direito da foto. Na calçada, olhando para dentro. Aqui, vou aproximar um pouco.

Marcy murmurou alguma coisa baixinho. Pode ter sido *Cristo*.

— É ele, não é? — disse Samuels. — É Holmes. Observando elas.

Yune assentiu.

— O atendente do mercado foi a última pessoa a relatar ter visto Amber e Jolene Howard vivas. Mas ao menos mais uma câmera as filmou.

Ele clicou, e uma foto de outra câmera de segurança apareceu na tela na frente da sala de conferência. Essa parecia estar com o olho eletrônico apontado para um aglomerado de bombas de gasolina. O horário no canto dizia 12h19 do dia 24 de abril. Holly achou que devia ser a foto que a sua informante enfermeira tinha mencionado. Candy Wilson pensou que o veículo fosse a picape de Holmes, uma Chevy Tahoe "toda cheia de coisa", mas ela estava enganada. A imagem mostrava Heath Holmes caminhando, voltando para uma picape fechada com JARDINAGEM E PISCINAS DAYTON na lateral. Com a gasolina supostamente paga, ele estava voltando para o veículo com uma lata de refrigerante em cada mão. Inclinada pela janela do motorista para pegá-las estava Amber, a mais velha das irmãs Howard.

— Quando essa picape foi roubada? — perguntou Ralph.

— No dia 15 de abril — disse Yune.

— Ele a escondeu até estar pronto. O que quer dizer que foi um crime premeditado.

— Parece que sim.

Jeannie falou:

— E as garotas… entraram no carro com ele, assim, sem mais nem menos?

Yune deu de ombros.

— De novo, sem querer culpar as vítimas… não dá para culpar duas crianças tão novas por fazerem escolhas ruins… mas essa imagem sugere, sim, que elas estavam com ele por vontade própria, ao menos no começo. A sra. Howard disse ao sargento Highsmith que a garota mais velha tinha o hábito de "pegar carona" quando queria ir a algum lugar, apesar de ter ouvido diversas vezes que era perigoso fazer isso.

Holly achava que as duas imagens de câmeras de segurança contavam uma história simples. O forasteiro viu que as garotas não foram atendidas no mercadinho e se ofereceu para comprar refrigerante e chocolate para elas mais adiante, quando fosse abastecer o carro. Depois disso, pode ter dito que as levaria para casa ou para onde elas quisessem ir. Só um cara legal ajudando duas garotinhas que mataram aula… caramba, ele já tinha sido criança também.

— Holmes só foi visto de novo um pouco depois das seis da tarde — disse Yune. — Foi em um Waffle House nos arredores de Dayton. Ele estava com sangue no rosto, nas mãos e na camisa. Disse para a garçonete e para o

cozinheiro que o nariz tinha sangrado e foi se lavar no banheiro masculino. Então, pediu comida para viagem. Quando saiu do restaurante, o cozinheiro e a garçonete viram que ele também tinha manchas de sangue nas costas da camisa e no traseiro da calça, o que tornava a história dele um pouco menos provável, já que a maioria das pessoas tem o nariz na frente do rosto. A garçonete anotou o número da placa e ligou para a polícia. Depois, os dois identificaram Holmes em um grupo de seis homens. Era difícil confundir aquele cabelo castanho-avermelhado.

— Ele ainda estava dirigindo o mesmo carro quando parou no Waffle House? — perguntou Ralph.

— Aham. Foi encontrado abandonado no estacionamento municipal de Regis logo depois de descobrirem os corpos das garotas. Havia muito sangue na parte de trás, as digitais dele e das garotas em todo lugar. Algumas com sangue. Mais uma vez, a semelhança com o assassinato de Frank Peterson é bem forte. Impressionante, na verdade.

— Qual era a distância entre a casa dele em Regis e o local onde a picape foi encontrada? — perguntou Holly.

— Menos de oitocentos metros. A teoria da polícia é que ele a abandonou, andou para casa, tirou a roupa suja de sangue e preparou um belo jantar para a mãe. A polícia conseguiu descobrir as digitais como sendo dele quase de imediato, mas demoraram uns dois dias para vencer a burocracia e conseguir um nome.

— Porque a única prisão de Holmes, o passeio no carro roubado, aconteceu quando ele ainda era menor — disse Ralph.

— *Sí, señor*. No dia 27 de abril, Holmes foi ao Heisman Memory Unit. Quando a moça responsável, uma tal de sra. June Kelly, perguntou o que ele estava fazendo no hospital durante as férias, ele disse que tinha que pegar uma coisa no armário e pensou em dar uma olhada em uns pacientes, já que estava por lá. Ela achou aquilo um pouco estranho, porque, embora as enfermeiras tenham armários, os auxiliares só têm uns nichos de plástico na sala de descanso. Além do mais, eles são informados desde o começo que a palavra certa para se referirem à clientela pagante é *residentes*, e Holmes em geral os chamava de seus rapazes e suas garotas. Todo simpático. Enfim, um dos rapazes em quem ele foi dar uma olhada naquele dia foi o pai de Terry Maitland, e a polícia encontrou cabelos louros no banheiro dele. Cabelos que a perícia identificou como sendo de Jolene Howard.

— Muito conveniente — disse Ralph. — Ninguém sugeriu que podem ter

sido plantados?

— Considerando a forma como as provas iam se acumulando, concluíram que ele foi descuidado ou que queria ser pego — disse Yune. — A picape, as digitais, as fotos das câmeras de segurança… as calcinhas das garotas encontradas no porão… e por fim, a cobertura do bolo: a correspondência de DNA. Amostras colhidas da boca quando ele estava preso bateram com o sêmen deixado pelo criminoso na cena.

— Meu Deus — disse Bill Samuels. — É mesmo déjà-vu tudo de novo.

— Com uma grande exceção — disse Yune. — Heath Holmes não teve a sorte de ter sido filmado em uma palestra que por acaso acontecia ao mesmo tempo que as garotas Howard foram sequestradas e assassinadas. A mãe jurou que ele ficou em Regis o tempo todo, disse que o filho não foi ao Heisman e que com certeza não foi a Trotwood. "Por que iria?", disse ela. "É uma cidade de merda cheia de gente de merda."

— O depoimento dela não teria efeito algum em um júri — disse Samuels. — Ora, se a sua mãe não mentiria por você, quem mentiria?

— Outras pessoas do bairro o viram durante a semana de férias — falou Yune. — Ele cortou a grama da mãe, consertou as calhas, pintou a varanda e ajudou a velha senhora do outro lado da rua a plantar algumas flores. Isso foi no mesmo dia em que as garotas Howard foram levadas. E aquela picape enfeitada dele era meio difícil de passar despercebida quando ele estava dirigindo pela cidade.

Howie perguntou:

— A senhora do outro lado da rua o citou como estando perto dela na hora em que as garotas foram mortas?

— Ela disse por volta das dez da manhã. É quase um álibi, mas não exatamente. Regis é bem mais perto de Trotwood do que Flint de Cap City. A polícia teorizou que, assim que ele terminou de ajudar a vizinha com as petúnias ou sei lá o quê, foi até o estacionamento municipal, trocou a Tahoe pela picape fechada e foi à caça.

— Terry *teve* mais sorte do que o sr. Holmes — disse Marcy, olhando primeiro para Ralph e depois para Bill Samuels. Ralph sustentou o olhar dela; Samuels não conseguiu ou não quis. — Apenas não o suficiente.

Yune disse:

— Eu tenho mais uma coisa, outra peça do quebra-cabeça, como a sra. Gibney diria. Mas vou guardar para depois que Ralph recapitular a investigação de Maitland, os prós e os contras.

Ralph fez essa parte do serviço com rapidez, falando em frases concisas, como se testemunhando em um tribunal. Ele fez questão de mencionar o que Claude Bolton dissera a ele, que Terry o arranhou com a unha quando apertou a sua mão. Depois de contar sobre a descoberta das roupas no município de Canning, calça, cueca, meias e tênis, mas nenhuma camisa, ele voltou para o homem que vira na escada do tribunal. Disse que não tinha certeza se o homem estava usando a camisa que Terry usou na estação de trem de Dubrow para cobrir a cabeça presumivelmente cheia de cicatrizes e careca, mas acreditava que era possível.

— Deve ter havido cobertura de televisão no tribunal — disse Holly. — Você já verificou?

Ralph e o tenente Sablo trocaram um olhar.

— Verificamos — respondeu Ralph —, mas o homem não aparece em nenhuma das imagens.

Houve uma agitação geral, e Jeannie segurou o braço do marido de novo; agarrou, na verdade. Ralph deu um tapinha tranquilizador na mão dela, mas estava olhando para a mulher que chegara de avião de Dayton. Holly não parecia intrigada. Parecia satisfeita.

6

— O homem que matou as garotas Howard usou uma picape fechada — disse Yune —, e quando terminou, largou o carro em um lugar fácil de ser descoberto. O homem que matou Frank Peterson fez a mesma coisa com a van que usou para sequestrar o garoto; na verdade, chamou a atenção para ela deixando-a atrás do Shorty's Pub e falando com duas testemunhas, do mesmo jeito que Holmes falou com o cozinheiro e a garçonete no Waffle House. A polícia de Ohio encontrou muitas digitais na picape, tanto do assassino quanto das vítimas; nós também encontramos muitas na van, mas as digitais da van incluíam pelo menos um conjunto não identificado. Até hoje, pelo menos.

Ralph se inclinou para a frente, atento.

— Quero mostrar uma coisa. — Yune mexeu no laptop. Duas digitais apareceram na tela. — Essas são do garoto que roubou a van em Nova York. Uma vem da van, a outra é de quando ele foi preso em El Paso. Agora, olhem isso.

Ele mexeu mais um pouco no laptop, e as duas digitais se encaixaram com perfeição.

— Isso resolve a questão de Merlin Cassidy. Agora, aqui está a de Frank Peterson, uma digital do legista, outra da van.

A sobreposição mostrou que eram idênticas.

— Agora, de Maitland. Uma digital da van, uma de muitas, tenho que dizer, e a outra colhida na delegacia de Flint City.

Ele as sobrepôs, e de novo a correspondência foi perfeita. Marcy suspirou.

— Certo, agora se preparem para um nó na mente. À esquerda, uma digital não identificada da van. À direita, uma digital de Heath Holmes de quando *ele* foi preso no condado de Montgomery, Ohio.

Ele as sobrepôs. O encaixe não foi perfeito, mas chegou bem perto. Holly acreditava que um júri as aceitaria como compatíveis. Ela aceitava.

— Vocês vão perceber que há pequenas diferenças — falou Yune. — Isso porque a digital de Holmes na van está um pouco dissipada, talvez pela passagem de tempo. Mas há pontos de identificação suficientes para que eu fique satisfeito. Heath Holmes esteve naquela van em algum momento. Isso é informação nova.

A sala ficou em silêncio.

Yune exibiu mais duas digitais. A da esquerda estava clara e definida. Holly percebeu que eles já a tinham visto. Ralph também.

— É de Terry — disse ele. — Da van.

— Certo. E à direita tem uma da fivela de cinto deixada no celeiro.

As espirais eram as mesmas, mas estranhamente apagadas em alguns lugares. Quando Yune as sobrepôs, a digital da van preencheu os vazios na da fivela.

— Sem dúvida são a mesma — falou Yune. — As duas são de Terry Maitland. Só que a do cinto parece ter vindo de um dedo bem mais velho.

— Como isso é possível? — perguntou Jeannie.

— Não é — disse Samuels. — Eu vi as digitais de Maitland no cartão quando ele foi fichado… que foi feito dias *depois* que ele tocou nessa fivela. Estavam firmes e claras. Cada linha e cada espiral intacta.

— Também tiramos uma digital não identificada da fivela — informou Yune. — Aqui está.

Nenhum júri aceitaria aquela digital; havia algumas linhas e espirais, mas estavam apagadas, quase invisíveis. A maior parte dela era um borrão.

Yune falou:

— É impossível ter certeza, considerando a má qualidade, mas não acredito que seja uma digital do sr. Maitland, e *não pode* ser de Holmes,

porque ele morreu bem antes de essa fivela aparecer no vídeo da estação de trem. Ainda assim… Heath Holmes *esteve* na van usada para sequestrar o garoto Peterson. Não consigo explicar quando, como e nem por quê, mas não estou exagerando quando digo que daria mil dólares para saber quem deixou essa digital borrada na fivela do cinto, e pelo menos quinhentos para me falarem como a digital de Maitland parece tão velha.

Ele desconectou o laptop e se sentou.

— Temos muitas peças na mesa — disse Howie —, mas não vejo como podem formar uma imagem. Alguém tem mais alguma?

Ralph se virou para a esposa.

— Conta pra eles — disse ele. — Conta pra eles sobre o seu sonho do invasor da nossa casa.

— Não foi sonho — respondeu ela. — Sonhos passam. A realidade, não.

Falando devagar no início, mas pegando velocidade, ela contou sobre ter visto a luz acesa no andar de baixo e encontrar o homem sentado depois do batente em forma de arco, em uma das cadeiras da mesa da cozinha deles. Ela terminou com o aviso que o sujeito deu, enfatizando com as letras azuis desbotadas nos seus dedos. *O que você DEVE fazer é mandar ele parar*.

— Eu desmaiei. Isso nunca me aconteceu na vida.

— Ela acordou na cama — disse Ralph. — Não havia sinal de invasão. O alarme estava ligado.

— Foi sonho — disse Samuels, seco.

Jeannie balançou a cabeça com força suficiente para fazer o cabelo balançar.

— Ele *estava* lá.

— *Alguma coisa* aconteceu — disse Ralph. — Disso tenho certeza. O homem com o rosto queimado tem tatuagens nos dedos…

— O homem que não aparece nos filmes? — falou Howie.

— Eu sei que parece loucura. Mas outra pessoa nesse caso tinha tatuagens nos dedos, e eu enfim lembrei quem era. Pedi para Yune me mandar uma foto, e Jeannie o identificou. O homem que ela viu no sonho ou na nossa casa é Claude Bolton, o leão de chácara do Gentlemen, Please. O que se cortou quando apertou a mão de Terry Maitland.

— Do mesmo jeito que Terry se cortou quando esbarrou no auxiliar — disse Marcy. — O auxiliar era Heath Holmes, não era?

— Ah, sim — afirmou Holly, quase distraída. Ela olhava para um dos quadros na parede. — Quem mais poderia ser?

Alec Pelley se manifestou.

— Alguém verificou o paradeiro de Bolton?

— Eu verifiquei — respondeu Ralph. — Ele está em uma cidade no oeste do Texas chamada Marysville, a seiscentos e cinquenta quilômetros daqui. A não ser que tivesse um jato particular escondido em algum lugar, ele estava lá na hora que Jeannie o viu na nossa casa.

— A não ser que a mãe *dele* estivesse mentindo — disse Samuels. — Como observado antes, mães costumam estar dispostas a fazer isso quando os filhos estão sob suspeita.

— Jeannie pensou o mesmo, mas parece improvável nesse caso. O policial foi até lá sob outro pretexto, e ele disse que os dois pareciam relaxados e receptivos. Com zero tensão de criminoso.

Samuels cruzou os braços sobre o peito.

— Não estou convencido.

— Marcy — disse Howard —, acho que é a sua vez de acrescentar uma peça ao quebra-cabeça.

— Eu… não quero. Deixo isso para o detetive. Foi Grace quem falou com ele.

Howie segurou a mão dela.

— É por Terry.

Marcy suspirou.

— Tudo bem. Grace também viu um homem. Duas vezes. Na segunda vez dentro da casa. Achei que ela estava tendo pesadelos porque tinha ficado perturbada com a morte do pai… como qualquer criança ficaria… — Ela parou e mordeu o lábio.

— Por favor — disse Holly. — É muito importante, sra. Maitland.

— Sim — concordou Ralph. — É.

— Eu tinha tanta certeza de que não era real! Absoluta!

— Ela o descreveu? — perguntou Jeannie.

— Mais ou menos. A primeira vez foi há aproximadamente uma semana. Ela e Sarah estavam dormindo juntas no quarto de Sarah, e Grace disse que ele estava flutuando do lado de fora da janela. Falou que tinha cara de massinha e canudos no lugar dos olhos. *Qualquer um* acharia que foi um pesadelo, não?

Ninguém falou nada.

— A segunda vez foi no domingo. Ela disse que acordou de um cochilo, e o homem estava sentado na cama dela. Falou que ele não tinha mais canudos

nos olhos, que tinha os olhos do pai, mas a deixou com medo mesmo assim. Ele tinha tatuagens nos braços. E nas mãos.

Ralph se manifestou:

— Ela disse para mim que a cara de massinha tinha sumido. Que ele tinha cabelo curto arrepiado. E uma barbicha em volta da boca.

— Um cavanhaque — disse Jeannie. Ela parecia enjoada. — Era o mesmo homem. A primeira vez pode ter sido mesmo um sonho, mas a segunda… era Bolton. Só pode ter sido.

Marcy colocou a palma das mãos nas têmporas e apertou, como se estivesse com dor de cabeça.

— Sei que parece isso, mas a *única* possibilidade é de que foi um sonho. Ela disse que a camisa do homem mudou de cor enquanto ele estava falando, e esse tipo de coisa só acontece em sonhos. Detetive Anderson, quer contar o resto?

Ele balançou a cabeça.

— Você está indo muito bem.

Marcy secou os olhos.

— Ela falou que ele debochou dela. Que a chamou de bebê, e quando ela começou a chorar, disse que era bom ela estar triste. Depois, falou que tinha uma mensagem para o detetive Anderson. Que ele precisava parar, senão uma coisa ruim ia acontecer.

— De acordo com Grace — disse Ralph —, na primeira vez em que o homem apareceu, parecia que ele não estava pronto. Inacabado. Na segunda vez, ela descreveu um homem que de fato parece ser Claude Bolton. Só que ele está no Texas. Interpretem da forma que quiserem.

— Se Bolton estava lá, ele não podia estar *aqui* — afirmou Bill Samuels, parecendo exasperado. — Isso é bem óbvio.

— Era óbvio em relação a Terry Maitland — disse Howie. — E, agora, descobrimos que em relação a Heath Holmes também. — Ele voltou a atenção para Holly. — Nós não temos Miss Marple hoje, mas temos a sra. Gibney. Pode juntar essas peças pra nós?

Holly não pareceu ouvi-lo. Ela ainda estava olhando para o quadro da parede.

— Canudos no lugar dos olhos — disse. — Sim, claro. Canudos… — Ela parou de falar.

— Sra. Gibney — disse Howie. — Tem alguma coisa pra nós ou não?

Holly voltou de onde estava.

— Sim. Posso explicar o que está acontecendo. Só peço que me escutem de mente aberta. Vai ser mais rápido, acho, se eu mostrar um trecho de um filme que eu trouxe. Está na minha bolsa, em DVD.

Com outra breve oração pedindo força (e para canalizar Bill Hodges quando eles manifestassem descrença e, talvez, ultraje), ela se levantou e colocou o laptop na ponta da mesa onde antes estava o de Yune. Em seguida, pegou o drive externo de DVD e ligou no aparelho.

7

Jack Hoskins pensou em pedir uma licença por causa da queimadura, enfatizando que câncer de pele era um problema de família, mas concluiu que seria uma má ideia. Péssima, na verdade. O chefe Geller quase certamente o mandaria sair da sala dele, e quando o boato se espalhasse (Rodney Geller não era do tipo que ficava de bico calado), o detetive Hoskins se tornaria motivo de piada no departamento. No caso improvável de o chefe concordar, esperariam que ele fosse ao médico, e Jack não estava pronto para isso.

Porém, Hoskins tinha sido chamado três dias antes, o que não era justo, considerando que as porcarias das férias dele estavam marcadas desde maio. Sentindo que isso tornava certo (*perfeitamente* certo, na sua opinião) transformar aqueles três dias no que Ralph Anderson chamaria de férias para ficar em casa, ele passou aquela tarde de quarta-feira indo de bar em bar. Na terceira parada, já tinha conseguido esquecer quase todo o acontecimento sinistro do município de Canning; na quarta, parara de se preocupar tanto com a queimadura e com o fato peculiar de ela ter parecido surgir à noite.

A quinta parada foi no Shorty's Pub. Lá, ele pediu à atendente, uma moça muito bonita cujo nome fugia à sua memória (embora não o hipnotizante comprimento das pernas dela em uma calça jeans Wrangler apertada), para dar uma olhada na nuca dele e dizer o que via. Ela fez isso.

— É uma queimadura de sol — disse ela.

— *Só* uma queimadura, né?

— É, só uma queimadura. — E depois de uma pausa: — Mas bem feia. Tem algumas bolhas aí. Você devia passar…

— Aloe vera, eu sei. Já me disseram.

Depois de cinco vodcas com tônica (ou talvez tivessem sido seis), ele foi dirigindo para casa respeitando o limite de velocidade, sentado ereto e espiando por cima do volante. Não seria bom ser parado. O limite legal no estado era de 0,08%.

Chegou em casa na mesma hora em que Holly Gibney estava começando a sua apresentação na sala de conferência de Howie Gold. Ficou só de cueca, se lembrou de trancar as portas e foi ao banheiro esvaziar a bexiga que precisava muito ser esvaziada. Com essa tarefa feita, usou mais uma vez o espelho de mão para verificar o pescoço. A queimadura já devia estar melhorando, provavelmente começando a descascar. Mas não. Ela tinha ficado preta. Fissuras profundas atravessavam o seu pescoço. Filetes perolados de pus escorriam de duas dessas fissuras. Ele gemeu, fechou os olhos, abriu de novo e deu um suspiro de alívio. Não havia pele preta. Não havia fissuras. Não havia pus. Mas o pescoço *estava* bem vermelho, e, sim, havia algumas bolhas. Não estava doendo tanto quanto antes, quando ele tocava no local, mas por que doeria se Jack estava cheio do melhor anestésico russo no organismo?

Tenho que parar de beber tanto, pensou ele. *Ver coisas que não existem é um sinal bem claro. Dá até para chamar de aviso.*

Ele não tinha pomada de aloe vera, então passou gel de arnica na queimadura. Ardeu, mas a dor passou logo (ou ao menos diminuiu até virar um latejar seco). Isso era bom, não? Ele pegou uma toalha de rosto para colocar sobre o travesseiro para que a fronha não ficasse manchada, deitou e apagou a luz. Mas a escuridão não era boa. Parecia que ele conseguia sentir melhor a dor na escuridão, e era fácil demais imaginar algo no quarto com ele. A coisa que apareceu atrás dele naquele celeiro abandonado.

A única coisa que tinha lá era a minha imaginação. Aquela pele toda preta foi a minha imaginação. As rachaduras também. E o pus.

Tudo verdade, mas também era verdade que quando ele acendeu o abajur do criado-mudo, Jack se sentiu melhor. Seu pensamento final foi que uma boa noite de sono consertaria tudo.

8

— Quer que eu diminua a luz um pouco mais? — perguntou Howie.

— Não — disse Holly. — Isso é informação, não entretenimento, e apesar de o filme ser curto, só tem oitenta e sete minutos, não vamos precisar assistir a tudo. Na verdade, nem muito. — Ela não estava tão nervosa quanto achava que estaria. Pelo menos não até o momento. — Mas antes de eu mostrar para vocês, preciso deixar uma coisa bem clara, uma coisa que acho que todos devem saber a essa altura, apesar de talvez não estarem tão preparados para admitir a verdade na mente consciente.

Eles olharam para ela em silêncio. Todos aqueles olhos. Ela mal conseguia acreditar que estava fazendo aquilo; não Holly Gibney, a ratinha que se sentava no fundo de todas as salas de aula, que nunca levantava a mão, que usava roupas de ginástica por baixo das saias e blusas nos dias de educação física. Holly Gibney, que, mesmo aos vinte anos, não ousava responder à mãe. Holly Gibney, que de fato ficou maluca em duas ocasiões.

Mas tudo isso foi antes de Bill. Ele acreditava que eu podia melhorar, e por ele eu melhorei. E serei ainda melhor agora, por essas pessoas.

— Terry Maitland não assassinou Frank Peterson, e Heath Holmes não assassinou as garotas Howard. Esses assassinatos foram cometidos por um forasteiro. Ele usa a nossa ciência moderna, a nossa perícia moderna, contra nós, mas a verdadeira arma dele é que nos recusamos a acreditar. Somos treinados para seguir os fatos, e às vezes o farejamos quando os fatos são conflitantes, mas nos recusamos a seguir esse cheiro. Ele sabe. E usa isso.

— Sra. Gibney — disse Jeannie Anderson —, está dizendo que os assassinatos foram cometidos por uma criatura sobrenatural? Algo como um vampiro?

Holly considerou a pergunta e mordeu os lábios. Por fim, respondeu:

— Não quero responder isso. Ainda não. Primeiro, quero mostrar um pedaço do filme que trouxe. É um filme mexicano, dublado em inglês e lançado como parte de sessões duplas de drive-in neste país cinquenta anos atrás. O título aqui foi *Lutadoras mexicanas enfrentam o monstro*, mas em espanhol…

— Ah, pare com isso — disse Ralph. — É ridículo.

— Cala a boca — mandou Jeannie. Ela manteve a voz baixa, mas todos ouviram a raiva nela. — Dê uma chance à mulher.

— Mas…

— Você não estava lá ontem à noite. Eu estava. *Você precisa dar uma chance a ela.*

Ralph cruzou os braços sobre o peito, da mesma forma que Samuels tinha feito. Era um gesto que Holly conhecia bem. Um gesto de distanciamento. E um gesto de *não vou ouvir*. Ela seguiu em frente.

— O título mexicano do filme é *Rosita Luchadora e Amigas Conocen El Cuco*. Em espanhol, quer dizer…

— É isso! — gritou Yune, fazendo todo mundo pular. — Esse é o nome que não consegui lembrar quando estávamos comendo naquele restaurante no sábado! Se lembra da história, Ralph? A que a *abuela* da minha esposa

contava quando ela era *pequeña*?

— Como poderia esquecer? — disse Ralph. — O cara com o saco preto que mata criancinhas e esfrega a gordura delas… — Ele parou, pensando, ainda que contra a vontade, em Frank Peterson e nas garotas Howard.

— Faz o quê? — perguntou Marcy Maitland.

— Bebe o sangue delas e esfrega a gordura no corpo — disse Yune. — Supostamente isso o mantém jovem. *El Cuco.*

— Sim — disse Holly. — Ele é conhecido na Espanha como *El Hombre con Saco*. O homem do saco. Em Portugal, é Cabeça de Abóbora. Quando as crianças americanas fazem esculturas com abóboras no Halloween, estão fazendo figuras semelhantes a *El Cuco*, como as crianças faziam centenas de anos atrás na Ibéria.

— Havia um versinho sobre *El Cuco* — falou Yune. — A *abuela* cantarolava às vezes, à noite. *Duérmete, niño, duérmete ya…* Não consigo lembrar o resto.

— Nana neném — disse Holly. — Que a Cuca vem pegar.

— Que belo versinho de ninar — comentou Alec. — Devia provocar ótimos sonhos nas crianças.

— Jesus — sussurrou Marcy. — Você acha que uma coisa assim esteve na nossa *casa*? Sentado na *cama* da minha filha?

— Sim e não — disse Holly. — Vou pôr o filme. Os primeiros dez minutos devem ser suficientes.

9

Jack sonhou que estava dirigindo em uma estrada deserta de duas pistas sem nenhum carro dos lados e mil quilômetros de céu azul acima. Ele estava no volante de um caminhão, talvez de transporte de combustível, porque sentia cheiro de gasolina. Ao lado dele estava um homem com cabelo curto preto e cavanhaque. Os braços eram cobertos de tatuagens. Hoskins o conhecia porque visitava o Gentlemen, Please com frequência (embora quase nunca em caráter oficial) e tinha tido muitas conversas agradáveis com Claude Bolton, que tinha ficha, mas era um bom sujeito desde que ficara limpo. Só que essa versão de Claude era um sujeito *muito* ruim. Foi esse Claude que puxou a cortina do chuveiro o suficiente para Hoskins poder ler a palavra nos dedos dele: CANT.

O caminhão passou por uma placa que dizia: MARYSVILLE, POPULAÇÃO 1280.

— O câncer está se espalhando rápido — disse Claude, e, sim, era a voz

que tinha saído de trás da cortina do chuveiro. — Olhe para as suas mãos, Jack.

Ele olhou para baixo. As mãos no volante tinham ficado pretas. Enquanto ele olhava, elas caíram. O caminhão saiu da estrada, se inclinou e começou a virar. Jack entendeu que ia explodir e se arrancou do sonho antes que isso pudesse acontecer, ofegante e olhando para o teto.

— Jesus — sussurrou, verificando para ter certeza de que as mãos ainda estavam lá. Estavam, assim como o seu relógio. Ele dormiu menos de uma hora. — Jesus Cris…

Alguém se moveu à sua esquerda. Por um momento, Jack se perguntou se tinha trazido a bela atendente do bar com pernas compridas para casa, mas, não, ele estava sozinho. Uma jovem bonita daquelas não ia querer se envolver com ele. Para ela, Hoskins seria apenas um bêbado de quarenta e poucos anos acima do peso que estava perdendo o cab…

Ele olhou ao redor. A mulher na cama com ele era a sua mãe. Ele só sabia disso por causa da fivela de casco de tartaruga presa nos poucos fios que restavam de cabelo. Ela usou aquela fivela no funeral. O rosto dela foi maquiado pelo agente funerário. Parecia meio de cera, de boneca, mas não estava ruim, de modo geral. Esse rosto tinha quase todo desaparecido, a carne podre até os ossos. A camisola estava grudada no corpo porque estava encharcada de pus. Havia fedor de carne apodrecida. Ele tentou gritar, não conseguiu.

— Esse câncer está esperando por você, Jack — disse ela. Ele via os dentes da mãe batendo, porque os lábios tinham sumido. — Está comendo você. Ele pode tirar agora, mas, em pouco tempo, vai ser tarde demais. Até para ele. Vai fazer o que ele quer?

— Vou — sussurrou Hoskins. — Qualquer coisa.

— Então escute.

Jack Hoskins escutou.

10

Não havia aviso do FBI no começo do filme de Holly, o que não surpreendeu Ralph. Quem se daria ao trabalho de cuidar dos direitos autorais de um artefato antigo que já era um lixo? A música era uma mistura caipira de violinos trêmulos e riffs alegres de um acordeão *norteño*. A imagem estava ruim, como se tivesse sido exibido vezes demais por um projecionista, havia tempo morto, que não tinha se importado muito com o seu trabalho.

Não consigo acreditar que estou aqui, pensou Ralph. *Isso é coisa de maluco.*

Ainda assim, tanto a sua esposa quanto Marcy Maitland assistiam ao filme com a concentração de estudantes se preparando para o exame final, e os outros, embora claramente não tão envolvidos, prestavam atenção. Yune Sablo estava com um leve sorriso nos lábios. Não o sorriso de uma pessoa que acha que o que está vendo é ridículo, pensou Ralph, mas de um homem vislumbrando um pouco do seu passado: uma lenda de infância ganhando vida.

O filme começa em uma rua noturna em que todos os estabelecimentos pareciam ser bares, ou prostíbulos, ou ambos. A câmera segue uma mulher bonita de vestido curto, andando de mãos dadas com a filha, que parecia ter uns quatro anos. Essa caminhada noturna por uma parte ruim da cidade com uma criança que devia estar na cama talvez fosse explicada mais adiante no filme, mas não na parte que Ralph e os outros viram.

Um bêbado acena para a mulher, e embora o movimento labial indicasse uma coisa, o dublador disse "Ei, gata, quer um encontro?" com um sotaque mexicano que mais lembrava Pepe Le Gambá. Ela o ignorou e continuou andando. Depois, em uma área escura entre dois postes de luz, um cara de casaco preto comprido saído direto de um filme do Drácula aparece em um beco. Ele carrega um saco preto em uma das mãos. Com a outra, pega a criança. A mãe grita e corre atrás, alcançando-o embaixo do poste de luz seguinte e procurando no saco. Ele se vira, e o poste de luz conveniente ilumina o rosto de um homem de meia-idade com uma cicatriz na testa.

O cara de casaco rosna, revelando uma boca cheia de presas falsas. A mulher recua com as mãos erguidas, parecendo menos uma mãe apavorada e mais uma cantora de ópera prestes a iniciar uma ária de *Carmen*. O ladrão de crianças passa o casaco por cima da garotinha e foge, mas não antes de um sujeito que sai de um dos muitos bares da rua o saudar com outro sotaque horrível de Pepe Le Gambá: "Ei, professor Espinoza, aonde você vai? Me deixa pagar uma bebiiida!".

Na cena seguinte, a mãe é levada ao necrotério da cidade (*EL DEPOSITO DE CADAVERES*, conforme estava escrito no vidro fosco da porta) e solta a gritaria esperada quando o lençol é erguido e revela a sua filha supostamente mutilada. Em seguida, vem a prisão do homem com a cicatriz, que era um respeitado professor de uma universidade próxima.

O que veio a seguir é um dos julgamentos mais curtos da história do

cinema. A mãe dá seu testemunho; dois caras com sotaque de Pepe Le Gambá também, inclusive o que tinha oferecido uma bebida ao professor; o júri sai para chegar a um veredito. Para acrescentar um toque surreal a esses procedimentos previsíveis, há a aparição de cinco mulheres na última fila, todas usando o que pareciam ser trajes de super-heroínas, com máscaras estilosas e tudo. Ninguém no tribunal, nem o juiz, parece achá-las estranhas.

O júri volta, e o professor Espinoza é condenado por assassinato hediondo; ele deixa a cabeça pender e parece culpado. Uma das mulheres mascaradas fica de pé e declara: "Há um erro no emprego da justiça! O professor Espinoza nunca faria mal a uma criança!".

"Mas eu o vi!", grita a mãe. "Dessa vez você está errada, Rosita!"

As mulheres mascaradas de trajes de super-heroínas saem do tribunal com suas botas bacanas, e o filme muda para um close de uma forca. A câmera recua e mostra um cadafalso cercado de uma multidão de observadores. O professor Espinoza é levado escada acima. Quando a corda é colocada em volta do pescoço dele, seu olhar se fixa em um homem com veste encapuzada de monge atrás da multidão. Há um saco preto entre as sandálias do homem.

Era um filme idiota e tosco, mas Ralph sentiu um arrepio descer pelo braço e cobriu a mão de Jeannie com a sua quando ela o procurou. Ele sabia exatamente o que veriam agora. O monge empurra o capuz e revela o rosto do professor Espinoza, com cicatriz na testa e tudo. Ele sorri, exibindo as ridículas presas de plástico… aponta para o saco preto… e ri.

"*Lá!*", grita o verdadeiro professor do cadafalso. "*Lá está ele, ali!*"

As pessoas se viram, mas o homem com o saco preto tinha desaparecido. Espinoza recebe o próprio saco preto: o capuz da morte que é colocado sobre a sua cabeça. Embaixo dele, ele grita: "O monstro, o monstro, o mons…". O alçapão se abre e ele despenca.

A sequência seguinte mostra as super-heroínas mascaradas correndo atrás do monge falso por telhados, e foi ali que Holly apertou o botão para pausar o filme.

— Vinte e cinco anos atrás, vi uma versão legendada em vez da dublada — disse ela. — O que o professor está gritando no final é *El Cuco, El Cuco*.

— O que mais? — murmurou Yune. — Jesus, não vejo um desses filmes de *luchadora* desde que era criança. Devia haver uma dezena deles. — Ele olhou para os outros como se estivesse saindo de um sonho. — *Las luchadoras*, as lutadoras. E a estrela desse aí, Rosita, ela era famosa. Vocês deviam vê-la sem a máscara, *ay caramba*. — Ele balançou a mão, como se

tivesse tocado em alguma coisa quente.

— Não havia só dez, eram pelo menos cinquenta — disse Holly, baixinho. — Todo mundo no México amava *las luchadoras*. Os filmes eram como os dos super-heróis de hoje em dia. Com um orçamento bem menor, é claro.

Ela gostaria de falar sobre esse fascinante (para ela, pelo menos) trecho da história do cinema, mas aquela não era a hora, não com o detetive Anderson parecendo ter acabado de comer uma coisa ruim. Também não diria para eles que amava os filmes de *luchadora*. Eles eram exibidos no canal local de Cleveland que passava *Schlock Theater* todas as noites de sábado. Holly achava que os universitários da cidade ficavam bêbados e ligavam nesse canal parar rir da dublagem ruim e das roupas que, sem dúvida, consideravam brega, mas não havia nada de engraçado em *las luchadoras* para a assustada e infeliz estudante do ensino médio que ela foi. Carlotta, Maria e Rosita eram fortes e corajosas, sempre ajudando os pobres e oprimidos. Rosita Muñoz, a mais famosa, até tinha orgulho de se proclamar como uma *cholita*, que era como aquela estudante infeliz de ensino médio se sentia na maior parte do tempo: uma mestiça, uma aberração.

— A maioria dos filmes de lutadoras mexicanas são recontagens de lendas antigas. Esse não é diferente. Estão vendo como encaixa no que sabemos sobre esses assassinatos?

— Com perfeição — disse Bill Samuels. — Isso eu admito. O único problema é que é loucura. Maluquice. Se acredita mesmo em *El Cuco*, sra. Gibney, então você está *lelé da cuca*.

Diz o homem que me contou sobre as pegadas que desapareceram, pensou Ralph. Ele não acreditava em *El Cuco*, mas achava que a mulher tinha sido muito corajosa ao mostrar o filme quando devia saber qual seria a reação deles. Ele estava interessado em ver como a sra. Gibney da Achados e Perdidos responderia.

— Dizem que *El Cuco* vive de sangue e gordura das crianças — falou Holly —, mas no mundo, no nosso mundo *real*, ele sobreviveria não só dessas coisas, mas de gente que pensa como você, sr. Samuels. Como suponho que todos vocês pensem. Quero mostrar mais uma coisa. Apenas um trecho curto, prometo.

Ela foi para o capítulo nove do DVD, o penúltimo. A ação começa com uma das *luchadoras*, Carlotta, encurralando o monge encapuzado em um armazém deserto. Ele tenta fugir usando uma escada. Carlotta o segura pela parte de trás das vestes e o joga por cima do ombro. Ele dá uma pirueta no ar e cai de

costas. O capuz voa para trás, revelando um rosto que não era um rosto, mas sim uma massa cheia de caroços. Carlotta grita quando duas pontas prolongadas saem de onde estariam os olhos. Aquelas coisas deviam ter algum tipo de poder repelente místico, porque Carlotta cambaleou contra a parede e levantou uma das mãos na frente da máscara de *luchadora*, tentando se proteger.

— Pare — disse Marcy. — Ah, Deus, por favor.

Holly clicou no iPad. A imagem na tela desapareceu, mas Ralph ainda conseguia vê-la: um efeito ótico pré-histórico se comparado à computação gráfica que podia ser encontrada em qualquer cinema hoje em dia, mas eficiente o bastante se você tinha ouvido a história de uma certa garotinha sobre o invasor no quarto dela.

— Você acha que foi isso que a sua filha viu, sra. Maitland? — perguntou Holly. — Não exatamente, não é isso que quero dizer, mas…

— Sim. Claro. Canudos no lugar dos olhos. Foi o que ela disse. Canudos no lugar dos olhos.

11

Ralph se levantou. A voz dele estava calma e tranquila.

— Com todo o respeito, sra. Gibney, e considerando as suas… hã, aventuras do passado… e não tenho dúvida de que você merece mesmo respeito… mas não existe nenhum monstro sobrenatural chamado *El Cuco* que se alimenta do sangue de crianças. Eu seria o primeiro a admitir que esse caso, ou os dois casos, se eles estiverem ligados, e parece cada vez mais que sim, conta com elementos bem estranhos, mas você está nos levando por um caminho falso.

— Deixe a mulher terminar — disse Jeannie. — Antes de fechar a sua mente por completo, pelo amor de Deus, deixe ela falar.

Ele viu que a raiva da esposa estava agora à beira da fúria. Ele entendia por quê, conseguia até se solidarizar. Ao se recusar a avaliar a história ridícula de Gibney sobre *El Cuco*, Jeannie achava que ele também estava se recusando a acreditar no que ela viu na cozinha durante a madrugada. E Ralph queria acreditar nela, não só porque a amava e a respeitava, mas porque o homem que ela descreveu era compatível com Claude Bolton em todos os detalhes, e ele não tinha como explicar aquilo. Ainda assim, o detetive disse o que achava que tinha que ser dito, para todos e sobretudo para Jeannie. Ele precisava fazer isso. Era a verdade fundamental na qual toda a vida dele se

sustentava. Sim, havia larvas no melão, mas elas entraram lá por meios naturais. Não saber quais eram não mudava isso nem negava o fato.

Ele falou:

— Se acreditarmos em monstros, no sobrenatural, como vamos acreditar em qualquer coisa?

Ralph se sentou e tentou pegar a mão de Jeannie. Ela a afastou.

— Entendo como se sente — disse Holly. — Entendo mesmo, pode acreditar. Mas já vi coisas, detetive Anderson, que me permitem acreditar nisso. Ah, não no filme, nem na lenda por trás dele, para ser mais exata. Mas toda lenda tem um pouco de verdade. Vamos deixar isso de lado agora. Eu gostaria de mostrar uma linha do tempo que desenhei antes de ir embora de Dayton. Posso fazer isso? Não vai demorar.

— O palco é seu — disse Howie. Ele parecia confuso.

Holly abriu um arquivo e o projetou na parede. A caligrafia dela era pequena e clara. Ralph achou que o que ela tinha desenhado seria considerado aceitável em qualquer tribunal. Isso ele tinha que admitir.

— Quinta-feira, 20 de abril. Merlin Cassidy deixa a van no estacionamento de Dayton. Acredito que tenha sido roubada no mesmo dia. Nós não vamos chamar o ladrão de *El Cuco*, vamos só chamar de forasteiro. O detetive Anderson vai ficar mais à vontade assim.

Ralph permaneceu em silêncio, e dessa vez, quando tentou pegar a mão de Jeannie, ela deixou, mas não dobrou os dedos sobre os dele.

— Onde ele a guardou? — perguntou Alec. — Alguma ideia?

— Vamos chegar a isso, mas, no momento, posso me manter na cronologia de Dayton?

Alec levantou a mão para que ela continuasse.

— Sábado, 22 de abril. Os Maitland voam até Dayton e fazem check-in no hotel. Heath Holmes, o verdadeiro Heath Holmes, está em Regis, com a mãe.

“Segunda-feira, 24 de abril. Amber e Jolene Howard são mortas. O forasteiro come a carne delas e bebe o sangue. — Ela olha para Ralph. — Não, eu não sei disso. Não com certeza. Mas depois de ler nas entrelinhas das notícias de jornal, sei que partes do corpo delas nunca foram encontradas, e que os cadáveres tinham sido quase totalmente drenados de sangue. Isso é similar ao que aconteceu com o garoto Peterson?

Bill Samuels se manifestou.

— Como o caso Maitland está fechado e estamos tendo uma discussão informal aqui, não tenho problema algum em dizer que sim. Havia carne

faltando no pescoço de Frank Peterson, assim como no ombro direito, na nádega direita e na coxa esquerda.

Marcy fez um som estrangulado. Quando Jeannie se virou para ela, Marcy fez um sinal de que não era necessário.

— Estou bem. Quer dizer… não, não estou. Mas não vou vomitar, nem desmaiar, nem nada.

Ao observar a pele pálida dela, Ralph não teve tanta certeza.

Holly disse:

— O forasteiro larga a picape fechada que usou para sequestrar as garotas perto da casa de Holmes… Onde ele tem certeza de que vai ser encontrada e se tornará parte da prova contra o bode expiatório escolhido por ele. Então, deixa as calcinhas das garotas no porão de Holmes, outro prego no caixão.

“Quarta-feira, 26 de abril. Os corpos das garotas Howard são encontrados em Trotwood, entre Dayton e Regis.

“Quinta-feira, 27 de abril. Enquanto Heath Holmes está em Regis, ajudando a mãe com a casa e fazendo algumas tarefas, o forasteiro aparece no Heisman Memory Unit. A questão é: ele estava procurando especificamente pelo sr. Maitland ou poderia ser qualquer pessoa? Não tenho certeza, mas acho que ele estava de olho em Terry Maitland, porque sabia que os Maitland tinham vindo de um estado distante. O forasteiro, quer vocês o chamem de natural, ou não natural, ou sobrenatural, é como muitos serial killers em um aspecto. Ele gosta de se deslocar. Sra. Maitland, Heath Holmes *tinha como* saber que o seu marido estava planejando visitar o pai?

— Acho que sim — disse Marcy. — O Heisman gosta de saber com antecedência quando parentes vão visitar de outras partes do país. Fazem um esforço especial quando isso acontece, arrumam ou cortam o cabelo dos residentes e até deixam as visitas acontecerem fora da unidade quando possível. Não era o caso do pai de Terry. Os problemas mentais dele estavam avançados demais. — Ela se inclinou para a frente, o olhar grudado em Holly. — Mas se esse forasteiro não era Holmes, mesmo que se *parecesse* com o auxiliar, como *ele* poderia saber?

— Ah, isso é fácil, se você aceitar a premissa básica — disse Ralph. — Se o sujeito está *replicando* Holmes, por assim dizer, ele provavelmente teria acesso a todas as lembranças dele. Eu entendi direito, sra. Gibney? A história é assim?

— Vamos dizer que é, ao menos até certo ponto, mas não vamos nos prender a isso. Tenho certeza de que estamos todos cansados, e a sra.

Maitland provavelmente quer voltar logo para a casa, para as filhas dela.

Com sorte antes de desmaiar, pensou Ralph.

Holly prosseguiu.

— O forasteiro sabe que vai ser visto e notado no Heisman Memory Unit. É o objetivo dele. E ele deixa mais provas que vão incriminar o verdadeiro sr. Holmes: fios de cabelo de uma das garotas assassinadas. Mas acredito que o motivo mais importante para ele ir lá no dia 27 de abril tenha sido para tirar sangue de Terry Maitland, da mesma forma como fez depois com o sr. Claude Bolton. É sempre o mesmo padrão. Primeiro, os assassinatos. Depois, ele marca a vítima seguinte. Seu próximo eu, por assim dizer. Depois disso, se esconde. Só que, na verdade, é uma espécie de hibernação. Como um urso, ele pode se deslocar de tempos em tempos, mas fica quase sempre em um esconderijo pré-selecionado por certo período, descansando enquanto a mudança acontece.

— Nas lendas, a transformação leva anos — falou Yune. — Gerações inteiras, talvez. Mas isso é na lenda. Você não acha que demora tanto tempo, acha, sra. Gibney?

— Acho que leva apenas semanas, meses no máximo. Por um tempo, durante o processo de transformação de Terry Maitland para Claude Bolton, o rosto dele pode ter ficado parecendo que era feito de massinha. — Ela se virou para encarar Ralph. Tinha dificuldade em fazer isso, mas, às vezes, era necessário. — Ou como se ele tivesse sofrido queimaduras severas.

— Não caio nessa — disse Ralph. — E estou pegando leve aqui.

— Então por que o homem queimado não aparece em nenhuma filmagem? — perguntou Jeannie.

Ralph suspirou.

— Não sei.

Holly disse:

— A maior parte das lendas tem um fundo de verdade, mas elas não são *a* verdade, se é que me entendem. Nas histórias, *El Cuco* vive de sangue e carne, como um vampiro, mas acho que essa criatura também se alimenta de sentimentos ruins. Sangue *psicológico*, podemos dizer. — Ela se virou para Marcy. — Ele falou para a sua filha que estava feliz por ela estar triste. Acho que era verdade. Acho que o forasteiro estava se *alimentando* da tristeza dela.

— E da minha — disse Marcy. — E da de Sarah.

Howie se manifestou.

— Não estou dizendo que essas coisas são verdade, não mesmo, mas a

família Peterson se encaixa nesse cenário, não? Todos mortos, exceto o pai, e ele está em estado vegetativo persistente. Uma criatura que vive de infelicidade, um comedor de sofrimento em vez de um comedor de pecados, teria amado os Peterson.

— E o show de horrores no tribunal? — disse Yune. — Se realmente houvesse um monstro que consumisse emoções negativas, aquilo lá seria um jantar de Ação de Graças pra ele.

— Vocês estão ouvindo o que estão dizendo? — perguntou Ralph. — Estão?

— Acorda — falou Yune de forma brusca, e Ralph piscou como se tivesse levado um tapa. — Sei o quanto é loucura, todos nós sabemos, mas você não precisa ficar repetindo isso, como se fosse o único homem são no hospício. Tem alguma coisa aqui que não faz parte do nosso dia a dia. O homem no tribunal, o que não estava em nenhuma filmagem de televisão, é só parte disso.

Ralph sentiu o rosto ficando quente, mas permaneceu em silêncio e aguentou a bronca.

— Você precisa parar de lutar contra esse sentimento a cada passo. Sei que não gosta do quebra-cabeça, eu também não, mas pelo menos admita que as peças se encaixam. Tem uma sequência aqui. Leva de Heath Holmes a Terry Maitland e Claude Bolton.

— Nós sabemos onde Claude Bolton está — disse Alec. — Acho que uma ida até o Texas para interrogá-lo seria o próximo passo lógico.

— Em nome de Deus, por quê? — perguntou Jeannie. — Eu vi o homem que se parece com ele *aqui*, nesta madrugada!

— Nós deveríamos discutir isso — disse Holly —, mas antes quero fazer uma pergunta à sra. Maitland. Onde o seu marido foi enterrado?

Marcy pareceu pega de surpresa.

— Onde…? Ora, aqui. Na cidade. No cemitério Parque Memorial. Nós não… sabe como é… não tínhamos feito planos para isso nem nada. Por que faríamos? Terry só completaria quarenta anos em dezembro… Achávamos que tínhamos anos… que merecíamos anos, como qualquer pessoa com uma vida boa…

Jeannie tirou um lenço da bolsa e passou para Marcy, que começou a secar os olhos com uma lentidão, como se em transe.

— Eu não sabia o que devia… só estava… sabe como é, atordoada… tentando aceitar a ideia de que ele tinha morrido. O agente funerário, o sr.

Donelli, sugeriu o Memorial porque o Hillview está quase cheio… e também fica do outro lado da cidade…

Faça ela parar, Ralph queria dizer para Howie. *Isso é doloroso e não faz sentido. Não interessa onde ele está enterrado, só importa para Marcy e para as filhas.*

Porém, mais uma vez, ele ficou em silêncio e aguentou tudo, porque era outra forma de repreensão, não era? Mesmo que Marcy Maitland não pretendesse que fosse. Ele disse a si mesmo que uma hora aquilo acabaria, deixando-o livre para descobrir uma vida além da porra de Terry Maitland. Ele tinha que acreditar que haveria uma.

— Eu sabia sobre o outro local — falou Marcy —, claro que sabia, mas nunca pensei em mencionar para o sr. Donelli. Terry me levou lá uma vez, mas é tão longe da cidade… e tão solitário…

— Que outro local seria esse? — perguntou Holly.

Uma imagem surgiu de repente na mente de Ralph, de seis caubóis carregando um caixão simples. Ele sentiu a chegada de outra convergência.

— O velho cemitério no município de Canning — respondeu Marcy. — Terry me levou lá uma vez, e parecia que ninguém era enterrado no local havia muito tempo, e que ninguém fazia visitas. Não havia flores ou bandeiras memoriais. Só umas lápides em ruínas. Nem dava para ler os nomes da maioria.

Surpreso, Ralph olhou para Yune, que assentiu de leve.

— Foi por isso que ele se interessou por aquele livro na banca de jornais — disse Bill Samuels com a voz baixa. — *Uma história ilustrada do condado de Flint, do condado de Douree e do município de Canning*.

Marcy continuou secando os olhos com o lenço de Jeannie.

— Claro que ele se interessaria por um livro como esse. Há Maitlands nesta parte do estado desde a corrida pela posse de terras de 1889. Os tataravós de Terry, ou talvez até uma geração antes disso, não tenho certeza, se fixaram em Canning.

— Não em Flint City? — perguntou Alec.

— Não *havia* Flint City na época. Só um povoado chamado Flint, um ponto qualquer na estrada. Até a criação do estado no começo do século XX, Canning era a maior cidade da área. Batizada em homenagem ao maior proprietário de terras, claro. Quando o assunto era número de hectares, os Maitland chegavam em segundo ou terceiro lugar. Canning era uma cidade importante até as tempestades de areia dos anos 1920 e 1930, quando a maior

parte do solo bom foi carregada pelo vento. Atualmente, não tem nada lá além de uma loja e uma igreja à qual quase ninguém vai.

— E o cemitério — disse Alec. — Onde as pessoas enterravam os seus mortos até a própria cidade morrer. Inclusive alguns ancestrais de Terry.

Marcy deu um sorriso fraco.

— Aquele cemitério… eu o achei horrível. Parecia uma casa vazia para a qual ninguém liga.

Yune disse:

— Se esse forasteiro estava absorvendo os pensamentos e as lembranças de Terry conforme a transformação progredia, ele saberia sobre o cemitério. — Ele estava olhando para um dos quadros na parede agora, mas Ralph tinha uma ideia do que havia na mente dele. Estava na sua também. O celeiro. As roupas descartadas.

— De acordo com as lendas, e há dezenas sobre *El Cuco* on-line, essas criaturas gostam de lugares de morte — disse Holly. — É onde elas se sentem mais em casa.

— Se existem criaturas que comem tristeza — refletiu Jeannie em voz alta —, um cemitério seria uma ótima lanchonete, não?

Ralph desejou que a esposa não tivesse ido. Se não fosse por ela, ele já teria saído pela porta dez minutos atrás. Sim, o celeiro onde as roupas foram encontradas ficava perto daquele cemitério velho e poeirento. Sim, a gosma que deixou o feno preto era intrigante, e sim, talvez tivesse havido um forasteiro. Era uma teoria que ele estava disposto a aceitar, ao menos por ora. Explicava muita coisa. Um forasteiro recriando conscientemente uma lenda mexicana explicaria ainda mais… mas não explicava o homem desaparecido do tribunal, nem como Terry Maitland podia estar em dois lugares ao mesmo tempo. Ele voltava toda hora a essas duas coisas; eram como pedrinhas entaladas na garganta.

Holly disse:

— Quero mostrar umas fotos que tirei em outro cemitério. Elas podem abrir uma linha de investigação mais normal. Se o detetive Anderson ou o tenente Sablo estiverem dispostos a falar com a polícia de Montgomery, claro.

Yune falou:

— A essa altura, eu falaria com o papa se ajudasse a resolver o caso.

Uma a uma, Holly projetou as fotos na tela: a estação de trem, a fábrica com a suástica pichada na parede, o lava-jato deserto.

— Tirei essas fotos do estacionamento do Cemitério Descanso Pacífico, em Regis. É onde Heath Holmes está enterrado com os pais.

Ela mostrou as fotos de novo: a estação de trem, a fábrica, o lava-jato.

— Acho que o forasteiro levou a van que roubou do estacionamento em Dayton para um desses lugares, e acho que, se vocês conseguirem persuadir a polícia do condado de Montgomery a fazer uma busca, ainda pode haver algum rastro por lá. A polícia talvez até encontre algum rastro *dele*. Lá, ou talvez ali.

Dessa vez, ela projetou a fotografia dos vagões, parados e desertos.

— Ele não poderia ter escondido a van em nenhum deles, mas pode ter ficado em um. Os vagões estão perto do cemitério.

Finalmente lá estava uma coisa que Ralph podia fazer. Uma coisa real.

— Abrigos. *Pode* haver rastros. Mesmo depois de três meses.

— Marcas de pneu — disse Yune. — Talvez mais roupas abandonadas.

— Ou outras coisas — disse Holly. — Vocês poderiam verificar? E eles devem estar preparados para fazer um teste de fosfatase ácida.

Manchas de sêmen, pensou Ralph, e se lembrou da gosma no celeiro. O que Yune tinha dito sobre aquilo? Uma emissão noturna digna do *Guinness Book of Records*, não foi?

Yune pareceu impressionado.

— Você sabe das coisas, moça.

As bochechas dela ficaram vermelhas, e ela olhou para baixo.

— Bill Hodges era excelente no trabalho. Ele me ensinou muito.

— Posso ligar para o promotor do condado de Montgomery, se você quiser — disse Samuels. — Ver se alguém do departamento de polícia que tiver jurisdição naquela cidade… Regis, talvez?… possa coordenar a Polícia Estadual. Considerando o que o garoto Elfman encontrou no celeiro do município de Canning, vale a pena dar uma olhada.

— O quê? — perguntou Holly, ficando alerta na mesma hora. — O que ele encontrou além da fivela do cinto com as digitais?

— Uma pilha de roupas — respondeu Samuels. — Calça, cueca, tênis. Havia uma espécie de gosma nelas, e também no feno. Deixou o negócio preto. — Ele fez uma pausa. — Mas não tinha camisa. A camisa estava faltando.

Yune disse:

— Talvez fosse a camisa que o homem queimado usava na cabeça como proteção quando o vimos no tribunal.

— A que distância fica esse celeiro do cemitério? — perguntou Holly.

— Menos de oitocentos metros — disse Yune. — O resíduo nas roupas parecia sêmen. É nisso que está pensando, sra. Gibney? É por isso que quer que a polícia de Ohio faça um teste de fosfatase ácida?

— Não podia ser sêmen — recrutou Ralph. — Tinha uma quantidade tão grande.

Yune o ignorou. Ele estava olhando para Holly como se fascinado por ela.

— Você acha que a gosma do celeiro é resíduo da transformação? Mandamos avaliar as amostras, mas o resultado ainda não chegou.

— Eu não sei o que acho — respondeu Holly. — Minha pesquisa sobre *El Cuco* até agora só engloba algumas lendas que li enquanto estava vindo pra cá, e os relatos não são confiáveis. Foram passadas oralmente, de geração em geração, bem antes da ciência pericial existir. Só estou dizendo que a polícia de Ohio devia dar uma olhada nos lugares em que tirei as fotos. Podem não encontrar nada… mas acho que vão encontrar. Espero que encontrem. Rastros, como disse o detetive Anderson.

— Já acabou, sra. Gibney? — perguntou Howie.

— Acho que sim. — Ela se sentou. Ralph pensou que a mulher parecia exausta, e por que não estaria? Ela passou por dias agitados. Além disso, a loucura devia deixar a pessoa exausta.

Howie disse:

— Senhoras e senhores, há alguma ideia de como devemos prosseguir a partir daqui? Estou aberto a sugestões.

— O próximo passo parece óbvio — disse Ralph. — O forasteiro pode estar aqui em FC, o testemunho da minha esposa e de Grace Maitland parece sugerir isso, mas alguém precisa ir ao Texas para falar com Claude Bolton e ver o que ele sabe. Se é que sabe de alguma coisa. Eu me ofereço.

— Quero ir com você — falou Alec.

— Acho que é uma viagem que também gostaria de fazer — disse Howie. — Tenente Sablo?

— Eu adoraria, mas tenho dois casos sendo julgados. Se eu não testemunhar, dois sujeitos bem ruins podem se livrar da cadeia. Vou ligar para o promotor público assistente de Cap City para ver se há alguma chance de adiamento, mas não estou otimista. Não posso argumentar que estou seguindo o rastro de um monstro mexicano que muda de forma.

Howie sorriu.

— É, imagino que não. E você, sra. Gibney? Quer ir um pouco mais para o

sul? Você continuaria sendo paga, é claro.
— Sim, eu vou. O sr. Bolton pode saber de coisas que precisamos descobrir. Isso se pudermos fazer as perguntas certas.
— E você, Bill? Quer acompanhar o caso até o fim? — perguntou Howie.
Samuels deu um sorriso fraco, balançou a cabeça e se levantou.
— Tudo isso foi interessante de um jeito meio maluco; entretanto, no que me diz respeito, o caso está encerrado. Vou fazer algumas ligações para a polícia em Ohio, mas a minha participação termina aí. Sra. Maitland, lamento pela sua perda.
— Tem que lamentar mesmo — disse Marcy.
Ele fez uma careta, mas continuou falando.
— Sra. Gibney, isso foi fascinante. Admiro o seu esforço e a sua dedicação. Você também é surpreendentemente persuasiva quanto ao aspecto fantástico do caso, e digo isso sem ironia nenhuma, mas quero ir para casa, pegar uma cerveja na geladeira e começar a esquecer essa coisa toda.
Eles o viram pegar a pasta e sair, o cabelo espetado balançando como um dedo repreendedor quando o homem saiu pela porta.
Quando ele já tinha ido embora, Howie disse que cuidaria dos preparativos para a viagem.
— Vou fretar o King Air que às vezes uso. Os pilotos vão saber qual é a pista de pouso mais próxima. Também vou providenciar um carro. Se formos só nós, um sedã ou um SUV pequeno deve servir.
— Guarde um lugar pra mim — disse Yune. — Para o caso de eu conseguir escapar do tribunal.
— Pode deixar.
Alec Pelley disse:
— Alguém precisa fazer contato com o sr. Bolton hoje e avisar para ele esperar a nossa visita.
Yune levantou a mão.
— Isso eu posso fazer.
— Deixe claro que ninguém está atrás dele por causa de alguma coisa ilegal — avisou Howie. — A última coisa que queremos é que ele vá se esconder em algum lugar.
— Me ligue depois que falar com ele — pediu Ralph. — Mesmo se for tarde. Quero saber como ele vai reagir.
— Eu também — disse Jeannie.
— Você devia lhe falar mais uma coisa — disse Holly. — Diga pra ele

tomar cuidado. Porque, se eu estiver certa sobre isso, ele é o próximo da fila.

12

A escuridão já tinha chegado quando Ralph e os outros saíram do prédio de Howie Gold. O próprio Gold tinha ficado no escritório, tomando as providências, e Alec estava com ele. Ralph se perguntou sobre o que eles conversariam agora que todo mundo havia saído.

— Sra. Gibney, onde você está hospedada? — perguntou Jeannie.

— No Flint Luxury Motel. Reservei um quarto lá.

— Ah, não, de jeito nenhum — disse Jeannie. — O único luxo daquele motel é a placa na frente. O lugar é um buraco.

Holly pareceu desconcertada.

— Bom, deve haver um Holiday Inn…

— Fique conosco — disse Ralph, indo mais rápido do que Jeannie e torcendo para ganhar alguns pontos com isso mais à frente. Deus sabia que ele estava precisando.

Holly hesitou. Ela não se saía bem na casa de outras pessoas. Não se saía bem nem na casa onde tinha passado a infância, quando fazia as visitas trimestrais obrigatórias à mãe. Ela sabia que, na casa daqueles estranhos, ficaria acordada até tarde e levantaria cedo, ouvindo cada estalo não familiar das paredes e do chão, escutando as vozes murmuradas dos Anderson e se perguntando se estariam falando dela… o que provavelmente fariam mesmo. Torcendo para que, se ela precisasse se levantar à noite para ir ao banheiro, eles não ouvissem. Ela precisava dormir. A reunião foi estressante, e a barreira constante da descrença do detetive Anderson foi compreensível mas extenuante.

Porém, como Bill Hodges teria dito. Porém.

A descrença de Anderson era o porém. Era o motivo para ela *ter* que aceitar o convite, e aceitou.

— Obrigada, é muita gentileza. Mas tenho que fazer uma coisa primeiro. Não vai demorar. Me deem o seu endereço que o iPad vai me levar direto até vocês.

— É alguma coisa em que posso ajudar? — perguntou Ralph. — Eu ficaria feliz em…

— Não. De verdade. Vou ficar bem. — Ela apertou a mão de Yune. — Venha conosco na viagem se puder, tenente Sablo. Tenho certeza de que vai querer.

Ele sorriu.

— Eu gostaria, pode acreditar, mas é como diz o poema: tenho promessas a cumprir.

Marcy Maitland estava parada sozinha, segurando a bolsa na frente da barriga e parecendo chocada. Jeannie foi até ela sem hesitar. Ralph observou com interesse Marcy recuar de início, como se alarmada, depois se permitindo ser abraçada. Após um momento, ela até encostou a cabeça no ombro de Jeannie Anderson e retribuiu o abraço. Ela parecia uma criança cansada. Quando as duas mulheres se separaram, ambas estavam chorando.

— Lamento muito pela sua perda — disse Jeannie.

— Obrigada.

— Se houver qualquer coisa que eu possa fazer por você e pelas suas filhas, qualquer coisa mesmo…

— Você não pode, mas *ele* pode. — Ela voltou a atenção para Ralph, e apesar de os seus olhos ainda estarem marejados, também estavam frios. Avaliadores. — Esse forasteiro, quero que você o encontre. Não deixe que ele fuja só porque não acredita nele. Consegue fazer isso?

— Não sei — disse Ralph —, mas vou tentar.

Marcy não disse mais nada, só aceitou o braço que Yune Sablo ofereceu e o deixou levá-la até o carro.

13

Meio quarteirão adiante, parado na frente de um supermercado Woolworth's havia muito abandonado, Jack estava sentado na picape, bebendo de um cantil de bolso e observando o grupo na calçada. A única pessoa que ele não conseguia identificar era a mulher magra de terno escuro, o tipo de roupa que uma mulher de negócios usaria em uma viagem. O cabelo era curto e a franja grisalha um pouco irregular, como se ela mesma a tivesse cortado. A pasta pendurada no ombro parecia grande o bastante para transportar um rádio de ondas curtas. Essa mulher observou Sablo, o policial estadual chicano, acompanhar a sra. Maitland. A estranha andou até o seu carro, que era comum demais para ser qualquer coisa além de alugado no aeroporto. Por um momento, Hoskins pensou em segui-la, mas decidiu ficar com os Anderson. Tinha sido Ralph que o levou até ali, afinal, e não havia um ditado sobre voltar para casa com a garota que você levou para o baile?

Além do mais, valia a pena observar Ralph. Hoskins nunca tinha gostado dele, e desde aquela avaliação arrogante de duas palavras um ano antes (*Sem*

opinião, ele escrevera… como se a merda dele não fedesse), Jack passou a detestá-lo. Sentiu-se feliz da vida quando Anderson tropeçou no próprio pau com a prisão de Maitland, e não ficou nem um pouco surpreso de descobrir que o filho da puta metido estava se metendo em coisas que deviam ser deixadas de lado. Como um caso encerrado, por exemplo.

Jack tocou a nuca, fez uma careta e ligou a picape. Ele pensou que podia ir para casa depois que viu os Anderson lá dentro, mas achava melhor parar na rua deles e ficar de olho na casa. Só para ver o que aconteceria. Ele tinha uma garrafa de Gatorade para mijar, e podia até dormir um pouco se o latejar quente e regular do pescoço permitisse. Não seria a primeira vez que dormiria na picape; ele já tinha feito isso em várias ocasiões desde o dia em que a patroa foi embora.

Jack não sabia bem o que viria a seguir, mas estava concentrado na tarefa básica: acabar com aquela intromissão. No *que* aquela gente estava se intrometendo, ele não sabia, só que tinha alguma coisa a ver com o garoto Peterson. E o celeiro do município de Canning. Isso bastava por enquanto, e, sem contar a queimadura, sem contar um possível câncer de pele, ele estava ficando interessado.

Jack sentia que, quando chegasse a hora de dar o próximo passo, ele seria avisado.

14

Com a ajuda do aplicativo de navegação, Holly fez uma viagem rápida e fácil até o Walmart de Flint City. Ela amava os Walmarts, o tamanho deles, o anonimato. Os clientes não pareciam olhar uns para os outros como faziam nos outros mercados; era como se estivessem nas suas cápsulas particulares, comprando roupas, video games ou papel higiênico no atacado. Não era nem necessário falar com um caixa se você usasse o caixa automático — o que Holly sempre fazia. Suas compras eram rápidas porque ela sabia exatamente o que queria. Foi primeiro até MATERIAL DE ESCRITÓRIO, depois para ROUPAS MASCULINAS e por fim para AUTOMOTIVO. Levou a cesta para o caixa automático e guardou a nota fiscal na bolsa. Eram gastos de trabalho, pelos quais ela esperava ser reembolsada. Se sobrevivesse, é claro. Ela tinha a noção (*uma das famosas intuições de Holly*, ela ouviu Bill Hodges dizer) que isso tinha mais chance de acontecer se Ralph Anderson, tão parecido com Bill em alguns aspectos, tão diferente em outros, conseguisse superar a barreira na mente dele.

Ela voltou para o carro e dirigiu até a casa dos Anderson. Contudo, antes de sair do estacionamento, fez uma curta oração. Por todos eles.

15

O celular de Ralph tocou na hora que ele e Jeannie estavam entrando na cozinha. Era Yune. O tenente conseguiu o número de Marysville de Lovie Bolton com John Zellman, o dono do Gentlemen, Please, e conseguiu falar com Claude sem problema.

— O que disse a ele? — perguntou Ralph.

— Basicamente o que decidimos no escritório de Howie. Que queríamos colher o depoimento dele porque estamos tendo dúvidas sobre a culpa de Terry Maitland. Enfatizei que não achávamos que Bolton era culpado de nada, e que as pessoas que iriam falar com ele estavam agindo como cidadãos particulares. Ele perguntou se você seria um deles. Respondi que sim. Espero que não haja problema pra você. Parecia não haver pra ele.

— Tudo bem. — Jeannie fora direto para o andar de cima, e agora Ralph ouviu o barulho de quando o computador que eles compartilhavam era ligado. — O que mais?

— Eu disse que se Maitland *foi* incriminado, Bolton talvez corresse o risco de sofrer o mesmo tratamento, principalmente por ter ficha criminal.

— Como ele reagiu a isso?

— Bem. Não ficou na defensiva nem nada. Mas disse algo interessante. Me perguntou se eu tinha certeza de que foi mesmo Terry Maitland que ele viu no clube na noite em que o garoto Peterson foi assassinado.

— Ele disse isso? Por quê?

— Porque Maitland agiu como se nunca o tivesse visto, e quando Bolton perguntou como andava o time de beisebol, ele descartou a pergunta com algum tipo de resposta genérica. Sem detalhes, apesar de a equipe estar nos playoffs. Ele também me falou que Maitland estava usando tênis chiques. “Como aqueles que os garotos economizam para comprar só para ficarem parecidos com membros de gangue”, segundo ele. De acordo com Bolton, ele nunca tinha visto Maitland usando qualquer coisa que não fosse mocassins, mesmo quando estava treinando. Disse que os mocassins eram uma espécie de marca registrada dele. Os sapatos da sorte, talvez.

— Foram os tênis que encontramos no celeiro.

— Não temos como provar, mas tenho certeza de que você está certo.

No andar de cima, Ralph agora ouvia o gemido da velha impressora

Hewlett-Packard ganhando vida e se perguntou o que Jeannie estava fazendo.

Yune falou:

— Você se lembra de Gibney contando sobre os fios de cabelo que acharam no quarto do pai de Maitland na casa de repouso? De uma das garotas mortas?

— Claro.

— Quer apostar que, se olharmos os registros de compras de Maitland, vamos encontrar um dele tendo comprado os tênis? E um canhoto com uma assinatura idêntica à de Maitland?

— Acho que esse forasteiro hipotético poderia ter feito isso — disse Ralph —, mas só se tivesse roubado um cartão de crédito de Terry.

— Nem seria preciso. Lembre-se de que os Maitland moram em Flint City desde sempre. Eles devem ter conta em algumas lojas do centro. O sujeito só precisaria entrar no departamento de equipamentos esportivos, escolher os tênis bacanas e assinar o nome dele. Quem o questionaria? Todo mundo na cidade conhece o cara. É a mesma coisa com os fios de cabelo e as calcinhas das meninas, não vê? Ele pega o rosto deles e faz a sujeira, mas isso não é o suficiente. Ele também enrola a corda que os enforca. Porque ele come tristeza. *Ele come tristeza!*

Ralph parou, pôs a mão nos olhos, apertou o indicador em uma das têmporas e o polegar na outra.

— Ralph? Ainda está aí?

— Estou. Mas, Yune… você está dando passos que não estou pronto pra dar.

— Eu entendo. Não estou cem por cento certo disso também. Mas você precisa ao menos manter a possibilidade em mente.

Mas não é uma possibilidade, pensou Ralph. *É uma impossibilidade.*

Ele perguntou se Yune tinha dito a Bolton para tomar cuidado.

O tenente riu.

— Disse. Ele deu uma risada. Falou que havia três armas na casa, dois rifles e uma pistola, e que a mãe atira ainda melhor do que ele, mesmo com enfisema. Cara, como eu queria ir até lá com vocês.

— Tente ir.

— Vou tentar.

Quando ele desligou, Jeannie desceu com uma pilha fina de papéis.

— Fui pesquisar Holly Gibney. Vou te contar, para uma moça de fala mansa sem a menor noção de moda, ela passou por muita coisa.

Quando Ralph pegou as folhas, faróis surgiram na entrada de casa. Jeannie pegou os papéis de volta antes que ele pudesse fazer qualquer coisa além de passar os olhos pela manchete de jornal na primeira folha: POLICIAL APOSENTADO E MAIS DOIS SALVAM MILHARES NO SHOW DO AUDITÓRIO MINGO. Ele supôs que a sra. Holly Gibney fosse uma das outras duas pessoas.

— Vá ajudá-la com as malas — disse Jeannie. — Você pode ler isso na cama.

16

A bagagem de Holly consistia na bolsa que guardava seu laptop, uma malinha pequena o bastante para caber no compartimento superior de um avião e uma sacola plástica do Walmart. Ela deixou que Ralph pegasse a malinha, mas insistiu em carregar a bolsa e o que quer que tivesse comprado no supermercado.

— Você foi muito gentil em me receber — disse ela para Jeannie.

— O prazer é nosso. Posso chamar você de Holly?

— Pode, por favor. Seria ótimo.

— O quarto de hóspedes fica no final do corredor do andar de cima. Os lençóis estão limpos e tem banheiro próprio. Só não tropece na minha máquina de costura se precisar usá-lo à noite.

Uma expressão inconfundível de alívio surgiu no rosto de Holly, e ela sorriu.

— Vou tentar.

— Quer um chocolate quente? Posso preparar. Ou talvez algo mais forte?

— Só quero ir pra cama, acho. Não é minha intenção ser mal-educada, mas tive um dia longo.

— Claro que sim. Vou mostrar o caminho.

No entanto, Holly ficou parada por um momento, olhando para o batente em forma de arco que levava à sala dos Anderson. Ela apontou.

— O invasor estava sentado ali quando você desceu?

— Sim. Em uma das nossas cadeiras de cozinha. — Ela apontou, depois cruzou os braços e segurou os cotovelos. — Primeiro eu só conseguia ver o homem dos joelhos para baixo. Depois, a palavra nos dedos dele. MUST. E então ele se inclinou para a frente, e consegui ver o rosto.

— O rosto de Bolton.

— É.

Holly pensou nisso e abriu um sorriso radiante que surpreendeu Ralph e sua esposa. Fez com que ela parecesse anos mais nova.

— Se me derem licença, vou para a terra dos sonhos.

Jeannie a levou para o andar de cima, conversando sobre trivialidades. *Deixando-a à vontade de uma forma que eu jamais conseguiria fazer*, pensou Ralph. *É um talento que deve funcionar até com essa mulher bem peculiar.*

Ela podia ser peculiar, mas também era agradável, de uma forma estranha, apesar das suas ideias malucas sobre Terry Maitland e Heath Holmes.

Ideias malucas que, por acaso, se encaixam nos fatos.

Mas era impossível.

Que se encaixam neles como uma luva.

— Ainda impossível — murmurou.

No andar de cima, as duas mulheres riram. Ouvir aquilo fez Ralph sorrir. Ele esperou onde estava até ouvir os passos de Jeannie voltando para o quarto deles, depois subiu. A porta do quarto de hóspedes no final do corredor estava fechada. A pilha de papéis, fruto da pesquisa apressada de Jeannie, estava no travesseiro dele. Ele se despiu, se deitou e começou a ler sobre a sra. Holly Gibney, sócia de uma firma de investigação chamada Achados e Perdidos.

17

Do lado de fora, um pouco adiante no quarteirão, Jack viu a mulher de terno feio parar na porta dos Anderson. Ralph saiu e a ajudou com as malas. Ela não tinha muita coisa. Uma das bolsas dela era do Walmart. Então foi para lá que ela foi. Talvez comprar uma camisola e uma escova de dentes. A julgar pela aparência dela, a camisola seria feia e as cerdas da escova de dentes seriam duras o bastante para tirar sangue das gengivas.

Ele tomou um gole do cantil de bolso e, quando estava enroscando a tampa e pensando em ir para casa (por que não, já que todas as boas criancinhas estavam na cama), percebeu que não estava mais sozinho no carro. Alguém estava sentado no banco do passageiro. Tinha acabado de aparecer no rabo do olho de Hoskins. Era impossível, claro, ele não podia ter estado ali o tempo todo. Podia?

Hoskins permaneceu olhando para a frente. A queimadura de sol no pescoço, que antes estava relativamente tranquila, começou a latejar de novo, de forma muito dolorosa.

Uma mão surgiu na sua visão periférica, flutuando. Parecia que ele quase

conseguia enxergar através dela. A palavra MUST estava escrita nos dedos com tinta azul desbotada. Hoskins fechou os olhos e rezou para o visitante não tocar nele.

— Você precisa dar uma volta — disse o visitante. — A não ser que queira morrer como a sua mãe morreu, claro. Você lembra como ela gritou?

Sim, Jack lembrava. Gritou até não conseguir gritar mais.

— Até não conseguir gritar mais — falou o passageiro. A mão tocou na coxa dele de leve, e Jack sabia que a pele ali logo começaria a arder, assim como a nuca. A calça que ele estava usando não seria uma proteção; o veneno penetraria direto. — Sim, você lembra. Como poderia esquecer?

— Aonde quer que eu vá?

O passageiro falou, e o toque daquela mão horrível desapareceu. Jack abriu os olhos e observou em volta. O outro lado do banco estava vazio. As luzes da casa dos Anderson estavam apagadas. Ele olhou para o relógio e viu que eram 22h45. Tinha adormecido. Quase conseguia acreditar que fora apenas um sonho. Um sonho horrível. Exceto por uma coisa.

Ele ligou a picape e engatou a marcha. Pararia no posto Hi da Route 17 fora da cidade, para pôr gasolina. Aquele era o lugar certo, porque o cara que trabalhava no turno da noite, Cody, sempre tinha um bom suprimento de comprimidinhos brancos. Cody vendia para os caminhoneiros viajando para Chicago, no norte, ou para o Texas, no sul. Para Jack Hoskins do DP de Flint City, não haveria cobrança.

O painel da picape estava empoeirado. No primeiro sinal de trânsito, ele se inclinou para a direita e o limpou, se livrando da palavra que o dedo do seu passageiro tinha deixado ali.

MUST.

NÃO HÁ FIM PARA O UNIVERSO
26 DE JULHO

1

O pouco que Ralph conseguiu dormir foi um sono leve interrompido por pesadelos. Em um deles, ele segurava o moribundo Terry Maitland nos braços, que dizia:

— Você roubou as minhas filhas de mim.

Ralph acordou às quatro e meia e soube que não dormiria mais. Sentia como se tivesse entrado em algum plano de existência desconhecido até o momento, e disse para si mesmo que todo mundo se sentia daquela maneira de madrugada. Isso bastou para fazê-lo ir até o banheiro, onde escovou os dentes.

Jeannie estava dormindo como sempre dormia, com a coberta tão puxada que ela não passava de um montinho com um pouco de cabelo aparecendo no alto. Havia fios brancos naquele cabelo agora, assim como no dele. Não muito, mas logo a quantidade aumentaria. Tudo bem. A passagem do tempo era um mistério, mas um mistério *normal*.

A brisa do ar-condicionado tinha espalhado no chão algumas das páginas que Jeannie imprimira. Ele as colocou de volta na mesa de cabeceira, pegou a calça jeans, decidiu que serviria para ser usada mais um dia (em especial no poeirento sul do Texas) e foi até a janela com ela na mão. As primeiras luzes cinzentas da aurora estavam surgindo. Seria um dia quente, e ainda mais quente para o lugar onde eles iam.

Ralph observou (sem muita surpresa, embora não pudesse dizer por quê) que Holly Gibney estava lá embaixo, usando calça jeans, sentada na cadeira de jardim em que ele tinha se sentado pouco mais de uma semana antes, quando Bill Samuels foi visitá-lo. Na noite em que Bill lhe contou a história das pegadas desaparecidas, e Ralph respondeu com a do melão infestado.

Ele vestiu a calça e uma camiseta do Oklahoma Thunder, deu outra olhada em Jeannie e saiu do quarto com os velhos mocassins surrados que usava como chinelos pendurados nos dois dedos da mão esquerda.

Ele saiu pela porta dos fundos cinco minutos depois. Holly se virou ao ouvir a sua aproximação, o rosto pequeno cauteloso e alerta, mas não (Ralph esperava) hostil. De repente, ela viu as duas canecas na bandeja antiga da Coca-Cola e o rosto dela se iluminou com aquele sorriso radiante.

— Isso é o que eu espero que seja?

— É, se você espera que seja café. Eu tomo o meu puro, mas trouxe as outras coisas, caso você queira. Minha esposa toma com leite e açúcar. Tão doce quanto eu, ela diz. — O detetive sorriu.

— Puro está ótimo. Muito obrigada.

Ele deixou a bandeja na mesa de piquenique. Ela se sentou na frente dele, pegou uma das canecas e bebeu.

— Ah, que ótimo. Bom e forte. Não tem nada melhor do que café forte de manhã. É o que eu acho, pelo menos.

— Há quanto tempo está acordada?

— Não durmo muito — disse ela, quase desviando da pergunta. — É muito agradável aqui. O ar é fresco.

— Não tão fresco quando o vento vem do oeste, pode acreditar. Dá pra sentir o cheiro das refinarias de Cap City. Me dá dor de cabeça.

Ele fez uma pausa e olhou para ela. Holly desviou o olhar, segurando a xícara junto ao rosto, como se para protegê-lo. Ralph pensou na noite anterior e em como parecia que ela se preparava para cada aperto de mão. Ele tinha noção de que muitos dos gestos e interações comuns do mundo eram ações difíceis para aquela mulher. E, ainda assim, ela fez coisas incríveis.

— Li sobre você ontem à noite. Alec Pelley estava certo. Você tem um currículo e tanto.

Ela não respondeu.

— Além de impedir aquele tal de Hartsfield de explodir uma bomba no meio de um monte de crianças, você e o seu parceiro, o sr. Hodges…

— O *detetive* Hodges — corrigiu ela. — Aposentado.

Ralph assentiu.

— Além disso, você e o detetive Hodges salvaram uma garota que foi sequestrada por um sujeito maluco chamado Morris Bellamy. Bellamy foi morto durante o resgate. E você também esteve envolvida em uma troca de tiros com um médico que surtou e matou a esposa, e ano passado pegou uns caras que estavam roubando cachorros de raças raras, para depois pedirem resgate aos donos, ou vender para outras pessoas, se os donos decidissem não pagar. Quando você falou que parte do seu trabalho era encontrar bichinhos

perdidos, não estava brincando.

Ela estava corando de novo, da base do pescoço até a testa. Ficou bem claro que aquela enumeração das suas aventuras a deixava pouco à vontade; ela sofria mesmo com isso.

— Bill Hodges fez a maior parte dessas coisas.

— Não os sequestradores de cachorros. Ele faleceu um ano antes desse caso.

— É, mas aí eu já tinha Pete Huntley. O ex-*detetive* Huntley. — Ela o encarou. Forçou-se a fazer isso. Seus olhos eram claros e azuis. — Pete é bom, eu não poderia manter a empresa funcionando sem ele, mas Bill era melhor. Bill fez de mim o que sou. Devo tudo a ele. Devo a minha vida. Queria que ele estivesse aqui agora.

— Em vez de mim, você quer dizer?

Holly não respondeu. O que *era* uma resposta, claro.

— Ele teria acreditado nesse *El Cuco* que muda de forma?

— Ah, sim. — Ela falou sem hesitar. — Porque ele… e eu… e o nosso amigo Jerome Robinson, que estava com a gente… tivemos o benefício de viver certas experiências que você não teve. Se bem que pode vir a ter, dependendo de como forem os próximos dias. Talvez até mesmo antes de o sol se pôr hoje.

— Posso me juntar a vocês?

Era Jeannie, com a própria caneca de café.

Ralph indicou para ela se sentar.

— Se nós a acordamos, peço mil desculpas — disse Holly. — Você foi tão gentil em me deixar ficar aqui.

— Foi Ralph que me acordou ao andar na ponta dos pés que nem um elefante — respondeu Jeannie. — Eu podia ter voltado a dormir, mas senti cheiro de café. Não consigo resistir. Ah, que bom, você trouxe o leite.

Holly falou:

— Não foi o médico.

Ralph ergueu as sobrancelhas.

— Como é?

— O nome dele era Babineau, e ele surtou mesmo, mas não tinha escolha, e não matou a sra. Babineau. Foi Brady Hartsfield quem a matou.

— De acordo com o que li nos artigos de jornal que a minha esposa encontrou na internet, Hartsfield morreu no hospital antes de você e Hodges encontrarem Babineau.

— Sei o que os jornais dizem, mas eles estão errados. Posso contar a verdadeira história? Não gosto de fazer isso, não gosto nem de me lembrar daquelas coisas, mas talvez você precise ouvir. Porque vamos correr perigo, e se continuar acreditando que estamos atrás de um homem… um homem perverso, cruel e assassino, mas, mesmo assim, um homem… vai estar se colocando em um perigo ainda maior.

— O perigo está aqui — protestou Jeannie. — Esse forasteiro, o que se parece com Claude Bolton… Eu o vi *aqui*. E falei isso ontem, na reunião!

Holly assentiu.

— Acho que o forasteiro esteve aqui, posso até conseguir provar pra você, mas acho que ele não estava *completamente* aqui. E acho que não está agora. Ele está *lá*, no Texas, porque Bolton está lá, e o forasteiro deve estar perto dele. Ele vai ter que ficar por perto, porque andou… — Ela fez uma pausa e mordeu o lábio. — Acho que ele andou se exaurindo. Não está acostumado a pessoas irem atrás dele. A saberem o que ele é.

— Não entendi — disse Jeannie.

— Posso contar a história de Brady Hartsfield? Talvez ajude. — Ela olhou para Ralph, mais uma vez fazendo um esforço para encarar seu olhar. — Pode não fazer vocês acreditarem, mas vai fazê-los entender por que *eu* acredito.

— Conte pra nós — disse Ralph.

Holly começou a falar. Quando terminou, o sol estava nascendo vermelho no leste.

3

— Uau — disse Ralph. Foi a única coisa em que conseguiu pensar.

— Isso é verdade? — perguntou Jeannie. — Brady Hartsfield… o quê? De alguma forma fez a sua consciência pular para o médico dele?

— Isso. Pode ter sido as drogas experimentais que Babineau estava dando para ele, mas nunca achei que esse tenha sido o único motivo para ele conseguir. Já havia alguma coisa em Hartsfield, e a batida na cabeça que dei nele fez com que aflorasse. É nisso que acredito. — Ela se virou para Ralph. — Mas *você* não acredita, né? Eu poderia ligar para Jerome, e ele contaria a mesma coisa… mas você também não acreditaria nele.

— Não sei no que acreditar — disse ele. — Essa onda de suicídios gerada por mensagens subliminares em video games… os jornais relataram?

— Os jornais, a televisão, a internet. Está tudo lá.

Holly fez uma pausa e olhou para as próprias mãos. As unhas não estavam pintadas, mas eram bem cuidadas; ela tinha parado de roer da mesma forma que tinha parado de fumar. Libertou-se do hábito. Ela, às vezes, pensava que a sua peregrinação em direção a uma coisa ao menos parecida com estabilidade mental (ou mesmo saúde mental genuína) fora marcada pela libertação ritualística de hábitos ruins. Foi difícil deixá-los para trás. Eram seus amigos.

Ela falou sem olhar para nenhum dos dois agora, encarando o horizonte.

— Bill recebeu o diagnóstico de câncer do pâncreas na mesma época que a história com Babineau e Hartsfield aconteceu. Ele ficou um tempo no hospital depois, mas então voltou para casa. Àquela altura, todos nós sabíamos como terminaria… inclusive ele, embora Bill nunca tenha mencionado nada, e ele lutou contra a porcaria do câncer até o fim. Eu ia até lá quase todas as noites, em parte para verificar se ele estava comendo, em parte só para ficar com ele. Para fazer companhia, mas também para… sei lá…

— Absorver o máximo possível dele? — disse Jeannie. — Enquanto você ainda o tinha?

O sorriso de novo, o radiante, que fazia com que ela parecesse jovem.

— Sim, é isso. Exatamente. Certa noite, e não foi muito antes de ele voltar para o hospital, a luz acabou na parte da cidade em que ele morava. Uma árvore derrubou um cabo ou algo assim. Quando cheguei na casa de Bill, ele estava sentado no degrau da varanda olhando as estrelas. "A gente nunca as vê assim quando os postes estão acesos", disse ele. "Veja quantas são e como brilham!"

"Parecia que dava para ver a Via Láctea inteira naquela noite. Ficamos ali por um tempinho, uns cinco minutos, mais ou menos, sem conversar, só olhando. E ele disse: 'Os cientistas estão começando a acreditar que não há fim para o universo. Li isso no *New York Times* semana passada. E quando vemos todas as estrelas que há pra ver, e sabemos que tem mais depois delas, é fácil acreditar nisso'. Nós nunca falávamos muito sobre Brady Hartsfield e o que ele fez com Babineau depois que Bill ficou bastante doente, mas acho que estava falando sobre isso naquela hora."

— Há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia — disse Jeannie.

Holly sorriu.

— Suponho que Shakespeare tenha dito melhor. Ele disse a maioria das

coisas melhor, acho.

— Talvez não fosse de Hartsfield e Babineau que ele estivesse falando — disse Ralph. — Talvez estivesse aceitando a própria… situação.

— Claro que estava — disse Holly. — Isso e todos os outros mistérios. E é o que precisamos fazer…

O celular dela apitou. Holly o tirou do bolso, olhou para a tela e leu a mensagem.

— Era Alec Pelley — disse ela. — O avião que o sr. Gold fretou vai estar pronto para decolar às nove e meia. Você ainda planeja fazer a viagem, sr. Anderson?

— Claro. E já que estamos nisso juntos, o que quer que *isso* seja, é melhor começar a me chamar de Ralph. — Ele terminou o café em dois goles e se levantou. — Vou ver se arrumo uns policiais para ficar de olho na casa enquanto eu estiver fora, Jeannie. Algum problema com isso?

Ela piscou.

— Escolha os mais bonitos.

— Vou tentar Troy Ramage e Tom Yates. Nenhum deles tem cara de ator de cinema, mas foram os dois que prenderam Terry Maitland no campo de beisebol. Me parece justo que tenham ao menos um papel nessa coisa.

Holly disse:

— Tem algo que preciso verificar, e gostaria de fazer isso agora, antes que o sol esteja alto. Podemos voltar pra dentro de casa?

4

A pedido de Holly, Ralph fechou as persianas da cozinha e Jeannie fechou as cortinas da sala. Holly se sentou à mesa da cozinha com as canetas e o rolo de fita adesiva Scotch que tinha comprado na seção de materiais de escritório do Walmart. Ela cortou um pedaço de fita e colocou em cima do flash embutido do iPhone. Depois, pintou de azul. Em seguida, cortou outro pedaço, pôs em cima da fita pintada de azul e coloriu de roxo.

Holly se levantou e apontou para a cadeira mais próxima do batente em arco.

— Era nessa cadeira que ele estava sentado?

— Era.

Holly tirou duas fotos da cadeira usando o flash, foi até o arco e apontou de novo.

— E foi aqui que ele ficou?

— Foi. Bem aí. Mas não havia marcas no tapete de manhã. Ralph procurou.

Holly se apoiou em um joelho, tirou quatro fotos do tapete e se levantou.

— Certo. Deve servir.

— Ralph? — perguntou Jeannie. — Você sabe o que ela está fazendo?

— Ela transformou o celular em uma luz negra improvisada. — *Uma coisa que eu mesmo podia ter feito se tivesse acreditado na minha esposa. Já conheço esse truque há pelo menos cinco anos.* — Está procurando por manchas, não está? Resíduos, como a coisa no celeiro.

— É, mas se houver algum, vai ser em pouquíssima quantidade, senão daria pra ver a olho nu. Dá para comprar um kit on-line pra fazer esse tipo de teste, o nome é CheckMate, mas isso deve ser suficiente. Foi Bill que me ensinou. Vamos ver o que temos. Se é que temos alguma coisa.

Eles se aproximaram dela, um de cada lado, e dessa vez Holly não se importou com a proximidade física. Estava absorta demais e cheia de esperanças. *Eu acredito em Holly*, disse ela a si mesma.

As manchas estavam lá. Um borrão amarelado leve no assento da cadeira, onde o invasor tinha se sentado, e vários outros, como pequenos pingos de tinta, no tapete na extremidade do arco.

— Puta merda — murmurou Ralph.

— Olhem essa — disse Holly. Ela afastou os dedos para ampliar um borrão no tapete. — Estão vendo como forma um ângulo para a direita? É de uma das pernas da cadeira.

Ela voltou até o móvel e tirou outra foto com flash, só que dessa vez bem baixa. Novamente, os três se reuniram em volta do celular. Holly afastou os dedos de novo, e uma das pernas da cadeira pulou para a frente.

— Foi por onde escorreu. Podem abrir as persianas e as cortinas se quiserem.

Quando a cozinha estava de novo cheia da luz matinal, Ralph pegou o celular de Holly e viu as fotos outra vez, mudando de uma para a outra e voltando. Sentiu o muro da descrença começar a desmoronar, e, no fim das contas, só foram necessárias algumas fotos em uma pequena tela de iPhone.

— O que isso quer dizer? — perguntou Jeannie. — Em termos práticos? Ele esteve ou não esteve aqui?

— Como eu disse, não tive a oportunidade de fazer nada perto da quantidade de pesquisa que precisaria para dar uma resposta da qual pudesse ter certeza. Mas se tivesse que dar um palpite, eu diria… as duas coisas.

Jeannie balançou a cabeça, para arejá-la.

— Não entendi.

Ralph estava pensando nas portas trancadas e no alarme que não tinha disparado.

— Você está dizendo que esse cara era um… — *Fantasma* foi a primeira palavra que surgiu na mente dele, mas não era a palavra certa.

— Não estou dizendo nada — disse Holly, e Ralph pensou: *Não, não está. Porque quer que eu diga.*

— Que ele era uma projeção? Um avatar, como nos video games que o nosso filho joga?

— Uma ideia interessante — disse Holly. Os olhos dela estavam cintilando. Ralph achava (com certa irritação) que ela talvez estivesse segurando um sorriso.

— Tem resíduo, mas a cadeira não deixou marcas no tapete — falou Jeannie. — Se ele esteve aqui em algum sentido físico, ele estava… leve. Talvez tão leve quanto um travesseiro de penas. E você diz que fazer essa… essa projeção… deixa ele exausto?

— Parece lógico… ao menos pra mim — disse Holly. — A única coisa de que podemos ter certeza é que *alguma coisa* esteve aqui quando você desceu na madrugada de ontem. Você concordaria com isso, detetive Anderson?

— Sim. E se não começar a me chamar de Ralph, Holly, vou ter que prender você.

— Como eu voltei lá pra cima? — perguntou Jeannie. — Ele… Não me diga que ele me carregou quando eu desmaiei.

— Duvido muito — disse Holly.

Ralph disse:

— Talvez uma espécie de… e isso é só um palpite… de sugestão hipnótica?

— Não sei. Tem muita coisa que a gente talvez nunca saiba. Eu gostaria de tomar uma chuveirada, se não houver problema.

— Claro — disse Jeannie. — Vou fazer uns ovos mexidos. — E quando Holly começou a se afastar: — Ah, meu Deus.

Holly se virou.

— A luz do fogão. Estava acesa. Acima de um dos queimadores. Tem um botão. — Quando olhou as fotos, Jeannie pareceu empolgada. Agora, parecia apavorada. — É preciso apertá-lo para acender a luz. Havia o suficiente daquela coisa aqui para fazer isso, pelo menos.

Holly não disse nada. Nem Ralph.

5

Depois do café da manhã, Holly voltou para o quarto de hóspedes, em teoria para arrumar as suas coisas. Ralph desconfiava que ela estivesse, na verdade, lhe dando tempo e privacidade para se despedir da esposa. Ela tinha algumas esquisitices, aquela Holly Gibney, mas não era burra.

— Ramage e Yates vão ficar de olho em você — disse ele para Jeannie. — Os dois tiraram o dia de folga.

— Eles fizeram isso por você?

— E acho que por Terry. Eles se sentem quase tão mal quanto eu em relação a toda essa história.

— Está com a sua arma?

— Na mala de mão. Quando pousarmos, vou prender no cinto. E Alec vai estar com a dele. Quero que tire a sua do cofre. Fique com ela por perto.

— Você acha mesmo…

— Não sei o que pensar, e estou com Holly nisso. Apenas deixe a arma por perto. E não atire no carteiro.

— Olha, talvez fosse melhor eu ir com vocês.

— Não acho uma boa ideia.

Ele não queria que os dois ficassem no mesmo lugar hoje, e também não queria revelar o motivo e preocupá-la ainda mais. Eles tinham um filho em quem pensar, um filho que no momento estava jogando beisebol ou atirando flechas em alvos apoiados em fardos de feno ou fazendo pulseiras de contas. Derek, que não era muito mais velho do que Frank Peterson. Derek, que simplesmente supunha, como a maioria das crianças, que os pais eram imortais.

— Você pode estar certo — disse ela. — Alguém tem que ficar aqui para o caso de D ligar, não acha?

Ele assentiu e a beijou.

— Era exatamente o que eu estava pensando.

— Tome cuidado. — Ela o encarava, os olhos arregalados, e ele teve uma lembrança repentina e penetrante daqueles olhos o encarando da mesma forma amorosa, esperançosa, ansiosa. Foi no casamento deles, dezesseis anos antes, quando os dois estavam à frente dos amigos e parentes, trocando votos.

— Vou tomar. Eu sempre tomo.

Ele começou a se afastar. Ela o puxou de volta. O aperto da esposa nos

seus antebraços foi forte.

— Sim, mas esse não se parece com nenhum outro caso em que você tenha trabalhado. Nós dois sabemos disso agora. Se conseguir pegar ele, pegue. Se não conseguir… Se der de cara com uma coisa que não consegue resolver… recue. Recue e volte pra casa, pra mim, entendeu?

— Entendi.

— Não diga que me entendeu, diga que vai voltar.

— Eu vou voltar. — Mais uma vez, Ralph pensou no dia em que trocaram votos.

— Espero que esteja falando sério. — Ainda aquele olhar penetrante, tão cheio de amor e ansiedade, que dizia: *Eu juntei os meus trapos com você, não me faça me arrepender disso.* — Preciso dizer uma coisa, e é importante. Você está prestando atenção?

— Estou.

— Você é um bom homem, Ralph. Um bom homem que cometeu um grande erro. Não é o primeiro a fazer isso e nem vai ser o último. Você tem que aprender a conviver com isso, e vou ajudá-lo. Melhore as coisas se puder, mas, por favor, não piore tudo. *Por favor*.

Holly estava descendo a escada de forma bem ostensiva, para ter certeza de que eles ouviriam a sua aproximação. Ralph ficou onde estava por mais um momento, olhando para a esposa e para os olhos arregalados dela, tão belos agora quanto eram tantos anos antes. Ele a beijou e se afastou. Ela apertou as mãos dele com força e o soltou.

6

Ralph e Holly foram para o aeroporto no carro de Ralph. Holly ficou com a bolsa no colo, a coluna ereta e os joelhos unidos.

— Sua esposa tem arma de fogo? — perguntou ela.

— Tem. E já passou pelo treinamento de tiro no estande da polícia. Esposas e filhas podem fazer isso aqui. E você, Holly?

— Claro que não. Vim de avião, e não foi de voo fretado.

— Tenho certeza de que podemos arrumar alguma coisa. Afinal, estamos indo para o Texas, não para Nova York.

Ela balançou a cabeça.

— Não disparo uma arma desde que Bill estava vivo. Foi no último caso em que trabalhamos juntos. E não acertei aquilo em que mirei.

Ele só voltou a falar quando estavam no fluxo carregado de trânsito da via

expressa a caminho do aeroporto e de Cap City. Quando esse feito perigoso foi executado, ele disse:

— As amostras do celeiro estão no laboratório de perícia da Polícia Estadual. O que você acha que vão encontrar quando enfim examinarem tudo com aquele equipamento sofisticado? Alguma ideia?

— Com base no que apareceu na cadeira e no tapete, eu diria que vai ser basicamente água, mas com o pH alto. Acho que pode haver traços de um fluido similar a muco, do tipo produzido pela glândula bulbouretral, também conhecida como glândula de Cowper, batizada em homenagem ao anatomista William Cowper, que…

— Então você *acha* que é sêmen.

— Acho que é mais algo pré-ejaculatório. — Um leve tom rosado surgiu nas bochechas dela.

— Você sabe das coisas.

— Fiz um curso de patologia forense depois que Bill morreu. Vários cursos, na verdade. Frequentar cursos… fazia o tempo passar.

— Havia sêmen na parte de trás das coxas de Frank Peterson. Bastante, mas não em uma quantidade anormal. O DNA bateu com o de Terry Maitland.

— O resíduo no celeiro e o resíduo na sua casa não são sêmen, e nem fluido pré-ejaculatório, por mais parecido que sejam. Quando o laboratório testar a substância do município de Canning, acho que vão encontrar componentes desconhecidos e descartar como contaminação. Vão ficar felizes de não terem que usar as amostras no tribunal. Nem vão considerar a ideia de que estão lidando com uma substância desconhecida, a substância que ele exsuda ou que libera quando muda. Quanto ao sêmen encontrado no garoto Peterson… tenho certeza de que o forasteiro também deixou sêmen quando matou as garotas Howard. Ou nas roupas, ou no corpo. É só mais um cartão de visitas, como a mecha de cabelo no banheiro do sr. Maitland e todas as digitais que vocês encontraram.

— Não se esqueça das testemunhas oculares.

— Sim — concordou ela. — Essa criatura gosta de testemunhas. Por que não gostaria, já que consegue usar o rosto de outro homem?

Ralph seguiu as placas até a companhia aérea que Howard Gold usava.

— Então você não acha que tenham sido crimes sexuais? Só foram montados para que parecessem assim?

— Eu não tiraria essa conclusão, mas… — Holly se virou para Ralph. — Esperma na parte de trás das coxas do garoto, mas nenhum… você sabe…

nele?

— Não. Ele foi penetrado, estuprado, com um galho.

— Aaaai. — Holly fez uma careta. — Duvido que o exame post mortem das garotas tenha revelado sêmen dentro delas também. Acho que deve haver um elemento sexual nos assassinatos, mas ele pode ser incapaz de executar o coito.

— É o que acontece com muitos serial killers normais. — Ele riu disso, uma contradição tão grande quanto uma obscura luminosidade, mas não retirou o que disse, porque o único substituto em que conseguia pensar era serial killers *humanos*.

— Se ele come tristeza, também deve comer a dor das vítimas quando estão morrendo. — O rubor nas bochechas dela tinha sumido, deixando-a pálida. — Deve ter um sabor intenso, como comida gourmet ou uísque de qualidade. E, sim, isso pode excitá-lo de forma sexual. Não gosto de pensar nessas coisas, mas acredito em conhecer o inimigo. Nós… acho que você devia virar à esquerda aqui, detetive Anderson. — Ela apontou.

— Ralph.

— Isso. Vire à esquerda, Ralph. É o caminho que leva à King Air.

7

Howie e Alec já estavam lá, e o advogado sorria.

— A decolagem foi adiada um pouco — disse ele. — Sablo está a caminho.

— Como ele conseguiu? — perguntou Ralph.

— Não foi ele. Fui eu. Bom, consegui metade, na verdade. O juiz Gonzalez está no hospital com uma úlcera perfurada, e isso foi trabalho de Deus. Ou talvez molho de pimenta demais. Eu também adoro Texas Pete, mas o jeito como o juiz carregava tudo com aquele molho me dava arrepios. Quanto ao outro caso em que o tenente Sablo tinha que testemunhar, o promotor assistente me devia um favor.

— Devo perguntar por quê? — indagou Ralph.

— Não — respondeu Howie, agora com um sorriso largo o bastante a ponto de exibir todos os dentes.

Com tempo para matar, os quatro se sentaram na pequena sala de espera, que não era tão grandiosa quanto um saguão de embarque, e ficaram vendo aviões decolando e pousando. Howie disse:

— Quando cheguei em casa ontem, entrei na internet e li sobre

doppelgängers. Porque esse forasteiro é isso, não acham?

Holly deu de ombros.

— É uma palavra tão boa quanto qualquer outra.

— O *doppelgänger* fictício mais famoso é de uma história de Edgar Allan Poe. O nome do conto é "William Wilson".

— Jeannie conhece esse — disse Ralph. — Nós conversamos sobre essa história.

— Mas já houve muitos casos na vida real. Centenas, ao que parece, inclusive no *Lusitania*. Havia uma passageira chamada Rachel Withers, na primeira classe, e várias pessoas viram outra mulher idêntica a ela, a ponto de ter a mesma mecha branca no cabelo, durante a viagem. Alguns disseram que a sósia estava viajando no convés inferior. Outros disseram que era da tripulação. A srta. Withers e um amigo foram procurá-la, e em teoria a viram segundos antes do torpedo de um submarino alemão acertar o lado estibordo do navio. A srta. Withers morreu, mas o amigo sobreviveu. Ele chamou a sósia de "arauta da desgraça". O escritor francês Guy de Maupassant encontrou o seu *doppelgänger* um dia quando estava andando na rua em Paris: a mesma altura, o mesmo cabelo, os mesmos olhos, o mesmo bigode, o mesmo sotaque.

— Bom, os franceses — disse Alec, dando de ombros. — O que podemos esperar deles? Maupassant deve ter pagado uma taça de vinho para o sujeito.

— O caso mais famoso aconteceu em 1845, em uma escola para meninas na Letônia. A professora estava escrevendo no quadro-negro quando uma sósia perfeita entrou na sala, parou ao lado dela e imitou cada gesto, só que sem o giz. Em seguida, foi embora. Dezenove alunas viram isso acontecer. Não é incrível?

Ninguém respondeu. Ralph estava pensando em um melão infestado, em pegadas que desapareciam e em uma coisa que o amigo falecido de Holly disse: *Não há fim para o universo*. Ele pensou que algumas pessoas podiam achar aquele conceito animador, bonito até. Ralph, um homem que se ateve aos fatos durante toda a sua vida profissional, achava apavorante.

— Bom, *eu* acho incrível — disse Howie com certo mau humor.

Alec disse:

— Me responda uma coisa, Holly. Se esse cara absorve os pensamentos e as memórias das vítimas quando rouba o rosto delas, por algum tipo de transfusão de sangue mística, imagino, como ele não sabia onde ficava o atendimento médico mais próximo? E tem ainda Esbelta Rainwater, a

motorista de táxi. Maitland a conhecia do programa de beisebol infantil, mas o cara que ela levou para Dubrow agiu como se não a conhecesse. Não a chamou de Esbelta, nem de Rainwater. Chamou-a de *senhora*.

— Não *sei* — disse Holly com irritação. — Tudo que sei, peguei no ar, e digo isso literalmente, porque eu estava nos aviões quando fiz a pesquisa. A única coisa que posso fazer é tirar conclusões, e estou cansada disso.

— Talvez seja como leitura dinâmica — disse Ralph. — Os leitores dinâmicos têm muito orgulho de conseguir ler livros compridos de cabo a rabo de uma vez só, mas o que captam são apenas as linhas gerais. Se você fizer perguntas sobre detalhes, eles costumam não saber. — O detetive fez uma pausa. — Pelo menos é o que a minha esposa diz. Ela faz parte de um clube do livro, e tem uma moça que sempre se gaba da velocidade com que lê as obras. Jeannie fica louca da vida.

Eles viram a tripulação abastecer o King Air e os dois pilotos fazerem a inspeção pré-voo. Holly pegou o iPad e começou a ler (Ralph achava que ela estava progredindo com bastante velocidade na leitura). Às quinze para as dez, um Subaru Forester entrou no estacionamento da Regal, e Yune Sablo saiu, jogando uma mochila camuflada no ombro enquanto falava no celular. Ele encerrou a ligação quando estava se aproximando.

— Amigos! *Cómo están?*

— Bem — disse Ralph, se levantando. — Vamos botar o time em campo.

— Estava falando com Claude Bolton. Ele vai nos encontrar no aeródromo de Plainville. Fica a uns cem quilômetros de Marysville, onde a mãe dele mora.

Alec ergueu as sobrancelhas.

— Por que ele faria isso?

— O homem está preocupado. Diz que não dormiu muito à noite, se levantou umas seis vezes, parecia que tinha alguém vigiando a casa. Disse que se lembrou dos dias de prisão, quando todo mundo sabia que alguma coisa ia acontecer, mas ninguém sabia exatamente o quê, só que ia ser ruim. E falou que a mãe também começou a ficar com medo. Ele me perguntou o que estava acontecendo, e eu prometi que contaríamos assim que chegássemos lá.

Ralph se virou para Holly.

— Se esse forasteiro existir e se estivesse perto de Bolton, será que Bolton conseguiria sentir a presença dele?

Em vez de protestar de novo sobre todos pedirem para ela dar palpites,

Holly respondeu com a voz baixa, mas muito firme.

— Tenho certeza disso.

BIENVENIDOS A TEJAS
26 DE JULHO

1

Jack Hoskins entrou no Texas por volta das duas da madrugada do dia 26 de julho e pegou um quarto em um buraco chamado Indian Motel quando a primeira luz do dia apareceu no leste. Ele pagou ao recepcionista sonolento por uma semana usando o seu Mastercard, o único que não tinha estourado o limite, e pediu um quarto no final do prédio malcuidado.

O quarto tinha cheiro de bebida e fumaça velha de cigarro. A colcha estava puída, e a fronha do travesseiro da cama bamba estava amarelada de velhice, suor ou as duas coisas. Ele se sentou na única cadeira do quarto e olhou rapidamente e sem muito interesse as mensagens de texto e voz no celular (as de voz só iam até as quatro da madrugada, quando a capacidade da caixa postal chegou ao limite). Todas eram da delegacia, muitas do próprio chefe Geller. Houve um assassinato duplo em West Side. Com Ralph Anderson e Betsy Riggins de licença, ele era o único detetive trabalhando, cadê ele, ele tinha que ir para a cena do crime agora mesmo, blá-blá-blá.

Ele se deitou na cama, primeiro de costas, mas isso fazia a queimadura de sol doer. Virou-se de lado, as molas berrando em protesto sob o seu peso considerável. *Vou emagrecer se o câncer se espalhar*, pensou ele. *Mamãe não passava de um esqueleto coberto de pele no final. Um esqueleto que gritava.*

— Isso não vai acontecer — disse ele para o quarto vazio. — Só preciso dormir. Vai dar tudo certo.

Quatro horas seriam suficientes. Cinco, se ele tivesse sorte. Mas o cérebro não desligava; parecia um motor em ponto morto. Cody, o vendedor de drogas do posto de gasolina, tinha os comprimidos brancos, sim, e também uma boa quantidade de cocaína, que alegou ser quase pura. Pela forma como Jack se sentia agora, deitado naquela cama vagabunda (ele nem considerou entrar embaixo da coberta, só Deus sabia o que podia estar rastejando naqueles lençóis), a alegação era verdadeira. Ele só dera umas poucas cheiradas, nas horas depois da meia-noite em que pareceu que o trajeto não terminaria nunca, e agora sentia como se nunca mais fosse dormir. Na

verdade, sentia como se pudesse telhar uma casa inteira e depois correr oito quilômetros. Mas o sono acabou chegando, embora fosse leve e assombrado por pesadelos com a mãe.

Quando acordou, já passava do meio-dia, e o quarto estava quente, apesar do ar-condicionado vagabundo. Ele foi ao banheiro, mijou e tentou olhar a nuca latejante. Não conseguiu, e talvez fosse melhor assim. Voltou para o quarto e se sentou na cama para calçar os sapatos, mas só conseguiu achar um. Procurou o outro, que foi colocado na mão dele.

— Jack.

Ele congelou, os braços ficaram arrepiados e os cabelos curtos da nuca se eriçaram. O homem que esteve no chuveiro dele em Flint City estava agora embaixo da cama, assim como os monstros dos quais ele tinha medo quando criança.

— Me escute, Jack. Vou dizer o que precisa fazer.

Quando a voz terminou de dar as instruções, Jack percebeu que a dor no pescoço (que engraçado, ele sempre tinha dito que sua patroa era "pior que dor no pescoço") havia passado. Bom… quase. E o que ele tinha que fazer parecia simples, ainda que meio drástico. Mas não havia problema, porque ele sabia que conseguiria se safar, e dar cabo de Anderson seria um prazer. Anderson era o grande intrometido, afinal; o sr. Sem Opinião estava pedindo por aquilo. Era uma pena em relação aos outros, mas não era culpa de Jack. Foi Anderson quem os arrastou junto.

— Que pena, coitadinhos — murmurou.

Depois que calçou os sapatos, Jack ficou de joelhos e olhou embaixo da cama. Havia muita poeira lá, e uma parte parecia mexida, mas não havia mais nada. E isso era bom. Um alívio. Jack não duvidava que o visitante *tinha* estado lá, assim como tinha certeza do que estava tatuado nos dedos que empurraram o sapato para a mão dele: CANT.

Com a dor da queimadura bem reduzida e a cabeça relativamente clara, ele achou que conseguiria comer alguma coisa. Bife com ovos, talvez. Ele tinha um bom trabalho à frente e precisava repor as energias. Um homem não podia viver só de pó e bolinhas. Sem comida, ele podia acabar desmaiando no sol quente, e aí ficaria todo queimado.

Falando em sol, a luz o acertou em cheio quando ele saiu, e o pescoço latejou em aviso. Ele percebeu, consternado, que não tinha protetor solar e que esquecera o creme de aloe. Era possível que vendessem alguma coisa parecida no restaurante ao lado do motel, junto com o resto das tralhas que

sempre havia perto da caixa registradora em lugares como aquele: camisetas, bonés, CDs de country e suvenires Navajo feitos no Camboja. Deviam vender alguns itens essenciais junto daquela merda, porque a cidade mais próxima era…

Ele parou de repente, uma das mãos esticada para a porta do restaurante, espiando pelo vidro sujo. Eles estavam lá. Anderson e o seu grupo de babacas felizes, incluindo a mulher magrela com franja grisalha. Tinha também uma velha de cadeira de rodas e um homem musculoso com cabelo preto curto e cavanhaque. A velha riu de alguma coisa e depois começou a tossir. Mesmo do lado de fora, Jack conseguia ouvir, parecia uma retroescavadeira em marcha lenta. O homem de cavanhaque deu alguns tapas nas costas dela e todos gargalharam.

Quero ver rirem depois que eu cuidar de vocês, pensou Jack, mas, na verdade, era bom eles estarem rindo. Senão ele podia ter sido visto.

Ele se virou, tentando entender a cena que presenciara. Não o bando gargalhando, ele não ligava pra aquilo, mas quando o cara do cavanhaque esticou a mão para bater nas costas da mulher de cadeira de rodas, Jack viu as tatuagens nos dedos dele. O vidro estava sujo e a tinta azul estava desbotada, mas ele sabia o que dizia: CANT. Como o homem saiu de debaixo da cama dele e foi para a lanchonete tão rápido era um mistério que Jack Hoskins nem queria tentar resolver. Ele tinha um trabalho a fazer, isso bastava, e se livrar do câncer que crescia na sua pele era só parte do problema. Livrar-se de Ralph Anderson era a outra parte, e seria um prazer.

O sr. Sem Opinião.

2

O aeródromo de Plainville ficava nos arredores da cidadezinha cansada a que atendia. Havia uma única pista de pouso, que Ralph achou horrivelmente curta. O piloto acionou os freios a toda assim que as rodas tocaram no chão, e os objetos que não estavam presos saíram voando. Eles pararam em uma linha amarela no final da faixa estreita de asfalto, a menos de dez metros de uma vala cheia de mato, água parada e latas de cerveja Shiner.

— Bem-vindos a nenhum lugar específico — comentou Alec quando o King Air seguiu na direção de um terminal pré-fabricado que parecia capaz de se desfazer na próxima ventania. Havia uma van suja de terra os esperando. Ralph reconheceu como sendo o modelo Companion com acesso para cadeira de rodas mesmo antes de ver a placa de deficiente. Claude

Bolton, alto e musculoso, com calça jeans desbotada, camisa azul, botas de caubói surradas e um boné do Texas Rangers estava parado ao lado do veículo.

Ralph foi o primeiro a descer do avião e esticou a mão. Depois de um segundo de hesitação, Claude a apertou. O detetive achou impossível não olhar para as letras apagadas nos dedos do homem: CANT.

— Obrigado por facilitar as coisas — disse Ralph. — Você não precisava fazer isso, e agradeço. — Ele apresentou os outros.

Holly apertou a mão dele por último e disse:

— Essas tatuagens nos seus dedos… são sobre beber?

Certo, pensou Ralph. *Essa é uma peça do quebra-cabeça que esqueci de tirar da caixa.*

— Sim, senhora, isso mesmo. — Bolton falou como alguém repassando uma lição bem repetida e amada. — O grande paradoxo, é assim que chamam nas reuniões do AA daqui. Ouvi pela primeira vez na prisão. Você *deve* beber, mas *não pode*.

— Me sinto assim em relação aos cigarros — disse Holly.

Bolton sorriu, e Ralph pensou no quanto era estranho que a pessoa menos apta socialmente no grupinho deles fosse quem deixou Bolton mais à vontade. Não que o homem parecesse preocupado; estava mais para alerta.

— Sim, senhora, os cigarros são difíceis. Como você está indo?

— Não fumo há quase um ano — disse Holly —, mas vou levando um dia de cada vez. *Não posso* e *devo*. Entendo bem.

Ela sabia desde sempre o que as tatuagens nos dedos queriam dizer? Ralph não tinha uma resposta.

— A única forma de romper o paradoxo *não posso-devo* é com a ajuda de um poder maior, então arrumei um. E mantenho o meu medalhão da sobriedade à mão. O que me ensinaram foi que, se desse vontade de beber, era pra enfiar o medalhão na boca. Se ele derreter, eu posso ir tomar uma.

Holly abriu aquele sorriso radiante do qual Ralph estava começando a gostar tanto.

A porta lateral da van se abriu, e uma rampa enferrujada apareceu. Uma senhora grande com um cabelo branco extravagante saiu em uma cadeira de rodas. Ela tinha um pequeno tanque verde de oxigênio no colo com um tubo plástico saindo dele até a cânula nasal dela.

— Claude! Por que está aí parado com essas pessoas no sol? Se vamos sair daqui, se apresse. Daqui a pouco já é de tarde.

— Essa é a minha mãe — disse Claude. — Mãe, esse é o detetive Anderson, que me interrogou sobre aquela coisa que contei pra você. As outras pessoas são novas pra mim.

Howie, Alec e Yune se apresentaram para a senhora. Holly foi a última.

— É um grande prazer conhecer você, sra. Bolton.

Lovie riu.

— Bom, vamos ver o que acha disso quando me conhecer melhor.

— É melhor eu ir ver o nosso carro — disse Howie. — Acho que é aquele estacionado perto da porta. — Ele apontou para um SUV de tamanho médio azul-escuro.

— Eu sigo na frente com a van — falou Claude. — Vocês não vão ter problema nenhum de me acompanhar; não tem muito tráfego na estrada de Marysville.

— Por que não vem com a gente, querida? — perguntou Lovie Bolton para Holly. — Não quer fazer companhia a uma velha?

Ralph esperava que Holly recusasse, mas ela aceitou na mesma hora.

— Só me dê um minuto.

Ela fez sinal para Ralph com os olhos, e ele a seguiu na direção do King Air enquanto Claude olhava a mãe virar a cadeira e subir a rampa. Um avião pequeno estava decolando naquela hora, e Ralph não conseguiu ouvir o que Holly falava. Ele se aproximou.

— O que digo para eles, Ralph? Eles com certeza vão perguntar o que estamos fazendo aqui.

Ele pensou e disse:

— Por que não cita os pontos principais?

— Eles não vão acreditar em mim!

Isso fez Ralph sorrir.

— Holly, acho que você lida muito bem com a descrença.

3

Como muitos ex-presidiários (pelo menos os que não queriam correr o risco de voltar para a cadeia), Claude Bolton dirigiu a van Dodge Companion a exatamente cinco quilômetros por hora abaixo do limite de velocidade. Depois de meia hora de percurso, ele entrou no Indian Motel & Café. Saiu do carro e falou quase pedindo desculpas para Howie, que estava atrás do volante do carro alugado.

— Espero que não se importe de pararmos pra comer — disse ele. —

Minha mãe se sente mal se não come regularmente, e ela nem teve tempo de fazer sanduíches. Fiquei com medo de nos atrasarmos. — Ele baixou a voz, como se estivesse revelando um segredo vergonhoso: — É o açúcar no sangue dela. Quando cai, ela desmaia.

— Tenho certeza de que todos gostaríamos de comer alguma coisa.

— A história que a moça contou…

— Por que não conversamos quando chegarmos na sua casa, Claude? — disse Ralph.

Ele assentiu.

— É, acho que é melhor.

O restaurante tinha um cheiro não desagradável de gordura, feijão e carne frita. Neil Diamond estava no jukebox cantando “I Am, I Said” em espanhol. Os pratos especiais (que não eram muitos) eram exibidos atrás do balcão. Acima da passagem para a cozinha havia uma fotografia desfigurada de Donald Trump. O cabelo louro tinha sido pintado de preto; ele ganhou uma franja lateral e um bigode. Embaixo, alguém tinha escrito: *Yanqui vete a casa*. Ianque, volte para casa. A princípio, Ralph ficou surpreso; afinal, o Texas era um estado republicano, o mais republicano possível. Mas ele lembrou que, se os brancos não eram minoria perto da fronteira, era por pouco.

Eles se sentaram na extremidade do salão, com Howie e Alec a uma mesa para dois e o resto a uma mesa maior ali perto. Ralph pediu um hambúrguer; Holly pediu uma salada que acabou sendo mais alface iceberg murcha do que qualquer outra coisa; Yune e os Bolton pediram o prato mexicano, que consistia em um taco, um burrito e uma empanada. A garçonete colocou uma jarra de chá gelado na mesa sem que ninguém precisasse pedir.

Lovie Bolton observava Yune, os olhos alertas como os de um pássaro.

— Você disse que o seu nome era Sablo? Que nome engraçado.

— Sim, não há muitos de nós por aí — disse Yune.

— Você vem do outro lado ou nasceu aqui?

— Nasci aqui, senhora — respondeu Yune. Metade do taco com recheio caprichado desapareceu em uma única mordida. — Segunda geração.

— Ah, que bom! Feito nos Estados Unidos! Eu conheci um Augustin Sablo quando morei no sul, antes de me casar. Ele era motorista de um caminhão de pão em Laredo e Nuevo Laredo. Quando passava lá em casa, minhas irmãs e eu pedíamos *churro éclairs*. Você não seria parente dele?

A pele morena de Yune ficou um pouco mais escura, não exatamente um

rubor, mas a expressão que ele lançou para Ralph foi divertida.

— Sim, senhora, ele era o meu *papi*.

— Ora, mas que mundo pequeno! — disse Lovie, e começou a rir. A risada dela virou uma tosse, e a tosse se tornou um engasgo. Claude bateu nas costas dela com tanta força que a cânula voou do nariz e caiu no prato. — Ah, filho, olha isso — disse ela quando recuperou o fôlego. — Agora tem meleca no meu burrito. — Ela pôs a cânula no lugar. — Bom, que diferença faz? Veio de dentro de mim e pode muito bem voltar. Não é nada de mais. — E comeu.

Ralph começou a rir, e os outros riram com ele. Até Howie e Alec riram, embora tivessem perdido boa parte da discussão. Ralph pensou por um momento em como as risadas uniam as pessoas, e ficou feliz de Claude ter levado a mãe. Ela era especial.

— Que mundo pequeno — repetiu a idosa. — Ah, é mesmo. — Ela se inclinou para a frente, de forma que os seios de tamanho considerável empurraram o prato. Ainda estava olhando para Yune com os olhinhos alertas. — Sabe a história que ela contou pra gente? — Ela virou o olhar para Holly, que estava com o garfo na salada e a testa um pouco franzida.

— Sim, senhora.

— Você acredita?

— Não sei. Eu… — Yune baixou a voz. — Estou tendendo a acreditar.

Lovie assentiu e baixou a voz.

— Você já viu o desfile em Nuevo? Procissão dos passos? Quando era criança, talvez?

— *Sí, señora*.

Ela baixou ainda mais a voz.

— E *ele*? O *farricoco?* Você o viu?

— *Sí* — respondeu Yune, e embora Lovie Bolton fosse tão branca quanto possível, Ralph pensou que o amigo tinha passado a falar espanhol sem nem mesmo perceber.

Ela baixou a voz ainda mais.

— Fez você ter pesadelos?

Yune hesitou e disse:

— *Sí. Muchas pesadillas*.

Ela se encostou, satisfeita e séria. Olhou para Claude.

— Escute esse pessoal, filho. Você está com um problema sério, acho. — Ela piscou para Yune, mas não como piada, seu rosto estava sério. — *Muchos*.

4

Quando a pequena caravana voltou para a estrada, Ralph perguntou a Yune sobre o Procissão dos passos.

— É um desfile na Semana Santa — disse Yune. — Não é exatamente aprovado pela Igreja, mas fazem vista grossa.

— *Farricoco?* É a mesma coisa que *El Cuco* de Holly?

— Pior — respondeu Yune. Ele estava com uma expressão sombria. — Pior até que o Homem do Saco. O *farricoco* é o homem encapuzado. É a Morte.

5

Quando chegaram à casa dos Bolton em Marysville, já eram quase três horas da tarde, e o calor os atingia como um martelo. Eles se reuniram na pequena sala, onde o ar-condicionado, um barulhento aparelho que pareceu a Ralph velho o suficiente para ter direito a aposentadoria, se esforçava para acompanhar tantos corpos quentes. Claude foi até a cozinha e voltou com latas de coca em um isopor.

— Se esperavam por cerveja, deram azar — disse ele. — Não tenho aqui.

— Refrigerante está ótimo — disse Howie. — Acho que nenhum de nós vai tomar álcool enquanto não resolvermos essa questão da melhor maneira possível. Conte pra gente sobre a noite de ontem.

Bolton olhou para a mãe. Ela cruzou os braços e assentiu.

— Bom — disse ele —, no final das contas, acabou não acontecendo nada. Fui para a cama depois do noticiário da noite, como sempre, e estava me sentindo bem, até…

— Bobagem — disse Lovie. — Você está agindo de modo estranho desde que chegou aqui. Está inquieto… — Ela olhou para os outros. — Sem apetite… fala dormindo…

— Quer que eu conte, mãe, ou você conta?

Ela balançou a mão indicando que era para ele continuar e tomou um gole de coca.

— Bom, ela não está errada — admitiu Bolton —, só que não gostaria que o pessoal do trabalho soubesse disso. Os seguranças de um lugar como o Gentlemen, Please não devem se assustar fácil, sabe. Mas ando meio ressabiado. Só que, até agora, não tinha tido nada como ontem à noite. Ontem foi diferente. Acordei por volta das duas depois de um sonho horrível e me levantei para trancar as portas. Nunca tranco nada quando estou aqui, mas

faço a minha mãe trancar quando ela está sozinha, depois que os cuidadores que vêm de Plainville vão embora, às seis.

— Como foi o sonho? — perguntou Holly. — Você lembra?

— Alguém embaixo da cama, deitado lá, olhando para cima. É só o que consigo lembrar.

Ela assentiu para que ele continuasse.

— Antes de trancar a porta da frente, saí para dar uma olhada na varanda, e reparei que todos os coiotes tinham parado de uivar. Em geral, eles uivam como loucos quando a lua está no céu.

— A não ser que tenha alguém por perto — disse Alec. — Nesse caso, eles param. Como os grilos.

— Pensando bem, também não ouvi grilos. E o jardim da mamãe lá atrás costuma ficar cheio deles. Voltei pra cama, mas não consegui dormir. Lembrei que não tinha trancado as janelas e me levantei para fazer isso. As trancas fazem barulho, e isso acordou a minha mãe. Ela me perguntou o que eu estava fazendo, e falei pra ela voltar a dormir. Depois, me deitei e quase adormeci. Já deviam ser umas três horas quando lembrei que não tinha trancado a janela do banheiro, a que fica acima da banheira. Fiquei com essa ideia de que alguém estava entrando por ela, então me levantei e corri pra ver. Sei que parece idiotice agora, mas…

Ele olhou para todos e não viu ninguém sorrindo ou com cara de quem duvidava.

— Tudo bem. Tudo bem. Acho que, se vieram até aqui, *não* devem pensar que isso é idiotice. Então, tropecei na maldita banqueta da minha mãe, e dessa vez, ela se levantou. Perguntou se alguém estava tentando entrar em casa, e eu respondi que não, mas mandei ela ficar no quarto.

— Só que eu não fiquei — disse Lovie com complacência. — Nunca escutei homem nenhum, exceto o meu marido, e ele já está morto há muito tempo.

— Não havia ninguém no banheiro, nem tentando entrar pela janela, mas tive a sensação, e não consigo nem explicar como foi forte, de que ele ainda estava lá fora, escondido, esperando uma chance.

— Não embaixo da cama? — perguntou Ralph.

— Não, lá foi o primeiro lugar que olhei. Maluquice, claro, mas… — Ele fez uma pausa. — Só voltei a dormir quando amanheceu. A mãe me acordou e disse que tínhamos que ir ao aeroporto pra nos encontrarmos com vocês.

— Deixei que ele dormisse o máximo possível — falou Lovie. — Foi por

isso que não fiz sanduíches. O pão está em cima da geladeira, e se eu tentar alcançá-lo lá, fico sem ar.

— E como está se sentindo agora? — perguntou Holly a Claude.

Ele suspirou, e quando passou a mão na lateral do rosto, eles ouviram o barulho da barba por fazer.

— Não muito bem. Parei de acreditar no bicho-papão na mesma época que parei de acreditar no Papai Noel, mas estou incomodado e paranoico, da mesma forma que ficava quando usava cocaína. Esse cara está atrás de mim? Vocês acreditam mesmo nisso?

Ele olhou de rosto em rosto. Foi Holly quem respondeu.

— *Eu* acredito — disse ela.

6

Eles ficaram em silêncio por um tempo, pensando. Então, Lovie falou:

— Você chamou ele de *El Cuco* — disse para Holly.

— É.

A senhora idosa assentiu, batendo com os dedos inchados de artrite no tubo de oxigênio.

— Quando eu era pequena, as crianças mexicanas o chamavam de *Cucuy*, e os brancos chamavam de Kookie, ou Chookie, ou só Chook. Eu tinha até um livrinho sobre esse merdinha.

— Aposto que era o mesmo que eu tinha — disse Yune. — Minha *abuela* me deu. Um gigante com uma orelha vermelha enorme?

— *Sí, mi amigo*. — Lovie pegou os cigarros e acendeu um. Soltou fumaça, tossiu e continuou. — Na história, havia três irmãs. A mais nova cozinhava, limpava e fazia as outras tarefas de casa. As duas mais velhas eram preguiçosas e debochavam dela. *El Cucuy* apareceu. A casa estava trancada, mas ele parecia com o *papi* delas, então abriram a porta. Ele pegou as irmãs malvadas para lhes dar uma lição. Deixou a boazinha que se esforçava tanto pelo papai, que criava as filhas sozinhas. Você lembra?

— Claro — disse Yune. — Não dá para esquecer as histórias que ouvimos quando crianças. Nessa versão do livrinho, *El Cucuy* era para ser um sujeito bom, mas só me lembro do medo que eu sentia quando ele arrastava as garotas pela montanha até a caverna dele. *Las niñas lloraban y le rogaban que las soltara*. As garotinhas choravam e imploravam que ele as soltasse.

— Isso — disse Lovie. — E, no final, ele as soltou, e as garotas más mudaram de comportamento. Essa é a versão do livro infantil. Mas o *Cucuy*

de verdade não solta crianças, por mais que chorem e implorem. Vocês sabem disso, não sabem? Vocês viram o trabalho dele.

— Então você também acredita — disse Howie.

Lovie deu de ombros.

— Como dizem, *quien sabe*? Será que eu já acreditei no *chupacabras*? — Ela riu com deboche. — Tanto quanto acredito no Pé-Grande. Mas há coisas estranhas, mesmo assim. Uma vez, e foi em uma Sexta-Feira Santa, na Blessed Sacrament na rua Galveston, vi uma estátua da Virgem Maria chorar lágrimas de sangue. Nós todos vimos. Mais tarde, o padre Joaquim disse que era só ferrugem molhada de debaixo das calhas escorrendo pelo rosto dela, mas nós sabíamos a verdade. O padre também. Dava pra ver nos olhos dele. — Ela voltou o olhar para Holly. — Você disse que já viu coisas.

— Sim — respondeu Holly com a voz baixa. — Acredito que exista alguma coisa. Talvez não seja o *El Cuco* tradicional, mas pode ser a criatura na qual as lendas se baseiam? Acho que sim.

— O garoto e as garotas que vocês mencionaram, ele bebeu o sangue deles e comeu a carne? Esse forasteiro?

— Talvez — disse Alec. — Com base nas cenas dos crimes, é possível.

— E agora ele é eu — falou Bolton. — É o que vocês acham. Ele só precisou de um pouco do meu sangue. Ele bebeu também?

Ninguém respondeu, mas Ralph conseguia ver a coisa que parecia Terry Maitland fazendo exatamente aquilo. Conseguia ver com uma clareza horrível. Era a esse ponto que a insanidade tinha penetrado na sua cabeça.

— Era ele que estava aqui ontem à noite, rondando a casa?

— Talvez não de forma física — disse Holly —, e ele pode não ser você ainda. Ainda deve estar *se tornando* você.

— Talvez ele estivesse dando uma olhada no local — sugeriu Yune.

Talvez estivesse tentando descobrir sobre nós, pensou Ralph. *E, se estava, descobriu. Claude sabia que estávamos vindo.*

— E o que vai acontecer agora? — perguntou Lovie. — Ele vai matar outra criança, talvez duas, em Plainville ou em Austin e tentar pôr a culpa no meu filho?

— Acho que não — disse Holly. — Duvido que ele esteja forte o suficiente. Meses se passaram entre Heath Holmes e Terry Maitland. E ele anda… ativo demais.

— E tem outra coisa — disse Yune. — Um aspecto prático. Essa parte do país ficou quente para ele. Se ele for inteligente, e deve ser para ter

sobrevivido tanto tempo, vai querer ir para outro lugar.

Isso parecia certo. Ralph conseguia ver o forasteiro de Holly colocando o rosto e o corpo musculoso de Claude Bolton em um ônibus ou em um trem em Austin, indo para o oeste dourado. Las Vegas, talvez. Ou Los Angeles. Onde haveria outro encontro acidental com um homem (ou até uma mulher, quem sabe) e um pouco mais de sangue derramado. Outro elo na corrente.

Os acordes iniciais de “Baila Esta Cumbia”, de Selena, tocaram no bolso do peito de Yune. Ele levou um susto.

Claude sorriu.

— Ah, sim. Tem sinal até aqui. Século XXI, cara.

Yune pegou o celular, olhou para a tela e disse:

— É o DP do condado de Montgomery. É melhor eu atender. Com licença.

Holly pareceu sobressaltada, até alarmada, quando ele atendeu a ligação e saiu para a varanda, dizendo:

— Alô, aqui é o tenente Sablo.

Ela pediu licença e foi atrás.

— Talvez seja sobre… — disse Howie.

Ralph fez que não com a cabeça sem nem saber por quê. Pelo menos, não de forma evidente na mente.

— Onde fica o condado de Montgomery? — perguntou Claude.

— No Arizona — falou Ralph antes que Howie ou Alec pudessem responder. — É outra questão. Não tem nada a ver com isso.

— E o que exatamente vamos fazer sobre *isso*? — indagou Lovie. — Vocês têm alguma ideia de como pegar esse sujeito? Meu filho é tudo que tenho, sabe?

Holly voltou para a sala. Foi até Lovie, se inclinou e sussurrou algo no ouvido dela. Quando Claude se inclinou para tentar escutar, a mãe fez um gesto para ele se afastar.

— Vá até a cozinha, filho, e pegue aqueles biscoitos enroladinhos de chocolate, isso se eles já não derreteram nesse calor.

Claude, obviamente acostumado a obedecer, foi até a cozinha. Holly continuou sussurrando, e Lovie arregalou os olhos. Ela assentiu. Claude voltou com um saco de biscoitos na mesma hora que Yune entrou na casa, guardando o celular no bolso.

— Era… — disse ele, mas parou de repente.

Holly tinha se virado de leve, de costas para Claude. Ela levou um dedo aos lábios e balançou a cabeça imperceptivelmente.

— Não era nada de importante — disse ele. — Pegaram um cara, mas não o que estamos procurando.

Claude colocou os biscoitos (que de fato pareciam meio derretidos no saco de celofane) na mesa e olhou ao redor com desconfiança.

— Acho que não era isso que você estava começando a dizer. O que está acontecendo?

Ralph pensou que era uma boa pergunta. Lá fora, na estrada rural, uma picape passou, a caçamba fechada refletindo o sol de uma forma que o levou a apertar os olhos.

— Filho — disse Lovie —, quero que entre no carro e dirija até Tippit para comprar umas refeições de frango no Highway Heaven. É um lugar bom. Vamos dar comida pra essa gente, e depois eles podem ir embora e passar a noite no Indian. Não é lá grande coisa, mas é um teto.

— O Tippit fica a sessenta e cinco quilômetros daqui! — protestou Claude. — Jantar para sete pessoas vai custar uma fortuna, e tudo vai estar gelado quando eu voltar!

— Eu esquento no fogão — disse ela com calma —, e a comida vai ficar fresquinha. Agora, vá.

Ralph gostou da forma como Claude pôs as mãos no quadril e olhou para ela com humor e exasperação.

— Você está tentando se livrar de mim!

— É isso mesmo — concordou Lovie, apagando o cigarro em um cinzeiro de metal cheio de guimbas. — Porque, se a srta. Holly aqui estiver certa, o que *você* sabe, *ele* sabe. Talvez não tenha importância, talvez todas as cartas já estejam na mesa, mas talvez não. Então, seja um bom filho e vá buscar o nosso jantar.

Howie pegou a carteira.

— Deixa que eu pago, Claude.

— Não precisa — disse ele de mau humor. — Eu posso pagar. Não estou duro.

Howie abriu seu sorriso de advogado.

— Eu insisto!

Claude pegou o dinheiro e guardou na carteira presa ao cinto por uma corrente. Olhou para os convidados, ainda tentando passar mau humor, mas acabou rindo.

— Minha mãe costuma ter o que quer — disse ele. — Acho que já deu para perceber isso.

7

A estrada da casa dos Bolton, a Rural Star Route 2, acabava levando a uma rodovia de verdade, a 190, que vinha de Austin. Antes de chegar lá, uma estrada de terra com quatro pistas, atualmente muito malcuidada, bifurcava para a direita. Era marcada por um outdoor que também caía aos pedaços. Exibia uma família feliz descendo uma escada em espiral. Eles estavam segurando lampiões a gás que mostravam as suas expressões de surpresa enquanto olhavam as estalactites no alto. A frase abaixo da família dizia VISITEM O BURACO DE MARYSVILLE, UMA DAS MAIORES MARAVILHAS DA NATUREZA. Claude sabia o que dizia desde muito tempo atrás, quando era um adolescente inquieto preso naquela cidadezinha, mas, nos dias atuais, só dava para ler VISITEM O BURAC e IORES MARAVILHAS. Uma faixa larga que dizia FECHADO POR TEMPO INDETERMINADO (já desbotada) fora colada sobre o resto.

Uma sensação de tontura ocorreu a Claude quando ele passou pelo que os adolescentes locais chamavam (com risadinhas maliciosas) de Estrada para o Buraco, mas passou depois que ele aumentou um pouco o ar-condicionado. Apesar de ter protestado, o homem estava feliz de sair de casa. A impressão de estar sendo observado passara. Ele ligou o rádio, sintonizou a estação Outlaw Country, encontrou Waylon Jennings (o melhor!) e começou a cantar junto.

Frango do Highway Heaven talvez não fosse uma ideia tão ruim. Ele podia pedir uma porção de anéis de cebola só para ele e ir comendo no caminho de volta, enquanto ainda estivessem quentes e gordurosos.

8

Jack esperou no quarto no Indian Motel, espiando entre as cortinas, até ver a van com a placa de deficiente voltar para a estrada. Só podia ser o carro da velha. Um SUV azul foi atrás, sem dúvida cheio dos intrometidos de Flint City.

Quando sumiram de vista, Jack foi até o restaurante, onde comeu e depois foi olhar os itens à venda. Não havia creme de aloe nem protetor solar, então comprou duas garrafas de água e duas bandanas superfaturadas. Não seriam muita proteção do sol quente do Texas, mas eram melhores do que nada. Entrou na picape e dirigiu para sudoeste, na mesma direção que os intrometidos tinham ido, até chegar ao outdoor e à estrada que levava ao Buraco de Marysville. E entrou nela.

Depois de seis quilômetros, chegou a uma cabine maltratada pelo tempo no

meio da estrada. Devia ser a bilheteria quando o Buraco ainda funcionava, pensou. A tinta, antes um vermelho vibrante, estava agora do tom rosa de sangue diluído em água. Na frente havia uma placa dizendo ATRAÇÃO FECHADA, DÊ MEIA-VOLTA. A estrada estava bloqueada por uma corrente depois da bilheteria. Jack contornou a corrente, sacudindo dentro do carro pelo acostamento de terra, esmagando plantas e desviando de arbustos. A picape deu uma quicada final e voltou para a estrada… se é que dava para chamá-la assim. Daquele lado da corrente havia uma grande quantidade de buracos e deslizamentos que nunca foram consertados. Seu Ram, alto e com tração nas quatro rodas, passava com facilidade por tudo aquilo, jogando terra e pedras longe com os pneus enormes.

Três lentos quilômetros e dez minutos depois, Hoskins chegou a mais ou menos meio hectare de estacionamento vazio, as linhas amarelas das vagas apagadas, o asfalto rachado e estufado em placas. À esquerda, junto a uma colina coberta de mato, havia uma loja de suvenires abandonada com uma placa caída que ele teve que ler de cabeça para baixo: SUVENIRES E ARTESANATO INDÍGENA AUTÊNTICO. Bem à frente ficava uma ampla passarela de cimento em ruínas que levava a uma abertura na colina. Bom, houve uma época em que havia uma abertura; agora estava coberta por tábuas de madeira e cheia de cartazes dizendo NÃO ENTRE, PROIBIDO A ENTRADA, PROPRIEDADE PARTICULAR e O XERIFE DO CONDADO PATRULHA ESTA ÁREA.

É claro, pensou Jack. *Devem dar uma passada aqui todo dia 29 de fevereiro.*

Outra estrada abandonada levava para longe do estacionamento, passando pela loja de suvenires. Seguia por uma encosta da colina e descia pela outra. Levou-o primeiro a um bando de chalés decrépitos para turistas (também fechados com tábuas) e depois a uma espécie de barracão de serviços, onde veículos da empresa e equipamentos deviam ficar guardados. Havia mais cartazes de NÃO ENTRE ali, além de um mais alegre que dizia CUIDADO COM AS CASCAVÉIS.

Jack parou a picape na sombra dessa construção. Antes de sair, amarrou uma das bandanas na cabeça (deixando-o bizarramente parecido com o homem que Ralph viu no tribunal no dia em que Terry Maitland levou o tiro). A outra ele pôs no pescoço para impedir que a porra da queimadura piorasse. Abriu a caçamba da picape e tirou com a devida reverência o estojo que continha seu maior orgulho: uma Winchester .300 de ferrolho, a mesma arma que Chris Kyle usou para atirar em todos aqueles turbantes (Jack tinha

assistido a *Sniper americano* oito vezes). Com a mira *riflescope* Leupold VX-1, ele podia acertar um alvo a quase dois mil metros de distância. Bom, quatro em seis tentativas em um dia bom e sem vento, e ele não esperava ter que atirar a essa distância quando a hora chegasse. Se chegasse.

Ele viu algumas ferramentas esquecidas no mato e se apropriou de uma forquilha enferrujada para o caso de encontrar cascavéis. Atrás da construção, uma trilha levava pela encosta da colina na qual a entrada do Buraco ficava. Aquele lado era mais rochoso, não exatamente uma colina, era mais uma área erodida. Havia algumas latas de cerveja no caminho, e várias pedras tinham sido pichadas com coisas como SPANKY 11 e DOO-DAD ESTEVE AQUI.

Na metade da subida, outro caminho surgiu, aparentemente de volta até a lojinha esquecida e o estacionamento. Ali havia uma placa de madeira maltratada pelo tempo e cheia de buracos de bala que mostrava um cacique com cocar e tudo. Abaixo dele havia uma seta, e a mensagem estava tão apagada que mal dava para ler: MELHORES PICTOGRAMAS POR AQUI. Mais recentemente, algum palhaço tinha desenhado com canetinha um balão de diálogo saindo da boca do índio. Dizia CAROLYN ALLEN CHUPA O MEU PAU DE PELE-VERMELHA.

Esse caminho era mais largo, mas Jack não tinha ido até ali para admirar a arte dos nativo-americanos, então continuou subindo. A subida não era perigosa, mas as atividades físicas de Jack nos anos anteriores se resumiam a levantamento de copo em diversos bares. Quando alcançou três quartos do caminho, ficou sem fôlego. A camisa e a bandana estavam escuras de suor. Colocou a caixa da arma e a forquilha no chão, se inclinou e segurou os joelhos até os pontinhos pretos dançando na frente dos olhos dele desaparecerem e os batimentos cardíacos voltarem a algo perto do normal. Hoskins tinha ido até lá para evitar uma morte terrível por um câncer faminto comedor de pele que também levou a sua mãe. Morrer de infarto tentando fazer isso seria uma piada de mau gosto.

Ele começou a se empertigar, mas parou e apertou os olhos. Na sombra embaixo de um beiral, protegidas da ação do tempo, havia outras pichações. Mas se tinham sido feitas por adolescentes, eles já deviam estar mortos há centenas de anos. Uma imagem mostrava bonecos de palito com lanças em volta do que podia ser um antílope, ou uma coisa com chifres, pelo menos. Em outra, bonecos de palito estavam na frente do que parecia uma oca. Em uma terceira, quase apagada demais para conseguir entender, um boneco de palito estava de pé na frente do corpo caído de outro boneco de palito, a lança

erguida em triunfo.

Pictogramas, pensou Jack, *e nem são os bons, de acordo com o cacique lá atrás. Crianças de jardim de infância fazem melhor. Mas eles vão estar aqui depois de eu morrer. Principalmente se o câncer acabar comigo.*

A ideia o deixou com raiva. Ele pegou uma pedra afiada e bateu nas imagens até ficarem apagadas.

Pronto, pensou. *Pronto, seus merdas. Vocês desapareceram e eu venci.*

Ocorreu a Jack que ele podia estar enlouquecendo… ou talvez já estivesse louco. Ele afastou o pensamento e continuou subindo. Quando chegou ao topo da colina, descobriu que tinha uma boa vista do estacionamento, da lojinha e da entrada fechada do Buraco de Marysville. O visitante com as tatuagens nos dedos não tinha certeza se os intrometidos iriam até lá, mas, se fossem, Jack teria que cuidar deles. Ele não tinha dúvidas do que podia fazer com a Winchester. Se eles não fossem, se só voltassem para Flint City depois de conversar com o homem com quem foram conversar, o trabalho de Jack estaria feito. De qualquer modo, o visitante garantiu, Jack ficaria novinho em folha. Sem câncer.

E se ele estiver mentindo? E se ele puder dar, mas não tirar? E se não existir câncer nenhum? E se ele *não existir? E se você só estiver maluco?*

Ele também afastou esses pensamentos. Abriu o estojo da arma, tirou a Winchester e montou a mira. Aquilo deixava o estacionamento e a entrada da caverna bem na frente dele. Se os intrometidos aparecessem, estariam do tamanho da bilheteria que ele contornou.

Jack foi para a sombra de uma rocha protuberante (verificando antes se havia cobras, escorpiões ou outras formas de vida selvagem lá) e tomou um gole d'água, engolindo duas anfetaminas junto. Acrescentou um pouquinho do frasco de quatro gramas que Cody vendera para ele (não havia brindes quando se tratava do pó colombiano). Agora era só uma tocaia, como as dezenas que ele fez durante a sua carreira na polícia. Ele esperou, dando cochilos intermitentes com a Winchester no colo, mas sempre alerta o suficiente para detectar movimento, até o sol estar baixo no céu. Ele se levantou e fez uma careta por causa da rigidez dos músculos.

— Eles não vêm — disse. — Pelo menos não hoje.

Não, concordou o homem com as tatuagens nos dedos. (Ou Jack imaginou que ele tivesse concordado.) *Mas você vai voltar amanhã, não vai?*

Ele voltaria, sim. Durante uma semana, se fosse necessário. Um mês, até.

Jack desceu a colina, movendo-se com cuidado; a última coisa de que

precisava depois de horas no sol quente era um tornozelo torcido. Guardou a arma no estojo, tomou mais água da garrafa que tinha deixado na cabine da picape (estava morna agora, quase quente) e voltou para a rodovia, dessa vez virando na direção de Tippit, onde talvez pudesse comprar algumas coisas; protetor solar com certeza. E vodca. Não muita, ele tinha uma responsabilidade a cumprir, mas talvez o suficiente para conseguir se deitar na porcaria daquela cama bamba sem ficar pensando em como o sapato foi colocado na mão dele. Jesus, por que ele foi para aquela porra de celeiro no município de Canning?

Ele passou pelo carro de Claude Bolton indo na direção contrária. Um não reparou no outro.

9

— Certo — disse Lovie Bolton quando Claude estava na estrada e fora do campo de visão. — O que está acontecendo? O que não queriam que o meu filho ouvisse?

Yune a ignorou por um momento e virou para os outros.

— O xerife do condado de Montgomery mandou dois policiais olharem os lugares que Holly fotografou. Eles encontraram uma pilha de roupas ensanguentadas na fábrica abandonada com a suástica pichada na lateral. Um dos itens era um casaco de auxiliar com uma etiqueta dizendo PROPRIEDADE DO HMU costurada dentro.

— Heisman Memory Unit — disse Howie. — Quando analisarem o sangue nas roupas, o quanto querem apostar que vai ser de uma ou das duas garotas Howard?

— E as digitais que encontrarem vão ser de Heath Holmes — falou Alec. — Mas se ele já tivesse começado a transformação, podem estar borradas.

— Ou não — discordou Holly. — Nós não sabemos quanto tempo a transformação leva e nem se é igual todas as vezes.

— O xerife de lá tem perguntas — disse Yune. — Eu me esquivei delas. Considerando o que podemos estar enfrentando, espero poder me esquivar delas para sempre.

— Vocês têm que parar de falar entre si e me contar tudo — disse Lovie. — Por favor. Estou preocupada com o meu filho. Ele é tão inocente quanto os outros dois homens, e ambos estão mortos.

— Entendo a sua preocupação — disse Ralph. — Um minuto. Holly, quando você contou a história para os Bolton no trajeto do aeroporto,

mencionou os cemitérios? Não contou, né?

— Não. Só os pontos principais, você disse. Foi o que eu fiz.

— Ah, esperem aí — disse Lovie. — Esperem só um minutinho. Teve um filme que eu vi quando era garotinha em Laredo, um daqueles da lutadoras…

— *Lutadoras mexicanas enfrentam o monstro* — disse Howie. — Nós vimos. Uma parte, pelo menos. A sra. Gibney trouxe. Não é nível de Oscar, mas é interessante.

— Foi um dos que teve a participação de Rosita Muñoz — disse Lovie. — A *cholita luchadora*. Nós todas queríamos ser ela, eu e minhas amigas. Até me vesti como ela no Halloween. Minha mãe fez a fantasia. O filme sobre o *Cuco* foi apavorante. Tinha um professor… ou cientista, não lembro bem, mas *El Cuco* pega o rosto dele, e quando as *luchadoras* enfim o encontram, ele estava vivendo em uma cripta ou caverna no cemitério local. A história não é assim?

— É — disse Holly —, porque isso é parte da lenda, ao menos na versão espanhola. O *Cuco* dorme com os mortos. Como, em teoria, os vampiros fazem.

— Se essa coisa existe mesmo — disse Alec —, *é* um vampiro, ao menos de certa forma. Precisa de sangue para fazer o elo seguinte da corrente. Para se perpetuar.

Mais uma vez, Ralph pensou: *Vocês estão ouvindo o que dizem?* Ele gostava muito de Holly Gibney, mas também queria nunca tê-la conhecido. Graças a ela, havia uma guerra acontecendo na sua cabeça, e ele desejava desesperadamente uma trégua.

Holly se virou para Lovie.

— A fábrica vazia onde a polícia de Ohio encontrou as roupas ensanguentadas fica perto do cemitério onde Heath Holmes e os pais dele estão enterrados. Mais roupas foram encontradas em um celeiro não muito longe de um antigo cemitério onde alguns ancestrais de Terry Maitland estão enterrados. Então, a pergunta é a seguinte: tem algum cemitério por aqui?

Lovie pensou. Eles esperaram. Por fim, ela disse:

— Tem um cemitério em Plainville, mas não em Marysville. Porra, nós não temos nem igreja. Tinha uma, a Nossa Senhora da Misericórdia, mas pegou fogo vinte anos atrás.

— Merda — murmurou Howie.

— E um cemitério familiar? — perguntou Holly. — Às vezes, as pessoas enterram familiares na própria propriedade, não é?

— Bom, não sei as outras pessoas — respondeu a idosa —, mas *nós* nunca tivemos um. Minha mãe e meu pai estão enterrados em Laredo, e a mãe e o pai deles também. Antes disso, seria em Indiana, de onde a minha família migrou depois da Guerra de Secessão.

— E o seu marido? — perguntou Howie.

— George? A família dele era de Austin, e é lá que ele está enterrado, ao lado dos pais. Eu pegava o ônibus de vez em quando para ir visitá-lo, em geral no aniversário dele, levava flores e tudo, mas desde que essa DPOC começou, não fui mais.

— Bom, acho que acabou — disse Yune.

Lovie pareceu não ouvir.

— Eu cantava, sabe, quando ainda tinha fôlego. E tocava violão. Vim de Laredo para Austin depois do ensino médio por causa da música. Nashville South, é como chamam. Consegui um emprego na fábrica de papel na rua Brazos enquanto esperava pela minha grande chance no Carousel ou no Broken Spoke ou em qualquer lugar que fosse. Fazendo envelopes. Nunca tive a minha grande chance, mas me casei com o contramestre. Era George. E não me arrependi até ele se aposentar.

— Acho que estamos fugindo do assunto — disse Howie.

— Deixe ela falar — disse Ralph. Ele sentia um formigamento, a sensação de alguma coisa chegando. Ainda estava além do horizonte, mas chegando. — Continue, sra. Bolton.

Ela olhou para Howie com dúvida, mas quando Holly assentiu e sorriu, Lovie sorriu de volta, acendeu outro cigarro e continuou.

— Bom, depois de cumprir trinta anos de serviço e pegar a aposentadoria, George quis se mudar para cá, para o quintal no meio do nada. Claude só tinha doze anos, nós o tivemos tarde, bem depois de decidirmos que Deus não nos daria filhos. Claude nunca gostou de Marysville, sentia falta da agitação e dos amigos imprestáveis… as más companhias sempre foram o fraco dele. Eu também não gostei muito daqui no começo, mas passei a apreciar a tranquilidade. Quando se fica velho, é só isso que a gente quer. Vocês podem não acreditar nisso agora, mas vão ver. E aquela ideia de cemitério familiar nem é tão ruim agora que penso nela. Poderia ser pior do que ir parar debaixo da terra do quintal, mas acho que Claude vai acabar carregando o meu corpo e os meus ossos para Austin, para eu poder me deitar com o meu marido, como fiz na vida. E não vai demorar muito.

Ela tossiu, olhou para o cigarro com repulsa e o enfiou no meio dos outros

no cinzeiro lotado, onde fumegou malignamente.

— Sabem por que viemos parar em Marysville? George botou na cabeça que ia criar alpacas. Depois que elas morreram, o que não demorou, ele decidiu criar goldendoodles. Se vocês não sabem, goldendoodles são uma cruza de golden retriever com poodle. Vocês acham que a evolução aprova uma mistura dessas? Eu duvido. Foi o irmão dele que botou essa ideia na cabeça dele. Não tem idiota maior no planeta do que Roger Bolton, mas George achava que era dinheiro certo. Roger se mudou para cá com a família e os dois viraram sócios. Enfim, os filhotes de goldendoodle morreram, que nem as alpacas. George e eu ficamos meio apertados de dinheiro depois disso, mas tínhamos o suficiente para sobreviver. Só que Roger pôs todas as economias dele naquela ideia idiota. Então, ele foi procurar trabalho e…

Ela parou, uma expressão de surpresa surgindo no rosto.

— O que tem Roger? — perguntou Ralph.

— Porra — disse Lovie Bolton. — Eu sou velha, mas isso não é desculpa. Estava bem na minha cara.

Ralph se inclinou para a frente e segurou uma das mãos dela.

— Do que está falando, Lovie? — Ele usou o primeiro nome dela, como sempre acabava fazendo na sala de interrogatório.

— Roger Bolton e os dois filhos dele, primos de Claude, estão enterrados a menos de seis quilômetros daqui, junto com quatro outros homens. Ou talvez fossem cinco. E aquelas crianças, claro, os gêmeos. — Ela balançou a cabeça devagar para a frente e para trás. — Fiquei com tanta raiva quando Claude pegou seis meses em Gatesville por furto. E com vergonha. Foi quando ele começou a usar drogas, sabe? Mas vi depois que foi a misericórdia de Deus. Porque, se ele estivesse aqui, estaria com eles. Não o pai dele, àquela altura George já tinha tido dois ataques cardíacos e não podia ir, mas Claude… sim, ele teria ido com eles.

— Para onde? — perguntou Alec. Ele estava inclinado para a frente agora, olhando intensamente para ela.

— Para o Buraco de Marysville — respondeu ela. — Foi lá que os homens morreram e onde estão até hoje.

10

Ela contou que foi como naquela parte de *Tom Sawyer*, quando Tom e Becky se perdem na caverna, só que eles conseguiram sair depois. Os gêmeos Jamieson, com apenas onze anos, nunca saíram. Nem aqueles que tentaram

salvá-los. O Buraco de Marysville engoliu todos.

— Foi onde seu cunhado conseguiu trabalho depois que a criação de cachorros deu errado? — perguntou Ralph.

Ela assentiu.

— Ele já tinha feito algumas explorações lá, não na parte pública, mas no lado Ahiga. Quando se candidatou, foi contratado como guia em um piscar de olhos. Ele e os outros guias levavam os turistas em grupos de doze, mais ou menos. É a maior caverna de todo o Texas, mas a parte mais popular, a que as pessoas queriam mesmo ver, era a câmara principal. Era um lugar incrível. Parecia uma catedral. Chamavam de Câmara do Som, por causa da… como é que se diz?… da acústica. Um dos guias ficava embaixo, uns cento e vinte ou cento e cinquenta metros abaixo, e sussurrava o juramento à bandeira, e as pessoas no alto ouviam cada palavra. Os ecos pareciam não parar nunca. Além disso, as paredes eram cobertas com desenhos indígenas, esqueci a palavra pra isso…

— Pictogramas — disse Yune.

— É. Cada pessoa recebia um lampião a gás Coleman quando entrava, para poder olhar os desenhos ou as estalactites penduradas no teto. Tinha uma escada de ferro em espiral que ia até o fundo, quatrocentos degraus ou mais, girando, e girando, e girando. Ainda está lá, eu acredito, mas não confiaria nela agora. É úmido lá embaixo, e ferro enferruja. A única vez que desci a escada, fiquei muito tonta, e eu nem estava olhando para as estalactites, como a maioria das pessoas. Podem acreditar que tomei o elevador para subir. Descer é uma coisa, mas só um idiota sobe quatrocentos degraus quando não precisa fazer isso.

“O fundo tinha uns duzentos metros de um lado a outro. Havia luzes coloridas para exibir os rastros de minerais nas pedras, uma lanchonete e seis ou oito passagens para explorar. Tinham nomes. Não consigo lembrar, mas tinha a Galeria de Arte Navajo, onde ficava a maior parte dos pictogramas, o Escorrega do Diabo e a Barriga da Cobra, onde você tinha que se inclinar e engatinhar em algumas partes. Dá para imaginar?”

— Dá — disse Holly. — Ai.

— Essas eram as principais. Havia ainda mais saindo *delas*, mas estavam fechadas, porque o Buraco não é só uma caverna, mas dezenas que descem e descem. Algumas nunca foram exploradas.

— Fácil de se perder — disse Alec.

— Pode apostar. O que aconteceu foi o seguinte. Havia duas ou três

aberturas a partir da passagem da Barriga da Cobra que *não* estavam fechadas por tábuas e nenhum outro tipo de barreira porque eram consideradas pequenas demais para serem motivo de preocupação.

— Só que não eram pequenas demais para os gêmeos — supôs Ralph.

— Acertou na mosca. Carl e Calvin Jamieson. Dois pirralhos atrás de confusão, e conseguiram encontrar. Eles estavam com o grupo que entrou na Barriga da Cobra, logo atrás da mãe e do pai no fim da fila, mas não estavam mais com eles quando saíram. Os pais… bom, não preciso dizer como foi difícil pra eles, preciso? Meu cunhado não era o guia do grupo do qual a família Jamieson fazia parte, mas estava no grupo de busca que foi atrás deles. Meu palpite era de que ele foi o guia desse grupo, mas não tenho como saber.

— Os filhos dele também faziam parte do grupo? — perguntou Howie. — Os primos de Claude?

— Sim, senhor. Os garotos trabalhavam lá meio período e foram correndo assim que souberam. Muita gente foi, porque a notícia se espalhou como um incêndio na floresta. No começo, não pareceu que seria um grande problema. Eles ouviam os garotos gritando de todas as aberturas que saíam da Barriga da Cobra, e sabiam exatamente em qual eles tinham entrado, porque, quando um dos guias apontou a lanterna, deu para ver um chefe Ahiga de plástico que o sr. Jamieson tinha comprado para um dos filhos na lojinha. Deve ter caído do bolso quando ele estava engatinhando. Como falei, todo mundo os ouvia gritando, mas nenhum dos adultos cabia no Buraco. Não dava nem para alcançar o brinquedo. Eles gritaram para os garotos voltarem até o som das vozes deles, e se não houvesse espaço para dar meia-volta, era para virem de ré. Apontaram lanternas e as balançaram. No começo pareceu que os garotos estavam chegando mais perto, mas, de repente, as vozes começaram a ficar mais distantes, e mais ainda, até finalmente sumirem. Se querem saber a minha opinião, eles nunca chegaram perto.

— A acústica engana — disse Yune.

— *Sí, señor*. Então Roger disse que eles deviam ir para o lado Ahiga, que ele conhecia bem das explorações que tinha feito, o que chamam de espeleologia. Quando chegaram lá, ouviram os garotos de novo, com clareza, chorando e gritando, e pegaram cordas e luzes do galpão de equipamentos e entraram para buscá-los. Parecia a coisa certa a ser feita, mas acabou sendo o fim deles.

— O que aconteceu? — perguntou Yune. — Você sabe? Alguém sabe?

— Bom, como eu disse, o lugar é um labirinto. Eles deixaram um homem para ir passando a corda e amarrar mais, caso precisassem. Ev Brinkley, era o nome dele. Ele saiu da cidade pouco depois. Foi para Austin. Ficou de coração partido… mas pelo menos estava vivo e era capaz de andar no sol. Aqueles outros… — Lovie suspirou. — Não tem mais luz do sol pra eles.

Ralph pensou na situação, no horror, e viu o que sentia no rosto dos outros.

— Ev estava nas últimas dezenas de metros de corda livre quando ouviu uma coisa que disse que parecia uma bombinha colocada embaixo de uma tigela de metal. O que deve ter acontecido foi que algum idiota disparou com uma pistola, torcendo para atrair os garotos para o grupo de busca, e houve um desabamento. Não foi Roger quem fez isso, eu apostaria mil dólares. O velho Rog era um idiota em relação a muitas coisas, principalmente sobre aqueles cachorros, mas nunca o suficiente para disparar uma arma em uma caverna, onde o ricochete poderia ir para qualquer lugar.

— E onde o som poderia fazer um pedaço do teto desabar — disse Alec. — Deve ter sido como disparar uma arma para dar início a uma avalanche nas terras altas.

— Então eles foram esmagados — disse Ralph.

Lovie suspirou e ajeitou a cânula, que tinha ficado torta.

— Não. Talvez fosse melhor se tivessem sido. Pelo menos teria sido rápido. Mas as pessoas na caverna grande, a Câmara do Som, conseguiam ouvi-los pedindo ajuda, que nem os meninos. Àquela altura, havia sessenta ou setenta homens e mulheres lá, ansiosos para fazer o que pudesse ser feito. Meu George tinha que estar lá, pois o irmão e os sobrinhos dele estavam entre os perdidos, e desisti de segurá-lo em casa. Fui com ele, para ter certeza de que não ia tentar fazer nenhuma besteira, como entrar atrás. Isso o teria matado.

— E quando esse acidente aconteceu — disse Ralph —, Claude estava no reformatório?

— Escola de Treinamento de Gatesville, acho que era o nome, mas, sim, era um reformatório.

Holly tirara um bloco amarelo da bolsa e estava inclinada sobre ele, fazendo anotações.

— Quando cheguei no Buraco com George, estava escuro. O estacionamento é de bom tamanho, mas estava quase todo lotado. Instalaram umas luzes fortes em postes, e com todas as picapes e pessoas correndo de um lado para outro, parecia que estavam fazendo um filme de Hollywood.

Entraram pela parte Ahiga carregando lanternas de dez células, usando capacetes e casacos acolchoados como jaquetas protetoras. Eles seguiram a corda até o desabamento. Foi um longo caminho, até tiveram que atravessar água parada em uma parte. O desabamento foi bem ruim. Eles levaram a noite inteira e metade da manhã seguinte para abrir caminho. Àquela altura, as pessoas na caverna grande não ouviam mais os perdidos gritando.

— O grupo do seu cunhado não ficou esperando pelo resgate do outro lado, imagino — disse Yune.

— Não, eles tinham desaparecido. Roger ou um dos outros pode ter achado que sabia um caminho de volta até a caverna principal, ou talvez estivessem com medo de que outras partes do teto desabassem. Não dá pra saber. Mas eles deixaram um rastro, pelo menos no começo: marcas nas paredes, lixo no chão, moedas e pedaços de papel. Um homem deixou o cartão de boliche de Tippit Lanes. Mais um carimbo e ele ganharia um jogo de graça. Estava no papel.

— Como João e Maria, deixando a trilha de miolo de pão — refletiu Alec.

— De repente, tudo sumiu — disse Lovie. — Bem no meio de uma galeria. As marcas, as moedas, as bolinhas de papel. Tudo.

Como as pegadas da história de Bill Samuels, pensou Ralph.

— O segundo grupo de busca continuou andando por mais um tempo, chamando e balançando a lanterna, mas ninguém respondeu. O homem que escreveu a notícia no jornal de Austin entrevistou uns sujeitos do segundo grupo de busca e todos disseram a mesma coisa: havia caminhos demais para escolher, todos descendo, alguns sem saída e outros indo até chaminés tão escuras quanto poços. Eles não podiam gritar por medo de dar início a outro desabamento, mas um deles gritou mesmo assim, e realmente outro pedaço do teto caiu. Foi quando concluíram que era melhor sair de lá.

— Mas com certeza eles não abandonaram a busca depois de uma tentativa — disse Howie.

— Não, claro que não. — Ela pegou outra coca no isopor, abriu e tomou metade de uma vez. — Não estou acostumada a falar tanto, e fico com a boca seca. — Ela verificou o tanque de oxigênio. — Está quase acabando, mas tem outro ali no banheiro, com o resto dos meus remédios, se alguém puder buscar.

Alec Pelley cuidou dessa tarefa, e Ralph ficou aliviado quando a mulher não tentou acender um cigarro enquanto os tanques eram trocados. Quando o oxigênio estava fluindo de novo, ela continuou a história.

— Houve mais de *dez* grupos de busca que foram lá ao longo dos anos, até o terremoto de 2007. Depois disso, passou a ser considerado perigoso demais. O terremoto atingiu só três ou quatro graus na escala Richter, mas cavernas são frágeis. A Câmara do Som aguentou bem, apesar de algumas estalactites terem caído do teto. Algumas passagens desabaram. Sei que a que chamavam de Galeria de Arte foi uma delas. Desde o terremoto, o Buraco de Marysville está fechado. A entrada principal está bloqueada, e acredito que a de Ahiga também.

Por um momento, ninguém falou nada. Ralph não sabia em relação aos outros, mas estava pensando em como deve ter sido morrer lentamente debaixo da terra, na escuridão. Não queria pensar nisso, mas não conseguia evitar.

Lovie disse:

— Sabem o que Roger me falou uma vez? Não pode ter sido mais de seis meses antes de ele morrer. Ele disse que o Buraco de Marysville talvez fosse até o inferno. E isso o torna um lugar onde esse seu forasteiro se sentiria em casa, não acham?

— Nem uma palavra sobre isso com Claude quando ele voltar — disse Holly.

— Ah, ele sabe — disse Lovie. — Eram a família dele. Claude não gostava muito dos primos, eles eram mais velhos e pegavam muito no pé dele, mas ainda assim eram família.

Holly abriu um sorriso, mas não aquele radiante. Não chegou aos olhos dela.

— Tenho certeza de que sabe, mas ele não sabe que *nós* sabemos. E é assim que tem que ficar.

11

Lovie, agora parecendo extremamente cansada, quase exausta, disse que a cozinha era pequena demais para sete pessoas comerem com conforto, então eles teriam que fazer a refeição no quintal, no que ela chamou de gazebo. Ela contou (com orgulho) que Claude o construiu para ela com um kit que comprou no Home Depot.

— Às vezes, fica meio quente lá, mas costuma bater uma brisa a essa hora do dia, e tem tela para proteger dos insetos.

Holly sugeriu que a idosa fosse se deitar um pouco e deixasse o grupo arrumar as coisas para o jantar lá fora.

— Mas vocês não sabem onde ficam as coisas!
— Não se preocupe com isso — respondeu Holly. — Encontrar coisas é o meu trabalho. E esses cavalheiros vão ajudar, tenho certeza.
Lovie cedeu e foi até o quarto, onde a ouviram grunhindo com o esforço e depois o gemido das molas da cama.
Ralph saiu para a varanda para ligar para Jeannie, que atendeu no primeiro toque.
— E. T. telefona casa — disse ela com alegria.
— Tudo tranquilo por aí?
— Exceto a televisão. Os policiais Ramage e Yates estão assistindo a corridas da NASCAR. Acho que apostas foram feitas, mas eles comeram todos os brownies.
— Lamento ouvir isso.
— Ah, e Betsy Riggins passou aqui para mostrar o bebê. Eu nunca diria para ela, mas o achei um pouco parecido com Winston Churchill.
— Aham. Escuta, acho que Troy ou Tom deviam passar a noite aí.
— Eu tinha pensado nos dois. Na cama comigo. Podemos nos aconchegar. Talvez até ficarmos abraçadinhos.
— Que boa ideia. Não se esqueça de tirar fotos. — Havia um carro se aproximando: Claude Bolton voltando de Tippit com o jantar. — Tranque tudo e ligue o alarme, tá bom?
— As trancas e o alarme não ajudaram na outra noite.
— Faça as duas coisas de qualquer jeito só para eu dormir tranquilo. — O homem que era idêntico ao visitante noturno da sua esposa estava naquele momento saindo do carro, e vê-lo provocou em Ralph uma sensação estranha de visão dupla.
— Tudo bem. Vocês descobriram alguma coisa?
— Difícil saber. — Isso não era exatamente verdade; Ralph achava que eles tinham descoberto muita coisa, mas nenhuma delas boa. — Vou tentar ligar de novo mais tarde. Agora tenho que ir.
— Tudo bem. Fique em segurança.
— Vou ficar. Te amo.
— Também te amo. E estou falando sério: *Fique em segurança*.
Ele desceu os degraus da varanda para ajudar Claude com as sacolas do Highway Heaven.
— A comida está fria, como eu falei. Mas ela me escuta? Nunca escutou e nunca vai escutar.

— Não tem problema.

— Frango requentado sempre fica duro. E escolhi purê de batata, porque batata frita requentada é horrível.

Eles foram na direção da casa. Claude parou no pé da escada da varanda.

— Tiveram uma boa conversa com a minha mãe?

— Sim — respondeu Ralph, se perguntando como lidar com aquilo. No fim das contas, Claude resolveu por ele.

— Não me conte. Pode ser que o cara consiga ler a minha mente.

— Então você acredita nisso? — Ralph estava curioso.

— Acredito que aquela mulher acredita. Aquela Holly. E acredito que alguém pode ter estado aqui ontem à noite. Então, nem quero saber o que conversaram.

— Talvez seja melhor. Mas, Claude? Acho que um de nós devia ficar aqui com você e a sua mãe hoje. Eu estava pensando que o tenente Sablo podia fazer isso.

— Você espera problemas? Porque a única coisa que estou sentindo agora é fome.

— Não problemas, exatamente — disse o detetive. — Só estava pensando que, se alguma coisa ruim acontecer por perto, e se por acaso alguma testemunha disser que a pessoa que fez essa coisa ruim era muito parecida com Claude Bolton, seria bom ter um policial que pudesse testemunhar que você nunca saiu da casa da sua mãe.

Claude pensou.

— Talvez não seja má ideia. Só que não temos quarto de hóspedes nem nada. O sofá vira cama, mas, às vezes, minha mãe se levanta quando não consegue voltar a dormir e vai para a sala assistir à televisão. Ela gosta daqueles pastores inúteis que ficam gritando pedindo oferendas. — Ele sorriu. — Mas tem um colchão na parte de trás, e vai ser uma noite quente. Ele pode acampar lá fora.

— No gazebo?

Claude sorriu.

— Isso mesmo! Eu mesmo construí aquilo.

12

Holly colocou o frango no forno por cinco minutos, que esquentou e ficou com a pele torradinha. Os sete comeram no gazebo (havia uma rampa para a cadeira de rodas de Lovie), e a conversa foi agradável e animada. Claude era

um ótimo contador de histórias, e falou sobre a sua movimentada carreira de “segurança” do Gentlemen, Please. Os casos eram engraçados, sem serem cruéis ou preconceituosos, e ninguém riu mais do que a mãe de Claude. Ela riu até ter outro ataque de tosse quando Howie contou a história de como um dos seus clientes, em uma tentativa de provar que não era mentalmente adequado para ir a julgamento, tirou a calça no tribunal e balançou o pênis para o juiz.

O motivo para a viagem até Marysville nem foi mencionado.

O descanso de Lovie antes do jantar foi curto, e quando a refeição terminou, ela anunciou que voltaria para a cama.

— Quando a gente compra comida pronta, não suja muita louça — disse ela —, e posso lavar de manhã o que tem. Consigo lavar a louça da cadeira mesmo, só tenho que tomar cuidado com a porcaria do tanque de oxigênio. — Ela se virou para Yune. — Tem certeza de que vai ficar bem aqui fora, policial Sablo? E se alguém vier, como ontem à noite?

— Estou armado, senhora — disse Yune —, e aqui é muito agradável.

— Bom… você pode entrar a qualquer momento. O vento pode ficar forte depois da meia-noite. A porta dos fundos vai estar trancada, mas a chave está embaixo daquele *olla de barro*. — Ela apontou para o velho vaso, cruzou as mãos sobre o busto considerável e fez uma pequena inclinação. — Vocês são boa gente, e agradeço por terem vindo aqui ajudar o meu filho. — Com isso, ela se afastou. Os seis ficaram ali mais um pouco.

— Ela é uma boa mulher — disse Alec.

— É — falou Holly. — É, sim.

Claude acendeu um Tiparillo.

— A polícia está do meu lado — disse ele. — Essa experiência é nova. Gostei.

Holly perguntou:

— Tem Walmart em Plainville, sr. Bolton? Preciso fazer umas compras e adoro Walmarts.

— Não, e fico feliz por não ter, porque a minha mãe também adora, e eu nunca conseguiria tirar ela de lá. O mais próximo que temos por aqui é o Home Depot de Tippit.

— Deve servir — disse ela, e se levantou. — Vamos lavar a louça para Lovie não precisar fazer nada de manhã, depois vamos embora. Amanhã estaremos aqui para buscar o tenente Sablo e depois voltaremos para casa. Acho que fizemos tudo que podíamos fazer. Não concorda, Ralph?

Os olhos dela o instruíram sobre o que dizer, e ele respondeu.
— Claro.
— Sr. Gold? Sr. Pelley?
— Acho que está tudo resolvido — disse Howie.
Alec seguiu a deixa.
— Acho que terminamos aqui, sim.

13

Apesar de voltarem para dentro da casa somente quinze minutos depois de Lovie ter ido para a cama, eles já conseguiam ouvir roncos altos vindos do quarto. Yune encheu a pia de água com detergente, enrolou as mangas da camisa e começou a lavar as poucas louças que foram usadas. Ralph secou, e Holly guardou. A luz da noite ainda estava forte, e Claude estava lá fora com Howie e Alec, conhecendo a propriedade e procurando sinais do invasor da noite anterior… isso se tivesse havido algum.

— Eu ficaria bem mesmo que tivesse deixado a arma em casa — comentou Yune. — Tive que passar pelo quarto da sra. Bolton para entrar no banheiro onde ela guarda o oxigênio, e ela tem muitas armas. Há uma pistola Ruger American na mesa de cabeceira com pente adicional ao lado, e uma Remington gauge 12 encostada no canto, ao lado do aparelho Electrolux. Não sei o que Claude carrega, mas com certeza deve ter alguma coisa.

— Ele não é ex-presidiário? — perguntou Holly.

— É — concordou Ralph —, mas aqui é o Texas. E ele me parece reabilitado.

— Sim — disse ela. — Parece mesmo, não é?

— Também acho — disse Yune. — Parece que ele deu uma guinada na vida. Já vi acontecer quando as pessoas entram no AA ou no NA. Quando funciona, é um milagre. Mesmo assim, esse forasteiro não podia ter escolhido um rosto melhor para se esconder, não acham? Considerando a história dele de tráfico de drogas, sem mencionar um passado com gangues como o Satan’s Seven, quem acreditaria se ele dissesse que estava sendo incriminado por alguma coisa?

— Ninguém acreditou em Terry Maitland — disse Ralph com tom pesaroso —, e ele era imaculado.

14

Já era hora do crepúsculo quando eles chegaram ao Home Depot, e depois

das nove quando voltaram ao Indian Motel (observados por Jack Hoskins, mais uma vez vendo pelas cortinas do quarto e massageando obsessivamente a nuca).

Eles levaram as compras para o quarto de Ralph e colocaram tudo na cama: cinco lanternas UV curtas (com pilhas extras) e cinco capacetes amarelos.

Howie pegou uma das lanternas e fez uma careta pelo brilho roxo.

— Essa coisa vai mesmo captar as marcas dele? Os rastros?

— Vai, se houver algum — disse Holly.

— Hum. — Howie pôs a lanterna na cama, vestiu um dos capacetes e foi até o espelho acima da cômoda para se avaliar. — Estou ridículo — disse ele.

Ninguém discordou.

— Nós vamos mesmo fazer isso? *Tentar*, pelo menos? Não é uma pergunta retórica, aliás. Sou eu tentando aceitar isso como fato.

— Acho que teríamos dificuldade em convencer a Patrulha Rodoviária do Texas a participar — disse Alec com calma. — O que diríamos a eles? Que achamos que tem um monstro escondido no Buraco de Marysville?

— Se não formos — disse Holly —, ele vai matar mais crianças. É assim que aquela coisa vive.

Howie se virou para ela de forma quase acusatória.

— Como vamos entrar? A velha senhora disse que o lugar é mais inacessível do que calcinha de freira. E mesmo que entrássemos, onde está a corda? O Home Depot não vende corda? Deve vender.

— Acho que não vamos precisar — disse ela, baixinho. — Se ele estiver lá dentro, e tenho quase certeza de que está, não vai ter ido fundo. Primeiro, por medo de se perder, ou de ficar preso em um desabamento. Além disso, acho que está fraco. Ele devia estar na parte de hibernação do ciclo, mas, na verdade, só está se cansando mais.

— Ao se projetar — falou Ralph. — É nisso que você acredita.

— É. O que Grace Maitland viu, o que a sua esposa viu… acredito que tenham sido projeções. Acho que uma pequena parte do eu físico dele *estava* lá, é por isso que tem rastros na sua sala, por isso que ele pôde mover a cadeira e acender a luz do fogão, mas não o suficiente para deixar marcas no tapete novo. Fazer isso deve cansá-lo. Acho que ele deve ter aparecido integralmente uma vez só, no tribunal no dia em que Terry Maitland levou o tiro. Porque estava com fome e sabia que haveria muito para comer ali.

— Ele estava lá em carne e osso, mas não apareceu nas filmagens? —

perguntou Howie. — Como um vampiro, que não provoca reflexo no espelho?
Ele falou como se esperando que ela negasse, mas Holly não negou nada.
— Exato.
— Então você acha que ele é sobrenatural. Um ser sobrenatural.
— Eu não sei o que ele é.
Howie tirou o capacete e o jogou na cama.
— Palpites. É só isso que você tem.
Holly pareceu magoada e sem saber como responder. Ela também não percebeu o que Ralph viu e tinha certeza de que Alec também tinha visto: Howie estava com medo. Se essa coisa desse errado, não havia juiz com quem protestar. Ele não poderia pedir anulação de julgamento.
Ralph falou:
— Ainda tenho dificuldade de aceitar todas essas coisas sobre *El Cuco* e metamorfose, mas *houve* um forasteiro, isso eu aceito agora. Por causa da ligação com Ohio e porque Terry Maitland não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo.
— O forasteiro fez besteira nisso — disse Alec. — Ele não sabia que Terry estaria na convenção em Cap City. A maioria dos bodes expiatórios que ele escolhia devia ser como Heath Holmes, com álibis mais furados do que queijo suíço.
— Não faz sentido — disse Ralph.
Alec ergueu as sobrancelhas.
— Se ele pegou de Terry… não sei como dizer. As lembranças, claro, mas não *apenas* as lembranças. Uma espécie de…
— Uma espécie de mapa da consciência dele — disse Holly, baixinho.
— Tudo bem, pode chamar assim — disse Ralph. — Consigo aceitar que tem coisas que ele deixaria passar, assim como os leitores dinâmicos deixam passar detalhes quando leem um livro, mas aquela convenção seria algo importante para Terry.
— Então por que o *Cuco* ainda… — disse Alec.
— Talvez ele não tivesse opção. — Holly tinha pegado uma das lanternas UV e a apontou para a parede, onde uma marca fantasmagórica da mão de algum hóspede anterior sobressaiu. Era uma coisa que Ralph poderia ter ficado sem ver. — Talvez ele estivesse com fome demais para esperar por um momento melhor.
— Ou talvez não ligasse — disse Ralph. — Serial killers muitas vezes

chegam a esse ponto, em geral pouco antes de serem pegos. Bundy, Speck, Gacy… todos chegaram a um ponto em que começaram a acreditar que eram a própria lei. Deuses. Ficaram arrogantes e exageraram. E esse forasteiro nem exagerou tanto assim, não acham? Pensem bem. Nós íamos levar Terry para a denúncia, e ele seria julgado pelo assassinato de Frank Peterson apesar de tudo que sabíamos. Nós tínhamos certeza de que o álibi dele era falso, por mais forte que fosse.

E parte de mim ainda quer acreditar nisso. A alternativa vira tudo que eu achava que entendia sobre o mundo de cabeça para baixo.

Ele se sentiu febril e um pouco enjoado. Como um homem normal do século XXI podia aceitar um monstro metamorfo? Se eles acreditassem no forasteiro de Holly Gibney, no *El Cuco* dela, então tudo estava valendo. Não havia fim para o universo.

— Ele não está tão arrogante agora — disse Holly, em voz baixa. — Ele está acostumado a ficar no mesmo lugar durante meses depois de matar e enquanto faz a sua transformação. Ele só se desloca quando a mudança se completa ou está quase completa. É nisso que acredito, com base no que li e no que descobri em Ohio. Mas o padrão habitual dele foi rompido. Ele teve que fugir de Flint City quando aquele garoto descobriu que ele estava ficando no celeiro. Ele sabia que a polícia ia aparecer cedo ou tarde. Então, veio para cá, para ficar perto de Claude Bolton, e encontrou a casa perfeita.

— O Buraco de Marysville — disse Alec.

Holly assentiu.

— Mas ele não sabe que nós sabemos. Essa é a nossa vantagem. Claude sabe que o tio e os primos estão enterrados lá, sim. O que ele não sabe é como o forasteiro hiberna nos lugares onde há mortos ou perto deles, preferivelmente com parentes da pessoa na qual ele está se transformando. Tenho certeza de que funciona assim. Deve ser.

Mas só porque você quer, pensou Ralph. Porém, ele não conseguiu encontrar nenhum buraco na lógica dela. Isso se ele aceitasse o postulado básico de um ser sobrenatural que tinha que seguir certas regras, talvez por tradição, talvez por algum imperativo desconhecido que nenhum deles seria capaz de entender.

— Nós podemos ter certeza de que Lovie não vai contar para ele? — perguntou Alec.

— Acho que sim — disse Ralph. — Ela vai ficar quieta pelo bem do filho.

Howie pegou uma das lanternas e apontou para o ar-condicionado

barulhento, encontrando um grupo de digitais brilhando como um espectro. Ele a desligou e disse:

— E se ele tiver um ajudante? O conde Drácula tinha aquele tal de Renfield. O dr. Frankenstein tinha um corcunda, Igor…

Holly falou:

— Esse é um engano popular. No filme original do Frankenstein, o assistente do médico se chamava Fritz e foi interpretado por Dwight Frye. Mais tarde, Béla Lugosi…

— A correção é válida — disse Howie —, mas a pergunta também: e se o nosso forasteiro tiver um cúmplice? Alguém com a ordem de ficar de olho na gente? Isso não faz sentido? Mesmo que o forasteiro não saiba o que descobrimos sobre o Buraco de Marysville, ele sabe que estamos perto demais para relaxar.

— Entendo o que quer dizer, Howie — disse Alec —, mas serial killers costumam ser solitários, e os que ficam livres por mais tempo são andarilhos. Há exceções, mas não acho que esse cara seja uma. Ele foi de Dayton para Flint City. Se investigássemos a partir de Ohio, talvez encontrássemos crianças assassinadas em Tampa, na Flórida, ou em Portland, no Maine. Existe um provérbio africano que diz: *Quem viaja sozinho viaja mais rápido*. E, falando de forma prática, quem ele poderia contratar para um serviço desses?

— Um maluco — disse Howie.

— Tudo bem — falou Ralph —, mas de onde? Ele parou na loja de malucos e comprou um?

— Tá bom — disse Howie. — O monstro está sozinho, escondido no Buraco de Marysville esperando que a gente vá pegar ele, o arraste para o sol, ou enfie uma estaca no coração, ou as duas coisas.

— No livro de Stoker — disse Holly —, eles cortam a cabeça do Drácula quando o pegam e enchem a sua boca de alho.

Howie jogou a lanterna na cama e levantou as mãos.

— Ah, sem problemas. Vamos dar uma paradinha no Shopwell para comprar alho. E um cutelo para carne, já que não compramos uma serra no Home Depot.

Ralph disse:

— Acho que uma bala na cabeça deve funcionar bem.

Eles pensaram nisso em silêncio por um momento, e Howie disse que ia para a cama.

— Mas, antes de ir, gostaria de saber qual é o plano para amanhã.

Ralph esperou que Holly esclarecesse esse ponto para o advogado, mas ela só olhou para Ralph. Ele ficou sobressaltado e comovido com as bolsas debaixo dos olhos dela e com as linhas que tinham aparecido nos cantos da boca. O próprio Ralph estava cansado, ele achava que todos estavam, mas Holly Gibney devia estar exausta àquela altura, funcionando apenas à base dos nervos. E considerando o corpo magro, ele achava que para ela isso seria como correr sobre espinhos. Ou vidro quebrado.

— Nada antes das nove — disse Ralph. — Vamos todos precisar de pelo menos oito horas de sono, até mais se possível. Depois, arrumamos as nossas coisas, fazemos o check-out, vamos até a casa dos Bolton e pegamos Yune. De lá, vamos para o Buraco de Marysville.

— A direção vai ser a errada se queremos que Claude ache que vamos voltar para casa — disse Alec. — Ele vai se perguntar por que não estamos indo para Plainville.

— Tudo bem, vamos dizer para Claude e Lovie que temos que ir a Tippit primeiro porque… humm, não sei, temos mais compras a fazer no Home Depot?

— Péssima desculpa — disse Howie.

Alec perguntou:

— Quem foi o policial estadual que foi conversar com Claude? Você lembra?

Ralph não lembrou de imediato, mas tinha anotado no iPad. Rotina era rotina, mesmo quando se estava atrás do bicho-papão.

— O nome dele era Owen Sipe. Cabo Owen Sipe.

— Certo. Diga para Claude e para a mãe dele, que é a mesma coisa que contar para o forasteiro se ele conseguir mesmo entrar na cabeça de Claude, que você recebeu uma ligação do cabo Sipe dizendo que um homem parecido com a descrição de Claude é procurado em Tippit para interrogatório em relação a um assalto ou roubo de carro, talvez uma invasão de domicílio. Yune pode confirmar que Claude estava em casa a noite toda…

— Não se estiver dormindo no gazebo — disse Ralph.

— Você está me dizendo que ele não teria ouvido Claude ligar o carro? Aquela coisa precisava de um silenciador novo há dois anos.

Ralph sorriu.

— Tem razão.

— Tudo bem, então você diz que nós vamos até Tippit para verificar isso,

e se não der em nada, vamos voltar para Flint City. Parece bom?

— Parece ótimo — disse Ralph. — Só temos que tomar cuidado para Claude não ver as lanternas e os capacetes.

15

As onze horas chegaram e passaram, e Ralph estava deitado na cama bamba no quarto, sabendo que devia apagar a luz, mas sem conseguir apagá-la. Ele tinha ligado para Jeannie e conversado com ela por quase meia hora, um pouco sobre o caso, um pouco sobre Derek, mas a maior parte da conversa sobre besteiras. Depois disso, tentou a televisão, pensando que um dos pregadores noturnos de Lovie Bolton poderia funcionar como um remédio para dormir, ou pelo menos sufocar a agitação constante dos seus pensamentos, mas quando ligou o aparelho, só encontrou uma mensagem dizendo: NOSSO SATÉLITE ESTÁ COM PROBLEMAS, AGRADECEMOS A PACIÊNCIA.

Ele estava estendendo a mão para o abajur quando uma batida leve soou na porta. Ralph atravessou o quarto, esticou a mão para a maçaneta, pensou melhor e olhou pelo olho mágico. Não adiantou nada, estava sujo ou coberto.

— Quem é?

— Eu — disse Holly. A voz soou baixa como a batida.

Ele abriu a porta. A camiseta dela estava para fora da calça, e o paletó do terninho, que ela tinha vestido para se proteger do friozinho da noite, estava caído comicamente de um lado. O cabelo grisalho curto voava no vento. Ela estava segurando o iPad. Ralph de repente percebeu que estava de cueca boxer, com a frente sem botão provavelmente um pouco aberta. Ele se lembrou de uma coisa que diziam quando ele era criança: *Quem te deu permissão de vender salsicha?*

— Eu acordei você — afirmou ela.

— Não, não acordou. Entre.

Ela hesitou, mas entrou no quarto e se sentou na cadeira enquanto ele vestia a calça.

— Você precisa dormir um pouco, Holly. Parece bem cansada.

— Estou mesmo. Mas às vezes tenho a impressão de que, quanto mais cansada fico, mais difícil é dormir. Principalmente se estou preocupada e ansiosa.

— Já tentou zolpidem?

— Não é recomendado para quem toma antidepressivos.

— Entendi.

— Fiz umas pesquisas. Às vezes, isso me ajuda a dormir. Comecei pesquisando os artigos de jornal em relação à tragédia sobre a qual a mãe de Claude nos contou. Houve muita cobertura e bastante história. Achei que talvez gostasse de saber.

— Vai nos ajudar?

— Acho que sim.

— Então quero ouvir.

Ele foi para a cama, e Holly chegou para a beira do assento, os joelhos unidos.

— Tudo bem. Lovie falou várias vezes sobre o lado Ahiga, e disse que um dos gêmeos Jamieson deixou cair um chefe Ahiga de plástico do bolso. — Ela abriu o iPad. — Essa foto foi tirada em 1888.

A fotografia em tom sépia mostrava um nativo-americano com aparência nobre de perfil. Ele estava usando um cocar que descia até metade das costas.

— Por um tempo, o chefe viveu com um pequeno grupo de Navajos na reserva Tigua, perto de El Paso, depois se casou com uma mulher branca e se mudou primeiro para Austin, onde sofreu preconceito, depois para Marysville, onde foi aceito como membro da comunidade após cortar o cabelo e declarar a sua fé cristã. A esposa dele tinha um pouco de dinheiro, e eles abriram o entreposto comercial de Marysville. Que acabou se tornando o Indian Motel e Café.

— Lar, doce lar — disse Ralph, olhando para o quarto velho.

— É. Aqui está o chefe Ahiga em 1926, dois anos antes de morrer. Àquela altura, ele já tinha mudado o nome para Thomas Higgins. — Holly lhe mostrou uma segunda foto.

— Puta merda! — exclamou Ralph. — Eu diria que ele ficou nativo, mas isso está mais para o oposto.

Era o mesmo perfil nobre, mas agora a bochecha virada para a câmera tinha marcas profundas de rugas e o cocar não estava mais presente. O antigo chefe Navajo usava óculos sem armação, uma camisa branca e gravata.

Holly disse:

— Além de cuidar do único negócio bem-sucedido de Marysville, foi o chefe Ahiga, também conhecido como Thomas Higgins, que descobriu o Buraco e cuidou das primeiras visitas. Eram bastante populares.

— Mas a caverna foi batizada com o nome da cidade e não o dele — disse Ralph. — O que faz sentido. Ele podia ser cristão e um empresário de sucesso, mas ainda era um pele-vermelha para a comunidade. Ainda assim,

acho que o pessoal daqui o tratou melhor do que os cristãos de Austin. Eles merecem certo crédito por isso. Continue.

Ela lhe mostrou outra foto. Essa era de uma placa de madeira com uma versão pintada do chefe Ahiga de cocar, e a legenda embaixo dizia MELHORES PICTOGRAMAS POR AQUI. Ela usou os dedos para dar zoom na foto, e Ralph viu um caminho seguindo pelas pedras.

— A caverna tem o nome da cidade — disse ela —, mas pelo menos o chefe ganhou alguma coisa: a entrada Ahiga, bem menos glamorosa do que a Câmara do Som, mas com uma ligação direta a ela. Era por Ahiga que os funcionários levavam os suprimentos, e era uma saída em caso de emergência.

— Foi por lá que os grupos de busca entraram, torcendo para encontrar uma rota alternativa que os levaria até as crianças?

— Correto. — Ela se inclinou para a frente, os olhos brilhando. — A entrada principal não está coberta com tábuas, Ralph, ela foi fechada com cimento. Eles não queriam perder mais nenhuma criança. A entrada Ahiga, a porta dos fundos, também foi coberta por tábuas, mas nenhum dos artigos que li falava sobre estar coberta de cimento.

— Isso não quer dizer que não esteja.

Ela balançou a cabeça com impaciência.

— Eu sei, mas *se* não estiver…

— Então foi assim que ele entrou. O forasteiro. É nisso que você acredita.

— A gente devia ir lá primeiro, e se houver sinais de invasão…

— Entendi — disse ele. — Parece um bom plano. Boa ideia. Você é uma detetive incrível, Holly.

Ela agradeceu com olhos baixos e com a voz hesitante de alguém que não sabe bem como receber elogios.

— É gentileza sua dizer isso.

— Não, não é. Você é melhor do que Betsy Riggins e *bem* melhor do que o desperdício de espaço conhecido como Jack Hoskins. Ele vai se aposentar logo, e se eu tivesse algum poder de decisão sobre o cargo, ele seria seu.

Holly balançou a cabeça, mas estava sorrindo.

— Fugitivos, recuperação de bens e cachorros perdidos bastam para mim. Nunca mais quero fazer parte de outra investigação de assassinato.

Ele se levantou.

— Hora de voltar para o seu quarto e dormir. Se estiver certa sobre isso, amanhã vai ser um dia digno de John Wayne.

— Em um minuto. Tive outro motivo para vir aqui. É melhor se sentar.

16

Apesar de hoje ela ser uma pessoa bem mais forte do que era no dia em que teve a sorte grande de conhecer Bill Hodges, Holly não estava acostumada a dizer às pessoas que elas tinham que mudar o seu comportamento ou que estavam erradas. A sua versão mais jovem era um ratinho apavorado e fugidio que, às vezes, contemplava o suicídio como a melhor solução para os seus sentimentos de pavor, inadequação e pura vergonha. O que ela mais sentiu no dia em que Bill se sentou ao lado dela nos fundos de uma funerária em que ela não conseguiu se obrigar a entrar foi a sensação de que tinha perdido uma coisa vital; não só uma bolsa ou um cartão de crédito, mas a vida que podia ter tido se as coisas tivessem sido um pouco diferentes ou se Deus tivesse achado que devia colocar um pouco mais de uma substância química importante, um tipo de suco de felicidade glandular, no seu organismo.

Acho que você perdeu isso, dissera Bill, sem na verdade ter dito nada. *É melhor guardar no bolso.*

Agora, Bill estava morto, e ali estava aquele homem, tão parecido com Bill de tantas formas: a inteligência, os momentos ocasionais de bom humor e, acima de tudo, a obstinação. Ela tinha certeza de que Bill teria gostado dele, porque o detetive Ralph Anderson também acreditava em ir atrás do caso.

No entanto, também havia diferenças, e não só por ele ser trinta anos mais jovem do que Bill era quando morreu. O fato de Ralph ter cometido um erro terrível ao prender Terry Maitland em público, antes mesmo de entender as dimensões do caso, era só uma dessas diferenças, e provavelmente não a mais importante, por mais que o assombrasse.

Deus, me ajude a lhe dizer o que preciso dizer, porque essa é a única chance que vou ter. E faça com que ele me escute. Por favor, Deus, faça com que ele me escute.

Ela falou:

— Cada vez que você e os outros falam sobre o forasteiro, é no condicional.

— Não sei se entendi, Holly.

— Acho que entendeu. "*Se* ele existir. *Supondo* que ele exista. *Considerando* que ele exista."

Ralph ficou em silêncio.

— Não ligo para os outros, mas preciso que você acredite, Ralph. *Preciso que você acredite*. Eu acredito, mas não sou suficiente.

— Holly…

— Não — disse ela com ferocidade na voz. — *Não*. Me escute. Eu sei que é loucura. Mas a ideia do *El Cuco* é mais inexplicável do que algumas das coisas terríveis que acontecem no mundo? Não estou falando de desastres naturais e acidentes, estou falando de algumas coisas que as pessoas fazem com as outras. Ted Bundy não era apenas uma versão do *El Cuco*, um metamorfo com uma cara para as pessoas que ele conhecia e outra para as mulheres que matava? A última coisa que aquelas mulheres viram foi a outra face dele, o rosto interior, a cara do *El Cuco*. Há outros. Eles andam entre nós. Você sabe disso. São alienígenas. Monstros além da nossa compreensão. Mas você acredita *neles*. Já prendeu alguns, talvez até já tenha ajudado para que fossem executados.

Ele ficou em silêncio, pensando.

— Quero fazer uma pergunta — disse ela. — Vamos supor que *tivesse sido* Terry Maitland quem matou aquele garoto, arrancou um pedaço da sua carne e meteu um galho dentro dele. Isso seria menos inexplicável do que aquela coisa que pode estar escondida na caverna? Você conseguiria dizer: “Eu entendo o mal que estava escondido por trás da máscara do treinador do time infantil e cidadão de bem da comunidade”; “Eu sei exatamente o que o levou a fazer aquilo”?

— Não. Já prendi homens que fizeram coisas terríveis, e até uma mulher que afogou a própria filha bebê na banheira, e *nunca* entendi. Na maior parte das vezes, nem eles se entendem.

— Tanto quanto eu nunca entendi por que Brady Hartsfield saiu para se matar em um show e levar junto mil crianças inocentes ou até mais. O que estou pedindo é simples. Acredite. Ao menos nas próximas vinte e quatro horas. Consegue fazer isso?

— Você vai conseguir dormir se eu disser que sim?

Ela assentiu, sem desviar o olhar dele.

— Então eu acredito. Durante as próximas vinte e quatro horas, pelo menos, *El Cuco* existe. Se está ou não no Buraco de Marysville ainda vamos descobrir, mas ele existe.

Holly expirou e se levantou, o cabelo desgrenhado, o paletó do terno caído de um dos lados, a camisa para fora da calça. Ralph achou que ela parecia ao mesmo tempo adorável e horrivelmente frágil.

— Que bom. Vou pra cama.
Ele a levou até a porta e a abriu. Quando Holly saiu, ele disse:
— Não há fim para o universo.
Ela olhou para ele, solene.
— Isso mesmo. Essa merda não tem fim. Boa noite, Ralph.

O BURACO DE MARYSVILLE
27 DE JULHO

1

Jack acordou às quatro da madrugada.

O vento estava soprando lá fora, soprando com força, e ele estava todo dolorido. Não só o pescoço, mas os braços, as pernas, a barriga, a bunda. Parecia queimadura de sol. Ele afastou a coberta, se sentou na beirada da cama e acendeu o abajur, que gerou um brilho leve de sessenta watts. Olhou para o próprio corpo e não viu nada na pele, mas a dor estava lá. Estava *dentro*.

— Vou fazer o que você quiser — disse para o visitante. — Vou detê-los. Prometo.

Não houve resposta. Ou o visitante não estava respondendo, ou não estava lá. Não agora, pelo menos. Mas tinha estado. Naquele maldito celeiro. Só um toque leve, quase uma carícia, mas foi o suficiente. Agora ele estava cheio de veneno. *Câncer* venenoso. E sentado ali naquele quarto de motel de merda, antes do amanhecer, ele não sabia mais com certeza que o visitante podia tirar o que lhe dera, mas que escolha tinha? Ele precisava tentar. Se não funcionasse…

— Dou um tiro em mim mesmo? — A ideia o fez se sentir um pouco melhor. Era uma opção que a sua mãe não tivera. Ele repetiu, com mais decisão na voz. — Dou um tiro em mim mesmo.

Não haveria mais ressacas. Não seria mais necessário dirigir para casa no limite de velocidade, parando em cada sinal, sem querer ser abordado pela polícia quando sabia que o bafômetro acusaria pelo menos 1, talvez 1,2. Não haveria mais ligações da ex lembrando a ele que o cheque mensal estava atrasado mais uma vez. Como se ele não soubesse. O que ela faria se os cheques parassem de chegar? Teria que trabalhar, ver como a outra metade vivia, ah, tadinha. Não ficaria mais em casa o dia todo, vendo Elaine e a Juíza Judy na TV. Que pena.

Ele se vestiu e saiu. O vento não estava exatamente frio, mas fresco, e pareceu passar através dele. Estava quente quando ele saiu de Flint City, e não tinha passado pela cabeça de Jack levar um casaco. Nem uma muda de

roupas. Nem mesmo uma escova de dentes.

Você é assim, querido, ele conseguia ouvir a patroa dizer. *É você todinho. Sempre atrasado e sempre sem grana.*

Carros, picapes e alguns trailers estavam em paralelo ao prédio do motel como filhotes mamando. Jack percorreu o corredor coberto apenas o suficiente para ver se o SUV azul dos intrometidos ainda estava lá. Sim. Eles estavam todos enfiados nos seus quartos, sem dúvida tendo sonhos agradáveis e indolores. O detetive teve uma breve fantasia de ir de quarto em quarto e atirar em todos. A ideia era atraente, mas ridícula. Ele não sabia em que quartos estavam, e alguém, não necessariamente o intrometido-mor, começaria a atirar de volta. Ali era o Texas, afinal, onde as pessoas gostavam de acreditar que ainda viviam nos dias de pastorear gado e de duelos de armas.

Era melhor esperar no lugar em que o visitante disse que eles talvez fossem. Ele podia atirar neles lá e ter a certeza de se safar; não havia ninguém a quilômetros de distância. Se o visitante pudesse tirar o veneno quando o trabalho terminasse, tudo acabaria bem. Se não, Jack enfiaria o cano da Glock na boca e puxaria o gatilho. Fantasias da sua ex trabalhando de garçonete ou trabalhando na fábrica de luvas nos próximos vinte anos eram divertidas, mas não era o que realmente importava. Ele não ia seguir o mesmo caminho da mãe, com a pele se abrindo cada vez que tentasse se mexer. Isso era o que realmente importava.

Ele entrou na picape, tremendo, e seguiu para o Buraco de Marysville. A lua estava no horizonte, parecendo uma pedra fria. O tremor ficou intenso, tão forte que ele passou por cima da linha branca pontilhada algumas vezes. Mas tudo bem; os caminhões grandes usavam a Highway 190 ou a interestadual. Não havia ninguém na Rural Star àquela hora, só ele.

Quando o motor do Ram estava quente, ele ligou o aquecimento no máximo e se sentiu melhor. A dor na parte inferior do corpo começou a diminuir. Mas a parte de trás do pescoço ainda latejava demais, e quando ele passou a mão no local, a palma ficou coberta de flocos de neve de pele morta. Ocorreu a Jack que talvez a dor na nuca fosse de uma queimadura real e comum, e que o resto todo era coisa da cabeça dele. Psicossomático, como as enxaquecas de merda da ex-mulher. Dor psicossomática podia acordar você no meio do sono profundo? Ele não sabia, mas sabia que o visitante que tinha se escondido atrás da cortina do chuveiro do banheiro era real, e ninguém ia querer se meter com uma pessoa daquelas. O que se queria fazer com uma

pessoa daquelas era exatamente o que ela mandava fazer.

Além do mais, havia o filho da puta de Ralph Anderson, que sempre pegou no pé dele. O sr. Sem Opinião que o fez ser arrancado das férias ao ser suspenso… pois foi isso que aconteceu com Ralph, e que se fodesse aquela merda de "licença administrativa". O escroto do Ralph era o motivo de ele, Jack Hoskins, ter ido para o município de Canning em vez de ter ficado no seu chalezinho, vendo DVDs e tomando vodca com tônica.

Quando ele entrou na rua junto ao outdoor (FECHADO POR TEMPO INDETERMINADO), um pensamento repentino o deixou elétrico: o filho da puta *talvez tivesse mandado Jack lá de propósito*! Ele podia saber que o visitante estaria esperando e o que ele faria. Ralph queria se livrar dele havia anos, e quando se levava esse detalhe em conta, todas as peças se encaixavam. A lógica era inegável. A única coisa com que o babaca não contou foi ser traído pelo homem das tatuagens.

Quanto ao resultado daquela merda toda, Jack via apenas três possibilidades. Talvez o visitante pudesse acabar com o veneno que agora corria no seu organismo. Esta era a primeira possibilidade. Se fosse psicossomático, acabaria sumindo sozinho. A segunda. Ou talvez fosse real, e o visitante *não pudesse* retirar do seu corpo. A terceira.

O sr. Sem Opinião viraria história independente de qual possibilidade fosse a certa. Essa era uma promessa que Jack tinha feito não só para o visitante, mas para si mesmo. Anderson *morreria*, e os outros iriam junto. Limpeza total. Jack Hoskins. O sniper americano.

Ele chegou à bilheteria abandonada e contornou a corrente. O vento provavelmente sumiria quando o sol estivesse alto no céu e a temperatura começasse a aumentar de novo, mas ainda soprava agora, espalhando poeira para todo lado, e tudo bem. Ele não precisaria se preocupar de os intrometidos verem as marcas de pneu. Isso se fossem até lá.

— Se eles não vierem, você ainda vai poder me curar? — perguntou. Não esperava uma resposta, mas houve uma.

Ah, sim, vai ficar novinho em folha.

A voz era real ou existia só na sua cabeça?

Que importância aquilo tinha?

2

Jack passou pelos chalés de turistas abandonados, se perguntando por que alguém ia querer gastar grana para ficar perto do que era essencialmente um

buraco no chão (pelo menos o nome do lugar era honesto). Ninguém tinha um local melhor para ir? Yosemite? O Grand Canyon? Até a Maior Bola de Barbante do Mundo seria melhor do que um buraco no chão aqui nesse cu de mundo seco e poeirento que era o Texas.

Ele estacionou ao lado do barracão de serviço, como tinha feito na ida anterior, pegou a lanterna no porta-luvas e a Winchester e a caixa de munição no estojo. Encheu os bolsos de balas, começou a seguir na direção do caminho, depois voltou e apontou a lanterna por uma das janelas sujas da porta de erguer estilo garagem do barracão, achando que poderia haver alguma coisa útil ali dentro. Não havia, mas o que viu o fez sorrir mesmo assim: um carro compacto coberto de poeira, talvez um Honda ou um Toyota. Na janela de trás havia um adesivo que dizia: MEU FILHO É ALUNO DE HONRA DA FLINT CITY HIGH SCHOOL! Com câncer ou não, as habilidades rudimentares de detetive de Jack permaneciam intactas. O visitante estava ali, sim; tinha dirigido de FC até Marysville naquele carro, sem dúvida roubado.

Sentindo-se melhor (e com fome pela primeira vez desde que a mão tatuada apareceu atrás da cortina do chuveiro), Jack voltou para a picape e remexeu no porta-luvas mais um pouco. Acabou tirando um pacote de biscoitos com creme de amendoim e meio rolinho de Tums. Não era o café da manhã de um rei, mas era melhor do que nada. Ele seguiu pelo caminho, mastigando um biscoito e segurando a arma com a mão esquerda. Havia uma alça, mas se ele a pendurasse no ombro, roçaria no pescoço. Talvez fosse sangrar. Os bolsos, pesados com as balas, balançavam e batiam nas pernas.

Ele parou na placa apagada com o índio (em que o velho chefe Wahoo testemunhava que Carolyn Allen chupava o seu pau pele-vermelha), acometido por um pensamento repentino. Qualquer um vindo pelo caminho que saía dos chalés de turistas veria o seu Ram estacionado ao lado do barracão de serviço e se perguntaria por quê. Ele pensou em voltar para tirá-lo de lá, mas decidiu que estava se preocupando demais. Se os intrometidos aparecessem, eles parariam perto da entrada principal. Assim que saíssem para olhar, ele abriria fogo da sua posição de atirador no alto da colina, acertando dois ou talvez até três antes de eles entenderem o que estava acontecendo. Os outros correriam de um lado para outro como galinhas no meio de uma tempestade. Ele os acertaria antes que conseguissem encontrar proteção. Não havia necessidade de se preocupar com o que poderiam ver dos chalés porque o sr. Sem Opinião e seus amigos nunca sairiam do estacionamento.

3

O caminho para subir a colina rochosa era traiçoeiro na escuridão, mesmo com a ajuda da lanterna, e Jack seguiu devagar. Ele já tinha problemas suficientes sem cair e quebrar algum osso. Quando chegou ao ponto de observação, a primeira luz hesitante começava a aparecer no céu. Ele apontou a lanterna para a forquilha que tinha deixado lá no dia anterior, esticou a mão para pegá-la, mas se afastou. Ele esperava que isso não fosse um presságio de como o restante do dia seria, mas a situação tinha uma ironia própria, e mesmo com todos os seus problemas, Jack era capaz de apreciá-la.

Ele tinha levado a forquilha para se proteger de cobras, e agora uma estava deitada ao lado e parcialmente em cima dela. Era uma cascavel, e não era pequena; um verdadeiro monstro. Ele não podia atirar nela, talvez a bala só ferisse a criatura, e aí ela provavelmente o atacaria, e ele estava de tênis, pois não tinha se lembrado de comprar botas em Tippit. Além do mais, o projétil poderia ricochetear e provocar estragos sérios nele.

Ele segurou o rifle pela parte de trás, esticando o cano devagar o mais longe que conseguiu. Enfiou-o embaixo da cascavel adormecida e a jogou longe antes que ela pudesse sair deslizando. A filha da mãe horrorosa caiu no caminho seis metros atrás dele, se enrolou e começou a fazer barulho, um ruído de contas sendo sacudidas em uma cabaça seca. Jack pegou a forquilha, deu um passo à frente e a atacou. A cascavel entrou em uma rachadura entre duas pedras inclinadas e sumiu.

— É isso aí — disse Jack. — E não volte. Aqui é o *meu* lugar.

Ele se deitou e olhou pela mira. Lá estava o estacionamento, com as linhas amarelas apagadas; lá estava a lojinha em ruínas; lá estava a entrada fechada da caverna, a placa acima apagada, mas ainda visível: BEM-VINDOS AO BURACO DE MARYSVILLE.

Não havia nada a fazer além de esperar. Então, Jack se acomodou para isso.

4

Nada antes das nove, dissera Ralph, mas estavam todos no restaurante do Indian Motel às 8h15. Ralph, Howie e Alec pediram bife com ovos. Holly dispensou o bife, mas pediu uma omelete de três ovos com batatas com molho ranch, e Ralph ficou satisfeito de ver Holly comer tudo. Mais uma vez, ela estava usando o paletó do terno com uma camiseta e uma calça jeans.

— Vai ficar quente mais tarde — disse Ralph.

— É, e também está muito amassado, mas tem bolsos grandes para as minhas coisas. Também vou levar a bolsa, mas vou deixá-la no carro se tivermos que andar. — Ela se inclinou para a frente e baixou a voz. — Às vezes, as camareiras roubam em lugares como esse.

Howie cobriu a boca, talvez para sufocar um arroto, talvez para esconder um sorriso.

5

Eles foram até a casa dos Bolton, onde encontraram Yune e Claude sentados nos degraus da varanda tomando café. Lovie estava no jardinzinho lateral, tirando ervas daninhas, sentada na cadeira de rodas com o tanque de oxigênio no colo, um cigarro na boca e um grande chapéu de palha na cabeça.

— Tudo bem durante a noite? — perguntou Ralph.

— Tudo — disse Yune. — O vento ficou meio barulhento lá atrás, mas quando peguei no sono, dormi como um bebê.

— E você, Claude? Tudo bem?

— Se quer saber se tive a sensação de que tinha alguém rondando a casa de novo, não. Nem a minha mãe.

— Bom, pode haver um motivo para isso — disse Alec. — A polícia de Tippit comunicou uma invasão domiciliar ontem de madrugada. O cara ouviu vidro quebrando, pegou a espingarda e espantou o invasor. Disse para a polícia que ele tinha cabelo preto, cavanhaque e muitas tatuagens.

Claude ficou enfurecido.

— Eu nem saí do quarto ontem à noite!

— Não duvidamos disso — falou Ralph. — Pode ser o cara que estamos procurando. Vamos dar uma passada em Tippit para verificar. Se ele tiver sumido, e deve ter mesmo, vamos voltar para Flint City e tentar decidir o que fazer depois.

— Se bem que não sei o que mais a gente *pode* fazer — acrescentou Howie. — Se ele não está aqui e se não estiver em Tippit, pode estar em qualquer lugar.

— Não tem nenhuma outra pista? — perguntou Claude.

— Nenhuma — disse Alec.

Lovie foi até eles.

— Se decidirem ir pra casa, parem aqui para nos ver a caminho do aeroporto. Vou fazer uns sanduíches com o frango que sobrou. Desde que não se importem de comer o mesmo frango, claro.

— Pode deixar — disse Howie. — Obrigado aos dois.
— Eu é que devia estar agradecendo — falou Claude.
Ele apertou a mão de todos, e Lovie abriu os braços para dar um abraço em Holly. Ela pareceu sobressaltada, mas permitiu o abraço.
— Você, volte aqui — sussurrou a mulher no ouvido dela.
— Volto, sim — respondeu Holly, torcendo para ser uma promessa que pudesse cumprir.

6

Howie dirigiu com Ralph ao lado e os outros três no banco de trás. O sol estava alto, e o dia seria quente de novo.
— Estava pensando aqui como a polícia de Tippit fez contato com vocês — disse Yune. — Achei que nenhuma autoridade sabia que estávamos aqui.
— E não sabem — respondeu Alec. — Se esse forasteiro existir mesmo, nós não queríamos levantar desconfianças com os Bolton sobre por que estaríamos indo na direção errada.
Ralph não precisava ler mentes para saber o que Holly estava pensando naquele momento: *Cada vez que você e os outros falam sobre o forasteiro, é no condicional.*
Ralph se virou no banco.
— Escutem agora. Chega de "se" e "talvez". Por hoje, o forasteiro *existe*. Por hoje, ele consegue ler a mente de Claude Bolton sempre que quer, e até sabermos que não é assim, ele está no Buraco de Marysville. Chega de suposições, só crença. Podem fazer isso?
Por um momento, ninguém respondeu nada. E Howie falou:
— Sou advogado de defesa, filho. Posso acreditar em qualquer coisa.

7

Eles chegaram ao outdoor mostrando a família impressionada que segurava os lampiões a gás. Howie dirigiu devagar pela estrada de asfalto rachado, evitando os buracos da melhor forma que conseguiu. A temperatura, que estava em uns quinze graus quando saíram, agora chegava aos vinte. E subiria ainda mais.
— Estão vendo aquele monte ali? — Holly apontou. — A entrada da caverna principal fica na base dele. Ou ficava até o fecharem. A gente devia olhar lá primeiro. Se ele tentou entrar por ali, pode haver algum sinal.
— Por mim, tudo bem — disse Yune, olhando em volta. — Jesus, que

lugar desolado.

— A perda dos garotos e do grupo de busca foi terrível para as famílias — falou Holly —, mas também foi um desastre para Marysville. O Buraco era o único gerador de empregos da cidade. Vários moradores foram embora depois que ele fechou.

Howie freou.

— Aquilo devia ser a bilheteria, e estou vendo uma corrente na passagem.

— Contorne — disse Yune. — Ponha a suspensão dessa belezinha pra trabalhar.

Howie contornou a corrente, os passageiros sacudindo no banco.

— Tudo bem, pessoal, estamos oficialmente invadindo propriedade particular.

Um coiote apareceu com a aproximação deles e saiu correndo, a sombra magra o acompanhando. Ralph viu os restos de marcas de pneu erodidas pelo vento e supôs que adolescentes locais (deviam ter sobrado ao menos alguns em Marysville) levavam seus quadriciclos até ali. Ele estava mais concentrado na colina rochosa à frente, local que tinha sido a única atração turística de Marysville. Sua *raison d'être*, se alguém quisesse falar bonito.

— Nós todos estamos armados — disse Yune. Ele estava sentado empertigado no banco, os olhos grudados à frente, alerta. — Não é?

Os homens responderam afirmativamente. Holly Gibney ficou calada.

8

Do seu lugar no alto da colina, Jack os viu se aproximando bem antes de o grupo chegar ao estacionamento. Ele verificou a arma, totalmente carregada, com uma bala engatilhada. Tinha posto uma pedra achatada na beirada da queda. Agora se deitou com o cano apoiado nela. Ele olhou pela mira, colocando a cruz sobre o lado do motorista. O reflexo do sol o cegou por um momento. Ele fez uma careta, afastou o rosto, esfregou o olho até os pontinhos pretos sumirem, e olhou pela mira de novo.

Vamos lá, pensou. *Parem no meio do estacionamento. Seria perfeito. Parem lá e saiam do carro.*

Só que o SUV atravessou o estacionamento na diagonal e parou na frente da entrada coberta da caverna. Todas as portas se abriram e cinco pessoas saíram, quatro homens e uma mulher. Cinco intrometidinhos, todos em fila, que lindo. Infelizmente, a posição era péssima para atirar. O sol na posição atual deixava a entrada da caverna na sombra. Jack poderia ter arriscado, pois

a mira Leupold era muito boa, mas havia o problema do SUV, agora bloqueando pelo menos três dos cinco, inclusive o sr. Sem Opinião.

Jack encostou a bochecha na arma, e a sua pulsação bateu lenta e firme no peito e na garganta. Ele não estava mais ciente do pescoço latejante; a única coisa com que se importava eram os intrometidos parados embaixo da placa que dizia BEM-VINDOS AO BURACO DE MARYSVILLE.

— Saiam daí — sussurrou ele. — Saiam e olhem em volta um pouco. Vocês sabem que querem.

Ele esperou que fizessem isso.

9

A entrada em arco do Buraco estava bloqueada por mais de vinte tábuas, presas por parafusos enferrujados enormes à barreira de cimento atrás. Com cobertura tão reforçada contra exploradores não autorizados, quase não havia necessidade de placas de NÃO ENTRE, mas havia algumas mesmo assim. E também alguns recados pichados… deixados, Ralph presumiu, pelos mesmos adolescentes que foram lá de quadriciclo.

— Alguém acha que alguma coisa parece adulterada? — perguntou Yune.

— Não — disse Alec. — Por que se deram ao trabalho de pôr as tábuas é que não entendo. Seria preciso uma boa carga de dinamite para abrir um buraco nessa placa de cimento.

— O que provavelmente concluiria o serviço que o terremoto iniciou — falou Howie.

Holly se virou e apontou por cima do capô do SUV.

— Estão vendo aquela estradinha do lado da lojinha? Ela vai para a entrada Ahiga. Os turistas não podiam ir para a caverna por ali, mas tem muitos pictogramas interessantes.

— Como sabe disso? — perguntou Yune.

— O mapa que distribuíam para os turistas ainda existe na internet. *Tudo* está lá hoje em dia.

— Chama-se pesquisa, meu amigo — disse Ralph. — Você devia tentar um dia desses.

Eles voltaram para o carro, Howie mais uma vez atrás do volante e Ralph na frente. Howie atravessou devagar o estacionamento.

— Esse caminho parece uma merda — disse ele.

— Não devemos encontrar nenhum grande problema — falou Holly. — Tem chalés de turistas do outro lado. De acordo com os artigos de jornal, o

segundo grupo de busca os usou como base. Além do mais, devia haver muita gente da imprensa e parentes preocupados quando a notícia se espalhou.

— Sem mencionar os curiosos locais — disse Yune. — Eles devem…

— Pare, Howie — pediu Alec. — Opa. — Eles tinham percorrido pouco mais de metade do estacionamento, a frente do SUV apontando para a estrada que ia até os chalés. E, presumivelmente, para a porta dos fundos do Buraco.

Howie freou.

— O que foi?

— Talvez a gente esteja tornando isso mais difícil do que precisa ser. O forasteiro não precisa necessariamente estar na caverna. Ele estava escondido em um celeiro no município de Canning.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que a gente devia dar uma olhada na lojinha. Ver se tem sinais de invasão.

— Eu vou — disse Yune.

Howie abriu a porta do motorista.

— Por que não vamos todos?

10

Os intrometidos se afastaram da entrada coberta e voltaram para o carro, o sujeito careca e corpulento contornando o capô para voltar para o volante. Isso deu a Jack a oportunidade de um tiro direto. Ele colocou a cruz da mira na cara do sujeito, inspirou, prendeu o ar e apertou o gatilho. Nada aconteceu. Houve um momento de pesadelo em que ele achou que havia algo de errado com a Winchester, mas então percebeu que se esquecera de soltar a trava de segurança. Dava para ser mais burro? Ele tentou soltá-la sem tirar o olho da mira. Seu polegar, escorregadio de suor, deslizou, e quando ele conseguiu soltar a trava, o careca estava atrás do volante, batendo a porta. Os outros também já tinham entrado.

— Merda! — sussurrou Jack. — Merda, merda, *merda*!

Ele viu, com pânico crescente, o carro atravessar o estacionamento na direção da estrada que os levaria para longe da sua linha de tiro. Eles subiriam a primeira colina, veriam os chalés, o barracão de serviço e a sua picape estacionada ao lado. Anderson saberia a quem pertencia aquela picape? Claro que sim. Se não pelos adesivos de peixe pulando do lado, então pelo adesivo no para-choque traseiro (MEU OUTRO CARRO É A TUA MÃE).

Você não pode deixar que eles subam a estrada.

Ele não sabia se era a voz do visitante ou a sua própria, e não se importou, porque ela estava certa de qualquer modo. Ele precisava impedir o carro de seguir em frente, e dois ou três tiros poderosos no motor dariam conta disso. Então poderia atirar nas janelas. Provavelmente não acertaria todo mundo, não com o sol batendo no vidro, mas os que sobrassem sairiam pelo estacionamento vazio, talvez feridos, no mínimo atordoados.

Seu dedo se curvou no gatilho, mas antes que pudesse dar o primeiro disparo, o carro parou sozinho perto da lojinha abandonada com a placa caída. As portas se abriram.

— Graças a Deus — murmurou Jack. Ele botou o olho na mira de novo, esperando o sr. Sem Opinião sair. Todos tinham que morrer, mas o intrometido principal seria o primeiro.

11

A cascavel saiu da rachadura onde tinha se refugiado. Deslizou na direção dos pés de Jack, parou, sentiu o ar quente com a língua e voltou a deslizar. Não tinha intenção nenhuma de atacar, seu propósito era meramente investigativo, mas quando Jack deu o primeiro disparo, ela ergueu a cauda e começou a chacoalhar. Jack, que tinha esquecido de levar plugues de ouvido ou algodão, da mesma forma que a escova de dentes, não ouviu nada.

12

Howie foi o primeiro a sair do carro. Ele parou com as mãos no quadril, observando a placa caída que dizia SUVENIRES E ARTESANATO INDÍGENA AUTÊNTICO. Alec e Yune saíram do banco de trás pelo lado do motorista. Ralph saiu do banco da frente para abrir a porta de trás para Holly, que estava tendo dificuldade com a maçaneta. Quando fez isso, uma coisa caída no chão chamou a sua atenção.

— Caramba — disse ele. — Olha só isso.

— O que é? — Holly perguntou quando ele se inclinou. — O quê, o quê?

— Acho que é uma ponta de fle…

Um tiro soou, o estalo quase líquido de um rifle poderoso. Ralph sentiu a passagem da bala, o que queria dizer que ela tinha errado a sua cabeça por três ou cinco centímetros. O espelho do lado do passageiro do carro se estilhaçou e saiu voando, batendo no asfalto rachado e rolando em uma série de brilhos fortes.

— *Tiro!* — gritou Ralph, segurando Holly pelos ombros e a empurrando

para ficar de joelhos. — *Tiro, tiro, tiro!*

Howie olhou ao redor. A expressão dele era de surpresa e confusão.

— Como é? Você disse…

O segundo tiro veio, e o topo da cabeça de Howie desapareceu. Por um momento, ele ficou onde estava, sangue escorrendo pelas bochechas e pela testa. Em seguida, caiu. Alec correu na direção dele, e o terceiro tiro soou, jogando Alec no capô do carro. Sangue surgiu na camisa dele acima do cinto. Yune foi na direção dele. Houve um quarto tiro. Ralph viu a lateral do pescoço de Alec ser arrancada, e o investigador de Howie caiu fora de vista atrás do carro.

— *Se abaixe!* — gritou Ralph para Yune. — *Se abaixe, ele está no alto daquela colina!*

Yune ficou de joelhos e se arrastou. Mais três tiros soaram em rápida sucessão. Um dos pneus do carro começou a chiar. O para-brisa rachou em um brilho branco e desabou para dentro em volta de um buraco acima do volante. O terceiro tiro acertou o para-choque acima da roda traseira do lado do motorista e abriu um buraco do tamanho de uma bola de tênis quando saiu no lado do passageiro, perto de onde Ralph e Yune estavam abaixados, ladeando Holly. Houve uma pausa, depois outra série de tiros: quatro dessa vez. As janelas de trás se quebraram, espalhando cacos de vidro. Outro buraco apareceu acima do porta-malas.

— Não podemos ficar aqui — disse Holly. Ela pareceu perfeitamente calma. — Mesmo que ele não atire na gente, vai acabar acertando o tanque de gasolina.

— Ela está certa — disse Yune. — Alec e Gold, o que vocês acham? Alguma chance?

— Não — disse Ralph. — Eles…

Outro estalo líquido. Todos se encolheram, e mais um pneu começou a chiar.

— Eles se foram — concluiu Ralph. — Temos que correr para a lojinha. Vocês vão primeiro. Eu dou cobertura.

— Eu dou cobertura — falou Yune. — Você e Holly vão correndo.

Um grito veio da posição do atirador. Se era de dor ou de raiva, Ralph não conseguiu saber.

Yune se levantou, as pernas separadas, a pistola segura pelas duas mãos, e começou a disparar tiros espaçados na direção do alto da colina.

— *Vão!* — gritou ele. — *Agora! Vão, vão, vão!*

Ralph se levantou. Holly se levantou ao lado dele. Como no dia em que Terry Maitland levou o tiro, pareceu a Ralph que ele conseguia ver tudo. Seu braço estava na cintura de Holly. Havia uma ave voando no céu, as asas abertas. Os pneus estavam esvaziando. O carro tombava para o lado do motorista. No alto da colina, ele viu um brilho hesitante em movimento que só podia ser a mira do fuzil do filho da mãe. Ralph não tinha ideia de por que estava se movendo daquele jeito e não ligou. Houve um segundo grito, um terceiro, este último quase um berro. Holly segurou o braço de Yune e o puxou. Ele olhou para ela com surpresa, como um homem arrancado de forma abrupta de um sonho, e Ralph sabia que ele estava pronto para morrer. Que esperava morrer. Os três correram para o abrigo da lojinha, e apesar de estarem a menos de sessenta metros do carro quase destruído, eles pareciam estar correndo em câmera lenta, como um trio de melhores amigos no final de uma comédia romântica idiota. Só que, nesses filmes, ninguém passava pelos corpos mutilados de dois homens que estavam vivos e saudáveis noventa segundos atrás. Nesses filmes, ninguém pisava em uma poça de sangue fresco e deixava pegadas vermelhas como rastro. Outro tiro soou, e Yune gritou:

— Ele me acertou! O filho da puta me acertou! — E caiu.

13

Jack estava recarregando, os ouvidos ecoando, quando a cascavel decidiu que já tinha aturado aquele invasor irritante no seu território por tempo demais. Ela o picou no alto da panturrilha direita. Os dentes penetraram na calça de Jack sem dificuldade, e as bolsas de veneno estavam cheias. Jack rolou de lado, segurando o fuzil virado para o alto com a mão direita, gritando, não de dor, que estava só começando, mas de ver a cobra subindo pela perna, a língua bifurcada aparecendo, os olhos pretos brilhantes alertas. O peso escorregadio do animal era horrendo. Ela o picou de novo, dessa vez na coxa, e continuou a subida, ainda sacudindo a cauda. A picada seguinte podia ser nas bolas.

— *Sai! SAI DE CIMA DE MIM!*

Tentar se livrar dela com o fuzil não adiantaria de nada, pois a cobra podia se desviar com facilidade, então Jack largou a arma e segurou o animal com as duas mãos. A cascavel picou o pulso direito dele, errando da primeira vez, mas acertando na segunda, deixando buracos do tamanho de dois pontos em uma manchete de jornal, mas, àquela altura, as bolsas de veneno já estavam vazias. Jack não sabia nem se importava. Ele a girou nas mãos como um

homem torcendo um pano de prato, e viu a pele se romper. Abaixo, alguém estava disparando com uma arma sem parar, uma pistola, pelo som, mas a distância era grande e nada chegou perto. Jack jogou a cascavel longe, viu-a bater nas pedras e sair deslizando de novo.

Livre-se deles, Jack.

— Sim, tá bom, certo.

Ele estava falando ou só pensando? Não sabia dizer. O eco nos ouvidos tinha se tornado um zumbido alto, como um fio de aço sendo balançado até vibrar.

Pegou o fuzil, rolou de bruços, apoiou o cano na pedra, olhou pela mira. Os três que sobraram estavam correndo para o abrigo da lojinha, a mulher no meio. Ele tentou botar a cruz da mira sobre Anderson, mas suas mãos, uma delas picada várias vezes pela cobra, estavam tremendo, e ele acabou acertando o cara de pele morena. Teve que atirar duas vezes, mas acertou. O braço do cara voou por cima da cabeça como um arremessador se preparando para lançar sua melhor bola rápida, e ele caiu de lado. Os outros dois pararam para ajudar. Era a sua melhor chance, talvez a última. Se não os acertasse agora, eles entrariam atrás da lojinha.

A dor da primeira mordida estava subindo pela sua perna, e ele sentia a carne da panturrilha inchando, mas essa não era a pior parte. A pior parte era o calor que agora se espalhava como uma febre pelo corpo. Ou a queimadura de sol do inferno. Ele disparou de novo e achou que tinha acertado a mulher, mas foi só de raspão. Ela segurou o homem moreno pelo braço ileso. Anderson o pegou pela cintura e o levantou. Jack puxou o gatilho de novo, mas só obteve um estalo seco. Remexeu no bolso em busca de mais balas, carregou duas, largou o resto. Suas mãos estavam ficando dormentes. A perna que tinha sido picada estava ficando dormente. A língua parecia estar inchando na boca. Ele gritou de novo, dessa vez de frustração. Quando botou o olho na mira de novo, eles tinham sumido. Jack viu as sombras por um momento, mas logo elas sumiram também.

14

Com Holly de um lado e Ralph do outro, Yune conseguiu chegar à lateral da lojinha, onde desabou com as costas na construção, ofegante. Seu rosto estava pálido, a testa pontilhada de gotas de suor. A manga esquerda da camisa estava ensanguentada até o pulso.

Ele gemeu.

— Porra, como isso *arde*. — Da colina, o atirador disparou de novo. A bala bateu no asfalto.

— Como você está? — perguntou Ralph. — Me deixa ver.

Ele desabotoou o punho da camisa de Yune, e apesar de ter puxado a manga com delicadeza, o rapaz gritou e trincou os dentes. Holly estava no celular.

Quando o ferimento foi revelado, não pareceu tão ruim quanto Ralph temera; a bala devia ter provocado um leve ferimento. Em um filme, isso teria deixado Yune pronto para voltar para a briga, mas ali era a vida real, e as coisas na vida real eram diferentes. O poderoso projétil tinha arrancado o suficiente dele para afetar o cotovelo. A pele em volta já estava inchando, ficando roxa, como se tivesse sido esmagada com um porrete.

— Me diga que o cotovelo só está deslocado — disse Yune.

— Isso seria bom, mas acho que está quebrado — falou Ralph. — Só que você teve sorte mesmo assim, cara. Se o tiro tivesse sido mais certeiro, acho que teria arrancado a parte de baixo do seu braço. Não sei com o que ele está atirando, mas é grande.

— Meu ombro está deslocado, com certeza — disse Yune. — Aconteceu quando o meu braço voou para atrás. *Porra!* O que a gente vai fazer? Estamos encurralados.

— Holly? — perguntou Ralph. — Alguma coisa?

Ela balançou a cabeça.

— Eu estava com quatro barrinhas na casa dos Bolton, mas não tenho nem mesmo uma aqui. “Sai de cima de mim”, foi isso que ele gritou? Algum de vocês ou…

O atirador disparou de novo. O corpo de Alec Pelley pulou, depois ficou parado.

— *Vou te pegar, Anderson!* — A voz soou de cima da colina. — *Vou te pegar, Ralph, seu escroto! Vou pegar todos vocês!*

Yune olhou para Ralph, surpreso.

— Nós fizemos besteira — disse Holly. — O forasteiro tinha um Renfield, no final das contas. E seja quem for, ele conhece você, Ralph. Você o conhece?

O detetive balançou a cabeça. O atirador estava gritando com a voz no máximo, quase berrando, e havia ecos. Podia ser qualquer pessoa.

Yune observou o braço ferido. O sangramento tinha diminuído, mas o inchaço não. Em pouco tempo, ele não teria uma junta do cotovelo visível.

— Isso dói mais do que quando os meus sisos foram arrancados. Me diga que tem alguma ideia, Ralph.

Ralph chegou na extremidade da lojinha, pôs as mãos em volta da boca e gritou:

— *A polícia está a caminho, babaca! A Patrulha Rodoviária! Esses caras nem vão se dar ao trabalho de pedir que se renda, vão sair atirando como se você fosse um cão raivoso! Se quiser viver, é melhor fugir!*

Houve uma pausa e outro grito. Podia ser de dor, uma risada, ou as duas coisas. Foi seguido de mais dois tiros. Um bateu no prédio acima da cabeça de Ralph, derrubando uma tábua e espalhando uma chuva de farpas.

Ralph recuou e olhou para os outros dois sobreviventes emboscados.

— Acho que isso é um não.

— Ele parece histérico — disse Holly.

— Completamente louco — concordou Yune. Ele encostou a cabeça na parede. — Cristo, está quente aqui, nesse asfalto. E vai ficar bem pior ao meio-dia. *Muy caliente*. Se ainda estivermos aqui, vamos fritar.

Holly disse:

— Você atira com a mão direita, tenente Sablo?

— Sim. E como estamos encurralados por um lunático com um fuzil, por que não me chama logo de Yune, como *el jefe* aqui?

— Você precisa chegar até a ponta da construção, onde Ralph está. E, Ralph, você tem que vir até aqui comigo. Quando o tenente Sablo começar a atirar, nós vamos correr para a estrada que vai até os chalés para turistas e a entrada Ahiga. Estimo que ficaremos em terreno aberto por uns cinquenta metros. Podemos percorrer isso em quinze segundos. Talvez doze.

— Doze segundos seriam suficientes para ele acertar um de nós, Holly.

— Acho que a gente consegue. — Ainda fria como a brisa de um ventilador soprando uma tigela de cubos de gelo. Era incrível. Quando ela entrou na sala de reuniões de Howie duas noites atrás, estava tão tensa que uma tosse mais alta podia ter feito com que pulasse até o teto.

Ela já esteve em situações como essa antes, pensou Ralph. *E talvez seja em situações como essa que a verdadeira Holly Gibney aparece.*

Outro disparo, seguido por um ruído de metal. E outro.

— Ele está tentando acertar o tanque de gasolina do carro — disse Yune. — O pessoal da locadora não vai gostar nada disso.

— Temos que ir, Ralph. — Holly estava encarando os olhos dele, outra coisa que era difícil para ela antes, mas não agora. Não, não agora. — Pense

em todos os Frank Peterson que ele vai assassinar se o deixarmos escapar. Eles vão com ele porque acham que o conhecem. Ou porque ele parece simpático, como deve ter parecido para as garotas Howard. Não o sujeito de lá de cima, estou falando do que ele está protegendo.

Mais três tiros em sucessão rápida. Ralph viu buracos aparecerem na lateral traseira do SUV. Sim, ele estava mirando no tanque de gasolina.

— E o que vamos fazer se o sr. Renfield descer para nos encontrar? — perguntou Ralph.

— Talvez ele não faça isso. Talvez fique onde está, em terreno mais alto. Só temos que ir até o caminho que leva à entrada Ahiga. Se ele descer antes de chegarmos lá, você pode atirar nele.

— Vou ficar feliz em fazer isso, se ele não me acertar primeiro.

— Acho que pode haver algo de errado com ele — disse Holly. — Aqueles gritos.

Yune assentiu.

— “Sai de cima de mim.” Também ouvi.

O tiro seguinte acertou o tanque do carro, e a gasolina começou a vazar para o asfalto. Não houve uma explosão imediata, mas se o cara da colina acertasse o tanque de novo, o carro quase com certeza explodiria.

— Tudo bem — disse Ralph. A única alternativa que ele conseguia enxergar era se agachar ali e esperar que o cúmplice do forasteiro começasse a disparar balas em alta velocidade direto através da lojinha, tentando acertar um deles ou mais. — Yune? Nos dê o máximo de cobertura que puder.

O tenente chegou no cantinho da construção, chiando de dor a cada movimento. Segurou a Glock contra o peito com a mão direita. Holly e Ralph foram para o outro lado. Ralph conseguia ver a estradinha que levava colina acima até os chalés dos turistas. Ficava ladeada por um par de rochas grandes. Tinha uma bandeira americana pintada em uma, e a bandeira da Estrela Solitária do Texas na outra.

Quando chegarmos atrás da que tem a bandeira americana, devemos ficar a salvo.

Quase certamente verdade, mas cinquenta metros nunca pareceram tanto com quinhentos. Ele pensou em Jeannie em casa fazendo ioga ou na cidade resolvendo coisas. Pensou em Derek no acampamento, talvez na sala de artes com os novos amigos, falando sobre programas de televisão, video games ou garotas. Ele até teve tempo de pensar em quem Holly estava pensando.

Nele, pelo visto.

— Está pronto?

Antes que pudesse responder, o atirador disparou de novo, e o tanque de gasolina do carro explodiu em uma bola de fogo laranja. Yune se inclinou no canto onde estava e começou a disparar para o alto da colina.

Holly saiu correndo. Ralph foi atrás.

15

Jack viu o SUV explodir em chamas e gritou de triunfo, embora não fizesse sentido; não tinha ninguém dentro do carro. Mas um movimento chamou a sua atenção, e ele viu dois intrometidos correndo para a estradinha. A mulher estava na frente, Anderson logo atrás. Jack virou o fuzil na direção deles e olhou pela mira. Antes que pudesse apertar o gatilho, houve o *zzzz* de tiros chegando. Lascas de pedra bateram no ombro dele. O que eles deixaram para trás estava atirando, e apesar de a distância ser grande demais para os tiros terem precisão com a arma pequena que ele usava, o último disparo passou perto demais para Hoskins ficar tranquilo. Jack se abaixou, o queixo apertando o pescoço, e sentiu as glândulas lá dentro incharem e latejarem, como se estivessem cheias de pus. Sua cabeça estava doendo, a pele ardia e os olhos pareciam grandes demais para os buracos.

Ele olhou na mira telescópica a tempo de ver Anderson desaparecer atrás de uma das rochas grandes. Ele os perdera. E isso não era tudo. Tinha uma fumaça preta subindo do carro em chamas, e agora que o dia estava claro, não havia vento para dispersá-la. E se alguém visse aquilo e ligasse para o patético corpo de bombeiros que devia haver naquela cidade de merda?

Desça.

Não foi preciso questionar de quem era a voz dessa vez.

Você precisa matá-los antes que possam chegar ao caminho Ahiga.

Jack não fazia ideia do que era um Ahiga, mas não tinha dúvida do que o visitante na sua cabeça estava falando: o caminho marcado pela placa mostrando o chefe Wahoo. Ele se encolheu quando outra bala do babaca lá de baixo arrancou lascas de umas rochas próximas, deu o primeiro passo na direção do caminho por onde tinha subido, e caiu. Por um momento, a dor obliterou todos os seus pensamentos. Mas Jack se segurou em um arbusto entre duas pedras e se levantou. Olhou para si mesmo, primeiro sem conseguir acreditar no que tinha acontecido com o seu corpo. A perna que a cobra tinha picado agora estava o dobro do tamanho. O tecido da calça estava esticado. Pior, a virilha estava inchando. Era como se tivesse enfiado um

travesseiro pequeno na calça.

Desça, Jack. Pegue os dois, e tiro o câncer de você.

Ah, mas agora ele tinha preocupações mais imediatas, não? Ele estava inchando como uma esponja cheia de água.

O veneno da cobra também. Posso deixar você curado.

Jack não sabia se podia acreditar no tatuado, mas entendia que não tinha escolha. Além disso, havia Anderson. O sr. Sem Opinião não ia escapar daquela. Era tudo culpa dele, e ele não ia se safar.

Jack começou a descer o caminho trotando com dificuldade, segurando o cano da Winchester e usando a base como bengala. Sua segunda queda aconteceu quando as pedras deslizaram embaixo do pé esquerdo e a perna direita inchada e latejante não conseguiu compensar. A perna da calça se rasgou na queda seguinte, exibindo uma pele que ficava cada vez mais roxa e enegrecida, além da aparência de necrose. Ele se agarrou nas pedras e se levantou de novo, o rosto inchando e com suor escorrendo. Jack tinha certeza de que ia morrer naquele amontoado de pedras e mato esquecido por Deus, mas não ia morrer sozinho.

16

Ralph e Holly correram inclinados pela estradinha, as cabeças baixas. No topo da primeira colina, pararam para recuperar o fôlego. Abaixo e à esquerda, dava para ver o círculo de chalés para turistas caindo aos pedaços. À direita havia uma construção comprida, provavelmente para guardar equipamentos e suprimentos na época em que o Buraco de Marysville era uma atração turística. Tinha uma picape parada ao lado. Ralph olhou para ela, afastou o rosto e olhou de novo.

— Ah, Jesus Cristo.

— O quê? *O quê?*

— Não me surpreende que ele me conhecesse. É a picape de Jack Hoskins.

— Hoskins? O outro detetive de Flint City?

— Sim, ele.

— Por que ele…? — Mas ela balançou a cabeça com força suficiente para fazer a franja voar. — Não importa. Ele parou de atirar, e isso deve significar que está vindo. Temos que ir.

— Pode ser que Yune tenha acertado ele — disse Ralph, e quando ela lhe lançou um olhar de descrença: — Tá, tudo bem.

Eles correram pelo barracão de equipamentos. Havia um caminho do outro

lado, subindo pela lateral da colina.

— Vou na frente — disse Ralph. — Sou eu que estou armado.

Holly não protestou.

Eles correram pela inclinação, o caminho estreito sinuoso. Pedras soltas deslizaram e fizeram barulho embaixo dos sapatos, ameaçando derrubá-los. Dois ou três minutos depois de começarem a subida, Ralph ouviu o estalar de pedras acima. Hoskins estava mesmo indo ao encontro deles.

Eles contornaram uma formação rochosa. Ralph com a Glock erguida, Holly atrás dele, à direita. O segundo trecho era reto por uns quinze metros. O som da descida de Hoskins estava mais alto agora; porém, aquele labirinto de pedras tornava impossível saber o quanto ele estava próximo.

— Onde está o maldito caminho que leva até a entrada dos fundos? — perguntou Ralph. — Ele está se aproximando. Isso parece demais com aquela brincadeira para ver quem tem mais coragem naquele filme de James Dean.

— Sim, *Juventude transviada*. Não sei, mas não pode estar longe.

— Se dermos de cara com ele antes de sairmos da rua principal aqui, vai haver troca de tiros. E ricochetes. Assim que o vir, quero que se deite…

Ela bateu nas costas de Ralph.

— Se chegarmos primeiro no caminho, não vai haver troca de tiros e não vou precisar fazer isso. *Vamos!*

Ralph correu pelo caminho reto, dizendo para si mesmo que tinha recuperado o fôlego. Não era verdade, mas ele precisava continuar otimista. Holly estava atrás dele, segurando-o pelo ombro, ou para apressá-lo, ou para garantir que ainda estava lá. Eles chegaram à próxima curva do caminho. Ralph espiou, esperando dar de cara com o cano do fuzil de Hoskins. Não encontrou isso, mas viu uma placa de madeira com uma foto desbotada do chefe Ahiga.

— Venha — disse ele. — Rápido.

Eles correram até a placa, e agora Ralph conseguia ouvir o atirador ofegando e tentando respirar. Quase chorando. Houve um barulho de pedras e um grito de dor. Parecia que Hoskins tinha caído.

Ótimo! Fique no chão!

No entanto, o estalo de passos escorregando voltou a soar. Bem próximo. Quase lá. Ralph segurou Holly e a puxou para o caminho Ahiga. O rosto pequeno e pálido dela estava escorrendo de suor. Os lábios estavam apertados e as mãos, enfiadas nos bolsos do paletó, que agora estava sujo de terra e respingado de sangue.

Ralph levou um dedo aos lábios. Ela assentiu. Ele entrou atrás da placa. O calor seco do Texas tinha feito as tábuas encolherem um pouco, e Ralph conseguiu espiar por uma das rachaduras. Ele viu Hoskins aparecer cambaleando. Seu primeiro pensamento foi que Yune teve sorte e conseguiu acertar uma bala no sujeito, mas isso não explicava a calça rasgada ou a perna direita inchada de forma grotesca. *Não é surpresa alguma que ele tenha caído*, pensou. Era incrível ele ter chegado tão longe naquele caminho íngreme com a perna naquele estado. Ele ainda estava com o fuzil que tinha usado para matar Gold e Pelley, mas usava a arma como bengala, e os dedos não estavam nem um pouco perto do gatilho. Ralph não sabia se ele conseguiria acertar alguma coisa, de qualquer modo, mesmo de perto. Não da forma como as mãos de Jack tremiam. Os olhos injetados estavam afundados no rosto. O pó das pedras tinha transformado seu rosto em uma máscara kabuki, mas nos pontos onde a transpiração abriu caminho, a pele estava vermelha, como se com uma irritação terrível.

Ralph saiu de detrás da placa, a Glock nas mãos.

— Pare aí, Jack, e solte o fuzil.

Jack deslizou e parou de repente a nove metros, mas continuou segurando o fuzil pelo cano. Não era uma coisa boa, mas Ralph poderia viver com isso. Contudo, se Hoskins começasse a erguê-lo, a vida dele chegaria ao fim.

— Você não devia estar aqui — disse Jack. — Como o meu velho avô dizia, você nasceu burro ou foi piorando com o tempo?

— Não estou com humor pra essas merdas. Você matou dois homens e feriu outro. Atirou neles de um esconderijo.

— Eles nunca deviam ter vindo aqui — disse Jack —, mas como vieram, receberam o que mereciam por se meterem no que não lhes dizia respeito.

— E o que seria isso, sr. Hoskins? — perguntou Holly.

Os lábios de Jack racharam e derramaram gotículas de sangue quando ele sorriu.

— O homem tatuado. Como acho que você bem sabe. Sua puta intrometida.

— Certo, agora que você desabafou — disse Ralph —, abaixe o fuzil. Já fez estragos suficientes com ele. Largue no chão. Se você se inclinar, vai cair de cara. Foi uma cobra que pegou você?

— A cobra foi só um bônus. Você tem que ir embora, Ralph. Os dois têm que ir. Senão ele vai envenenar vocês que nem me envenenou. Dica de especialista.

Holly deu um passo mais para perto de Jack.

— Como ele envenenou você?

Ralph colocou a mão no braço dela, pedindo cautela.

— Só tocou em mim. Na parte de trás do pescoço. Só isso. — Ele balançou a cabeça, surpreendentemente cansado. — Naquele celeiro no município de Canning. — A voz dele se elevou, tremendo de fúria. — Para onde *você* me mandou!

Ralph balançou a cabeça.

— Deve ter sido o chefe, Jack. Eu não sabia nada sobre isso. Não vou mandá-lo largar a arma de novo. Isso tudo já acabou pra você.

Jack pensou… ou pareceu pensar. Em seguida, ergueu o fuzil bem devagar, passando a mão pelo cano da arma na direção do gatilho.

— Não vou morrer como a minha mãe morreu. Não, não mesmo. Vou atirar na sua amiga primeiro, Ralph, depois em você. A não ser que me impeça.

— Jack, não faça isso. Último aviso.

— Enfie o seu aviso no…

Ele estava tentando apontar a arma para Holly. Ela não se mexeu. Ralph entrou na frente dela e disparou três vezes, os estrondos ensurdecedores naquele espaço apertado. Um por Howie, um por Alec, um por Yune. A distância era um pouco longa para uma pistola, mas a Glock era uma boa arma, e ele nunca teve problema no estande de tiro. Jack Hoskins caiu, e, para Ralph, a expressão do rosto dele enquanto morria parecia de alívio.

17

Ralph se sentou em uma protuberância na pedra em frente à placa, respirando com dificuldade. Holly foi até Hoskins, se ajoelhou e rolou o cadáver. Ela deu uma olhada e voltou.

— Ele foi picado mais de uma vez.

— Deve ter sido uma cascavel, e das grandes.

— Outra coisa o envenenou primeiro. Algo pior do que qualquer cobra. Ele chamou de homem tatuado, nós chamamos de forasteiro. *El Cuco*. Temos que terminar isso.

Ralph pensou em Howie e Alec, caídos mortos do outro lado daquele pedaço de pedra abandonado. Eles tinham família. E Yune, ainda vivo, mas ferido, sofrendo, provavelmente em estado de choque agora, também tinha família.

— Acho que tem razão. Quer essa pistola? Posso pegar o fuzil dele se quiser.

Holly balançou a cabeça.

— Tudo bem. Vamos lá.

18

Depois da primeira curva, o caminho Ahiga se alargava e começava a descer. Havia pictogramas de ambos os lados. Algumas das imagens antigas tinham sido decoradas ou totalmente cobertas com marcas de spray.

— Ele vai saber que estamos chegando — disse Holly.

— Eu sei. Devíamos ter trazido uma daquelas lanternas.

Holly enfiou a mão em um dos volumosos bolsos, o que estava pesado, e tirou uma das lanternas ultravioleta do Home Depot.

— Você até que é incrível — disse Ralph. — Por acaso não tem dois capacetes aí também?

— Sem querer ofender, mas o seu senso de humor é meio fraco, Ralph. Você devia trabalhar nisso.

Depois da curva seguinte no caminho, eles chegaram a um vão natural na pedra cerca de um metro e vinte do chão. Acima, em letras apagadas feitas com tinta preta, havia as palavras NUNCA VAMOS ESQUECER. Dentro do nicho havia um vaso poeirento com galhos finos saindo de dentro, como dedos esqueléticos. As pétalas que já tinham decorado aqueles galhos sumiram havia muito tempo, mas uma coisa restava. Espalhados em volta do fundo do vaso havia seis versões de brinquedo do chefe Ahiga, como o deixado para trás quando os gêmeos Jamieson caminharam para dentro das entranhas da terra e nunca mais foram encontrados. Os brinquedos estavam amarelados pelo tempo, e o sol tinha rachado o plástico.

— Veio gente aqui — disse Holly. — Eu diria adolescentes, com base nas marcas de tinta spray. Mas nunca vandalizaram isso.

— Nunca nem tocaram, ao que parece — falou Ralph. — Vamos. Yune está do outro lado com um ferimento de bala e o cotovelo destruído.

— É, e tenho certeza de que está sentindo muita dor. Mas temos que tomar cuidado. Isso quer dizer ir devagar.

Ralph a segurou pelo cotovelo.

— Se esse cara pegar nós dois, Yune vai ficar por conta própria. Talvez você deva voltar.

Ela apontou para o céu, onde a fumaça preta do carro em chamas se

espalhava.

— Alguém vai ver aquilo e vai vir para cá. E, se alguma coisa acontecer com a gente, Yune será o único que vai saber o motivo.

Ela se soltou da mão dele e começou a andar pelo caminho. Ralph deu mais uma olhada no pequeno santuário, intacto depois de tantos anos, e foi atrás dela.

19

Quando Ralph achou que o caminho Ahiga os levaria de volta aos fundos da lojinha, houve uma virada acentuada para a esquerda, quase voltando na mesma direção, e terminou no que parecia a entrada de um depósito de ferramentas. Só que a tinta verde estava descascando e apagada, e a porta sem janela no meio estava entreaberta. Havia placas de aviso em ambos os lados da porta. O plástico que as envolvia tinha desbotado com o tempo, mas as mensagens ainda eram legíveis: à esquerda estava escrito É EXPRESSAMENTE PROIBIDO ENTRAR, e à direita ESTA PROPRIEDADE ESTÁ CONDENADA POR ORDEM DO CONSELHO MUNICIPAL DE MARYSVILLE.

Ralph foi até a porta, a Glock na mão. Fez sinal para Holly ficar do lado pedregoso do caminho e abriu a porta, dobrando os joelhos e erguendo a arma na mesma hora. Dentro havia uma pequena entrada, vazia exceto pelas tábuas que tinham sido arrancadas de uma abertura de um metro e oitenta que levava à escuridão. As pontas quebradas ainda estavam presas à pedra por outros daqueles parafusos enormes, enferrujados pelo tempo.

— Ralph, olha isso. Que interessante.

Ela estava segurando a porta, inclinada para examinar a tranca, que fora completamente destruída. Não parecia o trabalho de um pé de cabra nem de uma chave de roda na opinião de Ralph; ele achou que alguém tinha batido com uma pedra até a tranca quebrar.

— O quê, Holly?

— A tranca é de um lado só, está vendo? Só fica trancada para quem está do lado de fora. Alguém ainda tinha esperanças de que os gêmeos Jamieson ou alguém do primeiro grupo de busca estivesse vivo. Se alguma pessoa conseguisse chegar até aqui, queriam ter certeza de que não ficaria trancada do lado de dentro.

— Mas ninguém nunca chegou.

— Não. — Holly atravessou a entrada até a fissura na pedra. — Está sentindo o cheiro?

Ralph sentia, e sabia que eles estavam parados na entrada de um mundo diferente. Ele podia detectar o fedor da umidade parada e de outra coisa, o aroma penetrante e doce de carne apodrecendo. Era leve, mas estava lá. Ele pensou naquele melão de tanto tempo atrás e nos insetos que se contorciam dentro dele.

Entraram na escuridão. Ralph era alto, mas a fissura era maior, e ele não precisou nem se abaixar. Holly acendeu a lanterna, primeiro apontando-a para a frente, para o corredor de pedra que levava adiante, depois para os pés. Os dois viram uma série de gotas brilhantes levando até a escuridão. Holly teve a cortesia de não observar que era a mesma coisa que a luz negra improvisada tinha detectado na sala da casa dele.

Eles só conseguiram andar lado a lado nos primeiros vinte metros, mais ou menos. Depois disso, a passagem se estreitava, e Holly lhe passou a lanterna. Ele a segurou com a mão esquerda, a pistola na direita. As paredes cintilavam com rastros sinistros de metal, alguns vermelhos, alguns lilás, alguns de um amarelo-esverdeado. Às vezes, ele apontava a lanterna para cima, só para ter certeza de que *El Cuco* não estava lá em cima, rastejando pelo teto irregular sobre os cotocos de estalactites. O ar não estava frio (ele tinha lido em algum lugar que as cavernas mantinham uma temperatura mais ou menos igual à temperatura média do local onde ficavam), mas pareceu frio depois de como estava do lado de fora, e claro que os dois ainda estavam cobertos de suor. Uma brisa suave vinha de dentro, soprando na cara deles e espalhando aquele leve odor podre.

Ele parou, e Holly esbarrou nele, fazendo-o pular.

— O quê? — sussurrou ela.

Em vez de responder, ele apontou a luz para uma fenda na pedra à esquerda deles. Havia duas palavras pintadas com spray ao lado da abertura: VERIFICADA e NADA.

Seguiram em frente devagar. Ralph não sabia sobre Holly, mas sentia um temor crescente, uma certeza cada vez maior de que nunca veria a esposa e o filho de novo. Nem a luz do dia. Era incrível como uma pessoa podia sentir falta da luz do dia tão rápido. Sentia que, se conseguissem sair dali, ele poderia beber a luz do dia como água.

Holly sussurrou:

— Este lugar é horrível, não?

— É. Você devia voltar.

A única resposta dela foi um leve empurrão nas costas dele.

Eles passaram por várias outras aberturas na passagem descendente, cada uma marcada com as mesmas duas palavras. Quanto tempo atrás haviam sido pintadas? Se Claude Bolton era adolescente, tinham que ter pelo menos quinze, talvez vinte anos de idade. E quem fora ali desde então, com exceção do forasteiro? Alguém? Por que alguém iria? Holly estava certa, era horrível. A cada passo, ele se sentia mais como um homem sendo enterrado vivo. Ralph se obrigou a se lembrar da clareira no parque Figgis. E Frank Peterson. E um galho com marcas de digitais ensanguentadas na parte que a casca foi arrancada por movimentos repetidos. E Terry Maitland, perguntando como Ralph ia limpar a sua consciência. Enquanto estava morrendo.

Ele seguiu em frente.

A passagem se estreitou ainda mais, não porque as paredes estivessem mais próximas, mas porque havia detritos dos dois lados. Ralph apontou a lanterna para cima e viu uma cavidade profunda no teto de pedra. Fez com que pensasse em um buraco vazio depois que um dente é arrancado.

— Holly… foi aqui que o teto desabou. O segundo grupo de buscas deve ter tirado as pedras maiores. Estas aqui… — Ele passou a luz pelas pilhas de detritos, encontrando mais alguns pontos de brilho espectral.

— Estas são as que eles nem se deram ao trabalho de mexer — concluiu Holly. — Só afastaram do caminho.

— É.

Eles voltaram a andar devagar. Ralph, que era um pouco grande, teve que virar de lado. Ele entregou a lanterna para Holly e ergueu a mão da arma até a lateral do rosto.

— Aponte a luz por baixo do meu braço. Mantenha apontada para a frente. Nada de surpresas.

— T-tudo bem.

— Você parece estar com frio.

— Eu *estou* com frio. Você devia fazer silêncio. Ele pode nos ouvir.

— E daí? Ele sabe que estamos indo. Você *acha mesmo* que uma bala vai matá-lo, não é? Você…

— *Pare, Ralph, pare!* Você vai pisar nele!

Ralph parou na mesma hora, o coração disparado. Holly apontou a luz para um pouco à frente dos pés dele. Em cima da última pilha de detritos, antes da passagem se alargar de novo, estava o corpo de um cachorro ou um coiote. Parecia mais provável que fosse um coiote, mas era impossível ter certeza, pois a cabeça do animal tinha sumido. A barriga tinha sido aberta e as

vísceras foram retiradas.

— Era disso que estávamos sentindo o cheiro — disse ela.

Ralph passou por cima do animal morto com cuidado. Três metros à frente, parou de novo. Era um coiote, sim; a cabeça estava ali. Parecia estar olhando para eles com surpresa exagerada, e, a princípio, Ralph não entendeu por quê.

Holly percebeu com mais rapidez.

— Os olhos foram retirados — disse ela. — Comer as entranhas não foi o suficiente. A criatura comeu os olhos direto da cabeça do pobre animal. Eca.

— Então o forasteiro não se alimenta só de carne e sangue humanos. — Ele fez uma pausa. — E de tristeza.

Holly falou baixinho.

— Graças a nós, mais a você e ao tenente Sablo, ele tem se mantido bastante ativo no que costuma ser o tempo de hibernação. E a comida favorita dele lhe foi negada. O forasteiro deve estar com muita fome.

— E fraco. Você disse que ele deve estar fraco.

— Vamos esperar que sim — disse Holly. — Isso é assustador demais. Odeio espaços fechados.

— Você sempre pode…

Ela deu outro daqueles empurrões leves.

— Continue em frente. E preste atenção onde pisa.

20

A trilha de gotas levemente luminosas continuava. Ralph tinha passado a pensar nelas como o suor da coisa. Suor de medo, como o deles? Esperava que sim. Esperava que o merdinha tivesse ficado apavorado e ainda estivesse.

Havia mais fissuras, mas sem marcas pintadas; eram pouco mais que rachaduras, pequenas demais até para uma criança se enfiar nelas. E para escapar por elas também. Holly estava conseguindo andar ao lado dele de novo, apesar do corredor apertado. Eles ouviam água pingando em algum lugar distante, e uma vez Ralph sentiu uma nova brisa, essa na bochecha esquerda. Foi como ser acariciado por dedos fantasmagóricos. Estava vindo de uma daquelas rachaduras, produzindo um gemido seco e quase vítreo, como o som de ar soprado por cima de uma garrafa de cerveja. Um lugar horrível mesmo. Naquele momento, ele achava difícil acreditar que as pessoas costumavam dar dinheiro para explorar aquela cripta de pedra, mas claro que elas não sabiam o que Ralph sabia e agora acreditava. Era incrível como estar nas entranhas da terra ajudava uma pessoa a acreditar em algo que

antes pareceu não apenas impossível, mas até risível.

— Tome cuidado — disse Holly. — Tem mais.

Dessa vez, eram dois esquilos destroçados. Atrás deles, estavam os restos de uma cascavel, ainda com alguns pedaços da pele.

Um pouco adiante, eles chegaram ao topo de uma descida íngreme, a superfície polida e lisa como uma pista de dança. Ralph pensou que devia ter sido criada por algum rio subterrâneo antigo que fluiu durante a era dos dinossauros e secou antes de Jesus pôr os pés na terra. De um lado havia um corrimão de aço, agora com manchas de ferrugem. Holly passou a luz ali, e eles viram não só gotas espalhadas de luminescência, mas marcas de palmas de mãos e digitais. Digitais que corresponderiam às de Claude Bolton, Ralph não tinha dúvida.

— O filho da puta foi cuidadoso, hein? Não quis escorregar.

Holly assentiu.

— Acho que é a passagem que Lovie chamou de Escorrega do Diabo. Cuidado por…

De algum lugar atrás e abaixo deles veio um barulho curto de pedras, seguido de um baque quase imperceptível que fez o piso tremer. Lembrou a Ralph que até gelo sólido às vezes podia se mover. Holly olhou para ele, os olhos arregalados.

— Acho que estamos bem. Essa caverna velha está falando consigo mesma tem muito tempo.

— É, mas aposto que a conversa está bem mais animada desde o terremoto sobre o qual Lovie nos contou. O que aconteceu em 2007.

— Você sempre pode…

— Não me peça de novo. Eu preciso ver isso.

Ele imaginava que sim.

Eles desceram a inclinação, segurando no corrimão, mas tomando cuidado de não encostar nas marcas deixadas pelo forasteiro. No final, havia uma placa: BEM-VINDOS AO ESCORREGA DO DIABO. TOMEM CUIDADO. USEM O CORRIMÃO.

Depois do Escorrega, a passagem se alargava ainda mais. Havia outra passagem em arco, mas parte da madeira tinha desabado, deixando à mostra o que a natureza criou ali: nada além de uma bocarra irregular.

Holly pôs as mãos em volta da boca e chamou suavemente:

— Olá?

A voz dela voltou com perfeição, em uma série de ecos sobrepostos: *Olá…*

lá… lá…

— Foi o que pensei. É a Câmara do Som. É a grande que Lovie…

— Olá.

Olá… lá… lá…

Foi falado baixinho, mas fez Ralph parar no meio de uma respiração. Ele sentiu Holly segurar o seu antebraço com a mão que mais parecia uma garra.

— Agora que estão aqui…

Estão… ão… aqui… qui…

— … e tiveram tanto trabalho para me encontrar, por que não entram?

21

Eles passaram pelo arco lado a lado, Holly se segurando no braço de Ralph como uma noiva com medo do altar. Ela estava com a lanterna; Ralph, com a Glock, e ele pretendia usá-la assim que tivesse um alvo. Um tiro. Só que não havia alvo, não no começo.

Depois do arco ficava uma protuberância que formava uma espécie de sacada vinte metros acima do piso da caverna. Havia uma escada de metal em espiral. Holly olhou para cima e ficou tonta. A escada subia uns sessenta metros ou mais, passando por uma abertura que devia ser a entrada principal, indo até o teto cheio de estalactites. Ela percebeu que a colina de pedra era oca, como um bolo falso de confeitaria. Para baixo, a escada parecia bem. Para cima, parte tinha se soltado dos parafusos que a seguravam, e estava pendurada meio torta acima do vão.

Esperando-os lá embaixo, na luz de uma luminária comum de pé, do tipo que se pode ver em qualquer sala com o mínimo de decoração, estava o forasteiro. O fio da luminária seguia até uma caixa vermelha que zumbia suavemente e tinha a palavra HONDA na lateral. Na extremidade do círculo de luz havia um colchão com um cobertor embolado no pé.

Ralph tinha encontrado muitos fugitivos na vida, e a coisa que eles foram procurar podia ser qualquer um deles; com olhos fundos, magro demais, maltratado. Estava usando uma calça jeans, um colete de couro por cima de uma camisa branca suja e botas de caubói surradas. Parecia não estar armado. Olhava para eles com o rosto de Claude Bolton: o cabelo preto, as maçãs altas que sugeriam algum sangue nativo-americano, o cavanhaque. De onde estava, Ralph não conseguia ver as tatuagens nos dedos, mas sabia que estavam lá.

O homem tatuado, dissera Hoskins.

— Se quiserem mesmo falar comigo, vão ter que se arriscar na escada. Ela me aguentou, mas tenho que ser honesto: não está muito firme. — As palavras dele, embora ditas em tom tranquilo, se sobrepunham, dobradas ou triplicadas, como se houvesse não apenas um forasteiro, mas muitos, um grupo escondido nas sombras e fissuras onde a luz daquela única luminária não chegava.

Holly foi na direção da escada, mas Ralph a impediu.

— Eu vou primeiro.

— Eu devia ir. Sou mais leve.

— Eu vou primeiro — repetiu ele. — Quando eu chegar lá embaixo… se eu chegar… você vem. — Ele falou baixo, mas imaginou que, considerando a acústica, o forasteiro podia ouvir cada palavra. *Assim espero*, pensou Ralph. — Mas pare pelo menos dez degraus antes do chão. Quero trocar umas palavrinhas com ele.

Ralph estava olhando para ela enquanto falava isso, e olhando intensamente. Ela pousou os olhos na Glock, e ele deu um aceno mínimo de cabeça. Não, não haveria conversa nem discussão. Tudo isso ficara para trás. Um tiro na cabeça e eles estavam fora dali. Supondo que o teto não desabasse em cima deles, claro.

— Tudo bem — disse ela. — Tome cuidado.

Não havia como fazer isso, ou a escadaria velha aguentaria ou não, mas ele tentou pensar em si mesmo como mais leve enquanto descia. A escada gemeu, chiou e tremeu.

— Está indo bem até agora — disse o forasteiro. — Ande perto da parede, pode ser mais seguro.

Guro… uro… uro…

Ralph chegou ao final. O forasteiro estava imóvel perto da sua luminária estranhamente doméstica. Será que ele a comprou, junto com o gerador e o colchão, no Home Depot de Tippit? Ralph achava provável. Parecia ser o lugar onde ir naquela parte esquecida do estado da estrela solitária. Não que aquilo importasse. Atrás dele, a escada começou a gemer de novo com a descida de Holly.

Agora que Ralph estava no mesmo nível, ele olhou para o forasteiro com o que era quase uma curiosidade científica. Ele parecia humano, mas, ainda assim, era um tanto difícil de entender. Era como ver uma foto com os olhos um pouco vesgos. Você sabia o que estava vendo, mas tudo estava torto e meio desfocado. Era o rosto de Claude Bolton, mas o queixo estava errado,

não redondo, mas quadrado, e um pouco partido. O maxilar da direita era mais comprido do que o da esquerda, dando à face um aspecto inclinado que quase chegava a ser grotesco. O cabelo era o de Claude, preto e brilhoso como uma asa de corvo, mas havia mechas de um tom castanho-avermelhado mais claro. O mais impressionante eram os olhos. Um era castanho, como os de Claude, mas o outro era azul.

Ralph conhecia o queixo partido, o maxilar comprido, o cabelo castanho-avermelhado. E o olho azul, isso mais do que tudo. Ele tinha visto a luz sumir deles quando Terry Maitland morreu em uma manhã quente de julho não muito tempo antes.

— Você ainda está se transformando. A projeção que a minha esposa viu podia ser idêntica a Claude Bolton, mas a coisa de verdade ainda não chegou lá. Não é? Você ainda não chegou lá.

Ele queria que estas fossem as últimas palavras que o forasteiro ouvisse. Os gemidos de protesto da escada tinham parado, o que significava que Holly estava em altura suficiente para estar em segurança. Ele ergueu a Glock, segurando o pulso direito com a mão esquerda.

O forasteiro ergueu os braços, como se estivesse se rendendo.

— Pode me matar se quiser, detetive, mas vai estar matando a si mesmo e à sua amiga. Não consigo acessar os seus pensamentos, como posso fazer com Claude, mas mesmo assim tenho uma ideia do que está na sua cabeça: você acha que esse tiro é um risco aceitável. Estou certo?

Ralph não respondeu.

— Tenho certeza de que sim, e preciso dizer que seria um *grande* risco. — Ele ergueu a voz e berrou: — *CLAUDE BOLTON É MEU NOME!*

Os ecos pareceram mais altos do que o berro. Holly deu um grito de surpresa quando um pedaço de estalactite lá do alto, talvez já quase completamente rachado, se soltou do teto e caiu como uma adaga de pedra. Não ofereceu perigo a nenhum deles e bateu no chão bem longe do círculo fraco de luz da luminária.

— Como vocês descobriram o suficiente a ponto de me encontrarem aqui, já devem saber disso — falou o forasteiro, baixando os braços —, mas caso não saibam, dois garotos se perderam nas cavernas e nas passagens embaixo deste lugar, e quando um grupo de busca tentou encontrá-los…

— Alguém disparou uma arma e um pedaço do teto desabou — disse Holly da escada. — Sim, nós sabemos.

— Isso aconteceu no Escorrega do Diabo, onde o som do tiro ficaria

abafado. — Ele sorria. — Quem sabe o que pode acontecer se o detetive Anderson disparar a arma aqui? Algumas das estalactites maiores sem dúvida vão cair. Mesmo assim, talvez não acertem vocês. Claro que, se não conseguirem, serão esmagados. E tem a possibilidade de todo o topo da colina de pedra desabar, enterrando nós três. Quer correr o risco, detetive Anderson? Tenho certeza de que pretendia fazer isso quando desceu a escada, mas preciso dizer que as chances não seriam boas.

A escada estalou um pouco quando Holly desceu outro degrau. Talvez dois.

Fique longe, pensou Ralph, mas não tinha como obrigá-la a fazer isso. Aquela mulher tomava as próprias decisões.

— Nós também sabemos por que você está aqui — disse ela. — O tio de Claude e os primos dele estão aqui. Em algum lugar.

— Estão mesmo. — Ele, aquela coisa, estava com um sorriso maior agora. O dente dourado naquele sorriso era de Claude, assim como as letras nos dedos. — Junto com muitos outros, inclusive as duas crianças que eles pretendiam salvar. Eu os sinto na terra. Alguns estão próximos. Roger Bolton e os filhos dele estão ali, menos de seis metros abaixo da Barriga da Cobra. — Ele apontou. — Eu os sinto com mais força, não só por estarem perto, mas porque são do sangue que estou me tornando.

— Mas não estão bons para comer, imagino — disse Ralph. Ele estava olhando para o colchão. Pouco visível no piso de pedra ao lado, junto a um isopor, havia um amontoado de ossos e pele.

— Não, claro que não. — O forasteiro olhou para ele com impaciência. — Mas os restos deles emitem um brilho. Uma espécie de… sei lá, não costumo falar sobre essas coisas… uma espécie de emanação. Até aqueles garotos idiotas soltam esse brilho, embora fraco. Eles estão muito lá embaixo. Podemos dizer que morreram explorando regiões desconhecidas do Buraco de Marysville. — Ao falar isso, o sorriso reapareceu, mostrando não só o dente de ouro, mas quase todos. Ralph se perguntou se ele sorriu assim quando matou Frank Peterson, comeu a carne dele e bebeu o sofrimento da criança junto com o sangue.

— Um brilho como uma luz noturna? — perguntou Holly. Ela parecia curiosa de verdade. A escada gemeu quando ela desceu mais um ou dois degraus. Ralph queria tanto que ela fosse na outra direção, para cima e para fora, de volta ao sol quente do Texas.

O forasteiro só deu de ombros.

Volte, pensou ele para Holly. *Dê meia-volta e vá embora. Quando eu tiver certeza de que teve tempo de chegar à porta dos fundos do Ahiga, vou atirar. Mesmo que isso deixe a minha esposa viúva e o meu filho sem pai, vou atirar. Devo isso a Terry e a todos os outros que vieram antes dele.*

— Uma luz noturna — repetiu ela, descendo outro degrau. — Você sabe, do tipo que dá alento. Eu tinha uma quando era pequena.

O forasteiro olhava para ela por cima do ombro de Ralph. Com as costas para a luminária e o rosto nas sombras, o detetive conseguia ver um brilho estranho naqueles olhos que não combinavam. Só que não era bem isso. Não era *neles,* mas vindo *deles,* e agora Ralph entendia o que Grace Maitland quis dizer quando falou que a coisa tinha canudos no lugar dos olhos.

— Alento? — O forasteiro pareceu ponderar a palavra. — Sim, acho que sim, se bem que nunca pensei dessa forma. Mas também informação. Mesmo mortos, eles são cheios de coisas de Bolton.

— Você quer dizer lembranças? — Mais um passo se aproximando. Ralph tirou a mão esquerda do pulso e fez sinal para ela voltar, sabendo que Holly não voltaria.

— Não, não isso. — Ele pareceu impaciente com ela de novo, mas também havia outra coisa ali. Uma certa ansiedade que Ralph conhecia de muitas salas de interrogatório. Nem todo suspeito falava, mas a maioria queria falar, porque tinha ficado sozinho no ambiente fechado dos próprios pensamentos. E aquela coisa devia estar sozinha com os próprios pensamentos havia muito tempo. Sozinha, ponto. Bastava olhar para ele para saber.

— Então, o que é? — Ela ainda estava no mesmo lugar, e Ralph agradeceu a Deus pelas pequenas bênçãos.

— Linhagem. Tem algo na linhagem que vai além de lembrança e similaridades físicas passadas por gerações. É um jeito de ser. Um jeito de ver. Não é alimento, mas *é* força. As almas deles se foram, o *ka* deles, mas sobrou algo, mesmo nos cérebros e nos corpos mortos.

— Um tipo de DNA — disse Holly. — Talvez tribal, talvez racial.

— Acho que sim. Se quer colocar dessa maneira. — Ele deu um passo na direção de Ralph, levantando a mão com MUST escrito nos dedos. — São como essas tatuagens. Elas não estão vivas, mas guardam certas inform…

— *Pare!* — gritou ela, e Ralph pensou: *Cristo, ela está ainda mais perto. Como pôde fazer isso sem que eu ouvisse?*

Os ecos aumentaram, pareceram se expandir, e outra coisa caiu. Não uma estalactite dessa vez, mas um pedaço de pedra de uma das paredes.

— Não faça isso — disse o forasteiro. — A não ser que queira correr o risco de derrubar a coisa toda na nossa cabeça, não grite.

Quando Holly falou de novo, a voz estava mais baixa, mas ainda cheia de urgência.

— Lembre-se do que ele fez com o detetive Hoskins, Ralph. O toque dele é venenoso.

— Só quando estou nesse estado transformativo — disse o forasteiro tranquilamente. — É uma forma de proteção natural, mas quase nunca é fatal. É mais como urtiga do que como radiação. Claro que o detetive Hoskins era… suscetível, digamos assim. E quando toco em alguém, muitas vezes consigo entrar na mente dessa pessoa. Nem sempre, mas com frequência. Ou nas mentes dos seus entes queridos. Fiz isso com a família de Frank Peterson. Só um pouco, o suficiente para empurrá-los na direção que eles já estavam seguindo.

— Você deve ficar onde está — disse Ralph.

O forasteiro levantou as mãos tatuadas.

— Claro. Como falei, você é o cara com a arma. Mas não posso deixar os dois saírem daqui. Estou cansado demais para me mudar. Tive que dirigir até Marysville cedo demais, e ainda precisei comprar alguns suprimentos, o que me exauriu bastante. Parece que estamos em um impasse.

— Foi você que se colocou nessa posição — disse Ralph. — Você sabe disso, né?

O forasteiro olhou para ele com um rosto que ainda trazia traços do de Terry Maitland e não falou nada.

— Heath Holmes, tudo bem. Os outros antes de Holmes também. Mas Maitland foi um erro.

— Acho que sim. — O forasteiro pareceu intrigado, talvez até frustrado. — Mas já usei outros que tinham álibis fortes e reputações imaculadas. Com provas e testemunhas oculares, os álibis e as reputações não fazem diferença. As pessoas são cegas para explicações que fogem à percepção que têm da realidade. Vocês não deviam ter vindo me procurar. Não deviam nem ter me *sentido*, por mais forte que o álibi dele fosse. Mas sentiram. Foi porque fui ao tribunal?

Ralph não respondeu. Holly tinha descido o último degrau e estava agora parada ao seu lado.

O forasteiro suspirou.

— Aquilo foi um erro, eu devia ter pensado mais seriamente sobre a

presença de câmeras de televisão, só que ainda estava com muita fome. Mas *poderia* ter ficado longe. Fui guloso.

— E também confiante demais, já que estamos falando nisso — disse Ralph. — E confiança em exagero leva ao descuido. A polícia vê muito disso.

— Bom, talvez tenha sido as três coisas. Mas acho que podia ter me safado mesmo assim. — Ele olhava de forma especulativa para a mulher pálida e grisalha ao lado de Ralph. — É a você que tenho que agradecer por estar nessa situação, não é? Holly. Claude diz que o seu nome é Holly. O que fez você conseguir acreditar? Como conseguiu convencer um grupo de homens modernos que provavelmente não acredita em nada além do alcance dos cinco sentidos a vir aqui? Já viu outro como eu por aí? — A avidez na voz dele era inconfundível.

— Nós não viemos aqui para responder às suas perguntas — falou Holly. Uma das mãos dela estava enfiada no bolso do terno amassado. Na outra, ela segurava a lanterna ultravioleta, que não estava ligada no momento; a única luz vinha da luminária. — Viemos para matar você.

— Não sei bem como espera fazer isso… Holly. Seu amigo poderia arriscar um disparo com a arma se estivéssemos só nós dois aqui, mas acho que ele não quer colocar a sua vida em risco. E embora um ou os dois possam tentar me atacar, vocês me achariam bem forte, além de um pouco venenoso. Sim, mesmo no meu estado esgotado atual.

— Estamos em um impasse por enquanto — disse Ralph —, mas não por muito tempo. Hoskins feriu o tenente da Polícia Estadual Yunel Sablo, mas não o matou. A essa altura, ele já deve ter pedido auxílio.

— Bela tentativa, mas não aqui — disse o forasteiro. — Não tem sinal de celular dez quilômetros a leste e vinte a oeste. Vocês acharam que eu não ia verificar?

Ralph estava torcendo por isso, mas foi em vão. Porém, no fim das contas, ele tinha outra carta na manga.

— Hoskins também explodiu o carro em que chegamos. Tem fumaça. Muita.

Pela primeira vez, ele viu alarme de verdade no rosto do forasteiro.

— Isso muda a situação. Vou ter que fugir. No meu estado atual, vai ser difícil e doloroso. Se queria me deixar irritado, detetive, conseguiu…

— Você me perguntou se eu já tinha visto outro como você antes — interrompeu Holly. — Não vi, bom, não exatamente. Mas tenho certeza de

que Ralph viu. É só tirar a capacidade de metamorfose, a absorção de memória e os olhos brilhantes e você é só um sádico sexual e pedófilo qualquer.

O forasteiro se encolheu como se Holly tivesse batido nele. Por um momento, ele pareceu esquecer o carro em chamas espalhando sinais de fumaça no estacionamento abandonado.

— Isso é ofensivo, ridículo e uma inverdade. Eu como para viver, só isso. Vocês fazem a mesma coisa quando matam porcos e vacas. É isso que os humanos são para mim: gado.

— Mentira. — Holly deu um passo à frente, e quando Ralph tentou segurá-la pelo braço, ela se soltou. Suas bochechas pálidas estavam ficando vermelhas. — Sua capacidade de parecer uma pessoa que você não é, uma *coisa* que você não é, gera confiança. Você podia ter escolhido qualquer amigo do sr. Maitland. Podia ter escolhido a *esposa* dele. Mas, em vez disso, pegou uma criança. Você *sempre* pega crianças.

— Elas são a comida mais forte e mais gostosa! Nunca comeu vitela? Ou fígado de vitela?

— Você não só as come, você ejacula nelas. — A boca de Holly se contorceu em repulsa. — Você *goza* nelas. Seu nojento!

— Pra deixar DNA! — gritou ele.

— Você poderia deixar de outras formas! — gritou Holly, e outra coisa caiu do teto frágil acima. — Mas você não enfia a sua coisa dentro delas. É porque você é impotente? — Ela levantou um dedo e o dobrou. — É, é, *é*?

— Cala a boca!

— Você pega crianças porque é um estuprador pedófilo que não consegue nem fazer isso com o pênis, precisa usar um…

Ele correu para cima dela, o rosto se retorcendo em uma expressão de ódio que não tinha nada de Claude Bolton nem de Terry Maitland; era coisa dele, tão sombria e terrível quanto as profundezas onde os gêmeos Jamieson enfim entregaram as suas vidas. Ralph ergueu a arma, mas Holly entrou na linha de tiro antes que ele pudesse dar o primeiro disparo.

— *Não atire, Ralph, não atire!*

Outra coisa caiu, dessa vez algo grande, que se espatifou ao lado do colchão e do isopor do forasteiro e jogou estilhaços de pedras cintilantes de minerais pelo piso polido.

Holly tirou alguma coisa do bolso do paletó no lado que sempre parecia mais para baixo. A coisa era comprida, branca e esticada, como se contivesse

algo pesado. Ao mesmo tempo, ela acendeu a lanterna UV e a apontou para a cara do forasteiro. Ele fez uma careta, um som de rosnado, e virou a cabeça, ainda esticando as mãos tatuadas de Claude Bolton na direção dela. Holly puxou a coisa branca trespassada sobre os seios pequenos até o ombro e bateu com toda a força. A ponta carregada encostou na cabeça do forasteiro logo abaixo do couro cabeludo, na têmpora.

O que Ralph viu assombraria os seus sonhos pelos anos futuros. O lado esquerdo da cabeça do forasteiro afundou, como se ele fosse feito de papel machê e não de ossos. O olho castanho pulou da órbita. A coisa caiu de joelhos e o rosto pareceu se liquefazer. Ralph viu cem feições escorregarem por ele em meros segundos, aparecendo e sumindo: testas altas seguidas de baixas, sobrancelhas peludas e outras tão louras que mal apareciam, olhos profundos e outros saltados, lábios cheios e finos. Bocas dentuças surgiam e desapareciam; queixos se projetavam e afundavam. Mas o último rosto, o que apareceu por mais tempo, quase certamente o *verdadeiro* rosto do forasteiro, era comum. Era o rosto de qualquer pessoa que se vê na rua, visto em um momento e esquecido no outro.

Holly golpeou mais uma vez, acertando a bochecha agora e deixando o rosto esquecível em um crescente horrendo. Parecia uma coisa saída de um livro infantil insano.

No final, não é nada, pensou Ralph. *Ninguém. O que parecia Claude, o que parecia Terry, o que parecia Heath Holmes… nada. Só fachadas falsas. Só maquiagem.*

Coisas vermelhas que pareciam minhocas começaram a sair do buraco na cabeça do forasteiro, do nariz, da lágrima torta que era tudo que sobrou da sua boca irregular. As minhocas caíram no piso de pedra da Câmara do Som em um fluxo agitado. O corpo de Claude Bolton começou a tremer, depois a afundar, e enfim a murchar dentro das roupas.

Holly largou a lanterna e ergueu a coisa branca acima da cabeça (era uma meia, Ralph viu, uma meia branca masculina esportiva comprida), agora segurando-a com as duas mãos. Ela bateu uma última vez, esmagando o alto da cabeça da coisa. O rosto se abriu no meio como uma abóbora podre. Não havia cérebro na cavidade revelada, apenas um ninho de minhocas, fazendo Ralph se lembrar das larvas que encontrou naquele melão de tanto tempo antes. As que já tinham caído estavam se contorcendo pelo chão na direção dos pés de Holly.

Ela recuou, foi na direção de Ralph, e seus joelhos dobraram. Ele a

segurou e a levantou. Toda cor desaparecera do rosto dela. Lágrimas desciam pelas bochechas.

— Largue a meia — disse Ralph no ouvido dela.

Ela olhou para ele, atordoada.

— Tem algumas daquelas minhocas nela.

Como ela não fez nada além de olhar para ele com uma espécie de atordoamento perplexo, Ralph tentou arrancar a meia do punho dela. Primeiro, não conseguiu. Holly a segurava com ferocidade. Ele puxou os dedos da mulher, torcendo para não ter que quebrá-los para que ela soltasse, mas faria isso se precisasse. Se fosse necessário. Aquelas coisas seriam bem piores do que urtiga se tocassem nela. E se entrassem embaixo da pele…

Ela pareceu voltar a si, ao menos um pouco, e abriu a mão. A meia caiu, o dedão fazendo um som seco ao bater no piso de pedra. Ele se afastou das minhocas, que ainda estavam procurando cegamente (ou talvez não cegamente; estavam indo na direção deles), puxando Holly pela mão, que ainda estava fechada com força, da mesma forma como segurava a meia antes. Ela olhou para baixo, viu o perigo e respirou fundo.

— Não grite — disse ele. — Não podemos correr o risco de que mais alguma coisa caia. Só *suba*.

Ele começou a puxá-la pela escada. Depois dos primeiros quatro ou cinco degraus, Holly conseguiu subir sozinha, mas os dois subiam de costas para ficarem de olho nas minhocas, que ainda estavam saindo da cabeça rachada do forasteiro e também da sua boca em forma de lágrima.

— Pare — sussurrou Holly. — Pare, olha só pra elas, só estão se espalhando. Não podem subir a escada. E estão começando a morrer.

Ela estava certa. As minhocas começaram a ir mais devagar, e uma pilha perto do forasteiro não se movia mais. No entanto, o corpo ainda se mexia; em algum lugar dentro dele, a força que o animava tentava sobreviver. A coisa Bolton tremia e estrebuchava, os braços balançando. Enquanto eles olhavam, o pescoço encurtou. Os restos da cabeça começaram a entrar na gola da camisa. O cabelo preto de Claude Bolton apareceu no alto e depois sumiu.

— O que é? — sussurrou Holly. — O que *são*?

— Não sei e não ligo — disse Ralph. — Só sei que você nunca mais vai precisar comprar uma bebida pelo resto da vida, pelo menos não quando estiver comigo.

— Eu quase nunca bebo — disse ela. — Não vai bem com os remédios.

Acho que já contei is…

Ela se inclinou de repente sobre o corrimão e vomitou. Ele a segurou enquanto isso.

— Me desculpe — disse ela.

— Não peça desculpas. Vamos…

— Sair daqui *agora* — concluiu ela por ele.

22

A luz do sol nunca foi tão boa.

Eles tinham chegado à placa do chefe Ahiga quando Holly disse que estava meio tonta e precisava se sentar. Ralph encontrou uma pedra plana grande o bastante para os dois e se sentou ao lado dela. Ela observou o corpo caído de Jack Hoskins, fez um som agudo desconsolado e começou a chorar. A princípio, saiu em uma série de soluços engasgados e relutantes, como se alguém tivesse lhe dito que era errado chorar na frente de outra pessoa. Ralph passou o braço pelos ombros dela, que pareceram magros demais. Ela afundou o rosto na camisa dele e começou a chorar copiosamente. Eles precisavam ir até Yune, que podia estar mais ferido do que parecera; na hora eles estavam sob fogo, afinal, e não deu tempo de fazer um diagnóstico preciso. Mesmo na melhor das hipóteses, ele estava com o cotovelo quebrado e o ombro deslocado. No entanto, Holly precisava de ao menos um tempo, e merecia ao ter feito o que ele, o grande detetive, não conseguiu.

Em quarenta e cinco segundos, a tempestade começou a melhorar. Em um minuto, passou. Ela era boa. Forte. Holly olhou para ele, os olhos injetados e marejados, mas Ralph não teve certeza absoluta de que ela sabia onde estava. Nem quem ele era, na verdade.

— Não consigo fazer isso de novo, Bill. Nunca mais. Nunca, nunca, *nunca*! E se esse voltar, como Brady voltou, vou me matar. Está me ouvindo?

Ele a balançou com delicadeza.

— Ele não vai voltar, Holly. Prometo.

Ela piscou.

— Ralph. Eu quis dizer Ralph. Você viu o que saiu da… viu aquelas minhocas?

— Vi.

— Eca. *Eca!* — Ela fez um som de vômito e cobriu a boca.

— Quem te ensinou a fazer um cassetete com uma meia? E a força que pode ter se a meia é comprida? Foi Bill Hodges?

Holly assentiu.
— O que tinha dentro?
— Bilhas, como o de Bill. Comprei no departamento automotivo do Walmart em Flint City. Porque não consigo usar armas. Não achei que fosse precisar usar o Porrete Feliz também, foi só um impulso.
— Ou intuição. — Ele sorriu, embora mal tenha percebido; ele ainda se sentia dormente, e ficava olhando para trás, para ter certeza de que nenhuma daquelas minhocas se aproximava deles, desesperada para sobreviver em um novo hospedeiro. — É assim que chama? Porrete Feliz?
— É como Bill chamava. Ralph, temos que ir. Yune…
— Eu sei. Mas tenho que fazer uma coisa antes. Fique onde está.
Ele foi até o corpo de Hoskins e se obrigou a revirar os bolsos do morto. Encontrou as chaves da picape e voltou até Holly.
— Pronto.
Eles começaram a descer. Holly tropeçou uma vez, e ele a segurou. Em seguida, foi ele quem quase caiu, e foi ela quem o segurou.
Como dois aleijados, pensou ele. *Mas depois do que vimos…*
— Tem tanta coisa que a gente não sabe — disse ela. — De onde ele veio. Se aqueles insetos eram uma doença ou talvez um tipo de forma alienígena. Quem foram as vítimas dele, não só as crianças que ele matou, mas os que foram responsabilizados pelos crimes. Devem ter sido muitos. *Muitos.* Você viu o rosto dele no final? Como mudou?
— Vi — disse Ralph. Ele jamais esqueceria aquilo.
— Nós não sabemos quanto tempo ele viveu. Como conseguia se projetar. O que *era*.
— Isso nós sabemos — respondeu Ralph. — Ele, aquela *coisa*, era *El Cuco*. Ah, e sabemos de outra coisa: o filho da puta está morto.

23

Eles tinham descido a maior parte do caminho quando uma buzina começou a tocar em intervalos curtos. Holly parou e mordeu os lábios que já tinham sido muito maltratados.
— Relaxe — disse Ralph. — Acho que é Yune.
O caminho era mais largo agora e menos íngreme, então eles conseguiram ir mais rápido. Quando chegaram ao barracão, viram que era mesmo Yune, sentado meio para dentro e meio para fora da picape de Hoskins, apertando a buzina com a mão direita. O braço inchado e ensanguentado estava caído no

colo como um tronco.
— Pode parar agora — disse Ralph. — Mamãe e papai chegaram. Como está?
— Meu braço está doendo pra caralho, mas, fora isso, estou bem. Vocês pegaram ele? *El Cuco?*
— Pegamos — disse Ralph. — *Holly* acabou com ele. A coisa não era humana, mas morreu mesmo assim. Seus dias de matar criancinhas acabaram.
— *Holly* acabou com ele? — Yune olhou para ela. — Como?
— Podemos conversar sobre isso depois — disse ela. — Agora, estou mais preocupada com você. Chegou a desmaiar? Está tonto?
— Fiquei um pouco tonto quando vim pra cá. Pareceu levar uma eternidade, e tive que descansar algumas vezes. Eu estava torcendo para encontrar vocês saindo. Rezando, na verdade. E aí, vi essa picape. Devia ser do atirador. John P. Hoskins, de acordo com o documento. É quem eu acho que é?
Ralph assentiu.
— Da polícia de Flint City. E *era*. Ele está morto também. Atirei nele.
Yune arregalou os olhos.
— O que o homem estava fazendo aqui?
— O forasteiro o mandou. Como fez isso, não tenho ideia.
— Achei que ele podia ter deixado as chaves, mas não tive sorte. E também não tem nada para aliviar a dor no porta-luvas. Só o documento, o cartão do seguro e um monte de porcarias.
— Eu estou com as chaves — disse Ralph. — Estavam no bolso dele.
— E tenho uma coisa para a dor — disse Holly. Ela enfiou a mão no volumoso bolso do paletó surrado e tirou um frasco marrom grande. Não tinha rótulo.
— O que mais tem aí? — perguntou Ralph. — Um fogareiro de acampamento? Uma cafeteira? Um rádio de ondas curtas?
— Trabalhe o seu senso de humor, Ralph.
— Não estou tentando ser engraçado, estou admirado.
— Concordo com entusiasmo — falou Yune.
Ela abriu a farmácia de viagem, virou uma variedade de comprimidos na mão e colocou o frasco com cuidado no painel da picape.
— Esses são sertralina… paroxetina… diazepam, que eu quase nunca tomo agora… e isso. — Ela colocou o resto com cuidado de volta no frasco e deixou os dois comprimidos laranja. — Ibuprofeno. Tomo para dores de

cabeça tensionais. Também para dor de ATM, se bem que isso melhorou desde que comecei a usar a placa noturna. Tenho o modelo híbrido. É caro, mas é o melhor no… — Ela viu os dois a encarando. — O quê?

Yune disse:

— Só mais admiração. Adoro uma mulher que está preparada para todas as eventualidades. — Ele pegou os comprimidos, engoliu-os sem água e fechou os olhos. — Obrigado. Muito obrigado. Que a sua placa noturna nunca te deixe na mão.

Ela olhou para ele com dúvida enquanto guardava o frasco no bolso.

— Tenho mais dois quando precisar. Você ouviu alguma sirene de bombeiro?

— Não — disse Yune. — Estou começando a achar que ninguém vem.

— Eles vêm, sim — disse Ralph —, mas você não vai estar aqui quando chegarem. Você precisa ir pro hospital. Plainville fica um pouco mais perto do que Tippit, e a casa dos Bolton fica no caminho. Você vai precisar parar lá. Holly, pode dirigir se eu ficar aqui?

— Posso, mas por que… — Ela bateu de leve na testa com a palma da mão. — O sr. Gold e o sr. Pelley.

— É. Não tenho a intenção de deixar os dois no lugar em que morreram.

— Alterar uma cena de crime não costuma ser bem-visto — disse Yune. — Como acho que você bem sabe.

— Sim, mas não vou permitir que dois homens bons cozinhem no sol quente ao lado de um veículo em chamas. Tem algum problema com isso?

Yune balançou a cabeça. Gotas de suor brilhavam nos fios do cabelo cortado bem curto.

— *Por supuesto no.*

— Vou guiar até o estacionamento, e então Holly pode assumir o volante. O remédio está oferecendo algum alívio?

— Na verdade, sim. Não está às mil maravilhas, mas a dor já passou um pouco.

— Que bom. Porque, antes de irmos, temos que conversar.

— Sobre?

— Sobre como vamos explicar isso — disse Holly.

24

Quando chegaram ao estacionamento, Ralph saiu do carro. Encontrou Holly contornando o capô, e dessa vez foi ela quem o abraçou. Foi um abraço

rápido mas forte. O carro alugado tinha quase se consumido todo e a fumaça estava diminuindo.

Yune foi com cuidado, fazendo várias caretas e chiados de dor, para o banco do passageiro. Quando Ralph se inclinou na janela, ele disse:

— Vocês têm certeza que ele está morto? — Ralph sabia que não era de Hoskins que ele estava falando. — Tem *certeza*?

— Tenho. Ele não derreteu como a Bruxa Malvada do Oeste, mas foi quase. Quando a merda bater no ventilador aqui, só vão encontrar as roupas dele e talvez umas minhocas mortas.

— Minhocas? — Yune franziu a testa.

— Com base na velocidade com que estavam morrendo — disse Holly —, eu acho que as minhocas vão se decompor rápido. Mas vai haver DNA nas roupas, e se compararem com o de Claude, podem encontrar correspondência.

— Ou uma mistura de Claude e Terry, porque a mudança dele não estava completa. Você viu isso, não viu?

Holly assentiu.

— O que o tornaria inválido. Acho que Claude vai ficar bem. — Ralph tirou o celular do bolso e colocou na mão boa de Yune. — Você vai poder fazer as ligações assim que tiver sinal?

— Claro.

— E sabe a ordem das ligações?

Quando Yune começou a citá-las, eles ouviram o som baixo de sirenes vindo da direção de Tippit. Alguém tinha reparado na fumaça, afinal, ao que parecia, mas a pessoa que viu não se deu ao trabalho de ir investigar. E isso provavelmente era bom.

— Para o promotor Bill Samuels. Depois, sua esposa. Para o chefe Geller em seguida. E, por fim, o capitão Horace Kinney da Patrulha Rodoviária do Texas. Todos os números estão nos seus contatos. Com os Bolton, vamos falar pessoalmente.

— *Eu* vou falar com eles — disse Holly. — Você vai ficar parado e descansar o braço.

— É muito importante que Claude e Lovie concordem com a história — disse Ralph. — Agora, vão. Se ainda estiverem aqui quando os bombeiros chegarem, vão ter que ficar.

Com o assento e o espelho ajustados, Holly se virou para Yune e para Ralph, ainda encostado na porta do passageiro. Ela parecia cansada, mas não

exausta. As lágrimas tinham passado. Ele não viu nada no rosto dela além de concentração e determinação.

— Temos que manter a história simples — disse ela. — O mais simples e perto da verdade que pudermos.

— Você já passou por isso antes — disse Yune. — Ou por algo parecido. Não foi?

— Foi. E *vão* acreditar na gente, mesmo que fiquem com perguntas que nunca vão ser respondidas. Vocês dois sabem por quê. Ralph, as sirenes estão se aproximando. Precisamos ir.

Ele fechou a porta do passageiro e os viu se afastarem na picape do detetive morto de Flint City. Pensou no contorno que Holly teria que fazer para evitar a corrente e achava que ela se sairia bem, desviando dos piores buracos para poupar o braço de Yune. Quando achou que não podia admirá-la mais… ele a admirou.

Então, foi até o corpo de Alec, porque este seria o mais difícil de mover. O fogo do veículo estava quase apagado, mas o calor que irradiava dele ainda era forte. O rosto e os braços de Alec estavam pretos, a cabeça estava careca, com o cabelo todo queimado, e quando Ralph o pegou pelo cinto e começou a puxá-lo na direção da lojinha, tentou não pensar nos pedaços torrados e na gosma derretida que ficavam para trás. E no quanto Alec agora parecia o homem que estava no tribunal naquele dia. *Ele só precisa da camisa amarela na cabeça*, pensou Ralph, e isso foi demais. Soltou o cinto e conseguiu cambalear vinte passos até se inclinar, segurar os joelhos e vomitar o que tinha no estômago. Quando essa parte acabou, ele voltou e terminou o que tinha começado, arrastando primeiro Alec e depois Howie Gold para a sombra da lojinha.

Descansou, recuperou o fôlego e examinou a porta da lojinha. Estava com cadeado, mas a porta parecia frágil e gasta. Na segunda vez que bateu, as dobradiças cederam. O interior estava escuro e muito quente. As prateleiras não estavam totalmente vazias; algumas camisetas com os dizeres EU EXPLOREI O BURACO DE MARYSVILLE ainda restavam. Ele pegou duas e tirou a poeira da melhor forma que conseguiu. Do lado de fora, as sirenes estavam mais próximas. Ralph achou que eles não iam querer passar com o equipamento caro pelo mato nas laterais da passagem; os bombeiros parariam para cortar a corrente. Ele ainda tinha um pouco de tempo.

Ajoelhou-se e cobriu o rosto dos dois homens. Homens bons que esperavam ter anos de vida à frente. Homens com famílias que sofreriam. A

única coisa boa (se é que havia alguma coisa boa ali) era que a dor delas não viraria refeição para o monstro.

Ralph se sentou ao lado deles, os antebraços apoiados nos joelhos, o queixo no peito. Ele também era responsável por essas mortes? Em parte, talvez, porque a cadeia de eventos sempre levava de volta àquela prisão pública catastroficamente imprudente de Terry Maitland. Mas, mesmo exausto, ele sentia que não precisava se responsabilizar por tudo que tinha acontecido.

Vão acreditar na gente, dissera Holly. *Vocês dois sabem por quê.*

Ralph sabia. Acreditariam até em uma história cheia de buracos porque pegadas não desapareciam do nada e não tinha como larvas se desenvolverem dentro de um melão maduro com a casca intacta. Acreditariam porque admitir qualquer outra possibilidade era questionar a realidade. A ironia era inescapável: a mesma coisa que protegeu o forasteiro durante a sua longa vida de assassinatos agora os protegeria.

Não há fim para o universo, pensou Ralph, e esperou pelos bombeiros na sombra da lojinha.

25

Holly dirigiu até a casa dos Bolton sentada ereta, as duas mãos no volante, ouvindo Yune fazer as ligações. Bill Samuels ficou horrorizado ao saber que Howie Gold e Alec Pelley estavam mortos, mas Yune cortou as perguntas dele. Haveria tempo para isso depois, mas não agora. Samuels teria que conversar de novo com todas as testemunhas que tinham sido interrogadas antes, começando com Esbelta Rainwater. Ele tinha que lhe dizer abertamente que sérias questões foram levantadas sobre a identidade do homem que ela pegou no bar de strip para levar até a estação de trem em Dubrow. Ela ainda tinha certeza de que aquela pessoa era Terry Maitland?

— Tente interrogá-la de uma forma que plante dúvidas — disse Yune. — Consegue fazer isso?

— Claro — respondeu Samuels. — É o que venho fazendo na frente do júri nos últimos cinco anos. E, com base na declaração dela, a sra. Rainwater já tem algumas dúvidas. As outras testemunhas também, principalmente depois que aquela filmagem de Terry na convenção em Cap City veio a público. Tem meio milhão de visualizações só no YouTube. Agora me conte sobre Howie e Alec.

— Depois. O tempo é curto, sr. Samuels. Fale com as testemunhas,

começando com Rainwater. E outra coisa: a reunião que tivemos duas noites atrás. Isso é *muy importante*, então preste atenção.

Samuels escutou. Samuels concordou. Então, Yune ligou para Jeannie Anderson. Essa ligação foi mais longa, porque ela merecia uma explicação mais completa e precisava dela. Quando terminou, houve lágrimas, mas talvez fossem mais de alívio. Era terrível que homens tivessem morrido, e também que Yune tivesse se ferido, mas o homem dela — o pai do seu filho — estava bem. Yune disse o que ela tinha que fazer, e Jeannie concordou na mesma hora.

Ele estava se preparando para fazer a terceira ligação, para o chefe de polícia de FC, Rodney Geller, quando ouviram mais sirenes, dessa vez se aproximando. Duas viaturas da Patrulha Rodoviária do Texas passaram por eles, a caminho do Buraco de Marysville.

— Se tivermos sorte — falou Yune —, talvez um desses policiais seja o cara que conversou com os Bolton. Stape, acho que era o nome.

— Sipe — corrigiu Holly. — Owen Sipe. Como está o seu braço?

— Doendo pra caralho. Vou aceitar os outros dois comprimidos.

— Não. Muitos de uma vez só podem fazer mal ao fígado. Ligue para as outras pessoas. Mas antes vá até as ligações recentes e apague as que fez para o sr. Samuels e para a sra. Anderson.

— Você seria uma excelente criminosa, *señorita*.

— Só estou tomando cuidado. Sendo prudente. — Ela não afastou o olhar da estrada. Estava vazia, mas Holly era uma motorista cuidadosa. — Apague as ligações e faça as outras.

26

No fim das contas, Lovie Bolton tinha alguns comprimidos de paracetamol para suas dores nas costas. Yune tomou dois em vez do ibuprofeno, e Claude, que tinha feito um curso de primeiros socorros durante a terceira e última permanência na prisão, fez um curativo no ferimento enquanto Holly falava. Ela falou rápido, e não só porque queria levar o tenente Sablo para ser atendido no hospital. Ela precisava que os Bolton entendessem o papel deles naquilo antes que qualquer autoridade aparecesse. Isso aconteceria logo, porque os agentes da Patrulha Rodoviária teriam perguntas para Ralph, e ele responderia. Pelo menos não havia descrença ali; Lovie e Claude sentiram a presença do forasteiro duas noites antes, e o filho o sentiu antes mesmo disso. Uma sensação de inquietação, de deslocamento, de estar sendo observado.

— Claro que você o sentiu — disse Holly com a voz sombria. — Ele estava roubando a sua mente.

— Você o viu — falou Claude. — Ele estava escondido naquela caverna e você o viu.

— Sim.

— E ele se parecia comigo.

— Quase exatamente.

Lovie falou, a voz tímida.

— Eu teria notado a diferença?

Holly sorriu.

— Na hora. Com certeza. Tenente Sablo, Yune, está pronto para ir?

— Estou. — Ele se levantou. — Se tem uma coisa boa nas drogas pesadas é que tudo ainda dói, mas você está cagando pra isso.

Claude caiu na gargalhada e apontou o dedo dobrado como uma arma para ele.

— É isso aí, meu irmão. — Ele viu Lovie franzindo a testa para ele e acrescentou: — Desculpa, mãe.

— Vocês entenderam a história que vão ter que contar? — perguntou Holly.

— Sim, senhora — respondeu Claude. — É simples demais pra errar. O promotor de Flint City está pensando em reabrir o caso Maitland, e vocês vieram aqui para me interrogar.

— E o que você falou? — perguntou Holly.

— Que quanto mais eu penso nisso, mais tenho certeza de que não foi o treinador Terry que vi naquela noite, só uma pessoa parecida com ele.

— E o que mais? — perguntou Yune. — É muito importante.

Lovie respondeu dessa vez.

— Vocês passaram aqui hoje de manhã para se despedir e para perguntar se havia alguma coisa que podíamos ter esquecido. Quando estavam se preparando para ir embora, receberam uma ligação.

— No seu telefone fixo — acrescentou Holly, pensando: *Graças a Deus eles ainda têm um.*

— Isso mesmo, no telefone fixo. O homem disse que trabalhava com o detetive Anderson.

— E que falou com ele — disse Holly.

— É. O homem disse para o detetive Anderson que o sujeito que vocês estavam procurando, o verdadeiro assassino, estava escondido no Buraco de

Marysville.

— Contem essa história — disse Holly. — E obrigada aos dois.

— Nós é que deveríamos agradecer — disse Lovie, e esticou os braços. — Venha aqui, srta. Holly Gibney, e dê um abraço na velha Lovie.

Holly foi até a cadeira de rodas e se inclinou para a frente. Depois do Buraco de Marysville, os braços de Lovie foram ótimos. Necessários, até. Ela ficou naquele abraço o máximo de tempo que pôde.

27

Marcy Maitland tinha ficado bastante cautelosa com visitas desde a prisão pública do marido, para não mencionar a execução pública dele, então, quando a batida soou na porta, ela foi primeiro até a janela, puxou a cortina e espiou. Era a esposa do detetive Anderson, e parecia que a mulher estivera chorando. Marcy correu até a porta e a abriu. Sim, foram lágrimas, e assim que Jeannie viu o rosto preocupado de Marcy, elas começaram a cair de novo.

— O que foi? O que aconteceu? Eles estão bem?

Jeannie entrou.

— Onde estão as suas filhas?

— Lá fora, embaixo da árvore grande, jogando *cribbage* com o tabuleiro de Terry. Elas jogaram a noite toda ontem e recomeçaram hoje de manhã. O que houve?

Jeannie a segurou pelo braço e a levou até a sala.

— Talvez você queira se sentar.

Marcy permaneceu onde estava.

— Conte logo!

— Tenho boas notícias, mas também algumas bem ruins. Ralph e a moça Gibney estão bem. O tenente Sablo levou um tiro, mas acham que ele não corre risco de morte. Só que Howie Gold e o sr. Pelley… morreram. Levaram tiros de uma emboscada feita por um homem com quem o meu marido trabalha. Um detetive. O nome dele é Jack Hoskins.

— Mortos. *Mortos?* Como podem estar… — Marcy se jogou no que fora a poltrona de Terry. Era isso ou desmaiar no chão. Ela olhou para Jeannie sem entender. — O que quer dizer com boas notícias? Como pode haver… Jesus, isso tudo só *piora*.

Ela levou as mãos ao rosto. Jeannie ficou de joelhos ao lado da poltrona e puxou as mãos de Marcy com delicadeza e firmeza ao mesmo tempo.

— Você precisa se recompor, Marcy.

— Não consigo. Meu marido está morto, e agora isso. Acho que nunca mais vou me recompor. Nem mesmo por Grace e Sarah.

— Pare. — A voz de Jeannie estava baixa, mas Marcy piscou como se tivesse levado um tapa. — Nada pode trazer Terry de volta, mas dois homens bons morreram para redimir o nome dele e dar às suas filhas uma chance nesta cidade. Eles também têm famílias, e vou ter que falar com Elaine Gold depois que sair daqui. Vai ser horrível. Yune está ferido, e o meu marido colocou a vida em risco. Sei que está sofrendo, mas essa parte não diz respeito a você. Ralph precisa da sua ajuda. Os outros também. Então se recomponha e escute.

— Tudo bem. Certo.

Jeannie levantou uma das mãos de Marcy e a segurou. Os dedos estavam frios, e Jeannie achava que os seus não estavam muito mais quentes.

— Tudo que Holly Gibney nos disse era verdade. *Havia* um forasteiro, e ele não era um homem. Era… outra coisa. Pode chamar de *El Cuco*, pode chamar de Drácula, pode chamar de Filho de Sam ou de Satanás, não importa. Ele estava lá, em uma caverna. Eles o encontraram e o mataram. Ralph me disse que ele se parecia com Claude Bolton, apesar de o verdadeiro Claude Bolton estar a quilômetros de distância. Conversei com Bill Samuels antes de vir pra cá. Ele acha que se todos contarmos a mesma história, vai ficar tudo bem. Tem uma boa chance de conseguirmos limpar o nome de Terry. *Se todos contarmos a mesma história*. Você consegue fazer isso?

Jeannie viu a esperança surgindo nos olhos de Marcy como água enchendo um poço.

— Consigo. Consigo, sim. Qual é a história?

— A reunião que tivemos foi *só* sobre tentar limpar o nome de Terry. Nada mais.

— Só sobre tentar limpar o nome dele.

— Na reunião, Bill Samuels concordou em interrogar de novo todas as testemunhas com que Ralph e os outros policiais falaram, começando por Esbelta Rainwater e voltando até o primeiro. Certo?

— Sim, certo.

— O motivo para ele não poder começar com Claude Bolton foi que o sr. Bolton estava no Texas, ajudando a mãe, que não vinha se sentindo bem nos últimos tempos. Howie sugeriu que ele, Alec, Holly e o meu marido fossem até lá interrogar Claude. Yune falou que se juntaria a eles se possível. Você

se lembra disso?

— Lembro — respondeu Marcy, assentindo. — Nós todos achamos uma ótima ideia. Mas não lembro por que a sra. Gibney estava na reunião.

— Holly foi a investigadora que Alec Pelley contratou para verificar os passos de Terry em Ohio. Ela se interessou pelo caso e veio ver se podia ajudar em mais alguma coisa. Lembra agora?

— Claro.

Segurando a mão de Marcy, olhando nos olhos de Marcy, Jeannie disse a última parte, a mais importante.

— Nós não falamos sobre metamorfose, nem *El Cucos*, nem projeções fantasmagóricas, nem nada que pudesse ser chamado de sobrenatural.

— Não, de jeito nenhum, nunca passou pela nossa cabeça, por que passaria?

— Nós achamos que alguém parecido com Terry matou o garoto Peterson e tentou jogar a culpa nele. Nós chamamos essa pessoa de forasteiro.

— Sim — disse Marcy, apertando a mão de Jeannie. — Foi assim que a gente o chamou. Forasteiro.

FLINT CITY
DEPOIS

1

O avião fretado pelo falecido Howard Gold pousou no aeroporto de Flint City logo depois das onze da manhã. Howie e Alec não estavam a bordo. Quando o legista terminou os exames, os corpos foram transportados para FC em um rabecão da funerária Plainville. Ralph, Yune e Holly dividiram as despesas, assim como as de um outro rabecão, que transportou o corpo de Jack Hoskins. Yune falou por todos eles quando disse que não tinha como o filho da puta ir para casa junto com os homens que assassinara.

Esperando por eles na pista de pouso estava Jeannie Anderson, ao lado da esposa de Yune e dos dois filhos deles. Os garotos passaram por Jeannie (um deles, um pré-adolescente corpulento chamado Hector, quase a derrubou) e correram até o pai, cujo braço estava com gesso e em uma tipoia. Ele os abraçou com o braço bom da melhor forma possível, se soltou e chamou a esposa. Ela foi correndo. Jeannie também, com a saia voando atrás. Ela passou os braços em volta de Ralph e o abraçou com força.

Os Sablo e os Anderson ficaram em grupinhos familiares perto da porta do pequeno terminal particular, se abraçando e rindo, até Ralph olhar em volta e ver Holly parada sozinha perto da asa do King Air, olhando para eles. Ela estava usando um terninho novo, que tinha sido obrigada a comprar no Plainville Ladies' Apparel, já que o Walmart mais próximo ficava a sessenta e cinco quilômetros de distância, nos arredores de Austin.

Ralph fez sinal para ela, e Holly se aproximou, com certa timidez. Ela parou ainda um pouco distante, mas Jeannie não permitiu. Esticou a mão para pegar a de Holly, a puxou para perto e a abraçou. Ralph passou os braços em volta das duas.

— Obrigada — sussurrou Jeannie no ouvido de Holly. — Obrigada por trazê-lo de volta pra mim.

— Nós queríamos vir logo depois do inquérito, mas os médicos fizeram o tenente Sablo, Yune, esperar mais um dia. Tinha um coágulo no braço dele, e o médico queria dissolvê-lo. — Holly se soltou do abraço, vermelha, mas parecendo satisfeita. A três metros, Gabriela Sablo estava mandando os

garotos deixarem *papi* em paz ou quebrariam o braço dele de novo.

— O que Derek sabe sobre isso? — Ralph perguntou à esposa.

— Ele sabe que o pai esteve envolvido em uma troca de tiros no Texas e que está bem. Sabe que dois homens morreram. Pediu pra voltar logo pra casa.

— E o que você disse?

— Eu concordei. Ele volta na semana que vem. Tudo bem por você?

— Sim. — Seria bom ver o filho de novo: bronzeado, saudável, com alguns músculos novos de nadar, remar e atirar com o arco. E vivo. Essa era a coisa mais importante.

— Vamos comer em casa hoje à noite — disse Jeannie para Holly —, e você vai ficar conosco de novo. Sem discussões. O quarto de hóspedes está arrumado.

— Seria ótimo — falou Holly, e sorriu. O sorriso dela sumiu quando se virou para Ralph. — Teria sido tão bom se o sr. Gold e o sr. Pelley pudessem se sentar para jantar conosco. É muito errado eles estarem mortos. Parece…

— Eu sei — disse Ralph, e passou os braços nos ombros dela. — Eu sei o que parece.

2

Ralph preparou filés em uma churrasqueira que estava, graças à licença do trabalho, brilhando de tão limpa. Também havia salada, espigas de milho e torta de maçã à la mode de sobremesa.

— Uma refeição muito americana, *señor* — observou Yune enquanto a esposa cortava o bife.

— Estava delicioso — comentou Holly.

Bill Samuels bateu na barriga.

— Eu talvez esteja pronto pra comer de novo no Labor Day, mas não tenho certeza.

— Besteira — disse Jeannie. Ela pegou uma garrafa de cerveja no isopor ao lado da mesa de piquenique e serviu metade no copo de Samuels e metade no dela. — Você está magro demais. Precisa de uma esposa para te alimentar.

— Talvez quando eu começar a atuar como advogado particular, minha ex volte. Vai haver uma demanda para um bom advogado aqui na cidade agora que Howie… — Ele percebeu de repente o que estava dizendo e mexeu no cabelo espetado (que, graças a um novo corte, não estava em pé). — Um bom advogado sempre encontra trabalho, foi o que quis dizer.

Eles ficaram em silêncio por um momento, e Ralph ergueu a garrafa de cerveja.

— Aos amigos ausentes.

Eles beberam a isso. Holly disse com voz quase baixa demais para ser ouvida:

— Às vezes, a vida é um cocô.

Ninguém riu.

O calor opressor de julho tinha diminuído, a pior leva de insetos já passara, e o quintal dos Anderson era um lugar agradável de se estar. Quando a refeição terminou, os dois garotos de Yune e as duas meninas de Marcy Maitland foram para perto do aro de basquete na lateral da garagem e começaram a jogar.

— Então — falou Marcy. Apesar de as crianças estarem a uma boa distância e absortas no jogo, ela baixou a voz. — O inquérito. A história se sustentou?

— Sim — disse Ralph. — Hoskins ligou para a casa dos Bolton e nos atraiu até o Buraco de Marysville. Lá, ele começou a atirar como louco, matando Howie e Alec e ferindo Yune. Declarei que, na minha opinião, era atrás de mim que ele estava. Tivemos nossas diferenças ao longo dos anos, e quanto mais ele bebia, mais isso deve ter feito mal a ele. A suposição é de que estivesse com algum cúmplice ainda não identificado, que manteve o fornecimento de bebida e drogas; afinal, o legista encontrou sinais de cocaína no organismo dele; e alimentou a paranoia de Hoskins. A Patrulha Rodoviária do Texas entrou na Câmara do Som, mas não encontrou o cúmplice.

— Só umas roupas — disse Holly.

— E vocês têm certeza de que ele está morto — disse Jeannie. — O forasteiro? Vocês têm *certeza*?

— Temos — disse Ralph. — Se você tivesse visto, saberia.

— Fique feliz por não ter visto — disse Holly.

— Acabou? — perguntou Gabriela Sablo. — É só isso que quero saber. Acabou mesmo?

— Não — disse Marcy. — Não pra mim e pras meninas. A não ser que Terry seja isentado. E como pode ser? Ele foi morto antes de ter uma chance no tribunal.

— Estamos trabalhando nisso — declarou Samuels.

(*1*o *de agosto*)

3

Quando a luz do seu primeiro dia inteiro de volta a Flint City surgiu, Ralph parou mais uma vez na frente da janela do quarto, as mãos unidas às costas, observando Holly Gibney, que estava de novo sentada em uma das cadeiras do quintal. Ele deu uma olhada em Jeannie, viu que ela estava dormindo e roncando de leve, e desceu. Não ficou surpreso ao ver a mala de Holly na cozinha, já com as suas poucas coisas arrumadas para o voo para o norte. Além de ter opinião forte, ela era uma mulher que não permanecia parada. E ele achava que Holly ficaria bem feliz de sair de Flint City.

Na outra manhã em que esteve com Holly lá fora, o cheiro de café acordou Jeannie, então, dessa vez, ele levou suco de laranja. Ele amava a esposa e apreciava a companhia dela, mas queria que aquilo fosse só entre ele e Holly. Eles compartilhavam uma história e seria assim para sempre, mesmo que nunca mais se vissem.

— Obrigada — disse ela. — Não tem nada melhor do que suco de laranja de manhã. — Ela olhou para o copo com satisfação e bebeu metade. — O café pode esperar.

— Que horas é o seu voo?

— 11h15. Saio daqui às oito. — Ela deu um sorriso ligeiramente constrangido para a expressão de surpresa dele. — Eu sei, sou adiantada compulsiva. A sertralina ajuda com muitas coisas, mas parece não ajudar com isso.

— Você dormiu?

— Um pouco. E você?

— Um pouco.

Eles ficaram em silêncio por um tempo. O primeiro pássaro cantou, um som suave e doce. Outro respondeu.

— Pesadelos? — perguntou ele.

— Sim. E você?

— Sim. Aquelas minhocas.

— Eu tive pesadelos depois de Brady Hartsfield também. Nas duas vezes. — Ela tocou de leve nas mãos dele e afastou os dedos. — Eram muitos no começo, mas diminuíram com o tempo.

— Você acha que eles somem completamente algum dia?

— Não. E nem sei se quero isso. Os sonhos são a forma como tocamos o mundo invisível, é o que eu acho. São um dom especial.

— Mesmo os ruins?

— Mesmo os ruins.
— Vai manter contato?
Ela pareceu surpresa.
— Claro. Vou querer saber como as coisas vão terminar. Sou uma pessoa muito curiosa. Às vezes, isso me mete em confusões.
— E, às vezes, tira.
Holly sorriu.
— Gosto de pensar que sim. — Ela bebeu o resto do suco. — O sr. Samuels vai ajudar você com isso, acho. Ele lembra um pouco Scrooge depois de ver os três fantasmas. Na verdade, você também.
Isso o fez rir.
— Bill vai fazer tudo que puder por Marcy e as filhas. E vou ajudar. Nós dois temos muito a compensar.
Ela assentiu.
— Faça o que puder, claro. Mas depois… deixe essa porcaria pra lá. Se não conseguir deixar o passado pra trás, os erros que cometeu acabam comendo você vivo. — Ela se virou para ele e o encarou de frente. — Eu sou uma mulher que sabe bem disso.
A luz da cozinha se acendeu. Jeannie tinha se levantado. Em pouco tempo, os três tomariam café na mesa de piquenique, mas enquanto estivessem só os dois, ele tinha outra coisa a dizer, e era importante.
— Obrigado, Holly. Obrigado por vir e obrigado por acreditar. Obrigado por *me* fazer acreditar. Se não fosse por você, ele ainda estaria por aí.
Ela sorriu. Foi o sorriso radiante.
— De nada, mas vou ficar bem feliz em voltar a procurar caloteiros, fugitivos e animais perdidos.
Da porta, Jeannie disse:
— Quem quer café?
— Nós! — gritou Ralph.
— Já está saindo! Guardem um lugar para mim!
Holly falou com uma voz tão baixa que ele teve que se inclinar para a frente para ouvir.
— Ele era do mal. A essência do mal.
— Quanto a isso, não tenho o que discutir — disse Ralph.
— Mas tem uma coisa que não sai da minha cabeça: aquele pedaço de papel que você achou na van. O de Tommy e Tuppence. Nós conversamos sobre explicações de como ele foi parar lá, lembra?

— Claro.

— Todas me parecem improváveis. Não devia estar lá, mas estava. E, se não fosse aquele pedaço de papel, a única ligação com o que aconteceu em Ohio, aquela criatura ainda poderia estar por aí.

— Onde você quer chegar?

— Simples — disse Holly. — Também existe uma força do bem no mundo. Essa é outra coisa que acredito. Em parte para não ficar maluca quando penso em todas as coisas horríveis que acontecem, mas também… bom… as provas parecem confirmar, não acha? Não só aqui, mas em toda parte. Existe uma força que tenta restaurar o equilíbrio. Quando os sonhos ruins vierem, Ralph, tente se lembrar daquele pedacinho de papel.

Ele não respondeu de primeira, e ela perguntou no que ele estava pensando. A porta de tela bateu: Jeannie com o café. O tempo deles juntos estava quase acabando.

— Eu estava pensando no universo. Não tem mesmo fim, não é? E nem explicação.

— É isso mesmo — disse ela. — Nem faz sentido tentar.

(*10 de agosto*)

4

O promotor público de Flint City, William Samuels, andou até a plataforma da sala de conferências do tribunal com uma pasta fina na mão. Parou atrás de um amontoado de microfones. Luzes de televisão foram acesas. Ele tocou na parte de trás da cabeça (sem cabelo espetado) e esperou que os repórteres parassem de falar. Ralph estava sentado na primeira fileira. Samuels lhe deu um curto aceno antes de começar.

— Bom dia, senhoras e senhores. Tenho uma declaração curta a fazer em relação ao assassinato de Frank Peterson, depois vou responder às suas perguntas.

“Como muitos aqui sabem, existe uma filmagem que mostra Terence Maitland em uma conferência em Cap City na mesma hora em que Frank Peterson estava sendo sequestrado e subsequentemente morto em Flint City. Não pode haver dúvida da autenticidade dessa filmagem. Também não podemos duvidar dos depoimentos dados pelos colegas do sr. Maitland, que o acompanharam na conferência e garantem a presença dele lá. Ao longo da nossa investigação, também encontramos impressões digitais do sr. Maitland no hotel de Cap City onde a conferência aconteceu, e obtivemos depoimentos

auxiliares que provam que essas digitais foram feitas em momento bem próximo da hora do assassinato do garoto Peterson para que o sr. Maitland seja considerado suspeito.”

Houve um murmúrio dos repórteres. Um deles gritou:

— Então como explica as digitais de Maitland na cena do crime?

Samuels deu ao repórter sua melhor testa franzida de promotor.

— Deixem as perguntas para o final, por favor; eu já ia chegar nisso. Depois de exames periciais mais detalhados, concluímos agora que as digitais encontradas na van usada para sequestrar a criança e as encontradas no parque Figgis foram plantadas. Isso é incomum, mas não impossível. Várias técnicas para plantar digitais falsas podem ser vistas na internet, uma fonte valiosa para criminosos, assim como para a lei.

“Mas isso *sugere* que esse assassino é ardiloso, além de pervertido e extremamente perigoso. Pode ou não sugerir que ele tinha algum ressentimento em relação a Terry Maitland. É uma linha de investigação que continuaremos seguindo.”

Ele observou a plateia com sobriedade, sentindo-se feliz de nunca ter que concorrer à reeleição no condado de Flint; depois disso, qualquer picareta com diploma recebido pelo correio conseguiria vencê-lo com facilidade.

— Vocês teriam o direito de perguntar por que prosseguimos com as acusações contra o sr. Maitland, considerando os fatos que acabei de repassar. Há dois motivos. O mais óbvio é que *não* tínhamos todos esses fatos no dia em que o sr. Maitland foi preso, nem no dia em que aconteceria a denúncia.

Ah, mas já tínhamos a maioria, não é, Bill?, pensou Ralph enquanto estava sentado com o seu melhor terno, assistindo com a sua melhor cara de paisagem de agente da lei.

— O segundo motivo — falou Samuels — foi a presença de DNA na cena, que pareceu bater com o do sr. Maitland. Existe uma crença popular de que a correspondência de DNA nunca erra, mas, como o Conselho de Genética Responsável observou em um artigo acadêmico intitulado “O potencial de erro nos testes de DNA periciais”, esse é um engano comum. Se amostras forem misturadas, por exemplo, o resultado não é confiável, e as amostras tiradas da cena do parque Figgis estavam misturadas, contendo DNA do criminoso e da vítima.

Ele esperou os repórteres acabarem de anotar e prosseguiu.

— Além disso, as amostras foram expostas à luz ultravioleta durante outro

procedimento de teste não relacionado. Infelizmente, na opinião do departamento, estão degradadas a um ponto em que seriam consideradas inadmissíveis em um tribunal. Em resumo, as amostras não valem nada.

Ele fez uma pausa e virou a folha na pasta. Isso era só encenação, pois todas as folhas estavam em branco.

— Quero mencionar de forma breve os eventos que aconteceram em Marysville, Texas, subsequentes ao assassinato de Terence Maitland. É nossa opinião que o detetive John Hoskins do Departamento de Polícia de Flint City estava envolvido em um tipo de parceria distorcida e criminosa com o assassino de Frank Peterson. Acreditamos que Hoskins estava ajudando esse indivíduo a se esconder, e que eles podiam estar planejando executar outro crime horrível similar. Graças aos heroicos esforços do detetive Ralph Anderson e dos que o acompanharam, os planos que eles tinham não se concretizaram. — Ele olhou para a plateia com gravidade. — Howard Gold e Alec Pelley morreram em Marysville, Texas, e lamentamos a perda deles. O consolo que nós e as famílias temos é o seguinte: em algum lugar neste momento, há uma criança que não vai sofrer o mesmo destino de Frank Peterson.

Um belo toque, pensou Ralph. *A quantidade certa de sentimento sem ser meloso demais.*

— Tenho certeza de que muitos de vocês têm perguntas sobre os eventos que ocorreram em Marysville, mas não tenho liberdade para respondê-las. A investigação, que está sendo conduzida em conjunto pela Patrulha Rodoviária do Texas e pelo Departamento de Polícia de Flint City, está em andamento. O tenente Yunel Sablo, da Polícia Estadual, está trabalhando com as duas organizações como agente de ligação, e tenho certeza de que ele terá informações para compartilhar no momento apropriado.

Ele é bom mesmo nisso, pensou Ralph, e com admiração real. *Está acertando todas as notas.*

Samuels fechou a pasta, baixou a cabeça e voltou a levantá-la.

— Não vou concorrer à reeleição, senhoras e senhores, então tenho a rara oportunidade de ser completamente sincero com vocês.

E só melhora, pensou Ralph.

— Se tivesse mais tempo para avaliar as provas, a promotoria quase certamente teria retirado as acusações contra o sr. Maitland. Se tivéssemos persistido em levá-lo a julgamento, tenho certeza de que teria sido considerado inocente. E, por mais que não seja necessário acrescentar, ele *era*

inocente, de acordo com as leis da jurisprudência na hora de sua morte. Contudo, a nuvem de desconfiança em torno do sr. Maitland, e, por consequência, em torno da sua família, continua existindo. Estou aqui para dissipar essa nuvem. É opinião da promotoria e também minha opinião pessoal que Terry Maitland não esteve ligado de forma alguma com a morte de Frank Peterson. Assim, estou anunciando que a investigação foi reaberta. Apesar de estar concentrada no Texas, a investigação em Flint City, no condado de Flint e no município de Canning também continuam. Agora, ficarei feliz em responder a qualquer pergunta que possam ter.

Eles tinham muitas.

5

Mais tarde, no mesmo dia, Ralph visitou Samuels no escritório. O futuro promotor aposentado tinha uma garrafa de Bushmills na mesa. Serviu uma dose para cada um e ergueu o copo.

— Agora o tumulto passou, agora a batalha foi perdida e vencida. Está mais para perdida no meu caso, mas que se foda. Vamos beber ao tumulto.

Eles beberam.

— Você lidou bem com as perguntas — disse Ralph. — Principalmente considerando a quantidade de baboseira que jogou pra todo lado.

Samuels deu de ombros.

— Baboseira faz parte do repertório de todo bom advogado. Terry não está completamente isentado nesta cidade e nunca vai estar, Marcy entende isso, mas as pessoas estão mudando. A amiga dela, Jamie Mattingly, por exemplo. Marcy ligou para me dizer que ela foi até lá e pediu desculpas. Elas choraram juntas. Foi mais a filmagem de Terry em Cap City que fez a diferença, mas o que falei sobre as digitais e o DNA vai ajudar muito. Marcy vai tentar ficar aqui. Acho que ela vai ficar bem.

— Quanto ao DNA — disse Ralph. — Ed Bogan do Departamento de Sorologia do General conduziu os testes. Com a reputação em jogo, ele devia estar chiando como louco.

Samuels sorriu.

— Devia, não é? Só que a verdade é ainda menos palatável, outro caso de pegadas que desaparecem, podemos dizer. Não houve exposição à luz UV, mas as amostras começaram a desenvolver pontos brancos de origem desconhecida, e agora estão completamente estragadas. Bogan fez contato com a Perícia da Polícia Estadual em Ohio, e adivinha? A mesma coisa

aconteceu com as amostras de Heath Holmes. Uma série de fotos mostra que estão se desintegrando. Um advogado de defesa daria uma festa com isso, não?

— E as testemunhas?

Bill Samuels riu e se serviu de outra dose. Ofereceu a garrafa a Ralph, que balançou a cabeça. Ele teria que dirigir até em casa.

— Essa foi a parte mais fácil. Todas decidiram que estavam enganadas, com duas exceções: Jonathan Ritz e June Morris. Eles sustentam as suas histórias.

Ralph não ficou surpreso. Ritz era o coroa que viu o forasteiro abordar Frank Peterson no estacionamento do Gerald’s Fine Groceries e sair com ele no carro. June Morris era a criança que o viu no parque Figgis com sangue na camisa. Os muito velhos e os muito novos sempre viam com mais clareza.

— E agora?

— Agora terminamos nossas bebidas e seguimos nossos caminhos — disse Samuels. — Só tenho uma pergunta.

— Fala.

— Ele era único? Existem outros?

A mente de Ralph voltou para o confronto final na caverna e para a expressão de avidez nos olhos do forasteiro quando ele fez a pergunta: *Já viu outro como eu por aí?*

— Acho que não — disse ele —, mas nunca vamos ter certeza absoluta. Pode existir qualquer coisa por aí. Acredito nisso agora.

— Jesus Cristo, espero que não!

Ralph não respondeu. Em pensamento, ele ouviu Holly dizendo: *Não há fim para o universo.*

(*21 de setembro*)

6

Ralph levou o café para o banheiro para se barbear. Ele tinha sido relapso com essa tarefa diária durante o seu tempo obrigatório longe da polícia, mas fora readmitido na ativa duas semanas antes. Jeannie estava no andar de baixo preparando o café da manhã. Ele sentia cheiro de bacon e ouviu o soar dos trompetes que anunciavam o começo do *Today*, que iniciaria com a cota diária de notícias ruins antes de começar a falar da celebridade da semana e dos muitos anúncios de remédios controlados.

Ele pôs a xícara na mesinha e ficou paralisado, vendo uma minhoca

vermelha sair de debaixo da unha. Olhou no espelho e viu o seu rosto se transformar no de Claude Bolton. Abriu a boca para gritar. Um jorro de larvas e minhocas vermelhas saiu dos seus lábios e caiu na frente da camisa.

7

Ele acordou sentado na cama, o coração batendo na garganta e nas têmporas além do peito, as mãos em cima da boca, como se para segurar um grito… ou coisa pior. Jeannie seguia dormindo ao seu lado, então ele não tinha gritado. Isso era bom.

Nenhuma delas entrou em mim naquele dia. Nenhuma delas tocou em mim. Você sabe disso.

Sim, sabia. Ele estava lá, afinal, e fez um check-up completo (e já atrasado) antes de voltar ao trabalho. Fora o peso e o colesterol um pouco elevados, o dr. Elway o declarou bem e em forma.

Ele olhou para o relógio e viu que eram 3h45. Deitou-se e olhou para o teto. Ainda demoraria muito para a primeira luz da manhã. Havia muito tempo para pensar.

8

Ralph e Jeannie acordavam cedo; Derek dormiria até as sete, o máximo que podia dormir e pegar o ônibus da escola a tempo. Ralph se sentou à mesa da cozinha de pijama enquanto Jeannie ligava a cafeteira e tirava caixas de cereal do armário para Derek escolher quando descesse. Ela perguntou a Ralph como ele tinha dormido. Ele respondeu que bem. Ela perguntou como estava a busca por um substituto para Jack Hoskins. Ele respondeu que aquilo tinha acabado. Com base nas recomendações dele e de Betsy Riggins, o chefe Geller decidiu promover o policial Troy Ramage ao esquadrão de três detetives de Flint City.

— Ele não é a lâmpada mais forte do candelabro, mas é dedicado e trabalha bem em equipe. Acho que vai ser bom.

— Que ótimo. Fico feliz em saber. — Ela encheu a caneca dele de MELHOR PAI DO MUNDO e passou a mão pela bochecha do marido. — Você está arranhando, moço. Precisa se barbear.

Ele pegou a caneca, subiu, fechou a porta do banheiro e tirou o celular do carregador. O número que ele queria estava na lista de contatos, e apesar de ainda ser cedo (faltava pelo menos meia hora para os trompetes do *Today*), ele sabia que ela estaria acordada. Em muitos dias, o celular do lado dela não

tocava mais de uma vez. Esse foi um deles.

— Oi, Ralph.

— Oi, Holly.

— Como você dormiu?

— Não muito bem. Tive o sonho das minhocas. E você?

— A noite de ontem foi boa. Eu assisti a um filme no meu computador e apaguei logo depois. *Harry e Sally: Feitos um para o outro*. Esse filme sempre me faz rir.

— Que bom. Isso é bom. No que está trabalhando?

— Em geral, nas mesmas coisas de sempre. — A voz dela se animou. — Mas encontrei uma fugitiva de Tampa em um albergue. A mãe dela estava procurando havia seis meses. Conversei com ela, e a menina vai voltar pra casa. Diz que vai fazer mais uma tentativa apesar de odiar o namorado da mãe.

— Imagino que tenha dado a ela o dinheiro da passagem de ônibus.

— Bom…

— Você sabe que ela já deve estar fumando tudo agora no apartamento de um merdinha qualquer, não?

— Eles nem sempre fazem isso, Ralph. Você tem que…

— Eu sei. Tenho que acreditar.

— É.

Houve silêncio por um momento na ligação entre o lugar dele no mundo e o dela.

— Ralph…

Ele esperou.

— Aquelas… aquelas coisas que saíram dele… elas nunca tocaram em nenhum de nós. Você sabe disso, não sabe?

— Sei — disse ele. — Acho que os meus sonhos têm mais a ver com um melão que abri quando era criança e o que havia dentro dele. Já contei isso pra você, né?

— Já.

Ele ouviu o sorriso na voz dela e sorriu em resposta, como se ela estivesse no mesmo aposento que ele.

— Claro que contei, provavelmente mais de uma vez. Às vezes, acho que estou ficando doido.

— Não. Na próxima vez em que conversarmos, serei eu que vou ligar, depois de sonhar que ele estava no meu armário com a cara de Brady

Hartsfield. E vai ser você quem vai dizer que dormiu bem.

Ele sabia que era verdade porque já tinha acontecido.

— O que você está sentindo… o que eu estou sentindo… é *normal*. A realidade é como gelo fino, mas a maioria das pessoas patina a vida toda e nunca cai, só no finalzinho. Nós dois caímos, mas ajudamos um ao outro a sair. Ainda estamos ajudando.

Você está me ajudando mais, pensou Ralph. *Pode ter os seus problemas, Holly, mas é melhor nisso do que eu. Bem melhor.*

— E você está bem? — perguntou ele. — De verdade?

— Sim. De verdade. E você vai ficar.

— Mensagem recebida. Me ligue se ouvir o gelo rachando embaixo dos pés.

— Claro — disse ela. — O mesmo pra você. É assim que seguimos em frente.

Do andar de baixo, Jeannie gritou:

— Café em dez minutos, querido!

— Tenho que ir — disse Ralph. — Obrigado por estar aí.

— De nada — respondeu ela. — Cuide-se. Fique bem. Espere até os sonhos acabarem.

— Vou esperar.

— Tchau, Ralph.

— Tchau.

Ele fez uma pausa e acrescentou:

— Eu te amo, Holly.

Mas só depois que encerrou a ligação. Era como sempre fazia, sabendo que se realmente dissesse aquilo para ela, a amiga ficaria constrangida e sem palavras. Ele entrou no banheiro para fazer a barba. Estava na meia-idade agora, e os primeiros fios brancos começaram a aparecer na barba por fazer que ele cobriu com espuma de barbear, mas era o seu rosto, o que a sua esposa e o seu filho conheciam e amavam. Seria o seu rosto para sempre, e isso era bom.

Isso era bom.

NOTA DO AUTOR

Devo agradecimentos a Russ Dorr, meu talentoso assistente de pesquisa, e também a uma equipe de pai e filho, Warren e Daniel Silver, que me ajudaram com os aspectos legais da história. Eles tinham uma qualificação única para isso, pois Warren passou boa parte da vida como advogado de defesa no Maine, e o filho dele, embora agora atuando como advogado particular, teve uma distinta carreira como promotor público em Nova York. Agradeço a Chris Lotts, que sabia sobre *El Cuco* e *las luchadoras*; agradeço à minha filha, Naomi, que procurou o livro infantil sobre “*El Cucuy*”. Agradeço a Nan Graham, Susan Moldow e Roz Lippel da Scribner; agradeço a Philippa Pride da Hodder & Stoughton. Um agradecimento especial vai para Katherine “Katie” Monoghan, que leu as primeiras cem páginas desta história em um avião enquanto estávamos viajando em turnê e quis mais. Um escritor de ficção nunca ouve palavras mais encorajadoras do que essas.

Agradeço, como sempre, à minha esposa. Amo você, Tabby.

Uma palavra final, essa sobre o local. Oklahoma é um estado maravilhoso, e conheci pessoas maravilhosas lá. Algumas dessas pessoas maravilhosas vão dizer que errei muita coisa, e devo ter errado mesmo; é preciso passar anos em um lugar para entendê-lo bem. Fiz o melhor que pude. Quanto ao resto, peço desculpas. Flint City e Cap City são fictícias, claro.

Stephen King

SHANE LEONARD

STEPHEN KING nasceu em Portland, no Maine, em 1947. Seu primeiro conto foi publicado vinte anos depois, na revista *Startling Mystery Stories*. Em 1971, ele começou a dar aulas, escrevendo à noite e aos fins de semana. Em 1974, publicou seu primeiro livro, *Carrie, a Estranha*, que se tornou um best-seller e é considerado um clássico do terror. Desde então, King escreveu mais de cinquenta livros, alguns dos quais ficaram mundialmente famosos e deram origem a adaptações de sucesso, seja para o cinema ou para a televisão, como *O iluminado*, *Sob a redoma*, *It: a Coisa*, *À espera de um milagre*, *A torre negra*, entre outros.

Em 2003, King recebeu a medalha de Eminente Contribuição às Letras Americanas da National Book Foundation e, em 2007, foi nomeado grão-mestre dos Escritores de Mistério dos Estados Unidos. Atualmente, ele mora em Bangor, no Maine, com a esposa, a escritora Tabitha King. Os dois são colaboradores frequentes de várias instituições de caridade e de diversas bibliotecas.

It: A coisa

King, Stephen
9788581051529
1104 páginas

Compre agora e leia

O clássico de Stephen King em nova edição.Durante as férias escolares de 1958, em Derry, pacata cidadezinha do Maine, Bill, Richie, Stan, Mike, Eddie, Ben e Beverly aprenderam o real sentido da amizade, do amor, da confiança e... do medo. O mais profundo e tenebroso medo. Naquele verão, eles enfrentaram pela primeira vez a Coisa, um ser sobrenatural e maligno que deixou terríveis marcas de sangue em Derry. Quase trinta anos depois, os amigos voltam a se encontrar. Uma nova onda de terror tomou a pequena cidade. Mike Hanlon, o único que permanece em Derry, dá o sinal. Precisam unir forças novamente. A Coisa volta a atacar e eles devem cumprir a promessa selada com sangue que fizeram quando crianças. Só eles têm a chave do enigma. Só eles sabem o que se esconde nas entranhas de Derry. O tempo é curto, mas somente eles podem vencer a Coisa. Em It: A Coisa, clássico de Stephen King em nova edição, os amigos irão até o fim, mesmo que isso signifique ultrapassar os próprios limites.

Compre agora e leia

"Raphael Montes
cria uma seleção de histórias
macabras digna dos melhores
contos dos irmãos Grimm,
sem deixar nada a dever a
Stephen King."
FERNANDA TORRES
O VILAREJO
POR RAPHAEL MONTES
SUMA

A MÁQUINA
DO TEMPO
H. G. WELLS

Compre agora e leia

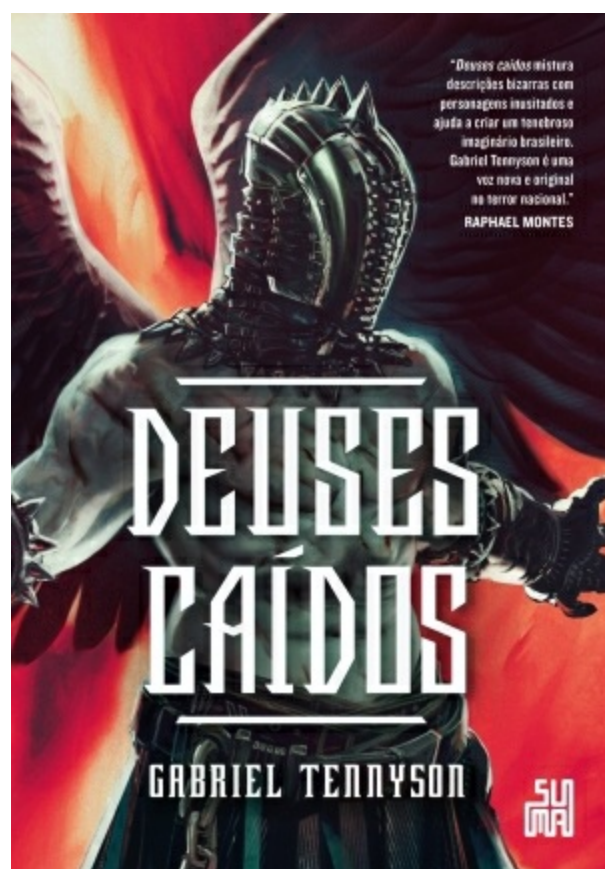
"A rebeldia cúmplice de dois adolescentes transformada
pouco a pouco numa indomável história de amor." – La Repubblica
Paola Predicatori
MEU INVERNO
EM ZEROLÂNDIA
SUMA

Meu inverno em Zerolândia

Predicatori, Paola
9788581052298
184 páginas

Compre agora e leia

Romance de estreia da italiana Paola Predicatori, "Meu inverno em Zerolândia" é a história de uma perda, da vida escolar conturbada e dos caminhos desajeitados e incertos que o amor pode tomar. Alessandra tem 17 anos quando sua mãe morre. Sua dor é como uma redoma e quando retorna à escola, se afasta dos amigos e vai sentar junto a Gabriel, conhecido como Zero, a nulidade da turma. Deseja apenas ser ignorada, como acontece com ele. Zero, porém, é mais interessante do que parece. Em sua falsa indiferença, é atento e sensível. É ele quem socorre Alessandra, aparecendo inesperadamente ao seu lado quando ela precisa de ajuda. Viram um par: Zero e Zeta. Aos poucos, um sentimento indefinível ganha forma entre as paredes da classe e a praia de inverno, surgindo uma história delicada e forte que mudará para sempre a vida desse casal de adolescentes. De maneira realista, "Meu inverno em Zerolândia" mostra a juventude italiana e seu cotidiano, em uma história dura e envolvente, capaz de mostrar que a soma de dois zeros não é zero, mas sim dois.

Compre agora e leia

"*Deuses caídos* mistura
descrições bizarras com
personagens inusitados e
ajuda a criar um tenebroso
imaginário brasileiro.
Gabriel Tennyson é uma
voz nova e original
no terror nacional."
RAPHAEL MONTES
DEUSES
CAÍDOS
GABRIEL TENNYSON
SU
MA

Deuses caídos

Tennyson, Gabriel
9788554511524
288 páginas

Em Deuses caídos, Gabriel Tennyson nos leva em uma investigação sombria e grotesca, percorrendo os cantos escuros do Rio de Janeiro, onde as sombras têm olhos e garras, e de onde o leitor desavisado pode nunca escapar.Um serial killer com poderes paranormais está assassinando evangelistas famosos — e os vídeos de cada um deles sendo torturados ganham cada vez mais público na internet. O assassino se proclama o novo messias, e os pecadores devem temer sua justiça. O que a Sociedade de São Tomé teme, no entanto, é que ele acabe com o trabalho de séculos de manter o sobrenatural bem afastado da consciência da população, embora seres mágicos povoem o submundo da cidade. Para garantir que o assassino seja capturado e o máximo de discrição mantida, a Sociedade convoca Judas Cipriano — um padre indisciplinado, descendente de são Cipriano e herdeiro de alguns poderes celestiais. Veterano nesse tipo de caso, o padre é enviado para trabalhar como consultor da Polícia Civil e fica responsável por apresentar à jovem inspetora Júlia Abdemi o lado místico da cidade.Para resolver o caso — e sobreviver —, os dois precisarão de toda ajuda que puderem encontrar... O que inclui se unir a uma súcubo imortal, um dragão chinês traficante de armas mágicas e um gárgula que é a síntese da sociedade carioca. Com protagonistas cativantes, um vilão extraordinário e criaturas sobrenaturais reinventadas de maneiras sombrias, Deuses caídos une o melhor do thriller e da fantasia urbana em uma investigação vertiginosa com um final épico."Deuses caídos mistura descrições bizarras com personagens inusitados e ajuda a criar um tenebroso imaginário brasileiro. Gabriel Tennyson é uma voz nova e original no terror nacional." — Raphael Montes

Table of Contents